

Jornal **do EXÉRCITO**



MENSÁRIO  
**JANEIRO DE 1980**  
15,00



# CORONEL CÂNDIDO TELES

## 40 ANOS DE PINTURA

António Cândido Patoilo Teles nasceu em Ílhavo em 1921, oriundo de uma família de artistas, entre eles o seu avô José dos Santos Patoilo, ceramista de mérito, e seu pai, Amadeu Simões Teles, pintor decorador. Iniciou os seus estudos secundários no liceu de José Estêvão, de Aveiro, em 1932. Após ter ingressado na carreira militar é, em 1944, expedicionário na Ilha de S. Miguel, onde aprofunda as suas experiências de temas paisagísticos na Ilha Verde, já que, desde os seus tempos de liceu, se havia interessado por tudo quanto se ligasse com as Artes Plásticas.

Mais tarde, em 1951, radica-se em Angola, onde residiu até 1956. Aqui foi seduzido pela paisagem e pelo meio humano. Neste último ano regressa a Portugal e inicia o Curso de Estado-Maior no I.A.E.M.. Em 1961, radicado na Ilha da Madeira, enamora-se da sua beleza e do seu meio humano para, em 1963, voltar a Angola, onde, então, se realiza completamente com os temas fascinantes e misteriosos da selva tropical. Em 1965, passa a viver em Évora, onde vive intensa-



mente o meio paisagístico e humano do Alentejo. Já em 1971 está em Moçambique, radicando-se em Nampula. Em 1979, leva a efeito no Museu de Aveiro a retrospectiva dos seus 40 anos de vida artística que dedica ao seu avô materno, José Patoilo. Nestas quatro décadas de actividade pictórica expôs no I Salão da Associação Escolar do Liceu José Estêvão (1937), na 1a. Exposição individual na Praia da Costa Nova (1939), outra no Salão de "O Primeiro de Janeiro", em Coimbra (1946), outra, ainda, no Salão Silva Porto, no Porto (1947), mais outro no Clube dos Galitos em Aveiro (1948). Fê-lo, também, em várias cidades de Angola (1951), e em Lourenço Marques, onde tomou parte na Exposição da Vida e Arte Portuguesas (1957). Expõe no Funchal e em Vila do Porto (Porto Santo) em 1961 e, em 1963, expõe na Sociedade Cultural de Angola; no ano de 1963, está presente numa exposição em Bulawaio. De regresso à mãe-pátria, a partir de 1965, toma parte em salões colectivos de Lisboa e do Estoril, bem como em Cadiz, em cujo V Salão Mi-

litar lhe é conferida uma "menção honorífica", em Madrid, na II Bienal Internacional de Desporto nas Belas Artes. Mais tarde, em 1970, organiza com outros artistas de Évora, a Exposição "O Homem e a Terra Alentejana" e expõe, ainda, no Salão de Exposições de "O Primeiro de Janeiro", no Porto. No ano seguinte, está presente na III Bienal Internacional de Desporto nas Belas Artes em Barcelona para, em 1975, participar na Exposição de Artes Plásticas do Centenário do Caminho de Ferro a Norte do Rio Douro, no Museu Soares dos Reis. Em 1977, expõe na Liga dos Combatentes, em Lisboa, para, no ano que agora termina, ter levado a efeito, no Museu de Aveiro, a retrospectiva de 40 anos de vida artística que Frederico de Moura, em 1969, aprecia, dizendo: "(...) Quem seguir atentamente esta trajectória de mais de trinta anos, pode constatar uma evolução harmoniosa, isto é, sem socalcos nem saltos mortais que, aproveitando o anterior, faz o milagre da mutação interpretando a mesma temática com expressões novas, sem deixar lacunas impreen-

# Jornal do EXÉRCITO

ANO XXI — No. 241 — MENSÁRIO — JANEIRO 1980

## SUMÁRIO

CORONEL CÂNDIDO TELES: 40 ANOS DE PINTURA .....	2,51
EDITORIAL .....	4,5
FIGURAS E FACTOS .....	6,7
COMO SE FAZ A INFORMAÇÃO TELEVISIVA .....	8,9
MIRAMUNDO .....	10,11
A ENGENHARIA MILITAR EM PORTUGAL	
ALGUNS DADOS HISTÓRICOS — (CONCLUSÃO) .....	12,13
MARQUÊS DE POMBAL (CONCLUSÃO) .....	14,15
FAMAS 5. 56 FI: O PASSO EM FRENTE .....	16,17
LUÍS VAZ DE CAMÕES .....	18,19
APONTAMENTOS PARA	
A HISTÓRIA DO C. DE COMBATE — (XL) .....	20,21
FALTA DE SANGUE EM PORTUGAL	
UM PROBLEMA QUE NOS CUMPRE E URGE RESOLVER (2) .....	22,23,32
MONUMENTOS DE EVOCAÇÃO MILITAR .....	24
ANEDOTA .....	25
SÉRIE CAMÕES — Banda Desenhada .....	26,27
CIÊNCIA E TÉCNICA .....	28,29
EXERCÍCIO FALCÃO (RMN) .....	30,31
PARA QUEM GOSTA DE SABER .....	33
DESPORTO .....	34,35
ARMAS ANTIGAS .....	36,37
MODELISMO .....	38
FILATELIA .....	39
CINEMA .....	40
RECREIO .....	41
REGULAMENTO DO CONCURSO	
DE PALAVRAS CRUZADAS DE TEMA MILITAR .....	42
UNIFORMES MILITARES .....	43
PUBLICAÇÕES .....	44
LEGISLAÇÃO .....	45
NUMISMÁTICA .....	48
LIVROS .....	49
ESPADAS ITALIANAS DO SÉC. XVII .....	52

Por lamentável lapso surgiu, no SUMÁRIO do nosso número de Dezembro último, o artigo "CORONEL CÂNDIDO TELES: 40 ANOS DE PINTURA", quando foi publicado o artigo "CASAS ARANHAS, GUINDASTES-SÁURIOS".

Do facto pedimos desculpa aos nossos leitores.

Os artigos e secções assinados exprimem a opinião dos seus autores e não reflectem, necessariamente, um ponto de vista oficial. Os artigos e secções não assinados são da responsabilidade da Direcção.



### A NOSSA CAPA

Espadas dos séculos X a XVI



ORGÃO DE INFORMAÇÃO  
CULTURA E RECREIO  
DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

Director:

CORONEL FERNANDO  
GODOFREDO DA  
COSTA NOGUEIRA DE FREITAS

Chefe de Redacção:

COR. CARLOS M. BARÃO PINTO

Orientação Gráfica:

Dr. GABRIEL FERRÃO

Propriedade do

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo da Graça, 94

1100 Lisboa

Telefone 87 03 55

DISTRIBUIÇÃO:

PORTUGAL CONTINENTAL, INSULAR  
E NÚCLEOS PORTUGUESES NO ES-  
TRANGEIRO

NÚMERO AVULSO .....

15\$00

ASSINATURAS ANUAIS

(12 números)

VIA SUPERFÍCIE

— Continente e Ilhas .....

150\$00

— Espanha, Macau e África

de expressão Portuguesa .....

190\$00

— Restantes Países .....

350\$00

VIA AÉREA

— Ao preço da assinatura por via superfície  
será acrescida a respectiva taxa de porte por  
avião.

NÚMEROS ATRASADOS .....

15\$00



PORTE  
PAGO

NOTA: As despesas de cobrança no domicílio são por conta do assinante.

Tiragem: 10.000 exemplares



Execução Gráfica: União Gráfica, S.A.R.L.

Rua de Santa Marta, 48

Lisboa 1100



# MENSA DE N E ANO

**DO C.E.M.G.F.A.**

**GENERAL  
ANTÓNIO RAMALHO  
EANES**



Nesta quadra festiva do Natal, que simboliza a Paz e a concórdia entre os homens, independentemente de raças, credos ou convicções, torna-se particularmente grato transmitir o meu apreço pela forma consciente e disciplinada como os militares têm vindo a demonstrar a sua vontade de servir a Nação com humildade e discrição.

Tal foi possível devido ao espírito de unidade e coesão existentes nas nossas Forças Armadas, resultante de uma esclarecida interpretação dos valores que a disciplina e a hierarquia representam.

Militares:

Como no ano passado, dirijo-vos um voto de confiança no futuro, de paz e felicidades para todos vós e vossas famílias, certo de que neste momento nos sentiremos mais unidos nos ideais e nos valores que nos afirmam como fiéis servidores da Pátria Portuguesa.

# AGENS ATAL NOVO



DO C.E.M.E.

GENERAL  
PEDRO CARDOSO



Encaro como um privilégio poder dirigir-me, em mais um NATAL E ANO NOVO, na minha qualidade de Chefe do Exército, a todos os militares e civis que comigo se empenham nas tarefas de renovação e dignificação da instituição nacional que é o Exército.

Considero igualmente um privilégio poder renovar votos de felicidades profissionais e pessoais, e reconhecer que encontrei a *emulação* no esforço por todos despendido; obtive tranquilidade para o desempenho das minhas responsabilidades na lealdade e no rigor das atitudes; e encontrei o *estímulo*, nas dificuldades que se nos apresentaram.

Num balanço do ano que finda, vejo razões para realçar a estatura profissional e moral e o sentido patriótico da grande maioria dos elementos sob o meu comando, que desde a mais insidiosa tentação à mais grosseira provocação, do propósito intencionalmente desagregador à tarefa prestigiosa, e da acção irreflectida ao amargo silêncio, tudo enfrentaram com serena crítica e exemplar dignidade. Não foram em vão os votos que formulei em 1978.

A História registará as tarefas de valorização nacional e creditar ao Exército em que cada um de nós, sem distinção, teve uma cota-parte cuja importância não deve ser minimizada porque do conjunto desses esforços, cimentados com inegável sentido de disciplina, elevada coesão moral e inúmeros sacrifícios, estendidos muitas vezes aos nossos familiares, resultou o alto serviço que ao País é devido.

É neste estado de espírito e na expectativa de um Novo Ano que o CEME deseja renovar os seus votos de felicidades profissionais e pessoais a todos os que, como ele próprio, têm o privilégio de servir numa instituição cujas missões exigem elevados padrões de abnegação e de rigor moral.

Bem-hajam pelas vossas obras de 1979 e pelo que representam de penhor para as tarefas de engrandecimento patriótico e institucional de 1980.

# FIGURAS E FACTOS



## VISITA DO VICE-CEME À CASA DE RECLUSÃO DA RML

No dia 29 de Outubro passado visitou a Casa de Reclusão da Região Militar de Lisboa, na Trafaria, o Vice-Chefe do EME, General Duarte Silva. Exclusivamente de trabalho, esta visita destinou-se à avaliação, in loco, das condições de funcionamento e estado das instalações daquele estabelecimento prisional, com vista a uma tomada de decisão de permanência ou não nas actuais instalações.



## "DO 30. ANIVERSÁRIO DA EPST" — RECTIFICAÇÃO —

Na reportagem com o título em epígrafe, inserta no "Jornal do Exército" de Novembro-79, foi publicado com algumas incorrecções o discurso proferido pelo Comandante da RMC. Para repor a veracidade das palavras proferidas naquela ocasião, aqui fazemos a devida rectificação, reproduzindo o texto original: "Tenho tido, desde que assumi o comando desta Região Militar, uma preocupação: pura e simplesmente que dela se não fale. E isto porque tenho para mim que, quando se não fala dos homens e das organizações, sinal é de que as coisas correm como devem.

Desde Águeda — que será a nossa unidade mais a Norte — até à Escola Prática de Engenharia — que será a que se situa mais a Sul — com disciplina, com dignidade e com aprumo, tem sido possível que de nós se não fale. Contudo, quando "damos a cara" à população civil que nos envolve, quando testemunhamos, à mesma população, com o coração aberto e com verdade, aquilo que somos e como a respeitamos, naturalmente que essa disciplina, essa dignidade e esse aprumo ganham ainda maior realce, como tem sido o caso no quadro das comemorações do "Dia da E.P.S.T."

É isso que desde há alguns dias até hoje se está passando e que, se Deus quiser, se irá passar até ao final das mesmas comemorações.

Contudo, algo de muito mais importante, os oficiais, sargentos e praças e os civis em serviço

na E.P.S.T. têm estado a oferecer: o exemplo magnífico da forma como, democraticamente, se pode construir sendo disciplinados e dignos.

Muitos de vós, no legítimo direito que a própria Constituição consigna, terá politicamente alguma tendência. Mas aquilo que neste momento em verdade sois é militares. Porque vos respeitais mutuamente, em termos de crença política, tendes vindo a demonstrar ser possível construir, solidificar e, em suma, fazer valer uma vivência democrática. É isso que estais aqui fazendo. E quando, os que cumpris aqui o serviço militar obrigatório, transpuserdes as portas deste quartel a caminho da disponibilidade, levareis convosco a certeza de que tal foi possível com uma farda vestida, porque então, como simples cidadãos, como militantes ou dirigentes políticos, tereis certamente uma atitude semelhante, coerente e digna.

Com imenso gosto vos felicito pelo que estais aqui fazendo, pelo exemplo magnífico que estais dando. Aqui fica a expressão do meu apreço e o desejo de que de futuro a Escola continue a ser igual a si própria."

## NOVO AJUDANTE-GENERAL

Assumiu as funções de Ajudante-General do Exército, desde 5 de Novembro, o General José Luís Almiro Canelhas.

Promovido a Brigadeiro em Novembro de 76, comandou, entre Julho 78 e Setembro 79, a 1.ª BMI, período crucial da constituição desta grande Unidade. O General Canelhas foi promovido ao actual posto em 29 de Outubro último.



## COMEMORAÇÃO DO 790. ANIVERSÁRIO DA TOMADA DE SILVES

No cumprimento dum programa de comemorações das acções históricas produzidas na RMS, realizou-se uma cerimónia evocativa da Tomada de Silves pela passagem do seu 790. aniversário — 3 de Setembro de 1979.

A mesma teve lugar no Castelo daquela Cidade Algarvia, tendo sido presidida pelo Brigadeiro 2o. CMDT da Região, então interinamente a comandar.

Associaram-se às cerimónias as autoridades eclesiásticas, civis e militares do distrito e muita



população local. As mesmas tiveram início com o hastear da Bandeira Nacional, seguido duma alocação alusiva e homenagem aos mortos.

A Guarda de Honra esteve à cargo duma companhia do RIF, tendo participado, ainda, uma Bateria da EPA que realizou as salvas, uma SEC AML, a duas Chaimites, do RCE, 1 Pelotão do ELS e a Banda da RMS que à noite ofereceu um concerto à população de Silves.

## ABERTURA SOLENE DO ANO LECTIVO NO I.S.M.

Sob a presidência do CEME, General Pedro Cardoso, teve lugar no dia 27 de Novembro passado a abertura solene das actividades escolares no Instituto Superior Militar, em Águeda. A sessão solene, como acto mais significativo das cerimónias, foi iniciada com uma alocação do comandante do ISM, tendo a lição inaugural sido proferida por um docente daquele Estabelecimento de Ensino Militar. A encerrar, foi feita a entrega do "Prémio Ten. Coronel Pinho de Freitas", referente ao Curso de 1977-79.

## DIA DA ACADEMIA MILITAR

Foi em 12 de Janeiro de 1837 que o Marquês de Sá da Bandeira, procedendo a uma reestruturação profunda do ensino militar em Portugal, criou a então Escola do Exército. Este ano ocorre o 143o. Aniversário da sua fundação, e, como já é tradicional, a Academia Militar, como ciosa sucessora daquela Escola, promoveu diversas cerimónias comemorativas da efeméride que tiveram a presidência do Vice-Chefe do EME, General Duarte Silva.

As comemorações deste ano foram assinaladas por dois actos de especial importância: o primeiro foi a conferência de carácter histórico-militar sob o tema "O Espírito Militar na Instauração do Liberalismo (1826-1833)", que o Presidente da Academia Portuguesa de História, Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, fez questão de ser ele próprio a proferir; o segundo foi o reatar de uma tradição perdida há alguns anos: a distribuição de espadas aos oficiais que

no ano transacto acabaram o seu tirocínio. A encerrar a sessão solene em que estes actos se inseriram, foram distribuídas as cartas de curso e os prémios escolares aos alunos que no último ano lectivo mais se distinguiram em línguas estrangeiras.

#### EXERCÍCIOS FINAIS E JURAMENTO DE BANDEIRA NO REGIMENTO DE COMANDOS

Culminando uma semana de intensos e duros exercícios finais, que se desenrolaram na zona do Entroncamento — Porto de Mós — Nazaré, e ainda uma série de provas eliminatórias, teve lugar no dia 21 de Dezembro o Juramento de Bandeira do 72o. Curso de Comandos e do 3o. turno de especialidades de 1979. Deslocou-se à Amadora para presidir às cerimónias o CEME, General Pedro Cardoso. Presentes também outras altas entidades civis e militares. Após o compromisso de honra, os 154 novos "comandos" receberam os seus crachás e desfilaram perante a tribuna de honra juntamente com as restantes forças em parada.

#### MUDANÇA DE COMANDO NA ZONA MILITAR DA MADEIRA

Tomou posse do cargo de Comandante-Chefe das Forças Armadas do Arquipélago da Madeira e de Governador Militar da Madeira, o Brigadeiro José Fernando Valles de Figueiredo Valente. O novo Comandante-Chefe chegou à Madeira no dia 11 de Setembro e substituiu naqueles cargos o General Malho Ilharco, que entretanto passou a exercer funções no Conselho Superior de Disciplina do Exército.



#### DIA DA UNIDADE DO RIFUNCHAL

Herdeiro de um brilhante historial que remonta às Guerras Peninsulares, o Regimento de Infantaria do Funchal comemorou o "Dia da Unidade" em 25 de Outubro último, data esta que assinala o heróico comportamento do então BC 12, sua Unidade pioneira, no combate de Carrion no ano de 1812.

A presidir às comemorações esteve o Comandante-Chefe das F.A. da Madeira, Brigadeiro Figueiredo Valente. As cerimónias mais significativas iniciaram-se com uma parada militar, tendo na ocasião o Comandante do Regimento, Coronel Ramiro Nascimento, proferido uma alocução. Foi condecorado o estandarte da Unidade bem como alguns militares.

De assinalar ainda a promoção feita de outras actividades de índole cultural e recreativa.

Assim, foi patenteada ao público uma exposição fotográfica documental da história e das actividades do Regimento, complementada por uma secção de miniaturas de veículos militares e outra de armamento antigo usado pelas forças militares na Madeira. Os "Jogos Carrion", denominação dada às originais actividades recreativas levadas a efeito, com características semelhantes às dos "jogos sem fronteiras", tiveram como tema o dia a dia do militar.

#### COMEMORAÇÕES DO 25 DE NOVEMBRO EM ANGRA DO HEROÍSMO

Tendo como cenário o histórico castelo de S. João Baptista, da cidade de Angra do Heroísmo, foram promovidas nos Açores diversas cerimónias comemorativas do "25 de Novembro de 1975". Sob a presidência do Comandante-Chefe das F.A. dos Açores, Vice-Almirante Gabor Albert Ziegler Patkoczy, em representação do CEMGFA, os actos solenes evocativos desta data constaram de uma parada militar que integrava forças dos três ramos das FA, leitura de uma mensagem do General CEMGFA e desfile das forças em parada. Presentes às cerimónias estiveram também o Presidente do Governo Regional, o Presidente da Assembleia Regional, o Ministro da República e outras altas entidades civis e militares daquele arquipélago, além de muita população terceirense.

#### I CONGRESSO NACIONAL DE DEFICIENTES

A Associação Portuguesa de Deficientes e a Associação dos Deficientes das Forças Armadas vão realizar no primeiro trimestre de 1980 o 1o. Congresso Nacional de Deficientes. Já em fase de preparação intensiva, esta iniciativa propõe-se alcançar, entre outros, os seguintes objectivos: proporcionar o maior conhecimento da verdadeira situação da vida dos deficientes em Portugal; alertar os deficientes e suas famílias para os efectivos direitos que lhes assistem e para a necessidade de, organizadamente, alcançarem plena integração e participação social; promover a análise das carências existentes e propor as medidas mais adequadas, que sejam conformes às possibilidades do País, e contribuindo para a sua eliminação; proporcionar a colaboração crítica às entidades e organismos da Administração Pública com responsabilidades na reabilitação dos deficientes; sensibilizar, esclarecer e mobilizar a opinião pública para a amplitude dos problemas dos deficientes.

Os temas a debater prendem-se com a problemática geral dos deficientes e versarão os seguintes assuntos: Causas e Prevenção de Deficiência; Educação e Ensino; Reabilitação Profissional e Trabalho; Segurança Social; Habitação, Urbanismo.

#### ATRIBUIÇÃO DOS PRÉMIOS DA REVISTA BALUARTE

Destinados a galardoar os três melhores trabalhos publicados por este órgão de Imprensa militar nos primeiros doze meses da sua publicação como revista das Forças Armadas Portuguesas, teve lugar, no pretérito dia 4 de Dezembro, a cerimónia de entrega dos respectivos prémios. O júri nomeado para o efeito deliberou distinguir como melhores os trabalhos do Major de Artilharia Duarte Grácio (tema histórico), do Capitão-de-Mar-e-Guerra Ferraz Sachetti (tema estratégico) e do Tenente-Coronel Piloto Aviador Almeida Tomé (tema técnico).

Com a presença de numerosos convidados, a cerimónia foi presidida pelo Vice-CEMGFA, General Altino de Magalhães, tendo na ocasião o Director do Baluarte, Capitão de Fragata Canelas Cardoso, proferido um discurso em que teceu algumas considerações sobre a história da Imprensa militar em Portugal e a sua importância na actualidade, quer no seio das Forças Armadas, quer junto da população civil.



#### ELEMÉRIDES MILITARES JANEIRO

1812 — 1, Combate de ALMENDRALEJO (Guerra Peninsular)

1471 — 1, Descoberta da Ilha do Ano Bom

1790 — 2, É criada, a ACADEMIA REAL DE FORTIFICAÇÃO, ARTILHARIA E DESENHO, que substituiu a ACADEMIA REAL DE MARINHA.

1812 — 3, Combate de FUENTES DEL MAESTRO (Guerra Peninsular)

1876 — 6, Morre em Lisboa, com 80 anos, o primeiro MARQUÊS DE SÁ DA BANDEIRA, ilustre General e estadista português. O título nobiliárquico foi-lhe concedido depois da brilhante defesa da Serra do Pilar, onde, no Alto da Bandeira, perdeu um dos braços.

1148 — 11, D. AFONSO HENRIQUES conquistou aos mouros a antiqússima vila de ÓBIDOS; esta vila é anterior ao domínio romano na Península, segundo se crê.

1890 — 11, Ultimatum

12, DIA DA ACADEMIA MILITAR, que sucedeu à ESCOLA DO EXÉRCITO

1837 — 12, É criada a ESCOLA DO EXÉRCITO que, no quadro das reformas levadas a cabo pelo Marquês de Sá da Bandeira, substituiu a antiga ACADEMIA REAL DE FORTIFICAÇÃO, ARTILHARIA E DESENHO.

1834 — 13, Criada a ALFÂNDEGA GRANDE DE LISBOA e o seu CORPO DE GUARDA.

14, DIA DO INSTITUTO DE ODIVELAS

1659 — 14, Batalha das LINHAS DE ELVAS

1471 — 17, Descoberta da Ilha do PRÍNCIPE

1812 — 19 Conquista de CIUDAD RODRIGO (Guerra Peninsular)

1898 — 28, Morre, no Dafundo, ROBERTO IVENS, arrojado explorador africano.

1891 — 31, Revolta do Porto

# COMO SE FAZ A INFORMAÇÃO TELEVISIVA

Por NUNO VASCO



Uma das grandes diferenças entre o jornalismo na Imprensa e aquele que é praticado na Televisão, reside no facto de no primeiro o jornalista, salvo em pormenores de execução, não ter de se subordinar a um estilo uniforme, podendo dar largas ao seu estilo pessoal. Depois lá estarão o maquetista, ou o Chefe de Redacção, ou o paginador para integrarem a reportagem no estilo do jornal.

Em Televisão não se passa a mesma coisa: é o próprio jornalista quem tem a seu cargo não só o texto, como a realização e a montagem da peça de informação. Isto significa, por exemplo, que qualquer jornalista de televisão terá de ter em linha de conta o estilo de um telejornal, por forma a que a junção dos diversos apontamentos de reportagem não façam do jornal televisivo uma manta de retalhos, ou que sendo um padrão harmonioso, não venha, a determinada altura, uma reportagem fazer destoar a sua unidade.

## A REPORTAGEM É A PRÓPRIA INFORMAÇÃO

Nos programas informativos de televisão, a reportagem tem o mais importante dos papéis. De facto, a entrevista e o comentário apenas acontecem na informação. A reportagem, por outro lado, é a própria informação. A entrevista e o comentário são, muitas vezes, dispensáveis, mas a reportagem nunca o é.

A reportagem deve ser produzida por um jornalista de televisão da mesma forma por que o é por um jornalista da Imprensa: pelas suas próprias palavras. Mas será sobretudo a imagem — porque a televisão é, essencialmente, imagem — que deve constituir o núcleo da reportagem.

À reportagem para Telejornal, que não deve exceder, em princípio, os três minutos, sucede-se a reportagem que se pode considerar a médio prazo e que é destinada aos espaços informativos não diários.

O jornalista terá então possibilidade de tratar os temas com maior profundidade.

Todavia, também aqui se exige ao jornalista de TV que seja incisivo, não prolongue demasiadamente os comentários ou as entrevistas que tenha de intercalar no seu trabalho.

## AS ENTREVISTAS NA T.V.

A entrevista é outra das funções que os jornalistas podem realizar. No que respeita ao meio televisivo, a entrevista, seja em estúdio seja no exterior, implica, necessariamente, um trabalho preparatório que lhe permita "estar por dentro do assunto" quando iniciar o contacto com o entrevistado.

Em caso algum quer o jornalista quer o entrevistado devem ler, ainda que se possa admitir a consulta eventual a apontamentos, caso se citem números ou seja necessário referir afirmações de terceiros.

Em termos políticos, as entrevistas podem processar-se em dois extremos: a entrevista oficial, em que o Governo ou altas individualidades políticas se servem da televisão como veículo para exporem os seus pontos de vista; e a entrevista polémica, em que a televisão se serve de membros do Governo ou de outras individualidades para, colocando-os sobre

fogos cruzados de jornalistas, que representam os vários sectores de opinião, esclarecerem o País acerca dos problemas que lhe interessam.

No que respeita a outros assuntos, em que se verifique a necessidade de entrevistar quem quer que seja, o jornalista destacado para esse serviço deve colocar ao entrevistado as questões de actualidade que mais podem interessar aos telespectadores potenciais dos programas e não as perguntas que correspondem aos seus interesses particulares.

## BAIXA DE POPULARIDADE: UM AVISO QUE VEM DA AMÉRICA

Ainda a propósito de entrevistas, não queremos deixar de aqui referir uma preocupação que aflige, actualmente as estações de televisão americanas: os programas de entrevistas estão a correr o risco de se esgotarem pela escassez de tipos e personalidades famosas para satisfazer o aparentemente inesgotável interesse do público pelos debates na televisão.

Segundo um produtor deste tipo de programas, tudo já foi tão consumido pelo público, que os programas de entrevistas



podem não se ter esgotado mas estão bastante desgastados..

Por outro lado, sabe-se, através de recentes pesquisas realizadas em Nova Iorque, que o excesso de aparições em público pode fazer diminuir o índice de popularidade de quem quer que seja, ao invés de aumentá-lo. Muitos políticos e artistas americanos recusam-se assim a aparecer na televisão com frequência.

#### COMENTADOR: O HOMEM QUE EXPLICA AS NOTÍCIAS

"Estabelecer e exigir sempre a distinção entre a notícia e o comentário, de forma clara para o público" é uma das normas estabelecidas pelo Código Deontológico dos Jornalistas. Não deveria ser preciso citá-la. Mas não deixa de ser conveniente fazê-lo, já que constantemente, nos jornais, na Rádio e mesmo na Televisão, ela parece votada ao esquecimento.

Apesar de tudo, na Televisão, o comentário surge, na maior parte dos casos, perfeitamente demarcado do noticiário, principalmente no Telejornal, em que o comentador, anunciado como tal, profere palavras da sua autoria e da sua responsabilidade.

O comentador deverá ter por princípio orientador que a sua função não é ostentar erudição mas explicar, em termos acessíveis, panorâmicas porventura complexas ou difusas.

A análise política do momento, uma intervenção sobre a vivência económica e as questões dominantes da existência nacional ou internacional, devem ser tratadas com simplicidade e em termos correntes, para que se tornem acessíveis ao maior número de telespectadores.

#### JORNALISTA DE T.V.: UM MISTO ENTRE PROFISSIONAL DA IMPRENSA E DA RÁDIO

Como já vimos, há diferenças básicas entre as formas de tratar e fornecer notícias através da Imprensa e via Televisão. Isto significa, portanto, existirem diferenças básicas entre profissionais de Imprensa competentes e competentes jornalistas de TV.

O jornalista de TV é um pouco profissional da Imprensa e um pouco profissional da Rádio. Mas tem de ser, sobretudo, um profissional de Televisão, que se deve preparar para fazer a reportagem de um acontecimento frente às câmaras e, nesse particular, é-lhe exigida a prontidão de narrar ou de entrevistar de um jornalista; a capacidade de improvisar, a boa dicção e a correcção de um locutor; e, ainda, a presença, a boa colocação, o sentido de participação no acontecimento, sem o



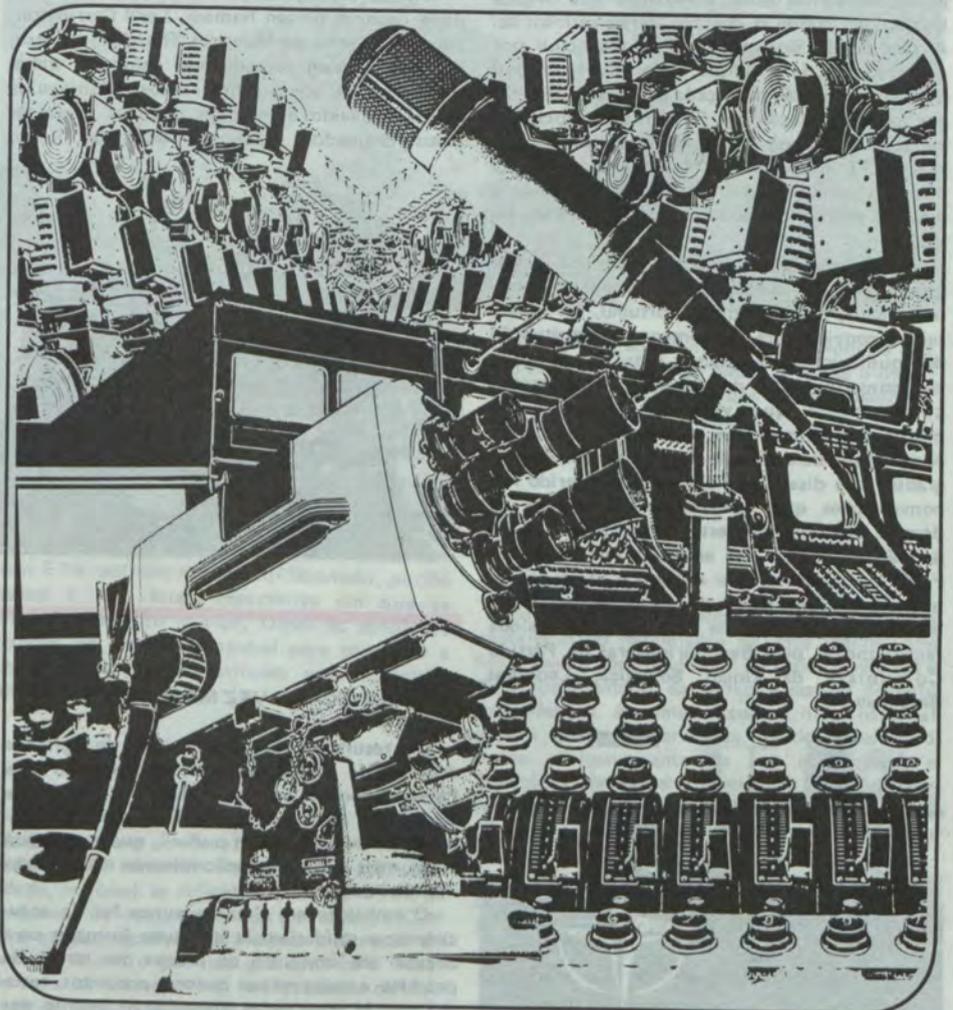
subvalorizar nem o sobrevalorizar, qualidades que devem ser timbre do repórter televisivo.

Em alguns aspectos, porém, o jornalista de TV deve distanciar-se dos seus colegas da Imprensa e da Rádio.

No primeiro dos casos, por muito capaz que se sinta de escrever artigos de fundo e belas peças literárias, deve remeter-se à concisão e à clareza, já que o que escreve não vai ser apreciado em letra

de forma, mas sim pelo telespectador, que o deve entender. Para tanto, nem o autor da mensagem nem o receptor desta dispõem normalmente de muito tempo.

Quanto ao caso da Rádio, a diferença está em que não se exige ao jornalista de TV a fluência desmedida, o grande poder de comunicação, o chamado dom da palavra, antes se lhe pede que seja um observador esclarecido, com o poder da expressão concisa.





## OTAN E PACTO DE VARSÓVIA — MAIS PERTO A DISSOLUÇÃO DOS DOIS BLOCOS MILITARES?

O Conselho da Aliança Atlântica realizou na primeira quinzena de Dezembro a sua reunião anual de Outono, na sede da organização, em Bruxelas. Embora se tivesse tratado de uma reunião de rotina, não o foi quanto à questão fulcral, em torno da qual girou praticamente toda a reunião: a futura instalação de mísseis nucleares americanos, de médio alcance, em cinco países europeus.

Os americanos propuseram aos seus parceiros europeus a actualização do arsenal nuclear, para manter o diferencial face ao seu opositor, o Pacto de Varsóvia. Como se sabe, em termos de meios convencionais a supremacia é completa desta aliança militar, pelo que só a continuação do diferencial nuclear favorável à OTAN mantém o equilíbrio global entre as duas organizações defensivas. Porém, para que tal se concretize, torna-se necessário que cinco países europeus — Inglaterra, República Federal da Alemanha, Itália, Holanda e Bélgica — concordem em autorizar a instalação, nos respectivos países, desses mísseis nucleares.

Enquanto a Itália, a República Federal Alemã e a Inglaterra decidiram apoiar a proposta norte-americana, a Holanda e a Bélgica levantaram, desde o começo, sérias reticências. A reunião de Bruxelas conseguiu concluir por um consenso de princípio, pelo qual se chegou a reechar. A decisão alcançada permite considerar a futura instalação de 572 mísseis nucleares capazes de atingir território soviético em somente 17 minutos. A Holanda e a Bélgica puseram restrições à instalação dos mísseis, a qual só será autorizada após posterior consideração.

Como principal fundamentação dos países que aceitaram subscrever a proposta norte-americana, entre os quais Portugal, foi salientada a convicção de que somente numa situação de equilíbrio militar global, entre os dois blocos, constitui ponto de partida aceitável para as conversações que visam o desarmamento mútuo. Por conseguinte, o objectivo último é a continuação da discussão sobre o desarmamento gradual e a dissolução dos blocos, inserido nas conversações que vêm desde o começo da década. Mas não foi esta a óptica por que a decisão da OTAN foi encarada nos países do Pacto de Varsóvia, que acusam o Ocidente de não contribuir para o desanuviamento no continente europeu, na linha proposta ainda recentemente pelo Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética, Leonidas Brezhnev.



## NOVO CAPÍTULO NA HISTÓRIA DA RODÉSIA (Angola, Moçambique, Zâmbia, Tanzânia e Botswana)

Após quinze anos de rebeldia contra o Governo britânico, a Rodésia envereda novamente pelas sendas do constitucionalismo. Na verdade, depois de várias semanas de duras negociações, o Governo conservador da Senhora Thatcher conseguiu uma das suas maiores vitórias: o acordo sobre o cessar-fogo e o regresso da Rodésia à constitucionalidade.

Foi o estabelecimento de um plano de cessar-fogo, depois de sete anos de guerra, um dos grandes obstáculos com que depararam as negociações. De facto, embora de acordo com os dois primeiros pontos — nova Constituição e a arbitragem da Grã-Bretanha nas eleições — os dirigentes da Frente Patriótica, Joshua Nkomo e Robert Mugabe, recusavam-se a subscrever um plano de cessar-fogo.

Finalmente, os nacionalistas da Frente Patriótica acordaram em assinar o plano de cessar-fogo, face à ameaça de Lord Carrington, chefe da diplomacia britânica, de concluir um acordo separado com o Governo do bispo Abel Muzorewa; acordo esse que retiraria à Frente Patriótica todas as esperanças de um reconhecimento oficial próximo, e a forçaria a continuar uma guerra em que os apoios começavam a escassear.

Vitória conseguida pela tenacidade e capacidade negocial de um homem, Lord Carrington, para o Governo de Margaret Thatcher; sucesso, em que tinham falhado três gabinetes trabalhistas e um conservador. Vitória conseguida também devido às grandes pressões exercidas pelos chamados países da linha da frente

(Angola, Moçambique, Zâmbia, Tanzânia e Botswana), maltratados pelas tropas rodesianas, pelo apoio dado à Frente Patriótica e com as suas economias quase asfixiadas; e pela África do Sul que ameaçava entrar em guerra.

No entanto, no caminho para a estabilização política na Rodésia nem tudo serão rosas. E o primeiro espinho é, desde logo, o do processo de entrada em vigor do cessar-fogo. Segundo repetidas afirmações de Robert Mugabe, é quase impossível a congregação de todos os guerrilheiros da Frente Patriótica, nos campos que lhes estão destinados, no prazo de duas semanas prescrito no acordo.

Por outro lado, põe-se o problema das tropas sul-africanas estacionadas na Rodésia, que, nos termos acordados, "deveriam sair imediatamente da Rodésia". Contudo, não parece ser esta a sua disposição. Põem-se ainda outras questões, como a que diz respeito ao estatuto de igualdade dos guerrilheiros e das tropas rodesianas, exigida pela Frente Patriótica, e a questão da autoridade de Lord Soames, novo Governador inglês.

Apesar dos problemas a enfrentar, e até por casa deles, é de salientar o enorme êxito que foi o conseguir um acordo entre o Governo de Salisbúria e os guerrilheiros da Frente Patriótica, sob a tutela de Londres.

A Grã-Bretanha tem agora três meses para garantir a paz, que em grande parte graças a ela foi conseguida, e para instaurar as regras do jogo democrático na Rodésia.

Com o seu Governador e os seus soldados, a Grã-Bretanha irá ser um tampão isolador entre os combatentes, ou tornar-se-á uma bola atirada entre os dois campos? Só o tempo o dirá.



## PETRÓLEO CADA VEZ MAIS CARO

Os resultados de quatro dias de agitados debates da Conferência da organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), na Venezuela, podem-se caracterizar por um generalizado "salve-se quem puder", que aumentará ainda mais a desorientação reinante no mercado mundial de petróleo.

O ambiente em Caracas nunca foi de entusiasmo: a solidariedade do clube formado para decidir em conjunto os preços das ramas de petróleo e deles retirar maiores proveitos, resistiu mal às acentuadas divergências quanto aos

novos aumentos, verdadeiramente espectaculares.

Ahmed Zaki Yamani, ministro saudita do petróleo e o homem forte da organização, que esperava, com a subida de 18 para 24 dólares do preço do barril de petróleo bruto, posto em prática pelo seu país nas vésperas, fazer abrandar a discussão sobre os aumentos, foi rapidamente ultrapassado. De facto, na véspera da reunião, a Líbia faz subir os seus preços para 30 dólares e, no mais acedo da discussão, o iraniano Ali Moïnfar comunica o aumento para 34 dólares o barril, ao mesmo tempo que denuncia a maneira como Yamani conduziu os debates. A

Arábia Saudita perdeu, em Caracas, um pouco mais da influência que mantinha no seio da OPEP.

No entanto, os treze participantes na Conferência evidenciaram uma preocupação comum: evitar que a procura de 1980 seja menor que a de 1979.

Este objectivo poderá, no entanto, ser ameaçado pelas medidas decididas pelos países consumidores, tais como: o aumento de reservas feito pelos ocidentais no Outono de 1979, e a fixação de limites às importações, acordada em Paris pelos países membros da Agência Internacional de Energia (AIE). De facto, estes países, como grupo, deverão baixar as suas importações de petróleo de 24,6 milhões de barris por dia em 1985 e de 23,1 milhões de barris por dia em 1980. A juntar a tudo isto a recessão verificada nos E.U.A. e as medidas de austeridade tomadas pela Administração Carter. Espera-se que em breve tais medidas comecem a fazer surgir os seus efeitos no mercado internacional.

Há quem pense que para os países membros da OPEP a melhor solução seria a da fixação voluntária de um determinado montante de produção. Porém, está, por enquanto, longe de conseguir-se a unidade de tal política.



#### JOÃO PAULO II NA TURQUIA

A visita do Santo Padre João Paulo II à Turquia, se bem que não se tenha revestido do entusiasmo da população, dominante nas suas anteriores viagens ao México, à Polónia, à Irlanda e aos E.U.A. (é preciso lembrarmo-nos de que se trata de um país com apenas 0,3% de cristãos), foi muito importante no que diz respeito à questão das relações entre a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa.

Em resultado da visita, o Papa João Paulo II e o Patriarca Dimitrius I, de Constantinopla, anunciaram a criação de uma comissão teológica mista para estudar os obstáculos que se opõem à união das duas Igrejas.



Margaret Thatcher, primeiro-ministro britânico, efectuou rápida visita aos E.U.A.. Na agenda da chefe do gabinete britânico, questões relacionadas com a situação dos reféns ameri-

canos em Teerão, com a paz na Rodésia e o problema da Irlanda do Norte; e ainda o desarmamento e a instalação dos novos mísseis da OTAN na Europa Ocidental.

\*\*\*

O político espanhol Javier Ruperez, raptado pela ETA político-militar, foi libertado, pondo termo a uma longa expectativa em que se chegou a admitir o pior. Quais as condições obtidas do governo espanhol para conseguir a libertação é que constituem uma incógnita difícil de desvendar.

\*\*\*

O Governo canadiano, presidido por Joe Clark, sucumbiu ao fim de meio ano de actividade, ao ver recusado um orçamento de austeridade, no qual se reflectiam, entre outros, os aumentos de custo das ramas petrolíferas. Com esta queda reaparece, para tomar a direcção do partido liberal, o político que estivera à frente do anterior Governo e se havia retirado da cena política, Pierre Trudeau. Foram já marcadas eleições para o próximo mês de Fevereiro.

No dia 21 de Dezembro passou o primeiro centenário do nascimento de José Staline, que foi o senhor todo-poderoso da União Soviética e líder incontestado do bloco socialista durante três décadas. A comemoração a nível nacional passou quase despercebida, tendo-se centrado quase exclusivamente na sua terra natal, a Geórgia. O seu governo despótico, exaltado por muitos mas condenado por outros, marcou profundamente o modo de vida soviético e guindou a União Soviética à posição, nunca até aí alcançada, de potência mundial. Com a sua morte, ocorrida em 1953, também findou praticamente a coesão e o monolitismo do bloco socialista.

\*\*\*

José Eduardo dos Santos, sucessor de Agostinho Neto na Presidência da República Popular de Angola, foi a Moscovo para efectuar a sua primeira visita à U.R.S.S., desde que assumiu a Presidência.

Recebido pelo Secretário-Geral Breznev no aeroporto, José Eduardo dos Santos manteve conversações com membros do Governo soviético sobre questões relacionadas com a actual conjuntura na África Austral e, segundo fontes norte-americanas, com a possibilidade do reforço do auxílio político-militar soviético e cubano, com o fim de enfrentar incursões sul-africanas no Sul de Angola.

# A ENGENHARIA MILITAR EM PORTUGAL

## ALGUNS DADOS HISTÓRICOS -(VII)

Pelo Cap. Eng. EDUARDO GONÇALVES

1910. Mais do que a implantação de um novo regime, a tentativa de criar novas estruturas sócio-políticas e de, relativamente às forças armadas, substituir um exército de carácter permanente por uma instituição de tipo miliciano que se pretendia inspirada no sistema suíço.

Algumas das ideias que animavam os reformadores de então encontram-se expressas num artigo aparecido na "Revista Militar", de Janeiro de 1911, e da autoria de Abel Botelho, em que se afirmava a necessidade de fazer do soldado "um cidadão consciente" e "de se afinar a sua educação"... "E é assim como poderemos vir a ter dentro de poucos anos um exército verdadeiramente digno deste nome, um verdadeiro exército nacional. Exército que deixará de fechar-se nos privilégios e excepções duma casta, para se identificar com o sentir da nação, que toda quererá patrioticamente integrar-se nele, como sendo o índice potencial das suas justas aspirações, e o formidável coeficiente dinâmico da sua força. E é só assim, trabalhando neste sentido, que podemos estabelecer com vantagem a organização miliciano, porque teremos o espírito militar vulgarizado e difundido, desde as grandes capitais às ínfimas aldeias; porque teremos conseguido obter, em suma, a defesa da nação feita pela mesma nação em massa, o que é o grande recurso das nações pequenas e a suprema aspiração dos povos que querem ser livres".

De acordo com a teoria expressa parcialmente no apontamento acima e dentre as medidas tomadas pela lei orgânica de 1911, serão de salientar a substituição do serviço militar, pessoal e obrigatório que terminou de vez com a remissão (1), a

instituição, como já se referiu, do "exército miliciano", intimamente ligado ao conceito de "nação em armas" e a decisão, tomada mas não totalmente conseguida, de empregar o exército em tempo de paz exclusivamente em serviço de instrução e de trabalhos de preparação para a guerra.

Este novo exército compreendia três escalões diferentes: as tropas activas, de primeira linha; as de reserva e as tropas territoriais. As tropas activas compreendiam 8 Divisões, uma Brigada de Cavalaria e Unidades não Endivisionadas e, dentre elas algumas de Engenharia — Sapadores, Pontes, Telegrafistas, Aerosteios, Caminhos de Ferro, etc.

É evidente que alterações deste tipo provocaram imediatamente uma série de reacções. Por um lado, da parte de alguns saudosistas de um passado ainda recente e monárquico e para quem todas as oportunidades de denegrir a nova situação eram de aproveitar. Por outro, críticos bem intencionados que apontavam como pernicioso a possível quebra de coesão entre as diversas armas.

Está, julgo, neste último caso, o Coronel Pereira Dias que num curioso artigo publicado em 1913, na Revista de Engenharia Militar, diz a certa altura:

"A última reorganização do Exército,... alterou profundamente o modo de ser da nossa Engenharia Militar. Separando os diversos serviços da arma em grupos autónomos, tornou acéfalo o antigo Corpo de Engenheiros Militares, desunindo e como que pulverizando os seus elementos, que assim deixaram de ser solidários entre si e de constituir como dantes uma verdadeira família".

... "Enfim, dissolvidos os laços que entre si uniam os diversos membros do antigo Corpo de Engenheiros Militares Portugueses, é para recear que uma corporação de tão nobres tradições caminhe para o seu breve e total aniquilamento.

E para notar é que, ao passo que assim se destroi a unidade da Engenharia Militar, o Corpo de Estado-Maior, pelo contrário, mais se une em torno do seu chefe, a quem são dadas as atribuições para propor directamente ao Ministro da Guerra a nomeação dos Oficiais para todas as comissões de serviço..."

Tal opinião é ainda perfilhada pelo Gen. Sousa Macedo, num artigo inserto no número comemorativo da Revista de Engenharia Militar, publicado em 1947.

Como consequências das reformas citadas, foi dissolvida a Direcção da Arma, ficando os vários serviços assim criados entregues a inspecções que se articulavam do seguinte modo:

Os Sapadores Mineiros e os Pontoneiros ficaram na dependência do Inspector do Serviço de Pioneiros, Coronel de Engenharia, e subordinados directamente ao Chefe do Estado Maior; os Telegrafistas e Aerosteios, ao Inspector do Serviço Telegráfico Militar, igualmente Coronel de Engenharia e Subordinados ao Quartel Mestre General; as tropas de Caminhos de Ferro, sujeitas ao Inspector dos Serviços Militares do Caminho de Ferro, ainda Coronel de Engenharia, e igualmente ligados ao Quartel Mestre, e finalmente o Serviço de Fortificações e Obras Militares, que ficou a depender de um Inspector-Geral, também Coronel, ligado directamente à Secretaria da Guerra.

Na totalidade e para as 8 Divisões existentes, as tropas de Engenharia tinham os seguintes quantitativos:

- 8 Companhias de Sapadores Mineiros
  - 8 Secções de Projectores
  - 8 Secções de Telegrafistas de Campanha;
- além das tropas não endivisionadas:
- 1 Parque de Pontes
  - 2 Secções de Telegrafistas de Campanha

- 1 Companhia de Telegrafia Sem Fios
- 1 Companhia de Aerosteiros
- 1 Companhia de Caminhos de Ferro (2, em caso de guerra)
- 1 Companhia de Telegrafistas de Praça

- 1 Companhia de Sapadores de Praça
- 1 Companhia de Torpedos Fixos.

Contrariamente ao que vulgarmente acontece e num período politicamente instável, não abundaram as alterações em relação àquilo que foi exposto, nem houve quaisquer acontecimentos de vulto, no

ambiente militar, além da primeira grande guerra. Como é sabido, Portugal enviou para França e para as colónias africanas destacamentos que tomaram parte no conflito. No CEPE, que, segundo as crónicas, com tanto valor se bateu em terras de França, integrava-se uma Unidade de Engenharia sob o comando do Coronel Filipe da Costa.

Com este curto apontamento do que, na parte militar se passou na primeira República, encerro esta série de artigos dedicados à Engenharia Militar. O seu desmembramento nessa época reduz naturalmente a quantidade de assuntos que pudessem interessar ao seu conjunto e, considero que, a partir de 1926, por demasiado recente o assunto pertence mais ao âmbito da crónica que da história. Encontrar-se-ão certamente no número dos vivos alguns dos intervenientes nos factos de maior saliência das três primeiras décadas da república corporativista, já que, outros

acontecimentos como as últimas guerras de África e as consequências que elas tiveram para o Exército, Engenharia Militar incluída, ainda estão bem presentes no espírito de todos nós.

(1) A remissão era um sistema que permitia "pagar" o serviço militar ou o pagamento desse serviço.

#### BIBLIOGRAFIA

- "Baluarte" - Artigos insertos nos nos. de Ag/Set 78, Out/78, Nov/78 e Janeiro/79.
- "Emploi tactique du génie", cel Baills, Paris 1930.
- "Enginners in battle", Ltcel Thompson, Harrisburg 1942.
- "História do exército portuguez", Gen. Ferreira Martins, Lisboa
- "História orgânica e política do exército português", Cor. Cristovam Ayres, Coimbra 1929.
- "Missões táticas de engenharia", Brig. Inácio Pimentel, Porto 1938.
- "Revista de Engenharia Militar" - Artigos insertos no no. comemorativo do tricentenário e noutros nos. de 1890 a 1913.
- "Revue Militaire du génie", 1937



Capitão de Engenharia  
Pequeno Uniforme  
1900

Oficial de Engenharia  
Grande Uniforme  
1913

Oficial de Engenharia  
do C.E.P. a França  
1916

# MARQUÊS DE POMBAL

(CONT' DO NÚMERO ANTERIOR)

Por BAPTISTA MENDES

## REFORMAS

Em 1756 cria em Lisboa uma Aula de Comércio, a fim de evitar que os comerciantes tivessem de mandar vir guarda-livros do estrangeiro.

Nesse mesmo ano cria a Companhia dos Vinhos do Alto Douro, para se contrapor ao monopólio dos ingleses, e que tanto irá fazer progredir a cidade do Porto.

Incentiva a criação de fábricas de cutelaria, relojoaria, louça, serralharia, tinturaria, fundição de metais, etc.. Reanima e torna prósperas as fábricas de Sedas do Rato, de Vidros da Marinha Grande e de Papel da Lousã.

Forma as Companhias da Ásia, do Pará e do Maranhão, da Pesca da Baleia, e a de Pernambuco e Baía, superiormente dirigidas pelo Estado.

O comércio foi declarado profissão nobre. Algumas regalias até então reservadas aos nobres foram alargadas aos comerciantes.

Em 1772 e graças à acção de Sebastião José de Carvalho e Melo, define-se pela primeira vez no nosso país a política educativa no seu conjunto, ao publicar a Lei que institua os Mestres de Ler e Escrever.

A expulsão dos Jesuítas, confessores da família real e mentores da nobreza, tornara urgente essa reforma, porque eram eles que ministravam o ensino no reino, influenciando a seu favor tudo o que lhes interessava e intrometendo-se na política do reino.

## OS JESUÍTAS

O ministro português não via com bons olhos esta Companhia de religiosos, considerando-a um obstáculo à sua acção progressista.

A agravar tudo isto, os Governadores do Brasil e das outras colónias queixavam-se dos Jesuítas, acusando-os de se dedicarem mais ao comércio (inclusivê o de escravos) e à banca, visando mais a riqueza da Companhia de Santo Inácio de Loiola do que o serviço religioso e missionário. Outros países europeus queixavam-se do mesmo — e até o Papa Benedito XIV teve de interferir, proibindo-os de comerciar e de se intrometerem nos negócios políticos.

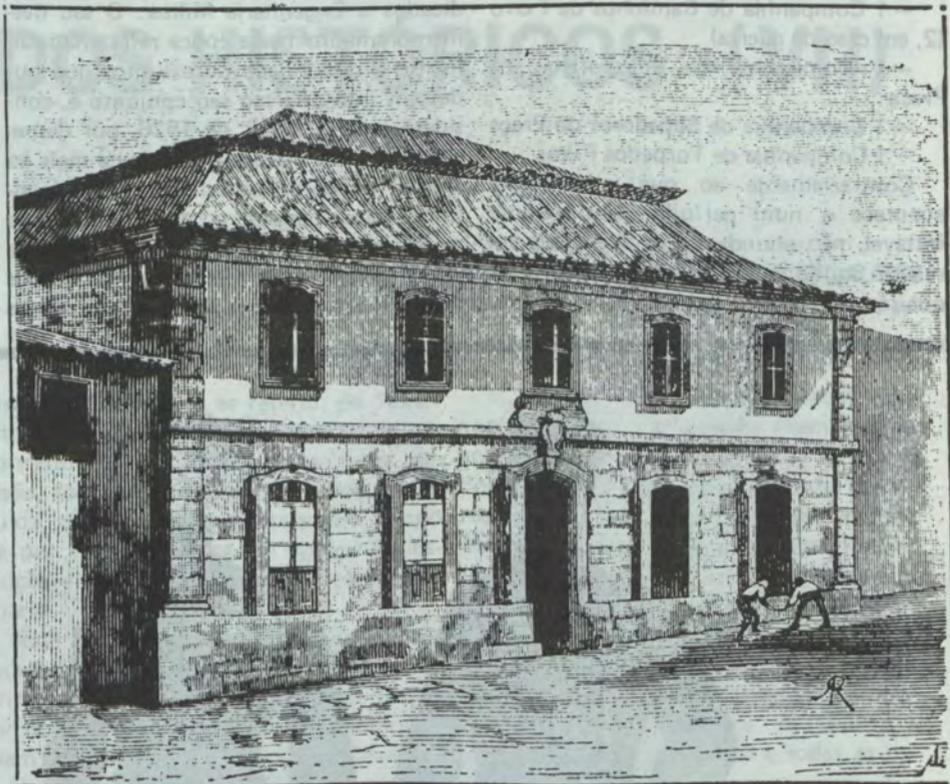
Sebastião José de Carvalho e Melo vai iniciar a luta contra eles tentando acabar com a sua influência nefasta, obstáculo à realização da obra de reconstrução nacional que imaginara.

Essa luta terminará com a sua expulsão de Portugal em 1759, sob a acusação de serem cúmplices nos atentados contra o rei.

## A NOBREZA

Ao mesmo tempo que apertava o cerco à Companhia de Jesus, atingia a nobreza, ferida nos seus interesses pela administração férrea do primeiro-ministro.

É evidente que os nobres iam criando obstáculos ao caminho traçado, tentando a intriga e a bajulação do rei — "que passava mais tempo a



CASA DA VILA DE POMBAL — onde faleceu o Marquês.

caçar do que a tratar das coisas do reino" — mas este não tomava quaisquer providências.

A nobreza mais afectada não lhe perdoa.

## OS ATENTADOS

Então, na noite de 3 de Setembro de 1758, na estrada de Belém, dá-se o primeiro atentado contra D. José. Mas o bacamarte do Duque de Aveiro falha o alvo.

Na segunda emboscada, os autores ferem o rei no braço — mas esse facto irá salvar-lhe a vida, pois desvia-se do caminho habitual (onde estavam preparadas outras emboscadas para o matarem) para ir ao cirurgião tratar-se...

Era o que o ministro português esperava para lançar o golpe final nos cabecilhas da nobreza.

Todas as investigações foram feitas no mais apertado silêncio. Em processo sumário e misterioso foi proferida a sentença a 12 de Janeiro de 1759, condenando ao cadafalso os implicados no crime: os Távora, o Conde de Atouguia, o duque de Aveiro e outros. Os culpados foram executados em Belém. Torturados primeiro, foram queimados depois de executados e outros queimados vivos, como era costume na época.

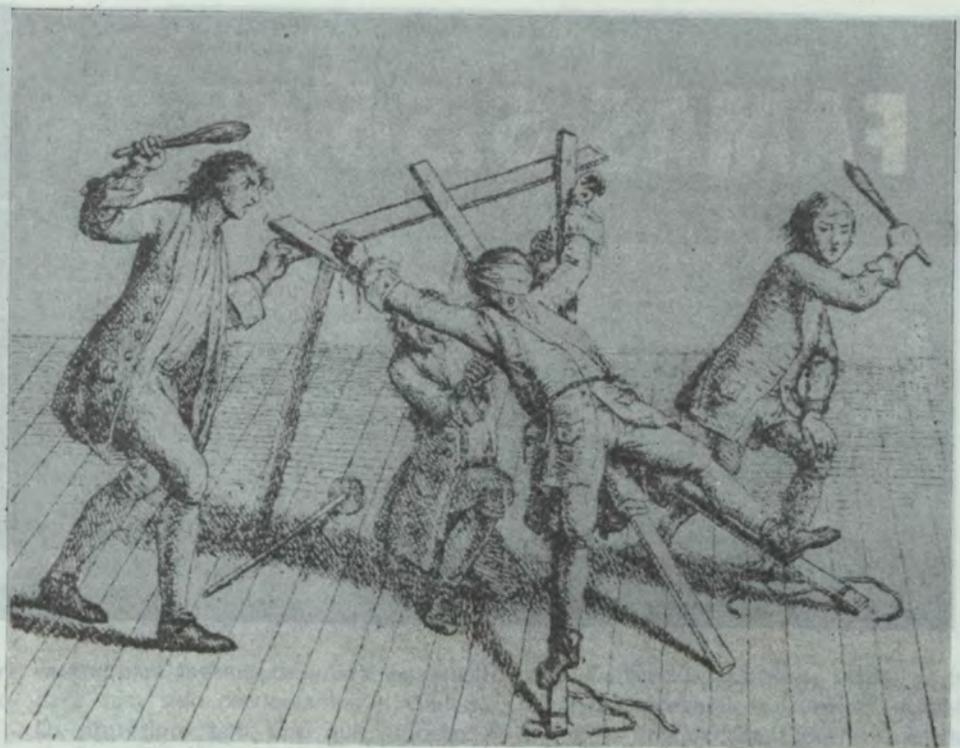
No dia seguinte, 14 de Janeiro de 1759, Sebastião José de Carvalho e Melo era feito Conde de Oeiras, fazendo-lhe o rei mercê da Vila de Pombal.



EXECUÇÃO DA MARQUESA DE TÁVORA  
De um documento da época.



EXECUÇÃO DO DUQUA DE AVEIRO  
de um documento da época.



EXECUÇÃO DE JOSÉ MARIA DE TÁVORA — de um documento da época.

## O EXÉRCITO

Para organizar um exército regular moderno e disciplinado, que fizesse frente às pretensões de Espanha, que queria anexar Portugal — enquanto a França, sua aliada, ficaria com algumas colónias — o ministro chamou ao reino o conde de Lippe, que em pouco tempo levantou um exército de 45.000 homens.

Com a Espanha derrotada, é assinado o tratado de Fontainebleau que os força a abandonar os nossos territórios.



WILHELMI

REGIERENDER GRÄF ZU SCHAUMBURG-LIPPE

General der Infanterie der Armee des Königs von Portugal und  
Algerien, sowie auch General der Kavallerie des Königs  
von Preussen, Ritter des königlichen Preussischen Ordens des  
Adlers.

## MARQUÊS DE POMBAL

Em 1770, o rei, em recompensa de tantos e valiosos serviços, fá-lo Marquês de Pombal.

## A REFORMA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A reforma da Universidade de Coimbra foi um dos trabalhos a que o Marquês de Pombal, mais atenção deu, e para o qual muito contribuiu Pascoal de Melo, lente da universidade. O atraso dos estudos superiores era grande, igno-

rava-se todo o movimento de renovação que ia pela Europa.

A reforma pombalina foi radical. E até audaciosa e progressiva para a época.

## O DECLÍNIO

Em 1774, D. José é acometido de uma apoplexia, que o deixará combalido para o resto da vida. Em 1776 é forçado a ficar de cama — e a rainha assume a regência.

Ainda o rei não tinha morrido e já um cardeal da família dos Távoras — mas que renegara tal facto para salvar a pele... — se lançava ferozmente nas intrigas contra o primeiro-ministro. Com uma conduta pouco recomendável, consegue, mesmo assim, insinuar-se junto do marido da futura rainha — D. Maria I. E assim, quando o rei morre, a 25 de Fevereiro de 1777, logo no dia seguinte os amigos e familiares do Marquês de Pombal começam a cair sob as mais diversas acusações — na impossibilidade e medo de o acusarem frontalmente.

Como sempre sucede, os que o tinham bajulado, cobriam-no agora de insultos.

Com o pretexto da sua avançada idade, o ministro pede então a demissão.

A rainha aceita e o Marquês retira-se para a sua Vila de Pombal, julgando poder acabar os seus dias longe das intrigas e das invejas.

Mas no dia 9 de Setembro de 1779 chegam a Pombal dois funcionários que iniciam os interrogatórios ao ex-primeiro-ministro, acusado de ter enriquecido à custa do Estado.

Com oitenta anos, o Marquês de Pombal tentou suportar cinco meses consecutivos de interrogatórios, confiado na justiça que haveria de sobrepôr-se à maldade dos homens.

O homem que enriquecera o Tesouro, que animara e fizera evoluir com as suas reformas progressistas e de larga visão a indústria, o comércio, a pesca, a Marinha e o Exército; que reformara a instrução; que enfim, levantara o

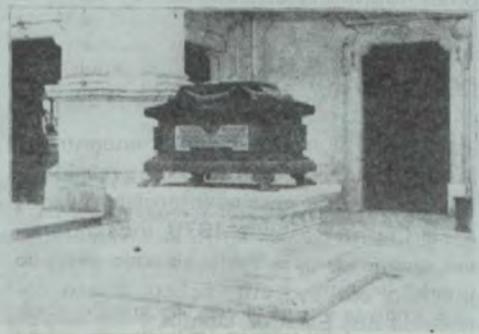
País do abatimento e miséria em que vegetara, vencendo em vinte e sete anos do seu governo o atraso do seiscentismo português, ia acabar os seus dias condenado — não preso numa masmorra porque a sua idade levava a rainha a ceder-lhe essa mercê...

Morre no dia 8 de Maio de 1782, quando a Rainha, num rebate tardio de consciência, consentia que ele fosse "a ares para as Caldas da Rainha"...

Morria assim uma das figuras mais curiosas da nossa História.

Em toda a sua obra procurou consagrar a autoridade do Estado por meio de um despotismo virado ao progresso — numa altura em que o despotismo era a política dominante na Europa.

O Marquês de Pombal será sempre uma figura controversa da História de Portugal.



# FAMAS 5.56 FI

## O PASSO EM FRENTE

Trad. de SOARES DO AMARAL  
(da Revista TAM)

Em 1971, o Comando confiou à MAS — Manufatura Nacional de Armas de Saint-Étienne—a missão de estudar e fabricar uma arma moderna destinada a substituir a espingarda, a pistola-metralhadora e, em certa medida, a espingarda-metralhadora. Em Julho último, foram recebidos os primeiros lotes de FAMAS; desde agora cognominado "clarim", o contrato fora respeitado. A carreira operacional da nova espingarda de assalto vai começar antes do fim do ano.

Para a fabricação manufatura que tem já no seu activo as célebres espingardas Chassepot, Gras e Lebel, trata-se do regresso a uma produção tradicional em que dá, desta vez, ainda, o melhor da sua arte e da sua imaginação. Chegada hoje ao termo da industrialização, a MAS acaba de equipar as suas cadeias em máquinas-ferramentas modernas que permitirão fazer seguir progressivamente o ritmo de produção, actualmente de quinhentas espingardas por mês, ao seu ritmo de cruzeiro de quatro mil. Em comparação com as espingardas concorrentes, o FAMAS, pelas suas originalidades de concepção e de perfil, não se fica atrás. Apresentado no concurso de armas ligeiras da OTAN, acaba de obter notáveis resultados.

### A ÚNICA ARMA QUE DISPARA GRANADAS

À boca duma espingarda, encontra-se sempre uma munição. A escolha recaiu sobre a 5.56 após ensaios intensivos levados a efeito entre 1962 e 1970, incidindo na velocidade da bala no seu poder e na sua precisão em tiro automático. Muito conhecida nos Estados Unidos e em outros

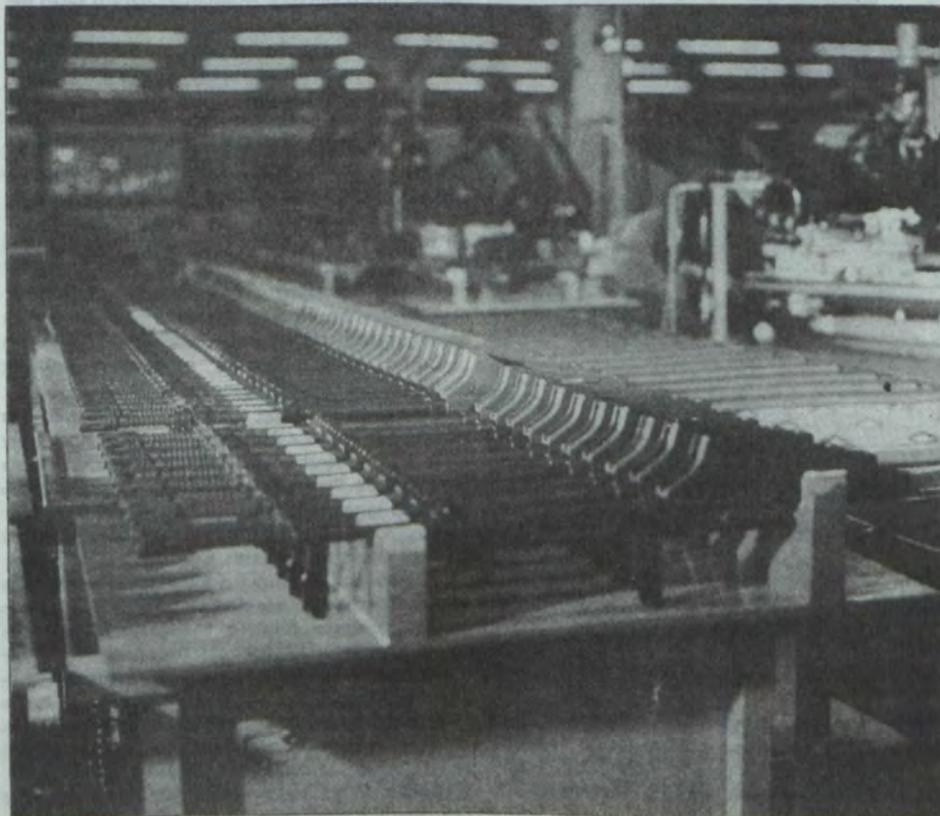
numerosos países, permite uma estandarização muito útil em tempo de guerra.

Os gabinetes de estudo da MAS debruçaram-se, a partir de 1971, sobre projectos de espingardas, utilizando esta munição, e fabricaram diversos protótipos. A decisão de equipar os exércitos com tal material foi tomada em 1975, com um caderno de encargos de exigências modestas, tiro a tiro, e de rajada, e o lançamento de granadas, não existindo este último aperfei-

çoamento em nenhum outro concorrente. Daí que o ano de 1979 tenha sido apontado para a entrega do primeiro lote de série.

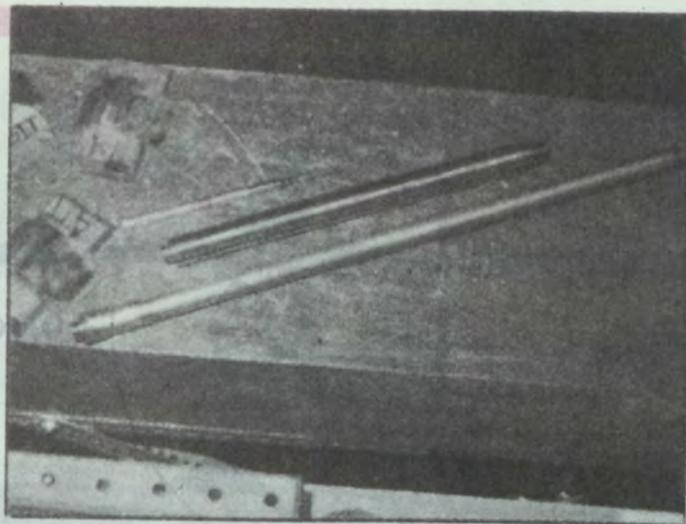
Forçada a uma contagem decrescente, a fábrica aperfeiçoa os seus protótipos para se fixar sobre o A/ em 1977: este será o construído. A título de experiência, ela confia uma pré-série ao 75o. R.I. de Valença, com o qual se estabelece um diálogo utilizador-fabricante que permite os

Na oficina de montagem, as primeiras armas de série em acabamento.





A desempenagem dos canos



O cano, antes e após martelagem a frio; o método, muito moderno, aumenta a longevidade do cano.

últimos aperfeiçoamentos de pormenor. Simultaneamente põe em funcionamento as cadeias de fabrico.

#### INSUBSTITUÍVEL: O OLHO DO ARMEIRO

Entre 1956, data da concepção da última espingarda fabricada, e hoje, as técnicas evoluíram profundamente. São elas as máquinas-ferramentas de comando numérico, instalações de martelagem a frio dos canos e instrumentos de controlo sofisticados que entram nas oficinas; tantos são os progressos que melhorarão os resultados alcançados e a qualidade do produto. No meio deste desencadear de técnicas, só o olho do armeiro não encontrou concorrente cibernético: a última correcção à rectidão do cano, chamada desempenagem, far-se-à, então, à mão... como outrora.

Os engenheiros não escondem o seu orgulho por terem obtido um resultado tão satisfatório: uma arma tornada ligeira pela utilização de materiais plásticos e de ligas leves, capaz de disparar granadas, e com um certo número de "achados", fruto da imaginação dos que a conceberam, posta ao serviço das necessidades do comprador: uma pastilha luminescente que materializa, de noite, a linha de tiro, a possibilidade de apontar, à direita e à esquerda, o limitador da rajada, a três tiros para economizar as munições...

#### QUALIDADE PRIMORDIAL: A "ROBUSTEZ"

Aparentemente curta, a "FAMAS" possui um cano maior do que a maior parte dos seus homólogos, e os seus resultados são-lhe, em tudo, pelo menos, equivalentes, inclusivé a sua "fiabilité". Funda-

mental para as armas de guerra, esta qualidade tem sido particularmente cuidada. Os protótipos têm tido que suportar a lama, a água de mar, a areia, o calor, o frio, e satisfazer esta exigência draconiana: em cada dez mil tiros disparados pela arma, são toleradas menos de quinze avarias menores e menos de cinco outras necessitando mudança de uma peça. Nenhum acidente crítico é admitido. Ora, a duração média de vida de uma arma é calculada em dez mil tiros.

#### Verificação das medidas das peças fabricadas



Os Comandos, depois as tropas de intervenção, receberão as primeiras FAMAS; dentro de uma década, todas as Unidades deverão estar equipadas com elas. A adopção de uma nova arma individual constitui uma etapa na vida de um exército e, sabendo-se que a História tem tendência para se repetir, apostamos que, no próximo século, se ouvirá dizer, aqui e ali: "Tu sabeś, pequeno, a "FAMAS" era alguma coisa..."

L.V.PATENÔTRE  
(Fotos TAM)

1580



1980

Coord. de B. P.

Raro é o conhecimento de que se passou com Luís Vaz de Camões no seu tempo, quer simples notas quer documentos oficiais e, mesmo, quando em 1572 OS LUSÍADAS foram publicados não continham qualquer elemento biográfico a seu respeito. Mesmo dos documentos em arquivo na Torre do Tombo que se lhe referem, aliás uma escassa meia dúzia, nenhum habilita a determinar a data e o local do seu nascimento.

Assim, pode supor-se que o nascimento do primeiro filho de Simão Vaz de Camões deve ter ocorrido em 1524 ou 1525, e é provável que tenha passado a infância em Coimbra; é, também, de admitir ter sido orientado na aquisição da sua vasta cultura humanística por seu tio D. Bento de Camões, prior do Convento de Santa Cruz e chanceler da Universidade, e esta mesma cultura pode ter acontecido sem frequência regular dos cursos da Universidade, onde o seu nome não consta dos registos escolares.

A sua cultura clássica abrangeu poetas latinos e filósofos gregos, além de Petrarca e Dante, que eram seus preferidos. A Geografia, a História antiga, dos romanos e dos gregos como dos povos da Península Ibérica, a Astronomia e as artes militares tudo conhecia e, mais do que isso, tinha sempre presente, dado que grande parte das suas citações latinas escritas na Ásia e na África foram feitas de memória porque era improvável que Camões, pobre soldado endividado e afastado da pátria durante dezassete anos, pudesse ter na sua bagagem os preciosos livros da época.

Em 1549, já em Lisboa e na corte, Camões contaria 24 anos e a sua juventude e interesse pelas letras te-lo-ão levado a participar em intrigas que o obrigaram a lançar-se num tipo de vida que lhe proporcionaria elementos para a sua obra. Por esta altura, teve lugar o seu desterro

para Belver, no Alto Alentejo, consequência provável de amores mal-sucedidos. Algum tempo depois, provavelmente por despacho real, é transferido para Ceuta onde, numa refrega, perde um dos olhos.

Quando regressou a Lisboa já não encontrou os seus amigos do passado e, em 16 de Junho de 1552, por razões não conhecidas, feriu à espada e com gravidade um moço da Casa Real. Preso, ficou detido num cárcere da cidade, durante nove meses, sendo-lhe concedida, em 7 de Março de 1553, carta de perdão pelo rei, na sequência do perdão concedido pelo agredido. Poucos dias depois, Camões embarca na armada de Fernão Álvares Cabral para Goa, aonde chegou em Setembro. Esta longa jornada de seis meses deu-lhe material para as cenas marítimas de "Os Lusíadas". Da sua permanência em terras da Índia nasceram conceitos que ele pôs nos seus trabalhos em moldes que não eram os mais gratos. Participou em vá-

rias campanhas militares na Arábia, no Vietname e em Malaca, após o que partiu para Macau, onde fora nomeado Provedor-mor dos Defuntos e Ausentes. De todas estas actividades pôde juntar à sua cultura humanística o valor do "saber de experiência feito".

"Os Lusíadas" terão nascido na quase totalidade de tudo quanto viu e experimentou dessa longa experiência de dezassete anos por terras da Ásia.

Segundo se crê, não terá exercido em bons termos o seu cargo de provedor; assim, passado cerca de um ano após ter chegado a Macau, foi destituído e remetido, sob custódia, para Goa, onde deveria ser julgado. A nau em que viajava naufragou no delta do Mecong, e Camões terá sobrevivido por ter atingido o litoral a nado e, segundo se crê, salvando o seu poema.

Em Goa, mercê de amigos, conseguiu livrar-se do julgamento e obter a nomeação de feitor de Chaul, cargo que não che-



# VAZ DE CAMÕES

gou a ocupar, porque, entretanto, foi preso por dívidas, situação de pobreza que é uma constante da sua vida durante o seu longo desterro.

Finalmente, em 1567, parte da Índia, graças à concessão, por um capitão de uma nau, de uma passagem gratuita até Moçambique, onde permaneceu alguns meses, aperfeiçoando "Os Lusíadas". Chegou a Lisboa por ocasião de uma grande peste que assolou a cidade em 1568 e 1569, dando início a esforços para a publicação da sua obra.

Fez uma cópia especial que dedicou a D. Sebastião, que recebeu com agrado a oferta. Por alvará régio de Setembro de 1571 foi concedida licença de impressão e garantido a Camões os direitos de autor por dez anos. Publicado em 1572, o rei concede-lhe uma tença de quinze mil reis por ano.

A última fase da vida do poeta também nos surge envolta em conjecturas, mas, tendo em conta a exiguidade da tença real e também o atraso no seu pagamento é de aceitar o elevado grau de dificuldades com que Camões se debateria.

Em 10 de Junho de 1580, Luís Vaz de Camões expirava, numa altura em que Lisboa sofria nova e violenta peste que surgira em 1579 e só terminaria dois anos após.

Por esta época, onde reinava um verdadeiro caos, pela acumulação de cadáveres para serem inumados, o corpo do grande vate terá sido, simplesmente, envolto numa mortalha e lançado, como os de numerosas outras vítimas da epidemia, na cripta da igreja de Santa Ana, que o terramoto de 1755 destruiu, misturando ainda mais as ossadas que, ali jaziam. Em 1880, o Panteão dos Jerónimos recebeu todos os despojos mortais que foram encontrados, na esperança de que, entre eles, estivessem os restos do maior poeta português de todos os tempos.

#### Bibliografia:

Camões, o génio peregrino — Domingo de Mascarenhas

Camões, Pátria, Mundo — Antero Simões.



# APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DO CARRO DE COMBATE-XL OS CARROS NA SUÉCIA (II)

Terminamos, hoje, uma breve referência aos principais carros de combate da Suécia que iniciámos no número anterior com o IKV91. Referimos, neste número do JE, o "Strv 103", também designado o "Tank S", que iniciou o seu desenvolvimento em 1956. Foram ensaiados em 1963 cerca de uma dezena e a sua produção em série começou em 1967, entrando, então, ao serviço do Exército sueco.

Este carro de combate foge ao tipo normal de carros com torre, e a sua configuração marcou uma grande inovação que poderá, eventualmente, influenciar o "design" dos carros futuros.

Na realidade, este tipo de carro sem torre não é totalmente inédito, visto que os carros de 1916, tanto da Inglaterra como da França, não dispunham de torre; por outro lado, muitos dos construídos desde 1940 usavam este sistema e foram, então, chamados "canhões de assalto" ou "caçadores de carros", embora com as mesmas características dos carros normais e até tenham sido utilizados como se o fossem.

No entanto, o "Strv 103" difere, em muitos aspectos, do carro convencional e, até, do sem torre a que nos referimos, que se caracterizavam pelo giro lateral limitado do seu canhão. O autor do "design" do "Strv 103", Sven Berge, referia, em 1973, que este veículo sem torre tem a montagem do seu canhão 105 mm fixa ao casco. E, por isso, os seus movimentos de elevação e de depressão são feitos por alteração da inclinação do carro produzida por uma suspensão ajustada hidropneumática e os movimentos laterais por movimento de todo o carro, para o que dispõe de um sistema de direcção em duas fases, com accionamento hidrostático para deslocamentos pequenos e lentos, e de um mecanismo de embraiagem e de travagem para os deslocamentos rápidos.

Este tipo de montagem fixa do canhão ao casco proporciona: eliminação do espaço necessário, no interior do veículo, ao recuo da arma; elimina a necessidade de um carregador, dado dispor de um sistema de carregamento automático, reduzindo-se, assim, o espaço destinado a instalar a tripulação, que é de três homens; facilidade de condução que, aliada à dispo-



O "Strv 103" em posição de tiro.



O "Strv 103" adaptado para a transposição de um curso de água.



As posições — mais elevada e mais baixa — do canhão 105 mm do "Strv 103" (+12° a -10°)



ibilidade de um carregador automático, torna possível que, em casos de emergência, possa ser dirigido por um só homem.

Normalmente, estes sistemas de direcção integrados, (que os possui em duplicado), possibilitam que as missões a executar pelo chefe do carro o possam ser pelo condutor-atirador, o que diminui a fadiga da tripulação. Tripulação que dispõe de um terceiro homem, desnecessário para o combate, mas útil nos veículos de comandantes de secção e de companhia; este terceiro tripulante que fica instalado à retaguarda do condutor-atirador e com frente à retaguarda, maneja os rádios e tem, ao seu dispor, um outro sistema para condução, além de um vasto campo de observação. Desta maneira, o "Strv 103" pode ser conduzido em marcha atrás, tão facilmente como para a frente. Em consequência, nos movimentos retrógrados, pode marchar com o canhão a apontar ao inimigo, apresentando, por isso, a área de maior blindagem. De todas estas vantagens resultantes do sistema adoptado — ausência de torre e montagem fixa do canhão — ressalta a redução do espaço interior, o que leva a possuir uma maior protecção que a de veículos de peso igual. Por outro lado, resulta vantagem a sua maior simplicidade de manejo, que não exige uma acção coordenada de vários membros da tripulação, como no caso dos carros convencionais.

Mas o "Strv 103" tem as suas limitações, como é a sua aparente impossibilidade de disparar em movimento, a menos que o alvo surja em posição frontal.

Todavia, o condicionamento não é tão grande, assim. Senão, vejamos: nenhum carro é capaz de disparar em movimento com um máximo de probabilidade de êxito; de qualquer modo os aparelhos de direcção do chefe do carro são estabilizados em ordem a poder disparar em movimento; e para bater objectivos secundários, em movimento, dispõe da metralhadora montada na área do chefe do carro.

Do ponto de características técnicas, temos:

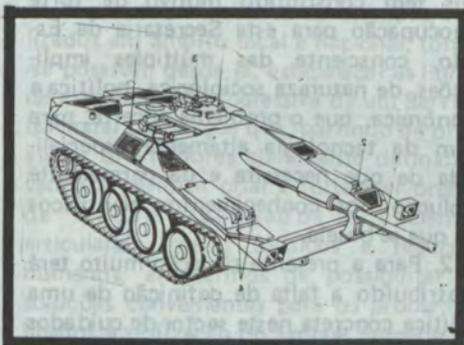
Com um peso de 37/39 toneladas, tem uma tripulação de 3 homens (chefe do carro e apontador, condutor à frente e



O "Strv 103" e o "Centurion" (britânico).

apontador, condutor à retaguarda e operador de rádio) e as seguintes dimensões: comprimento do casco: 6,9m; comprimento incl. canhão: 8,8m; altura: 1,90m; largura: 3,30m; altura do fundo ao solo: 0,50m/0,67m.

É propulsado por um motor Rolls Royce k-60 multicomcombustível de 6 cilindros, de 240 HP a 3750 r.p.m. e por uma turbina a gás Boeing 502 de 330 HP a 38.000 r.p.m. que estão instalados na proa e podem separadamente locomover o



HP/t e é capaz de transpor obstáculos horizontais da ordem dos 2,30 metros.

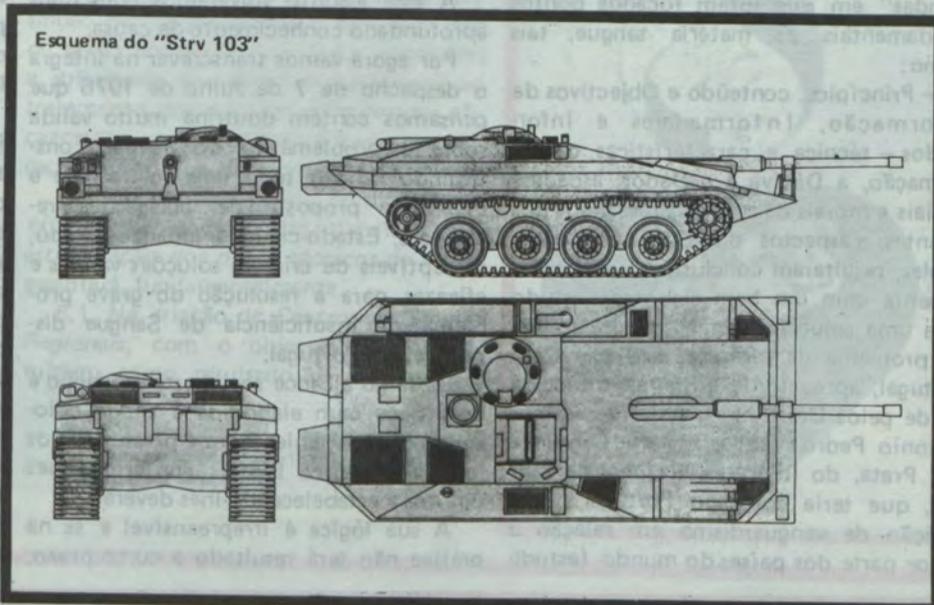
Como armamento principal, um canhão de fabrico britânico de 105 mm L7-41 com um tubo onze calibres mais comprido que a versão normal com 50 granadas dos tipos APDS, HE e de fumos num paiol que pode ser recarregado em 10 minutos. Estes tipos de granadas são seleccionados pelo chefe do carro ou pelo condutor-apontador e o canhão tem uma cadência de tiro da ordem dos 15/20 t.p.m.

Por utilização das suspensões dianteira e traseira, o canhão pode ser oscilado, por qualquer dos dois tripulantes, atrás referidos, na vertical entre + 12° a - 10°.



carro. Estes motores proporcionam uma velocidade máxima em estrada de 50 km/h e em TT de 35 km/h e uma autonomia de cerca de 360 km. A sua transmissão é de conversor de tanque acoplado a uma caixa com duas velocidades para a frente e outras tantas para a retaguarda.

A sua blindagem máxima é de 270 mm. Face àquelas características tem uma pressão no solo de 0,94 kg/cm<sup>2</sup>, uma relação potência/peso da ordem dos 18,7



Quanto aos deslocamentos laterais do armamento principal, podem — como já se disse — ser feitos pelos citados tripulantes, por rotação das lagartas.

Como armamento secundário tem duas metralhadoras coaxiais de fabrico belga e uma 7,62 mm para tiro antiaéreo.

\*\*\*

\*\*\*

# FALTA DE

# SANGUE

## EM PORTUGAL UM PROBLEMA QUE NOS CUMPRE E URGE RESOLVER

III

Por GABRIEL FERRÃO

Na introdução a esta série de artigos sobre a problemática do sangue prometemos aos nossos leitores abordar o tema na generalidade, traçando um vasto e ambicioso panorama de proposições, para cujo esclarecimento tanto quanto possível correcto teremos, gradualmente, que recorrer à prestimosa colaboração do Instituto Nacional do Sangue, à esclarecida informação do Sr. Dr. Abel Cancela de Abreu, antigo director do Instituto Nacional de Sangue e Director dos Serviços de Hemoterapia do Hospital de Santa Maria e à transcrição de largas passagens das intervenções dos Senhores Dr. Eugénio Corte Real, Professor Dr. Almeirindo Lessa, Dr. Rogério Ribeiro, Engenheiros Couto Soares e António Sarmiento, Dr. Silva Araújo, Dr. José Cabral, Dr. Francisco do Carmo Pacheco e Dr. Moreno Rodrigues, nas chamadas mesas redondas realizadas no Hospital de Santo António do Porto, em 15 e 16 de Dezembro de 1972. Dessas "mesas redondas" em que foram focados pontos fundamentais da matéria sangue, tais como:

— Princípios, conteúdo e Objectivos da informação, Informadores e Informados — técnica e características da informação, a Dádiva e o Dador, aspectos sociais e morais da cedência de sangue aos doentes, e aspectos da Economia Hospitalar, resultaram conclusões que conjuntamente com um bem elaborado estudo para uma solução técnico-administrativa do problema da carência de Sangue em Portugal, apresentado ao então titular da Saúde pelos Drs. Abel Cancela de Abreu, António Pedro Franco, Carlos de Oliveira e Dr. Prata, do Instituto Nacional de Sangue, que teria colocado Portugal numa posição de vanguardismo em relação à maior parte dos países do mundo (estudo

esse que talvez por miopia governativa se não concretizou) viriam a estar na base do fundamental do despacho de 7 de Julho de 1976 do Secretário de Estado da Saúde, Dr. Albino Aroso, que viria a ser confirmado como base sobre a qual assentaria o despacho de 28 de Fevereiro de 1977 do Secretário de Estado da Saúde, Dr. Adalberto Paulo da Fonseca Mendo, que designava uma *Comissão Executiva do Serviço Nacional de Sangue*, presidida pelo Dr. António Pedro Franco. Embora conhecendo a constituição da referida Comissão e as suas atribuições gerais e especiais, não nos deteremos por ora sobre os resultados do seu labor, que quiçá por motivos de ordem económica, entraves burocráticas, carências de disponibilidade de meios humano-financeiros e falta de apoios estruturais, ou outros, consequentes da real crise nacional que tem vindo a agravar-se nos parece não ter conseguido resolver tudo quanto por despacho lhe era suposto dever realizar.

A este assunto volveremos com mais aprofundado conhecimento de causa.

Por agora vamos transcrever na íntegra o despacho de 7 de Julho de 1976 que pensamos contém doutrina muito válida sobre a problemática do Sangue, constituindo no seu todo uma sólida base e criteriosa proposta de obrigações recíprocas, Estado-cidadão, cidadão-Estado, susceptíveis de criarem soluções válidas e eficazes para a resolução do grave problema da insuficiência de Sangue disponível em Portugal.

De largo alcance social, este despacho é uma peça bem elaborada e válida, colocando os intervenientes que pressupõe nos seus verdadeiros lugares conferindo-lhes direitos e estabelecendo-lhes deveres.

A sua lógica é irrepreensível e se na prática não terá resultado a curto prazo,

dadas as degradadas condições do País real em que vivemos e das inadiáveis carências da sua população em gravosa situação de quase total desmobilização para os grandes problemas do colectivo, quase por completo voltada para as suas preocupações do imediato, desconcentrada para se deter sobre as implicações do futuro da sua vivência comunitária numa sociedade em que todos precisam de todos, um dia chegará em que determinada a luta do custe o que custar da sobrevivência individual ele será sem dúvida um tema de reflexão que permitirá com pequenos ajustamentos tornar-se num sólido ponto de partida para a ansiada garantia de segurança, vida e saúde para a colectividade, meta final que solucionando os problemas inerentes à disponibilidade de sangue se visa alcançar.

### DESPACHO

1. A profunda desarticulação dos recursos técnicos e humanos que afecta a utilização terapêutica do sangue no nosso país tem constituído motivo de forte preocupação para esta Secretaria de Estado, consciente das múltiplas implicações, de natureza sociológica, política e económica, que o problema encerra, para além da tecnologia altamente especializada de que necessita e da permanente evolução dos conhecimentos científicos em que se baseia.

2. Para a presente situação muito terá contribuído a falta de definição de uma política concreta neste sector de cuidados de saúde, claramente evidenciada pela ausência, quase total, de diplomas, ou outras disposições legais, fixando normas reguladoras da actuação dos serviços especializados, quer oficiais quer particulares, ao contrário do que foi acontecendo na maioria dos outros países, cuja legislação manifesta, de um modo geral, a preocupação fundamental de garantir condições de segurança eficazes para a colheita e utilização terapêutica do sangue.

3. A consagração, na Constituição da República Portuguesa, do direito, para todos, à protecção da saúde, e, também, do dever de a defender e promover, atribuindo prioritariamente ao Estado, entre outras, a incumbência de garantir o acesso de todos os cidadãos, independentemente das suas condições económicas, aos cuidados da medicina preventiva, curativa, e de reabilitação, assim como a de disciplinar e controlar a produção, comercialização e uso, não só dos produtos químicos e farmacêuticos, mas também dos produtos biológicos e outros meios de diagnóstico e tratamento (entre os quais terá, forçosamente, de incluir-se o sangue,

seus componentes e derivados), garantindo, simultaneamente, uma racional e eficiente cobertura médica e hospitalar do País, vem, agora, ao somar-se à necessidade de modificar a situação existente, tornar particularmente desejável e urgente a definição da política estrutural a prosseguir neste sector.

4. Nestas condições, analisada cuidadosamente a situação, ouvidos os especialistas e as instituições interessadas, quer directamente quer através de trabalhos, pareceres e opiniões tornadas públicas por diversos meios, conhecida a evolução dos problemas ligados à utilização terapêutica do sangue em outros países e discutidas com alguns responsáveis as medidas adoptadas e os resultados obtidos, ponderadas as orientações aconselhadas pelos organismos internacionais especializados, mantido bem presente o condicionalismo real da sociedade portuguesa e os objectivos que a Constituição aponta para o seu desenvolvimento, tendo particularmente em atenção o consenso geral e a opinião pública, manifestada, quer em comentários, notícias e opiniões, expressos de um modo espontâneo através dos meios de comunicação social, quer na sequência de inquéritos e colheita de opiniões, realizados em âmbito local e nacional, torna-se possível, desde já, estabelecer as linhas de estruturação progressiva de um Serviço Nacional de Sangue que, partindo de princípios orientadores claramente definidos, venha a permitir criar e fortalecer órgãos de acção adequados e eficientes, articulando meios técnicos e recursos humanos, em termos de possibilitar as soluções convenientes para os problemas ligados à utilização do sangue humano no tratamento de doentes.

5. Ao traçarem-se as linhas gerais de estruturação de um Serviço Nacional de Sangue deverão, assim, ser tomados em conta, como fundamentais, os seguintes princípios orientadores:

a) — Garantia de gratuidade total no recurso à terapêutica pelo sangue e/ou seus componentes, para todo e qualquer doente que dela necessite, em todas e quaisquer circunstâncias.

b) — Garantia de acesso de todos os doentes à utilização terapêutica do sangue, em igualdade total de direitos para idêntico grau de necessidade terapêutica, sejam quais forem as condições socio-económicas e assistenciais em que se encontrem.

c) — Atribuição do direito à utilização terapêutica do sangue reservada somente ao doente, por motivo e em função da sua doença, com exclusão expressa de quaisquer outros condicionamentos ou situações de privilégio, nomeadamente as que possam derivar de regalias ou com-



penções por dádivas de sangue, próprias ou alheias.

d) — Ausência de qualquer direito de posse sobre o sangue, ou de limitação ou condicionamento da sua correcta utilização, por parte de pessoas singulares ou de agrupamentos colectivos, que tenham cedido sangue para fins terapêuticos. Com efeito,

e) — O sangue, uma vez colhido, deve ser considerado um valor sem preço, entregue à comunidade que, por meio das suas instituições oficiais, providenciará no sentido da sua conservação e correcta utilização, de acordo com os mais elevados padrões científicos, sem desperdício, nem discriminações de quaisquer natureza.

f) — Compete ao Estado, por intermédio das instituições e órgãos de acção que lhe são próprios, assegurar a toda a população os meios necessários à obtenção, conservação, preparação, aproveitamento e correcta utilização do sangue.

g) — Cabe a todos os cidadãos, em boas condições de saúde e de idade, sem distinção de classes, grupos, profissões, raça ou sexo, contribuir para tornar disponível a suficiência de sangue indispensável ao tratamento dos doentes, consideradas eficazmente garantidas pelo Estado as obrigações e direitos anteriormente definidos.

6. Tendo sempre em conta os princípios orientadores assim estabelecidos, a estruturação dos meios técnicos de acção assentará, fundamentalmente,

6.1. Na criação de *Centros de Sangue Regionais*, com o objectivo de constituírem, como resultado da sua própria

actividade de colheita, Bancos de Sangue que garantam a suficiência necessária aos hospitais e instituições hospitalares da região, assim como a constituição de reservas destinadas a acorrer a situações de emergência local.

6.2. Na reestruturação do *Instituto Nacional de Sangue*, ao qual deverá atribuir-se, essencialmente, a centralização dos meios técnicos de apoio especializado aos Centros Regionais, aos hospitais e à população em geral, assim como a orientação e coordenação dos meios técnicos relacionados com a obtenção e utilização dos derivados do sangue, para além da colaboração com os Centros Regionais nas medidas de carácter geral e local relativas à colheita de sangue e da coordenação da utilização dos meios técnicos disponíveis, em situações de emergência de âmbito nacional.

7. A estruturação dos meios de informação e de promoção da dádiva de sangue compreenderá, essencialmente:

7.1. A criação de um organismo central de coordenação da informação e das acções de promoção da dádiva de sangue, com as atribuições principais de:

a) — Definir e realizar toda uma política de motivação da dádiva que exclua a noção do direito a regalias ou compensações de qualquer ordem — social, assistencial ou material — mas assente na responsabilização de cada indivíduo pela sua própria segurança pessoal, conseguida por meio da participação activa de todos os cidadãos — incluindo a sua própria — na manutenção de uma suficiência colectiva de sangue, bastante para as necessidades da comunidade a que pertença.

b) — Esclarecer amplamente a população sobre os circuitos e esquemas estruturais de utilização do sangue, tornando

(Continua na pág. 32)



Figura central de um cartaz do Instituto Nacional do Sangue.

José de Botelho Carvalho Araújo, Oficial de Marinha, nasceu na cidade do Porto em 1881, participou na revolução do 5 de Outubro e fez parte das Constituintes de 1911 como deputado por Vila Real.

O monumento, que se ergue no topo da avenida principal da cidade, apresenta-nos uma figura em bronze do ilustre oficial numa atitude de energia e de decisão: os braços estendidos, um pouco afastados do corpo, e os punhos cerrados.

Na base do pedestal vemos dois lutadores hercúleos em esforço de vigoroso combate; um deles, mostrando uma musculatura desconforme está praticamente retido pelos punhos do outro, de corpo mais correctamente musculado.

Os lutadores simbolizam a energia latina em oposição ao forte génio alemão.

A obra é da autoria do escultor Anjos Teixeira e foi inaugurada em 1924.

Notável foi a acção da nossa Marinha de Guerra, que se desenrolou a cerca de 280 milhas de Ponta Delgada; heróico o comportamento do caça-minas "Augusto de Castilho" comandado pelo Primeiro-Tenente Carvalho Araújo, torpedeado em 14 de Outubro de 1918 pelo submarino U-139, quando escoltava o "S. Miguel" que seguia da Madeira para os Açores cheio de passageiros e de carga.

O episódio é assim descrito pelo distinto historiador Damião Peres:

Ao alarme — submarino à vista! — o Comandante do caça-minas, Carvalho Araújo, compreendeu que cumpria dar tempo ao "S. Miguel" para se pôr a salvo e, como o alcance de tiro do navio português era muito menor do que o do barco inimigo, meteu resolutamente a proa na sua direcção enquanto o paquete se afastava à velocidade máxima de 14 nós. O "Augusto Castilho" foi em breve atingido, ficando ferido de morte o Aspirante Elói de Freitas e gravemente o Apontador."

"Informado o Comandante de que as munições iam muito em breve faltar, responde secamente: — Hei-de morrer como um português! — e sem hesitação ordena aos homens do leme, para o duelo de morte: — Bombordo, todo!. O inimigo porém reconhecendo a táctica afasta-se de novo. Então Carvalho Araújo apenas com 42 granadas, ao fim de duas horas de fogo resolve: — o paquete está salvo, vou retirar".

"Quase simultaneamente mais dois tiros. O Imediato Manuel Armando Ferraz

## MONUMENTO A CARVALHO ARAUJO VILA-REAL

1881-1918

Face esquerda:  
MORTO PELA PÁTRIA EM COMBATE  
COM OS ALEMÃES

Face direita:  
POR SUBSCRIÇÃO NACIONAL  
14-10-1931

Face posterior: "TENHO DE CONFESSAR QUE O ATAQUE FOI FEITO PELO CAÇA-MINAS COM UM BRIO E UMA TENACIDADE NUNCA OBSERVADOS NOS OUTROS INIMIGOS E QUE A VALENTIA COM QUE ESSE NAVIO SE ARROJOU SOBRE O MEU SUBMARINO ME PROVOCOU ADMIRAÇÃO".

— Palavras do comandante do Submarino alemão

Na base ainda podemos ver um bronze com motivos náuticos e também uma placa em bronze com a legenda: HOMENAGEM DE VILA REAL A CARVALHO ARAUJO NO CINQUENTENÁRIO DO COMBATE EM QUE MORREU PELA PÁTRIA — 14-10-931

é de novo ferido e Carvalho Araújo cai de braços no convés, o peito dilacerado, esfacelado um pé, dizendo em voz sumida sentindo decerto, na amargura da prematura despedida de uma existência em plena juventude, a última alegria de um grande acto de abnegação heróica: — Morro!.

O caça-minas mergulhou pela pôpa só se salvando agarrados a destroços, os 7 Marinheiros que se encontravam de meia nau para vante e foram recolhidos pelo "Bérrio".

O inimigo reconheceu a dedicação patriótica e o heroísmo demonstrados naquela luta. O Comandante do U-139 afirmou mais tarde: "Era uma antiquada e mísera canhoneira, sem peças capazes de competir com as nossas e tinha uma guarnição por metade da do nosso navio. Eu nunca vi uma luta mais valente do que a sustentada por aquele calhambeque. Os portugueses combatiam como diabos".

O monumento apresenta-nos as seguintes inscrições:

Face frontal:  
A CARVALHO ARAUJO



# anedota

EU NÃO PERCEBO  
NADA DE PINTURA,  
MAS PARECE-ME NÃO  
HAVER NECESSIDADE  
DE MODELO PARA  
PINTAR AS PAREDES  
DA SALA DO SOLDADO...

70/10/11



# SÉRIE **CAMÕES**

## "OS LUSÍADAS"

Episódio de **FERNÃO VELOSO**



1

Mas já o Planeta que no céu primeiro  
Habita, cinco vezes apressada,  
Agora meio rosto, agora inteiro,  
Mostrara, enquanto o mar cortava a armada,  
Quando da etérea gávea um marinheiro,  
Pronto cō a vista...



Salta no bordo alvoraçada a gente, com os olhos postos no horizonte...

Depois da tempestade e do susto que passámos, bom é ver terra, Fernão Veloso...

Bem o dizeis...

Parecem nuvens, não terra, os montes que enxergamos...



Vasco da Gama dá ordens para que alguns homens se preparem para desembarcar com ele, a fim de que possam saber, com a ajuda do astrolábio, em que terra estão...



# 20 ANOS AO SERVIÇO DO EXÉRCITO

PARA  
O JORNAL DO EXÉRCITO  
DO C.E.M.E.



EM PERIGOS

E GVERRAS

ESFORÇADOS

1960-1980



# MENSAGEM PARA O JORNAL DO EXÉRCITO DO C.E.M.E.

A vida e acção de um jornal é um repositório de actos inteligentes, muita abnegação, convergência de vocações e grande entusiasmo.

Cada exemplar traz consigo um sentimento de realização, o espírito da sua definição original e, sempre, a visão exigente da sua projecção e aperfeiçoamento para o futuro.

O JORNAL DO EXÉRCITO, que ora comemora o seu 20o. aniversário, vocacionado para ser um órgão de informação, cultura e recreio do Exército Português e promover a difusão dos conhecimentos e problemas militares no seio do Exército e no meio da população civil, tem cumprido, com muita vontade e sentido de dever, a missão para que foi criado.

O Chefe do Estado-Maior do Exército, certo de que o JORNAL DO EXÉRCITO continuará a ser uma publicação actual virada ao futuro e que, sem desfalecimentos, estará sempre presente no caminho que há 20 anos traçou, saúda todos quantos nele trabalham, seus colaboradores, assinantes e leitores, exortando a todos para que a rota a percorrer seja seguida com o mesmo entusiasmo e dedicação como foi até aqui.

Lisboa, 14 de Dezembro de 1979

*António de Almeida*



## DO DIRECTOR DO JORNAL DO EXÉRCITO

Com o presente número entra o "Jornal do Exército" no seu 21o. ano de existência.

São 20 anos de dificuldades e canseiras, que têm sido vencidas à custa de muito trabalho e muita dedicação pelas sucessivas equipas sempre reduzidas — quer na Direcção, quer na Redacção, quer nos serviços Administrativos — que não se têm poupado a esforços para que o "Jornal" saia com a maior regularidade.

"Órgão de informação, cultura e recreio" e, ainda, destinado a promover a difusão dos conhecimentos e problemas militares, não só no seio do Exército como no da população civil, tem o "Jornal do Exército" procurado dar cumprimento da melhor forma à missão que lhe foi imposta, o que nem sempre tem sido fácil e, porque não dizê-lo, nem sempre tem sido conseguido.

Não basta a colaboração apaixonada do corpo redactorial, composto, apenas, por um chefe de redacção, um redactor, um orientador gráfico paginador e um revisor, a que podemos juntar uma dezena de colaboradores que asseguram, praticamente, as várias secções permanentes do "Jornal".

Torna-se necessária — e mais uma vez fazemos este apelo — a colaboração de todos a quem o "Jornal" se dirige, desde os militares (de todas as graduações) aos numerosos civis que são seus assinantes, para que possamos manter uma informação actualizada sobre a vida das unidades e outros assuntos de interesse para o Exército (particularmente de acontecimentos que se articulem com a vida civil local) completada com assuntos de carácter técnico, histórico, literário, artístico e desportivo e relatos de acontecimentos exemplares que mereçam ser divulgados.

A este meu apelo desejo acrescentar, no início do 21o. ano de vida do "Jornal", as minhas mais cordiais saudações para todos os leitores e, aproveitando o princípio do Novo Ano, os meus votos das maiores felicidades para 1980.



Ministério do Exército - Repartição do Gabinete

**Portaria**

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, que, na dependência directa da Direcção do Serviço de Pessoal e no âmbito das atribuições que a esta são conferidas pela alínea e) do artigo 62.º do Decreto-Lei n.º 42564, de 7 de Outubro de 1959, seja criado um órgão de informação, cultura e recreio do exército português.

Este órgão de imprensa, que terá administração autónoma, será designado por *Jornal do Exército* e poderá chamar a si, de futuro, a edição de quaisquer outras publicações que tenham por objectivo melhorar o moral e o bem-estar do pessoal ou se destinem a promover a difusão dos conhecimentos e problemas militares, não só no seio do Exército como no da população civil, tanto na metrópole como no ultramar.

As actividades do *Jornal do Exército* serão reguladas por um estatuto, que deverá ser submetido à apreciação do Ministro do Exército.

Ministério do Exército, 14 de Julho de 1960. —  
O Ministro do Exército, Afonso Magalhães de Almeida Fernandes.

Na tarde de 7 de Dezembro de 1959 reuniram-se, numa dependência do Colégio Militar, alguns oficiais. Eram eles o, então, Brigadeiro David dos Santos e os Majores Pinto Coelho, Balula Cid, Eduardo Fernandes, Tavares de Figueiredo e, ainda, o Capitão José Marques do Q.S.G.E..

**Porquê e para quê esta reunião?**

É que estes oficiais se constituíram "alma" de uma ideia: a da publicação, destinada ao Exército, de um jornal que, até então, jamais existira ao nível deste ramo das nossas Forças Armadas.

Por isso, naquela recuada tarde de Dezembro de 1959, aquele grupo de oficiais ali se reuniu para discutir "as directivas para a execução do primeiro número de um jornal para o Exército" (1) cuja proposta havia sido, entretanto, aprovada pelo Ministro do Exército de então (2) que, por via disso, havia nomeado director o Brigadeiro David dos Santos e, também, aos restantes oficiais presentes para as seguintes funções: chefe da redacção, Major Balula Cid; redactores, os Majores Pinto Coelho, Tavares de Figueiredo e Eduardo Fernandes, que haveriam de acumular estas funções com as de carácter administrativo, por decisão e nomeação do director do jornal.

Mas como havia de se designar a publicação? Posta a discussão dos propostos títulos, "Jornal do Soldado", "O Exército" e JORNAL DO EXÉRCITO, venceu o último, que é o actual.

E foi, naquele mesmo Estabelecimento de Ensino (o Colégio Militar) que, a título provisório, ficou instalada a sua sede, por amável ce-

dência do seu director o, então, Brigadeiro Pereira de Castro.

Em 12 de Janeiro do ano seguinte, nova reunião para a elaboração e discussão de uma proposta de estatuto do jornal e, ulterior apresentação ao Ministro do Exército, para aprovação. Numa terceira reunião, em 18 do mesmo mês, foi tomado conhecimento do despacho que haviam merecido as propostas postas à consideração do Ministro e que foi do seguinte teor: "o jornal seria designado JORNAL DO EXÉRCITO ou, simplesmente, O EXÉRCITO, teria uma tiragem inicial de 20.000 exemplares e a sua sede provisória seria instalada no antigo quartel do R.I. 1, na Calçada da Ajuda, sede, aliás, que não chegou a ser utilizada.

E, já em 25 de Janeiro, era tomado conhecimento do despacho que havia merecido a proposta feita, através da Direcção do Serviço de Pessoal, ao Ministro do Exército para a "criação oficial do Jornal" do seguinte teor: "Aprovo, com a maior satisfação, a presente proposta que vem ao encontro de uma aspiração que, há muito, acalentávamos e que as circunstâncias parecem tornar agora oportuna".

No dia seguinte, foi dada execução à transferência da sede provisória do jornal, do Colégio Militar para o segundo andar do prédio, onde já estavam instaladas várias secções dos Serviços Cartográficos do Exército, na Rua da Escola Politécnica.

E, ainda que o JORNAL DO EXÉRCITO tenha iniciado a sua publicação, já em Janeiro de 1960, só em 14 de Julho é publicada a Portaria que o cria. Esta é do seguinte teor: "Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército que, na dependência directa da Direcção do Serviço de Pessoal e no âmbito das atribuições que a esta são conferidas pela alínea e) do artigo 62.º do Decreto-Lei no. 42564 de 7 de Outubro de 1959, seja criado um órgão de informação, cultura e recreio do Exército Português. Este órgão de Imprensa, que terá administração autónoma, será designado por JORNAL DO EXÉRCITO e poderá chamar a si, de futuro, a edição de quaisquer outras publicações que tenham por objectivo melhorar a moral e o bem-estar do pessoal ou se destinem a promover a difusão dos conhecimentos e problemas militares, não só no seio do Exército como no da população civil, tanto na Metrópole como no Ultramar. As actividades do JORNAL DO EXÉRCITO serão reguladas por um estatuto, que deverá ser submetido à apreciação do Ministro do Exército.

Ministério do Exército, 14 de Julho de 1960.

O Ministro do Exército, Afonso Magalhães de Almeida Fernandes".

Este o resultado material de meses de trabalho constante e de enorme entusiasmo de um punhado de oficiais que sentiam e viviam integralmente a sua tarefa, em que acreditavam, de construir um jornal para o Exército, o JORNAL DO EXÉRCITO.

Mas as dificuldades não ficaram por aí, porque foram uma constante (e ainda são!) da vida desta publicação que viveu e vive, porque sucessivos pequenos punhados de entusiastas, dos que acreditavam, nisso se empunharam, uns nas áreas administrativas, outros no trabalho mais directo da feita mensal do jornal — contra ventos e tempestades — redigindo, traduzindo, condensando, compilando, criando e, até, solicitando uma vez, e outra vez e outra, ainda, a todos quantos quisessem cooperar e ajudar neste trabalho de "informação, cultura e recreio" em proveito de quantos constituem esta grande família que é o Exército.

Do estatuto determinado pela portaria que

criou o jornal foi feito um projecto emendado, mais tarde, por ordem do Ministro e, desde então e por força das contingências que se formularam, a partir de 1961, não mais foi revisto e, hoje, esse estatuto ainda não existe senão por força dos vinte anos de vida regular que o JORNAL DO EXÉRCITO leva.

Todavia, parâmetros houve que se cumpriram por força decisória; assim, o director do Jornal passou a ser, por inerência de função, o Director do Serviço de Pessoal do Ministério do Exército, sendo o subdirector aquele a quem, por delegação e sob direcção daquele, caberia dirigir e representar oficialmente o jornal.

Só, em passado recente, o JORNAL DO EXÉRCITO passou a depender do Estado-Maior do Exército e tem um director, nomeado por este órgão do Exército e a quem cabe a direcção do Jornal, o seu impulsionamento por forma a dar-lhe vida e interesse, e a orientação que, a cada momento, mais convenha, e sua representação pública e oficial.

Em 1963, a sede do jornal passa para o local actual, Largo da Graça, 94.

Ao longo destes vinte anos de vida passaram, pelo "J.E." servindo, muitos Oficiais e Sargentos, entre outros dos quais conseguimos referir com os postos que, àquelas datas, possuíam: Além do grupo inicial, que já citámos, podemos referir o Major José S. Assunção, Coronel Jorge S. G. Pereira de Carvalho, Coronel Jaime Tavares Banzol, Coronel José Ferreira de Lemos (actualmente, Brigadeiro), Coronel Fernando Godofredo da Costa Nogueira de Freitas, Coronel Carlos M. B. Pinto, Cor. António Santos, Coronel Orlando Oliveira, Capitão Diniz, Tenente Moraes, Tenente Ribeiro, Alferes Meneses, além doutros.

Dos Sargentos recordamos o 1o. Sargento Paulo Dias, 2o. Sargento Carvalho Proença, o 1o. Sargento Couto, o Sargento Chefe Nelson, o Sarg. Ajud. Cunha, o 1o. Sargento Pasadas, etc. e, ainda, um sem número doutros colaboradores de quem lembramos o 1o. Cabo Desenhador Victor Ribeiro e os 1os. Cabos da G.N.R. Grilo e Borges e, ainda, o Soldado-escriturário José David Francisco.

De referir, dois dos mais antigos colaboradores do "J.E.", o dr. Gabriel Ferrão que, desde Julho de 1969 é orientador gráfico e o senhor Roberto Ferreira, revisor do Jornal desde os mais remotos tempos.

Do jornal foram directores, uns por inerência de função, outros por nomeação superior, o General David dos Santos (Janeiro 1960-Maio-1961), Brigadeiro Amaro Romão (Junho 61-Fevereiro-62), Brigadeiro Fernando de Chaby Júnior (Março 1962-Fevereiro-66), Brigadeiro Adriano Augusto Pires (Março 65-Outubro-67), General José de Oliveira Vitoriano (Novembro 67-Julho-69), Cor. Tir. C.E.M. Carlos Mariano Algeos Aires, (mais tarde, Brigadeiro), (Agosto 1969-Janeiro-72), Brigadeiro Orlando Ferreira Barbosa (Maio 72-Setembro-73), General Américo Agostinho Mendonça Frazão (Janeiro 74-Abril-74), Cor. Tir. Luís dos Santos Pinto, (Maio 74-Julho-74), Cor. Brigadeiro José Ferreira de Lemos (Novembro 75-Março-76) e o Coronel Fernando Godofredo da Costa Nogueira de Freitas, que desde Outubro de 1976 é o Director nomeado do JORNAL DO EXÉRCITO.

Ao ter completado, em 31 de Dezembro de 1979, o seu vigésimo aniversário, o JORNAL DO EXÉRCITO prepara-se, com a boa vontade de sempre, para as suas bodas de prata que estão à vista e, a todos quantos integram o Exército — razão principal da sua existência — saúda e formula os melhores votos de bem servir.

Jornal do **EXÉRCITO**

# COMO NASCEU E EVOLUIU AO LONGO DE 20 ANOS





Ministério do Exército - Repartição do Gabinete

**Portaria**

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, que, na dependência directa da Direcção do Serviço de Pessoal e no âmbito das atribuições que a esta são conferidas pela alínea e) do artigo 62.º do Decreto-Lei n.º 42564, de 7 de Outubro de 1959, seja criado um órgão de informação, cultura e recreio do exército português.

Este órgão de imprensa, que terá administração autónoma, será designado por *Jornal do Exército* e poderá chamar a si, de futuro, a edição de quaisquer outras publicações que tenham por objectivo melhorar o moral e o bem-estar do pessoal ou se destinem a promover a difusão dos conhecimentos e problemas militares, não só no seio do Exército como no da população civil, tanto na metrópole como no ultramar.

As actividades do *Jornal do Exército* serão reguladas por um estatuto, que deverá ser submetido à apreciação do Ministro do Exército.

Ministério do Exército, 14 de Julho de 1960. —  
O Ministro do Exército, Afonso Magalhães de Almeida Fernandes.

Na tarde de 7 de Dezembro de 1959 reuniram-se, numa dependência do Colégio Militar, alguns oficiais. Eram eles o, então, Brigadeiro David dos Santos e os Majores Pinto Coelho, Balula Cid, Eduardo Fernandes, Tavares de Figueiredo e, ainda, o Capitão José Marques do Q.S.G.E..

Porquê e para quê esta reunião?

É que estes oficiais se constituíram "alma" de uma ideia: a da publicação, destinada ao Exército, de um jornal que, até então, jamais existira ao nível deste ramo das nossas Forças Armadas.

Por isso, naquela recuada tarde de Dezembro de 1959, aquele grupo de oficiais ali se reunira para discutir "as directivas para a execução do primeiro número de um jornal para o Exército"

(1) cuja proposta havia sido, entretanto, aprovada pelo Ministro do Exército de então (2) que, por via disso, havia nomeado director o Brigadeiro David dos Santos e, também, aos restantes oficiais presentes para as seguintes funções: chefe da redacção, Major Balula Cid; redactores, os Majores Pinto Coelho, Tavares de Figueiredo e Eduardo Fernandes, que haveriam de acumular estas funções com as de carácter administrativo, por decisão e nomeação do director do jornal.

Mas como havia de se designar a publicação? Posta a discussão dos propostos títulos, "Jornal do Soldado", "O Exército" e JORNAL DO EXÉRCITO, venceu o último, que é o actual.

E foi, naquele mesmo Estabelecimento de Ensino (o Colégio Militar) que, a título provisório, ficou instalada a sua sede, por amável ce-

dência do seu director o, então, Brigadeiro Pereira de Castro.

Em 12 de Janeiro do ano seguinte, nova reunião para a elaboração e discussão de uma proposta de estatuto do jornal e, ulterior apresentação ao Ministro do Exército, para aprovação. Numa terceira reunião, em 18 do mesmo mês, foi tomado conhecimento do despacho que haviam merecido as propostas postas à consideração do Ministro e que foi do seguinte teor: "o jornal seria designado JORNAL DO EXÉRCITO ou, simplesmente, O EXÉRCITO, teria uma tiragem inicial de 20.000 exemplares e a sua sede provisória seria instalada no antigo quartel do R.I. 1, na Calçada da Ajuda, sede, aliás, que não chegou a ser utilizada.

E, já em 25 de Janeiro, era tomado conhecimento do despacho que havia merecido a proposta feita, através da Direcção do Serviço de Pessoal, ao Ministro do Exército para a "criação oficial do Jornal" do seguinte teor: "Aprovo, com a maior satisfação, a presente proposta que vem ao encontro de uma aspiração que, há muito, acalentávamos e que as circunstâncias parecem tornar agora oportuna".

No dia seguinte, foi dada execução à transferência da sede provisória do jornal, do Colégio Militar para o segundo andar do prédio, onde já estavam instaladas várias secções dos Serviços Cartográficos do Exército, na Rua da Escola Politécnica.

E, ainda que o JORNAL DO EXÉRCITO tenha iniciado a sua publicação, já em Janeiro de 1960, só em 14 de Julho é publicada a Portaria que o cria. Esta é do seguinte teor: "Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército que, na dependência directa da Direcção do Serviço de Pessoal e no âmbito das atribuições que a esta são conferidas pela alínea e) do artigo 62o. do Decreto-Lei no. 42564 de 7 de Outubro de 1959, seja criado um órgão de informação, cultura e recreio do Exército Português. Este órgão de Imprensa, que terá administração autónoma, será designado por JORNAL DO EXÉRCITO e poderá chamar a si, de futuro, a edição de quaisquer outras publicações que tenham por objectivo melhorar a moral e o bem-estar do pessoal ou se destinem a promover a difusão dos conhecimentos e problemas militares, não só no seio do Exército como no da população civil, tanto na Metrópole como no Ultramar. As actividades do JORNAL DO EXÉRCITO serão reguladas por um estatuto, que deverá ser submetido à apreciação do Ministro do Exército.

Ministério do Exército, 14 de Julho de 1960.

O Ministro do Exército, Afonso Magalhães de Almeida Fernandes".

Este o resultado material de meses de trabalho constante e de enorme entusiasmo de um punhado de oficiais que sentiam e viviam integralmente a sua tarefa, em que acreditavam, de construir um jornal para o Exército, o JORNAL DO EXÉRCITO.

Mas as dificuldades não ficaram por aí, porque foram uma constante (e ainda são!) da vida desta publicação que viveu e vive, porque sucessivos pequenos punhados de entusiastas, dos que acreditavam, nisso se empunharam, uns nas áreas administrativas, outros no trabalho mais directo da feitura mensal do jornal — contra ventos e tempestades — redigindo, traduzindo, condensando, compilando, criando e, até, solicitando uma vez, e outra vez e outra, ainda, a todos quantos quisessem cooperar e ajudar neste trabalho de "informação, cultura e recreio" em proveito de quantos constituem esta grande família que é o Exército.

Do estatuto determinado pela portaria que

criou o jornal foi feito um projecto emendado, mais tarde, por ordem do Ministro e, desde então e por força das contingências que se formularam, a partir de 1961, não mais foi revisto e, hoje, esse estatuto ainda não existe senão por força dos vinte anos de vida regular que o JORNAL DO EXÉRCITO leva.

Todavia, parâmetros houve que se cumpriram por força decisória; assim, o director do Jornal passou a ser, por inerência de função, o Director do Serviço de Pessoal do Ministério do Exército, sendo o subdirector aquele a quem, por delegação e sob direcção daquele, caberia dirigir e representar oficialmente o jornal.

Só, em passado recente, o JORNAL DO EXÉRCITO passou a depender do Estado-Maior do Exército e tem um director, nomeado por este órgão do Exército e a quem cabe a direcção do Jornal, o seu impulsionamento por forma a dar-lhe vida e interesse, e a orientação que, a cada momento, mais convenha, e sua representação pública e oficial.

Em 1963, a sede do jornal passa para o local actual, Largo da Graça, 94.

Ao longo destes vinte anos de vida passaram, pelo "J.E." servindo, muitos Oficiais e Sargentos, entre outros dos quais conseguimos referir com os postos que, àquelas datas, possuíam: Além do grupo inicial, que já citámos, podemos referir o Major José S. Assunção, Coronel Jorge S. G. Pereira de Carvalho, Coronel Jaime Tavares Banazol, Coronel José Ferreira de Lemos (actualmente, Brigadeiro), Coronel Fernando Godofredo da Costa Nogueira de Freitas, Coronel Carlos M. B. Pinto, Cor. António Santos, Coronel Orlando Oliveira, Capitão Diniz, Tenente Moraes, Tenente Ribeiro, Alferes Meneses, além doutros.

Dos Sargentos recordamos o 1o. Sargento Paulo Dias, 2o. Sargento Carvalho Proença, o 1o. Sargento Couto, o Sargento Chefe Nelson, o Sarg. Ajud. Cunha, o 1o. Sargento Pasadas, etc. e, ainda, um sem número doutros colaboradores de quem lembramos o 1o. Cabo Desenhador Victor Ribeiro e os 1os. Cabos da G.N.R. Grilo e Borges e, ainda, o Soldado-escriurário José David Francisco.

De referir, dois dos mais antigos colaboradores do "J.E.", o dr. Gabriel Ferrão que, desde Julho de 1969 é orientador gráfico e o senhor Roberto Ferreira, revisor do Jornal desde os mais remotos tempos.

Do jornal foram directores, uns por inerência de função, outros por nomeação superior, o General David dos Santos (Janeiro 1960-Maio-1961), Brigadeiro Amaro Romão (Junho 61-Fevereiro-62), Brigadeiro Fernando de Chaby Júnior (Março 1962-Fevereiro-66), Brigadeiro Adriano Augusto Pires (Março 65-Outubro-67), General José de Oliveira Vitoriano (Novembro 67-Julho-69), Cor. Tir. C.E.M. Carlos Mariano Algeos Aires, (mais tarde, Brigadeiro), (Agosto 1969-Janeiro-72), Brigadeiro Orlando Ferreira Barbosa (Maio 72-Setembro-73), General Américo Agostinho Mendonça Frazão (Janeiro 74-Abril-74), Cor. Tir. Luís dos Santos Pinto, (Maio 74-Julho-74), Cor. Brigadeiro José Ferreira de Lemos (Novembro 75-Março-76) e o Coronel Fernando Godofredo da Costa Nogueira de Freitas, que desde Outubro de 1976 é o Director nomeado do JORNAL DO EXÉRCITO.

Ao ter completado, em 31 de Dezembro de 1979, o seu vigésimo aniversário, o JORNAL DO EXÉRCITO prepara-se, com a boa vontade de sempre, para as suas bodas de prata que estão à vista e, a todos quantos integram o Exército — razão principal da sua existência — saúda e formula os melhores votos de bem servir.

## Jornal do **EXÉRCITO**

# COMO NASCEU E EVOLUIU AO LONGO DE 20 ANOS





## DIRECTOR

Coronel Fernando G. da Costa Freitas



Alf. Caetano Menezes, chefe secretaria



Teresa Felicíssimo, escrit.-dactil.



Raimundo S. Varela, motorista civil



## REDACÇÃO

### CHEFE DA REDACÇÃO

Coronel Carlos M.B. Pinto

## SERVIÇOS GERAIS



Arminda Lino, auxiliar 1a. cl.



Sold. Paulo Rosa, ordenança



Dr. Gabriel Ferrão, orientador gráfico



Capitão José M. Dinis, secretário



Roberto Ferreira, revisor

## COLABORADORES PERMANENTES



Cor. Bastos Moreira



Maj. Carlos F. Alfeires



Cap. Vasco Moura



Tenente Manuel Morais, tesoureiro



Alice Falcão, escrit.-dactil.



1o. Sarg. Carlos Couto, cobrança e publicidade

## CONSELHO ADMINISTRATIVO



Luís Machado, 3o. oficial



Serafim Coutinho, escrit.-dactil.



Cap. Eduardo Gonçalves



1o. Sarg. Élio Morgado



Joaquim Prazeres



Baptista Mendes



José Manuel Mendes (Zé Manel)



Nuno Vasco

## EXPANSÃO E VENDAS



Tenente António Ribeiro, chefe



Maria Adelaide F. dos Santos, escrit.-dactil.



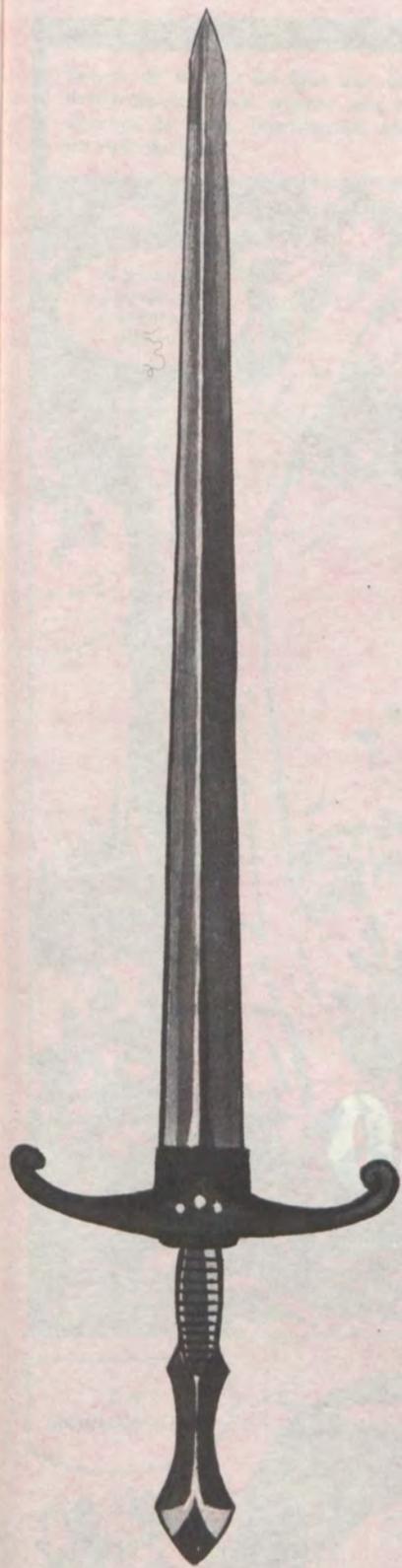
Sarg. Ajud. Ventura S. Cunha, adjunto

## A DIREITA

António Filipe (AFAC)

Manuel R. Rodrigues





# DA REDACÇÃO AOS LEITORES

À passagem dos vinte anos de trabalho do "JORNAL DO EXÉRCITO" cumprirá à sua Redacção referir e saudar todos os camaradas que, neste departamento, essencial em qualquer publicação, deram o melhor do seu esforço para que os leitores pudessem ser os beneficiários de uma missão que nos foi dada para cumprimento.

E nós que, ao longo dos últimos cinco anos, pudemos avaliar as tremendas dificuldades que se põem à organização e montagem de uma publicação com as características específicas de um jornal para o Exército — quer em pessoal quer em material — sabemos quanto de querer, de entusiasmo e de crer foram indispensáveis às sucessivas equipas que integraram as diversas redacções durante este, já longo, período.

Para todos os que nos precederam, a nossa saudação amiga e o nosso reconhecimento pelo espírito que quiseram e souberam criar, nesta casa, em prol da "informação, cultura e recreio" de quantos passaram, passam e hão-de passar nas fileiras do Exército Português. Mas temos de reconhecer, dada a dificuldade de colaboração com que sempre nos temos debatido, o excelente espírito e o valioso trabalho dos nossos seccionistas regulares — quer militares, quer civis — e, também, dos colaboradores eventuais, sem os quais nos teria sido impossível fazer com que o "JORNAL DO EXÉRCITO" saísse para as mãos dos, ainda muitos, leitores interessados do Continente, Ilhas e do Estrangeiro.

Não temos outras credenciais, que nos qualifiquem, que não sejam a boa vontade e o espírito de bem cumprir mas, na medida em que estas possam ser de alguma utilidade para o "JORNAL DO EXÉRCITO" e os seus leitores, afirmamos com sinceridade que estaremos prontos, enquanto em funções, a dar todo o nosso esforço para a dignificação permanente do jornal que é de todos e para todos quantos, de alguma maneira, estão ligados ao Exército. Só que, conscientes dos nossos condicionamentos, ousamos esperar que as colaborações futuras sejam em maior número, por aumento do interesse de quem as pode e sabe fazer, que são grande parte dos elementos que integram o nosso Exército.

A REDACÇÃO

1960

1980



Depois da tromba de água que desabara sobre a armada, desmorteando-a, era urgente essa verificação – e o aparecimento da costa, providencial. Além disso, era urgente a provisão de água...

Já passamos a grande meta, o Semicapro Peixe...



Entretanto, Fernão Veloso e alguns amigos, desejosos de verem coisas estranhas, inspeccionam a terra, aventurando-se para o interior. Nisto...

Quedos! Vêde...



Um estranho de pele preta, apanhava favos de mel...



E se o apanhássemos? ...

Novas nos poderíamos dar. Contentes ficaríamos o Gama...

É p'ra já!



continua



Por ÉLIO MORGADO

## "CLOSE UP" DO SISTEMA JUPITERIANO-I AS NAVES "VOYAGER ENVIARAM PARA A TERRA DADOS INÉDITOS SOBRE JÚPITER E SEUS SATÉLITES

Até há pouco tempo, conheciam-se relativamente bem apenas quatro corpos do sistema solar (exceptuando, como é óbvio, a própria Terra). Esses corpos são: a Lua, Mercúrio, Vénus e Marte. Os leitores que têm acompanhado esta secção do JORNAL DO EXÉRCITO verificaram-no ao lerem a série de artigos publicados entre Dezembro de 1975 e Agosto de 1976, artigos onde foram focados os factos mais relevantes dos principais planetas do sistema solar.

A partir de Março do ano passado, porém, mais alguns nomes foram aumentar a mencionada lista: Júpiter e alguns dos seus satélites (Almatea, Io, Ganimedes, Calisto e Europa), e isto graças a duas naves automáticas americanas lançadas na direcção dos planetas gigantes do sistema solar. A primeira, denominada "Voyager-1", cruzou o espaço vizinho de Júpiter em Março de 1979, tendo atingido o ponto mais próximo do planeta no dia 5 desse mês, e, antes de prosseguir viagem em direcção a Saturno, enviou para a Terra cerca de 18 mil fotografias.

A segunda nave, a "Voyager-2", também visitou o mini-sistema jupiteriano, tendo atingido o ponto mais próximo a 9 de Julho do ano passado.

### REGISTADAS TEMPERATURAS DE MILHÕES DE GRAUS

Como já dissemos, antes de se dirigir para Saturno, a "Voyager-1" enviou para a Terra alguns milhares de fotografias, tanto de Júpiter como de alguns dos seus satélites. Sessenta dias antes de atingir o ponto da máxima proximidade de Júpiter, a totalidade do planeta foi fotografada a cores, mostrando, com bastante pormenor, a evolução da atmosfera do "pater deorum". Passados quarenta e oito dias, ou seja a uma distância de doze dias do ponto de "encontro", a nave já estava demasiadamente perto para conseguir fotografias globais de Júpiter, pelo que, então, foram seleccionadas determinadas zonas de maior interesse e fotografadas mais detalhadamente. As câmaras e os instrumentos de análise da "Voyager-1" registaram factos de tal maneira inesperados, que os cientistas afirmaram: "a sensação de novidade não poderia ter sido maior se se tratasse de qualquer outro sistema planetário que não o sistema solar".

O ponto mais próximo de Júpiter atingido pela nave situou-se a 348.890 quilómetros do centro do planeta, ou seja a uns 276 mil quilómetros de distância das nuvens mais elevadas. A "Voyager-1" tinha sido programada para fotografar cinco dos treze satélites de Júpiter: Almatea, o mais próximo do seu suzerano e descoberto em 1892; e ainda os quatro satélites de Galileu, observados pela primeira vez por este cientista em 1610: Io, Europa, Ganimedes e Calisto.

A nave passou a distância razoável de Almatea, pelo que apenas as suas dimensões puderam ser verificadas com relativo rigor: 265 por 140 quilómetros, o que quer dizer que aquele satélite joviano tem forma elipsoidal. Os quatro satélites galileanos mostraram ser bastante diferentes uns dos outros. Ganimedes, o maior de todos, tem uma densidade tão baixa que, provavelmente, é formado por elevada percen-

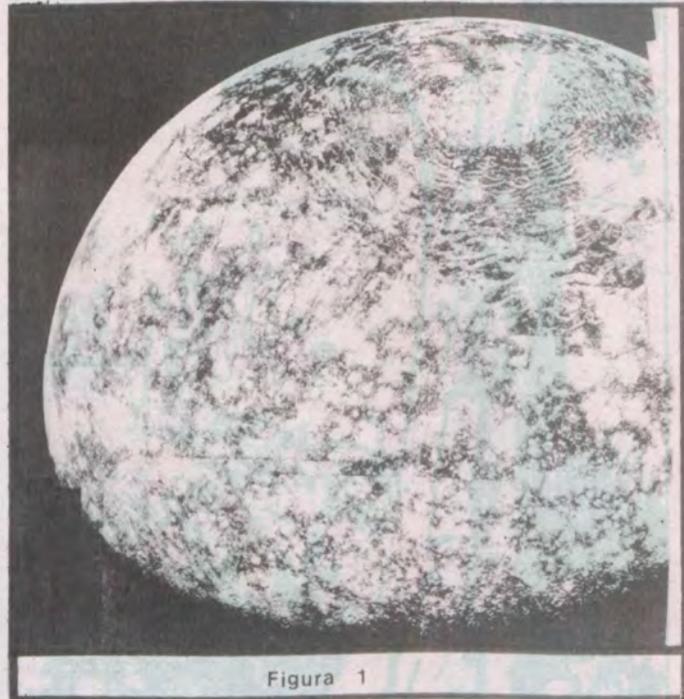


Figura 1

tagem de água, atingindo talvez os cinquenta por cento. Calisto, de aparência mais escura, mostrou-se ainda menos denso do que Ganimedes; provavelmente, será detentor de maior percentagem de água. O acidente mais característico da sua superfície é uma bacia circular, maior do que qualquer outra existente na Lua, em Mercúrio e mesmo na Terra.

Europa foi fotografada a maior distância e, por isso, menos pormenorizadamente. Contudo, a sua aparência também se pode considerar original. Se bem que não possua vestígios visíveis de impactos de meteoritos, apresenta, por outro lado, enorme profusão de linhas que se entrecruzam, linhas com larguras variáveis entre 50 e 200 quilómetros e comprimentos avaliados em milhares de quilómetros.

Io, por seu turno, é de longe o mais estranho objecto do sistema solar. Um pouco maior do que a Lua, não mostra, porém, os acidentes característicos do nosso satélite natural. A sua superfície assemelha-se a uma manta de retalhos de diversas cores: vermelho, laranja, castanho



Figura 2

## O QUE "VIRAM" AS CÂMARAS DA "VOYAGER-1"

Neste artigo inserimos algumas fotografias divulgadas pela N.A.S.A. e obtidas pelas câmaras existentes a bordo da "Voyager-1". Assim, a figura 1 dá-nos um aspecto de Calisto. Como se pode verificar, o conjunto é uma montagem de diversas fotografias obtidas de uma distância de 200 mil quilómetros. A superfície do astro apresenta-se uniformemente coberta de crateras devidas ao impacto de meteoritos. Na parte superior do mosaico fotográfico vê-se uma vasta bacia, rodeada de ranhuras concêntricas que se estendem até bastante longe, isto tudo sobre um terreno de estrutura glaciar.

A figura 2 mostra-nos um aspecto da superfície de Ganimedes, observada de uma distância de 250 mil quilómetros. O solo, rochoso e sombrio, coberto aqui e ali por gelos, encontra-se rasgado por fendas, cuja origem poderá ser atribuída a impactos de meteoritos.

Na figura 3 podemos observar parte do disco de Júpiter, notando-se facilmente a complexidade do movimento dos componentes da atmosfera. Podem, também, distinguir-se dois dos satélites do gigantesco planeta, Io e Europa, cujas órbitas se encontram, respectivamente, às distâncias de 350 mil e 600 mil quilómetros.

A figura 4 apresenta-nos dois aspectos de Io. No enquadramento, este satélite de Júpiter foi fotografado a uma distância de 380 mil quilómetros. As manchas negras são depósitos vulcânicos; as manchas brancas

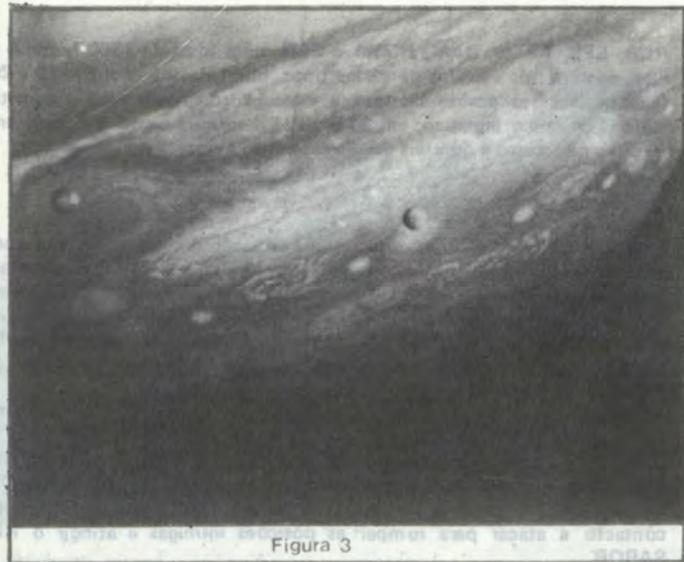


Figura 3

cinzento e branco-sujo. Partindo do princípio da não existência de crateras de origem meteorítica, Io, evidentemente, teve de sofrer erosões intensas ao longo da sua existência. Por outro lado, a obliteração dos acidentes que tivessem, outrora, marcado a sua superfície, pode também ser atribuída à mais espectacular descoberta do "Voyager-1": a presença de, pelo menos, sete vulcões em actividade. Os gases expelidos por esses vulcões serão, talvez, ricos em enxofre e seus compostos, o que explicaria a variedade das cores observadas. Aqueles gases podem também ser os responsáveis pelo rasto de sódio que preenche a órbita de Io. Este fenómeno, aliás, já era do conhecimento dos cientistas terrestres, pois fora verificado, em 1973, por intermédio de instrumentos sediados na Terra.

Outro fenómeno não menos interessante foi o registo, pelos instrumentos a bordo da nave espacial, da temperatura mais alta encontrada até à data. Quando a "Voyager-1" cruzou os domínios mais afastados da magnetosfera de Júpiter, a cerca de cinco milhões de quilómetros do planeta, atravessou uma área ocupada por fina camada de plasma, cuja temperatura se elevava a 300 milhões de graus Kelvin. A análise demonstrou que o plasma detectado era constituído principalmente por íões de hidrogénio, hélio, oxigénio, enxofre e, em menor escala, sódio.



Figura 4



Figura 5

representam gelos que cobrem, em parte, enormes extensões de sais de enxofre. A fotografia maior, obtida pouco mais ou menos à mesma distância, mostra uma das erupções vulcânicas de que falámos mais atrás: é claramente visível sobre o limbo do astro, projectando-se contra o fundo negro do céu.

Finalmente, a figura 5 mostra-nos outro aspecto de Io. Desta vez, porém, a fotografia foi obtida a uma distância muito menor: "apenas" 31 mil quilómetros, e pode observar-se uma formação vulcânica do tipo "caldeira".

No próximo número do JORNAL DO EXÉRCITO daremos a conhecer aos nossos leitores mais fotografias de Júpiter e de seus satélites, além do que inseriremos um mosaico fotográfico mostrando os anéis de Júpiter. Sim, estimados leitores, Júpiter foi o terceiro membro a ser admitido no restrito clube de que apenas faziam parte Saturno e Urano.

\* \* \*



## NA RMN

Na sequência dos exercícios "MERCÚRIO 78" e "FLECHA", e de acordo com o planeamento da instrução do Exército para 1979, a RMN executou o exercício "FALCÃO".

Desenvolvendo-se numa situação tática ofensiva, que incluía a rotura de uma posição inimiga, seguida de exploração do sucesso, o exercício "FALCÃO" destinou-se, fundamentalmente, a testar o grau de operacionalidade das forças da RMN para actuarem em ambiente convencional, concluindo assim mais um período de instrução dos quadros e das tropas.

O exercício "FALCÃO" teve por cenário o planalto de MORAIS, que se situa a Leste de MACEDO DE CAVALEIROS, e que oferece uma área de cerca de 80 Km<sup>2</sup>, onde é possível exercitar unidades de combate, apoio de combate e apoio de serviços, com um mínimo de perturbação das actividades normais da população, embora haja que reconhecer que tal área é um tanto excêntrica em relação ao dispositivo da RMN, cujo centro de gravidade pende mais para o litoral, mas onde é inviável realizar exercícios militares, envolvendo execução de fogos reais, e desenvolver uma adequada movimentação das tropas.

### PREPARAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

O "FALCÃO" começou a ser preparado em meados de Maio do corrente ano com a execução de dois reconhecimentos aéreos e um terrestre (este, com a duração de 5 semanas) a toda a RMN, com vista à determinação de áreas potenciais para a execução de exercícios em diferentes situações táticas, trabalho este a que se seguiu o planeamento específico do exercício, considerada que foi a região escolhida como a mais favorável a uma acção ofensiva.

O planeamento, a nível Brigada, foi realizado por um grupo central, designado para o efeito, chefiado por um Coronel e que incluía cinco Majores e um Capitão. A direcção do exercício foi atribuída ao Brigadeiro Segundo Comandante da RMN que, durante a execução, se serviu daquele grupo central como Estado-Maior de Direcção.

O exercício "FALCÃO" processou-se em duas fases a que corresponderam:

- um CPX (exercício de postos de Comando), que decorreu de 9 a 16 OUT, no qual os Comandos dos diferentes escalões (até Comp, ou Pel actuando isoladamente) procederam ao planeamento das acções a executar no exercício com tropas; este planeamento, que incluiu a execução de reconhecimentos aéreos e terrestres, teve ocasião de ser testado através de uma "conduta", com a duração de 6 horas consecutivas, em que, com a apresentação imprevista de incidentes, os Comandos executantes foram obrigados a tomar decisões que abarcaram as diferentes facetas do combate e seu apoio.

- um LIVEX (exercício com tropas), que se iniciou em 18 NOV. com a concentração de forças operacionais procedentes do RIP, RASP,

RCB, EFS, EPTm, BAM, HMR1 e ELN, num total de 1300 homens e duas centenas de viaturas de vários tipos, blindadas ou não. Em 19 e 20 tiveram lugar as acções táticas, a execução de fogos reais e as actividades de apoio logístico; em 21 o LIVEX terminou com a desconcentração e o regresso a quartéis das forças executantes.

### TEMA

O tema do exercício assentou numa situação geral, fictícia, em que, após uma "progressiva degradação" do equilíbrio político mundial, se "desencadearam hostilidades" na Europa que levaram a que as forças "laranja" desembarcassem no Norte da Península Ibérica, e que, sendo "detidas" em território vizinho, tentam um envolvimento através do nordeste do TN, movimento este que é retardado por forças para-quedistas lançadas sobre a área.

A acção desenrola-se em ambiente de guerra convencional, sem emprego de armas nucleares táticas.

A contra-ofensiva é desencadeada com a 20a. DI (PO), recentemente organizada e instruída, que se desloca para a área de MACEDO DE CAVALEIROS, a fim de, no dia D, à hora H, ultrapassar as forças em contacto e atacar para romper as posições inimigas e atingir o Rio SABOR.

A 3a. Brig/20a. DI, em primeiro escalão, no flanco Sul da Divisão, ataca para conquistar os objectivos 202 e 203, após o que continua o ataque ou explora para atingir o Rio SABOR, no seu sector.



Trabalhos de planeamento durante o CPX.

### DESENVOLVIMENTO DO LIVEX

Em 18 NOV. as forças executantes deslocaram-se dos seus aquartelamentos para zonas de reunião avançadas situadas na região de CASTELÃOS.

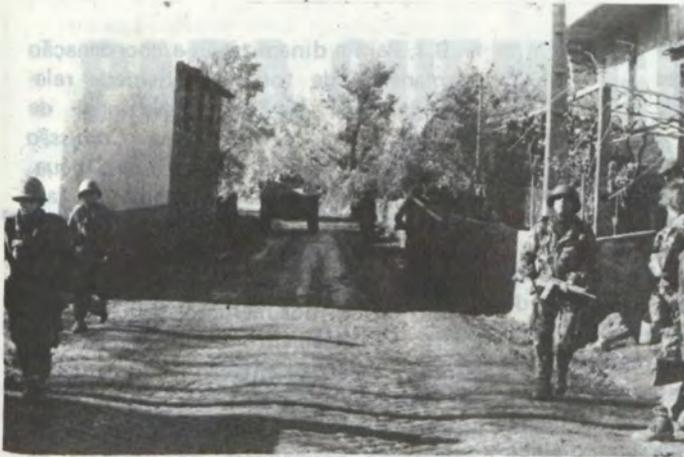
O dia imediato foi destinado a reconhecimentos às bases de ataque, linha de partida e bases de fogos, a regulações das diferentes armas de tiro curvo (Obuses 14 cm, Mort 120 e Mort 81) e aos preparativos para o desencadeamento do ataque.

Na madrugada de 20, as forças da 3a. Brig. põem-se em marcha para as respectivas bases de ataque e destas para a linha de partida. Seguiu-se a execução dos fogos de preparação, não com um carácter de simultaneidade, mas sim com uma sequência no tempo que permitisse que as tropas das diferentes formações de ataque assistissem, no quadro de instrução das praças, aos fogos das diferentes armas, acerca dos quais eram esclarecidos pelos respectivos comandantes táticos. Esta sessão de fogos reais, executada pela artilharia, armas de bordo dos carros de combate, autometralhadoras e viaturas blindadas de transporte de pessoal, morteiros, metralhadoras e lança-granadas, incluiu ainda a abertura de brechas em obstáculos construídos pelo inimigo para reforço do seu dispositivo defensivo, que foram realizadas com explosivos pelos sapadores da Engenharia.

Durante o dia 20, foram conquistados sucessivamente os objectivos Z, X e 202. Durante a madrugada de 21, o escalão de ataque, que atingira as regiões de URZEDINHO e PAIXÃO, procedeu à sua reorganização e acções de reconhecimento ofensivo, tendo obtido indicações que levaram a concluir que as forças "laranja" se haviam deslocado para a margem esquerda do Rio SABOR a coberto de reduzidos núcleos de segurança.

Face à situação existente, a 3a. Brig. iniciou às 6 horas de 21 a exploração do sucesso para atingir o Rio SABOR, após o que o exercício foi dado por concluído no seu aspecto tático.

Na tarde de 21 as forças intervenientes iniciaram a desconcentração e



A Infantaria avança.



Os carros de combate no ataque.



Fogos de um Pel. Mort. Pes.

o regresso às suas Unidades territoriais.

**PARTICIPANTES**

No exercício "FALCÃO", que foi acompanhado de perto pelos General VCEME, General Comandante da RMN e Brigadeiro Director do Departamento de Instrução do Exército, intervieram:

- QG/RMN: com o Cmd da 3a. brig
- RIP: com o BI 27
- RIVR: com o Cmd do BI 28
- RASP: com a 3/GAC 53
- RCB: com o 3/GRec 20
- REE: com o 1/3/BEng 20
- EFS: com a 3/BI 27

- EPTm: com a 3/Comp Tm Av/BTm 20
- BAM: com o Dest Reab 3/Bat Reab Transpt 20
- HMR 1: com um Dest Sau figurando a 3/BSau 20
- ELN: com o 3/CPE 20.
- Força Aérea: com um Alonette III e um avião Cessna em missões de DCON, RVIS e TEVS.

De referir ainda que o LIVEX "FALCÃO" foi acompanhado, desde o início da concentração, por 7 repórteres da Imprensa e da Rádio, que viveram exactamente nas mesmas circunstâncias que as tropas um conjunto de actividades que se caracterizaram por uma grande dureza e por condições agrestes sob o ponto de vista de clima, proporcionando-se assim a oportunidade de a comunicação social apresentar reportagens sentidas e vividas com realismo, que diferiram nitidamente do tom que é hábito darem às notícias sobre exercícios militares.

**CONCLUSÕES**

O exercício "FALCÃO" permitiu à RMN testar a capacidade de realizar uma acção de carácter militar, através de um esforço coordenado, numa área onde não existem guarnições militares e que é excêntrica em relação ao seu dispositivo, pondo assim em prática os ensinamentos obtidos ao longo de um ano de instrução.

- Permitiu ainda concluir que:
- é evidente o interesse dos quadros em inserirem-se nas doutrinas e procedimentos dos conflitos convencionais, terminado que foi o seu empenhamento em acções de contra-guerrilha;
  - é notório o espírito de disciplina e do cumprimento da missão por parte das praças;
  - é necessário proceder, com brevidade, ao reequipamento dos encargos operacionais das Unidades das diferentes Armas e Serviços, para que possam ser concretizados na prática os conceitos doutrinais próprios de um Exército dos nossos dias.



Reconhecimentos terrestres realizados durante o CPX.

A artilharia em acção.



# FALTA DE SANGUE EM PORTUGAL

(Continuação da pág. 23)

bem clara e evidente a impossibilidade de o sangue colhido poder vir a ser objecto de qualquer tipo de lucro material ou, sequer, condição ou factor de mais valia para qualquer acto ou serviço com ele relacionado.

7.2. Criação, em cada Centro Regional, de um *Gabinete de Promoção da Dádiva*, com a atribuição de programar e organizar, em colaboração com os centros locais de dinamização social, toda a actividade de colheita na região, quer em brigada móvel, quer em posto fixo, mantendo-se em estado de permanente campanha de promoção, de modo a conseguir criar na população a habitualidade permanente da dádiva periódica.

7.3. Criação dos *Conselhos Regionais de Sangue*, com a composição e objectivos, em âmbito regional, que são atribuídos mais adiante ao Conselho Nacional de Sangue, em âmbito nacional.

8. A estruturação dos *órgãos gerais de orientação e coordenação central* terá como base:

8.1. A criação de uma *Comissão Técnica Central*, constituída por responsáveis dos Centros Regionais e dos

seus Gabinetes de Promoção da Dádiva, do Instituto Nacional de Sangue e do organismo central de coordenação da informação, os quais deverão reunir-se, pelo menos de três em três meses sob a orientação de um membro do Gabinete da Secretaria de Estado da Saúde, com o objectivo de fazer a análise da situação nos diferentes Centros, coordenar a sua actividade, acordar sobre os problemas relacionados com anormalização de métodos material e reagentes e, também, de decidir sobre os níveis das reservas a estabelecer e manter nos períodos entre reuniões.

8.2. A criação de um *Conselho Nacional de Sangue*, constituído pelos elementos da Comissão Técnica Central, e também salvaguardando a anuência das entidades em causa, por elementos representativos das Forças Armadas, Cruz Vermelha Portuguesa, Serviço Nacional de Ambulâncias e organismos com responsabilidade de seguro-doença, bem como população interessada na dádiva de sangue e outros elementos que venham a ser considerados de interesse, o qual se reunirá pelo menos uma vez por ano, sob a presidência do Secretário de Estado da Saúde ou de um membro do seu Gabinete, nomeado para o substituir, a fim de apreciar e dar parecer sobre os relatórios anuais dos Centros Regionais e dos diversos órgãos de coordenação e de orientação, estabelecendo as linhas gerais dos programas a realizar prioritariamente pelos Centros Regionais e outros órgãos de coordenação e aconselhando as medidas que pareçam mais convenientes para o conjunto do território nacional.

9. Finalmente, e em função do grau de desenvolvimento dos diversos órgãos de estruturação já definidos — em relação aos quais deverá ir sendo promulgada progressivamente a legislação adequada — será criado o *Serviço Nacional de Sangue*, no qual se englobarão harmonicamente todos os órgãos e instituições de carácter nacional e regional, de coordenação e de execução, relacionados com a utilização terapêutica do sangue, de modo a formarem um todo único, que ficará directamente dependente da Secretaria de Estado da Saúde, por intermédio de um membro do Gabinete especialmente encarregado da sua articulação e funcionamento, de acordo com a política estrutural e conjuntural que for sendo definida para os problemas da saúde, em geral, e, em especial, para o respectivo sector.

9.1. Para a dinamização e coordenação permanente de toda a actividade relacionada com o Serviço Nacional de Sangue será criada uma *Comissão Executiva do Serviço Nacional de Sangue*, a qual se prevê possa vir a actuar na fase de lançamento do mesmo Serviço e que será orientada directamente pela Secretaria de Estado, igualmente por intermédio de um dos membros do Gabinete.

10. O lançamento de todos estes órgãos, de acção, orientação e coordenação, será feito de acordo com as possibilidades desenvolvidas como consequência da dinamização permanente do processo de evolução e deverá, naturalmente, realizar-se por fases sucessivas, mediante o estabelecimento de programas coordenados de esclarecimento e informação da população, de ensino, preparação e qualificação de pessoal especializado, de desenvolvimento e apetrechamento de Serviços, de informática e gestão de "stocks," de aproveitamento de fracções e de preparação de derivados, os quais, conduzidos segundo linhas de acção simultâneas, visarão, com o aumento quantitativo da dádiva, um melhor aproveitamento do sangue e a constituição de uma reserva estabilizadora em condições de evitar situações dramáticas de carência aguda, individual e colectiva.

11. Esquematizados por esta forma os fundamentos, a estruturação e o processo de lançamento do Serviço Nacional de Sangue, julga-se ser possível prever o desenvolvimento de uma situação que, a médio prazo, virá a garantir a suficiência dinâmica bastante para as necessidades normais de sangue no nosso país. Esta, porém, só poderá ser atingida com a colaboração efectiva e a compreensão actuante da população, uma e outra apoiadas pelo esforço dedicado e persistente das pessoas e instituições dependentes desta Secretaria de Estado. Sem tudo isso, que se toma por garantido desde início, a matéria deste despacho não teria sentido, nem ele próprio justificação. O que se não admite possa acontecer."

No próximo número faremos a análise de alguns pontos deste despacho da Secretaria de Estado da Saúde detendo-nos principalmente no seu no. 7 que refere a estruturação dos meios de informação e de promoção da dádiva de sangue, esquematizando um estudo complementar que na altura pensamos propor, e que actualmente por escassez de meios técnicos, económicos e humanos pensamos ser quase inviável, pelo que tudo se continuará a processar sem criatividade nos velhos esquemas já ultrapassados e de certo modo burocratizados em que se tem mais em conta a comodidade da função do que a eficácia da divulgação.

**PORQUÊ  
DAR  
SANGUE?**



- Porque sangue é vida que só um laboratório renova:  
— o organismo humano.
- Porque sangue só um preparador pode fornecer:  
— o homem.
- Porque o sangue salva por ano milhares de vidas.
- Porque o sangue que hoje der poderá amanhã ser-lhe útil.

# PARA QUEM GOSTA DE SABER

Coord. de PEDRO DE QUENTAL

Embora se tenham tornado quase que tradicionais as fabulosas riquezas do Oriente derivadas, nada há que se possa comparar àquilo que constituía o deslumbrante tesouro dos xás do Irão, durante largo tempo conhecido como o mais valioso concentrado de preciosidades de todo o mundo.

Esse tesouro tem uma história, ou antes várias histórias, mas acima de tudo encerra uma interrogação que se põe a todos os povos que vivem em democracia. Seria na verdade justa a sua existência estática e improdutiva, como pertença pessoal de um único homem, num país em que antes da descoberta das grandes reservas de petróleo a maior parte da população vivia a seu lado na mais sombria das misérias e no mais medievo atraso?

Ele representava uma possibilidade de bem-estar ou pelo menos de começo de vida progressiva para muita gente e, no entanto era apenas um largo capital parado e por investir que apenas servia para satisfação da vaidade pessoal dos seus régios possuidores.

Aliás não é isto exclusivo do Tesouro Imperial do Irão. Todos os tesouros dos grandes deste mundo, quer sejam do Oriente quer sejam do Ocidente, têm a mesma simbologia de triste inutilidade. Apenas neste caso havia que acrescentar à inutilidade o facto constatado de à sua beira viverem milhões de deserdados da sorte sem terem por vezes uma côdea para ri-lhar.

Onde se encontra hoje esse tesouro? Confessamos muito modestamente que não sabemos. Com as constantes perturbações das últimas décadas no antigo império persa, é natural que o último descendente dos xás do Irão o tenha posto a bom recato, senão no todo pelo menos em parte. Sabemos que depois da segunda guerra mundial se chegou a pensar que havia desaparecido mas que mais tarde foi confirmada a sua existência, guardado no Banco do Estado.

Foi no tempo do Xá Abas I que as riquezas da coroa persa atingiram o seu máximo esplendor.

Abas I foi o último e o mais ilustre dos soberanos da dinastia dos Sefis.

Em 1722, quando da invasão Afegão tesouro foi roubado de Ispahan. Dezassete anos mais tarde, o Xá Nadir reconstituiu com os despojos conquistados ao Grão-Mongol depois da batalha de Kornal, despojos esses que foram levados de Delhi

para o Irão. Consistia, então, na sua quase totalidade, em pedrarias avaliadas em cerca de nove milhões de contos.

Transponham esse valor de 1739 para 1979 e façam as contas de quanto valeria nos nossos dias. Era uma fortuna quase incalculável, capaz de resolver a maior parte dos nossos problemas económico-financeiros. O actual tesouro dos Xás da Pérsia é composto, em parte, por peças requintadas e pomposas de extraordinária valia, e de montes de pedrarias.

Entre essas peças, como a mais cotada, figura o famoso trono dos pavões que consiste num largo estrado de ouro e de marfim esmaltado, coroado por uma galeria de pavões de cauda em leque constelada de rubis, esmeraldas e safiras. É o mais belo ornamento do grande salão imperial. Tem as dimensões dum imenso leito, onde várias pessoas repousariam à vontade, e encontrava-se no palácio de Galstan.

O primeiro trono dos Xás foi construído em 1630 por ordem do imperador mongol Dragan. Esse trono primitivo era de ouro maciço e representava um pavão de cauda aberta, sendo esta constelada de diamantes.

Depois da vitória de Kornal, veio para Teherão, regressando mais tarde, em condições misteriosas, à cidade indiana de

Delhi, de onde em 1802 foi embarcado com destino a Inglaterra.

No caminho, porém, o navio "Gros Venor" que o transportava naufragou e o fabuloso trono desapareceu nas águas de uma baía, vinte milhas ao norte do porto de S. João, na África do Sul. Debalde por diversas vezes se tentou recuperá-lo.

Desse trono — cadeira de espaldar coberta de enormes pedras preciosas — fez-se porém, uma réplica que é hoje conhecida por "trono do Xá Nadir".

Agora, com a fuga do Xá Reza Palevi e a convulsão islâmica provocada pelos chefes religiosos, o Irão debate-se com uma das maiores crises da sua história. Povo explorado e oprimido por sucessivas formas de tirania, os iranianos, fanatizados e socialmente pouco evoluídos, estão retrocedendo aos séculos de obscurantismo e do primitivismo da intolerância. Nada ou quase nada tendo beneficiado das riquezas acumuladas pelos seus imperadores, envolvidos em convulsões de imprevisível desfecho, continuam nada beneficiando do abundante jorrar do ouro negro que num ambiente de paz e tranquilidade poderia constituir para a Pérsia os poderosos alicerces de progresso, bem-estar e evolução social.

\* \* \*





# desporto

Pelo Maj. Art. CARLOS DA FONSECA ALFERES

## PENTATLO MODERNO

Apenas e porque na altura, a Imprensa e outros órgãos de comunicação social, debruçaram pouco espaço e tempo acerca da participação de uma equipa portuguesa no Campeonato Mundial de Juniores de 1979 de P.M. realizado em HAIA, nos move a título de divulgação dar mais elementos em prol desta modalidade, com enormes possibilidades de êxito no Exército, já que este tem os meios necessários para a sua prática e desenvolvimento.

Assim, e porque num dos números deste jornal já se falou de Pentatlo Moderno, apenas recordamos quais são as disciplinas que comporta.

O Pentatlo Moderno é constituído por 5 provas, sendo disputadas em 5 dias consecutivos na razão de uma modalidade por dia.

A primeira prova a realizar-se é o *Hipismo*, constando de um percurso de 1.000 metros com 20 obstáculos, em que deve constar um duplo e um triplo. A segunda prova é a *Esgrima*, sendo a arma adoptada a Espada, a um toque. Cada atirador deve competir com todos os outros concorrentes, sendo obrigatório equipamento eléctrico. A terceira prova a realizar-se é o *Tiro*, constando a prova de tiro de velocidade com pistola ou revólver à distância de 25 metros, em 4 séries de 5 tiros. 7 segundos após a ordem de fogo os alvos aparecerão, mantendo-se visíveis durante 3 segundos, após o que desaparecerão novamente por 7 segundos e assim sucessivamente por cinco vezes. Em cada aparecimento dos alvos os atiradores só poderão fazer um disparo. A quarta prova que se realiza é a *Natação*, constando de um percurso de 300 metros em estilo livre, com partidas dadas fora da água. Finalmente a última prova é a *Corrida pelo Campo* (cross country), corrida esta que consta de uma distância de 4.000 m corta mato, (juniões 3.000 m) num percurso em que a diferença entre a cota máxima e a mínima não deve ultrapassar

os 100 metros. A partida é dada individualmente, estando os corredores desfazados de 1 minuto em relação a cada partida.

Todas as provas são classificadas por tabelas, sendo o vencedor colectivo aquele que somar mais pontos em todas as provas.

Feito este pequeno resumo informativo sobre as provas do Pentatlo Moderno e como são realizadas, falemos sobre o comportamento da equipa Portuguesa em HAIA.

Participando com uma equipa de 3 jovens que se iniciaram na prática do Pentatlo Moderno há muito pouco tempo, não poderemos julgar os seus resultados finais de ânimo leve, já que foram encontrar nos seus adversários categoria excepcional de atletas de alta competição, pois a grande maioria deles iniciou-se aos 12/13 anos, fazendo ao longo do seu percurso de atleta muito treino a sério e mesmo competição.

A título individual, e para mais uma vez realçar o espírito de amadores dos nossos atletas, citamos apenas alguns resultados que num conjunto de 64 concorrentes representando 19 nações se podem considerar bastante encorajadores, face ao nível dos adversários.

Assim, JOÃO MARTINS ABRANTES classificou-se em 12o. lugar na Corrida, julgando-se poder fazer ainda melhor, já que uma queda durante o percurso o impediu de ficar nos 5 primeiros lugares. ROBERTO DÓRIA DURÃO classificou-se em 14o. no HIPISMO, deixando todavia os Cavaleiros Portugueses a ideia de serem superiores aos seus adversários, numa prova em que os cavalos são sorteados, sendo-nos desfavorável o sorteio, já que nos colheram os piores cavalos. Considerando que foi a estrela destes rapazes numa prova desta categoria e dada a sua reduzida preparação, o que era aliás do conhecimento da U.I.P.M.B. (União Internacional do Pentatlo Moderno e Biatlo) e dos outros países, podemos afirmar que a equipa deixou muito boa impressão, e todos os técnicos presentes elogiaram a sua actuação (apesar dos azares) pondo em relevo o espírito desportivo e as

possibilidades naturais e potenciais, ainda não suficientemente aproveitados, dos nossos jovens atletas, animando-os a continuar e a progredir ainda mais.

Resta-nos afirmar que deveremos treinar com mais assiduidade e duma forma mais racional, visando divulgar e entusiasmar outros jovens por este Desporto, que, reafirmamos, tem muito de militar.

Para os atletas que representaram PORTUGAL, podemos citar a frase escutada pela primeira vez na Catedral de S. PAULO em LONDRES no ano de 1908, e pronunciada pelo bispo americano da PENNSILVÂNIA: "O IMPORTANTE NÃO É VENCER, MAS PARTICIPAR".

### AUTOCRÍTICA E DESEJO

— Ao iniciarmos mais um ano de vida do nosso Jornal, ocorre-nos fazer uma autocrítica destas duas páginas, desde que em Outubro de 78 começamos cheios de fé a difundir o desporto tal como o sentimos.

Recordamos que nesse número prometíamos levar ao leitor a ligação teórico-prática do desporto e sempre que possível tocar todas as teclas do maravilhoso plano



que é o campo da educação física e desportiva.

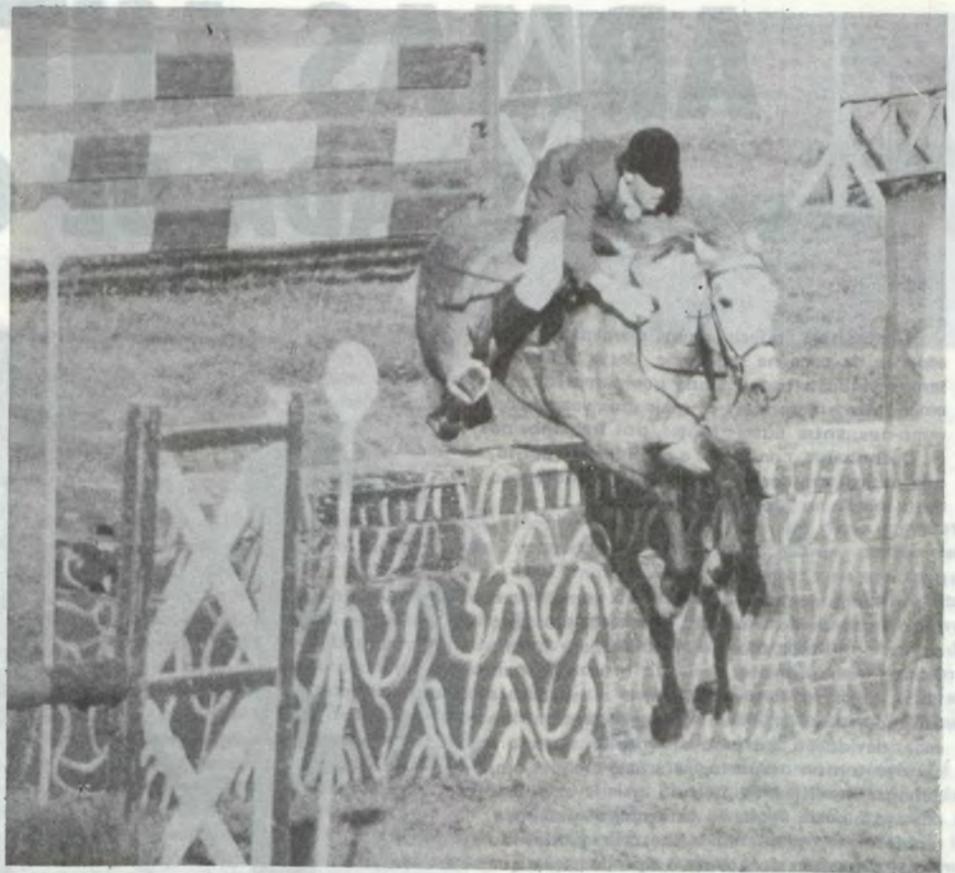
Alguma coisa se disse, muito ficou por dizer. Primeiro, abordámos alguns temas polémicos tais como o enquadramento da especialidade de Educação Física no Exército, a sua realização prática e a importância em que não é tida. Toda a gente afirma no papel ser fundamental, ser salutar, ser mais um campo de experimentação humana e indispensável à vida. No entanto, no campo prático, continuamos emperrados sem doutrinação a sério que a imponha como um meio de classificar, e até mesmo de seleccionar. Sendo pacientes, esperamos que ainda na nossa geração, homens sabedores e que ocupam lugares-chaves da hierarquia militar a relancem para o seu devido lugar, ou seja para aquele que os Exércitos de países mais desenvolvidos já adoptaram. Este é o 1.º desejo que reformulamos no início de 80.

Depois ocorre-nos relembrar os escritos que fizemos de várias modalidades. Na sua maior parte, eles foram o desejo da não ignorância, sobretudo a nível dos desportos praticados no Exército. As regras definidas foram o que consideramos mínimo para a prática das modalidades, condensadas dentro do possível nas duas páginas de que dispomos. Julgamos não serem suficientes, mas consideramo-las necessárias para a execução prática de quem à partida pouco ou nada sabe. O importante é efectivamente ter boa vontade e querer fazer qualquer coisa. Para os leitores cuja formação desportiva está alguns degraus acima, as nossas desculpas. Sabemos a quem nos dirigimos, e continuamos a julgar ser pertinente a difusão das regras. A título de exemplo, poderei contar um caso que, sendo de certa maneira típico, reflecte a necessidade de continuarmos nos mesmos moldes os nossos escritos.

Na Unidade em que se situa a minha actuação, organizou-se um campeonato de futebol de 5 de Oficiais. Nesta mesma Unidade, pratica-se um horário bi-semanal e até tri-semanal de Actividades Físicas para o Q.P., sendo a afluência de Oficiais e Sargentos bastante satisfatória.

Pois em determinado prélio desportivo, realizado entre duas equipas de Oficiais, fomos chamados a arbitrar o mesmo. Julgando ser a actividade do juiz arbitro não só esclarecedora como educativa, sentimos total angústia quando, ao julgarmos as faltas técnicas e desportivas, ouvimos determinados comentários dos jogadores, tais como: "vamos mas é jogar com as nossas regras" ou em termos práticos "À BALDA".

Se mais razões não tivéssemos para julgar ou fazer a autocrítica da nossa actuação neste jornal, esta seria mais que suficiente para continuarmos. Que nos descul-



pem os interlocutores intervenientes neste episódio a indiscrição do nosso temperamento. Desejo aos mesmos maior boa vontade, colaboração e, independentemente da idade, nunca é tarde para se conhecer um desporto. Somos sinceros adeptos do Desporto pelo Desporto, mas com regras, e por isso a nossa pretensão de as difundir.

Continuaremos nos próximos números dentro da mesma actuação e com o objectivo único de criar interesse e gosto. Continuaremos também a divulgar o acontecido nos diversos campeonatos das Regiões Militares e do Exército, já que a nossa Imprensa Desportiva pouco ou nada se sensibiliza com o Desporto Militar.

Um dia virá em que o Desporto Militar terá um lugar próprio; ligado estritamente ao civil e devidamente enquadrado, poderá ser um baluarte do Desporto Nacional. Assim acontece em grande número de países que efectivamente têm estruturas diferentes das nossas. Assim aconteceu no princípio, assim acontecerá no fim.

Aqui fica a nossa autocrítica e o nosso desejo para que o ano 80 seja um ano de trabalho saudável, um ano de progresso no campo da Educação Física Militar.

E como neste ano se realizam as Olimpíadas de Moscovo, esperemos que os resultados possam exprimir o melhoramento do género humano e que o mundo evolui de dia para dia.



# ARMAS ANTIGAS

## A ESPADA DE CAÇA

Coord. de B. P.

Vamos, hoje, referir alguns elementos sobre espadas de caça, na sequência deste tema que temos vindo a tratar, ainda que sumariamente, em números anteriores e, mais uma vez, socorremo-nos, entre outras fontes, dos trabalhos de R. Daehnhardt, conhecido e reconhecido perito, que muito tem contribuído para a manutenção desta secção no "Jornal do Exército".

\*\*\*

Ao longo dos séculos, a luta do homem contra o homem e deste com as feras terá começado com o auxílio da moça e evoluído para a arma branca que, primeiro, seria de bronze e, mais tarde, de ferro. E se inicialmente a espada era utilizada, simultaneamente, na guerra como na caça, devido ao seu peso e tamanho, quando a caça se tornou desporto, as armas brancas tenderam a modificar-se, ficando mais leves e mais curtas. E nesta evolução os armeiros da época, rapidamente, adaptaram a sua arte, fabricando armas diferentes consoante o tipo de caça a que se destinavam, cada uma com características próprias. Assim e porque à espada de caça não interessara os tipos de guardas que se utilizavam na espada de guerra, estas tendiam a desaparecer; por outro lado, não precisava ser tão comprida como estas, nem ter dois gumes.

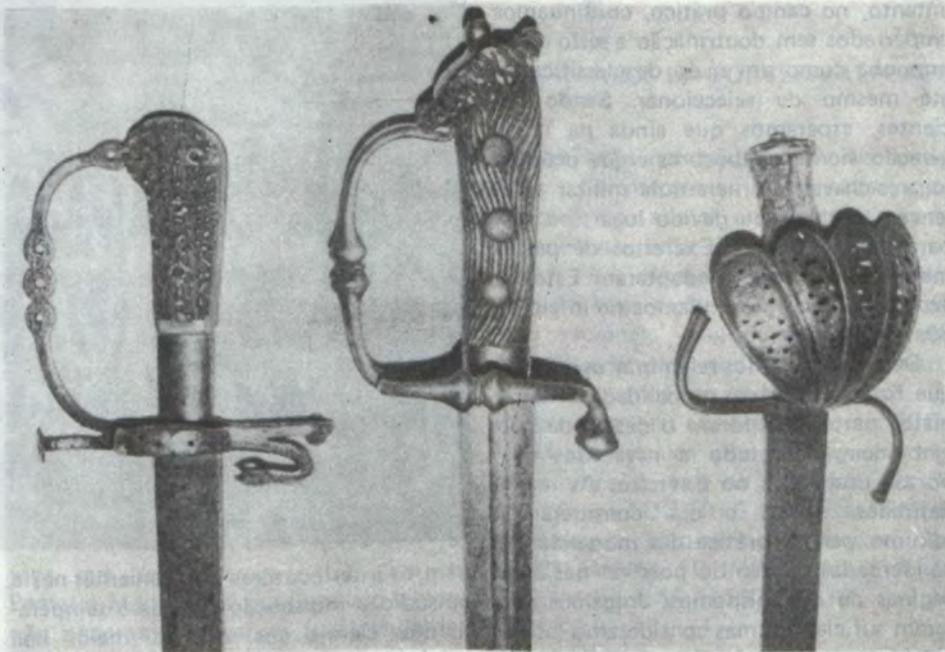
Nos fins do século XV até meados do século XVII, que foi o período de transição entre a espada de guerra e a de caça, existem ainda muitos exemplares com guardas que descendem das guardas do tipo militar e de que, no número de Dezembro, apresentámos um quadro da sua evolução. Outrossim, encontram-se também muitas espadas de guerra transformadas para a caça e, até, espadas partidas a que se fazia uma nova ponta passando, assim, a servir para a caça.

Vemos, então, surgir espadas com guardas pequenas e conchos voltadas para a ponta da lâmina, e punhos em forma de chifre de veado.

Na Europa, havia apenas três animais para os quais a espada era a arma adequada: o urso, o javali e o veado.

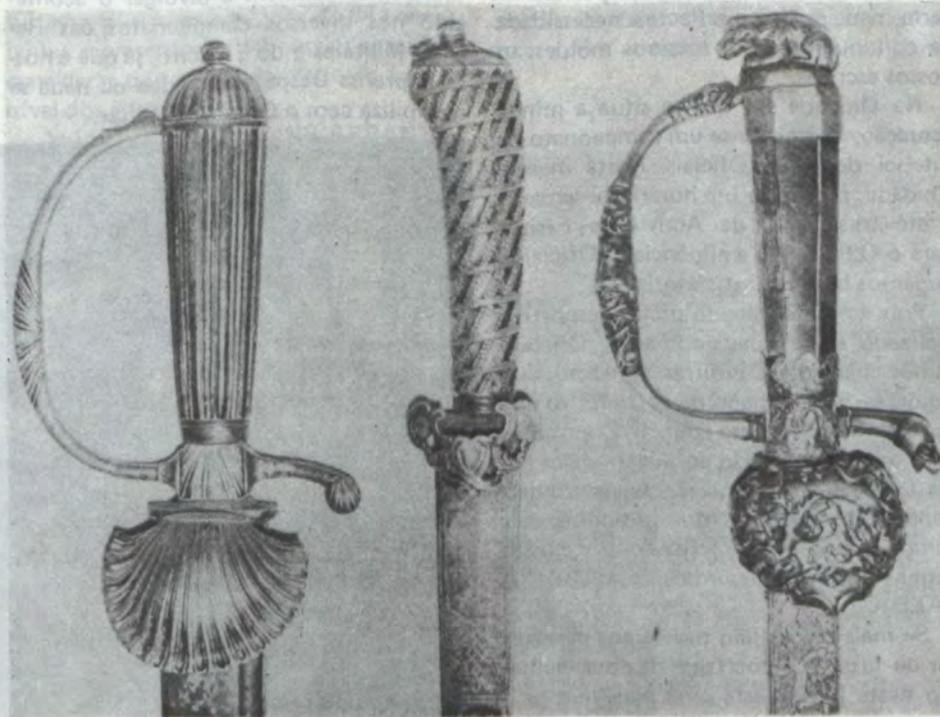
Naquelas épocas havia duas maneiras diferentes de caçar estes animais, usando ambas a espada de caça. O mais frequente era perseguir o animal, a cavalo e com uma matilha de cães, até à exaustão da fera. Então, com o animal encurralado pela matilha, o primeiro dos cavaleiros que chegava, desmontava e dava o golpe de misericórdia ao animal ferido com a sua espada de caça, acabando o exercício venatório. O outro era caçar a pé e com espingarda em punho, entrando na floresta. Ao encontrar a fera dava-se o disparo, tentando o seu derrube à primeira. Como as armas de fogo de então eram em geral de um só tiro, não espanta que o caçador se visse, muitas vezes, obrigado a defender-se com a espada, da fera que o atacava. Esta, quando lançada contra uma espada firmemente empunhada, enterrava-a completamente no seu corpo, o que provocava, por vezes, que a lâmina se partisse por não haver tempo de a sacar do animal, enquanto outras da manada se aproximavam.

Faça a esta possibilidade surgiram as espadas-estoques que dispunham de um travessão que impedia a lâmina de entrar mais no animal



Espadas de caça que mostram a transição da espada de guerra para a arma puramente de caça. Todas do séc. XVII, com punhos de chifre de veado e com decorações com motivos de caça, conservando, no entanto, ainda a forma da arma de guerra.

Espadas de caça do séc. XVIII: espada inglesa com concha e guarda em prata; espada alemã com concha em prata; outra espada alemã, com punho em chapas de tartaruga, guarda em bronze cinzelado.



# OMZIL



Espada alemã do princípio do séc. XVIII para a caça. Tem uma pistola de pederneira ao lado da lâmina. Punho e cano em bronze cinzelado e dourado.

que o necessário para o matar. Os caçadores pegavam nelas com uma das mãos no punho e outra no estoque para dar mais firmeza ao golpe. Quando utilizavam uma espada vulgar e para o mesmo efeito, usavam uma luva para proteger a mão que pegava na lâmina.

A caça nem sempre era uma pera doce e, por vezes, tomava-se bastante perigosa. Daí que caçadores havia que não se lhes dava pagar preços mais elevados para possuir espadas de caça de maior segurança, donde nasceram as espadas de combinação com pistolas, raras pelo seu elevado custo mas de que se conhecem bastantes exemplares, alguns deles em seccionais nacionais.

Estas armas tinham o cano preso ao lado da lâmina, protegendo assim o cão e a cassoleta com a concha a que já fizemos referência e o gatilho estava, normalmente, dentro do punho. Este tipo de espada de caça nunca foi fabricado em série e, por isso, são praticamente todas diferentes.

Há exemplares com um, dois, três e, até, quatro canos. Uns tinham o mecanismo à esquerda do cano à direita, sendo a lâmina atravessada pelo "ouvido"; outras, tinham o cano e o mecanismo do mesmo lado da lâmina.

A ideia que presidia a este tipo de arma era poder disparar uma bala contra a fera ferida, no momento em que esta atacava, e dar, depois, o golpe de misericórdia ao animal, mortalmente, atingido. Quanto às lâminas, tanto se usaram estreitas como largas, de um como de dois gumes, direitas como curvas, mais em conformidade com o gosto pessoal do utente do que com o tipo da caça ou da época. de transição (fins do século XV a meados do século XVII) eram relativamente simples, geralmente de aço, com punhos de osso ou chifre. Mas no século XVIII utilizaram-se quase todos os materiais usados nas obras de arte da época, como o bronze dourado e cinzelado, a prata, o ouro e o marfim. Chegaram a fabricar-se exemplares com punho de jade ou porcelana de Meissen.

A decoração era na base de motivos de caça e não se fazia somente no punho e na guarda mas também na lâmina. E existiam exemplares com uma serrilha nas costas da lâmina destinada a serrar o despojo da caçada, logo após a morte, para oferecer partes dele aos convidados da caçada e, também, para a matilha. De requinte em requinte, chegou-se a mandar fabricar espadas de caça para prendas reais, com a effgie e o brasão do ofertante, notáveis não só pelos materiais usados como pelo seu acabamento perfeito.

As espadas de caça tinham, na sua maior parte, bainhas de couro, pelo que sobreviveram muito poucas bainhas deste tipo de arma.

Referimos, atrás que, as guardas das espadas de caça eram degeneradas e pequenas e de concha voltada para baixo (em vez de virada para cima). A este respeito diz R. Daehnhardt que "A razão da concha que muitos exemplares, sobretudo do século XVIII, possuem, é um tanto difícil de encontrar. Olhando para a espada de caça sob um outro ponto de vista que não o da sua descendência da arma militar, referindo-a à sua descendência de punhal, talvez cheguemos mais perto da razão de ser desta con-

cha. Já no séc. XV nos aparece um tipo de punhal que em vez da guarda em feito de cruz tem uma chapã redonda posta na horizontal e ligeiramente puxada nos seus bordos para baixo em direcção da ponta da lâmina. Mais tarde, este disco forma, em alguns exemplares de punhais, uma espécie de copo, montado precisamente ao contrário do copo da muito conhecida espada de copo ou tigela. A razão deste disco puxado em direcção à lâmina, talvez possa ser a de resguardar a entrada da bainha da chuva, que, entrando, podia enferrujar a lâmina. Pode ser este o motivo, mas, também, pode tratar-se duma vantagem inesperada, nascida de um simples acaso da moda, que tinha muita influência nas armas. Estes punhais serviam não só para a defesa pessoal, mas também como ferramenta de caça (como por exemplo, cortar e esfolar o animal) e, ainda, como simples faca para cortar a comida. Assim, muitos destes punhais, sobretudo dos séculos XVI e XVII, eram equipados com pequenos talheres, garfos de dois bicos e faquinhas, que entravam em duas fendas próprias na bainha do punhal. O disco voltado para baixo impedia a esses pequenos apetrechos, em muitos casos, caírem fora da bainha. Como muitas espadas de caça eram equipados com os mesmos talheres no

mesmo sítio, não tinham um disco completo voltado para baixo como guarda, porque este seria muito grande, mas antes uma concha que descia só de um lado e fazia o mesmo efeito. Esta concha não deixava os talheres sair e protegia-os, bem como a entrada da bainha, da chuva e da humidade das folhas dos arbustos, contra os quais batia constantemente. Não sabemos se tal razão é inteiramente válida, mas tem muitas probabilidades de o ser.

Uma outra razão, talvez menos provável, é a de ter alguma ligação com as espadas, usadas pelos peregrinos de Santiago de Compostela. A única ligação que existe entre estes homens de fé e as espadas de caça é a de eles usarem, como símbolo, uma vieira que é bastante parecida com as conchas de grande parte das espadas de caça. Mas pode tratar-se de um simples acaso."

\*\*\*

Fotos de colecção particular de R. Daehnhardt

Espada de caça alemã com pistola de pederneira dentro do punho fabricado em meados do séc. XVIII. Em cima, arma de luxo francesa com punho e bainha em marfim e prata.





# MODELISMO

(CONT. DO NÚMERO ANTERIOR)

O Avião B-534, biplano de caça checoslovaco de antes da guerra, utilizado nas lutas da II Guerra Mundial, é o segundo tipo dos modelos plásticos produzidos em Kovožavody. A construção destes aviões de caça começou na empresa Avia em 1931. O segundo protótipo B-534.1 conseguiu estabelecer um novo recorde de velocidade, tendo atingido 365 km por hora. A quarta série dos Avia B-354 que servia, igualmente de modelo para construção, foi várias vezes altamente avaliada, mesmo nas competições internacionais de aviação. O fim da era deste caça, tão importante para a aviação, situa-se na época da Insurreição Nacional Eslovaca no dia 29 de Agosto de 1944.

A série de modelos de aviões produzidos pela Kovožavody continuou, porém, a desenvolver-se. Juntaram-se aos dois primeiros tipos (o L-29 Delfim e Avia B-534) o avião de assalto soviético Avia-33 (Il-10), utilizado em fins da II Guerra Mundial e na época do pós-guerra, e o MIG-19, caça supersónico soviético a jacto, cuja produção era licenciada na Checoslováquia. Foi este igualmente o primeiro avião supersónico ao serviço da aviação checoslovaca militar. Os ensaios de voo do primeiro da série dos seus protótipos tiveram lugar em 1952. Em fins dos anos cinquenta faz parte do armamento da aviação checoslovaca, e, um pouco mais tarde, começa a sua produção licenciada. Com o decorrer do tempo, o MIG-19 apareceu na aviação de outros países socialistas — na Polónia, República Democrática Alemã, Hungria e também em Cuba, Egipto, Iraque e na Indonésia.

O robusto Letov S-328 de múltipla aplicação foi um avião que sobreviveu muito tempo a era do biplano clássico, e, durante a sua longa existência de após-guerra, sobreviveu a muitos tipos de construções mais modernas. Na escala 1:72 estão actualmente produzidos os modelos reduzidos deste avião, pelos amadores, não só na Checoslováquia, mas igualmente no estrangeiro. Foi incluído no programa de produção da Kovožavody como o quinto modelo desde o começo da produção. Seguiu-se o célebre caça soviético da II Guerra Mundial Lavookin La-7, que foi pilotado pelo famoso Ivan Nikitic Kojedub, que conseguiu abater 62 aviões inimigos. O sétimo da série produzida é o caça soviético MIG-17, um dos caças mais utilizados no mundo; é por isso que vamos demorar um pouco contando a sua história:

O MIG-17 surgiu no escritório de construções aeronáuticas do construtor soviético de aviões Artiem Ivanovitch Mikoian, no decorrer do ano de 1949. Os ensaios de voo do seu protótipo designado SI com o motor VK-1A tiveram lugar em Janeiro de 1950, e já em Fevereiro do mesmo ano atingiu a velocidade do som em voo horizontal. Os MIG-17 estavam entre os aviões militares mais utilizados no mundo: tinham os emblemas exclusivos, entre outros, da União Soviética, Checoslováquia, Polónia, Hungria, Bulgária, Roménia, República Democrática Alemã, Vietname, Cambodja, Argélia, Egipto, Albânia e também do Mali, Marrocos e outros países.

A produção de novas séries dos modelos reduzidos de aviões na Kovožavody continua a

## MODELOS REDUZIDOS DOS AVIÕES DE KOVOZAVODY (METAEMPRESAS) PROSTEJOV

desenvolver-se. Assim têm surgido cópias fiéis do último caça de antes da guerra, de construção checoslovaca — o Avia B-35, do célebre biplano soviético de utilização múltipla PO-2 "Kukuruznik", utilizado nas lutas da II Guerra Mundial, o bimotor Aero C-3A de utilização múltipla, produzido na Checoslováquia após a II Guerra Mundial e finalmente outros tipos — o S-199, o CS-199 e MIG-15. A novidade deste ano é a versão do MIG-15 UTI.

As fábricas Kovožavody Prostejov fazem parte, pelo número das peças produzidas, dum dos maiores produtores mundiais dos modelos plásticos. Anualmente saem da empresa à volta de 750.000 peças. Anotando apenas os dados mais interessantes, constata-se por exemplo que no ano passado foi produzida a maior série de 86.390 peças do tipo CS-199, seguido pelo La-7 (77.000 peças), o famoso biplano Avia 534 (71.660 peças), o IL 10 (64.606 peças) e o Delfim L-29 (cerca de 64.000 peças). Aproximadamente 10% da produção total destina-se à exportação. As maiores exigências referentes aos modelos plásticos de todos os 12 tipos de aviões são feitas pelos clientes da Inglaterra, Canadá, Austrália, Estados Unidos, da Polónia e Hungria. Actualmente parece que os coleccionadores são atraídos pelos aviões de combate da II Guerra mundial, sobretudo os de hélice.

O material básico da construção dos modelos é o polistireno. Cada modelo compõe-se dumas 20 a 50 peças destinadas a ser coladas. Para ser produzido um novo tipo de modelo é necessário ter à disposição os dados básicos fiéis e exactos. Em consequência disso os construtores e projectistas visitam os arquivos aeronáuticos, fábricas, museus e os coleccionadores, para conseguirem a forma final do avião reduzido na escala 1:72 com os mais pequenos detalhes. Desenvolve-se igualmente uma colaboração estreita das Kovožavody com o museu de aeronáutica e astronáutica de Praga e o museu de aeronáutica de Cracóvia na Polónia. Os materiais

adquiridos servem a elaboração dos desenhos, inclusive dos cortes — da metralhadora, do trem de aterragem, da antena até às asas — da rebitagem e doutros pormenores. O único tipo do famoso avião CS-199 preservou-se, por exemplo, numa aldeia da Morávia, donde foi transportado, sendo depois renovado.

A primeira fase da própria produção da maquete consiste na elaboração duma maquete exacta de madeira reduzida na escala 1:36 em comparação com o tamanho real, e 2:1 em comparação com o produto final prensado. Desta maquete tira-se a forma por intermédio da fresa pantográfica de reprodução. Uma outra maquete, igualmente de madeira, faz-se na escala 1:1 em relação ao modelo, servindo aos trabalhadores de ponto de comparação dos produtos acabados. Tem igualmente muita importância a preparação precisa do molde feito do aço de ferramentas Poldi stabil special. O molde segue depois para a secção de prensagem dos termoplásticos, onde a partir dos granulados prensam-se as diferentes peças dos modelos dos aviões. Estas vão para a secção de expedição, onde reunidas e metidas dentro de caixas, são complexadas pelas folhas dos decalques e empacotadas. Dali os modelos plásticos acabados, nas cores de base cinzenta, azul-cinzenta e branca, seguem directamente para as mãos dos fregueses.

Os modelos plásticos continuam a ser cada vez mais populares pelos modeladores, e não só os jovens os procuram como também os mais velhos. Todos os anos as Kovožavody organizam em Prostejov, em colaboração com a casa dos Pioneiros e da Juventude do distrito, uma competição nacional do melhor modelo plástico. Esta iniciativa toma-se uma demonstração da habilidade dos criadores de diferentes variantes de modelos, desde os de treino e de combate até aos aviões de assistência sanitária.

Jan Pribyl — (Agência de Informação ORBIS)



# FILATELIA

Cap. VASCO MOURA



## NOVAS EMISSÕES

Cinco séculos de utilização do azulejo atribuíram personalidade verdadeiramente nacional a este tipo de revestimento. Por isso, dentre as artes ornamentais, foi indubitavelmente através dele que os portugueses souberam encontrar uma forma de expressão, própria, rica e profundamente original.

O azulejo português tem geralmente uma escala monumental, coerente com os períodos a que pertence, porque faz parte da arquitectura que modela e personifica definindo-lhe o próprio ambiente. Muito mais que uma realização plástica individualizada ele ganha, portanto, um sentido de conjunto nessa coerente integração arquitectónica de que é inseparável. Introduzido em Portugal — por importação Hispano-Mourisca — durante o século XV, é no final do século XVI que nacionaliza e começa a ter personalidade local. Durante o século XVII — executado por modestos artífices populares — desenvolve-se em esquemas ricos de padronagem polícroma, afirmando-se também em curiosas composições figurativas espontâneas de sabor artesanal.

Os CTT, continuando a feliz iniciativa de emitir peças filatélicas alusivas ao Natal, utilizaram exemplares do Museu do Azulejo de Lisboa, representativos dos séculos XVI, XVII e XVIII, para figurarem numa emissão de três selos comemorativa do Natal de 1979. Foi uma magnífica série que certamente terá repercussão internacional.

## EXPOSIÇÕES

— O ano de 1979 foi fértil em Exposições e Mostras filatélicas, tendo o seu auge, como sempre, em 1 de Dezembro, considerado o Dia do Selo em Portugal. Nesta data, realizou-se a I Mostra Filatélica do Racal Clube, em Silves, integrada no XXV Dia do Selo. Tratou-se de uma manifestação da Secção de Coleccionismo do Club União Portimonense que contou com o apoio do Racal Clube, tendo também a participação do museu dos CTT e Associação Portuguesa de Maximafilia, permitindo assim que Silves pudesse apreciar pela primeira vez um certame filatélico.



O motivo, escolhido para a marca do dia foi a pega azul, num carimbo-selo que os CTT fizeram especialmente.

A pega azul é uma bonita ave que apenas existe no barlavento algarvio e no Leste da Ásia, motivo por que foi proposto distingui-la como a "ave de Portugal", tendo tido já honras de figurar no selo de 3\$00 da emissão comemorativa da 2a. Exposição Mundial Temática PORTUGAL 77. A pega azul *Cyanopica cyanea* (Pallas) é uma ave que se encontra em vias de extinção. Vê-se com pouca frequência nos bosques de carvalhos, sobreiros ou pinheiros do Sul do País, especialmente no Barlavento Algarvio. É gregária, activa, muito barulhenta e alimenta-se de frutos, bagas, insectos, grãos, ervas e pequenos

répteis. Vive em pequenas colónias, construindo os ninhos em árvores diversas, na forquilha de um ramo. Mede cerca de 34 cm, cabeça negro-brilhante, excepto o mento e a garganta que são brancos.



— No prosseguimento da informação sobre a Mostra Filatélica do XX Aniversário da Base Aérea no. 5, de Monte Real, realizada em Outubro de 1979, em Leiria, reproduz-se o bilhete postal emitido naquela data e cujo carimbo alusivo assim como o desenho do mesmo representam o avião F 86 F da Força Aérea Portuguesa.



Obliquações do 1.º dia em  
Obliterations de 1<sup>er</sup> jour à  
First day obliterations in

LISBOA

PORTO

COIMBRA

FUNCHAL

DELGADA

## "FUGA PARA ATENAS" OU OS ENSINAMENTOS DE UM FILME DE AVENTURAS

Anunciada como projecção cinematográfica de "acção... aventura... espectáculo..." vimos, recentemente, a última película de George Cosmatos, sob o título de "Fuga para Atenas", na sua versão original "Escape to Athena".

Trata-se de um filme com interpretações de nomes conhecidos da Sétima Arte, como Roger Moore, Claudia Cardinale, David Niven, Telly Savalas e Elliot Gould.

A acção decorre durante a Segunda Grande Guerra Mundial, tendo como cenário uma pequena ilha grega, sob ocupação alemã.

O enredo do filme gira sobre os feitos da resistência grega às forças nazis ocupantes, com a cumplicidade das populações e aproveitando-se das "fraquezas" de alguns dos elementos do exército do III Reich.

"Fuga para Atenas" não é um filme baseado na realidade histórica mas sobressai como uma "película de aventuras" suficientemente bem enquadrada em determinada época.

O seu "cast", aliado a um certo ritmo de narração fílmica, faz com que "Fuga para Atenas" se veja com agrado. Para os espectadores militares talvez que uma lição se colha ao longo desta película que diverte: a de que a rotina, se bem que necessária, por vezes se torna num dos maiores pontos fracos de qualquer exército. Por outro lado, realça-se a importância — a ter sempre em conta em qualquer teatro de operações — do nacionalismo e do regionalismo arraigado das populações.

Assim é que nas "entrelinhas" de "Fuga para Atenas" se pode ler muito do que a actividade militar é e não é, e ao que está sujeita, por vezes. Em resumo: como por vezes, a brincar e a divertir, se podem transmitir avisos sérios.

### ÍNDIOS ATACAM EQUIPA DE FILMAGENS

O local de filmagens da mais recente película de Werner Herzog, intitulada "Fitzcarrald", foi atacado, em plena selva, por cerca de uma centena de índios da tribo peruana Aguaruna.

O ataque deu-se no passado mês de Dezembro, tendo resultado danos nos equi-



Sofia Loren, agora contracenando com James Coburn.

pamentos de rádio e electricidade e em diverso material de filmagens.

A película tem como principais intérpretes o actor Jack Nicholson e o cantor de rock Mick Jagger.

Os dirigentes da empresa produtora do filme atribuíram o ataque a elementos estranhos infiltrados na tribo peruana, assinalando entre eles membros do Instituto Linguístico de Verão, entidade norte-americana que se dedica ao estudo dos dialectos da selva peruana.

### MARISA MELL... E O "NOIVO"

Marisa Mell acaba de dar um grande escândalo, em Itália, ao decidir-se a aparecer, publicamente, ao lado do seu mais recente "noivo", confessando-se perdidamente apaixonada por ele.

Segundo a conhecida actriz, Maurizio Libardo, que enveredou pela carreira de cançonetista, é um "amante estupendo". "A ele devo — afirmou — a belíssima forma física, espiritual e intelectual em que, presentemente, me encontro."

Entretanto, a carreira de Marisa Mell continua com excelente cotação: trabalha actualmente num filme da "Columbia Pictures" intitulado "Canibais", onde desempenha o papel de mulher sexy, exibindo uma nudez entrevista, em vez da nudez ostensiva, que considera ser de menor efeito.

### COMENCINI NO "GRANDE ENGARRAFAMENTO"

Luigi Comencini, um dos grandes nomes do cinema italiano, atinge, novamente, um ponto alto na sua já extensa filmografia, com a película "O grande engarrafamento". A película reúne um elenco fora de série: Alberto Sordi, Annie Girardot, Fernando Rey, Patrick Dewaere, Angela Molina, Harry Baer, Marcello Mastroianni, Stefania Sandrelli, Ugo Tognazzi, Miou Miou e Gerard Deardieu.

A história é bastante simples: um dinâmico homem de negócios, rolando do aeroporto de Roma em direcção à cidade, fica imobilizado, dentro do seu "Jaguar", durante trinta e seis horas num engarrafamento irremediável.

Durante todo esse tempo passa diante dos seus olhos toda uma humanidade alienada, de reacções contraditórias, cada pessoa escondendo o seu drama íntimo, os seus ridículos inconfessáveis, os seus desejos recalçados, a sua capacidade de entender e de se fazer entender. Resumindo: uma sátira implacável aos que não sabem ou não querem dominar os seus egoísmos.

### SOFIA LOREN COM DOIS NOVOS GALÃS

Sofia Loren voltou a estar em foco com a estreia, em Lisboa, da película "Fire Power" que, em português, recebeu o título de "A Ferro e Fogo". Loren trabalha agora com dois galãs ainda inéditos na sua carreira: James Coburn e Anthony Franciosa.

Pelos braços de Sofia Loren passaram já todos os grandes sedutores da nossa época, desde Marlon Brando a Richard Harris, sem esquecer Paul Newman, Anthony Quinn e Gary Grant.

Marisa Mell e o seu mais recente "noivo".

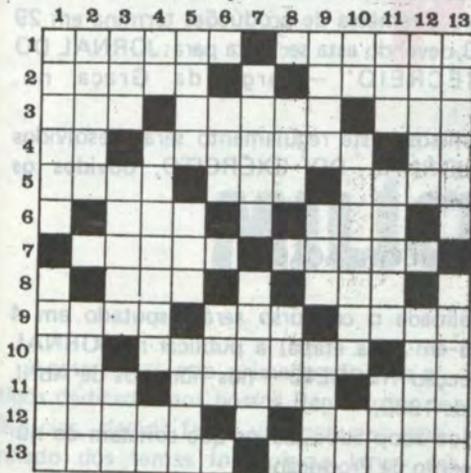


# RECREIO

Por JOPRA

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA No. 1-80



HORIZONTAIS

1 - Aleivosia; patacão. 2 - Escavai; espancam. 3 - Força; trespassar; adicionai.

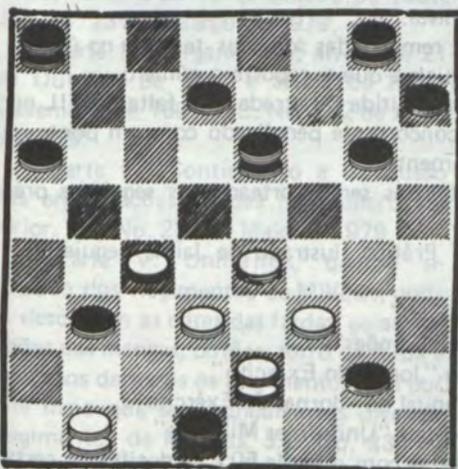
4 - Ama-seca; baixeza; em. 5 - Capacidade; hasteio; aspecto. 6 - Soldo; multidão. 7 - Regime; sinal indicativo de meio tom de abaixamento (mus.). 8 - Cicia; não. 9 - Esvaziar; soror; abrigue. 10 - Saia; que diz respeito ao vinagre; apresentar-se. 11 - Azo; pateta; defeito. 12 - Festivo; exportação. 13 - Cordão de requife ou de metal para guarnecer e abotoar a frente de um vestuário; aplausos.

VERTICAIS

1 - Rematar; inexperiente. 2 - Apanhar; lugarejo. 3 - Época; heróica; ofego. 4 - Cuidava; varina; igual. 5 - Residi; etão; calada. 6 - Acolá; consciência. 7 - Alcácer; reparar. 8 - Idade; chalacear. 9 - Alarguei; rem; mansão. 10 - Tua; ataque; ao. 11 - Ateira; incenso; eu. 12 - Dispensar; chalaça. 13 - Agourar; pérsicos.

## DAMAS

PROBLEMA No. 88



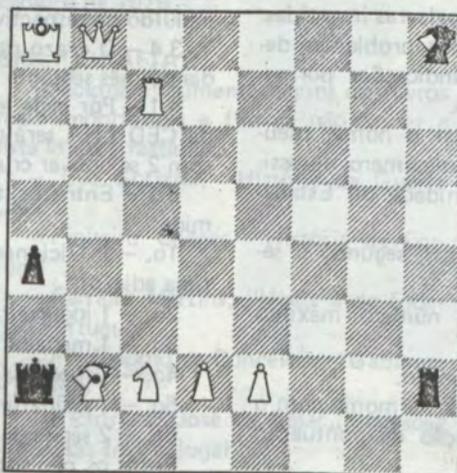
Br. - 2 damas e 4 pedras  
Pr. - 4 damas e 6 pedrás

COLOCAÇÃO DAS PEÇAS

Br. - (4) - (6) - 10 - 11 - 14 - 15  
Pr. - (3) - 5 - 12 - 21 - (22) - 24 -  
25 - 27 - (29) - 32.

As brancas jogam e ganham.

## XADREZ



Mate em 3 lances

(Ver as soluções numa das páginas do Jornal)

## SE É COLECCIONADOR

O JORNAL DO EXÉRCITO TEM PARA SI A PREÇOS ESPECIAIS

POSTAIS

**UNIFORMES MILITARES PORTUGUESES**  
(Edição de JE)

JÁ EDITADAS  
8 séries de 9 postais cada

Preço de cada série ..... 35.00  
Postais avulsos ..... 4.50

Preço especial para Assinantes Militares:  
Cada série ..... 30.00  
Postais avulsos ..... 4.00

MEDALHAS

COMEMORATIVO (Bronze)  
COMISSÃO DE:  
Vasco Nunes - Gravador

**XY ANIVERSÁRIO DO JORNAL DO EXÉRCITO**  
(Módulo aprox. 80mm)

Preço ..... 150.00  
Assinantes e Militares ..... 120.00

M. F. O. - 25 ANOS  
(Módulo aprox. 70mm)

Preço ..... 150.00  
Assinantes e Militares ..... 120.00

**JUNTA DE SALVAÇÃO NACIONAL**  
(Módulo aprox. 80mm)

Preço ..... 350.00  
Assinantes e Militares ..... 315.00

ALEXANDRE HERCULANO  
(Módulo: 80 mm.)

Preço ..... 350\$00  
Assinantes e Militares ..... 300\$00

ENCADERNAÇÕES

Caro Assinante,  
Com fie-nos a sua coleção do JE para encadernar.

Preço de cada encadernação completa, ano, c/ capa em percalina azul e gravação a dourado 120.00.

Caso deseje apenas as capas, deve indicar os anos a que se destinam.  
Preço de cada capa 30.00.

NOTA - Os preços especiais para militares são extensivos aos elementos das F. Militarizadas.

Nos pedidos de envio pelo correio os portes e encargos de cobrança são por conta dos interessados.

# CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS DE TEMA MILITAR PRODUÇÃO E DECIFRAÇÃO

O JORNAL DO EXÉRCITO promove entre os seus assinantes e militares em serviço activo, por intermédio da sua secção RECREIO, um Concurso de Palavras Cruzadas de Tema Militar.

Compreenderá as duas modalidades — PRODUÇÃO E DECIFRAÇÃO — independentemente uma da outra e reger-se-á pelos seguintes

## REGULAMENTOS PRODUÇÃO

1.1 — Os problemas deverão ser elaborados de harmonia com as normas constantes dos números seguintes:

1.2 — Cada produtor não poderá concorrer com mais de dois problemas, sendo, no entanto, considerado apenas o de maior pontuação para atribuição de qualquer prémio.

1.3 — Na construção de cada problema poderá o produtor utilizar o máximo de 20% de casas pretas dispostas simétricas ou assimetricamente e de molde a que o diagrama constitua um único problema.

Os problemas deverão ser elaborados em diagramas de 15x15.

1.4 — O produtor deverá inserir o maior número possível de termos de carácter militar que sejam verificáveis em qualquer dos seguintes dicionários: SINÓNIMOS DA PORTO EDITORA; PORTUGUÊS, DE J. ALMEIDA E COSTA E SAMPAIO E MELO (PORTO EDITORA); PRÁTICO ILUSTRADO DE JAIME DE SÉQUIER, e NOMES PRÓPRIOS DE "A CHARADA".

1.5 — É obrigatório o cruzamento do TIL, da CEDILHA e do HIFEN quando os houver.

1.6 — Não são permitidos anagramas nem palavras invertidas.

1.7 — Conjuntamente com os originais dos problemas deverão ser remetidas as soluções com as indicações pormenorizadas dos dicionários em que se verificam.

1.8 — Todas as produções deverão indicar o nome, pseudónimo (quando o houver), a residência e o número de assinante do concorrente ou o posto e a Unidade ou Estabelecimento Militar onde presta serviço.

2.1 — A classificação será feita por pontos, segundo o seguinte critério:

a) — Por cada casa preta a menos do número máximo permitido — 3 pontos.

b) — Por cada termo militar inserido — 1 ponto.

2.2 — Os problemas serão classificados de harmonia com o maior número de pontos obtidos em função da pontuação indicada em 2.1.

2.3 — Em caso de empate entre dois ou mais produtores, será considerado com melhor classificação o produtor cujo problema apresentar menor número de casas pretas.

A subsistir o empate recorrer-se-á a sorteio a efectuar na Direcção do JORNAL DO EXÉRCITO.

2.4 — Aos 6 problemas de maior pontuação serão atribuídos os seguintes prémios:

1o. — 1 Dicionário Prático Ilustrado de Jaime Seguíer (última edição).

2o. — 1 Iogurteira "Clic".

3o. — 1 medalha de "Camões"

4o. — 1 medalha do "Jornal do Exército"

5o. — 1 assinatura anual do "Jornal do Exército"

6o. — 2 séries de postais "Uniformes Militares"

3.1 — O prazo para a remessa de produções termina em 29 de Fevereiro de 1980, devendo esta ser feita para: JORNAL DO EXÉRCITO — "RECREIO" — Largo da Graça no. 94 — LISBOA-2.

4.1 — Os casos omissos neste regulamento serão resolvidos pela Direcção do JORNAL DO EXÉRCITO, ouvidos os responsáveis pela Secção.

## DECIFRAÇÃO

1.1 — Nesta modalidade o concurso será disputado em 4 etapas (um problema em cada etapa) a publicar no JORNAL DO EXÉRCITO — Secção RECREIO — nos números de Abril, Maio, Junho e Julho de 1980.

2.1 — Os dicionários adoptados são os que constam do número 1.4 do Regulamento de Produção.

3.1 — As soluções devem ser elaboradas em papel quadrado, segundo a forma do respectivo diagrama, sem rasuras e absolutamente legíveis.

3.2 — Todas as produções deverão indicar o nome, pseudónimo (quando houver) a residência e o número de assinante do concorrente ou o posto e a Unidade ou Estabelecimento Militar onde presta serviço.

3.3 — São aceites listas colectivas, só de assinantes, e delas devem constar, independentemente dos elementos do parágrafo anterior, o número de assinante do J.E. de cada concorrente incluído na respectiva lista.

3.4 — O prazo para remessa das soluções termina no último dia do mês seguinte àquele a que se reporte o número.

4.1 — Por cada letra omitida ou errada, por falta do TIL ou da CEDILHA, será o concorrente penalizado com um ponto, e com 2 se houver cruzamento.

5.1 — Entre os totalistas serão sorteados os seguintes prémios:

1o. — 1 Dicionário Prático Ilustrado de Jaime Seguíer (última edição).

2o. — 1 Iogurteira "Clic".

3o. — 1 medalha de "Camões"

4o. — 1 medalha do "Jornal do Exército"

5o. — 1 assinatura anual do "Jornal do Exército".

6o. — 2 séries de postais "Uniformes Militares"

Entre os não totalistas com mais de 50% de decifração certa serão sorteados os seguintes prémios:

1o. — 1 Dicionário Lelo Popular (última edição)

2o. — 1 Medalha do "Jornal do Exército"

3o. — 1 assinatura anual do "Jornal do Exército"

4o. — 1 assinatura anual do "Jornal do Exército"

5o. — 2 séries de postais "Uniformes Militares"

6o. — 2 séries de postais "Uniformes Militares"

6.1 — Os casos omissos neste regulamento serão resolvidos pela Direcção do JORNAL DO EXÉRCITO, ouvidos os responsáveis pela Secção.



# UNIFORMES MILITARES

Texto de  
**MANUEL R. RODRIGUES**

## PORTUGAL

### MILÍCIAS (PARTE XII)

Ao terminar esta primeira série de artigos dedicados aos nossos Regimentos de Milícias, decidi fazer um pequeno apinhado dos temas focados ao longo de todos eles para o leitor saber quais os assuntos que foram tratados, em que mês e número do Jornal do Exército saíram. Aproveitarei também para informar parte da vasta literatura que foi consultada.

— Parte I. Introdução, organização e decreto de 7 de Agosto de 1796. J.E. No. 230 de Fevereiro de 1979.

— Parte II. Plano de uniformes dos Regimentos de Milícias de 19 de Maio de 1806, Portaria de 16 de Janeiro de 1807. J.E. No. 231 de Março de 1979.

— Parte III. Organização, alvará de 21 de Outubro de 1807 e alvará de 20 de Dezembro de 1807. J.E. No. 232 de Abril de 1979.

— Parte IV. Continuação e conclusão das organizações citadas no número anterior. J.E. No. 233 de Maio de 1979.

— Parte V. Uniformes; quadro sinóptico dos Regimentos de Milícias, onde se descrevem as cores das fardas, golas, canhões das mangas, botões, forro da farda e penachos de todos os Regimentos. Era por este meio que se distinguiam os diversos Regimentos de Milícias. J.E. No. 234 de Junho de 1979.

— Parte VI. As milícias durante a primeira invasão francesa (Junot) e logo após a retirada do exército francês do nosso país. J.E. No. 235 de Julho de 1979.

— Parte VII. As bandeiras dos Regimentos de Milícias. J.E. No. 236 de Agosto de 1979.

— Parte VIII. Colocação dos Regimentos de Milícias a partir de 1809. J.E. No. 237 de Setembro de 1979.

— Parte IX. Colocação dos Regimentos de Milícias que tomaram posições nas Linhas de Torres. J.E. No. 238 de Outubro de 1979.

— Parte X. Parte oficial dada pelo Coronel Nicolau Trant, comandante de uma divisão de milícias que tomaram a cidade de Coimbra aos franceses, quando Massena marchou para Lisboa em perseguição de Wellington. J.E. No. 239 de Novembro de 1979.

— Parte XI. Guerra Peninsular. Ordens do dia 7 de Maio de 1812 e de 29 de Dezembro de 1813. J.E. No. 240 de Dezembro de 1979.

#### BIBLIOGRAFIA:

Mencionarei somente alguns dos livros mais importantes a fim de não tornar a lista longa e fastidiosa.

— Luz Soriano, "História da Guerra Civil".

— Pinheiro Chagas, "História de Portugal".

— Ferreira Martins, "História do Exército Português".

— Fr. Cláudio da Conceição, "Gabinete Histórico".

— Victoriano José de César, "Invasões Francesas em Portugal".

— Cristovam Ayres, "História Orgânica e Política do Exército Português".

— Legislação diversa.

— Ordens do Dia e Ordens do Exército.

— Coleções de diversas revistas e folhetos comemorativos do centenário da Guerra Peninsular.

— Marquês de Sá da Bandeira, "Memória sobre a fortificação de Lisboa".

— Coronel Napier, "História da Guerra Peninsular".

— Thiers, "História da Guerra Peninsular".

— Claudio de Chaby, "Excertos Históricos da Guerra denominada da Península".

— Manuscritos diversos, cartas, mapas, correspondência, etc..

NOTA DO AUTOR: Aproveito para deixar aqui bem expresso o meu agradecimento a todo o pessoal do Arquivo Histórico Militar, pela sua tão preciosa e desinteressada ajuda que tanto contribuiu para que este trabalho tivesse sido possível.

**SOLDADO DE MILÍCIAS – REGIMENTO DE PENAFIEL – DIVISÃO DO NORTE – 1806**



**CONJUNTO: 1.450\$00**

Útil para:  
Defesa Pessoal:  
**MILITARES**  
G. N. R.  
P. S. P.  
G. Fiscal  
Bancos  
Guardas  
Fábricas  
Viajantes  
Cobreadores  
Motoristas  
Escritórios  
Industriais  
Comerciantes  
Proprietários  
Etc...



RIGARMI, Tipo Parabellum: 7 Tiros  
Mod. Especial totalmente em ço  
Cal. 6,35 mm — Peso: 380 grs.  
Com 2 carregadores: 14 Tiros.

(Vendem-se com licença do Comando da P. S. P.)

O Representante A. A. FERREIRA  
35, Rua Angelina Vidal N.º 35-C  
1100 LISBOA

**VENDEMOS:**

ARMAS DE CAÇA CAL. 12 CANOS S/ POSTOS E CANOS PARALELOS  
PISTOLAS DE DEFESA CAL. 6,35 mm e CAL. 7,66 mm — MUNIÇÕES  
REVÓLVERS DE DEFESA: CAL. 32 — CAL. 22 LR — CHARTER ARMS  
MARCAS: HARRINGTON & RICHARDSON - SMITH & WESSON, U. S. A.



**PRIMEIRA CASA DAS BANDEIRAS**

**ANTÓNIO CARDOSO**  
Sucessora

**MARGARIDA CARDOSO**  
DA COSTA, LDA.

R. dos Correios, 149/151 — Tel. 32 74 82  
LISBOA - 2 PORTUGAL

**Execução rápida e perfeita de:**

**BANDEIRAS — ESTANDARTES — FLÂMULAS  
E GUIÕES**

Emblemas esmaltados - Medalhas - Emblemas impressos  
em plástico e alumínio fotoanodizado - Varas de madeira  
e metal - Tças - Gravuras - Carimbos e gravações em  
plástico e em metal, e outros



COM

**COMBI-CAMPeasy**

TUDO RODA MELHOR  
FÉRIAS E FINS DE SEMANA  
3 MODELOS (1 e 2 QUARTOS)

EXPOSIÇÃO  
RUA DO CRUCIFIXO, 112  
LISBOA — TEL. 37 19 97

**CASA  
SENNA**



# PUBLICAÇÕES

Temos recebido regularmente:

## MILITARES

**NACIONAIS:** Anais do Clube Militar Naval — Azimute (EPI. Mafra) — Baluarte (EMGFA) — Boletim (Depto. de Educ. Física da Acad. Militar) — Mais Alto (EMFA) — O Mecanizado (Bat. Inf. Mecanizado) — Nação e Defesa (Inst. de Defesa Nacional) — Revista da Armada — Revista de Artilharia — Revista Militar (Lxa).

**ESTRANGEIRAS — Alemanha (R.F.):** Soldat und Technick. Argentina: Gendarmeria Nacional — Bélgica: VOX. Brasil: A Defesa Nacional. Espanha: Armas y Cuerpos (AGM); Ejército (Madrid); Guión (Madrid). Estados Unidos da América: Eurarmy. França: TAM. Holanda: De Vliegende Hollander. Pretória: Parátus. Rodésia: Assegai. Roménia: Viata Militara.

## DIVERSAS

**AÇORES:** A Ilha (P. Delgada)

**MACAU:** O Clarim (Dioc. de Macau)

**ESTRANGEIRAS — África do Sul:** Panorama. Alemanha (R.F.): Scala (Ediç. luso-brasileira). Brasil: Letras em Marcha (Rio de Janeiro). Espanha: Guardia Civil (Madrid). França: Nouvelles de France (Paris). Roménia: Actualités Roumaines; Lumea. URSS: Vida Soviética (Novosti).

**NATO:** Notícias da OTAN

**JORNAL DO INCRÍVEL —** Recebemos o primeiro número desta publicação, dirigida por Roussado Pinto. Os nossos votos e bom êxito.

**REVISTA DE ARTILHARIA —** Na comemoração do 75o. aniversário desta revista foi editado um número especial com um editorial do Director, Gen. Manuel Freire Themudo Barata, e uma série de textos de vivo interesse sobre a Arma de Artilharia — a sua história, a sua evolução, as comemorações do aniversário, etc., enfim temas dignos de atenção.

Ao Gen. Themudo Barata os nossos parabéns e sinceros votos de boa continuação.

## SOLUÇÕES DO RECREIO

**PALAVRAS CRUZADAS — PROBLEMA No. 1'80**

Aleive, pataco. Cavai, p, batem. Aço, varar, adi. Ba, vilania, en. Área, iço, cara. R, pré, a, ror, r. Dieta, bemol. N, cia, n, nem, p. Ocar, sor, tape. Va, acético, ir. Aso, arara, mas. Taful, r, saída. Alamar, palmas.

**DAMAS — PROBLEMA No. 88**

15-19, 22-15; 11-20, 24-15; 6-20-30-17, 3-13; 17-10-1, 32-10 ou 5; 1-19-8. Ganham as brancas.

**XADREZ**

1. Tc7 — b7, Th2h7; Bb2 — g7Th2 — h6; Bb2 — f6  
Th2 — h5; Bb2 — e5  
Th2 — h4; Bb2 — d4  
Th2 — h3; Bb2 — e3

# LEGISLAÇÃO

**NOTA PRÉVIA:** — Por motivo de absoluta falta de espaço, foi este Jornal obrigado a interromper, em Junho de 1979, a publicação do resumo da legislação, de particular interesse para o Exército. Esta a razão por que, ao retomarmos a publicação desta secção, o fazemos referindo legislação já um tanto antiga. Não quisemos, porém, privar do conhecimento dessas disposições legais os muitos assinantes e leitores que nesta matéria consultam, por norma, o "Jornal do Exército".

Chamamos ainda a atenção para o seguinte: quando não referimos diplomas de evidente interesse, insertos na Ordem do Exército, é porque dos mesmos já foi feita menção nestas colunas, aquando da sua publicação na 1.ª Série do Diário da República.

## ORDEM DO EXÉRCITO No. 9 — 1.ª SÉRIE DE 30SET78

Decreto-Lei no. 283/78 de 11SET78 do Conselho da Revolução:  
Extingue o Serviço de Obras do Exército e cria, em sua substituição, a Direcção do Serviço de Fortificações e Obras Militares (DSFOE) que fica na dependência do Departamento de Logística.

Decreto-Lei no. 284/78 de 11SET78 do Conselho da Revolução:  
Altera o artigo 52.º do Estatuto da Assistência aos Tuberculosos das Forças Armadas.

— Despacho Normativo no. 208/78 de 18ABR78 dos Ministérios da Defesa Nacional, das Finanças e do Plano e dos Assuntos Sociais:

Esclarece dúvidas sobre a aplicação da Lei no. 11/78, de 20 de Março, no que respeita às deficiências abrangidas e à tabela a usar para a determinação do grau de incapacidade.

— Despacho de 22AGO78 do CEME:  
Estabelece normas de aplicação dos Despachos no. 153/77 e no. 1/78, de 3 de Janeiro, da Sec. Estado Orientação Pedagógica, ao Colégio Militar, ao I.M.P.E. e ao Instituto de Odontologia.

— Despacho Conjunto de 17AGO78 das Secretarias de Estado do Orçamento da Administração Pública e da Segurança Social:

Fixa o subsídio de funeral em 2000\$00 e regulamenta a sua atribuição aos ascendentes e equiparados a cargo dos trabalhadores referidos no artigo 2.º do Dec.-Lei no. 197/77, de 17 Maio.

## ORDEM DO EXÉRCITO No. 10 — 1.ª Série de 31OUT78

— Despacho Conjunto de 14AGO78 do EMGFA e do Ministério das Finanças:

Actualiza as remunerações do pessoal militar em comissão nas missões militares no estrangeiro de harmonia com o abono para despesas de representação, fixado para os funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros em idêntica situação.

## ORDEM DO EXÉRCITO No. 11 — 1.ª Série — de 30NOV78

— Decreto-Lei no. 316/78 de 2NOV78 do Conselho da Revolução:  
Fixa o limite máximo dos subsídios pecuniários constante do artigo 7.º do Estatuto do Cofre de Previdência das F.A. em 200.000\$00.

— Decreto-Lei no. 376/78 de 29NOV78 do Ministério das Finanças:  
Dá nova redacção aos §§ 5.º e 6.º do artigo 17.º do Dec.-Lei no. 38.523 de 23NOV951 e adita ao mesmo artigo os §§ 7.º e 8.º.

— Portaria de 19OUT78 do Conselho da Revolução:  
Aprova o modelo de Brasão de Armas do Regimento de Infantaria de Beja.

— Portaria de 20OUT78 do Conselho da Revolução:  
Aprova o modelo de Brasão de Armas do Regimento de Infantaria de Tomar.

— Portaria de 20OUT78 do Conselho da Revolução:  
Aprova o modelo de Estandarte do Regimento de Infantaria de Tomar.

— Portaria de 30OUT78 do Conselho da Revolução:  
Aprova o modelo de Estandarte do Regimento de Infantaria das Caldas da Rainha.

— Portaria de 7NOV78 do Conselho da Revolução:  
Aprova o modelo de Estandarte do Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo.

— Portaria de 21NOV78 do Conselho da Revolução:  
Aprova o modelo do emblema da 1.ª Brigada Mista Independente.

— Despacho de 27OUT78 do EMGFA:  
Rectifica a redacção do no. 1.13 do Despacho de 12SET78 do CEMGFA e dos CEME, CEMA e CEMFA.

— Despacho de 20OUT78 do EMGFA:

Regulamenta a aplicação das novas tabelas de vencimentos aprovadas para o pessoal civil dos Estabelecimentos Cívicos das F.A. e atribui ao CDEFFA o estudo dos critérios de promoção nas categorias e ascensão nos escalões para o mesmo pessoal.

— Despacho de 7NOV78 do EMGFA:

Determina os procedimentos a seguir no que respeita às despesas de transporte, a expensas da Fazenda Nacional, de militares ou civis para comparecerem perante os Tribunais militares ou civis como réus, testemunhas, declarantes ou peritos.

— Despacho de 2NOV78 do EMGFA:

Altera a Tabela B dos adicionais mensais, de acordo com o previsto no § único do artigo 18.º do Estatuto do Cofre de Previdência das Forças Armadas.

— Despacho Interpretativo de 10OUT78 do EMGFA:  
Dá esclarecimentos para efeitos de execução do disposto no artigo 10.º do Dec.-Lei no. 294/75 de 16 de Junho e no artigo 4.º do Dec.-Lei no. 329-E/75, de 30 de Junho.

— Despacho de 8NOV78 do CEME:

Considera dissolvida a Cooperativa Militar de Elvas.  
— Despacho no. 92-A/78 de 30OUT78 do EME:  
Institui o dia 21 de Junho como o "Dia da Unidade" do Regimento de Infantaria de Ponta Delgada.

— Despacho 99-A/78 de 8NOV78 do EME:  
Revoga as Normas de Nomeação de Oficiais e Sargentos do QP para as Ilhas Adjacentes, aprovadas por despacho do Secretário de Estado do Exército de 22JAN73.

— Despacho de 17NOV78 do EME:  
Designa o Batalhão do Serviço Geral do Exército herdeiro das tradições do Depósito Geral Militar e da Companhia de Adidos do G.M. Lisboa, determinando também que sejam transferidos para este Batalhão os materiais de interesse histórico-militar ou cultural existentes no Depósito de Indisponíveis e no Depósito Geral de Adidos.

— Despacho de 21NOV78 do EME:  
Designa fiel depositária das tradições e património histórico do extinto R.I. no. 9, a Escola de Formação de Sargentos.

— Despacho no. 103-A/78 de 24NOV78 do EME:  
Reactiva a CAIPP (Comissão de Análise e Informação de Processos Políticos).

**Se é EMIGRANTE**  
**Se tem familiares Emigrantes**  
**Se se interessa pelos problemas da Emigração**

leia, assinhe, colabore e divulgue

**UN JOUR EN FRANCE**

o Jornal de todos os portugueses emigrantes no Mundo

2 AV. DES SABLONS — 9ÈME ÉTAGE  
91350 GRIGNY — 2  
(FRANCE)

# Aprenda hoje a profissão do futuro!



Você pode agora converter-se num verdadeiro técnico de electrónica graças aos cursos que o Centro de Instrução Técnica elaborou para si: **Electrónica, Rádio e TV e Transistores**. Conheça os nossos cursos e decida-se por um deles.

Estudando nos momentos livres, muito economicamente e beneficiando da excelente assistência pedagógica que lhe oferecemos, em pouco tempo você verá melhorado o seu nível social e económico, além da satisfação que sente em desempenhar aquela actividade aliciante e lucrativa que sempre ambicionou.

Outros cursos CIT: **Desenho de Máquinas • Desenho de Construção • Programação Cobol • Contabilidade • Organização Administrativa de Empresas • Inglês • Francês • Cultura Geral • Corte e Confeção**.

**Informe-se. Preencha, destaque e envie-nos o cupão por carta ou colado num simples postal. Mas faça-o ainda hoje!**

**CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA  
ENSINO TÉCNICO A DISTÂNCIA**

R. D. ESTEFÂNIA, 32  
1066 LISBOA CODEX

Grátis e sem compromisso envie-me informação completa sobre o curso que indico

CURSO \_\_\_\_\_

NOME \_\_\_\_\_

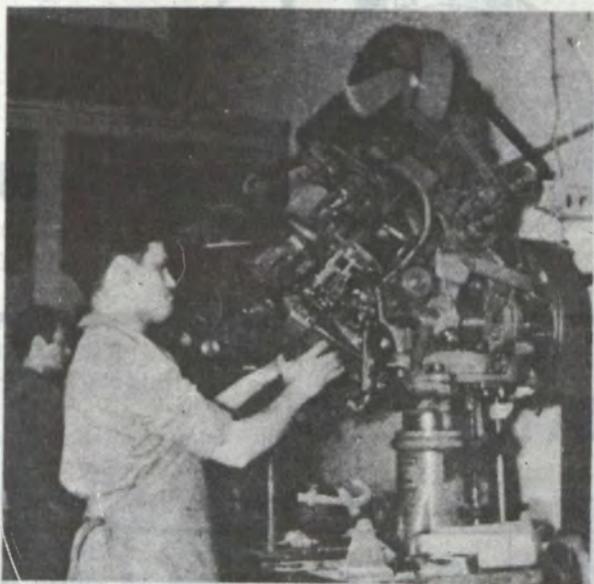
END. EMPREGO \_\_\_\_\_

MORADA \_\_\_\_\_

LOCALIDADE \_\_\_\_\_

A preencher pelos nossos serviços. ▶

			1									1	3	5	4	3
--	--	--	---	--	--	--	--	--	--	--	--	---	---	---	---	---



FÁBRICAS DE: CONFECÇÕES; CALÇADO; EQUIPAMENTO E METALO-MECÂNICA. OFICINAS DE ALFAIATARIA.

SECÇÃO COMERCIAL: VENDAS A PRONTO PAGAMENTO E A PRESTAÇÕES DE ARTIGOS DE VESTUÁRIO E DE UTILIDADE DOMÉSTICA.



**OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO E EQUIPAMENTO**

**ABASTECEDORA  
DAS FORÇAS ARMADAS**

SEDE: LISBOA — Campo de Santa Clara  
SUCURSAL: PORTO — Rua da Boa Vista  
DELEGAÇÃO: ENTRONCAMENTO

**HÁ MAIS DE 45 ANOS...**



**A CAMISA**

**DO HOMEM**

**ELEGANTE**

MARCA  
REGISTADA

**CONFECÇÕES J. R. RODRIGUEZ**

**S. A. R. L.**

**RUA DE S. LÁZARO, 1 a 9 — LISBOA**

Tel. 862165/7

End. Teleg. «REGOJO»

**PAPELARIA  
FERNANDES**

LARGO DO RATO, 13 — RUA DO OURO, 145 — LISBOA

Oficinas de:

TIPOGRAFIA

LITOGRAFIA

ENCADERNAÇÃO

CARTONAGEM

SOBRESCRITOS

SACOS DE PAPEL

LIVROS NACIONAIS

E ESTRANGEIROS

Secções Especializadas de:

MATERIAL PARA

DESENHO

TOPOGRAFIA

E IMPRESSOS PARA O EXÉRCITO

# NUMISMÁTICA

Por AFAC



## SUBIDA DO OURO E DA PRATA

### ORIGINA VALORIZAÇÃO DAS MOEDAS (III)

#### 2. ANGOLA

Moedas	Descrição	Peso legal (gr.)	Toque (‰)	Total Prata fina (gr.)	Valor Intrínseco	Cotação (B. C.) Maio/79
20\$	— 1952	10	720	7,20	212\$40	90\$
	— 1955	10	720	7,20	212\$40	90\$
10\$	— 1952	5	720	3,60	106\$20	60\$
	— 1955	5	720	3,60	106\$20	60\$

Após a inserção do quadro referente ao Continente, vamos neste número iniciar a publicação das moedas de prata do Ultramar, começando com Angola.

Perante os valores, conclui-se que as poucas moedas de prata deste período, beneficiaram todas do aumento deste metal, o que traduz por outro lado a fraca raridade destes numismas.

O benefício foi superior a cem por cento.



Ao contrário do que aconteceu com as moedas de Angola, em Moçambique só uma parte das moedas beneficiaram das últimas subidas da prata, o que traduz a existência de bastantes raridades nas suas moedas.

Das 20 moedas descritas, 60 % foram beneficiadas.



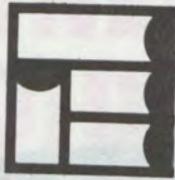
#### 3. MOÇAMBIQUE

Moedas	Descrição	Peso legal (gr.)	Toque (‰)	Total Prata fina (gr.)	Valor Intrínseco	Cotação (B. C.) Maio/79
20\$	— 1952	10	720	7,20	212\$40	90\$00
	— 1955	10	720	7,20	212\$40	90\$00
	— 1960	10	720	7,20	212\$40	90\$00
	— 1966	10	720	7,20	212\$40	90\$00
10\$	— 1936	12,5	835	10,44	308\$00	550\$00
	— 1938	12,5	835	10,44	308\$00	1 200\$00
	— 1952	5	720	3,60	106\$20	60\$00
	— 1954	5	720	3,60	106\$20	60\$00
	— 1955	5	720	3,60	106\$20	60\$00
	— 1960	5	720	3,60	106\$20	60\$00
	— 1966	5	720	3,60	106\$20	60\$00
5\$	— 1935	7	650	4,55	134\$20	200\$00
	— 1938	7	650	4,55	134\$20	500\$00
	— 1949	7	650	4,55	134\$20	120\$00
	— 1960	4	600	2,40	70\$80	30\$00
2\$50	— 1935	3,5	650	2,28	67\$30	250\$00
	— 1938	3,5	650	2,28	67\$30	350\$00
	— 1942	3,5	650	2,28	67\$30	200\$00
	— 1950	3,5	650	2,28	67\$30	40\$00
	— 1951	3,5	650	2,28	67\$30	250\$00

#### 4. GUINÉ

Moedas	Descrição	Peso legal (gr.)	Toque (‰)	Total Prata fina (gr.)	Valor Intrínseco	Cotação (B. C.) Maio/79
20\$	— 1952	10	720	7,20	212\$40	140\$00
10\$	— 1952	5	720	3,60	106\$20	70\$00

Com apenas 2 moedas de prata, a Guiné valorizou cinquenta por cento, aproximadamente, os seus espécimes. Embora de fraca raridade, estas duas moedas da Guiné atingem valores na ordem dos milhares de escudos, quando se apresentam em óptimo estado de conservação.



Por ROBERTO FERREIRA

# LIVROS

EDIÇÕES DE PUBLICAÇÕES  
EUROPA-AMÉRICA

ENFERMAGEM PEDIÁTRICA - I  
Por MARGARETTE DUNCOMBE  
e BARBARA WELLER

Trabalho de duas enfermeiras especialistas, incontestavelmente útil a enfermeiras e estudantes de Enfermagem, pois trata seriamente do tema abordado, dando ao leitor "ideia do pormenor e da variedade de pontos focados na área genérica da enfermagem pediátrica".

Colecção *Manuais de Enfermagem* (no. 6) - 1979. Título original: *Pediatric Nursing*. Trad. de J.R.O. - Capa de *Estúdios P.E.A.*

ELOGIO DA DIFERENÇA  
- A GENÉTICA E OS HOMENS  
Por ALBERT JACQUARD

Os êxitos conseguidos em trabalhos sobre espécies animais e vegetais conduzirão à aceitação da hipótese da aplicação ao ser humano das técnicas daqueles trabalhos, na esperança de "melhorar a espécie".

Será isto possível sem se ter de enfrentar riscos de consequências imprevisíveis? - Este o problema em que está im-



Margaret Duncombe  
e Barbara Weller

## ENFERMAGEM PEDIÁTRICA I



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMERICA

plicado o futuro da espécie humana, e que o Autor equacionou.

Obra, sem dúvida, recomendável, na qual o leitor descobrirá "como no mundo da genética se podem ocultar monstros ameaçadores do nosso futuro..."

Colecção *Biblioteca Universitária* (no. 6) - 1979. Título original: *Éloge de la Différence - La Génétique et les Hommes*. Trad. de Adelino dos Santos Rodrigues. Revisão técnica do Prof. Germano da Fonseca Sacarrão. Capa de *Estúdios P.E.A.*

BATALHA NO ESPAÇO - VOL. II  
- A ARMADILHA MORTAL  
Por GLEN A. LARSON  
e ROBERT THURSTON

Aventura em que participa a Galáctica - estrela de batalha - . Lutando pela sobrevivência a um bilião de anos-luz da Terra, os viajantes da estrela-de-batalha conduzem-se para um estranho asteróide.

Livro de tema atraente. E é a continuação de outro que serviu de guião a um filme.

Colecção *Livros de Bolso Europa-América - Séries Ficção Científica* (no. 3)-1979. Título original: *The Gylon Death Machine*. Trad. de Eduardo Saló. Capa de *Estúdios P.E.A.*

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO  
E DAS IDEIAS SOCIALISTAS  
EM PORTUGAL - II  
- OS PRIMEIROS CONGRESSOS  
OPERÁRIOS (1865-1894)  
Por CARLOS DA FONSECA

Depois de publicado um volume dedicado à "cronologia" do movimento operário, o Autor entregou-se agora ao estudo dos primeiros congressos operários. Afirmções e documentos necessários para o conhecimento histórico da acção dos operários portugueses.

Esta obra é fruto de um grande esforço e apresenta características de seriedade na investigação. E também este trabalho marca notável presença porque, sobre o assunto em causa, até agora só eram conhecidos estudos dispersos.

O actual interesse deste livro é inegável. Nele são explicados os enigmas do passado e até alguns factos actuais.

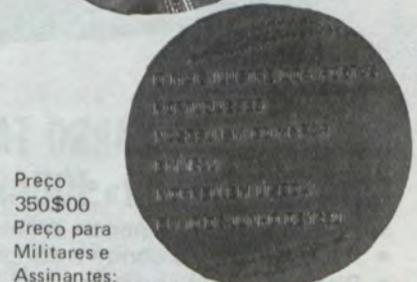
Colecção *Estudos e Documentos* (no. 157) - 1979 - . Capa de *Estúdios P.E.A.*



PROMOÇÃO

MEDALHA  
DE  
LUÍS DE CAMÕES

(BRONZE)  
Módulo  
70 mm  
Peso  
220 gr.



Preço  
350\$00  
Preço para  
Militares e  
Assinantes:  
300\$00

ALBERT JACQUARD

## Elogio da Diferença

A Genética  
e os Homens



## CASA BASTÃO-ALFAIATARIA, LDA.



RUA DOS REMÉDIOS, 168  
(a Santa Apolónia)  
Telef. 86 77 29 - LISBOA-2



★  
MILITAR E CIVIL

### ALFAIATARIA MILITAR

Confecciona toda a espécie de fardamentos, condecorações, galões, divisas, emblemas, distintivos e fornece artigos Militares às Unidades, Cantinas, etc.

### ALFAIATARIA CIVIL E PRONTO A VESTIR PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

### ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

Os melhores tecidos nacionais e estrangeiros, Malhas, Camisaria, Calçado, Gabardinas, Sobretudos, etc.

Trabalhos executados por pessoal altamente especializado e com a maior perfeição



# O SENHOR SABE MAS AINDA NÃO VERIFICOU QUE:



## NA INVERNIA, CARRO TAPADO COM CAPAS «RR» IGUAL A...

- Bateria protegida, pega à primeira!
- Radiador seguro contra a congelação!
- Pintura livre de corrosão!

As únicas capas cardadas interiormente  
o que as distingue

um exclusivo de  
Estabelecimentos:

**RODRIGUES & RODRIGUES, SARL**

R. Nova do Carvalho, 79 — Tel. 37 22 21  
Apartado 2199 — Lisboa-2

Agentes em todo o país

# CORONEL CÂNDIDO TELES

## 40 ANOS DE PINTURA



# C. Teles

riquecida e depenada por um autodidactismo insatisfeito e estrénuo, cuja raridade assume, entre nós, foros de notável". De Cândido Teles, escreveu, em 1971, Sabino Alonso Fueyo: "(...) busca en la pintura la evocación estética de no modo directo, sin complicaciones, com autenticidad y se situa ilusionadamente ante lo que le rodea para captar su temblor humano: la alegría y el drama, la fatiga y el amor, la esperanza y la desesperación. Todo parece fugitivo y efímero en sus lienzos, pero como admirarlo *permanentemente* efímero y fugitivo".

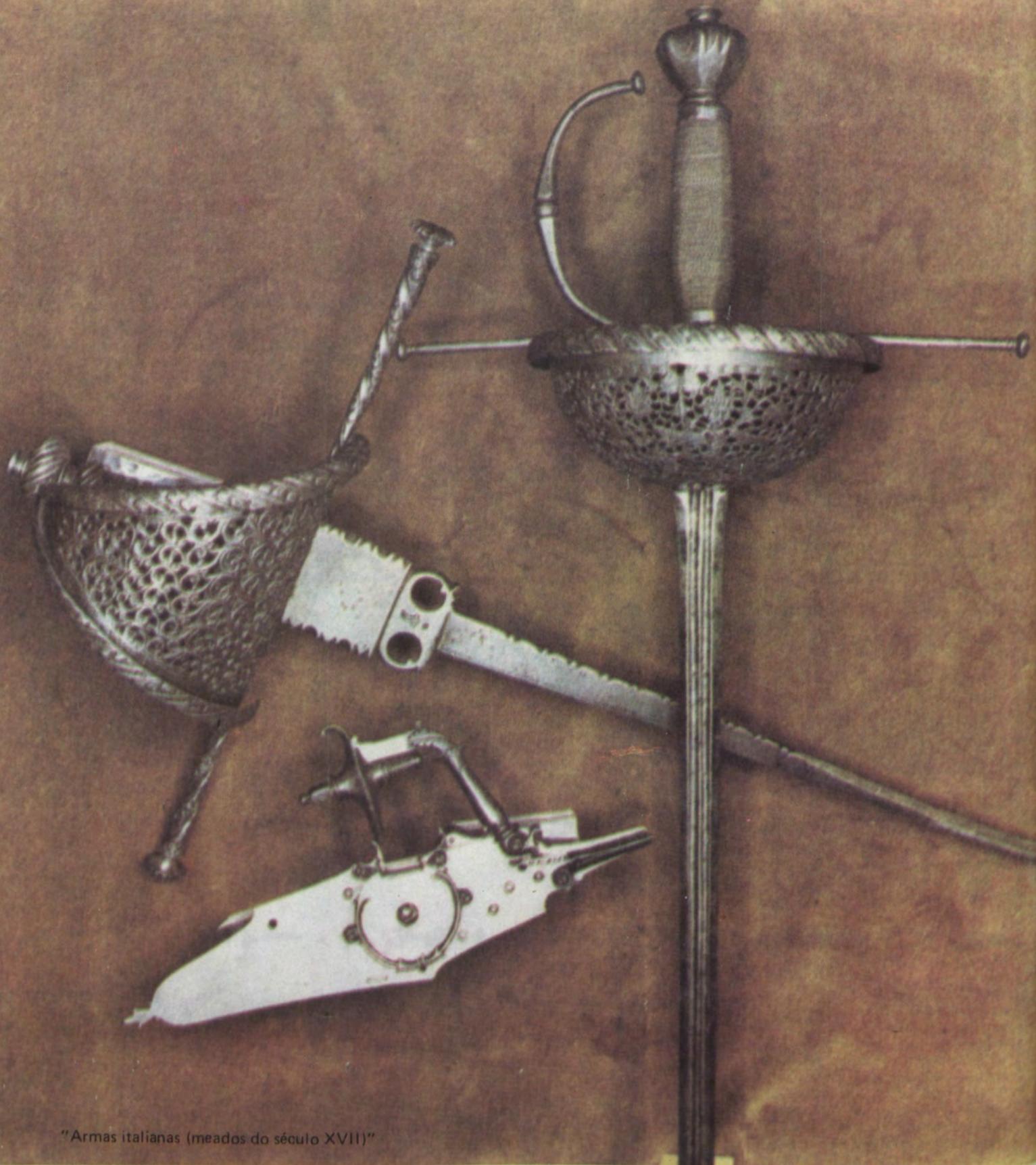
Este é o Coronel António Cândido Patoilo Teles e a sua pintura de quarenta anos.

Da sua vasta obra oferecemos aos nossos leitores a reprodução de alguns dos seus extraordinários quadros.

chíveis entre o antecedente e o conseqüente". E, mais adiante, afirma: "Cândido Teles levanta os olhos da nossa paisagem aquática e posa-os, com o mesmo à-vontade, (pelo menos aparente), na savana ressequida ou na palha amarela da seara alentejana."

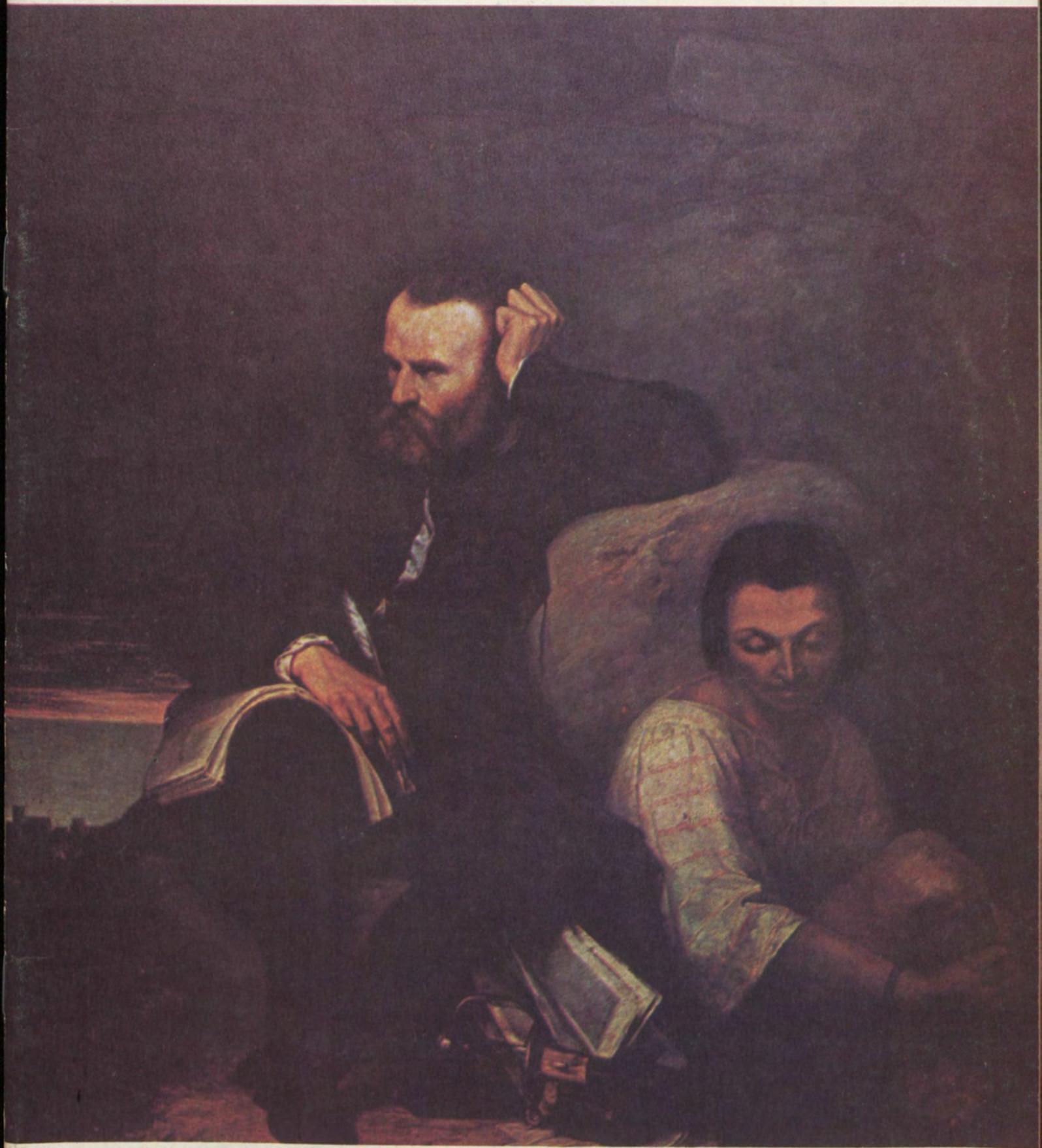
Dez anos mais tarde, David Cristo, de Aveiro, refere: "A verdade, porém, é que Cândido Teles, nas suas tentativas duma plena realização — inatingível, no âmbito das ambições dos ARTISTAS, que sempre se julgam aquém das suas virtuais potencialidades — mostra-nos, ao longo de quatro décadas, uma obra tão vasta quanto multímoda, quer nas técnicas quer na eleição e na transposição dos temas, sendo que esta vai desde o realismo (aliás, sempre na sua pessoalíssima interpretação), até um idealismo, embora naquele inspirado, que toca pelo deliberado "não-figurativo". Em 1947, Mário Sacramento afirma: "Porque o que nele é mais próprio e essencial é a aventura da sua vocação, desperta (ou encorajada) pelo fortuito contacto de um mestre (Fausto Sampaio) e depois, quase só en-





"Armas italianas (meados do século XVII)"

Jornal do **EXÉRCITO**



MENSÁRIO  
**FEVEREIRO DE 1980**  
15,00

# DOS ÁRABES E SUA ARTE MILITAR

Coord. de B.P.

## QUEM ERAM

As conquistas árabes procedem de uma autêntica explosão expansionista e bélica, no género das dos hunos no séc. V, dos normandos nos sécs. VII e VIII e dos mongóis no séc. XIII. Explosão que se caracterizou pelo controlo (que durou um século) de territórios imensos, do Indo aos Pirinéus, passando pelo Egipto e pelo Norte de África; por um fraccionamento político e territorial permanente e pela criação de impérios e reinos efémeros, onde, apenas os vínculos mantêm a religião muçulmana, a língua, a escrita, enfim, os costumes ancestrais do Oriente; pela transmissão da religião, dos seus usos e costumes aos povos estrangeiros do império; pela continuidade da força missionária do Islão, sempre relançada por novas energias. Os árabes constituíam dois ramos principais: os do Sul, sedentários e agricultores, comerciantes e marinheiros, e os do Norte, colonizados pelos primeiros e estavam organizados, politicamente, em monarquia, e religiosamente eram politeístas. Os pequenos reinos semicivilizados de Nabaté do Sul, Petra, Nabaté Setentrional, Palmira e Kinda sofriam de influência helenista, enquanto que na Arábia central e do Norte a unidade social é o grupo, segundo o sistema tribal beduíno. A tribo, dirigida pelo "sheik", chefe eleito, assistido por um conselho de anciães, arbitra mais que comanda. A vida é regulada



*O sultão Hussein Mirza visita um eremita; vê-se o armamento árabe tradicional — arco curvo, flechas compridas e curtas, espada comprida.*

*Mamuza e Ali, tio e genro de Mahomé, inspeccionam os seus lanceiros, antes de partir para a guerra.*



# Jornal do EXÉRCITO

ANO XXI — No. 242 — MENSÁRIO — FEVEREIRO 1980

## SUMÁRIO

DOS ÁRABES E SUA ARTE MILITAR .....	2,51
EDITORIAL .....	4,5
FIGURAS E FACTOS .....	6,7
AFEGANISTÃO: UM AVISO MUITO SÉRIO .....	8,9
MIRAMUNDO .....	10,11
O MUSEU DE FOTOGRAFIA "VICENTES PHOTOGRAPHOS" .....	12,13
A ACADEMIA MILITAR E O SEU 143º ANIVERSÁRIO .....	14,15
O EXÉRCITO NAS GRANDES CATÁSTROFES .....	16,17
A TERRA TREMEU NA ILHA TERCEIRA .....	18,19,47
APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DO C. COMBATE — XLI .....	20,21
FALTA DE SANGUE EM PORTUGAL: UM PROBLEMA QUE NOS CUMPRE E URGE RESOLVER .....	22,23,32
MONUMENTOS DE EVOCAÇÃO MILITAR .....	24
ANEDOTA .....	25
CAMÕES (série) — Banda Desenhada .....	26,27
CIÊNCIA E TÉCNICA .....	28,29
DA MADEIRA .....	30
NUMISMÁTICA .....	31
PARA QUEM GOSTA DE SABER .....	33
DESPORTO .....	34,35
ARMAS ANTIGAS .....	36,37
UNIFORMES MILITARES .....	38
FILATELIA .....	39
CINEMA .....	40
RECREIO .....	41
PUBLICAÇÕES .....	43
MODELISMO .....	44
LEGISLAÇÃO .....	48
LIVROS .....	49
INTERNACIONAL — NOVAS TÉCNICAS .....	50
ARMAS QUE ESCREVERAM A HISTÓRIA DE PORTUGAL .....	52

Os artigos e secções assinados exprimem a opinião dos seus autores e não reflectem, necessariamente, um ponto de vista oficial. Os artigos e secções não assinados são da responsabilidade da Direcção.

### AOS ASSINANTES

Devido à falta de papel de que actualmente se faz sentir no mercado nacional este número do "Jornal do Exército" foi impresso em papel diferente do que é habitual, único que se conseguiu arranjar. Pelo facto pedimos sinceras desculpas aos nossos assinantes e leitores. No próximo número contamos voltar à normalidade.



### A NOSSA CAPA

#### CAMÕES NA GRUTA DE MACAU

Pintura a óleo sobre tela/Assinada e data-  
da 1853. 1630X1320 mm/Estado de  
Conservação: Regular.  
Quadro pintado por Francisco Augusto  
Metzra em Paris e adquirido pelo rei D.  
Fernando em 1855.



ORGÃO DE INFORMAÇÃO  
CULTURA E RECREIO  
DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

Director:  
CORONEL FERNANDO  
GODOFREDO DA  
COSTA NOGUEIRA DE FREITAS

Chefe de Redacção:  
COR. CARLOS M. BARÃO PINTO

Orientação Gráfica:  
Dr. GABRIEL FERRÃO

Propriedade do  
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Largo da Graça, 94  
1100 Lisboa  
Telefone 87 03 55

DISTRIBUIÇÃO:  
PORTUGAL CONTINENTAL, INSULAR  
E NÚCLEOS PORTUGUESES NO ES-  
TRANGEIRO

NÚMERO AVULSO ..... 15\$00

ASSINATURAS ANUAIS  
(12 números)

VIA SUPERFÍCIE  
— Continente e Ilhas ..... 150\$00  
— Espanha, Macau e África  
de expressão Portuguesa ..... 190\$00  
— Restantes Países ..... 350\$00

### VIA AÉREA

— Ao preço da assinatura por via superfície  
será acrescida a respectiva taxa de porte por  
avião.

NÚMEROS ATRASADOS ..... 15\$00



PORTE  
PAGO

NOTA: As despesas de cobrança no domi-  
cílio são por conta do assinante.

Tiragem: 10.000 exemplares



Execução Gráfica: União Gráfica, S.A.R.L.  
Rua de Santa Marta, 48  
Lisboa 1100



# POSSE DO NOVO COMANDANTE DA R.M.C.

No decorrer da tomada de posse do Brigadeiro Pires Tavares, como Comandante da Região Militar do Centro em 15 de Janeiro, p.p., foram proferidas por este Oficial-General, palavras que, pela sua importância, transcrevemos na íntegra:

Em 28 de Setembro de 1970, nesta mesma casa, li o Diploma Legal que criou a Região Militar de Coimbra e o respectivo Órgão de Comando. Fi-lo como Chefe do Estado-Maior do Quartel General, que, nessa data, entrava novamente em funcionamento, depois da sua extinção, alguns anos antes.

Hoje, 15 de Janeiro de 1980, reentro neste Quartel-General para assumir as funções de Comandante da Região Militar do Centro, desenvolvimento da antiga Região Militar. Faço-o com a mesma confiança, com o mesmo entusiasmo, com o mesmo desejo de cumprir, em toda a sua plenitude, a missão que me foi confiada.

Entre estes dois marcos temporais, tiveram lugar acontecimentos importantes na sociedade portuguesa, e que a história há-de estudar na dimensão adequada.

Estes acontecimentos marcaram profundamente a Instituição Militar. Aos problemas próprios do terminar duma guerra demasiado longa e desgastante, juntaram-se outros, resultantes do aventureirismo de alguns, do oportunismo de outros, da abdicação de muitos.

Um esforço gigantesco, desenvolvido com serenidade, determinação e coragem, permitiu, num prazo relativamente curto, a recuperação militar das Unidades mais afectadas e das estruturas do Comando, apresentando-se hoje a Instituição Militar como uma força efectiva, quer no campo operacional quer no campo psicológico.

Restam ainda algumas sequelas, cuja eliminação constitui imperativo de todos os responsáveis, que lhe têm vindo a dedicar o melhor do seu esforço.

A Região Militar do Centro é a Região Militar de maior extensão territorial, estendendo-se, genericamente, do Douro ao Tejo, do Oceano Atlântico à Espanha.

Engloba grandes centros industriais e populacionais, dois portos de mar de significativa importância e um dos principais centros intelectuais do País: — a velha e sempre jovem Universidade de Coimbra, onde, ainda adolescente, tirei os meus preparatórios militares.

O meio em que se insere apresenta características heterogéneas, quer nas estruturas físicas quer nas estruturas demográficas, quer ainda nas estruturas económicas, o que se reflecte nas estruturas de enquadramento.

No campo específico militar, a Região Militar do Centro, para além de possuir um elevado número de unidades normais, tem duas Escolas Práticas, uma Escola de Formação de Oficiais — o Instituto Superior Militar — e ainda um Centro de Selecção, aqui em Coimbra, único ainda existente no País e órgão conjunto dos Três Ramos das Forças Armadas, em que as operações de inspecção e alistamento dos mancebos são feitas em moldes avançados e já bastante distanciados das vulgares Juntas de Recrutamento.

Existem ainda, na Área Territorial da Região, Unidades importantes de outros Ramos das Forças Armadas.

Por outro lado, são Unidades Territoriais da Região Militar do Centro que fornecem o maior número das Unidades Operacionais para a 1a. Brigada Mista Independente.

Fácil é concluir, portanto, que o comando da Região Militar do Centro não é uma tarefa cómoda, exigindo do Comandante da Região e do seu Estado-Maior esforço, dedicação e dinamismo, para fazer face à multiplicidade e à diversidade das situações.

Esta cerimónia obedece ao mínimo imposto pelos regulamentos militares. Deve ser entendida como um acto de rotina na Instituição Castrense.

Não trago um programa de comando, por desnecessário. O programa decorre da análise da missão e traduz-se na adopção oportuna das medidas necessárias ao cum-



primimento das várias tarefas que a missão encerra.

Não deixarei, porém, de salientar alguns pontos essenciais, que devem nortear, quer a acção do Comando da Região quer a acção dos responsáveis pelas várias Unidades e Órgãos que integram a Região Militar do Centro:

- Manutenção e fortalecimento da disciplina
- Desenvolvimento do espírito de corpo
- Conduta firme e coerente
- Lealdade
- Camaradagem
- Completa fidelidade aos valores metapositivos que servem de suporte à Instituição Militar.

Não sou conservador, mas sou avesso a aventureirismos. Respeitarei, por isso, o trabalho dos que me precederam, procedendo, no entanto, às modificações que a evolução das circunstâncias aconselhar, dentro da dinâmica que os tempos actuais impõem.

A Organização Militar é do tipo linha, com vários escalões de responsabilidade, aos quais é atribuída a necessária autoridade. Significa isto que as relações se devem processar de escalão em escalão, assumindo, cada um e todos, e plenamente, as suas responsabilidades. Outras

relações, processadas "a latere" da hierarquia, são inaceitáveis, por conduzirem à ambiguidade e à diluição da responsabilidade.

As Unidades valem o que valer o pessoal que as integra. Deste, os Comandantes, directamente responsáveis perante o Comandante da Região por tudo quanto as Unidades fazem ou deixam de fazer, assumem extraordinária importância. Conheço-os e sei que posso contar com o seu valor e com a sua colaboração franca, leal e firme.

O Quartel-General, principal órgão de trabalho do Comando da Região, adquire, por isso mesmo, papel relevante na articulação coordenada dos vários sectores, através duma acção centrípeta eficaz e oportuna. O pessoal que o constitui tem experiência e está perfeitamente integrado nas realidades concretas, o que me dá a garantia de um apoio imediato, vário e responsável.

Agradeço as palavras do sr. Brigadeiro Almeida e Brito, 2o. Comandante da Região Militar do Centro, Oficial de elevada craveira, e a quem me ligam, desde longa data, profundos laços de amizade. Quero dizer-lhe quanto me é grato poder contar, numa função tão importante, com a sua preciosa colaboração.

Aos representantes dos Órgãos de

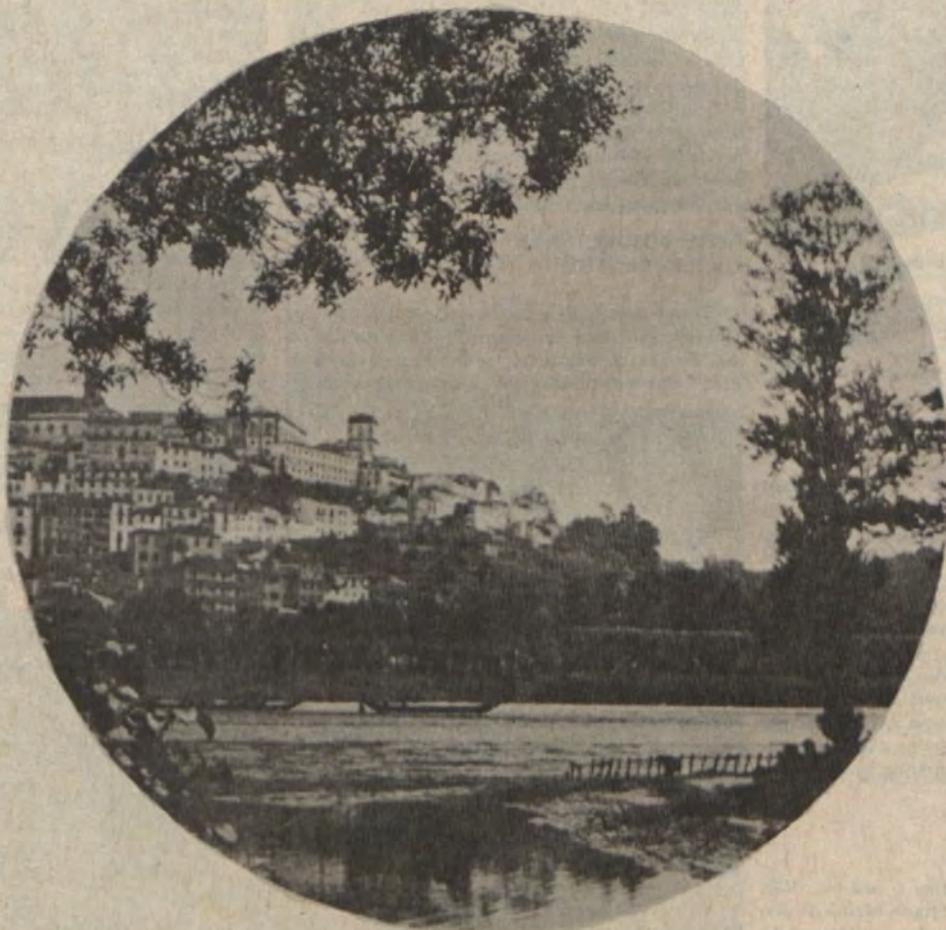
Comunicação Social, a quem compete a importante missão de informar, apresento as minhas saudações, com o pedido de que saibam compreender a especificidade da Instituição Castrense. Com efeito, para nós, militares, informação e notícia têm conteúdos diferentes: a primeira corresponde a uma verdade; a segunda pode não ser mais do que um mero boato por outro lado, determinadas matérias têm de ser protegidas, de acordo com disposições legais, por razões de segurança.

Às excelentíssimas Autoridades Cíveis, que se dignaram enriquecer com a sua presença esta cerimónia simples de transmissão do Comando, expresso o meu agradecimento pelo seu acto de cortesia, que pode, também, ser interpretado como uma afirmação do desejo de colaboração isenta, a que procurarei corresponder o melhor que me for possível.

Finalmente, saúdo as populações da área desta Região Militar, e em especial a população de Coimbra, que têm demonstrado carinho pela Instituição Castrense e elevado civismo.

Termino, agradecendo a presença de V. Exas. e afirmando a minha confiança de que, com a colaboração de todos, será possível cumprir a missão que me foi confiada.

Obrigado



# FIGURAS E FACTOS



## 20o. ANIVERSÁRIO DO "JORNAL DO EXÉRCITO"

A assinalar o 20o. aniversário do nosso Jornal, deu-nos a honra da sua visita S.Exa. o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Pedro Cardoso, que na tarde do dia 24 de Janeiro teve oportunidade de apreciar, nas instalações do J.E. que percorreu demoradamente, todo o trabalho desenvolvido ao longo destes anos.

A culminar a visita, o nosso Director ofereceu um "Porto de Honra" a todos os convidados. Entre estes, além do CEME, encontravam-se presentes o Vice-Chefe do EME, General Duarte Silva, o Director do Departamento de Finanças, Brigadeiro Vergas Rocha, o Subdirector da DSFOE, Brigadeiro Gomes Marques, antigos Directores e Chefes de Redacção do J.E., o Director da "Revista da Armada", represen-



tantes das revistas "Baluarte" e "Mais Alto", Oficiais e Sargentos fundadores, bem como todo o pessoal que actualmente aqui presta serviço.

No decorrer do "Porto de Honra" o nosso Director, Coronel Fernando Costa Freitas, proferiu algumas palavras, começando por agradecer a presença do General Chefe do EME e restantes convidados. Fez uma breve história da vida do "Jornal do Exército" e saudou os antigos directores e fundadores, recordando a memória dos já falecidos.

Em seguida falou o CEME, que felicitou o "Jornal do Exército" pelo seu aniversário, na pessoa do seu Director, fazendo votos para que o espírito que animou os grandes obreiros e iniciadores desta revista se mantenha sempre vivo como até ao presente.

## "REVISTA DA ARMADA"

Publicou no mês de Janeiro o seu no. 100, este órgão de Imprensa do Estado-Maior da Armada. Nesta altura em que também o "Jornal do



Exército" comemora os seus vinte anos de existência, congratulamo-nos com a feliz ocorrência, endereçamos as maiores felicitações a todos quantos contribuem para que a "Revista da Armada" cumpra a sua missão, e fazemos votos para que, mesmo arrostando com "incompreensões, contratemplos e arrelias", consiga levar sempre o seu "barco" a bom porto.

## ANIVERSÁRIO DA ESCOLA PRÁTICA DA PSP

Ocorreu no dia 16 de Janeiro o 13o. aniversário da Escola Prática da Polícia de Segurança Pública, em Lisboa. À cerimónia comemorativa da efeméride presidiu o Comandante Geral daquela Polícia, General Lopes Alves, ficando assinalada pela entrega de 32 medalhas de assiduidade e comportamento exemplar a diversos elementos de todos os escalões daquela Corporação.

## O CEME NO RC BRAGA

Recentemente transferido do Porto para esta cidade minhota, o Regimento de Cavalaria de Braga recebeu, no dia 18 de Janeiro, o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Pedro Cardoso, que debateu diversos problemas daquela Unidade, em reunião efectuada com o Comandante da Região Militar Norte e o Comandante e Oficiais daquele Regimento.

## NOVO COMANDANTE DA R.M. CENTRO

Com a presença de todos os Comandantes das Unidades e Estabelecimentos Militares da RMC e das Forças de Segurança sediadas na área, bem como das autoridades civis e eclesiásticas repre-

sentativas de Coimbra, foi empossado, no dia 15 de Janeiro, no cargo de Comandante daquela Região Militar o Brigadeiro Domingos Arménio Pires Tavares. Após a cerimónia de posse, o novo Comandante apresentou cumprimentos aos Oficiais e Sargentos do QG da Região.

## JURAMENTOS DE BANDEIRA NO FUNCHAL

Nos dias 23 e 24 de Novembro p.p., tiveram lugar, respectivamente no RIFunchal e no GAC



2, as cerimónias do Juramento de Bandeira dos recrutas do 3o. turno de 1979 a que presidiu o



Comandante Chefe das Forças Armadas da Madeira, Brigadeiro Figueiredo Valente, e a que assistiram representantes dos três ramos das Forças Armadas e outras autoridades locais, assim como muitos familiares dos novos Soldados.



## NOVO COMANDANTE DA R.M. SUL

Em cerimónia realizada no QG da Região Militar Sul, no dia 23 de Janeiro, assumiu o comando daquela Região Militar o Brigadeiro Ricardo Fernando Ferreira Durão que do antecedente já vinha desempenhando as funções de 2.º Comandante; funções estas que passaram desde a mesma data a ser exercidas pelo Brigadeiro José Eugénio da Costa Estorninho. A assistir à cerimónia estiveram presentes todos os Comandantes das Unidades e Estabelecimentos Militares da RMS e das Forças de Segurança da área, bem como as autoridades civis e religiosas de Évora.



## PELA ACADEMIA MILITAR

Complementando a notícia dada nestas colunas, em Dezembro último, sobre a visita de uma delegação de cadetes da Royal Military Academy Sandhurst, oferecemos agora algumas imagens do que foi essa estadia entre os seus camaradas portugueses.



Recepção oficial na Academia Militar



Visita ao Regimento de Comandos da Amadora



Participando em actividades escolares da A.M.

## MATERIAL INGLÊS PARA AS FAP

Oferecido no quadro da Aliança Atlântica e ao abrigo do programa de auxílio militar que, sem encargos, está a ser prestado ao nosso país, teve lugar no dia 22 de Janeiro, no Regimento de Cavalaria de Estremoz, a cerimónia de entrega, pelo Reino Unido, de 32 viaturas blindadas



de reconhecimento "FERRET". Esteve presente o embaixador daquele país, Lord Moran, que fez



a entrega oficial deste material ao Vice-Chefe do EME, General Duarte Silva. Estas viaturas destinam-se a dotar algumas Unidades de Cavalaria com blindados mais operacionais para as missões a que se destinam.

## CURSO DE DEFESA NACIONAL

Promovido pelo Instituto de Defesa Nacional, iniciou-se no dia 14 de Janeiro um Curso de Defesa Nacional que terá a duração de cinco meses e será frequentado por 23 alunos: 12 civis e 11 militares.

Tendo por finalidade proporcionar aos auditores civis e militares um período de informação e de reflexão conjunta sobre os problemas da defesa nacional, com ênfase para os seus aspectos estratégicos e para a interacção dos seus factores condicionantes, este curso pretende, como principal objectivo, contribuir para a formação e preparação dos auditores com vista à sua participação na vida pública e designadamente à sua actividade profissional no âmbito da defesa nacional.

A presidir à sessão inaugural esteve o Vice-CEMGFA, General Altino de Magalhães, em representação do CEMGFA. Entre os convidados presentes encontravam-se o Primeiro Ministro e outros membros do Governo, Conselheiros da Revolução, representantes dos demais órgãos de soberania e outras entidades civis, militares e eclesíásticas.

\* \* \*

- 1 - DIA DA ESCOLA PRÁTICA DE TRANSMISSÕES
- 9 - DIA DO REGIMENTO DE LANCEIROS DE LISBOA
- 11 - ANIVERSÁRIO DA CRUZ VERMELHA PORTUGUESA
- 16 1918 - Criação da FARMÁCIA CENTRAL DO EXÉRCITO
- 17 1824 - Criação da GUARDA REAL DA POLÍCIA na cidade do Porto
- 1870 - Nasceu Gago Coutinho.

# AFEGANISTÃO

## UM AVISO MUITO SÉRIO

Escreve NUNO VASCO

Sem dúvida que o facto mais relevante, do ponto de vista político-militar internacional, do primeiro mês deste ano, foi a intervenção da U.R.S.S. no Afeganistão. Por isso mesmo iremos abordar este tema ao longo do artigo que se segue, ainda que, naturalmente, condicionados pelas informações de que dispomos à data da sua redacção (14 de Janeiro) e tendo em conta que este mesmo texto será publicado algum tempo depois.

Há algumas semanas, um comentarista italiano, do jornal "Lotta Continua", comparava a União Soviética depois da sua aventura afegã, a um velho boxer, de cérebro gasto mas bíceps ainda potentes que lança os seus temíveis punhos às cegas. O exemplo é sem dúvida exagerado e, sobretudo, distorcido principalmente se nos recordarmos que, após a Segunda Guerra Mundial, é a terceira vez que forças da U.R.S.S. deixam o seu território para intervir em outros países. Primeiro foi a invasão da Hungria, em 1956; depois, a da Checoslováquia, em 1968.

De ambas as vezes, como desta feita, o Kremlin encontrou uma razão, suficientemente forte, para explicar o pôr em movimento a sua poderosa máquina de guerra. O certo é que com todas as suas explicações e não obstante as diligências diplomáticas empreendidas paralelamente, a U.R.S.S. não conseguiu então convencer a Comunidade Internacional, como não convence hoje, das suas boas intenções.

Não é portanto lógico pensar que a U.R.S.S. é um boxer de cérebro gasto. Bem pelo contrário, as suas acções, mesmo as mais discretas, que tem empreendido um pouco por todo o globo, nos últimos trinta anos, revelam um planeamento metuculozo, ou seja, uma estratégia cuidada em que os prós e os contras são pesados ao mínimo pormenor.

Por exemplo, sabe-se já, por fontes diplomáticas de Kabul, que o "blitz" soviético no Afeganistão foi estudado com precisão: conselheiros soviéticos, que já ali se encontravam, prepararam o terreno, nomeadamente, desarmando as unidades do Exército afegão que poderiam opor resistência aos tanques da U.R.S.S. Há notícias de que a pretexto de prepararem os tanques afegãos para enfrentar os rigores do Inverno, tornaram os veículos blindados totalmente inutilizáveis.

Trinta e cinco mil soldados, fazendo as contas por baixo, (noventa mil, segundo o comandante-chefe da NATO na Europa)



Blindados soviéticos nas ruas de Kabul

entre os quais uma divisão de elite, de dez mil homens, centenas de tanques, aviões de combate "Mig" e helicópteros "MI 24", atravessaram depois a fronteira. Foi no dia 27 de Dezembro de 1979.

Segundo fontes oficiais soviéticas a sua intervenção fez-se a pedido do novo governo instalado em Kabul, chefiado por Babrak Karmal, depois do golpe que eliminou Haifzullah Amim, também um pró-soviético mas que não satisfazia os interesses mais prementes da U.R.S.S. na região. Efectivamente, desde há tempos que acções de guerrilha se faziam sentir no país alimentadas (segundo os soviéticos e a Imprensa que lhes é afecta) por potências estrangeiras, em especial o Paquistão, a China e os Estados Unidos.

Só que, como escreveu Pierre Blanchet, no "Le Nouvel Observateur", os sucessivos governos do Afeganistão, apoiados pelos soviéticos, desde 1978, fracassaram, redondamente, ao quererem que-



Tanque soviético conquistado pelos rebeldes afegãos na região de Herat



Elementos de um grupo de guerrilheiros que resistem ao avanço do Exército Soviético

brar, demasiado rapidamente, as tradições da população islâmica.

“O primeiro gesto do Governo — disse um guerrilheiro, ex-professor da Universidade de Kabul a Pierre Blanchet, quando este visitou o Afeganistão, algum tempo antes da invasão soviética — foi substituir as referências ao Corão, na Rádio, por palavras de ordem sobre a ditadura do proletariado. O segundo erro foi substituir a bandeira afegã pela bandeira vermelha”.

Entretanto os estrategas da NATO estão atentos. A intervenção russa no Afeganistão veio ao encontro das suas teses de que a “ameaça soviética” não é um tigre de papel, nem uma invenção arquitectada somente para recolher subsídios que permitam o rearmamento.

O general Bernard Rogers, comandante-chefe das Forças da NATO na Europa foi, aliás, muito preciso quando, em Bruxelas, declarou:

“Os acontecimentos no Afeganistão vêm provar que a U.R.S.S., sem ter em conta o desanuviamento, invade um país se assim o decidiu. Devemos estar prontos a reagir a qualquer ameaça”.

Paralelamente, de visita a Pequim, o secretário americano da Defesa, Harold Brown, ouviu da boca do seu homólogo chinês a declaração de que a China considerava a União Soviética “um país agressor que tripudia sobre a soberania dos outros países e que sabota a paz mundial”.

Xu Xiang-Quian disse ainda sustentar que “em face desta grave ameaça feita ao mundo pelo hegemonismo soviético, todos os países interessados na Paz e na segurança mundiais precisam de coordenar as suas acções e tomar medidas eficazes

contra a agressão e expansão soviética, para que não possa continuar a agir livre e impunemente”.

O embaixador dos Estados Unidos na O.N.U. classificou de “gritante hipocrisia” a justificação soviética para intervir no Afeganistão. É visível na foto que o embaixador soviético não se encontrava no seu lugar.



Harold Brown com Xu Xiang-Quian: a aproximação Estados Unidos-China

Observadores diplomáticos colocados na América e na Europa Ocidental consideraram extremamente importante a decisão dos Estados Unidos e da China em comprometerem-se a aprofundar e a alargar as suas relações, começando desde já a discutir as áreas em que ambas têm objectivos estratégicos comuns, uma das quais — considerada pelos interlocutores como urgente e prioritária — é o Sul da Ásia.

Que futuras surpresas nos reserva a década de oitenta é uma das interrogações mais prementes dos nossos dias. A invasão do Afeganistão é um aviso que, em nosso entender, deve ser tomado muito a sério.



## O MÉXICO NO CONSELHO DE SEGURANÇA

Cuba perdeu a batalha travada para conseguir a eleição para o Conselho de Segurança, como membro não permanente numa vaga latino-americana.

Depois de renhida competição com a Colômbia, que tinha o apoio dos países ocidentais, e após 154 escrutínios em que nenhum deles conseguiu aproximar-se da maioria qualificada de dois terços exigida para a eleição, a posição cubana começou a experimentar progressivo enfraquecimento junto dos não-alinhados, naturalmente preocupados com a invasão soviética do Afeganistão.

Ao mesmo tempo que retirava a sua candidatura, o Presidente Fidel Castro anunciava o seu apoio à do México, que veio a ser eleito no decurso de um escrutínio pacífico e com o apoio de 133 países. O novo membro não permanente do Conselho de Segurança tem um mandato de dois anos, com o início em 1 de Janeiro passado.

## A ÁSIA CENTRAL EM FOCO

Se o Paquistão padecesse do complexo de "cerco", que a URSS tem dado sobejas provas de possuir, poder-se-ia afirmar que tem, actualmente, múltiplas razões para se inquietar. Para as compreender basta debruçarmo-nos no mapa e estudarmos a situação dos seus vizinhos mais próximos: Iraque, Irão, Afeganistão e Índia.

### 1 - IRAQUE

O Iraque, aliado soviético e defensor das posições mais radicais no seio da OPEP, poderá vir a ser o grande beneficiado com a queda do Xá do Irão.

O Iraque começa a ser a principal força aglutinadora do Golfo Pérsico, conseguindo suplantar militarmente o Irão e politicamente o Egipto. A sua ascensão política e económica começa a causar algumas preocupações aos Estados Unidos pela declarada oposição aos acordos de Camp David e negociações que se lhe seguiram, assim como a aliança com os soviéticos cada vez mais esforçada e a recente proposta aos países da OPEP para que passassem a aplicar um sistema triplo de preços, o que faria com que os americanos pagassem o petróleo mais caro do mundo.

As forças armadas iraquianas são actualmente depois da derrocada do exército iraniano — as mais poderosas do Golfo. Por outro lado tem-se registado uma crescente aproximação com os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita devido ao comum repúdio do ayatollah Khomeini. Também o Iraque se encontra actualmente em melhor situação que a Arábia Saudita para poder jogar o petróleo como arma política, já que pode aumentar a sua exploração consoante as conveniências o que a Arábia Saudita não pode fazer por já estar no máximo da sua capacidade produtiva em resultado dos compromissos que tem com os Estados Unidos. O Iraque pode assim negociar com a Europa Ocidental e o Japão melhores condições qualitativas e quantitativas de fornecimento do petróleo, exigindo como contrapartida a negação dos acordos de Camp David e o reconhecimento da OLP.

O Iraque tem, pois, possibilidades para se tornar o interlocutor mais poderoso na zona do Golfo Pérsico, e os Estados Unidos não gozam ali de especiais preferências.

### 2 - IRÃO

Em Teerão mantém-se a ocupação da embaixada americana e os reféns não vislumbram es-

peranças de ver modificada a sua situação — as últimas posições dos estudantes apontam para a libertação apenas quando tiver regressado ao Irão o Xá.

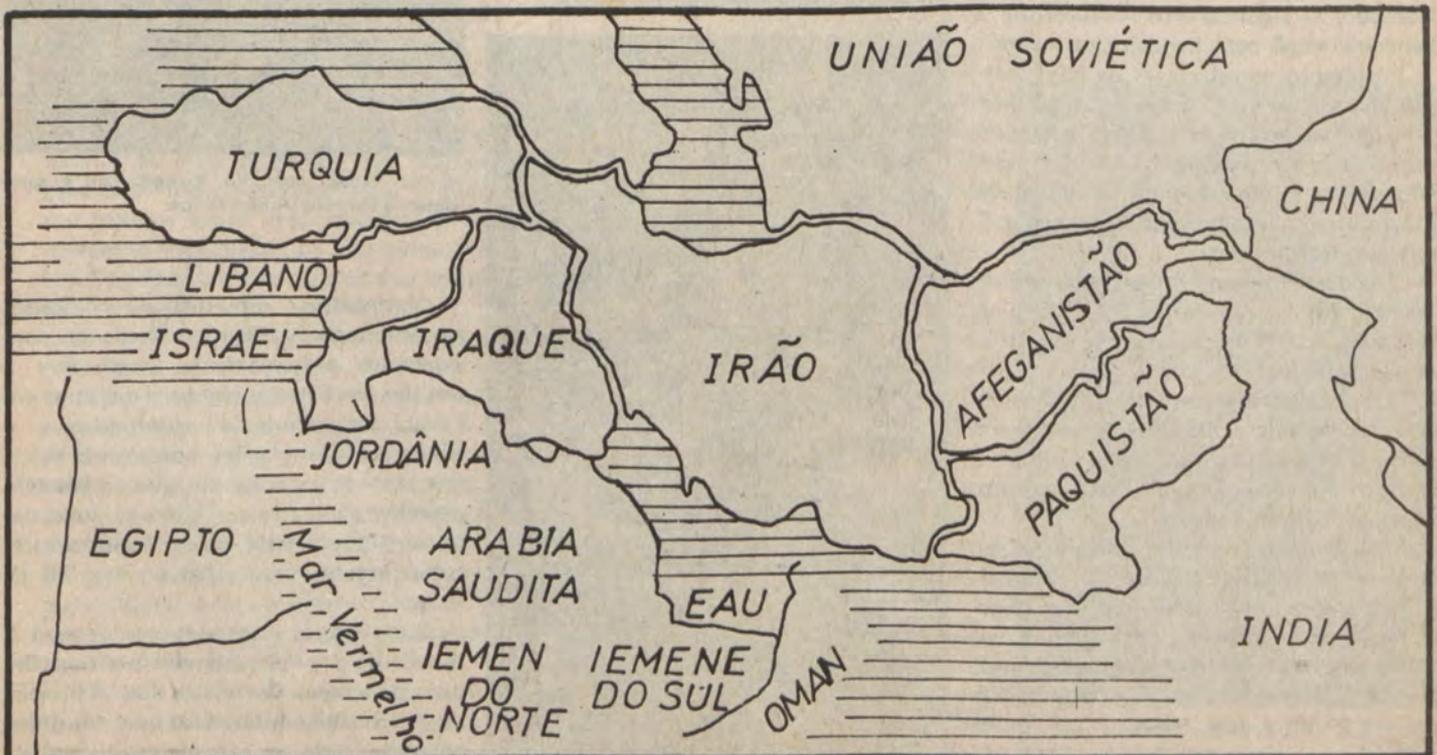
Se nas últimas semanas o contencioso entre o Irão e os EUA têm cedido o primeiro lugar nos órgãos de Informação à invasão do Afeganistão, não perdeu a sua importância e o seu carácter de grande ameaça à paz internacional. Apelo para órgãos de jurisdição internacional, como o Conselho de Segurança e o Tribunal Internacional de Justiça, e concentrando importante frota da sua Armada no Golfo Pérsico e no Oceano Índico, por enquanto com objectivo de dissuasão mais do que intervenção, é de prever que a situação possa mudar de um momento para o outro, principalmente se forem cometidas violências ou feitos pseudojulgamentos, nas pessoas dos reféns americanos.

A reacção violenta previsível na população da primeira potência mundial ao dar-se conta da incapacidade do Estado para defender os seus cidadãos, autoriza a pensar que o governo americano poderá ser forçado a fazer uma demonstração de força. Qual será então a reacção da URSS a uma intervenção militar americana num país com quem tem fronteiras comuns?

Mas outra questão não menos esclarecida diz respeito ao comando ou não, por parte dos soviéticos, da revolução iraniana. Estará o partido Tudeh, de vincada influência moscovita, em condições de influenciar Khomeini, e através dele a revolução, ou foi ultrapassado pelo rodar dos acontecimentos? Neste caso seria de admitir uma intervenção soviética para estabilizar a situação? Enfim, o panorama permanece por demais nebuloso para que se possam fundamentar conclusões com probabilidade de realização.

### 3 - ÍNDIA

Indira Gandhi voltou de novo ao poder, de-



pois de um período de três anos em que parecia ter caído irremediavelmente em desgraça.

Após a humilhante derrota de 1977, o governo do partido Janata retirou-lhe o passaporte e nomeou uma comissão para averiguar dos excessos cometidos pela Senhora Gandhi durante o estado de excepção que vigorou entre Junho de 1975 e Fevereiro de 1977. Em Outubro deste mesmo ano, Charan Singh, seu principal adversário político, mandou-a prender e, embora liberta no dia seguinte, ela teve de responder perante uma comissão de inquérito presidida pelo juiz Shah.

Depois de semelhante quebra de popularidade, a vitória estrondosa das últimas eleições, conseguindo mais de dois terços dos lugares do parlamento, é verdadeiramente notável. Uma vitória para a União Soviética? Talvez não, mas um seguro bem forte já que Indira não se voltará decididamente para o Ocidente.

A vitória do Partido do Congresso dará algumas satisfações à URSS. Em primeiro lugar o reconhecimento do regime pró-vietnamiano de Phnom Penh, prometido durante a campanha, e ainda uma condenação muito fraca, e a custo conseguida por Lord Carrington, da invasão soviética do Afeganistão. Indira considerava, aliás de uma forma um tanto vaga, a invasão como uma réplica às "ingerências estrangeiras", especialmente no Paquistão.

Paralelamente às dificuldades externas, em que ainda se não vislumbra qual será a situação final na região, a Senhora Gandhi enfrenta sérias dificuldades internamente, tais como a subida dos preços, as penúrias de artigos essenciais, as greves e a desordem de uma sociedade em evolução.

Face à situação no Paquistão, após a recente invasão do Afeganistão, que insiste com os países ocidentais e especialmente com os Estados Unidos para lhe fornecerem armamento e apoio vário, a Índia "não tem dúvidas" — é sempre contra ela que se viram as armas paquistanesas.

#### 4 — AFGANISTÃO

Durante o Natal de 1979, uma divisão do exército vermelho desembarcou no aeroporto do Cabul e duas divisões motorizadas cruzaram a fronteira afegã em direcção a Sul, pelas estradas que os próprios russos tinham construído.

Na maior demonstração de força fora das fronteiras comunistas, o exército vermelho tomou o controlo de toda a cidade de Cabul, sendo somente noticiado ter havido 25 mortos e 255 feridos.

Quais as razões que levaram a União Soviética a intervir directamente com os seus soldados para esmagar a revolução islâmica? Porque é que fuzilaram Hafizullah Amim, ele mesmo pró-soviético e cujo governo, na versão soviética dos acontecimentos, tinha solicitado a intervenção?

A resposta possível é a de que o governo de Amim se aprofundava rapidamente, sendo o exército afegão incapaz de fazer frente aos revolucionários islâmicos. Perante tal situação a URSS terá preferido uma intervenção directa à queda de um governo que lhe era favorável. É a aplicação da doutrina da soberania limitada aplicada fora dos limites decididos em Yalta e que os polacos, checos e húngaros já conhecem por experiência própria.

O regime de Amim começou a fracassar quando pretendeu lançar em todo o país reformas socialistas como a centralização, a reforma agrária, a emancipação da mulher e outras que esbarraram com a firme e tradicional oposição das tribos muçulmanas. As revoltas começaram em Maio de 1978 e são feitas "em nome de Deus" contra os "ateus". Para acabar com a

situação é tentado um golpe palaciano: a eliminação do primeiro-ministro Amim pelo Presidente Taraki. O golpe falhou, sendo Taraki o eliminado.

Como último recurso, os soviéticos tentam assegurar uma certa legitimidade à operação de intervenção, já antes decidida, e o ministro Nikolai Talyzine procurou conseguir de Amim um pedido de intervenção do exército vermelho. Baldados todos os esforços, a invasão deu-se à revelia do Governo constituído, que derrubou.

O homem colocado à frente do Governo afegão, Babrak Karmal, é um antigo companheiro de Amim, que depois de ter conspirado contra este foi enviado para uma embaixada na Europa de Leste, de onde os russos o trouxeram para o instalar no poder.

Karmal, numa tentativa de evitar os erros em que caíram os seus predecessores, tem demonstrado um grande afã em se declarar fiel à fé islâmica, o que muito estranham os que o conheceram como ateu inveterado nos seus tempos de militante comunista.

#### A DOENÇA DO MARECHAL TITO

O Presidente Tito da Jugoslávia, foi vítima de grave doença — ameaça de gangrena na perna esquerda — com consequências imprevisíveis, dados os seus 87 anos de idade.

A notícia correu célere no mundo inteiro, pois o desaparecimento de um dos grandes estadistas contemporâneos vai certamente ter enormes reflexos. Na ordem interna, já que Tito, o fundador da moderna República Socialista da Jugoslávia, representa o polarizador das múltiplas nacionalidades que a constituem; externamente porque o seu não alinhamento — Tito foi um dos fundadores do movimento — e ainda recentemente, em Havana evidenciou a sua grande audição e influência — contribuiu para um posicionamento da Jugoslávia de equidistância em relação às duas superpotências, cuja continuidade no pós-Tito levanta sérias apreensões.



Muito embora o Presidente jugoslavo tenha já preparado a sua sucessão, instituindo uma chefia colectiva à qual caberá garantir a continuidade, estamos certos de que o seu desaparecimento ocasionará alguns problemas sobre o futuro das relações Leste-Oeste na região, não sendo previsível o que virá a suceder.

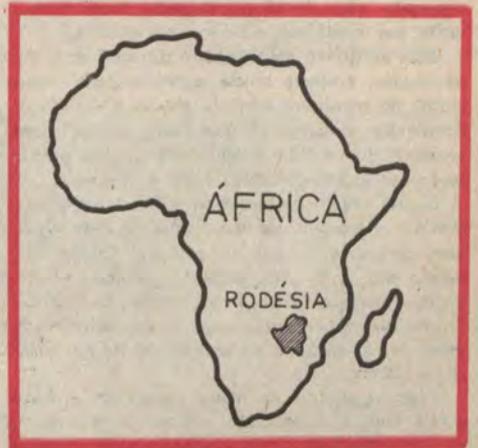
#### NOTÍCIAS BREVES

— Em cada quatro habitantes do nosso planeta um é chinês. A população da China foi agora estimada em um bilião, mais 40 milhões



que a última estimativa feita.

— Apesar das críticas dirigidas à Lord Soames, Governador da Rodésia, tudo se encaminha para que se concretizem as eleições que decidirão do futuro deste país. Robert



Mugabe e Joshua Nkomo oficializaram a separação das suas formações (ZANU e ZAPU, respectivamente) que concorrerão isoladas às eleições legislativas.

— Com o fim de conseguirem a libertação de sete correligionários, guerrilheiros da "Liga Popular 28 de Fevereiro", ocuparam sem violência a embaixada do Panamá em San Salvador. A Junta Governativa salvadorenha acedeu a pôr em liberdade os guerrilheiros, não tardando que o comando assaltante soltasse os sequestrados.

— O Presidente do Egipto e o Primeiro-Ministro de Israel decidiram a abertura das fronteiras mútuas, em reunião prolongada em Assuão, que não conseguiu significativos avanços em alguns pontos quentes, como seja, por exemplo, a questão da autonomia dos palestinianos que vivem nos territórios ocupados.

— Morreu o homem forte da maior organização sindical norte-americana, George Meany. A AFL-CIO, que conta com 14 milhões de sócios, teve Meany como presidente durante 25 anos.

— Morreu o político italiano Pietro Nenni, presidente vitalício do Partido Socialista. Numa carreira política de quase 70 anos, Nenni salientou-se na luta contra o fascismo e foi várias vezes ministro em governos de coligação.

— Andrei Sakharov, cientista russo prémio Nobel da Paz, passou a ter residência fixa em Gorki, sendo obrigado a deixar Moscovo. Aquela cidade está vedada a estrangeiros, pelo que assim será silenciada uma das vozes que mais se tem destacado na defesa dos direitos do homem. Foram-lhe também retiradas todas as condecorações e títulos conferidos pelo Estado ou pelo Governo soviéticos.

# MUSEU DE FOTOGRAFIA

## "VICENTES PHOTOGRAPHS"

Pelo Cap. RUI CARITA



Pouco conhecido do público em geral, existe na Madeira um Museu de características inusitadas em Portugal. Trata-se de um Museu de Fotografia, por acaso a mais antiga casa comercial do género (como curiosidade, a segunda deve ter sido em Goa) em Portugal, tratada em moldes de "Museu vivo", com funcionamento e colocada num local privilegiado, com restaurante, bar, esplanada e ainda uma tertúlia.

Este conjunto respira todo um ambiente fim de século, embora ainda sejam visíveis alguns restos do primitivo edifício século XVII/XVIII. Conhecido vulgarmente por *Pátio*, nome do restaurante do 1.º Piso, é ponto obrigatório de passagem para quem visita a cidade do Funchal.

Só há muito pouco tempo foi dada à fotografia a dignidade de Arte. Inicialmente e porque, concorrente com a pintura, foi-lhe atribuído um espaço de carácter técnico, mais ligado, digamos a uma "curiosidade científica", "nova forma do progresso", e, só muito recentemente, se colocou no mesmo pé de igualdade desta última.

Com o evoluir da nossa sociedade, a Fotografia veio a ocupar um espaço de divulgação que no fundo lhe limitou a apreciação artística, embora por outro lado lhe tenha aberto um vasto campo documental. Ainda noutro aspecto, porque actividade recente e sujeita a grandes possibilidades técnicas, rapidamente todo este material se tem tornado "velho" sem atingir, digamos, a categoria de "antigo", e é deitado fora, perdendo-se.

Assim e dentro deste aspecto, é muito raro chegar até nós um repositório completo, como é o caso dos "Vicentes Photographs", casa "estabelecida em 1846", como ainda hoje aparece na fachada interior.

### A GERAÇÃO DOS "VICENTES PHOTOGRAPHS"

Embora muita coisa se tenha já escrito, é muito difícil hoje em dia reconstruir coerentemente a vida dos pequenos industriais do século XIX, e sobre eles é que se construiu a sociedade que hoje somos. Entre as várias dificuldades que se podem apontar, podemos salientar a relativa proximidade histórica, que quase sempre se encontra associada à dificuldade de construir sínteses, donde resulta estes trabalhos ficarem com acentuado cariz jornalístico, e principalmente a depreciação a que foram sujeitos nos últimos anos os nossos arquivos de carácter particular.

Desta espantosa geração de fotógrafos, ficaram-nos para além de apontamentos diversos e de, por vezes, difícil interpretação, o corpo físico da obra; Um "atelier" quase intacto, num apurado gosto "fim de século", com seus cenários móveis de paisagens estereotipadas, com as velhas máquinas, por vezes quase de sabor alquimista e, principalmente, a maravilha dum arquivo fotográfico de trezentos e oitenta mil

negativos, chapas de vidro de 30x30 cm, 18x24 cm e 9x12 cm, agrupadas por tamanhos, numeradas e arrumadas em caixas de cartão e madeira. E tudo isto registado e anotado meticulosamente em grossos volumes de folhas pautadas, onde ao nome dos clientes, aos preços e aos tipos de trabalho executados, se juntam ainda saborosas anotações pessoais sobre faltas de pagamento, sobre opiniões dos clientes aos trabalhos executados, etc..

O arquivo começa nos números 1719 e 1720, ou seja no Livro D, iniciado em 20 de Setembro de 1884, tendo-se perdido os livros anteriores, agora só recuperáveis, e nunca totalmente, pelo estudo da totalidade do espólio. Mas restam assim, ainda, quarenta e sete livros de registo, por onde passa toda a história dum Ilha num determinado tempo histórico, imobilizada e preservada na imagem, para os olhos curiosos da actualidade, num ritual que se cumpria precisamente com esse fim, e que ali está à espera de quem queira e seja capaz de a fazer reviver no seu movimento, na sua vida, nos seus hábitos e costumes, nos seus conflitos e interesses, ambições e aspirações, movimentos e realizações individuais e colectivas, misérias e alegrias.

Vicente Gomes da Silva nasceu no Funchal em 1827. Na altura em que começa o arquivo que até nós chegou, 1884, Vicente tinha 57 anos, data em que o processo fotográfico se encontra em expansão na Europa e, com franco volume de trabalhos encomendados já na Madeira.

O Forte de Nossa Senhora da Conceição do Ilhéu nos fins do século passado. Visível o velho guindaste inglês, colocado em 1854, o pequeno cais, etc. Hoje este Forte encontra-se ligado a terra e integrado no porto do Funchal.

Por informações do próprio, datarão de 1852 as suas primeiras experiências de retratista. No verso de um velho caixilho e com a sua letra inconfundível pode-se ler:

*"Este resto de caixilho pertenceu ao 1.º aparelho photographico com que comecei a exercer a profissão de photographo um ano depois da descoberta do colódio photographico por Mr. Archer, chimico inglez, que seguiu as sugestões de Niepce, chimico francês."*

Ora em 1851, Frederick Scott Archer resolveu o problema da emulsão de suporte da fotografia, usando uma chapa de vidro coberta com uma fina camada de iodeto de potássio e algodão pólvora (o colódio fotográfico) obtidos por volatilização dum dissolvente de álcool e éter. Com os estreitos contactos então mantidos entre a Madeira e a Inglaterra, não admira a rapidez da chegada à Ilha, da descoberta.

Desconhecemos os seus primeiros trabalhos, assim como as datas. Mas, em 1866, uma carta datada de Viena, de 16 de Março, já autoriza o fotógrafo a usar o título de "Photographe de Sa Majesté l'Impératrice d'Autriche", assim como a

O estúdio nos fins do século, quase como se encontra hoje.



expor as suas armas na fachada do seu atelier. Isabel da Baviera, que a História e a Lenda imortalizaram sob o nome de SISSI, passara em 1861 com a sua comitiva pela Madeira, e tanto ela como a comitiva aqui foram fotografados por Vicente Gomes da Silva. E, para fazer juz a esta graça, por certo já não era aprendiz nem principiante nesta arte, "Monsieur Vicente Gomes da Silva, Photographe à Funchal".

Para o fim do século começa já o filho, Vicente Gomes da Silva Júnior, a aparecer referenciado nos papéis do atelier. Quando da viagem dos Reis de Portugal, em Junho de 1901, é já ele que aparece a fazer as fotografias dos soberanos e é a ele que mais tarde vem dirigido o alvará, datado de 6 de Janeiro de 1903, e em que é concedido "attentas as circunstâncias que concorrem nelle, a mercê de nomear Photographo da Minha Real Casa (...) podendo com este título collocar as Armas Reais Portuguezas no frontespício do seu estabelecimento." E assim vem a acontecer, sendo talvez o último trabalho de Vicente pai, o entalhamento do braço real, que ainda hoje podemos admirar no patamar da dupla escadaria para o primeiro andar. O velho fotógrafo vem a morrer em 14 de Dezembro de 1906.

Curiosamente, não tinha o filho os mesmos dotes de arquivista que o pai e assim, a partir desta data, escasseiam muito as informações sobre a vida do atelier.

#### O MUSEU

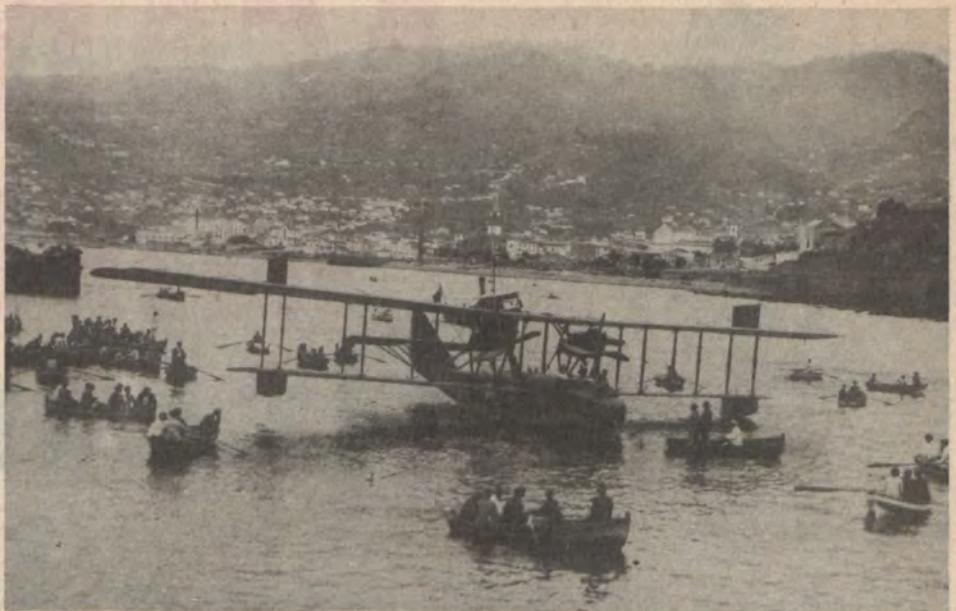
Já tivemos a oportunidade de referir o interesse geral deste conjunto. Efectivamente, além do repositório quase que completo do material na viragem do século, dos cenários, das máquinas, do maravilhoso arquivo, ficou-nos, quase que por milagre, a própria ambiência, o "decor" de todo o conjunto.

O conjunto que nos ficou é o arranjo executado por volta de 1883. Efectivamente é essa a data das colunas de ferro, fabricadas no Porto e que suportam o primeiro piso e a varanda corrida sobre o Pátio. Nestas obras, aparece já com papel de relevo, Vicente Gomes da Silva Júnior, então como "photographo assistente do dito atelier" e que nos livros de registo diário, entre Dezembro de 1886 e Agosto do ano seguinte, aparece à frente das obras: "Sob a direcção e plano traçado por Vicente Gomes da Silva Jr., photographo assistente do dito atelier".

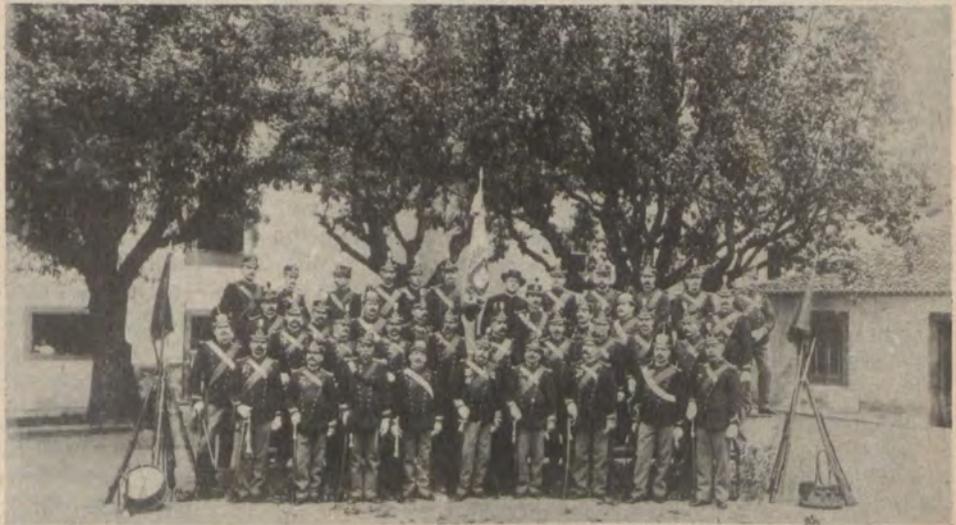
Nesta época a casa da Rua da Carreira era um pequeno complexo industrial/artesanal ao gosto do tempo. Havia pequenas oficinas de fundição, de gravura, de carpintaria e marcenaria, etc. Ali foram executados os desenhos, moldes e fundição dos bonitos ferros fundidos das varandas, numa oficina que ficava ao fundo do quintal. Ali foi desenhada e construída grande parte dos móveis, com muito de "arte nova", que ainda hoje podemos observar no estúdio, etc..

No entanto, este interesse ainda é mais largo. Pela Ilha passaram personagens nacionais e internacionais e quase todas foram fixadas no colódio dos Vicentes. Por outro lado, a fixação de costumes de todos os géneros, da habitação, da técnica, etc. é um trabalho, que dada a sua localização histórica, se o termo é correcto, é dum interesse excepcional.

A nível militar podemos salientar dois aspectos específicos: a Fortificação e os Uniformes. Percorrendo as dezenas de milhares de chapas do Arquivo, vamos encontrar profundamente documentada a evolução dos uniformes... E até podemos ir mais longe: determinados militares, podemos encontrá-los desde Alferes a Tenente-Coronel. Sobre a fortificação, toda a gama vastíssima de pequenas fortificações que enxamearam a baía do Funchal e que co-



A chegada do primeiro voo Lisboa-Funchal, em 1921. Nele participaram Gago Coutinho, Sacadura Cabral, Ortins de Bettencourt e o mecânico Soubiran, os quais mais tarde foram fotografados no estúdio.



Oficiais do Regimento de Infantaria no. 27 e da Companhia de Artilharia de Guarnição no. 3 que em 23 de Julho de 1901 prestaram guarda-de-honra à Família Real, na sua visita à Madeira. (os Oficiais de Infantaria de barretina e os de Artilharia de capacete)

Soldado de Caçadores 1, de Setúbal, em 1886. É um madeirense radicado no Continente e que em férias vem ver a família.



meçaram a ser destruídas nos finais do século, aparecem nas chapas do Arquivo. E não só podemos localizá-las correctamente, como até identificar o que delas ainda resta.

Mas melhor que tudo o que foi dito, aqui fica a qualidade maravilhosa de algumas das fotografias de VICENTES PHOTOGRAPHOS com que ilustramos este trabalho.

\* \* \*

NOTA: Parte do material acima citado pertence ao livro VICENTES PHOTOGRAPHOS, de Luís de Sousa Melo, ed. Ilhatour, Funchal 1978.



# ACADEMIA MILITAR

## 143<sup>o</sup> ANIVERSÁRIO

Por imperativos de programação do Jornal, em Janeiro apenas pudemos dar uma pequena notícia em "Figuras e Factos" sobre este acontecimento. Agora que já dispomos de mais elementos sobre as cerimónias ocorridas no dia 12 de Janeiro na Academia Militar, vamos procurar dar notícia tanto quanto possível pela imagem, do que as mesmas constaram.

As festividades tiveram início logo de manhã com o içar da Bandeira e uma missa por alma de todos os ex-alunos já falecidos. Após a revista à Guarda de Honra o General Vice-Chefe dirigiu-se ao Paço da Rainha, onde teve lugar a tradicional cerimónia de Homenagem aos Antigos Alunos Mortos em Campanha.

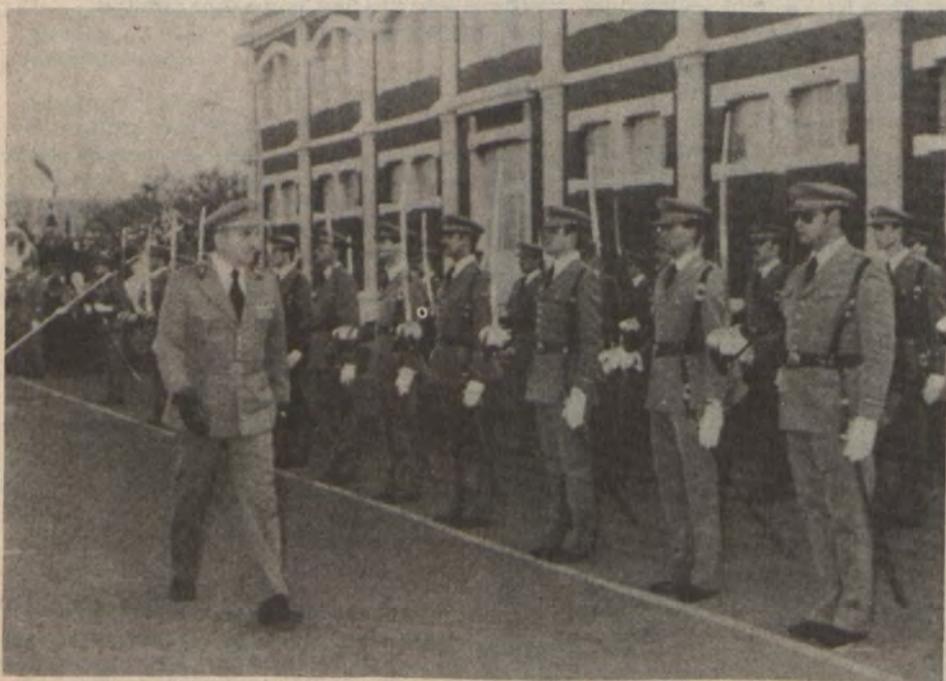
A iniciar a sessão solene, o Comandante da A.M. proferiu uma alocução, tendo a dado passo recordado as palavras dirigidas por Sá da Bandeira a D. Maria II, escritas no preâmbulo do decreto de 12JAN1843

que fundava a Escola do Exército: "Senhora: É tempo de instruir os oficiais do Exército Português de um modo completo: É tempo que eles adquiram conhecimentos capazes de lhes servirem de segura base para se desenvolverem depois na prática das suas honrosas fadigas e das diversas relações de serviço, de tal modo que, não somente possam corresponder aos deveres de cada posto nas suas respectivas Armas, mas os habilitem dignamente para os principais comandos". Referindo-se ao fundador daquela Escola, diria: "Creio bem que dificilmente se poderia hoje dizer mais do que isto, num preâmbulo de lei de reorganização do Ensino Superior Militar. É que Sá da Bandeira fugiu à atracção fácil da rotina e conseguiu projectar-se para o futuro. Homem "em costumes tão morigerado e tão polido no trato", como disse Luz Soriano, militar honrado e valente, gloriosamente

mutilado em combate, foi também o político de excepção que a tantos aspectos da vida nacional se dedicou e a tantos conseguiu dar solução".

Quase a terminar frisou a tradição ora retomada da distribuição de espadas nos seguintes termos: "É uma tradição que a Academia, com o apoio de S. Exa. o Chefe do Estado-Maior do Exército, quis ver de novo e que, portanto, se retoma hoje".

Da conferência proferida pelo Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, subordinada ao tema "O Espírito Militar na Instauração do Liberalismo (1826-1833)" damos um pequeno resumo: O Presidente da Academia Portuguesa de História apresentou o quadro da organização militar desde a Restauração, referindo-se ao Conselho de Guerra, ao qual cabia organizar os decretos sobre nomeação de oficiais, alistamento de tropas e arranjo de fortificações. Mostrou o





papel do Conde de Lippe, na Guerra dos Sete Anos, e a crise de oficiais que o Exército atravessou nos fins do século XVII, tendo falado depois da Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho, fundada em 1790, e que foi pioneira da Escola do Exército, fundada por Sá da Bandeira em 1837.

O orador historiou as guerras civis e as implicações que tiveram na instituição militar, louvando D. Pedro IV pela concórdia que criou no Exército depois de Évora-Monte. Mereceu-lhe especial referência a intenção do monarca em respeitar a vida, os direitos civis e as propriedades dos que haviam combatido ao lado de D. Miguel, por a honra da Nação assim o exigir. Não se punha então em causa o patriotismo, porque o brio nacional pôs-se acima da ideologia política.



# O EXÉRCITO NAS GRANDES CATÁSTROFES

Comandante de Infantaria D.E.M.,  
LUIS GRAVALOS GONZALEA (in EJÉRCITO, JAN. 1979)

Trad. de B. P.

## 1. INTRODUÇÃO

Ainda que a função principal do EXÉRCITO seja a guerra e a sua preparação, nem por isso tem sido menosprezado, na nossa Pátria como em outros países, o potencial que pressupõe uma força aguerrida e disciplinada como é a militar, quando, ante uma grande catástrofe, é preciso utilizar todos os recursos humanos e materiais disponíveis para atenuar os seus efeitos.

As sábias "Ordenanças de Carlos III" no seu artigo 44, já diziam que: *O soldado, se vierem incêndios, houver tiros, se notar qualquer pendência ou desordem, dará rápido conhecimento ao seu chefe; e se, até que este chegar, puder remediar ou aguentar algo sem se deslocar do seu posto, fálo-á.*

Este espírito, já secular, é o mesmo expresso pelo Decreto 1125/76 sobre Ordem Pública e colaboração das Autoridades Militares com os Governadores Civis nas situações de normalidade e de excepção.

No seu preâmbulo, lê-se: *"Por um princípio de solidariedade nacional, todos os cidadãos e instituições do país são obrigados a colaborar no restabelecimento da normalidade e da ordem pública sempre que estas sejam alteradas, quaisquer que sejam as causas."*

Na alínea 3 do artigo 3o. é definido o trânsito de urgência:

*"Se a Autoridade Local não tiver possibilidade de comunicar com o Governador Civil ou este com o Ministro da Governação, ou se as circunstâncias não admitirem demora, poderá partir, directamente, das Autoridades Militares correspondentes, o tipo de colaboração de unidades militares."*

Também é muito explícito o artigo 15 da lei sobre incêndios florestais que atribui ao Governador Civil a faculdade de solicitar a colaboração das Forças Armadas em caso de um incêndio florestal atingir proporções que excedam as possibilidades de extinção com os meios à disposição das respectivas autoridades governativas.

Este é o mesmo critério que pretendemos aplicar neste trabalho.

O Exército, sem prejuízo das missões que lhe incumbem, tem de estar disponível para, na medida do seu possível, remediar uma situação que ocasione um sinistro de tal magnitude que exceda os meios normalmente disponíveis.

Porém, terá de ser respeitada a condição de que haja tempo de reacção. Ante um facto catastrófico, a prestação de ajuda será imediata, ainda que possa enfermar de imprevisto.

As ideias expressas neste artigo são referidas a uma grande catástrofe que, pela sua dimensão, torna indispensável a intervenção objectiva e especializada do Exército, o que obriga a contar com um espaço de tempo razoável, tanto para o movimento das unidades como para a sua actualização.

Na exposição que se segue, enumeraremos os principais tipos de catástrofes, os meios necessários para lhes fazer frente, e destes quais os que estão em poder do Exército e, se este não os tiver, se é compensador, para a nação, manter um determinado nível de existências quer sob o controlo militar quer da administração civil; por fim, esboçaremos uma orgânica, eventual, com que se possa articular os meios e possa desenvolver as operações.

## 2. TIPOS DE CATÁSTROFES

Entre os muitos diferentes tipos de catástrofe que podem acontecer citaremos, por ordem de importância no que se refere às consequências que se tenham de enfrentar, as seguintes:

### 2.1. TERRAMOTOS

É a maior força destruidora da natureza. O abalo sísmico, em igualdade de grau, costuma revestir menores proporções de catástrofe numa zona rural, onde os seus efeitos, à parte a fractura de alguma represa que deixe escapar o seu conteúdo provocando, secundariamente, inundações, são reduzidos, normalmente, à queda de pontes e de túneis, deslocamentos de vias férreas, danificação de estradas, quedas de linhas de energia eléctrica e desmoronamentos de edifícios dispersos ou agrupados em aldeias.

Neste caso, as acções a levar a cabo serão, fundamentalmente, por um lado, a salvação das vítimas de quaisquer escombros ligeiros dado não ser de esperar, no meio rural, grandes edificações e o seu transporte para centros sanitários de tipo provincial, isto é, até um máximo de 100 km, e, por outro lado, o restabelecimento das comunicações.

Quando um movimento de terras afecta uma cidade ou uma área densamente povoada, provoca o desmoronamento de edifícios, apanhando, nas suas ruínas, grande número de vítimas; as ruas enchem-se de escombros, as condutas de água potável e os esgotos partem-se, o gás e a electricidade produzem pequenos incêndios como consequência secundária, e as comunicações na zona circundante sofrem do



mesmo modo os efeitos do terramoto, deixando a cidade isolada. Atenuar os efeitos de um abalo sísmico de apreciável potência é um problema de muito difícil resolução a curto prazo, af estão Agadir e Manágua para o demonstrar.

Além do que os próprios afectados possam fazer por si mesmos, o que primeiro tem de se conseguir é deixar aberta uma rota que ligue a cidade com o resto do território, para em seguida começar a socorrer e a classificar os feridos para evacuação dos que necessitem para locais não atingidos pelo sismo.

No próprio local poderá atender-se aos feridos ligeiros, mas será necessário fazer chegar abastecimentos de todos os géneros aos sobreviventes e às forças actuantes; normalizar a prestação de serviços é indispensável. Logo que se possa fazer o levantamento dos escombros, isso permitirá salvar um número maior de vítimas presas em locais pouco acessíveis e, em caso negativo, alcançar cadáveres que é preciso sepultar para evitar epidemias.

## 2.2. ENXURRADAS E INUNDAÇÕES

A enxurrada acontece de repente ou com escassa margem de pré-aviso e tem origem em chuvas torrenciais, na rotura de alguma represa ou no desmoronamento de materiais que tenham de deter as águas acumuladas.

A massa líquida retida arrasta consigo quanto encontra no seu caminho; pontes, edifícios, condutores de energia e vias férreas são removidos pela turbulência das águas e com eles envolvidos as pessoas e os animais que se encontrem na área.

Se uma aldeia ou uma cidade estiverem no caminho das águas, a tragédia poderá atingir proporções desmesuradas.

Quando a enxurrada desemboca de um vale estreito ou de uma encosta numa área mais larga ou plana produz a inundação, que diferenciamos daquela pela maior lentidão em atingir o nível máximo e na maior permanência das águas, enquanto se procede à evacuação do excesso pelos meios naturais. As fazendas, embora afectadas, podem ser recuperadas em grande parte e o mesmo pode dizer-se relativamente às vias de comunicação. Nos dois casos considerados, a primeira coisa a fazer é o salvamento das pessoas isoladas, para continuar com o auxílio a feridos e a alimentação, vestuário e habitação ao resto dos afectados. Finalmente, ter-se-á de reconstruir as áreas lesadas das vias de comunicação, especialmente as pontes que serão, naturalmente, as que mais tenham sofrido.

## 2.3. INCÊNDIOS URBANOS

Referimo-nos, aqui, ao grande incêndio urbano, do tipo daquele que assolou a cidade de SANTANDER. Com as novas construções de betão armado não parece que possa, facilmente, repetir-se tal catástrofe.

Os seus efeitos são bastante menores do que os de um terramoto, já que as estruturas dos edifícios permanecem, a rede de comunicações com o exterior continua inalterável, e o tempo necessário para a cidade arder permite que grande número dos seus habitantes possam abandoná-la ou refugiar-se num lugar seguro. Haverá feridos e queimados, em número não muito elevado; estes últimos exigem evacuação para centros especializados, que devem estar bastante afastados do local do sinistro. O efeito purificador do fogo não deixa efeitos contaminantes posteriores e pode esperar-se que a rede de abastecimento de água potável e os esgotos funcionem em percentagem adequada. A população necessitará de assistência sanitária limitada e de abastecimento de víveres e de roupas. Posteriormente, será necessário proceder à retirada dos escombros.



## 2.4. DESASTRES INDUSTRIAIS

Podem revestir uma gama larga que vai desde uma explosão gigantesca seguida de incêndio à fuga de produtos químicos altamente contaminantes. Os efeitos físicos sobre pessoas e coisas podem considerar-se semelhantes aos de um incêndio ou de um terramoto de escassa intensidade.

A agressão química, ao contrário, tem características próprias e será necessário contar com meios específicos para a reduzir. SEVESSO, na Itália, foi um exemplo recente.

A recuperação e a evacuação de vítimas, acompanhadas de um controlo efectivo da zona afectada, poderá ser a nota dominante. Na segunda hipótese poderia ser necessário recorrer a máscaras e fatos ou meios especiais.

## 2.5. INCÊNDIOS FLORESTAIS

Já considerámos o incêndio urbano, de que dissemos que era muito improvável. O florestal, ao contrário, é o que vem acontecendo com muitíssima frequência; é o pão nosso de cada dia estival. Os seus efeitos nas pessoas são escassos, e nos bens concretizam-se no arvoredo, onde causam perdas enormes, e nalguma propriedade rústica.

Quem escreve este trabalho já participou na extinção de vários incêndios deste tipo e já comprovou como o fogo reduz a cinzas esses pulmões da natureza que são os bosques.

A actuação do Exército reduz-se, normalmente, a apagar o fogo com meios mecânicos e à realização de caminhos ou contra-fogos. Porque as áreas de floresta são um tanto agrestes e com poucas ou estreitas comunicações, dificultam ou impedem o deslocamento de moto-bombas contra incêndios e não pode esperar-se outra ajuda que não a recebida por via aérea com aviões apaga-fogos que são capazes de descarregar massas de água sobre os focos mais inacessíveis ou rebeldes do incêndio. Pás largas e de cabo comprido, especiais para o efeito, picaretas enxadadas, moto-serras, abre-valas, mecânicos e extintores portáteis são materiais indispensáveis à disposição da força.

## 2.6. GRANDES NEVÕES E AVALANCHES

Não são muito frequentes na nossa geografia, mas, num determinado momento, podem deixar

isolada uma comunidade nalgum vale alto. A actuação da tropa, se se chegasse a recorrer a ela, concretizar-se-ia na evacuação por via aérea de doentes ou gelados e na abertura de uma pista por onde se fizessem passar abastecimentos de víveres e de combustíveis.

(Continua)



# A TERRA TREMEU NA ILHA TERCEIRA...

## O RIAH MANTEVE-SE FIRME!

Por JOÃO MANUEL ARANDA E SILVA

... De repente tudo começou a tremer, tremer, com um barulho ensurdecedor fazendo com que o pensamento se renovasse sem objectivo de compreensão e solução.

A terra tremera durante 22 segundos estabelecendo o caos e espalhando dor e tristeza; assim chegava à ilha Terceira o dia 1 de Janeiro de 1980.

De tal maneira se pretendeu sempre identificar os Açores com a velha Atlântica que ainda hoje para muitos, o falar da origem remota deste Arquipélago é quase o mesmo que evocar aquele velho continente num dos problemas mais discutidos da história antiga.

Sem que a presença destas ilhas implique a aceitação da teoria da existência da Atlântica, que diziam ser já conhecida dos fenícios e cartagineses, a verdade é que ao falar delas — quer pelas suas belezas naturais, de que nos falam poetas e prosadores, quer pela tendência de muitos em imaginar — imediatamente nos encontramos em presença de um problema que realmente parece basear-se em dados concretos.

Porque o ambiente Açoreano tem sido desde há quinhentos anos, aquilo que é hoje — nas características do seu clima, no festivo da sua paisagem, e na força e generosidade do seu mar —, a Atlântica, talvez por isso, é nome que quadra bem no domínio do lendário e que desde logo se identifica com as páginas maravilhosas do Atlântico onde a bruma é véu de mistério e as silhuetas estranhas das ilhas motivo de encantamento.

Do povoamento do Arquipélago dos Açores —

Os Açores não foram inicialmente colonizados, mas sim povoados, porque a colonização se observa apenas onde já existe uma população indígena em maior ou menor número; e o que se verificou quanto às ilhas Açoreanas foi pois povoamento. No século XV, quando para cá vieram os portugueses e os flamengos, tudo estava deserto, tudo se apresentava um matagal bravo que tiveram de destruir ou de dominar para se poderem estabelecer.

Procurando conhecer alguma coisa a respeito daquilo a que poderemos chamar as cúpulas dos sistemas político-administrativos que vigoraram nos Açores ao longo dos tempos, ou seja desde o início do povoamento até quanto possível, aos nossos dias, poderemos dizer que a administração pública destas ilhas enferma sempre de diversas dificul-

dades dentre as quais se destacam a distância dos poderes centrais e a falta de acomodação de algumas dessas cúpulas, nas ilhas, para um bom exercício do governo e da administração das mesmas, no próprio local.

O Arquipélago constituía uma única donataria, o que correspondia a um único donatário. O primeiro donatário que os Açores teve foi o próprio Infante D. Henrique, filho, como se sabe, de D. João I e D. Filipa de Lancastre, e grande animador das operações relacionadas com o descobrimento e o povoamento das ilhas.

Ao falarmos das capitânias e citando a ilha Terceira, sabe-se que ela formou inicialmente uma única, sendo Capitão Jácome de Bruges (carta de doação de 2 de Março de 1450), o qual se estabeleceu na vila da Praia. Em 1474 a ilha é dividida em 2 capitânias com sede respectivamente na Praia da Vitória e em Angra do Heroísmo.

— 1451 — 1 de Janeiro —

É opinião mais provável, seguida por alguns escritores Açoreanos, que foi o dia primeiro do mês de Janeiro aquele em que desembarcaram na ilha Terceira os seus primeiros povoadores, companheiros do Capitão donatário de toda a ilha, Jácome de Bruges, do condado de Flandres, entre os quais se contam, Diogo de Teive, da Madeira, seu ouvidor, Gonçalo Eanes da Fonseca, de Lagos, entre outros, contando também com a vinda de alguns frades da ordem de S. Francisco.

É também na década de 1400 mais propriamente no ano de 1449 que se dá o primeiro nascimento na ilha Terceira, com o nome de Gaspar Gonçalo Machado Ribeiro Seca, baptizado na primeira ermida edificada no lugar de Sant'Ana, o qual viria a ser o melhor cavaleiro de África, na palavra do padre Cordeiro. Por carta de 2 de Abril de 1474 a ilha é dividida em 2 capitânias, ficando Álvaro Martins Homem (inicialmente em Angra) com a da Praia e João Vaz Corte-Real com a de Angra.

Ambos foram grandes obreiros do povoamento Terceirense bem como do seu desenvolvimento social e económico. De referir que na capitania de Angra a geração dos Corte-Reais se distinguiu e notabilizou.

A década de 1400 continua a ser rica historicamente. Assim, em 1492 Cristóvão Colombo beijou terras Açoreanas (Santa Maria) após a sua viagem de descobrimento da América. Ao terminarmos as citações históricas mais importantes no respeitante à ilha Terceira e década de 1400, diremos que foi a 2 de Março de 1450 que o Infante D. Henrique faz a doação da Ilha Terceira a Jácome de Bruges primeiro Capitão Donatário.

Na década de 1500, temos como facto relevante a citar, a construção ordenada por Filipe II, na base do Monte Brasil, do Castelo de S. Filipe — em 1592 — hoje de S. João Baptista, uma das fortificações europeias mais completas do tempo, na qual hoje em dia está aquartelado o Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo, o qual tem por divisa de honra a famosa frase extraída duma carta que Ciprião de Figueiredo, governador dos Açores, enviou a Filipe II de Espanha: "ANTES MORRER LIVRES QUE EM PAZ SUJEITOS".

Mas antes de falarmos deste símbolo secular e de importância primordial, que é o Castelo de São João Baptista, façamos primeiro uma resenha histórica de factos mais salientes ocorridos ao longo dos séculos desta nobre e leal cidade de Angra e Ilha Terceira.

A 5 de Novembro de 1534 o Papa Paulo III, cria a Sé de S. Salvador na Cidade de Angra, na ilha Terceira, tendo igualmente no mesmo ano a 21 de Agosto, sido concedido o título de Cidade, à vila de Angra, a qual foi a primeira cidade dos Açores, sendo aqui também implantada a sede do bispado que ainda hoje conserva, e na pessoa de D. Aurélio Granada Escudeiro, o seu actual bispo, e bispo dos Açores.

Precisamente nos anos de 1580 a 1582 — aquando da crise nacional que Portugal atravessa — os Açores participam activamente desse mesmo processo. Enquanto a maior parte do Arquipélago, por virtude de vários factos, cedo acaba por optar pelos Filipes, apenas a Terceira se arvora em único e último bastião de defesa da causa do Prior do Crato.

— 25 DE JULHO DE 1581

Batalha da Salga, na Ilha Terceira, entre a Armada Espanhola e os





partidários de D. António de 50 Portugueses partidários e fiéis ao aclamado a mantido Rei D. António Prior do Crato, derrotam na Bala da Salga sob o comando de Brianda Pereira e um Frade Graciano Frei Pedro, cerca de 2.000 Soldados enviados por Filipe de Espanha.

A 2 de Setembro de 1581, a Armada Espanhola de D. Lopo de Figueirôa, abandona definitivamente as águas da Ilha Terceira temendo novo desaire; era pois o consumir da sua derrota.

Com o 16 de Abril de 1599 surge a peste na Ilha Terceira, começando em Angra e terminando esta calamidade Oficialmente a 20 de Janeiro de 1600, tendo até essa data vitimado cerca de 7.000 pessoas de ambos os sexos, grandes e pequenos.

No dia 26 de Março de 1641 quatro tanoeiros iniciam a luta para aclamação de D. João IV na cidade de Angra; os quais davam pelo nome de Irmãos Fernandes, mais tarde também conhecidos pelos "MINHAS TERRAS". Mas no dia imediato, 27 de Março, o Governador do Castelo, D. Álvaro de Viveiros, afecto a Castela, manda prender os amotinados da cidade, estes comandados pelo Capitão Jerónimo da Fonseca. Nas ruas gritava-se "Liberdade Viva El-Rei D. João IV! Morram os Castelhanos!".

O dia 28 de Março de 1641, é o dia da conquista da Fortaleza, pelo Capitão Manuel Jaques de Oliveira, da Ribeirinha. D. Álvaro Viveiros e os Castelhanos acolhem-se ao Castelo do Monte Brasil. O Capitão Manuel Jaques conquista e governa a Fortaleza de S. Sebastião por algum tempo dando-a depois a Luís Cardoso Machado, que a teve, por mercê régia.

Na Ilha Terceira, um terramoto destrói a Vila da Praia, matando 200 pessoas. Era o dia 24 de Maio de 1614. Mas em 1841, dia 15 de Junho volta a cair, pela segunda vez a Vila Da Praia, arrasada por novo terramoto.

Era Governador Civil o Conselheiro José Silvestre Ribeiro, a quem se deveu a sua reedificação, e ao qual, mais tarde, foi erguida pelos Praienses uma estátua.

— Mas Angra e o seu Castelo são uma fonte rica em História. A 29 de Junho de 1896, são encarcerados no Castelo de Angra, os régulos preso por Mouzinho. São eles o Gungunhana, o Molungo, o Zixaxa e o Godide, os quais foram conduzidos ao Castelo de São João Baptista pelo General Visconde de Vila Nova de Ourem.

A 22 de Setembro de 1562, dá-se uma grande erupção na Ilha do Pico, rebentando fogo que iluminava as Ilhas vizinhas. Também de madrugada do dia 3 de Setembro de 1630 a Ilha de S. Miguel, apresentou um aspecto de tristeza arrepiante e ambiente assustador, tremendo o seu solo convulsivamente em Vila Franca e povoações limítrofes e o fogo rebentou em espantoso estrondo na Lagoa das Furnas. As árvores que omavam o Vale das Furnas foram devoradas pelas chamas. Quase todas as Igrejas e casas da Ponta Garça e Povoação foram arrasadas.

Isto durou alguns dias tendo morrido cerca de 200 pessoas. Mais tarde no ano de 1720 e dia 10 de Outubro, sentiram-se tremores de terra em quase todas as Ilhas dos Açores, observando-se uma erupção submarina que fez surgir fogo entre as Ilhas de S. Miguel e Terceira. A 24 de Junho de 1800 pelas 15 horas e 42 minutos, um violento abalo de terra ocorre na Ilha Terceira e uma vez mais de forma brutal.

Também em 1926, no dia 31 de Agosto, cerca das 8 horas, foi a Ilha

do Faial sobressaltada por uma violenta agitação subterrânea que durou alguns minutos morrendo nove pessoas e 200 ficaram feridas.

Tudo isto são páginas históricas, ricas de coragem, ainda que tenham o traço amargo da tristeza, mas sempre heroicamente enfrentadas por este Povo. Muitas mais haveriam para recordar, ao folhearmos a História deste Arquipélago de gente mártir, mas determinada.

— É chegado o 1.º dia de 1980! Eram 15 horas e 42 minutos e novo sismo abala esta Ilha, provocando uma vez mais dor e tristeza nesta terra açoreana.

Foi aqui nesta tragédia que os militares do Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo tiveram actuação de grande relevo humanitário e espírito de sacrifício bem próprio dos Infantes.

Mas antes dos factos, recordemos a Fortaleza, o Castelo, onde está implantado o Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo.

## O CASTELO

Esta Fortaleza tida como uma das melhores da Europa, foi construída pelos espanhóis sob orientação do Engenheiro-Mor do Reino de Espanha, José Vilhena, sendo nessa altura chamada Fortaleza de S. Filipe. Foi construída no Monte Brasil que era uma propriedade particular que se julga ter pertencido a Estêvão de Cerveira. A Fortaleza era governada por D. Álvaro Viveiros às ordens de Espanha.

Mas aquando da Restauração, volta para a posse dos portugueses no dia 6 de Março de 1642 após a rendição de D. Álvaro Viveiros, instalando-se ali as ordenanças portuguesas comandadas pelo Capitão João Bettencourt.

## — DA FORTALEZA —

### 1. AS MURALHAS

Foram construídas sobre o istmo do Monte Brasil, e têm cerca de 2,5 m de espessura na sua parte superior, que está a uma altura média de 15m, estendendo-se por um perímetro de cerca de 600 m. O seu traçado foi estudado para a defesa em todas as direcções, com os baluartes avançados de modo a poderem bater de flanco qualquer força atacante, com casamatas próprias. Existem cinco baluartes: Santa Catarina, São Pedro, Boa Nova, Espírito Santo e Santa Luzia. A muralha tem ao longo de cerca de 300m, e entre os baluartes de Santa Catarina e Santa Luzia, um fosso fundo com pequeno muros, de modo a dificultar tentativas para a sua escalada.

### 2. DEFESAS AVANÇADAS

Com o istmo do Monte Brasil "tapado" pela Fortaleza, restava apenas a parte banhada pelo mar. Assim foram construídos para uma completa defensiva, os seguintes redutos:

— Redutos de Dois Paus; Reduto de São Francisco; Reduto de Santo Inácio; Reduto de S. Gonçalo; Reduto de Santa Cruz; Reduto de Santa Teresa; Forte de S. Bendito; Forte de Santo António; Forte do Simbreiro; Forte da Quebrada.

Algumas destas Fortificações foram sendo adaptadas ou modificadas sobretudo durante a II Guerra Mundial, pois foram ocupadas por posições de Artilharia.

(Continua na pág. 47)



# APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DO CARRO DE COMBATE - XLI OS CARROS NA SUÍÇA (II)

Coord. de B.P.

Até ao final da década de cinquenta, a Suíça não construiu quaisquer carros de combate, comprando a outros países os seus blindados como foi o caso das aquisições do AMX-13 à França e dos CENTURION MK3 e CENTURION MK9 britânicos. No entanto, antes de iniciarem a construção dos seus próprios carros, naturalmente adaptados à sua geografia característica, a Suíça lançava-se na fabricação de outros tipos de viaturas blindadas; assim, em 1954 surge a viatura blindada sobre rodas de 9 toneladas, denominada M42 SKPF e, mais tarde, em 1958, lança a sua viatura blindada de transporte de pessoal sobre rodas, 4x4, guamecida com 7 homens, de 12 toneladas e que foi denominada SW1 "MOWAG", 4x4, 12TAPC. Já depois da construção dos seus carros de combate que referiremos adiante, em 1959, a Suíça fabrica veículos blindados de reconhecimento sobre rodas e que eram o desenvolvimento do protótipo do seu "MOWAG" 58. Em consequência deste desenvolvimento produziu duas viaturas de reconhecimento: o SW2, armado com um canhão de 20 mm e o SW3, artilhado com um canhão de 90 mm.

Neste mesmo ano, também construiu uma VBTP, que uns designam por "PIRAT", outros por "PIRANHA" e da qual se montaram três modelos não muito diferentes entre si. As diferenças residiam no seu peso (5,7; 9,6 e 12,5t), no número de homens que transportava (10, 12 e 15), nos seus comprimentos (5,26; 5,84 e 6,23 m), a potência do motor (190HP; 300HP; 325HP), na autonomia (750, 1000 e 800 km), no número de rodas (4x4, 6x6 e 8x8). Era-lhes comum a largura (2,50 m), a altura (1,85 m), a altura do solo ao casco (0,50 m), a velocidade em estrada (100 km/h), a velocidade na água (10 km/h) e o armamento, uma metralhadora 12,7 mm.

Por volta de 1958 surgiram exigências, em muitos países, no sentido de ser concebido e conseguido um carro de boa mobilidade e que pesasse cerca de 40 toneladas.

Pois a Suíça foi um desses países, apesar de, até então, não ter produzido um único tipo de carro de combate. Mas na realidade os técnicos deste país estavam a trabalhar num carro adaptado à sua situação militar e geográfica. Deste trabalho surgiram, neste ano, dez protótipos armados com um canhão de 90 mm. E porque surgiram em 1958, foram chamados de "Pz 58". O seu peso era de 35 toneladas.

Posteriormente e baseados neste carro de combate aparecem os "Pz 61" de que foram construídos, entre 1964 e 1966, 150. Neste carro, a arma principal é o canhão de 105 mm, britânico e a sua propulsão é de origem alemã. Quanto a tudo o mais é obra suíça desde o casco à suspensão.

O "Pz 61" pesa 37 toneladas e tem 6,70 m de comprimento, 3,05 m de largura e 2,73 m de altura. Com um motor "Daimler-Benz MB-837, V8 a diesel", refrigerado a água, de 29,8 litros de cilindrada que desenvolve 630 HP a



O carro de origem britânica "CENTURION" que equipa as F.A. suíças.



Carro de Combate "Pz 58" com canhão de 90 mm e MK "Oerlikon" de 20mm.



C. Combate "Pz 61" com canhão L7A1 de 105 mm e MK "Oerlikon" de 20 mm.

2200 r.p.m., desenvolve uma velocidade em estrada de 50 km/h com uma autonomia de 300 km. Dispõe de uma transmissão de 6 velocidades para a frente e 2 para a retaguarda seleccionados electricamente. Com uma tripulação de 4 homens (chefe do carro, apontador, municionador e condutor), tem por armamento principal um canhão L-7A2 de 105 mm, de origem britânica, que dispara granadas APDS e HESH; secundariamente, dispõe de um canhão Oerlikon coaxial de 20 mm e uma metralhadora 7,5 mm MG para defesa anti-aérea. O controlo de tiro é feito por telémetro de coincidência.

O "Pz 61" tem uma pressão no solo da ordem de 0,85 kg/cm<sup>2</sup> e uma potência específica de 17 HP/t. Pode transpor obstáculos verticais da ordem dos 0,71 m e valas até 2,48 metros, além de superar declives de 70%. Pode, ainda, e sem preparação transpor cursos de água de profundidade até 1,12 metros.

Neste carro de combate utilizaram-se ligas

"Pz 61"





"Pz 68"

leves em pontos menos sensíveis e dispõe de sobre pressão interna impeditiva da entrada de partículas radioactivas.

É um excelente carro para a luta defensiva que é a base da doutrina militar suíça, como se

-pontes com base no chassis dos "Pz 61" e, também, doutro, relativamente, ao "Pz 68", um lança-pontes de 18 metros, capaz de aguentar pesos de 50 toneladas ou, mesmo, 60, numa

"Pz 61" a fazer fogo

nado "LAMBORGHINI", cujo protótipo deverá estar pronto por volta de 1982, quando será entregue ao Exército para testes de avaliação. Crê-se que até 1983 poderá ser decidida, ainda que a título provisório, a fabricação em série que não poderá, provavelmente, começar antes de 1986, contando-se, no entanto, com a aprovação parlamentar para os créditos necessários.

Trata-se, tanto quanto se julga, de um carro de combate com torreta em forma de carapaça de tartaruga, parecida com a montada nos "Pz 68" e nos "T 54/55", colocada na ponte traseira, com capacidade para dois homens. Tem um dispositivo automático de carregamento e, como armamento principal, um canhão estriado de 105 mm. Pesa cerca de 40 toneladas, é de pequena altura e a parte dianteira do casco tem uma forma afilada (daí a sua denominação de "LAMBORGHINI"); o trem de rodagem é idêntico aos "Pz 61" e 68 com 6 rodas-guias e 3 roletas de apoio. O motor está instalado à proa.

A par com esta actividade, a Suíça produziu um desenvolvimento da sua "MOWAG 58", uma viatura sobre rodas, 6x6, anfíbia, agora em duas versões: uma VBTP armada com um canhão de 20 mm e outra, um carro "destroyer" com um canhão de 80 mm, denominado "PUMA 80 m". Este pesa 15 toneladas e dispõe de um motor de 320 HP, guamecido com 11 homens, um dos quais condutor.



sabe. Em 1968 a Suíça construiu o seu "Pz 68" que é um projecto aperfeiçoado do "Pz 61", com uma maior velocidade máxima, melhores métodos de pontarias, lagartas com blocos de borracha, canhão de 105 mm estabilizado em elevação (+ 21.º a - 10.º) e azimute. Por outro lado, o canhão Oerlikon de 20 mm foi substituído por uma metralhadora de 7,5 mm. Telémetro de coincidência para pontaria.

Com uma tripulação igual ao "Pz 61", pesa 38 toneladas e mede 6,8 m de comprimento, 3,10 m de largura e 3,70 m de altura. O seu motor Daimler-Benz, V8 a diesel de 660 HP a 2200 r.p.m. possibilita-lhe uma velocidade em estrada de 55 km/h e uma autonomia de 350 km. A transmissão é de 6 velocidades para a frente e 6 para a retaguarda.

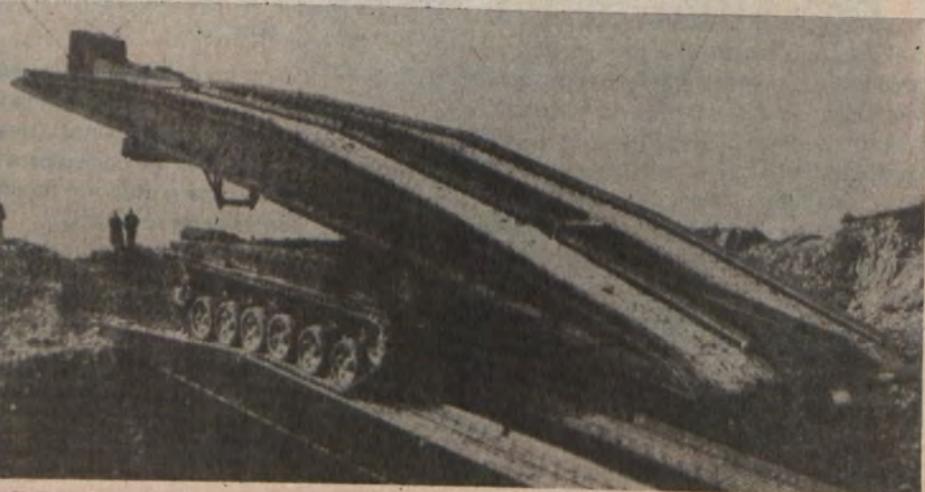
Tem uma pressão no solo de 0,85 kg/cm<sup>2</sup>, e uma potência específica de 17,4 HP/t. É capaz de transpor obstáculos verticais com 0,71 metros e obstáculos com a largura máxima de 2,48 metros. Sobe declives até 70% e transpõe, sem preparação, cursos de água até 1,12 metros de profundidade.

Paralelamente à construção dos "Pz 61" e "Pz 68", os suíços fabricaram, digamos, produtos derivados. Foi o caso de um veículo lança-

emergência e pesando ele próprio 45t e como o primeiro derivado do chassis do carro de combate donde derivou.

A Suíça está avançada no estudo dos planos para a construção de um novo carro, denomi-

Lança-pontes c/ chassis "Pz 68"



# FALTA DE

# SANGUE

## EM PORTUGAL UM PROBLEMA QUE NOS CUMPRE E URGE RESOLVER



Por GABRIEL FERRÃO

IV

### POLÍTICA DE SANGUE

Ao transcrevermos integralmente, no último número do Jornal do Exército, o texto do despacho de 17 de Julho de 1976, da Secretaria de Estado da Saúde, despacho esse, que a ser cumprido em tudo quanto preconiza de moralização, de justiça social e correcta intenção de solver gradualmente os difíceis problemas da disponibilidade de sangue, consideramos como um notável contributo do Estado para com a população, a quem cumpre ajudar e esclarecer.

Era nossa intenção analisarmos alguns aspectos desse despacho, principalmente os que se referem à informação, formação e promoção da dádiva de sangue.

É essa análise necessariamente limitada que vamos procurar fazer, tornando-a quanto possível simples para um fácil seguimento por quantos dos nossos leitores se interessarem pelo tema.

Ao propôr-se criar um organismo central de coordenação da informação e das acções de promoção da dádiva de sangue visando a estruturação dos meios de informação no sentido de uma certa modificação da política até então seguida, para angariação dessa dádiva (sem marginalizar tudo quanto de positivo se conseguiu em longos anos de aprendizagem, lutando com devoção pelo interesse do colectivo quase sempre com uma confrangedora falta de apoio público e sempre com reduzidos recursos humanos e financeiros) a Secretaria de Estado começa, como é lógico, por formular a doutrina sobre a qual assentará toda a sua acção.

O simples enunciado da gratuitidade do recurso à terapêutica pelo sangue e/ou pelos seus componentes, para todo e qualquer doente que dela necessite, em todas e quaisquer circunstâncias, assim como o expresso em todas as alíneas de *a a g* do no. 5 do despacho de 17 de Julho de 1976, requerem em relação à colectividade uma informação pormenorizada e geral, pois bastaria o esquecer da última alínea para que tudo parecesse utópico e irrealizável.

Esta alínea aliás explícita bem a fórmula pela qual se poderá concretizar quanto o Estado preconiza.

Ela sintetiza a responsabilização de cada indivíduo pela sua própria saúde, possibilitando ou impossibilitando o Estado de cumprir ou fazer cumprir a política de sangue que propõe.

Recordemos pois a alínea *g* do no. 5.

*— Cabe a todos os cidadãos, em boas condições de saúde e de idade, sem distinção de classes, grupos, profissões, raça ou sexo, contribuir para tornar disponível a suficiência de sangue indispensável ao tratamento dos doentes.*

Parecendo uma imposição, ela expressa apenas uma sugestão de responsabilidade, deixando transparecer veladamente o que, de ignorá-la, poderá advir de nocivo para a sociedade no todo e para cada um de nós como componentes dessa sociedade.

Não é de forma alguma uma imposição, porque, em matéria de sangue, um tecido vivo como qualquer outro componente do corpo humano, só ao seu dono o indivíduo compete resolver se o deseja ou não alienar doando-o a outrem.

Em palavras correntes, do texto da alínea *g* se infere que sem haver quem dê

sangue o Estado não poderá regulamentar nada do que desejaria e que, por muito justas e acertadas que sejam as suas intenções, elas serão letra morta sem qualquer validade.

— Mas do mesmo texto, por dedução lógica também se infere que se aqueles que podem dar sangue o não fizerem poderão um dia encontrar-se na contingência de dele precisarem para salvar a vida, e não o terem porque o Estado não lho poderá dar.

Nem aos seus nem a quem quer que seja.

E não é só sangue disponível que o Estado se propõe dar. É sangue a tempo, sangue preparado para qualquer tipo de necessidade (sangue total, componentes do sangue e derivados).

E talvez muitos o ignorem mas a preparação e conservação do sangue representam elevados custos que o Estado se propõe dar sem qualquer retribuição. Apenas no interesse da saúde das vidas e da segurança dos cidadãos.

Todo o no. 5 do já referido despacho é uma sequência de proposições de moralização atinentes a uma correcta utilização do sangue, que visa responsabilizar o Estado perante a população e reciprocamente a população perante o Estado e perante si mesma.

Aconselhamos a quem não tenha presente o texto do no. 5 do despacho que estamos analisando que consulte o número de Janeiro de 1980, páginas 23 e 32, do Jornal do Exército.

— É, a nosso ver, deste no. 5 que se deverá partir para todo um articulado de informação e correcta sensibilização dos potenciais dadores de sangue, que somos todos a quem a idade e a saúde o permitirem.

A esta informação compete mostrar à população toda a sua instabilidade, insegurança e permanente risco em que se encontrará em todas as circunstâncias recusando-se a ouvir o que o Estado franca e abertamente lhe sugere: Uma colaboração estreita em que entrando com muito pouco, imenso poderá vir um dia a receber.

— Informada e mentalizada a população para esta necessidade de dar para receber, desta necessidade de actuar colectivamente (pois todos precisamos de todos) deverá ser-lhe facultada toda uma informação pormenorizada de tudo quanto ao sangue se refere.

Sobre parte dos tópicos que seguidamente enunciaremos, sobre os quais deve recair a informação, já demos aos nossos leitores alguns breves esclarecimentos nos primeiros artigos desta série que estamos dedicando ao problema da falta de sangue em Portugal.

— O que é o sangue.

— Sangue, um bem sem preço.

— Da forma como o Estado, com o evoluir da sua capacidade económica e técnica, o administrará em favor da comunidade de que todos fazemos parte.

— De que em todas as situações de necessidade poderemos usufruir desse bem.

— Do seu valor terapêutico, dos seus componentes e derivados.

— De toda a sua importância em relação à segurança e saúde públicas.

— De como, quando, quem e onde deverá dar sangue.

— De como agem as instituições públicas em relação a colheita de sangue.

— Das vantagens do exame médico precedendo a dádiva de sangue.

— Das vantagens do seu cartão de dador com indicação do grupo sanguíneo.

— Das inúmeras vantagens de se poder contar com uma reserva, o mais estável possível, de sangue disponível.

— Toda a informação deverá ser programada para uma actuação permanente tendo em conta de que será sempre preferível muitos darem pouco várias vezes, do que poucos darem muito poucas vezes.

— A informação deverá ter em conta todos os condicionalismos socio-económicos e socio-culturais, devendo ser sempre planeada e transmitida segundo um esquema de progressividade, de forma a ser compreendida e bem aceite por aqueles a quem é destinada.

— A informação deve ser condicionada à necessidade de se conseguirem colheitas de sangue susceptíveis à manutenção de uma certa regularidade de stocks, evitando-se incidências capazes de provocar uma excessiva afluência de dádivas, por vezes contraproducentes, e criando o perigo de um deficiente aproveitamento da totalidade do sangue.

— A informação e promoção de dádiva será pois uma actuação racional, tendo em conta que há durante cada ano períodos de quase normalidade e períodos de crise.

— Para isso ter-se-á em conta a necessidade de um correcto recurso aos meios de massa.

— A Televisão, a Rádio e a Imprensa Diária são, pela ordem em que citamos, os suportes indispensáveis a qualquer acção informativa visando resultados palpáveis.

— Mas a sua utilização não dispensa de alguma, antes pressupõe, a necessidade de apoio da informação directa, especificamente estudada para actuar em meios de característica por vezes bem diversas.

— Assim os elementos de informação directa deverão ser concebidos quer quanto a textos quer quanto a grafismo para actuarem:

Em meios urbanos  
Em meios rurais

Em meios operários  
Em meios académicos  
E em esquemas de pré-informação e formação, de resultados a médio prazo, nos meios escolares.

(Oportunamente trataremos detalhadamente de como, em vários países do mundo, se cuida da informação nos meios escolares e para a juventude em geral).

A informação para sensibilização à dádiva de sangue não pode em caso algum ser enquadrada em esquemas rígidos. Deve ser criativa, tendo em conta que só se desperta interesse quando se fala verdade, com clareza e sem subterfúgios.

Para se transmitir uma informação válida, torna-se necessário muitas vezes esquecer a teoria e não desprezar os resultados da prática, obtidos em acções anteriormente desenvolvidas.

— Temos, sobretudo, de pensar que a estamos transmitindo a pessoas como nós. Com os nossos humanos defeitos e humanas qualidades. Com generosidade, com fraquezas e com problemas próprios. Em situações de disponibilidade ou indisponibilidade resultantes fundamentalmente de problemáticas económicas e sociais.

— É da compreensão de tudo isto que resultará a informação correcta, capaz de fazer pensar e sensibilizar.

Quando se prepara um esquema de informação, não se podem esquecer quaisquer colaborações

Diremos mesmo que há colaborações que são indispensáveis e que o recurso a elas tem dado os melhores resultados, quer no passado, quer no presente visando o futuro.

— Estão neste caso as Associações de dadores, com quem sempre contámos e as quais cumpre apoiar na sua meritória obra a nível central ou regional.

— Os núcleos de dadores, as humanitárias associações de bombeiros voluntários.

— As Forças Armadas, cujo contributo nunca foi regateado, atestando assim de forma exemplar o alto sentido de responsabilidade e compreensão de todos quantos as integram no cumprimento desse dignificante dever cívico que a dádiva de sangue representa.

— Tal como nos propusemos no primeiro desta série de artigos, não deixaremos na sua sequência o que tem sido esse contributo e como ao longo dos anos se tem processado, para o que contamos com a colaboração dos Serviços do Instituto Nacional de Sangue, o qual mantém permanente contacto com diversas unidades, dos vários ramos das Forças Armadas, aonde, com frequência, faz deslocar as suas brigadas de colheita de sangue.

— Os muitos dadores de Empresas Estatais, da Função Pública e de Empresas Privadas, que em acções de conjunto ou individuais sempre têm contribuído com o seu sangue, têm sido preciosos colaboradores que nos cumpre distinguir.

Falámos, atrás, de elementos de informação directa, o que embora para a maioria dos nossos leitores seja um tema de pleno conhecimento, para outros menos preparados poderá ser algo de vago e indefinido. É para esses que endereçamos

(Continua na pág. 32)



Cartaz do autor executado para o Instituto Nacional do Sangue

# ESTÁTUA DE DEU-LA-DEU MARTINS - MONÇÃO

Na praça central de Monção ergue-se uma estátua, cuja figura principal, assente no cimo, representa DANAIDE, nome ligado à mitologia grega.

Na coluna do monumento encontra-se um conjunto escultórico decorativo em pedra, tal como um brasão, no centro do qual está esculpido um busto encimado pela legenda DEU-LA-DEU MARTINS com a data de 1368. A estátua fez parte de uma fonte monumental com quatro bicas que se destinava ao abastecimento público. O lago redondo circundante teve em tempos a forma quadrada e constituía um reservatório de boa capacidade para armazenagem de água com a finalidade de fazer face a quaisquer incêndios que porventura surgissem. Já no Jornal do Exército, quando tratámos da fortaleza de Monção, fizemos referência à luta pela defesa dessa fortaleza, em que se empenhou Deu-La-Deu, figura notável de guerreira que deu mostras de elevada coragem, de espírito combativo, de tenacidade e de sacrifício. Nunca é demais lembrar o episódio anteriormente descrito, e é isso que adiante fazemos.

Do casamento de D. Fernando com D. Leonor Teles nasceu apenas uma filha, D. Beatriz, que veio a casar com D. João I de Castela em 1383.

A sucessão do trono português após a morte de D. Fernando gerou a partir desse ano uma crise em Portugal, com uma série de conflitos e lutas com Castela, nos quais estão incluídas e se destacam as batalhas de Atoleiros, Valverde e Aljubarrota.

Em dada altura, D. Pedro Rodrigues Sarmiento, General de Henrique II de Castela, entrou em Portugal à frente das suas tropas e foi pôr cerco a Monção.

DEU-LA-DEU MARTINS era mulher do alcaide-mor da fortaleza, Vasco Gomes de Abreu.

Na ausência do marido essa intrépida mulher tomou o comando da praça forte obrando prodígios de valor e de bravura, combatendo sempre nos sítios mais perigosos, animando e encorajando com

indomável valentia os defensores, e tratando e auxiliando com desvelo os doentes e os feridos.

Com energia invulgar atirava contra o inimigo grandes pedras e matérias inflamadas, e, sempre que surgia uma possibilidade de abertura de brecha nas suas linhas, ela aparecia brandindo a espada e, com golpes certos, conseguia que a brecha fosse colmatada vedando a passagem aos atacantes.

Os assaltos dos galegos, frequentes e sempre fortes e ferozes, foram sistematicamente repelidos.

O cerco prolongou-se e os mantimentos começaram a escassear; nos celeiros o trigo era já em pequena quantidade.

DEU-LA-DEU ordenou então que se fizessem alguns pães e ela própria os lançou ao inimigo do cimo das muralhas dizendo:

*"A vós, que não nos podeis tomar pelas armas e nos quereis fazer render pela*

*fome, dizemos: somos mais humanos que vós e como nos achamos bem providos, vendo que não estais fartos, vos enviamos este socorro e vos daremos mais se peirdes".*

Os sitiados acreditaram no estratagema adoptado e julgando a praça bem abastecida levantaram o cerco e retiraram-se para a Galiza.

Como dissemos, a figura que encima o monumento é DANAIDE, nome genérico das filhas de DANAU que, obrigadas a casar à força, assassinaram os maridos durante a noite de núpcias.

Foi-lhes imposto o castigo de encher com água um tonel perfurado utilizando, ao que parece, uma peneira.

Também é corrente apresentá-las no inferno enchendo um vaso sem fundo, em cumprimento de castigo dado por Júpiter.



# anedota

SAIBA A MENINA QUE É  
NORMA DAR PRIMEIRO  
O RANCHO A PROVAR  
AO MILITAR DE SERVIÇO...



# CAMIÕES

SÉRIE «OS LUSÍADAS»  
Por BAPTISTA MENDES

Episódio de FERNÃO VELOSO

2



Dito e feito,  
atiraram-se ao  
desprevenido  
selvagem...



Levado à presença  
de Vasco da  
Gama...

Torvado vem na vista, como aquele  
Que não se vira nunca em tal extremo;  
Nem ele entende a nós, nem nós a ele,  
Selvagem mais que o bruto Polifemo.  
Começo-lhe a mostrar da rica pele  
De Colcos o gentil metal supremo,  
A prata fina, a quente especiaria:  
A nada disto o bruto se movia.

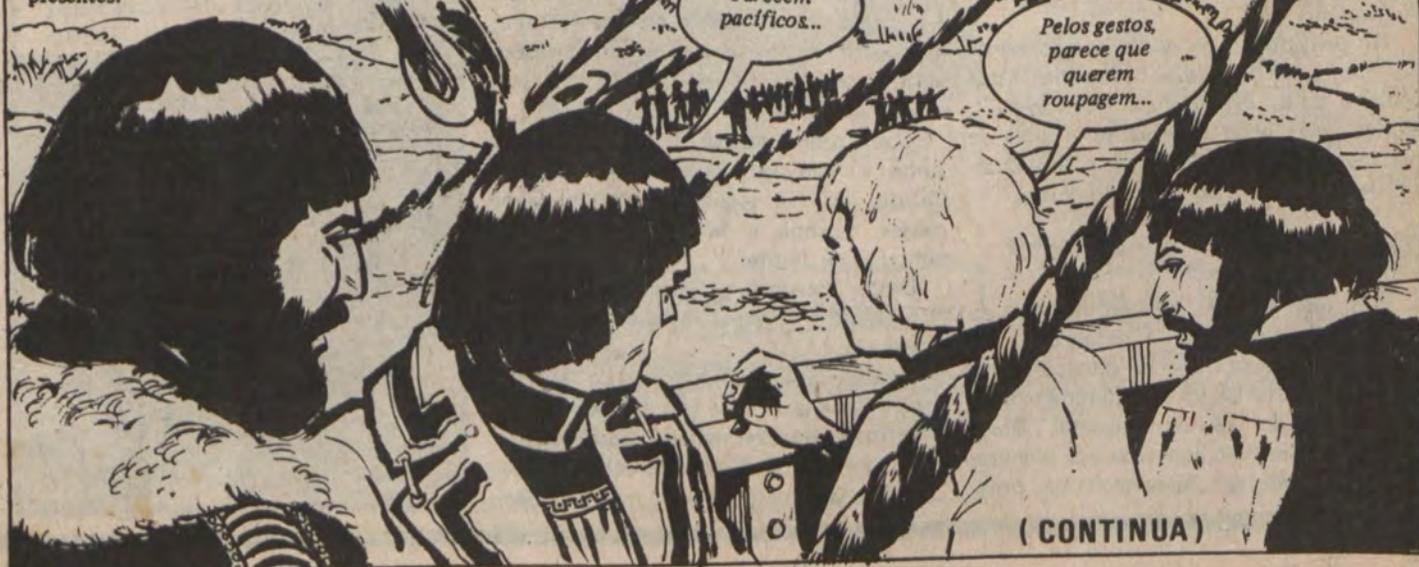


Mostrando desconhecimento e desinteresse pelo ouro,  
prata e especiarias, alegra-se grandemente ao ver contas  
de vidro, guisos... e um barrete vermelho!

Vasco da Gama manda então vesti-lo com roupas  
berrantes e solta-o perante a alegria geral...



E ao outro dia, a praia apresenta-se cheia de pretos que vinham  
ver os estranhos homens de pele branca... e receber os seus  
presentes!



Parecem  
pacíficos...

Pelos gestos,  
parece que  
querem  
roupagem...

( CONTINUA )



Por ÉLIO MORGADO

## "CLOSE UP" DO SISTEMA JUPITERIANO

- 11 -

### MAIS UMA VEZ SE CONFIRMA QUE UM ÚNICO FACTO É PRE- FERÍVEL A VÁRIAS TEORIAS, POR MUITO ATRAENTES QUE ESTAS SEJAM

No artigo do mês passado, e graças aos instrumentos existentes a bordo da nave espacial "Voyager-1", levámos ao conhecimento dos leitores do JORNAL DO EXÉRCITO diversos documentos fotográficos divulgados pela N.A.S.A. sobre Júpiter e alguns dos seus satélites.

Assim foram localizados em Io alguns vulcões que para surpresa dos cientistas se encontravam em actividade. Ganimedes pelo contrário mostrou-se um mundo gelado ao passo que o solo de Calisto se encontra marcado por inúmeras crateras. A célebre "mancha vermelha" foi observada de perto, pela primeira vez, na história da Astronomia.

No presente artigo daremos a conhecer aos nossos leitores novas fotografias, estas obtidas pelas câmaras da "Voyager-2". Numa delas pode observar-se o anel de partículas que envolve Júpiter, a uma altitude avaliada em 55 mil quilómetros.

#### O PROGRAMA DA "VOYAGER-2"

Um dos maiores descobrimentos da missão "Voyager" foi a detecção, pela nave no. 1, de um anel de partículas, localizado a cerca de 55 mil quilómetros da superfície do planeta gigante. Deste modo, Júpiter veio juntar-se aos planetas que possuem tão característico orna-

mento: Saturno e Urano.

Baseando-se nos dados fornecidos pelos instrumentos existentes a bordo da "Voyager-1", chegou-se mesmo a determinar a espessura do anel: cerca de 30 quilómetros. Contudo, foi preciso aguardar as informações obtidas pela "Voyager-2" para confirmação. A segunda nave, inteiramente reprogramada em função dos resultados obtidos pela primeira, iria "observar" mais pormenorizadamente o anel e "interessar-se" de novo pelos vulcões de Io. Aproximar-se-ia da Europa e passaria a rasar Ganimedes.

A 5 de Julho de 1979, a sonda atingiu a zona do espaço onde se encontra Júpiter e, a partir daí, os cientistas puderam congratular-se, pois a missão decorreu sem uma única falha.

Como tinha sido previsto, no dia 8 de Julho a "Voyager-2" encontrou-se com Calisto; no dia seguinte observou Ganimedes, Europa e Io: finalmente aproximou-se de Júpiter.

Destes "encontros", que conseguiu a "Voyager-2" a mais do que a sua congénere no. 1?

Confirmou-se a existência do famoso anel, cuja largura é de cerca de 6500 quilómetros e, possivelmente, poderá ser formado por uma série de anéis concêntricos.

Sobre Ganimedes, pouco mais se adian-

tou ao que já se sabia. Europa, contudo, forneceu dados novos, já que a segunda nave passou muito mais perto do objectivo. Este satélite de Júpiter aparece como uma bola de gelo, cuja superfície se encontra sulcada por nervuras delicadas. Não foi detectada uma única montanha nem uma única depressão. Segundo as palavras de Larry Solderdrem, um dos técni-

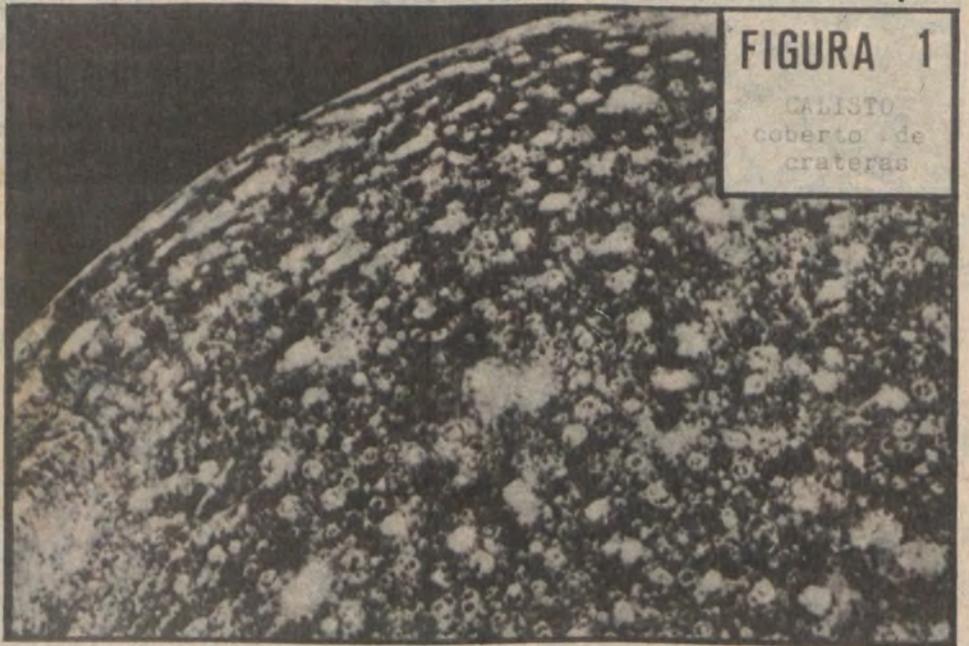


FIGURA 1

CALISTO  
coberto de  
crateras



FIGURA 2

Aspecto  
de  
GANIMEDES

cos fotográficos da missão "Voyager", Europa "é, provavelmente, o objecto mais plano do sistema solar". Mal se percebe a existência das raras crateras devidas a impactos meteoríticos, pelo que é de admitir que a superfície de Europa se modifica, fazendo desaparecer as cicatrizes motivadas pela queda de outros corpos celestes.

Quanto a Io, as câmaras da "Voyager-2" mostraram que um dos vulcões assinalados pela primeira nave, e por sinal o mais activo, se encontrava praticamente adormecido. Os outros, porém, continuavam em actividade.

Sobre a famosa "mancha vermelha", verificou-se, no espaço de quatro meses (tempo decorrido entre as observações efectuadas pelas duas naves), que se tinha deslocado para Oeste, ao passo que as enormes manchas de nuvens brancas que a acompanham se deslocaram para Leste. A sua forma também se modificara.

#### AS FOTOGRAFIAS DA "VOYAGER-2"

Analisando as fotografias dos quatro satélites de Galileu, obtidas pela segunda nave, chegou-se à conclusão de que se trata de astros bastante diferentes.

A superfície de Calisto (Figura 1) encontra-se uniformemente coberta por crateras de origem meteorítica que devem datar da formação do nosso sistema planetário, há uns quatro biliões de anos.

A Figura 2 mostra que Ganimedes possui regiões pletóricas de crateras e outras assinaladas por gigantescas falhas cobertas de gelo. Estas falhas poderão ser devidas a grandes convulsões tectónicas (exactamente como sucede na Terra).

Io (Figura 3) é, até ao presente, o satélite vulcânico mais jovem e mais activo do sistema solar.

Europa (Figura 4) parece-se com uma bola de bilhar, já muito usada. O satélite encontra-se uniformemente coberto por uma camada de gelo de cem quilómetros de espessura. As falhas deverão ter, provavelmente, algumas centenas de quilómetros de profundidade. A ausência de crateras demonstra a existência de um processo dinâmico da formação do gelo.

A composição apresentada na Figura 5 mostra o anel de Júpiter: as fotografias foram efectuadas quando a nave se encontrava a cerca de um milhão de quilómetros do planeta.

Finalmente, a Figura 6 mostra, em cima, a fotografia tirada pela "Voyager-1" à "mancha vermelha" e, em baixo, a mesma zona da atmosfera de Júpiter fotografada quatro meses depois pela "Voyager-2", e onde se pode verificar o deslocamento da referida mancha para Oeste.

Os astrónomos, graças aos dados conseguidos pelas naves "Voyager", fazem hoje



FIGURA 3

Aspecto de  
IO



FIGURA 4

A superfície  
"lisa" de  
EUROPA.



FIGURA 5



FIGURA 6

uma ideia diferente de Júpiter e dos seus satélites. Contudo, algumas perguntas se põem.

Por que razão é Io tão activo enquanto Europa parece adormecido? Porque é que um se encontra gelado enquanto o outro é possuidor de vulcões em actividade? Por que razão Ganimedes e Calisto são também tão diferentes? E de que é constituído o anel que rodeia Júpiter?

Perguntas que, como é óbvio, só poderão, talvez, ter uma resposta aceitável quando da realização do projecto Galileu, que consta da colocação em órbita jupiteriana de uma estação espacial, da qual partirá pelo menos uma nave de prospecção, que deverá descer até à atmosfera de Júpiter.

\* \* \*

# DA MADEIRA...

## DIA DA ARTILHARIA NO GAC 2

O Dia de Santa Bárbara, Padroeira dos Artilheiros, foi comemorado na Madeira, no passado dia 4 de Dezembro, simultaneamente com o Dia da Unidade do Grupo de Artilharia de Guarda no. 2.

As comemorações estiveram presentes as entidades militares superiores do Arquipélago, o Comandante-Chefe das Forças Armadas, Brigadeiro Figueiredo Valente, o 2.º Comandante da Zona Militar da Madeira, Coronel Carlos Lacerda, o Comandante Naval da Madeira, Comandante Chuquere, Comandantes de Unidades do Exército, da Marinha e da Força Aérea, Oficiais e sargentos de Artilharia na reserva e antigos militares que prestaram serviço naquele aquartelamento.

À chegada do Brigadeiro Comandante-Chefe, foram prestadas honras por uma bateria a dois pelotões, sob o comando do Capitão Sotaya. Já dentro da Unidade, as forças em parada, sob o comando do Major Raimundo eram constituídas por duas baterias, uma das quais operacional e motorizada. No momento da continência, um pelotão de obuzes 8,8 executaria uma salva de 15 tiros.

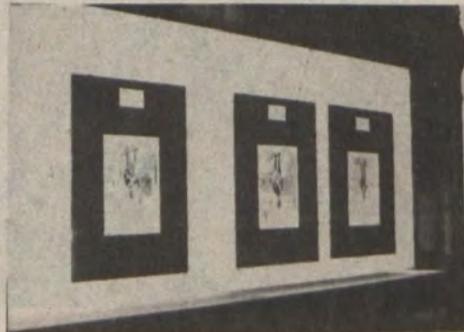
A cerimónia, propriamente dita, começou com uma alocução pelo Capitão Horácio Sousa sobre a data de 4 de Dezembro, Santa Bárbara e a Artilharia. Seguiu-se a leitura da mensagem do Chefe do Estado-Maior do Exército e da do Director da Arma de Artilharia, ambas alusivas a esta data. Após estas leituras, procedeu-se à homenagem aos Artilheiros da Madeira, mortos ao serviço da Pátria, com deposição de uma coroa de flores no monumento do GAG 2, que singelamente perpetua a sua memória. Em seguida procedeu-se à distribuição de prémios referentes a vários torneios disputados no âmbito destas comemorações, distribuição de medalhas e ainda a imposição de divisas aos novos Cabos do GAG 2.

Depois do desfile das forças em parada, o Comandante-Chefe inaugurou uma exposição documental sobre a Artilharia na Madeira, onde a par de antigos Livros de Ouro das Unidades (um dos quais com a assinatura de D. Carlos, aquando da sua visita à Madeira em 1901), velhos selos brancos de antigas unidades de Artilharia, antigas armas usadas pelos efectivos artilheiros, foram apresentadas duas colecções interessantes, uma de miniaturas de viaturas e material de Artilharia, executadas à escala pelo miniaturista Isidoro Brazão, e uma outra de miniaturas de bocas de fogo antigas. A exposição era ainda acompanhada por muitas fotografias de material actual, assim como modelos ao vivo. A montagem, a cargo de pessoal da ZMMadeira, utilizou material da Unidade, do Museu Militar da Madeira, de colecções particulares, colaborando ainda na exposição a Secretaria Regional de Cultura e a Câmara Municipal do Funchal.

Depois de ter sido percorrida demoradamente a exposição, foi servido um almoço aos Oficiais, sargentos e demais convidados, num dos parques do GAG 2.



Algumas das entidades militares perante um painel com fotos de material usado pela Artilharia Portuguesa.



Miniaturas de uma geradora atrelada a "Unimog".



O brig. Figueiredo Valente, Comandante-Chefe das Forças Armadas da Madeira e o Cor. Pimentel da Fonseca, Comandante do GAG 2 observando duas armas de sílex dos fins do séc. XVIII, miniaturas de bocas de fogo antigas e fotografias



Aquarelas com uniformes antigos usados por artilheiros na Madeira em 1806 e 1817



Uma peça AA de 4 cm, na parada do GAG2.



LISBOA  
19 E 20 DE JANEIRO  
1980

## 1.º CONGRESSO NUMISMÁTICA 1. PORTUGAL

"CONUMMUS' 80 é um brado de euforia para os Numismatas Portugueses, tal como o repicar dos sinos nas alegres aldeias festivas chamando o povo ao local de encontro. No nosso caso, o grande encontro chama-se PRIMEIRO CONGRESSO NUMISMÁTICO DE PORTUGAL. Tudo foi possível, em prazo que suscitou dúvidas a alguns menos crentes (...). A prestigiosa composição da COMISSÃO DE HONRA e a honrosa presença de tão dignos representantes, é prova indelmentável, de se te conseguido ultrapassar a barreira do isolamento, quer no plano associativo quer regional unindo pro-

pósitos a nível nacional (...). Caberia ao Clube Numismático de Portugal a honra de o promover (...). Por certo, em 1982, na Cidade Invicta (...) o SEGUNDO CONGRESSO DE NUMISMÁTICA dará os melhores frutos da árvore que hoje inplantámos (...)," diz-nos o editorial do órgão informativo do Clube Numismático de Portugal (CNP).

Embora considerando que o movimento associativo poderia ter tido uma maior adesão se não houvesse discriminações, este Congresso efectivou-se nos dias 19 e 20 de Janeiro/1980 nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian,

em Lisboa, tendo como base o seguinte programa:

*Sábado, dia 19:* Registo e entrega de documentação e oferta de medalha comemorativa. Pelas 10 horas foi aberto o Congresso e, após o almoço, seguiu-se uma sessão de trabalho onde foram pronunciadas as comunicações dos numismatas que para o efeito se haviam inscrito. De salientar, entre outras, as comunicações do Eng. J. Ferraro Vaz/ *Portugal na Numismática da Índia*, do Eng. A.F. Gambetta/*Numismática-Filosofia da História*, do Eng. Paulo de Lemos/*Utilidade Social das Coleções*, e de Nuno Gonçalves/*Moedas de Ontem, de Hoje e de Amanhã, Milenário Meio de Comunicação Socio-económico*.

*Depois das comunicações houve uma visita ao Museu Numismático Português.*

*Domingo, dia 20:* Debate de temas livres, discussão, aprovação e conclusões do Congresso. Após o almoço houve uma visita à mini-feira de moedas, composta por 4 comerciantes da especialidade, sendo oferecido aos visitantes um "Token" representando uma medalha ou meio dinheiro de D. Afonso Henriques.

A comissão de honra deste 1o. Congresso foi composta por 14 elementos e a Comissão Organizadora por seis.

Para finalizarmos, vamos transcrever partes da intervenção proferida no acto inaugural pelo Secretário-Geral, Nestor Fatia Vital:

"Na secção de Numismática, da edição de 10-5-1975 do extinto jornal "República", publicava um extenso artigo com o título "UM APELO: PARA QUANDO O CONGRESSO PORTUGUÊS DE NUMISMÁTICA?", (...) Passaram perto de 5 anos e, FINALMENTE, vai realizar-se o 1o. CONGRESSO NUMISMÁTICO DE PORTUGAL, decorridos mais de oito séculos após a fundação da nossa nacionalidade, durante os quais foi batida e cunhada uma vasta e bela numária (...) A ideia que presidiu a esta iniciativa, já o saudoso numismólogo Dr. Pedro Batalha Reis defendia, como prova o seu artigo "As Comemorações de 1939-1940" (...)

Tomando-lhe o testemunho desse generoso anseio, apresentei recentemente à actual Direcção do C.N.P. a proposta da promoção de tão alto acontecimento (...)

Na sua organização dominaram duas preocupações: humildade (...), dignidade (...). Os vindouros serão melhores, por certo (...)"

# FALTA DE SANGUE EM PORTUGAL

(Continuação da pág. 23)

esta breve nota explicativa. Os elementos de informação directa (que o vulgo designa como de propaganda) são esquematicamente os seguintes: cartazes de afixação, cartazes de montra, plaquetes, brochuras, desdobráveis, folhetos e folhas simples. Isto para só citar os mais habitualmente usados neste tipo de informação.

— Os cartazes de afixação podem ter um razoável impacto quando concebidos e realizados, tendo em vista acima de tudo que a sua leitura deverá ser fácil e o seu grafismo sugestivo e motivador.

— A escolha do local para afixação de um cartaz contribui poderosamente para a sua operacionalidade, sendo sem dúvida a chave do seu sucesso.

— Coloque-se um bom cartaz num mau local, misturado com um amontoado de cartazes de cariz político ou comercial, e é certo e sabido que a sua mensagem se perderá.

Pensamos que cartazes deste tipo necessitam realmente de locais próprios para quem neles se detenha os possa abarcar de um golpe de vista, sensibilizando-se para quanto propõem.

Os serviços hospitalares, as maternidades, os centros de reunião de grupos de dadores, as associações desportivas, as instalações recreativas regionais, os centros de convívio, as cantinas, escolares, os refeitórios fabris, os locais de trabalho, principalmente onde se trabalhe em condições de risco, os centros sociais e os centros paroquiais, entre outros, são bons locais para afixação de cartazes motivando para a dádiva de sangue.

São ainda bons locais, conquanto de outro tipo, todos os pontos de reunião ou de passagem obrigatória de grande número de pessoas, principalmente aqueles onde tenham que esperar.

Destacaremos entre estes as gares e estações de caminhos-de-ferro, as gares marítimas, as estações e apeadeiros do Metropolitano, os abrigos da Carris e da Rodoviária Nacional, os campos desportivos e, em geral, todos os recintos onde se pratique desporto, etc..

Embora não ignoremos que quer as Empresas Públicas quer parte das Entidades privadas alugam espaços determinados das suas instalações para afixação de publicidade, da qual derivam receitas que lhes são necessárias, não podemos esquecer que uma razoável parte desses espaços não está ocupada, e isto muito

principalmente no que se refere a empresas públicas.

Pensamos, pois, que esses espaços poderiam e deveriam ser cedidos no interesse da colectividade.

Quanto às Entidades Privadas estamos certos de que gostosamente cederiam os espaços inaproveitados, desde que devidamente informados de que essa cedência redundaria em favor do bem comum.

Um curioso e bem significativo caso de cedência de espaços às causas da "dádiva de sangue" e da "prevenção rodoviária" é o das listas telefónicas classificadas (vulgarmente designadas por "páginas amarelas". A Empresa que as edita cede há largos anos todos os espaços não aproveitados ao Instituto Nacional do Sangue e à Prevenção Rodoviária, numa significativa compreensão de que para ambas as Instituições isso representa como suporte de uma larga divulgação informativa de significado nacional. São uns muito largos milhares de escudos que oferece a quem tanto precisa de todos os apoios, para a todos procurar servir motivando e esclarecendo.

Dos restantes elementos de informação directa (gráfico-redigida) que citámos pensamos que os mais indicados para uma divulgação capaz da dádiva de sangue, e da sua necessidade urgente seriam essencialmente os seguintes:

a) Um folheto ou pequena brochura esclarecendo a colectividade sobre:

— As obrigações do Estado para com os cidadãos e destes para com o Estado.

— Os direitos dos cidadãos à terapêutica pelo sangue e seus componentes e derivados.

— Condicionamentos e prioridades.

— Responsabilização de cada cidadão pela sua própria segurança, saúde e vida.

— Os fins que se visam atingir no que se refere a disponibilidade estável de sangue.

— Como é possível conseguir-se, pela participação individual, esta resultante de interesse colectivo.

— Os prejuízos que podem advir para a saúde pública se a população não der uma resposta adequada à proposição do Estado de lhe facilitar, por todos os meios ao seu alcance, a resolução do gravoso problema da criação de stocks de sangue que a todos interessa.

b) Um folheto explicativo sobre a dádiva de sangue (como, quando, onde a quem pode e deve dar sangue) incluindo um amplo esclarecimento de todas as

dúvidas, sem quaisquer sofismas.

— Este folheto, no tipo de alguns editados pelo Instituto Nacional de Sangue, embora sintetizando a informação, seria mais completo do que quaisquer destes.

Incluiria ainda pequenos mapas de Portugal Continental e Insular com indicação, em legenda, dos hospitais centrais, distritais e concelhios com serviço de sangue.

— Informaria sobre todos os serviços de sangue do País, sua localização e horários de atendimento.

O máximo de informações neste aspecto é fundamental.

É, na maior parte das vezes, por falta deste tipo de informação que muitas pessoas não dão sangue.

c) Um folheto específico sobre o Posto Móvel do Instituto Nacional de Sangue com as indicações básicas sobre a dádiva, funcionalidade do Posto Móvel, vantagens da sua utilização pela população flutuante, e horário de atendimento.

Este folheto deveria incluir uma folha renovável com indicação de estacionamentos.

(Previsão semestral ou anual).

A distribuição destes folhetos deveria ser racionalmente pensada, de forma a torná-los acessíveis a grande número de potenciais dadores.

No nosso próximo número concluiremos a primeira parte deste capítulo dedicado à informação, focando uma proposição de informação original, a informação operante pela televisão e Informação para a juventude em diversos países do mundo.



Dádiva de sangue no Posto Móvel do Instituto Nacional do Sangue.

## UM CAÇADA AOS LEÕES



A curiosa narrativa que neste número transcrevemos é um de uma "série de apontamentos" como lhes chama Alexandre Herculano, e fazem parte dos "Anais de D. João III" que o grande Historiador publicou em 1846 (I volume). Frei Luís de Sousa autor de duas destacadas obras de finíssimo estilo, "Vida de S. Bartolomeu dos Mártires" e "História de S. Domingos" (Primeira, segunda e terceira partes) que o consagram como um notável escritor português do século XVI, nasceu em Santarém em 1555.

Antes de entrar na vida religiosa chamava-se Manoel de Sousa Coutinho e militou na ordem de Malta tendo sido prisioneiro dos Mouros que o levaram cativo para Argel. Recuperada a liberdade cerca de um ano depois regressou ao reino e casou com D. Madalena de Vilhena, viúva de D. João de Portugal, filho do 1.º conde do Vimioso, morto na batalha de Alcácer-Kibir.

Vivia na vila de Almada onde era Coronel de "700 infantes e 100 cavalos" quando para não hospedar os governadores do reino, que fugiam da peste que em 1577 grassara em Lisboa, lançou fogo ao próprio palácio.

Obrigado a expatriar-se para escapar à vingança dos seus inimigos, voltou mais tarde à sua casa de Almada onde passou a viver na companhia da esposa e da sua filha única dedicando-se então à literatura. Por morte desta tanto Manoel de Sousa Coutinho como D. Madalena de Vilhena tomaram de comum acordo o hábito dominicano, ingressando ele no convento de Benfica e D. Madalena no Mosteiro do Sacramento.

Na sua vida claustral iniciada em 1641, adoptou o nome de Frei Luís de Sousa, nome em que viria a immortalizar-se como um dos mais delicados estilistas da língua portuguesa.

Tudo quanto se refere ao reaparecimento de D. João de Portugal, morto em Alcácer-Kibir não passa de simples lenda que no entanto teve o mérito de inspirar a Almeida Garret na criação do primeiro entre todos os seus dramas, escrito em 1844. — Essa obra-prima da escola romântica da literatura portuguesa a que chamou "Frei Luís de Sousa".

"Em Arzila [...] perigosas montarias de leões, a que o conde era tão afeiçoado, como se foram de muito passatempo. Disseram-lhe um dia que no vale dos Borracheiros estavam dois leões que tinham morto um cavalo; mandou logo vir lanças de arremesso e espingardeiros a cavalo, e bater o mato. A poucos golpes saltou fora um dos dois; e, vendo-se cercado de cavalaria e de muitos cães, pôs as mãos em alguns; e, assim, os abriu e matou logo, sendo assaz bravos, como se foram cordeirinhos. Tirou-lhe o conde primeira lança e pregou-lha de maneira que o leão se sentiu, e acudindo à dor, lançou da lança; e, logo correu a vingar-se; mas em continente foi pas-

sado doutras; porque D. Francisco acudindo a seu pai, e Fernão da Silva que com ele estava, empenharam no leão cada um sua lança; e D. Francisco não contente com o arremesso, tomando nas mãos outra de monte, pôs as pernas ao cavalo e o foi encontrar a todo o correr, de sorte que lhe ensopou no corpo. Mas não lhe houvera de sair bem o lança, se não fora socorrido do conde, que, com segunda lançada varou o leão de parte a parte; e, logo, o cravaram tantas dos cavaleiros, que ficou estirado, e o conde o mandou levar em uma azêmola à condessa, que muito aborrecia tais presentes.

Mas poucos dias se passaram que lhe não mandasse outro semelhante, mais de estimar pelo grande perigo de que Deus livrou o conde. É de saber que no presente ano em que íamos e no seguinte de 531 houve na vila muitos rebates de leões, que vinham saltar bois e cavalos, como se no mato lhes faltasse em que fartar a fome. Estando as atalaias no posto que chamam de Atalaia Ruiva, viram um leão que vinha tomando chegada para lhe saltar um cavalo; cavalgaram eles à pressa, e sucedeu com o medo que lhes fez a vista e má tenção do leão, soltar-se o facho e cair, com que logo houve repique e rebate na vila, e todo o homem se pôs a cavalo e tirou para o campo. Sabendo o conde a causa do rebate, caminhou para onde o leão aparecera, que não tardou em se deixar ver, grande no corpo e temeroso na vista, e com se ver cercado de mais de cem homens armados, movendo o passo com tanto sossego ou soberba como se fora senhor do campo.

Foi o conde primeiro a lhe fazer tiro, e foi

tão bem guiado que lhe ficou a lança empenada no corpo; mas o animal feroz cobrando forças e ligeireza da ira, enviou-se ao conde de sorte que num momento foi com ele; e, ferrando o cavalo por uma coxa o fez acurçar e cair, mais com a força do medo natural, que o leão se faz ter de todos os animais, que do mal da ferida. Estava o conde tão senhor de si e do perigo que, como o cavalo foi caindo, saltou em terra; e, levando da espada se pôs a ponto não só de defensão, mas também de ofensa. Porém não foi necessário cansar-se mais; porque logo foi socorrido de todos, e primeiro de um pajem seu por nome Jorge Peçanha, que, no tempo que viu ir o leão trás seu senhor, arrancou após ele; e, tanto que o cavalo caiu, saltou ele do seu e se pôs entre o leão e o conde com tanta ligeireza e acordo, que num mesmo tempo se acharam a pé amo e criado, e defronte do leão. Estava o conde tão sófrego da montaria, que tomando logo o cavalo e outra lança, lhe foi pregar, e após ela foram mais de vinte, com que o leão caiu e acabou a vida, sendo um só a mão de um exército de inimigos. Mandou-o o Conde levar à vila e para memória guardar-lhe o pelo. O corpo foi lançado na praia do mar onde se viu por experiência o que a este animal acontece entre todos os outros, que, ou seja pelo cheiro temeroso, que até na carne morta conserva, ou por outra natural e oculta causa, nem cão nem gato nem outro bicho de mato chegou a pôr-lhe boca."

NOTA — O "conde" a que se refere Frei Luís de Sousa era D. Estêvão da Gama governador de Arzila.





# desporto

Pelo Maj. Art. CARLOS DA FONSECA ALFERES

## FUTEBOL MÉTODO ADRÓLIMON

### 1 - INTRODUÇÃO

— Como prometemos, voltamos hoje para falar de futebol de salão, o tal que se joga com tabelas, e com regras um tanto ou quanto diferenciadas do futebol vulgar. Baseamos esta nossa informação de hoje num método bastante adoptado no nosso país e praticamente jogado de Norte a Sul, que se denomina MÉTODO ADRÓLIMON. Em complemento e para esclarecer certas dúvidas convém também dizer que, dada a falta de um organismo internacional que servisse de coordenador à modalidade, a exemplo do que acontece com outras, é de notar que ainda hoje não existe um denominador comum acerca destas regras, pois a prática é variável de país para país, conforme as características das suas gentes e das próprias conjunturas desportivas locais.

### 2 - RETROSPECTIVA HISTÓRICA

Existem duas correntes de opinião que se contradizem sobre a origem desta modalidade.

A primeira seria de um professor do Instituto Técnico da Associação Cristã da Mocidade de Montevidéu (Uruguai) que, por volta de 1933, observando a actividade das crianças, idealizou um conjunto de regras adaptadas de várias modalidades como o futebol de 11, basquetebol e polo aquático, indo buscar a cada modalidade uma súmula de regras que melhor se pudessem adaptar ao futebol de salão.

A segunda corrente é menos esclarecida e apenas, segundo os estudiosos da matéria, pertence aos brasileiros, pois advoga que "mínimo brasileiro nasce chutando a bola".

De qualquer das maneiras, do que não resta dúvida é que foi no Brasil que o futebol de salão tomou forma, e, dado que foram constantes as modificações que gradualmente iam sendo introduzidas, se tornou necessário criar regras oficiais. As primeiras regras datam de 48/49. Mais tarde, por volta de 1954, surgem novas adaptações às regras até então vigentes, surgindo a Federação Metropolitana de Futebol de Salão em S. Paulo a pontificar sobre o assunto.

Em 1961 realizou-se o 1.º Campeonato Brasileiro a nível nacional. Começa a propagar-se a toda a América Latina e em 1969 realiza-se no Paraguai o 1.º Campeonato Sul-Americano, no qual o Brasil se sagrou Campeão.

A sua propagação à Europa é um facto. A sua prática no velho Continente já teria surgido após a II Guerra Mundial, na Inglaterra, por consequência da necessidade de preencher o "defeso" do campeonato de futebol de 11. Espalha-se

pela Europa Central e em 1967 é oficializado na Alemanha Federal. Em Portugal, recorda-se que o 1.º Campeonato se realizou no verão de 1957, organizado pela Associação de Futebol de Lisboa. Daí para cá os baixos e altos sucederam-se e de há 5 anos a esta parte começou efectivamente a sua incrementação através de torneios particulares, que muito o têm difundido.

### 3. - O CAMPO

O futebol de salão é jogado em recintos rectangulares com piso de madeira, relva terra batida ou cimento, com dimensões de 38x18 a 44x22 metros. O recinto é delimitado em todo o seu perímetro com tabelas rígidas e fixas, com uma altura não inferior a 50 cm., e contornado por uma vedação com a altura de 1 metro. Vulgarmente joga-se em recintos próprios para andebol, já que as marcações e balizas são idênticas. Unicamente a marca de grande penalidade está situada na linha dos 6 metros, mesmo em frente da baliza.

De cada lado da linha de meio campo, a 3 metros para um e outro lado, marcam-se duas linhas de 15cm que delimitam a zona de substituições, entradas e saídas dos jogadores. Dadas as características deste jogo no que respeita a marcações do recinto, são as marcações que se utilizam para a modalidade de andebol de sete,

aquelas que se assemelham mais ao futebol de salão.

### 4 - A BOLA

A bola deve ser esférica, feita de material maleável com envólucro em couro, contendo uma câmara de ar em borracha. Deve pesar entre 350 e 430 gramas e ter um perímetro compreendido entre 55 a 60 cm, e a sua elasticidade deve ser tal, que deixada cair em queda livre sem impulso inicial, de altura de metro e meio, o seu ressalto nunca seja superior a 50 cm.

### 5 - OS JOGADORES

Cada equipa poderá ser constituída por 8 ou 9 jogadores (conforme se pretende prescindir ou utilizar respectivamente o guarda-redes suplente), mas apenas 5 poderão estar em jogo simultaneamente, sendo um deles o guarda-redes que utiliza equipamento distinto dos restantes elementos. Quando se utilizam 9 jogadores, ou seja com guarda-redes suplente, este apenas pode substituir o guarda-redes efectivo.

Um guarda-redes não pode substituir um jogador de campo, ao passo que um jogador de campo pode substituir o guarda-redes, bastando para isso dar conhecimento antecipado ao árbitro de partida.



O guarda-redes efectivo, depois de eventualmente ter sido punido com exclusão, pode ser substituído pelo guarda-redes suplente, bastando para isso que outro jogador de campo saia do jogo, durante o tempo de punição do guarda-redes efectivo. Para se iniciar um jogo de futebol de salão, devem apresentar-se pelo menos 4 elementos de cada equipa, no campo de jogo, sem o que o mesmo não poderá começar. As equipas podem-se completar durante e até ao fim do jogo.

É de primordial importância, que com o jogo a decorrer nenhum jogador deverá entrar no recinto, sem que o jogador a substituir se encontre já fora dele. Só poderá deitar mão ao varão de vedação quando o companheiro, a substituir, estiver fora do rectângulo de jogo. Os equipamentos são numerados de 1 a 8, sendo o guarda-redes o no. 1. Se eventualmente as equipas apresentarem guarda-redes suplente, a este caber-lhe-á o no. 9. Os suplentes podem entrar em jogo em qualquer ocasião, sem aviso prévio, desde que o jogador a substituir tenha deixado o campo do jogo.

## 6 - DURAÇÃO DO JOGO

Cada partida terá a duração de 40 minutos, divididos em dois períodos iguais de 20 minutos cronometrados e separados por um intervalo de 5 minutos. Em caso específico de força maior que impeça o controlo de tempo jogado por cronómetro, poder-se-á recorrer à marcação do tempo através dum relógio normal, dando-se para isso um período normal de 25 minutos em cada parte do jogo.

## 7 - REGRAS FUNDAMENTAIS E PRINCIPAIS

A - Embora as regras indiquem ser de 1 metro a máxima altura a que se pode jogar a bola, padronizou-se ser até ao joelho (50 cm mais ou menos) a máxima altura jogável. Isto para se uniformizar o jogo, uma vez que a altura das tabelas é 50 cm precisamente.

B - Torna-se portanto evidente que se provoca uma falta sempre que se levantar a bola mais alta que o joelho, salvo se o levantar da bola resultar de um ressalto. Neste caso o jogo não deve ser interrompido.

C - Todas as faltas são penalizadas com livres, e obrigatoriamente estes são marcados com um pé imobilizado. Da mesma forma, o pontapé de grande penalidade é igualmente marcado na linha dos 6 metros e com um pé imóvel. Na marcação desta falta, todos os jogadores à excepção do guarda-redes, (que deverá estar sobre a linha de baliza, e do marcador da penalidade,) que se colocará frontalmente à baliza, aquém da linha dos 6 metros) deverão estar colocados para além da linha dos 9 metros.

D - No Método Adrolimon, não há cantos. Sempre que a bola for rematada contra a tabela final e ressaltar para o campo, continua em jogo. Todas as defesas que o guarda-redes fizer, desviando a bola para fora dos limites finais, são válidas e não motivam qualquer sansão (tal como no andebol). Há, porém, uma restrição ao remate: o mesmo só poderá efectuar-se dentro do meio campo do adversário, não havendo restrições à altura à que a bola possa subir.

E - Os golos só podem ser marcados fora das áreas de 6 metros, podendo no entanto jogar-se a bola dentro das áreas, por todos os jogadores. Há, porém, restrições dentro da área e que dizem respeito a todos os jogadores.

F - Os guarda-redes não podem fazer subir a bola mais alta que o joelho, sobretudo quando a repõem em jogo. Exceptuam-se os casos em que defendam. Além disso, se a chutarem dentro da área e ela subir mais alto que o joelho, originará



um castigo máximo contra a sua equipa num e noutro caso. Bem assim, qualquer jogador que defenda não poderá também chutar a bola mais alta que o joelho dentro da área. Se tal acontecer dará lugar à marcação de um castigo máximo.

G - Nenhum jogador de uma equipa poderá passar directamente a bola ao seu guarda-redes. Se o fizer dentro da área, originará um *penalty* e fora da área dará lugar a um livre. Pode-se passar a bola ao guarda-redes através da tabela. Porém, não o poderá fazer mais que duas vezes seguidas.

H - Para se repor a bola em jogo, tanto o guarda-redes como qualquer jogador disporão de 5 segundos para o fazer. Se acontecer ele tardar mais que o tempo de que dispõe, originará o guarda-redes - grande penalidade. Outro jogador - um livre contra si mesmo.

I - Nenhum jogador poderá jogar a bola apoiado ou agarrado às vedações, bem assim como jogá-la quando cai ou se apoia no chão.

J - À excepção do princípio do jogo e da grande penalidade, casos em que o árbitro comandará através do apito, todas as restantes faltas assinaladas pelo árbitro não necessitam de apito para serem marcadas. Após o árbitro pôr a bola à disposição do jogador que marca a falta, o mesmo dispõe de 5 segundos para executar.

K - O guarda-redes não poderá sair da área dos 6 metros para jogar a bola. Se a tocar fora da área originará um livre. Bem assim, não pode recolher a bola de fora para dentro da área. Tal falta originará grande penalidade.

L - Jogo violento, incorrecções ou qualquer outro género de faltas poderá originar expulsões, que vão desde as expulsões temporárias, não inferiores a 2 minutos, até às expulsões definitivas.

M - Todos os princípios gerais do futebol se aplicam a este tipo de futebol de salão, devendo portanto analisar-se todos os casos gerais por comparação com o futebol normal.

N - As substituições não necessitam de autorização do árbitro para se fazerem. Apenas tem que sair o jogador substituído e só depois o que o vai substituir, na respectiva zona.

## 8 - CONCLUSÕES

Evidentemente que no espaço de que dispomos não teríamos disponibilidades de esclarecer todas as regras deste MÉTODO. Consideramos as apontadas as mais fundamentais, pois são as básicas para a prática deste futebol. Estamos mesmo convencidos de que o leitor saberá o indispensável para poder apreciar um jogo de futebol de salão, se entendeu as regras

apresentadas como principais. Aconselhamos, porém, se quiser entrar totalmente no completo domínio das regras, uma leitura ao livro da especialidade.

Apenas nos moveu o desejo de o difundir, tentando esclarecer o mais possível como tínhamos prometido, uma vez que este jogo é um desporto por excelência, praticado com grande satisfação por todos os seus adeptos, sobretudo no Inverno, em que é jogado em pisos de cimento ao ar livre, e em campos de hóquei em patins e andebol no interior de pavilhões.

## ATLETISMO MEIA MARATONA MILITAR

Como já vai sendo tradicional, realizou-se em Dezembro do último ano a meia maratona militar, na distância de 21.800 metros, à qual concorreram 350 elementos dos ramos das Forças Armadas. A partida foi dada de Aroeira, passando os atletas por Fonte da Telha, Costa da Caparica, Almada, Cova da Piedade, e chegada à Pista do Centro de Educação Física da Armada, no Alfeite.

A prova foi rijamente disputada, obrigando meia centena de participantes a ficarem pelo caminho, dada a sua deficiente preparação. Nos primeiros lugares situaram-se três atletas da Armada, sendo os dois primeiros federados no Sporting e no Benfica. A classificação geral individual ficou assim ordenada:

1o. RAFAEL MARQUES	ARMADA	1 h 9 m. 50 s.
2o. RUI LOPES	ARMADA	1 j 9 m. 52 s.
3o. MÁRIO LEMOS	ARMADA	1 h 1 m. 4 s.
4o. GUALDINO VIEGAS	EXÉRCITO	1 h 1 m. 7 s.
5o. ABÍLIO NEIVAS	P.S.P.	1. 1 m. 51 s.
6o. FERNANDO MARINHO	EXÉRCITO	1 h 1 m. 58 s.
7o. FERNANDO FERNANDES	EXÉRCITO	1 h. 11 m. 20 s.
8o. DAVID SOARES	EXÉRCITO	1 h 12 m. 52 s.
9o. ANTÓNIO ALMEIDA	EXÉRCITO	1 h 13 m. 13 s.
10o. JOSÉ LEAL	ARMADA	1 h 13 m. 37 s.

Colectivamente as equipas classificaram-se:

- 1o. - ARMADA
- 2o. - EXÉRCITO
- 3o. - FORÇA AÉREA
- 4o. - PSP
- 5o. - GNR



# ARMAS ANTIGAS

## ARMAS BRANCAS DO JAPÃO - I

Coord. de B. P.

Temos vindo a referir o tema espada e já enunciámos alguns elementos sobre espadas da idade do bronze, tipos de espadas dos séc. XIII-XIX, a evolução das guardas das espadas e espadas de caça. É evidente que não temos pretendido esgotar o tema, na medida em que isso nos ultrapassará mas, pelo menos, teremos conseguido chamar a atenção dos nossos leitores interessados para tão aliciante assunto. Hoje, vamos apresentar alguns aspectos das espadas do antigo Japão, pela sua beleza e alta categoria na qualidade das lâminas e o requinte do seu "design" e decoração.

O arquipélago nipónico terá sido, entre 1000 e 750 a.C., conquistado por gentes oriundas da Coreia, possivelmente turco-mongóis. Por esta época a História do Japão foi marcada pelo início da retirada dos "ainos", (povo oriundo do extremo oriental da Sibéria), para o Norte e pela submissão ou assimilação de tribos meridionais dos tipos malaio ou polinésio que, eles próprios, haviam iniciado a expulsão, submissão ou assimilação dos "ainos". Foi da fusão destes três elementos étnicos que terá nascido o povo japonês. Não vamos fazer o historial do desenvolvimento deste povo, assunto que pensamos encarar num futuro próximo, mas apenas situá-lo no tempo e, assim, orientarmos o nosso trabalho para as espadas, mais propriamente



*Partida dos guerreiros para a defesa vitoriosa das costas contra os invasores mongóis, no século XIII (pormenor de um rolo pintado, contemporâneo dos acontecimentos)*

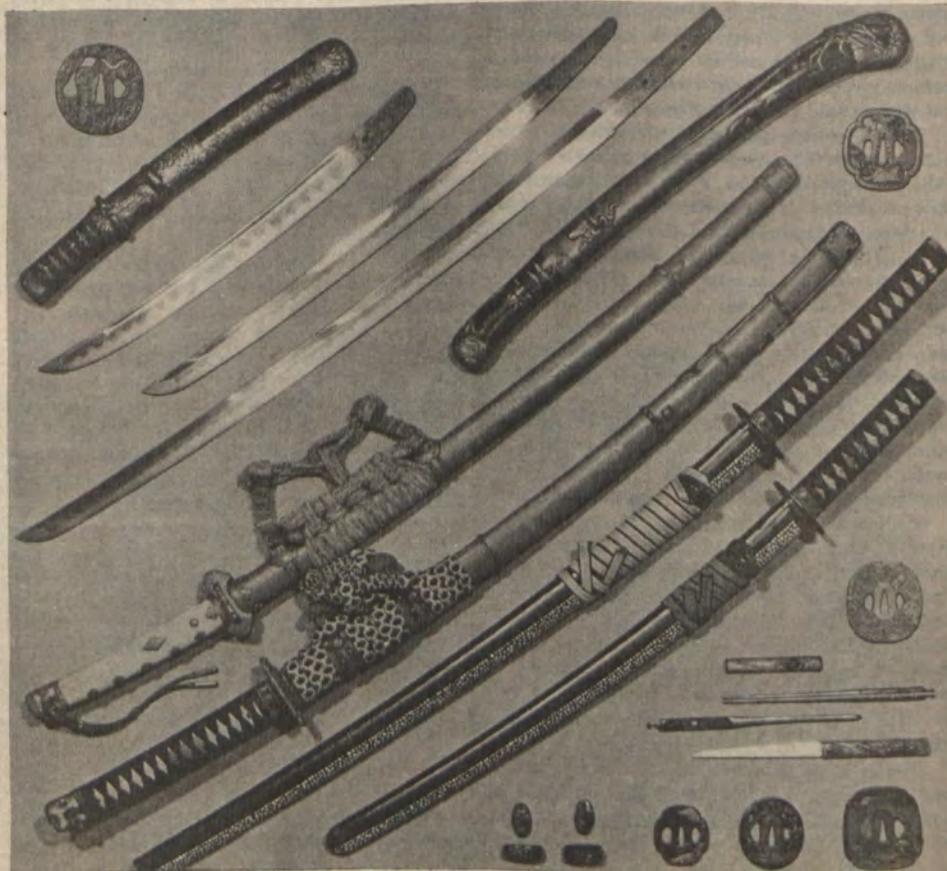
mas não as adoptam, preferindo-lhes o arco e o sabre; aquelas só são introduzidas na nação japonesa através dos portugueses no século XVII, época em que os "samurais" tão falados se tornam os membros de uma casta militar, unica-



*Guardas de sabres (TSUBA). A maneira de trabalhar estas peças com incrustações em ouro e prata punha à prova a arte de milhares de artífices da época (1600-1868).*



*HONDA TADAKATSU, guerreiro do séc. XVI. Reconstituição fiel, em modelo reduzido, de pinturas. Traje muito exuberante e armamento constituído por arco, flechas compridas e sabre comprido.*



sabres, que utilizavam e ainda usam, embora com carácter diferenciado.

Por volta de 1274 d.C. os japoneses tomam conhecimento da existência das armas de fogo

Lâminas de sabre, sabres compridos e curtos e suas bainhas e "KODZUKA", a faca que se fixava na bainha. As bainhas e os punhos eram, em geral, de madeira de magnólia decorada.

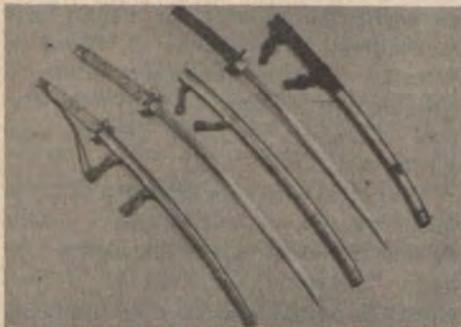
mente dedicada à profissão das armas. Além dos magníficos sabres com guardas de ferro com frestas e terminados por um punho em forma de dragão, o seu armamento e equipamento compõem-se de uma armadura e de um capacete típicos que lhes dava um aspecto terrífico.

A armaria conhece, finalmente, um prodigioso progresso. Ser ferreiro de sabres é um dos ofícios dignos dos nobres da época. Então, nenhum outro país fabrica melhores lâminas, tanto pela qualidade do metal como pela têmpera, corte e martelagem.

Veremos, de seguida, algumas destas excelentes e belas armas brancas.

#### ESPADAS JAPONESAS "TACHI"

A rica e complexa decoração fazia desta espada uma arma preciosa para as cerimónias e para a corte; contudo, também era fabricada como arma de guerra. Na primeira versão, constitui a demonstração mais significativa da "sensibilidade" e da "genialidade" japonesas na execução das estruturas das espadas. Mas não eram só estes elementos que contribuíam para que a espada japonesa tivesse aqueles valores simbólicos e mágico-religiosos, aquele poder sobre-humano de coragem e de vigor que tiveram, nela, a sua expressão mais significativa. Para o japonês, não era uma simples arma mas representava essencialmente a concretização do código de honra dos "samurais".



Por isso, não era por acaso que o fabrico de uma espada requeria um cerimonial complexo.

"O artífice vestia o traje e o chapéu tradicionais, o "kimono" mais belo, e cingia, a toda a volta da sua forja, a corda sagrada, de palha de arroz, a que estavam ligadas as ornamentações tradicionais para purificar e manter distantes os espíritos malignos, e a nenhum profano era permitido entrar naquele recinto purificado.

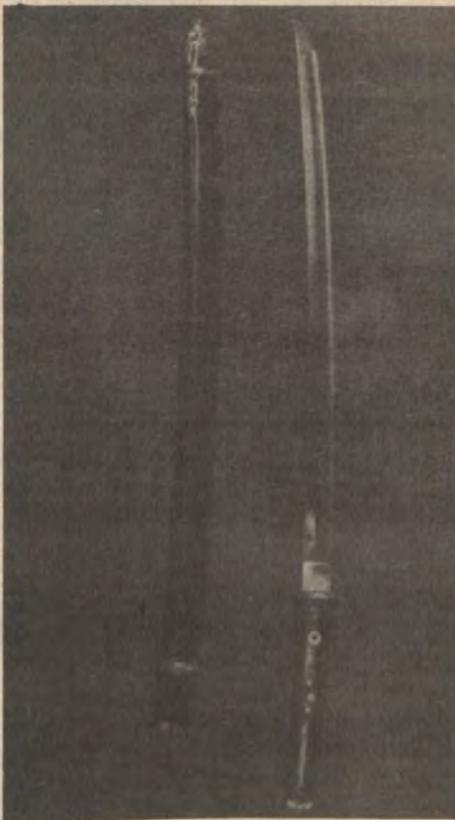
"Por sua vez, os artífices purificavam-se, no corpo e no espírito, e, deste modo, na forja, a espada nascia na atmosfera encantada pelo sortilégio: a matéria aquecia, queimava-se com iridescências deslumbrantes, arrefecia, era martelada e tornada a martelar, dobrada e redobrada, acariciada, polida, apalpada, milímetro por milímetro, até que desse o resultado técnico e ideal de acordo com o pensamento, não "uma" espada, mas "a" espada, a arma invencível, modelada por uma religiosidade invisível de grande significado."

#### HANDACHI

A particularidade dos acessórios e o comprimento da lâmina foram, sempre, elementos importantes, mesmo porque o nome da arma derivava deles.

No entanto, nunca representaram para os japoneses algo de extraordinário porque o valor material da lâmina constituía a única e autêntica "alma espiritual" da arma.

Literalmente, a palavra "handachi" significa "meia tachi". A lâmina é do tipo fabricado entre o final do século XVI e o século XVIII, período



conhecido por TOKUGAWA e durante o qual o Japão não conheceu os horrores das guerras, mas tinha o fascínio pelas armas belas.

#### "DAISHO"

O assunto é quase inesgotável quando se fala de espadas japonesas. Deve notar-se, no entanto, que a terminologia e a nomenclatura relativas às armas brancas usadas no antigo Japão são tão particularizadas e tão precisas que se tornam dificilmente concebíveis pelos ocidentais. O vocábulo "daisho", composto pelas palavras "dai" que significa grande e "sho" que significa pequeno, indica um par de espadas, exactamente uma grande (comprida) e uma pequena (curta) chamadas, respectivamente, "KATANA" e "WAKIZASHI".

Um par de espadas que era usado, segundo um férreo regulamento, somente pelos guerreiros nobres, "Daimyos", ricos e poderosos barões, proprietários de terras, pelos "samurais" e pelos soldados que prestavam serviço no castelo do "Shogun".

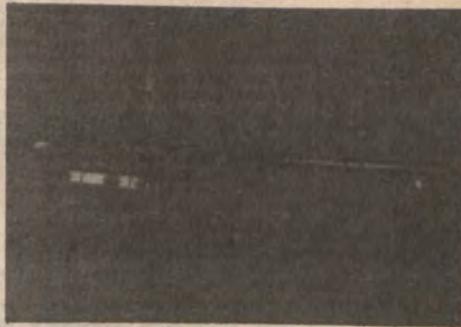
Este par de espadas era usado pelo guerreiro quando envergava trajes civis, o gume das lâminas estava sempre virado para cima e, geralmente, eram montadas com motivos decorativos de cores sempre iguais. A "wakizashi" é caracterizada pelo seu menor comprimento e pela facilidade com que era manejada, arma habitualmente usada para o "hara-kiri", designação vulgar entre os ocidentais para "suicídio honroso" que os orientais chamam "seppuku".



#### "KATANA"

O nome desta longa espada japonesa que era usada à cintura com o corte voltado para cima, lembra um costume do mundo oriental, durante a cerimónia das visitas.

Para além desta particularidade, foi, frequentemente, atribuído à "Katana" o papel de arma de cerimónia e, neste caso, os pormenores do punho são mais significativos na com-

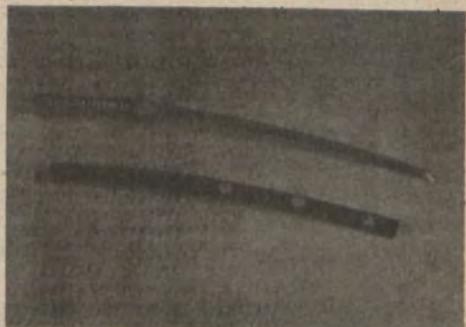


preensão da versatilidade dos orientais na realização de montagens fora do comum. Para além das exigências cerimoniais, a "katana" apresenta-se, por vezes, montada com uma pequena faca chamada "KOZUKA" de que nasceram muitas lendas no Ocidente. Na verdade, o vestuário japonês de estilo clássico não possuía bolsos e, deste modo, a única possibilidade de trazer a pequena faca ou o estilete era uma pequena cavidade na bainha da "Katana".

#### "TSURUGI"

Esta antiga espada de origem chinesa, direita e de duplo corte, da linha original "makura yari" tinha a vantagem da surpresa para quem a possuía, pois a pessoa contra a qual seria usada não podia prever o momento em que seria desembainhada, visto que o punho e a bainha serviam, respectivamente, de bainha e de punho.

A "Tsurugi" recorda o conto mitológico das origens do Japão, e a origem mítica da arma con-



funde-se com a origem histórica porque esta é a famosa arma celeste que na sua forma estreita e sem curvaturas, foi transmitida pelos deuses aos primeiros imperadores do Japão.

Com o andar dos tempos, esta arma passou a ter um carácter exclusivamente ritual e é, provavelmente, o mesmo tipo de arma que acompanha o filho do imperador na cerimónia do seu primeiro banho.

\* \* \*

(Continua no próximo número)



# UNIFORMES MILITARES

Texto de  
MANUEL R. RODRIGUES

## PORTUGAL

### HISTÓRIA DA LEGIÃO PORTUGUESA AO SERVIÇO DE NAPOLEÃO - 1808-1813 - PARTE I

Após ter terminado a série de artigos sobre os Corpos de Milícias, decidi fazer outra, dedicada à Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão.

Como este Corpo de tropas é pouco conhecido, não irei só descrever os uniformes, mas também a sua história desde a formação até à respectiva extinção. Iremos acompanhar a Legião desde a sua saída de Portugal, passando por Espanha, França, Baviera, Áustria, Westefalia, Saxe, Polónia, Rússia, etc.

Aproveito para esclarecer que esta série de artigos irá lançar, possivelmente, um pouco mais de luz sobre este Corpo de tropas, uma vez que irá ser divulgada ao público, pela primeira vez, uma série de manuscritos inéditos sobre este punhado de homens que tão bem souberam elevar o bom nome e valor do soldado português, quando devidamente comandado, ao ponto de terem sido um dos Corpos que o próprio Napoleão estimava e admirava pelo seu espírito combativo, audaz e corajoso, mas isso será um assunto que se verá no seu devido tempo.

A Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão sempre levantou uma certa polémica devido a alguns considerarem os seus elementos vítimas, por terem sido enviados para fora de Portugal, enganados.

Heróis, porque o modo como sempre se comportaram durante as diversas campanhas honraram acima de tudo o brio e a coragem do militar português. Outros, ainda, os consideraram traidores, porque embora tenham saído do País vítimas de Junot, então governador de Portugal, que os enganou ao enviar a Legião para fora do País, com um objectivo totalmente diferente daquele que a grande maioria dos militares pensava.

Não há dúvida que poderiam ter desertado, como muitos fizeram, mal entraram em Espanha e viram que a finalidade do seu objectivo era diferente daquele que lhes tinham proposto e regressaram para ir lutar contra o seu verdadeiro inimigo que eram as tropas francesas.

Durante as campanhas da Rússia, ainda desertaram bastantes soldados da Legião

que se ofereciam para serem alistados no exército russo, a fim de combaterem contra Napoleão.

Estes casos assim expostos friamente são bastante polémicos. Mas não me caberá a mim fazer qualquer juízo sobre estes assuntos e não o farei, limitar-me-ei simplesmente a divulgar factos verídicos, sendo muitos deles relatórios escritos durante as diversas campanhas do Império Francês. O leitor ao examinar toda a documentação que aqui irá ser divulgada, fará o seu próprio juízo.

Iremos analisar o ponto de vista quer do lado francês, português e russo, pois felizmente consegui encontrar manuscritos de portugueses que são datados de São Petersburgo de 1812, consequentemente do lado do exército russo.

Aconselho que ao fazer-se a leitura destes artigos, deveremos tentar ver os factos pela mentalidade da época e ter em conta todos os problemas que foi necessário enfrentar no início do século XIX.

Portugal era um País com a família Real e a corte no Brasil, viu-se invadida pelo exército francês como amigo (1) e governada por Junot, seguidamente veio a

desmobilização geral do exército, as perseguições. Pouco depois veio o exército britânico, nossos aliados, combaterem os franceses, mas por vezes a própria população os confundia com o inimigo. O caos económico era total, terras abandonadas, casas destruídas, famílias separadas e um futuro muito duvidoso.

Além de todos estes problemas, temos que ter em atenção os dados biográficos de alguns comandantes da Legião, que aproveitarei para os citar: D. Pedro de Almeida, Marquês de Alorna; Francisco António Freire Pego; Gomes Freire; Manuel Inácio de Pamplona; Cândido José Xavier, etc..

Esta série de artigos são fruto de um já longo trabalho de investigação e recolha de documentação, cuja finalidade foi a de poder apresentar um trabalho o mais completo possível, isento e aproveitando para divulgar algo mais de novo sobre essa grande epopeia que é a história da Legião Portuguesa ao Serviço de Napoleão.

(1) — Ver avisos da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, datados de 27 de Novembro de 1807.





# FILATELIA

Cap. VASCO MOURA

## NOVAS EMISSÕES EVOCAÇÃO DAS PRIMEIRAS EMISSÕES DOS AÇORES E DA MADEIRA

O motivo para a criação de fórmulas de franquia especial para as Ilhas Adjacentes foi devido à diferença económica que havia com o Governo de Lisboa. Quando foram emitidos os primeiros selos postais portugueses, em 1853, pensou-se desde logo nos problemas práticos que a diferença monetária acarretaria para o Estado, visto nada impedir que selos comprados nas Ilhas em reis fracos viessem mais tarde a ser vendidos no Continente em reis fortes. A portaria de 8 de Novembro de 1867 mandou aplicar a sobrecarga "Açores" ou "Madeira", conforme os selos fossem fornecidos respectivamente aos directores dos Correios dos distritos de Angra, Horta e Ponta Delgada ou Funchal. Foram assim postas à venda, em 1 de Janeiro de 1868, as duas primeiras séries postais insulares.

As fórmulas de franquia privativas dos Açores continuariam a ser usadas até 1931, sem interrupção. Das da Madeira cessou o uso em 1881, voltando a ser criadas em 1892 para desaparecerem novamente nos começos do século.

Para comemorar estas primeiras séries, os CTT emitiram duas séries evocativas, além dum bloco comemorativo no valor facial de 30\$00, cujo primeiro dia de emissão se verificou em 2 de Janeiro de 1980.

### NOVA EMISSÃO ORDINÁRIA — INSTRUMENTOS DE TRABALHO

Também nesta data, foi emitida a primeira emissão do ano de 1980: o 3o. grupo da emissão base — Instrumentos de Trabalho, destinada a substituir a emissão ordinária em vigor, e constituída pelos seguintes valores:

2\$00 — Telégrafo e TSF / Microondas, Feixes e Tropodifusão

3\$00 — Corte e Costura / Pronto-vestir

5\$50 — Tear manual / Tear mecânico

6\$50 — Aeroplano / Avião comercial a

jacto

8\$00 — Marcenaria / Carpintaria mecânica

9\$00 — Câmaras de Animatógrafo, Fotografia e Cinema

30\$00 — Forja e Fole, Bigorna, Malos, Tenazes/Complexo Siderúrgico

50\$00 — Alambique, Copos e Retortas / Complexo Químico-Industrial.

### EXPOSIÇÃO FILATÉLICA "EXÉRCITO 80"

Poucas notícias temos para dar neste número do J.E. devido à antecedência com que esta colaboração tem que dar entrada na Redacção. No entanto, contamos no próximo número indicar os resultados da convocatória efectuada em Dezembro, de modo a podermos começar a trabalhar nesta Exposição que desejaríamos pudesse reunir o maior número possível de colecionadores deste ramo das Forças Armadas. Renovamos pois o apelo para que cada um retire dos seus arquivos as suas colecções e encoraje o seu amigo filatelista militar a prestar também a sua colaboração.

Ânimo, pois, para a realização da "EXÉRCITO 80".

Qualquer contacto directo poderá ser feito para o colaborador desta secção filatélica em GNR — 6000 Castelo Branco



PORTUGAL  
MADEIRA 6.50



PORTUGAL  
MADEIRA 19.50



PORTUGAL  
AÇORES 6.50



PORTUGAL  
AÇORES 19.50



## O CINEMA AMERICANO DOMINOU DURANTE O ANO PASSADO

No final de cada época cinematográfica é habitual fazer-se o balanço do que se viu, salientando aqueles filmes que pareceram (nisto de filmes como em outras coisas há sempre muito de subjectivo à mistura...) que nos pareceram — fámos a escrever — mais dignos de nota.

Uma coisa é certa: o ano de 1979 foi dominado pelo cinema americano, sobretudo pelas obras de uma geração de jovens talentosos, que têm vindo a impor no panorama internacional da 7a. Arte. Destacam-se Paul Shrader (Colar Azul), Michael Cimino (O Caçador), John Carpenter (O Assalto à 13a. Esquadra), Robert Benton (A Última Investigação), Claudia Weil (Girlfriends), James Bridges (O Síndrome da China) e James Ivory (Selvagens).

Em 1979 há ainda a destacar dois Bergman (Sonata de Outono e Face a Face) obras fundamentais de um experiente realizador; de Altman (O Casamento); de Woody Allen (Intimidade), para além de mais meia dúzia de películas que seria fastidioso aqui citar.

### A VIDA DE ERROL FLYNN DARIA UM FILME...

Num livro a publicar na próxima Primavera, da autoria de Charles Higham, um biógrafo muitíssimo respeitado pelas celebridades de Hollywood, o autor, baseado em mais de cinco mil documentos, afirma que Errol Flynn foi um espião nazi.

Como os leitores por certo se recordam, Errol Flynn foi um famoso actor, cuja carreira incluiu numerosos filmes antifascistas rodados durante a Segunda Guerra Mundial.

No seu livro com o título "Errol Flynn: uma história por contar" Charles Higham assevera que os documentos revelam que o actor esteve sob vigilância oficial, durante a Guerra, e provam que "foi um agente da Gestapo". De facto, ainda segundo o mesmo autor baseado nos referidos documentos, Flynn trabalhou como "subagente" ou, pelo menos, como colaborador de um grande espião alemão que se encontrava nos Estados Unidos.

Para ajudar a Alemanha de Hitler, o aventureiro da tela teve um trabalho importante "ao auxiliar a esconder o in-

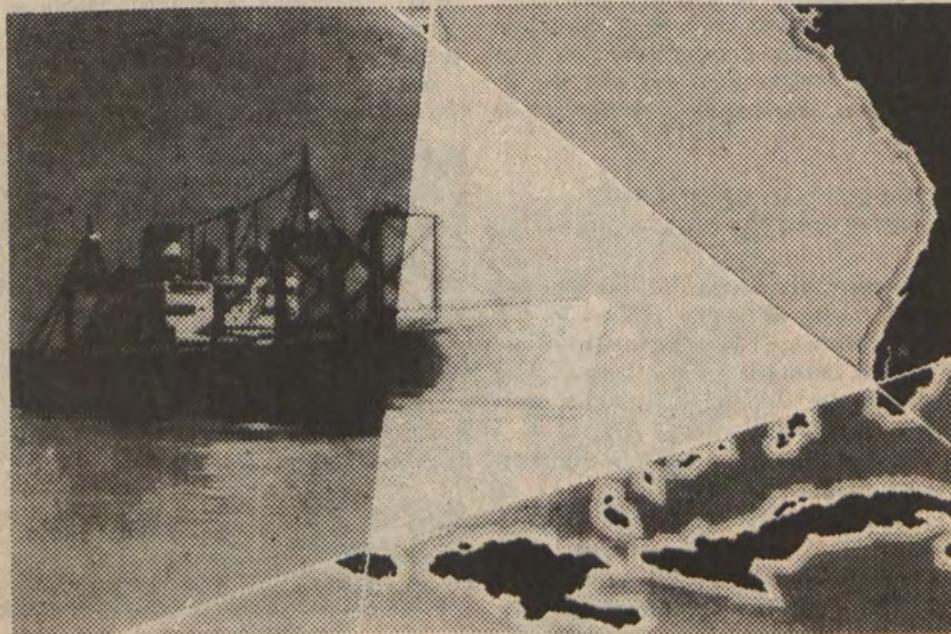


Woody Allen: representante de um certo cinema americano.

migo e ao fornecer-lhe informações navais secretas", declarou Higham, numa entrevista que concedeu recentemente.

O mesmo autor revela que Errol Flynn interveio junto da sua boa amiga, Eleanor Roosevelt, para evitar que um dos principais espiões alemães fosse deportado, isto antes do ataque japonês a Pearl Harbour.

Higham prova, ainda, que Flynn teve acesso a documentos do FBI, dos serviços secretos navais e militares, da Repartição dos Estudos Estratégicos (antecessora da CIA) e do Departamento de Estado.



Eis assim como, alguns anos depois de morto, Errol Flynn regressa à actualidade. São estes alguns dos segredos que se escondem por detrás das telas. Afinal também a vida de Errol Flynn daria um filme...

### O TRIÂNGULO DIABÓLICO DAS BERMUDAS

René Cardona, Jr. realizou, com inteligência, "O Triângulo Diabólico das Bermudas", um filme onde se narram, com algum "suspense", os mistérios que desde há anos ocorrem naquela zona do globo.

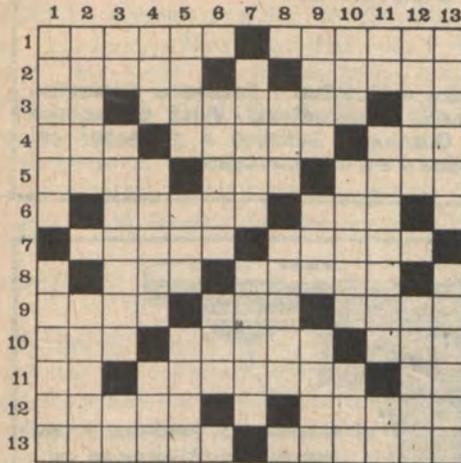
Partindo da história de um dos muitos barcos desaparecidos naquelas fatídicas e misteriosas águas, Cardona, numa produção italo-mexicana, sem recorrer a grandes efeitos especiais, conta-nos o que é essencial de reter, empolgando os espectadores aqui e ali, mas sempre com grande sobriedade.

De facto, os mistérios do Triângulo das Bermudas são de tal forma inexplicáveis que redundaria em ridículo querer fazer da sua história um filme espectacular. Assim "O Triângulo Diabólico das Bermudas" surge mais como uma obra de jornalismo cinematográfico do que de especulação sobre um tema que, sem dúvida, para tanto se presta. Nota positiva para este filme que aconselhamos sem reservas.

# RECREIO

Por JOPRA

## PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA No. 2/80

### HORIZONTAIS

1 - Cortina de subir e descer; Partir com pressa.

2 - Exorbitante; Poema dramático ou lírico originário de Itália, cantado com acompanhamento de orquestra.

3 - A tua pessoa; Que tem a cor da gema do ovo ou do ouro; Nesse ponto.

4 - Nome feminino; Graíña seca; Eiró.

5 - De uma maneira geral, as ervas que se utilizam como forragens secas ou verdes; Parte lateral das narinas; Condutor de palanquim.

6 - Que consome; Escavado.

7 - Faz adobes; Planta rasteira cultivada nas hortas e nos jardins.

8 - Além disso; Que não tem antenas ou tentáculos.

9 - Grande vaso de barro destinado a conter líquidos; Gavinha; Tremes.

10 - Corpo lateral de um edifício; O m.q. atação; A fastados.

11 - O Sol; Lugar com muitas ruas arborizadas; Mulher acusada de um crime.

12 - Barco de pesca usado em Setúbal; O m.q. hilota.

13 - Tirara ó cogulo a; O m.q. pousar

### VERTICAIS

1 - Cansaço; Suportar (fig.)

2 - Estado normal dos órgãos; Árvore ornamental.

3 - Planta liliácea oriunda da China; Chiste; Aquelas.

4 - Rogê; Tenha aroma; Renque.

5 - Conjunto das barbas de uma pena; Protecção; Munir com asas.

6 - Bebida alcoólica que se fabrica na Índia e na América, fermentando arroz; Letra grega.

7 - Alteração que sobrevem no curso de uma doença; Choupo.

8 - Agarra-se com as gavinhas; Apresenta-se.

9 - Palmatoada; Nome genérico dos glícidos simples que não se desdobram por hidrólise; Dilato.

10 - Timão do arado ou da charrua; Encara; Naquêle lugar.

11 - Vê; Escandaloso; ósmio (s.q.).

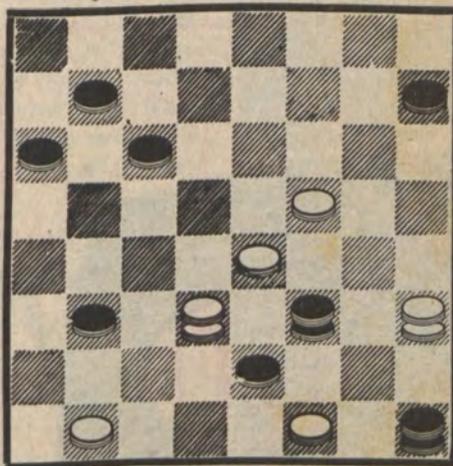
12 - Mentira (Fig.); Grande artéria.

13 - Jogo de rapazes em que se atira uma moeda a uma figura traçada no chão; Adornar.

## DAMAS

PROBLEMA: No. 89

DE TELES JUNIOR



JOGAM AS BRANCAS E GANHAM

BR - 2 damas e 4 pedras

PR - 2 damas e 6 pedras

COLOCAÇÃO DAS PEÇAS

BRANCAS:

Damas em 9-11. Pedras em 2-4-14-18.

PRETAS:

Damas em 1-10. Pedras em 6-12-23-24-25-28.

## SE É COLECCIONADOR

O JORNAL DO EXÉRCITO TEM PARA SI A PREÇOS ESPECIAIS

POSTAIS

UNIFORMES MILITARES PORTUGUESES (Edição de JE)

JÁ EDITADAS

8 séries de 9 postais cada

Preço de cada série	35.00
Postais avulsos	4.50

Preço especial para Assinantes Militares:

Cada série	30.00
Postais avulsos	4.00

MEDALHAS

(Bronze)

TOPIA DE: Vasco Nunes - Gravador

XV ANIVERSARIO DO JORNAL DO EXÉRCITO (Módulo aprox. 60mm)

Preço	180.00
Assinantes e Militares	150.00

M. A. - 25 de Novembro (Módulo aprox. 70mm)

Preço	160.00
Assinantes e Militares	120.00

LUIS DE CAMÕES (Módulo: 70 mm.)

Preço	350\$00
Assinantes e Militares	300\$00

ENCADERNAÇÕES

Caro Assinante, Confiemos a sua coleção do JE para encadernar.

Preço de cada encadernação completa, ano, c/ capa em percalina azul e gravação a dourado 120.00.

Caso deseje apenas as capas, deve indicar os anos a que se destinam.

Preço de cada capa 50.00.

NOTA - Os preços especiais para militares são extensivos aos elementos das F. Militarizadas.

Nos pedidos de envio pelo correio os portes e encargos de cobrança são por conta dos interessados.

HÁ MAIS DE 45 ANOS...



A CAMISA

DO HOMEM

ELEGANTE

CONFECÇÕES J. R. RODRIGUEZ

S. A. R. L.

RUA DE S. LÁZARO, 1 a 9 - LISBOA

Tel. 862165/7

End. Teleg. «REGOJO»



PRIMEIRA CASA DAS BANDEIRAS

ANTÓNIO CARDOSO  
Sucessora

MARGARIDA CARDOSO  
DA COSTA, LDA.

R. dos Correios, 140/151 — Tel. 32 74 82  
LISBOA - 2 PORTUGAL

Execução rápida e perfeita de:

Emblemas esmaltados - Medalhas - Emblemas impressos  
em plástico e alumínio fotoanodizado - Versas de madeira  
e metal - Taças - Gravuras - Carimbos e gravações em  
plástico e em metal, e outros



RIFARMI, Tipo Parabellum: 7 Tiros  
Mod. Especial totalmente em aço  
Cal. 6,35 mm — Peso: 380 grs.  
Com 2 carregadores: 14 Tiros.

(Vendem-se com licença do Comando da P. S. P.)

Útil para:  
Defesa Pessoal:  
MILITARES  
G. N. R.  
P. S. P.  
G. Fiscal  
Bancos  
Guardas  
Fábricas  
Viajantes  
Cobradores  
Motoristas  
Escritórios  
Industriais  
Comerciantes  
Proprietários  
Etc...

O Representante A. A. FERREIRA  
35, Rua Angelina Vidal N.º 35-C  
1100 LISBOA

VENDEMOS:

ARMAS DE CAÇA CAL. 12 CANOS S/ POSTOS E CANOS PARALELOS  
PISTOLAS DE DEFESA CAL. 6,35 mm e CAL. 7,65 mm — MUNIÇÕES  
REVÓLVERES DE DEFESA: CAL. 32 — CAL. 22 LR — CHARTER ARMS  
MARCAS: HARRINGTON & RICHARDSON - SMITH & WESSON, U. S. A.



CASA BASTÃO-ALFAIATARIA, LDA.

RUA DOS REMEDIOS, 168  
(a Santa Apolónia)  
Telef. 86 77 29 - LISBOA-2



MILITAR E CIVIL

ALFAIATARIA MILITAR

Confeciona toda a espécie de fardamentos, condecorações, galões, divisas, emblemas, distintivos e fornece artigos Militares às Unidades, Cantinas, etc.

ALFAIATARIA CIVIL E PRONTO  
A VESTIR PARA HOMEM, SENHORA  
E CRIANÇA

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

Os melhores tecidos nacionais e estrangeiros, Malhas, Camisaria, Calçado, Gabardinas, Sobretudos, etc.

Trabalhos executados por pessoal altamente especializado e com a maior perfeição

# PUBLICAÇÕES

Temos recebido regularmente:

## MILITARES

Nacionais: Azimute (E.P.I. - Mafra) - Baluarte (F.A.P.) - Boletim do D.E.F. (Acção Militar) - O Colégio Militar (Luz-Lxa.) - Mais Alto (Rev. das F.A.) - O Mecanizado (B.I. Mecaniz. - Santa Margarida) - Revista da Armada (Public. Oficial da Marinha) - Saber Para Vencer (Instituto Super-Militar).

Estrangeiras - Alemanha (Rep. Fed.): Soldat und Technik. Estados Unidos da América: Eurarmy (N. York). Bélgica: Vox. França: TAM. Rodésia: Assegai. Roménia: Viata Militara.

## DIVERSAS

Nacionais: ABC (Organiz. Art. Ligne Lda.-Lx.) - Acção Socialista (P.S.) - Badaladas (T. Vedras) - O Benfica (S.L.B.) - Boletim da Administração-Geral do Açúcar e do Alcool (Lxa.) - Boletim da Associação dos Pupilos do Exército (Lxa.) - Boletim Haguê (Porto) - Censos/81, Boletim Informativo do XII Recenseamento Geral da População e do II Recenseamento Geral da Habitação (Inst. Nac. de Estatística) - O Comércio de Gaia - Consciência Nacional (Mov. Monárq. - Porto) - Conta Comigo (Socied. Anti-Alcool. Portuguesa) - Correio do Ribatejo (Santarém) - Correio do Sul (Faro) - Desportos (D.G.D. - Lx.) - Diário do Alentejo (Beja) - Diário de Notícias (Lxa.) - Diário Popular (Lxa.) - O Distrito de Portalegre - O Distrito de Setúbal - Ecos de Belém - Elo (Assoc. dos Deficientes das F.A.) - Folha do Domingo (Faro) - Folha de Tondela - Gazeta de Paços de Ferreira - A Guarda (Guarda) - Humanidade (CVP) - Inventiva (Assoc. Portug. de Criatividade - Lx.) - Jornal de Abrantes - Jornal de Barcelos - Jornal de Campo de Ourique - Jornal de Carnaxide e seus lugares - Jornal da Costa do Sol (Cascais) - O Jornal de Felgueiras - Jornal do Fundão (c/Correio da Covilhã) - Jornal da Pontinha (Loures) - Jornal de Quezuz - Jornal de Turismo (Lxa.)

# RECREIO-SOLUÇÕES

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA No. 2/80

### SOLUÇÃO

Estore, abalar, saíra, c, ópera, tu, amarelo, ai, Ada, arilo, iró, feno, asa, amal, a, edace, oco, a, adoba, asaro, a, ora, acera, a, pote, elo, aias, ala, atada, sos, Ra, alameda, ré, aiala, o, ilota, rasara, poisar.

DAMAS - PROBLEMA No. 89

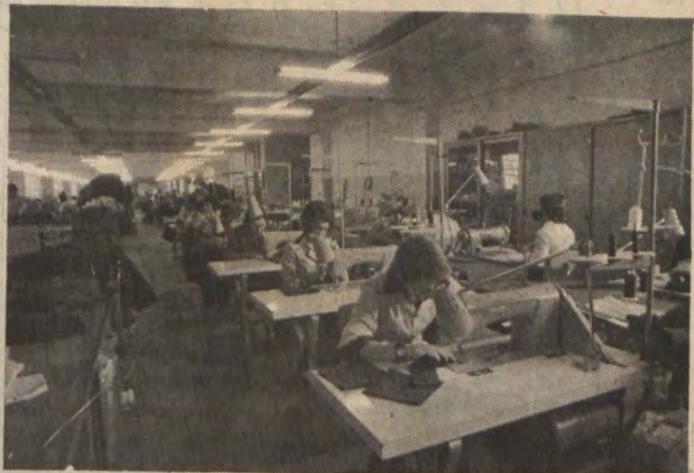
### SOLUÇÃO:

9-5, 10-19; 11-15, 1-14-21; 15-26-17-3-16-30, e ganham as brancas.

Lisboa, 25 de Abril de 1976  
Luís Agostinho Teles Júnior



**FÁBRICAS DE: CONFEÇÕES; CALÇADO; EQUIPAMENTO E METALO-MECÂNICA. OFICINAS DE ALFAIATARIA.**  
**SECÇÃO COMERCIAL: VENDAS A PRONTO PAGAMENTO E A PRESTAÇÕES DE ARTIGOS DE VESTUÁRIO E DE UTILIDADE DOMÉSTICA.**



**OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO E EQUIPAMENTO**

**ABASTECEDORA DAS FORÇAS ARMADAS**

**SEDE: LISBOA - Campo de Santa Clara**  
**SUCURSAL: PORTO - Rua da Boa Vista**  
**DELEGAÇÃO: ENTRONCAMENTO**



# MODELISMO

## O AMX 30 CAN 105 m/m

Em estudo desde 1957, o AMX 30 está na linha do Chieftain britânico e do Leopardo alemão, no grupo dos carros pesados europeus modernos.

Com uma tripulação de 4 homens, este blindado consubstancia as três características fundamentais de mobilidade, potência de fogo e resistência aos tiros do inimigo.

### A MAQUETA

Antes de iniciar a montagem do meu AMX, já estava impressionado com o grande número de peças separadas (cerca de 300) que a embalagem continha.

Agora que esta maquete está acabada, tenho de chamar a atenção para aqueles dentre vós, que dão os primeiros passos no modelismo.

Efectivamente, se sois noviço ides esbarrar com um conjunto de dificuldades que tereis de sobrepujar e será um prejuízo para vós investir num modelo que não sabereis construir correctamente. Se, pelo contrário, já tiverdes uma pequena experiência neste domínio, posso garantir-vos que passareis uns momentos agradáveis e que o resultado obtido será dos mais satisfatórios.

Esqueça-me de dizer-vos que é a HELLER que nos propõe este monstro de 30 toneladas à escala 1/35.

### A MONTAGEM

O plano apresentado sob a forma de um pequeno livro é muito explícito, e deveis segui-lo à letra sob pena de vos perderdes. As faces A, B, e C do plano reproduzem as operações de montagem da parte inferior do carro e do trem de rolamento.

Antes de colar as roletas, verificai se os braços de suspensão estão todos à mesma altura, sem o que alguns roletes do vosso "tank" não tocarão no solo. Se vos for possível, montai todo o trem de rolamento de modo a que fique com a mesma mobilidade do original.

Pela minha parte, preferi colar o conjunto destas peças porque uma maquete não é um brinquedo e uma vez terminado um modelo não deve ser mais manipulado.

A HELLER aconselha a pintar as bandagens de preto mas um cinzento muito escuro parecer-se-á mais com a cor suja e usada do "coaut-chou".

Pintai o chassis e as rodas antes de os juntar porque os vossos pincéis nunca poderão atingir todos os pormenores escondidos. A HELLER aconselha, em seguida, passar à montagem da torreta. Este processo põe, de certa maneira, a carroça à frente dos bois, e pareceu-me lógico passar, primeiro, à montagem da parte superior do carro.

Antes de fixar os faróis, deveis pensar em pintar os deflectores internos de *bondeaux* ou em alumínio.

O arco dos machadós, pás e picaretas deverão

ser pintados de preto. Antes de colar a parte superior do carro, é indispensável montar as lagartas nas rodas. Estas lagartas fecham-se de um modo muito inteligente, e logo que estejam fixadas ser-vos-á possível reconhecer a junção. Deveis, então pintá-las com uma mistura de cinzento claro e de castanho, as sapatas em relevo serão em negro sujo. É a vez de agora fazer uma opção: se quereis um "tank" tendo a bordo um condutor e um chefe de carro, ser-vos-á preciso montar os dois personagens e colar o homem sentado no carro com a cabeça saliente do alçapão.

Os cabos fornecidos na embalagem são de plástico flexível e deverão ser pintados de negro aço. É inútil tentar colá-los para sua fixação; de facto, a cola especial para maquete não solda esta qualidade de plástico e, além disso, estão previstos orifícios especiais para a sua manutenção. O problema com que ireis esbarrar está na ordem em que deve ser feita a pintura da parte superior do carro, porque é necessário aplicar uma camada de pintura sobre algumas partes antes de colar peças como as ferramentas, os escapes ou os "jerricans".

Passemos, agora, ao estudo da torreta. Para já, devo dizer-vos que metade do tempo que tereis de consumir com a vossa maquete, ser-lhe-á consagrado. As duas dificuldades maiores são na montagem do canhão e, principalmente, na fixação dos corrimões que envolvem a torreta.

Para o canhão um único conselho: fazei várias montagens antes de o colar; quanto às peças 90, 91 e 92 não apliqueis cola senão nas suas extremidades se quereis que o tubo do 105 e a metralhadora possam ser articulados. Para o corrimão vão ser-vos necessárias calma e serenidade. Se a peça 82 se fixa correctamente já não se dá o mesmo com as peças 84 e 83, que são pequenas escalas de plástico cuja base deverá, teoricamente, ajustar-se à forma muito especial dos flancos da torre do carro. Infelizmente, o plástico tem os seus caprichos e vi-me na necessidade de cortar os dois suportes de guarda-mão em cinco pedaços que tive de colar um a um.

O torreão do chefe do carro é, também, muito complexo, e o suporte da 7,5 exige muita paciência na sua realização. As antenas devem ser feitas com plástico estirado (aquecer um pau de plástico à chama para amolecer e puxar suavemente para obter um fio).

A pintura que utilizei é um verde mate: referência mate 30 da HUMBROL. Esta cor garante-vos um excelente acabamento e dá a impressão de que o revestimento do vosso "tank" foi corroído por numerosas manobras.

Para terminar, devo confessar que se este modelo é um dos mais complicados que tive de fazer é, também, um dos mais belos da minha colecção.

Didier Palix  
(TAM, 13-9-79)



# O SENHOR SABE MAS AINDA NÃO VERIFICOU QUE:



## NA INVERNIA, CARRO TAPADO COM CAPAS «RR» IGUAL A...

- Bateria protegida, pega à primeira!
- Radiador seguro contra a congelação!
- Pintura livre de corrosão!

As únicas capas cardadas interiormente  
o que as distingue

um exclusivo de  
Estabelecimentos:

**RODRIGUES & RODRIGUES, SARL**

R. Nova do Carvalho, 79 — Tel. 37 22 21

Apartado 2199 — Lisboa-2

Agentes em todo o país



COM

## COMBI-CAMPeasy

TUDO RODA MELHOR  
FÉRIAS E FINS DE SEMANA  
3 MODELOS (1 e 2 QUARTOS)

EXPOSIÇÃO  
RUA DO CRUCIFIXO, 112  
LISBOA — TEL. 37 19 97

**CASA  
SENNA**



## PAPELARIA FERNANDES

LARGO DO RATO, 13 — RUA DO OURO, 145 — LISBOA

Officinas de:

TIPOGRAFIA

LITOGRAFIA

ENCADERNAÇÃO

CARTONAGEM

SOBRESCRITOS

SACOS DE PAPEL

LIVROS NACIONAIS  
E ESTRANGEIROS

Secções Especializadas de:

MATERIAL PARA  
DESENHO

TOPOGRAFIA

E IMPRESSOS PARA O EXÉRCITO

# Aprenda hoje a profissão do futuro!



Você pode agora converter-se num verdadeiro técnico de electrónica graças aos cursos que o Centro de Instrução Técnica elaborou para si: **Electrónica, Rádio e TV e Transístores**. Conheça os nossos cursos e decida-se por um deles.

Estudando nos momentos livres, muito economicamente e beneficiando da excelente assistência pedagógica que lhe oferecemos, em pouco tempo você verá melhorado o seu nível social e económico, além da satisfação que sente em desempenhar aquela actividade aliciante e lucrativa que sempre ambicionou.

Outros cursos CIT: **Desenho de Máquinas • Desenho de Construção • Programação Cobol • Contabilidade • Organização Administrativa de Empresas • Inglês • Francês • Cultura Geral • Corte e Confeção**.

**Informe-se. Preencha, destaque e envie-nos o cupão por carta ou colado num simples postal. Mas faça-o ainda hoje!**

**CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA**  
**ENSINO TÉCNICO À DISTÂNCIA**

R. D. ESTEFÂNIA, 32  
1066 LISBOA CODEX

Grátis e sem compromisso enviem-me informação completa sobre o curso que indico

CURSO \_\_\_\_\_

NOME \_\_\_\_\_

END. EMPREGO \_\_\_\_\_

MORADA \_\_\_\_\_

LOCALIDADE \_\_\_\_\_

A preencher pelos nossos serviços. ▶

			1									1	3	5	4	3
--	--	--	---	--	--	--	--	--	--	--	--	---	---	---	---	---

# A TERRA TREMEU NA ILHA TERCEIRA...

(Continuação da pág. 19)

## 3. IGREJA DE SÃO JOÃO BAPTISTA —

De construção portuguesa, consta ter sido o primeiro monumento construído em Portugal após a Restauração D. João IV, por alvará de 1 de Abril de 1643, autorizou a sua edificação. No entanto e por razões que se desconhecem, só no século XVIII foi aberta ao culto. No dia 28 de Setembro de 1818 foi destruída por um violento incêndio, voltando a ser aberta, após a sua reconstrução, em 1 de Dezembro de 1867, para voltar a ser encerrada em 1892 por o culto passar a ser prestado nas Igrejas da cidade. Em 1966 reabriu mais uma vez e é nela que a guarnição do RIAH e a população assistem às cerimónias religiosas.

## 4. DIVERSOS —

O actual Quartel tem as suas instalações constituídas por três conjuntos de edifícios construídos em diferentes épocas. Assim uns foram edificados aquando da Fortaleza, como o edifício do Comando e outros; outros nos tempos da II Guerra Mundial (1939-1945), como sejam os Parques-Auto, e ainda uns da década de 60, como as casernas, refeitório, etc.

## 5. ANTECESSORES — DESCENDÊNCIA —

Depois da restauração e posse da Fortaleza pelo Capitão João Betten-court, inúmeras foram as Companhias e Guarnições que por aqui passaram e estiveram, embora nenhuma tenha permanecido com carácter definitivo.

Mas por Decreto de 4 de Julho de 1864 é reorganizado o Batalhão de Caçadores No. 10, que passa a ter o seu Quartel permanente em Angra do Heroísmo, no Castelo de São João Baptista. Pela primeira vez esta Fortaleza é guamecida por uma Unidade constituída para o efeito. Este Batalhão de Caçadores No. 10 foi formado em 1811, quando se procedeu à reestruturação do Exército.

A Unidade passa a designar-se Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo, de acordo com a OE No. 5/31 de Maio de 1977, 1a. Série, pág. 283.

Presentemente o RIAH está constituído da seguinte forma:

- Batalhão de Comando e Serviços
- Batalhão Operacional, (do qual faz parte a Companhia de Infantaria da Horta)
- Batalhão de Instrução.

Este Regimento, na linha das Unidades antecessoras, honra-se de ser uma sentinela portuguesa no Atlântico.

— Contudo, uma hora infeliz chegou à Ilha Terceira. Eram 15h e 42m do dia 1 de Janeiro de 1980 quando um sismo provoca destruições consideráveis nas Ilhas Terceira, São Jorge e Graciosa.

Aqui na Terceira, a dor, a tristeza e o caos foram grandes. Não obstante a situação, imediatamente o R.I.A.H., com todo o pessoal disponível, devidamente enquadrado arranca em direcção à cidade.

Assim começava uma grande e valiosa contribuição para que fossem salvas várias vidas, o apoio às populações uma realidade e a reconstrução decisiva.

— Os militares iniciaram a desobstrução das principais vias cortadas pelos desmoronamentos, ao mesmo tempo que controlavam a circulação das viaturas até à chegada de agentes da P.S.P.

Outras equipas, entretanto, procediam já à retirada de vítimas dos escombros, promovendo a evacuação dos feridos para o Hospital e Enfermaria do R.I.A.H., onde foram prestados primeiros socorros, não mais parando a ambulância militar.

A evacuação de pessoas em situação crítica, isoladas dentro das suas residências semidestruídas, tomou-se urgente, assim acontecendo com o Asilo dos velhos, do qual os militares tomaram a seu cargo a responsabilidade da evacuação. A hora era de duro trabalho, e os Infantes respondiam na medida da sua grandeza. Entretanto na população uma certa confusão faz com que todos pretendam saber de tudo e de todos...

Foram surgindo os primeiros cadáveres no meio dos escombros, procedendo os militares ao seu levantamento. Dada a necessidade e urgência, uma equipa de militares foi abrir, no dia 3, sepulturas no cemitério, procedendo nalguns casos ao enterramento desses cadáveres.

É montada uma rede rádio para colmatar o corte de linhas telefónicas verificado em quase toda a Ilha. Para isso, são destacados para vários locais da Ilha operadores de transmissões com rádios, nomeadamente na freguesia das Doze Ribeiras (zona mais afectada), Freguesia do Raminho, Hospital e também para o recém-criado centro coordenador das opera-

ções, este último montado no Comando Geral da PSP de Angra. As transmissões do RIAH mantiveram-se em total operacionalidade (24h/dia), durante os primeiros quatro dias, quer dentro quer fora do Quartel, desempenhando importante missão na ligação não só dos órgãos mas também das populações que procuravam saber dos familiares.

O espírito de unidade, o esforço, eram bem patentes e graças ao ensinamento, à instrução recebida ora traduzidos em prática a eficácia era uma verdade resultante no cumprimento das múltiplas missões.

O apoio logístico do RIAH funcionou desde o início:

Assim, foram cedidos geradores para o Rádio Clube de Angra — que pôde recomeçar a sua emissão, que era e foi de extrema importância — para a informação e esclarecimento de populações sinistradas; para os CTT, permitindo o funcionamento tão necessário destes serviços de utilidade pública.

Forneceram-se camas, colchões e cobertores ao Hospital, Enfermarias e alojamentos improvisados. O Regimento nada tinha sofrido no que respeita a danos materiais, e por isso mesmo rapidamente franqueou as suas portas a desalojados, abrigando-os nas suas instalações que de momento se encontravam livres (esta uma das razões que levou ao adiamento da incorporação dos recrutas do 1o. T/80). Inicialmente, o número de desalojados no Quartel ultrapassava meio milhar, e o fornecimento de alimentação confeccionada abrangia não só os alojados no RIAH, como ainda alojados no exterior, num total de 1000 pessoas/dia. De ressaltar ainda a montagem junto de alguns acampamentos de cozinhas rodadas equipadas com o respectivo pessoal. A dimensão dos serviços a prestar crescia e o pessoal militar sobrepunha-se às suas próprias forças, demonstrando assim a eficácia de bem servir.

No RIAH foi montado um Centro de recolha e distribuição de víveres e artigos chegados do Continente e estrangeiro. É ainda em viaturas militares que o transporte e distribuição dos mesmos pela população se tem processado.

A montagem de tendas, acampamentos, revestiu-se inicialmente de grande importância para alojar as pessoas sem casa, tendo uma equipa militar sido incumbida dessa missão nas zonas mais afectadas. Entre as actividades prioritárias de apoio à população, após a resolução dos problemas mais imediatos, há a salientar:

— Evacuação de haveres, fornecimento de água, remoção do lixo, desinfestação de alojamento provisórios, preservação de peças de arte, transferência de farmácias, etc.

Nos primeiros quinze dias, saíram do Quartel em missão de apoio à população, 330 viaturas com uma média de 4 homens/viatura, havendo no entanto muitos pedidos que não foi de imediato possível satisfazer.

Os patrulhamentos auto durante a noite foram intensificados e alargados às freguesias mais afectadas, além de satisfazer eventuais pedidos da população e preservar ainda os seus bens abandonados em casas sinistradas. Igualmente nas Ilhas de S. Jorge e Graciosa, o pessoal militar, tem dado apoio à população neste período de crise.

O Exército colabora actualmente na demolição e escoramento de edifícios em ruínas, actividade de grande importância face a perigosidade em que se encontram alguns deles. Equipas de engenharia do Exército e Bombeiros vindos do Continente tomam a seu cargo esta tarefa, especialistas procedem à montagem de casas pré-fabricadas.

Passados que são 20 dias após a catástrofe, os militares continuam a prestar a sua valiosa colaboração às populações sinistradas, sendo bem patente e relevante a mensagem que todos os militares, Oficiais, Sargentos e Praças, do RIAH, têm transmitido às populações, com a certeza de que a sua missão é igualmente cumprida mesmo em tempo de paz.



# LEGISLAÇÃO

## ORDEM DO EXÉRCITO No. 12 — 1a. Série — de 31DEZ78

— Decreto Regulamentar no. 56/78 de 30DEZ78; do Conselho da Revolução:

Aprova a Tabela de Percentagem de Desvalorização Funcional para Uso das Juntas da ATFA.

— Portaria de 15DEZ78 do Conselho da Revolução:

Aprova o modelo de Brasão de Armas do Batalhão de Infantaria de Aveiro.

— Portaria de 22DEZ78 do Conselho da Revolução:

Atribui ao Estado Maior do Exército o direito ao uso de Estandarte Nacional.

— Despacho Conjunto de 20NOV78 do EME e do Ministério do Trabalho:

Aprova e manda pôr em execução as "Normas relativas à cooperação entre o Estado Maior do Exército e o Ministério do Trabalho".

— Despacho de 22AGO78 do Estado Maior do Exército:

Aprova o "Regulamento Provisório do IAEM".

— Despacho no. 102-A/78 de 4DEZ78 do Estado Maior do Exército: Define a atribuição referida na alínea b) da Portaria no. 101/78, de 21 de Fevereiro, exercida desde 1JAN78 pelo Centro Financeiro Geral.

— Despacho no. 104-A/78 de 20NOV78 do EME:

Define a situação dos reformados civis que se encontram ao serviço do Exército.

— Despacho no. 97-A de 13NOV78 do EME:

Aprova o Regulamento dos Concursos para Oficiais Médicos do Exército.

— Despacho 98-A de 13NOV78 do EME:

Regulamenta o ingresso no Quadro Permanente do Serviço de Saúde (Medicina) de militares pertencentes a outros quadros permanentes do Exército.

— Despacho no. 107/1/78 de 18DEZ78 do EME:

Estabelece a composição dos serviços do Gabinete de Estudos e Planeamento do Estado Maior do Exército (GEP), criado pelo Decreto-Lei no. 949/76, de 31DEZ76.

## ORDEM DO EXÉRCITO No. 1 — 1a. Série — de 31JAN79

— Portaria no. 1/79 de 2 de Janeiro, do Conselho da Revolução.

Fixa em 4600\$00 o valor do rendimento global ilíquido a que se refere o arto. 1o., no.4, do Regulamento de Amparos e em 2000\$00 o valor do rendimento global ilíquido referido no arto. 3o. no.1, alíneas a) e b) do mesmo Regulamento.

— Portaria no. 13/79 de 9 de Janeiro do Conselho da Revolução

Estabelece os grupos e categorias, bem como as condições de promoção do quadro de pessoal militarizado do Exército (QPME).

— Portaria no. 27/79 de 19 de Janeiro do Conselho da Revolução

Estabelece as condições em que os Serviços Prisionais militares são autorizados a admitir pessoal em regime de prestação de serviços.

— Portaria no. 44/79 de 26 de Janeiro, do Conselho da Revolução:

Altera a redacção da condição 4a. dos artigos 12o. e 13o. do Regulamento para a Promoção aos Postos Inferiores do Exército (RPPIE).

— Portaria de 17JAN79 do Conselho da Revolução:

Aprova o modelo de Brasão de Armas da Escola Prática de Administração Militar.

— Portaria de 17JAN79 do Conselho da Revolução:

Aprova o modelo de Brasão de Armas do Regimento de Infantaria de Faro.

— Portaria de 30JAN79 do Conselho da Revolução:

Aprova o modelo de Estandarte do Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo.

— Despacho de 26ABR78 do Estado Maior do Exército:

Cria a título provisório o Conselho do SPM e estabelece a sua constituição.

— Despacho de 21DEZ78 do EMGFA:

Estabelece as normas de admissão, formação militar, ingresso nos QP e subsequentes obrigações de prestação de tempo de serviço para os candidatos à Escola do Serviço de Saúde Militar.

— Despacho de 21DEZ78 do EMGFA:

Nos termos do no. 30 da Portaria no. 67/75, de 4 de Fevereiro, esclarece as condições a que devem obedecer os ascendentes e equiparados, de militares, para que possam ser considerados beneficiários do ADMFA.

— Despacho de 4JAN79 do Estado Maior do Exército:

Designa o Regimento de Artilharia de Leiria herdeiro das tradições históricas dos extintos Regimentos de Artilharia no. 2, e do RAL no. 2, após a extinção do RA Évora.

## ORDEM DO EXÉRCITO No. 2 — 1a. Série — de 28FEV79

— Decreto-Lei no. 24/79 do Conselho da Revolução:

Reestrutura o Serviço de Coordenação da Extinção da PIDE/DGS e LP.

— Portaria de 2FEV79 do Conselho da Revolução:

Aprova o modelo de Estandarte do Exército Português.

— Portaria de 2FEV79 do Conselho da Revolução:

Aprova o modelo de Estandarte do Regimento de Artilharia de Leiria.

— Portaria de 14FEV79 do C.R.:

Aprova o modelo de Estandarte do Regimento de Infantaria de Faro.

— Despacho de 18JAN79 do EME:

Amplia o direito à protecção social no âmbito do Regulamento do Fundo de Protecção e Acção Social dos Estabelecimentos Fabris do Exército.

— Despacho de 31JAN79 do EME:

Delega nos comandantes das regiões militares e zonas militares, competência para a distribuição das parcelas das verbas globais que forem atribuídas à respectiva região ou zona militar.

— Despacho de 7FEV79 do EME/Dep. Finanças:

Estabelece as instruções gerais de saque de verbas e prestação de contas mensais a vigorar no Exército.

## ORDEM DO EXÉRCITO No. 3/79 — 1a. Série — de 31MAR79

— Decreto-Lei no. 50/79 de 15MAR79, do Ministério da Administração Interna:

Estabelece a equiparação dos cursos e formação e promoção de sargentos da G.N.R., aos cursos ministrados aos sargentos dos quadros permanentes do Exército.

— Decreto-Lei no. 55/79 de 29MAR79, do Conselho da Revolução:

Dá possibilidade, de transitarem ou serem colocados na situação de reserva, aos sargentos dos quadros permanentes do Exército e da Força Aérea que hajam passado à situação de reforma antes de 1 de Agosto de 1970.

— Portaria de 16MAR79 do Conselho da Revolução:

Aprova o modelo do Brasão de Armas da Direcção do Serviço de Educação Física do Exército.

— Portaria no. 133/79 de 27MAR79, do Conselho da Revolução:

Fixa os quantitativos para o abono de alimentação a dinheiro, para o ano de 1979.

— Despacho Normativo de 5MAR79, dos Ministérios das Finanças e do Plano e da Administração Interna:

Atribui aos militares em comissão de serviço no Serviço de Estrangeiros as gratificações fixadas no Despacho Normativo no. 187/78, de 18 de Agosto.

— Despacho no. 33/79 de 21FEV79, do Estado Maior do Exército:

Institui o "Dia da Unidade" da 1a. Brigada Mista Independente, a comemorar-se a 6 de Abril, e nomeia seu patrono D. Nuno Álvares Pereira.

— Despacho de 5MAR79, do Estado Maior do Exército:

Estabelece novo modelo de cartão de identificação para o pessoal do QPME.

— Despacho no. 37/79 de 9MAR79, do Estado Maior do Exército:

Determina que o "Dia do Exército" se comemore a 25 de Julho e que o seu patrono é D. Afonso Henriques.

— Despacho de 12MAR79, do Estado Maior do Exército:

Cria diversos sinais (toques) para corneta e clarim.

— Declaração de 1MAR79, do Conselho da Revolução:

Rectifica a redacção do artigo 1o. do Dec.-Lei no. 24/79, de 15 de Fevereiro, daquele C.R.





Por ROBERTO FERREIRA

# LIVROS

LIVROS  
DE EDIÇÕES EUROPA AMÉRICA

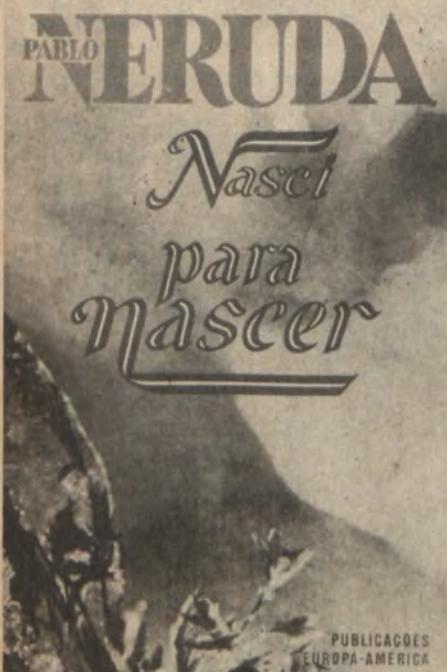
COMO SUPRIMIR  
AS SUAS DORES  
COM A SIMPLES  
PRESSÃO DE UM DEDO

Por ROGER DALET

O nome do Autor é garantia do valor deste livro, pois ele é médico e professor do Centro Homeopático de França. E a recepção deste livro, em toda a Europa, marca bem o interesse que a obra despertou em milhares de indivíduos fartos de medicamentos e querendo abrandar as suas dores por métodos rápidos, não provocadores de efeitos secundários.

O método de supressão de dor — baseado no princípio da acupunctura — divulgado neste trabalho, recomenda a aplicação da pressão digital, em vez de inserção de agulha, no ponto correspondente ao órgão de onde vem a dor. A possibilidade de facilmente se pôr o método em acção consegue-se obedecendo às indicações e observando as fotos que as acompanham.

Colecção *Arte de Viver* (No. 13) — 1979. Título original: *Suprimez vous-même vos douleurs par simple pression d'un doigt*. Trad. de J. Fonseca. Capa de *Estúdios P.E.A.*



## Dalcídio Jurandir

# BELEM DO GRÃO-PARÁ

Preâmbulo de FERREIRA DE CASTRO



COMO EU ATRAVESSEI A ÁFRICA  
I — A CARABINA D'EL-REI  
II — A FAMÍLIA COILLARD

Por SERPA PINTO

Em Fevereiro do corrente ano completou-se o centenário da travessia da África pelo Major Serpa Pinto, português de heróico vulto na nossa acção no Continente Africano. A narração da viagem, escrita por aquela grande figura portuguesa, é não só a descrição de aventuras, trabalhos, perigos enfrentados, tudo isto vivido nos quinze meses da travessia, mas é também conjunto de observações geográficas, etnológicas, climatéricas e outras daquele território.

Colecção *Livros de bolso Europa-América* (No. 216 e 217) — 1979 — Capa de *Estúdios P.E.A.*

BELÉM DO GRÃO-PARÁ  
Por DALCÍDIO JURANDIR

Romance galardoado com os prémios *Paula Brito* e do *Pén Clube do Brasil*, facto garante dos méritos do Autor, um dos mais apreciados romancistas brasileiros da actualidade.

A publicação deste romance vem, sem dúvida, oferecer aos leitores uma das mais significantes obras da Literatura brasileira dos nossos dias.

Colecção *Século XX — Série de Autores Brasileiros Contemporâneos* (No.

163) — 1979. Preâmbulo de *Ferreira de Castro*. Capa de *Estúdios P.E.A.*

NASCI PARA NASCER  
Por PABLO NERUDA

Cadernos de vários escritos dispersos, coligidos por Matilde Neruda e pelo editor das obras do Autor. Obra póstuma, na qual nos é de P. Neruda como figura social e política e como poeta.

Há quem considere este livro um complemento do livro "Confesso que vivi" do mesmo Autor.

Colecção *Estudos e Documentos* (No. 159) — 1979. Título original: *Para Nacer He Nacido*. Trad. de *Eduardo Saló* (texto em prosa) e *Mário Dionísio* (poemas). Capa de *Estúdios P.E.A.*

"BRICOLAGE" EM 10 LIÇÕES  
Por JANIN GARDEL

Manual que elucidará qualquer indivíduo, até o menos arrojado, sobre a execução, no seu lar, de reparações ou modificações, poupando o orçamento familiar.

Colecção *Em dez lições* (No. 4) — 1979. Título original: *Le "bricolage" en 10 leçons*. Trad. de *Cascais Franco*. Capa de *Estúdios P.E.A.*

**MEDALHA DO DIA DO PAI**  
Vasco Nuno, Gravador

PROMOÇÃO



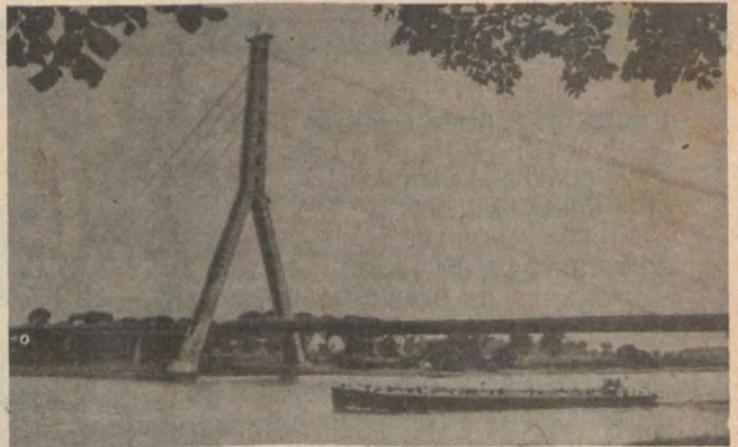
(Bronze)  
Módulo:  
70 mm.  
Peso:  
170 gr.

**Preço:**  
**300\$00**  
**Militares e**  
**Assinantes**  
**250\$00**

## UMA PONTE COM MAIS DE UM QUILÓMETRO

Trata-se da "Ponte Europa" construída diagonalmente ao eixo longitudinal e sobre o rio Reno, perto de Dusseldorf. Tem 1165 metros de comprimento e, por isso, é a maior ponte deste grande rio. Este tipo de ponte pênsil tem um único pilar com 145 metros de altura, com 6 faixas de rolamento e tem cerca de 42 metros de largura. Esta obra custou, na totalidade, 100 milhões de marcos.

(In SCALA, DEZ. 79)



## TELEFONE SEM FIO

A possibilidade de, ao telefonar, movimentar-se livremente em uma sala, sem ter o aparelho ligado a um fio, é proporcionada pelo novo "telefone infravermelho", da firma "Siemens", o aparelho do futuro. Enquanto o corpo do telefone está fixado numa parede, pode-se falar e ouvir através do fone sem fio, de qualquer ponto de um compartimento, porque ondas de



raios infravermelhos estabelecem a comunicação entre o fone e o corpo do telefone. Uma inovação com futuro!

(In SCALA, DEZ. 79)

## "CHÂSSIS" PARA TERRENOS EM DECLIVE

Um "chassis" de funções múltiplas, também utilizável em terrenos em declive, acaba de ser concebido e realizado pelo Instituto de Pesquisas Científicas e Enge-

nharia Tecnológica de Máquinas Agrícolas de Bucareste, na Romênia. O "chassis", autopropulsado, pode ser equipado, em função das necessidades, para todas as operações agro-técnicas que se realizam nos pomares e nos prados. Na foto, o "chassis" está equipado para rega dos pomares.

(In ACTUALITÉS ROUMAINES, 11-4-79)



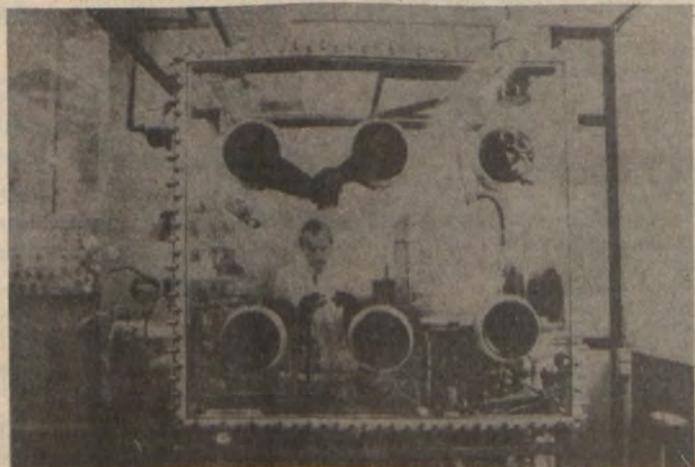
## METAL LEVE DE FUTURO

O berilo é tão sólido quanto o aço, porém, quatro vezes mais leve e outras tantas mais rígido que o alumínio.

Nenhuma nação industrial poderá, no futuro, passar sem essa matéria-prima. Todavia, o seu uso ainda causa problemas, dado que o berilo é extremamente quebradiço. A fim de examinar cientificamente as suas propriedades, o Instituto Max Planck para a Pesquisa de Metais, em Stuttgart, na República Federal da Ale-

manha, é o único a produzir, em laboratório, cristais do metal: bastões de 43 mm de diâmetro e 140 mm de comprimento, em que todos os átomos são estruturados regularmente como cristal. Porque o pó de berilo, finamente moído, que é o ponto de partida para sintetizar o metal berilo, pode provocar doenças de pele e de pulmão, os cientistas trabalham com o material em caixas hermeticamente fechadas e providos de luvas.

(In Boletim de Informações da R.F.A. 31-3-78)



# DOS ÁRABES E SUA ARTE MILITAR

pela "souma" (costume); nada de leis escritas. As tribos, quer nômadas quer sedentárias ou cidadinas, têm como vínculos comuns a língua poética, independente dos dialetos, a tradição e a cultura, por transmissão oral.

Com os árabes submetidos às influências judaicas e cristãs, Mahomed funda a religião do Islão e o Corão fixa as regras da vida e cria a unidade árabe, suprimindo os politeísmos das tribos e codificando os costumes ancestrais. Assim, as conquistas correspondem às necessidades políticas e religiosas, como a união das tribos pela guerra santa, a tomada de consciência de uma Nação árabe, e económicas, dada a vida difícil, num solo ingrato, de uma população que cresce, e, também, pelo predomínio do nômada, sóbrio, endurecido e guerreiro, sobre o "fella" sedentário e o comerciante citadino.

Disciplina tribal sob a autoridade suprema do Califa ou delegado (do Profeta), em regra, eleito ou escolhido na família do Profeta ou nas famílias ligadas pelo sangue.

## O EXÉRCITO E SEUS MÉTODOS DE COMBATE

De início, os exércitos árabes compunham-se de contingentes das tribos, agrupados por clãs e facções, obedecendo aos seus chefes tradicionais; destas tribos, algumas tinham a escola dos bizantinos e dos persas, a quem haviam fornecido tropas auxiliares.

No entanto, os chefes militares árabes utilizavam tropas mercenárias (curdas ou turcas) sem se preocuparem com ortodoxias religiosas. E a força do exército apoia-se na Cavalaria, sua arma principal; enquanto a Infantaria consta, principalmente, de etíopes, armados com o arco e onde os "méharis" (dromedários) têm um lugar importante. Os seus efectivos são muito fracos e,



Combate entre árabes e cavaleiros normandos.

com cada vez menos árabes de sangue puro. Por exemplo, o Egito é conquistado por Amir com quatro mil homens, na sua maior parte, cavaleiros iemenitas; Taric do Zagrebe conquista a Espanha com trezentos árabes e doze mil berberes.

Os métodos de combate utilizados nas conquistas árabes caracterizam-se pelo costume árabe da "razia" que se apoia numa observação atenta do inimigo, na possibilidade de movimentos rápidos e longos, em extrema mobilidade, na busca da surpresa e no aproveitamento do deserto nos deslocamentos estratégicos.

Inicia-se o combate com a entrada em acção dos arqueiros da Infantaria e, logo que as linhas inimigas sejam desbaratadas ou, pelo menos, abaladas, a cavalaria ataca numa formação modernamente conhecida por "em forrageador". Acossa com arco e dardo e depois, para forçar a decisão, constitui-se numa massa profunda e

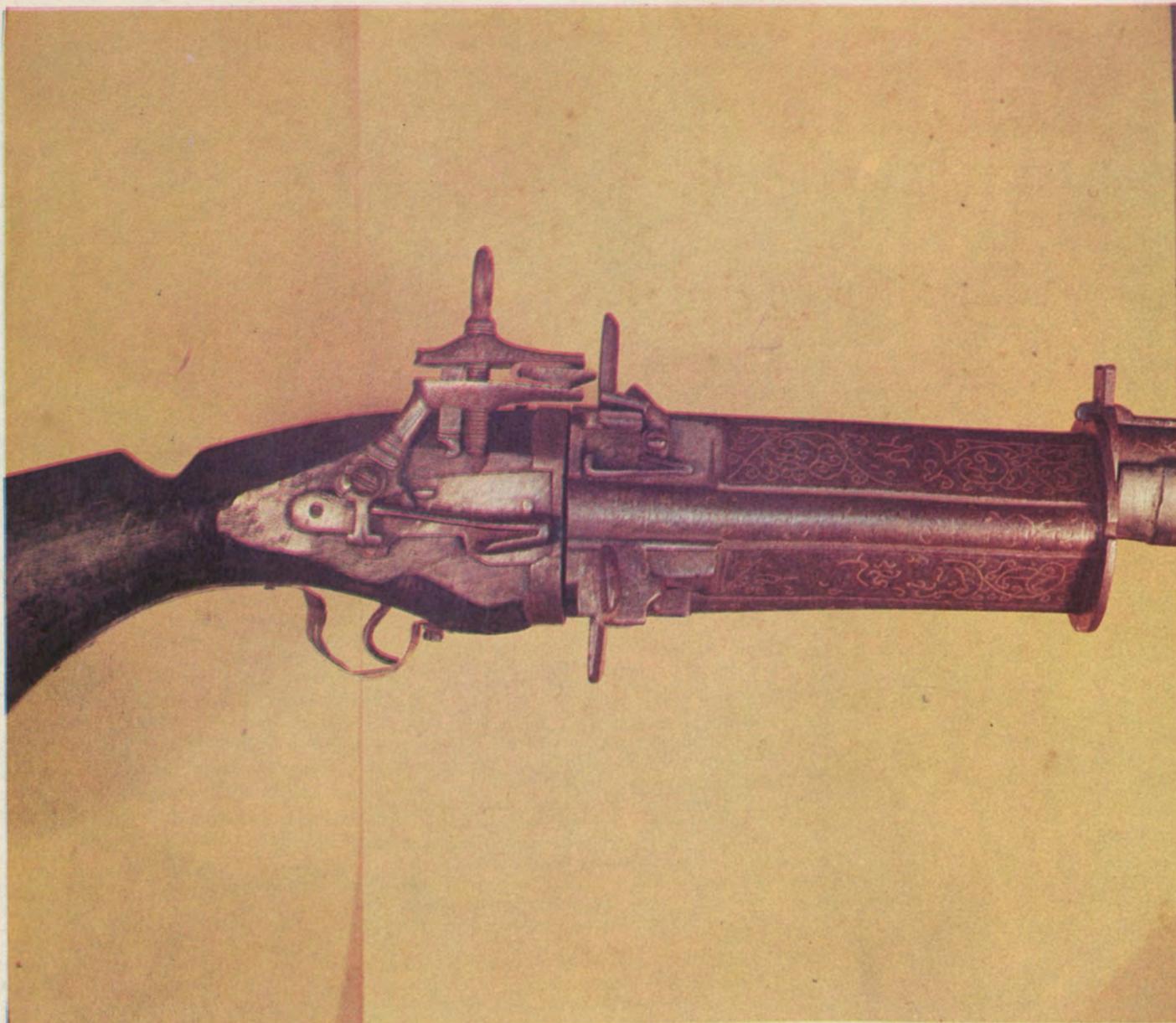
ataca a sabre e lança. Os "méharis", que transportam lanças ornadas com bandeirolas, seguem misturados com os cavaleiros e, pelo seu aspecto e odor, lançam a desordem na cavalaria inimiga, ao mesmo tempo que tambores e címbalos acompanham as cargas com o seu alarido.



Punhal persa com lâmina de aço damasquinado em ouro, punho de marfim esculpido, bainha de prata com rubis e "lapis-lazuli" encrustados.

Mahomé no cerco da cidade de Banu Nadir





## **ARMAS QUE ESCREVERAM A HISTÓRIA DE PORTUGAL**

(2) ESPINGARDA DE TAMBOR PORTUGUESA (Ca. 1660)

---

Obra indo-portuguesa do reinado de D. Afonso VI, manufacturada no arsenal de GOA, equipada com tambor rotativo para 4 tiros.

O arsenal de GOA era conhecido pelas suas armas de fogo com tiro de repetição.

Fabricavam armas de cargas sobrepostas, armas de repetição, armas de tambores rotativos e, até, de tambores rotativos de cargas sobrepostas. Destes trabalhos diversos exemplares estavam guardados na Armaria Real do Paço de Lisboa que se perderam no terramoto de 1755.

Os poucos exemplares ainda existentes mostraram-nos uma fase muito avançada na espingardaria portuguesa que fabricava armas militares sofisticadas nos seus arsenais de LISBOA, GOA e COLOMBO.

---

Jornal **do EXÉRCITO**



MENSÁRIO  
**MARÇO DE 1980**  
15,00

# RAFAEL BORDALO PINHEIRO

## E A CERÂMICA MAIS PORTUGUESA DE PORTUGAL

Coord. de B. P.

Na sequência do aparecimento da geração de 1870 (com Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Antero de Quental, Ramalho Ortigão, etc.) um jovem talentoso viria, anos depois, a revelar-se ao público: RAFAEL BORDALO PINHEIRO. Embora não fosse, propriamente, um dos "homens de 70", a actividade de Bordalo Pinheiro liga-se a essa geração turbulenta, contestatária e eivada dos ideais republicanos e democráticos da segunda metade do século XIX.

Caricaturista notável, levou à cerâmica muito do seu cunho crítico, celebrizando-se como um



Rafael Bordalo Pinheiro.

inovador plástico que da tradição arcaica e popular extraiu motivos renovados de bom gosto e preciosismo alegórico ímpar. As suas faianças ficaram célebres, tornando famosa a indústria artística das Caldas da Rainha, que a sua fábrica popularizou.

Desde as criações de carácter popular, inspiradas em vegetais, fauna marítima, répteis e animais diversos, até às caricaturas de crítica política e social, passando pelos revestimentos de azulejos e as expressões mais vanguardistas do seu tempo, é possível avaliar o talento criador de um artista humano, generoso e sacrificado que, sabendo rir dos revezes da sua própria vida, animou a cerâmica tradicional promovendo e

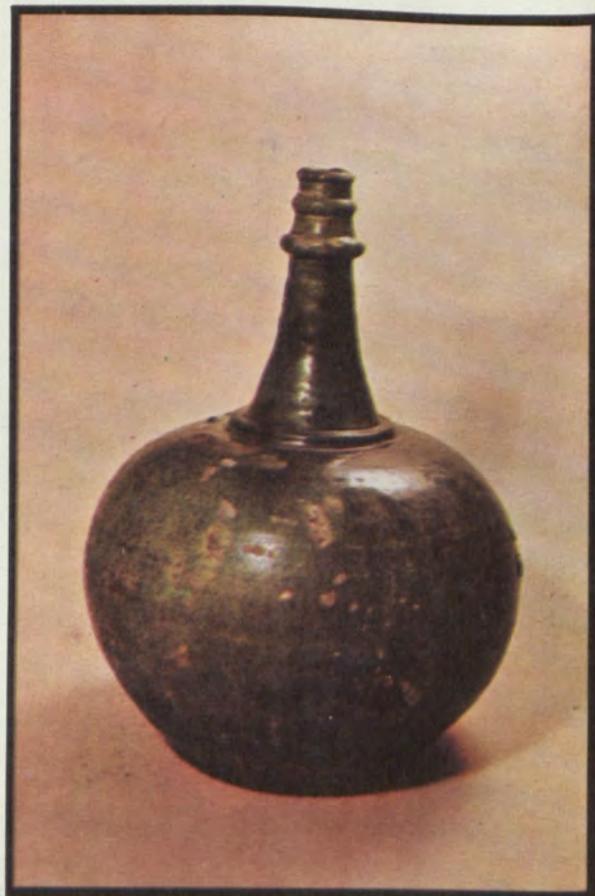


Conjunto de peças revelando as interinfluências regionais.

ensinando operários e colaboradores. Ainda hoje, gostosamente, quem vai de passeio às Caldas de Rainha sente a "fórmula" bem portuguesa deixada pelo artista; "fórmula" que persiste na característica da cerâmica mais requintadamente portuguesa — e não só regional — que alguma falta de renovação não tem deixado espraçar e evoluir como seria de desejar.

A arte de Rafael e, mais tarde, de seu filho Gustavo, tornado por dever o comentador crítico da vida portuguesa — o caricaturista que

Peça de olaria arcaica (garrafa) proveniente do Mosteiro de N.S. da Quietação (Flamenga).



# Jornal do EXÉRCITO

ANO XXI — No. 243 — MENSÁRIO — MARÇO DE 1980

## SUMÁRIO

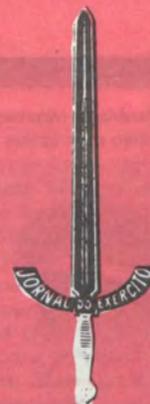
RAFAEL BORDALO PINHEIRO E A CERÂMICA MAIS PORTUGUESA DE PORTUGAL . . . . .	2, 51
EDITORIAL . . . . .	4, 5
FIGURAS E FACTOS . . . . .	6, 7
A IMPRENSA NO NOSSO PAÍS O IMPORTANTE RELATÓRIO DO C.I. . . . .	8, 9
MIRAMUNDO . . . . .	10, 11
JORNAL DO EXÉRCITO 20 ANOS (1960-1980) . . . . .	12, 13
O REGIMENTO DE LANCEIROS DE LISBOA FORÇA DE UMA TRADIÇÃO . . . . .	14, 15
O EXÉRCITO NAS GRANDES CATÁSTROFES (II) . . . . .	16, 17
DIA DAS TRANSMISSÕES . . . . .	18
A ESCOLA PRÁTICA DE TRANSMISSÕES . . . . .	19
APONTAMENTO PARA A HISTÓRIA DO C. COMBATE (XLII) . . . . .	20, 21
FALTA DE SANGUE EM PORTUGAL UM PROBLEMA QUE NOS CUMPRE E URGE RESOLVER . . . . .	22, 23
MONUMENTOS DE EVOCAÇÃO MILITAR . . . . .	24
ANEDOTA . . . . .	25
CAMÕES (SÉRIE), — (Banda Desenhada) . . . . .	26, 27
CIÊNCIA E TÉCNICA . . . . .	28, 29
FILATELIA . . . . .	30
UNIFORMES MILITARES . . . . .	31
PARA QUEM GOSTA DE SABER . . . . .	32, 33
DESPORTO . . . . .	34, 35
ARMAS ANTIGAS . . . . .	36, 37
NUMISMÁTICA . . . . .	38
MODELISMO . . . . .	39
CINEMA . . . . .	40
RECREIO . . . . .	41
PUBLICAÇÕES . . . . .	43
INTERNACIONAL — NOVAS TÉCNICAS . . . . .	44
LIVROS . . . . .	47
AS UNIDADES DE ENGENHARIA MILITAR: O REGIMENTO DE ENGENHARIA DE ESPANHA . . . . .	48, 49
LEGISLAÇÃO . . . . .	50
ARMAS QUE ESCREVERAM A HISTÓRIA DE PORTUGAL . . . . .	51

Os artigos e secções assinados exprimem a opinião dos seus autores e não reflectem, necessariamente, um ponto de vista oficial. Os artigos e secções não assinados são da responsabilidade da Direcção.



### A NOSSA CAPA

Batalha d'Arcis-sur-Aure (20 de  
Março de 1814  
Pormenor do quadro do pintor  
bávaro Peter Hess.



ORGÃO DE INFORMAÇÃO  
CULTURA E RECREIO  
DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

Director:  
CORONEL FERNANDO  
GODOFREDO DA  
COSTA NOGUEIRA DE FREITAS

Chefe de Redacção:  
COR. CARLOS M. BARÃO PINTO

Orientação Gráfica:  
Dr. GABRIEL FERRÃO

Propriedade do  
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Largo da Graça, 94  
1100 Lisboa  
Telefone 87 03 55

DISTRIBUIÇÃO:  
PORTUGAL CONTINENTAL, INSULAR  
E NÚCLEOS PORTUGUESES NO ES-  
TRANGEIRO

NÚMERO AVULSO . . . . . 15\$00

ASSINATURAS ANUAIS  
(12 números)

VIA SUPERFÍCIE  
— Continente e Ilhas . . . . . 150\$00  
— Espanha, Macau e África  
de expressão Portuguesa . . . . . 190\$00  
— Restantes Países . . . . . 350\$00

VIA AÉREA  
— Ao preço da assinatura por via superfície  
será acrescida a respectiva taxa de porte por  
avião.

NÚMEROS ATRASADOS . . . . . 15\$00



PORTE  
PAGO

NOTA: As despesas de cobrança no domicílio  
são por conta do Assinante.  
Tiragem: 10.000 exemplares.

Execução Gráfica: União Gráfica, S.A.R.L.  
Rua de Santa Marta, 48  
Lisboa 1100



# POSSE DO NOVO COMANDANTE DA R.M.S.

EXCM.º SENHOR BRIGADEIRO  
TRINDADE LIMA

Assumindo hoje o Comando da Região Militar do Sul, manifesto publicamente, meu Comandante, a honra que tive em servir sob o comando de V. Exa.

A velha amizade que se tem por um camarada na verdadeira acepção da palavra, vem agora somar-se o respeito e admiração nascidos do testemunho constante das suas elevadas qualidades. A forma como exerceu a função do Comando desta Região Militar, obriga-nos a todos, e os camaradas permitam-me que os represente agora, a expressar-lhe o nosso apreço, pelo assinalável contributo ao prestígio da R.M.S. e do Exército.

Este acto consiste num normal render de serviço, dado que foi cometida a V. Exa. nova missão. Em meu nome e no de todo o pessoal que nesta Região serviu sob o seu Comando, os nossos melhores desejos de felicidades.

A V. Exas., digníssimas autoridades, ao dignarem-se estar presentes neste acto, os meus mais cordiais agradecimentos.

As nossas tarefas específicas não decorrem em compartimentos estanques, convergem num objectivo comum ao serviço do Povo e da dignificação da Pátria. Desde já me comprometo à maior colaboração.

Neste momento saúdo de forma muito especial os Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis que sob o meu Comando irão servir nesta Região Militar, apelando para o vosso sentido do dever, entusiasmo e orgulho no Exército que, e mais devotadamente, devem servir.

No momento actual teremos que manter a maior serenidade perante os ataques de que tem

sido alvo a Instituição Militar, sem se dar conta de que ao atingir-se o Exército se está a atingir o próprio Povo. O Exército mais não é que a expressão material da vontade de um Povo em ser livre e soberano: Um Povo não pode deixar de se rever no seu Exército e dele se orgulhar. Se assim não fosse, estaria a autodestruir-se, porque o Exército é efectivamente o Povo em armas. Não é pois o Povo que nos ataca, mas sim corifeus da destruição, pseudo-intelectuais e frustrados. Para esses, as virtudes militares e os valores que cimentam o patriotismo são incómodos, porque quem nos calunia é destituído de qualquer virtude ou valor.

"Suprimi as virtudes militares e toda a sociedade civil ruirá". Citei Anatole France, um insuspeito civilista.

Os Exércitos deverão constituir a ossatura moral das Nações. Mesmo quando todas as outras organizações desfaleçam no colapso extremo, serão eles os últimos a sentir bater o coração da Pátria.

Os ataques ao Exército convergem de diferentes quadrantes. Uns pelo que se fez e não se devia ter feito. Outros pelo que se fez e se deixou de fazer. Ambos erram. Ao Exército, no seu todo, não se podem assacar tais culpas. Ele foi o intérprete de um imperativo histórico consequente da acumulação de erros passados.

Em 25 ABR 74 o Exército, perante um colapso extremo, respondeu "Pronto" em apoio de uma alternativa patriótica, realista e inadiável. Porém, no período conturbado que se seguiu, alguns militares, circunstancialmente saídos do anonimato, atraíram os compromissos inicialmente tomados. Foram enaltecidos e tornados mitos, quando perverteram o objectivo patriótico que competia à Instituição Militar, que



consistia apenas na garantia da Institucionalização da Democracia, que permitiria que em liberdade o Povo expressasse a sua opção, para que se consolidassem os órgãos de soberania resultantes e necessários ao exercício de poder político legítimo. Ao pretenderem impor conceitos apenas sectoriais e minoritários, mascararam-se de pseudo-revolucionários, e a coberto da cobardia e incapacidade dos mais altos escalões de comando de então, manifestaram inelutavelmente a sua deficiente formação militar, a sua baixaza de carácter, corrupção, vedetismo, elitismo e militarismo. E se afirmo: alguns militares, pergunto: quantos civis?

Foram horas difíceis e dolorosas, em que estremeceram os fundamentos do Exército e as raízes da Patria.

Após essa tentação totalitária, felizmente impedida em 25 NOV 75, tendo o Exército novamente assumido as suas responsabilidades, uma iníqua tentação conciliatória origina que se vaticine que se passe uma esponja sobre o passado recente. O cumprimento das leis legítimas a que somos obrigados não pode, porém, originar que o mais alto comando responsável, de acordo com princípios estatutários, se alie de que casos morais, de dignidade, de isenção e de idoneidade profissional são factores de análise para a manutenção ou afastamento da efectividade do serviço.

As armas dos militares foram-lhes confiadas pela Nação. Não são sua propriedade. Do potencial e força que daí advém nunca pode resultar influência ou acção em proveito de meras opiniões ou opções pessoais. O Povo é muito mais que algumas parcelas, mesmo que organizadas e orquestradas, e que se constituem apenas na expressão dos interesses de grupos específicos. Os militares têm que ter a lucidez e a serenidade de se colocarem à parte de tudo isto.

Por isso é que a formação militar e cívica deve ser a nossa primeira preocupação, devendo ser prioritária relativamente à preparação técnica.

Naquele aspecto se integra a Disciplina, primeiro requisito para o eficiente funcionamento da Instituição Militar.

A grandeza militar conquista-se através da humildade, disciplina, isenção, espírito de sacrifício e integral subordinação aos órgãos de soberania legitimados pela vontade popular. Deles deve emanar a nossa missão exercida através de uma cadeia de comando coesa, solidamente estruturada e bem definida.

Por cadeia de comando deve entender-se a série de escalões de comando através dos quais se processa a autoridade, a informação ascendente e descendente e são dadas as ordens. Uma cadeia de comando bem delineada contribui para a hierarquização da "autoridade" e definição de responsabilidades e para a execução do controlo. Nenhum Exército é eficiente sem uma bem definida cadeia de comando, o que implica:

- que seja delegada nos comandos subordinados autoridade suficiente para que possam cumprir as tarefas por que são responsáveis;
- que sejam fixadas perfeitamente as responsabilidades de cada escalão;
- que cada executante saiba claramente perante quem é responsável;
- que cada executante se integre através do seu comandante imediato;
- que cada executante não receba ordens senão de um único superior hierárquico.

Assim, é incontroverso que o exercício de comando em cada escalão é desempenhado por uma só pessoa que é inteiramente responsável e terá que decidir, em cada situação, com a res-

ponsabilidade que lhe é inerente, em pleno uso da sua liberdade.

A disciplina, lealdade e confiança são cultivadas ao longo desta cadeia de comando, que deverá assumir a sua plenitude, liberta de órgãos colegiais com preconceitos político-militares impeditivos da clarificação indispensável duma sociedade que, por se querer progressiva, terá que ser não militarizada para ser Democrática.

Ao longo desta Cadeia de Comando, nos sucessivos níveis, se constituem os elos de onde emanam a autoridade e a exclusiva representatividade, as ordens no sentido descendente para o cumprimento da missão superiormente determinada e a expressão de sentir, das necessidades e direitos dos subordinados no sentido ascendente.

Comandar é:

- cumprir a missão, dirigindo homens de forma a conquistar a sua vontade de obedecer, confiança, respeito e colaboração leal.

- zelar pelos direitos dos subordinados, pelo bem-estar dos seus homens, não propriamente sob um mero aspecto material ou inconsequente sentido reivindicativo, mas sob o ponto de vista de relações humanas na criação das condições propícias à formação de espírito de corpo, e consequente espírito de missão.

Comandar ou ser comandado é sempre servir conjuntamente, e se serviços há a prestar a outrem será sempre o Comandante para a Pátria que serve e para os seus comandados.

Estes são, em especial, os princípios que norteiam a minha acção de comando, definindo o esforço a exercer no sentido de se conseguir um elevado nível de instrução e uma apropriação sistemática das instalações disponíveis, em vista a obter-se adequadas condições de funcionalidade e bem-estar do pessoal, para que se atinja um elevado grau de operacionalidade.

Congratulo-me por ter a meu lado, tomando posse da função de 2o. Comandante da R.M.S., o Exmo. Brigadeiro Estorninho. Para além da longa e grande amizade que nos liga, é um camarada de armas distintíssimo, de sólida formação moral e militar, isenção e elevada competência. A V. Exa. manifesto a minha total confiança e os desejos das maiores felicidades no cumprimento da sua nova missão.

Na área da R.M.S. mantêm-se problemas decorrentes de uma peculiar situação socio-económica e política que, a manter-se, não concor-

rerá para a recuperação nacional nem para a melhoria da justiça social nem para o bem-estar das populações.

Manter-nos-emos fiéis aos verdadeiros ideais de Abril, visando assegurar a restauração da liberdade e a institucionalização de um Sistema Político Democrático; mas nenhum compromisso nos liga àqueles que num passado recente se aventuraram numa tentativa de realização de um projecto não popular, porque à margem de uma expressa opção; golpista, porque à margem da lei; militarista, porque pela força das armas utilizadas ilegitimamente.

Distinguimos nitidamente todo o processo, bem claro aos nossos olhos, de desrespeito pela lei democrática, de alienação das consciências, de intimidação do indivíduo, de manipulação colectiva e provocação insistente à Ordem Democrática.

Observamos como no dia-a-dia, no integral cumprimento das ordens emanadas pelos órgãos democráticos de soberania, as Forças de Segurança se empenham no cumprimento das Leis aprovadas e das tarefas que os órgãos de soberania lhes fixam. A dignidade, isenção, espírito de missão e eficiência manifestados têm sido exemplares e merecedores de admiração e apreço. Tanto mais que por vezes é realizada em situações particularmente difíceis e que ultrapassam a capacidade de paciência humana.

Desejamos inteiramente apaziguada a vida das populações onde estamos inseridos. Que seja tomada consciência individual e colectiva dos reais objectivos a atingir, em liberdade e processamento democrático. Estamos atentos ao evoluir da situação, sem interferir porque não nos compete, mas preparados para apoiar, se necessário, o cumprimento da Lei do Estado Democrático, porque constituímos, na Ordem Democrática Interna, o último recurso na garantia do regular funcionamento das Instituições e do cumprimento da Lei da República.

Cumpriremos inequivocamente as ordens transmitidas através da Cadeia de Comando e emanadas dos Órgãos de Soberania Legítimos, no integral respeito pela divisa desta Região Militar: "Vigilância e Fidelidade".

Évora, 23 JAN 1980  
Ricardo Fernando Ferreira Durão  
BRIGADEIRO



# FIGURAS E FACTOS



## PRESIDENTE DA REPÚBLICA CONDECORA O GENERAL GUNDERSEN

Tendo deixado recentemente as funções de presidente do Comité Militar da NATO, o General Herman Gundersen efectuou uma visita ao nosso país, entre os dias 11 e 13 de Fevereiro, com a finalidade de apresentar cumprimentos de despedida às autoridades portuguesas. No decorrer do dia 11 foi recebido pelo Ministro da Defesa e apresentou cumprimentos ao CEMA e ao CEME. O dia 12 foi dedicado à visita à 1a. BMI em Santa Margarida e ao COMIBERLANT em Oeiras. Na tarde deste mesmo dia foi recebido pelo Presidente da República, General Ramalho Eanes, que o honrou com um jantar no Forte de S. Julião da Barra, no decorrer do qual o Sr. Presidente da República, após proferir importante discurso, condecorou o General Gundersen com as insígnias da Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique.



## CRUZ VERMELHA PORTUGUESA 115 ANOS

Data de 11 de Fevereiro de 1865 a fundação da Cruz Vermelha Portuguesa, a sétima organização a aderir ao ideal lançado por Henry Durant na Conferência de Genebra em 1864.

A assinalar este 115o. aniversário realizou-se na sede da CVP em Lisboa, uma sessão comemorativa que teve a presidência, em representação do Ministro da Defesa, o Brigadeiro Fernandes Tender, actual presidente daquela organização humanitária, e a que estiveram presentes, entre outras autoridades civis e militares, a Secretária de Estado da Família e o Embaixador da Suíça em Lisboa.

Além do seu presidente, usaram da palavra aquele membro do Governo, que sublinhou a contribuição da organização, em prol das populações carecidas de auxílio nos mais diversos campos, e o Doutor Luís Crucho de Almeida, professor da Universidade Católica, que proferiu uma conferência subordinada ao tema "O Direito Internacional nos conflitos armados". No final da cerimónia foram distinguidas diversas pessoas que têm prestado relevantes serviços à CVP.

## ASSOCIAÇÃO DE COMANDOS

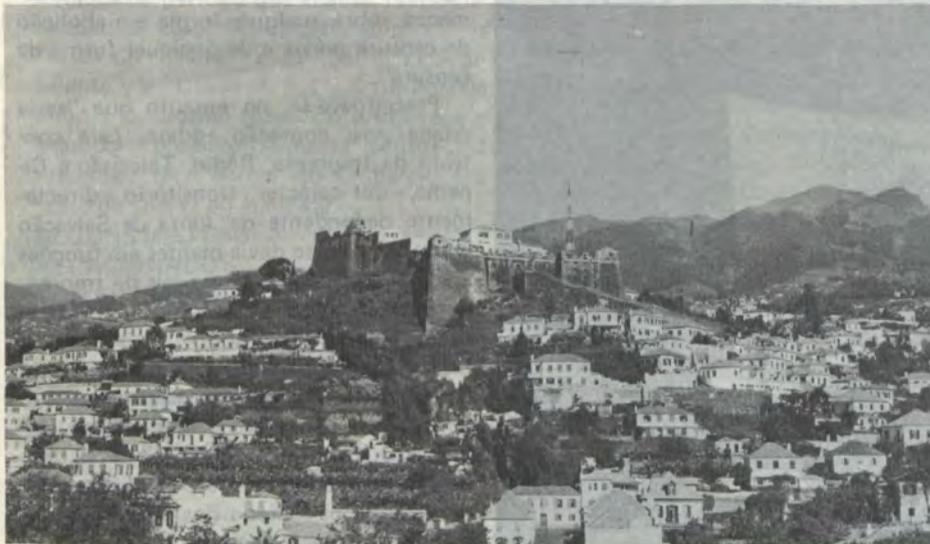
A Associação Nacional de Comandos inaugurou no dia 2 de Fevereiro a sua delegação na Madeira. Para a respectiva cerimónia deslocou-se ao Funchal, além de muitos associados do Continente, o seu presidente nacional, Brigadeiro Soares Carneiro, tendo estado presentes as autoridades representativas daquela Região Autónoma.

## PROMOÇÕES A OFICIAL GENERAL

Na reunião do Conselho da Revolução realizada em 15 FEV 80 foi deliberado promover os seguintes oficiais: A General, os Brigadeiros António Avelino Pereira Pinto, Domingos Américo Pires Tavares, António da Silva Osório Soares Carneiro e Manuel Ribeiro Franco Charais; a Brigadeiro, os Coronéis Carlos Manuel de Azeredo P. Melo e Leme, de Cavalaria, Fernando Oliveira Pinto, de Transmissões, Luís Fernando Dias Correia da Cruz, de Infantaria, João de Almeida Bruno, de Cavalaria, e Baltazar António de Morais Barroco, de Engenharia.

## 177o. ANIVERSÁRIO DO COLÉGIO MILITAR

A assinalar mais um aniversário da sua fundação, o Colégio Militar promoveu diversas cerimónias comemorativas, nos dias 1 e 2 do corrente, a que presidiu o Vice-CEME, General Duarte Silva, em representação do CEME. Do programa do dia 1 destacaram-se a formatura geral do Batalhão Colegial, seguida de desfile perante o busto do fundador do Colégio, e a inauguração de uma Exposição de Uniformologia, Iconografia e Modelismo Histórico Militar que despertou o maior interesse. No dia 2 teve especial relevância o tradicional desfile dos "Meninos da Luz" na Avenida da Liberdade.



## DOS AÇORES

Do Boletim do SIIRP do Comando Chefe das Forças Armadas nos Açores, distribuído aos órgãos de comunicação social, extraímos um resumo da actividade desenvolvida pelos três ramos das Forças Armadas em prol das populações daquele arquipélago, durante o 4o. trimestre de 1979.

Pelo Exército foi cedido alojamento e transporte a diversas agremiações recreativas e desportivas, organismos oficiais e particulares; participou em trabalhos de arranjo de estradas e electrificação de diversas povoações; pela Engenharia Militar foram concluídos os trabalhos da pista de aviação da Ilha do Pico; foi cedida uma

ambulância à organização do "Rally de Inverno" e numerosos militares ofereceram sangue ao Hospital de Angra do Heroísmo.

Pela Marinha o apoio prestado incidiu em especial no transporte inter-ilhas num total de cerca de 9.000 toneladas. Destacaram-se o transporte de material pesado de construção da Horta para as Velas de S. Jorge e S. Roque do Pico, a deslocação de pessoal técnico dos CTT e do INIP e o transporte de 153 passageiros.

A Força Aérea executou as mais variadas missões de auxílio com os meios aéreos de que dispõe no arquipélago. Assim, os "Aviocares" e os "Pumas" realizaram um total de 153 missões, nas quais transportou diverso material (32.108 Kg

de carga e 489 Kg de correio), procedeu a 32 evacuações sanitárias e transportou 2.184 passageiros.

## EFEMÉRIDES MILITARES MARÇO

1 - 1476 - BATALHA DO TORO, em Espanha, célebre pelo feito de D. Duarte de Almeida que, apesar dos espanhóis lhe haverem decepado as mãos, defendeu até à morte o estandarte de Portugal.

3 - 1906 - Criação da COMPANHIA PORTUGUESA DE VOLUNTÁRIOS DE XANGAI (vide J.E. No. 149 - MAI 72) - DIA DO COLÉGIO MILITAR - DIA DO BATALHÃO DE SERVIÇO DE MATERIAL

4 - 1394 - Nasce, no Porto, o Infante D. Henrique.

8 - DIA DO SERVIÇO DE SAÚDE MILITAR.

9 - 1899 - Criação oficial do INSTITUTO DE ODIVELAS, então com a designação de INSTITUTO INFANTE D. AFONSO.

10 - 1927 - Início da TRAVESSIA DO ATLÂNTICO SUL, DE NOITE, POR SARMENTO BEIRES. Terminou em 17.3.27.

13 - DIA DO REGIMENTO DE CAVALARIA DE SANTA MARGARIDA

14 - 1793 - Nasce, na vila fronteiriça de VALENÇA, o GEN. FRANCISCO XAVIER DA SILVA PEREIRA, Conde das Antas, que se distinguiu na Guerra Peninsular, na defesa da cidade do Porto e durante as lutas civis de 1846-1848, combatendo pelo Partido Popular.

15 - 1147 - Tomada de Santarém aos mouros por D. AFONSO HENRIQUES

19 - DIA DO REGIMENTO DE INFANTARIA DE VISEU

- DIA DO HOSPITAL MILITAR REGIONAL No. 2

20 - DIA DO BATALHÃO DE INFANTARIA DE AVEIRO

21/25 - DIA DO BATALHÃO DE INFANTARIA DE CHAVES

22 - 1921 - Primeira ligação aérea LISBOA-FUNCHAL por Gago Coutinho, Sacadura Cabral, Ortins de Bettencourt e o mecânico Rofer Soubiran; foi o prelúdio da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, realizada um ano mais tarde.

24 - DIA DAS TRANSMISSÕES

27 - 1211 - Morre D. Sancho I, "O Povoador".

30 - 1922 - TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL por Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

31 - DIA DO BATALHÃO DE RECONHECIMENTO DE TRANSMISSÕES.

# A IMPRENSA NO NOSSO PAIS

## O IMPORTANTE RELATÓRIO DO CONSELHO DE IMPRENSA

Por NUNO VASCO

O Conselho de Imprensa, órgão dependente da Assembleia da República, acaba de divulgar o seu primeiro relatório respeitante à situação da Imprensa no nosso país. Isto mesmo se encontra preceituado na Lei de Imprensa, tendo o Conselho deliberado que o referido relatório respeitasse aos vinte e seis meses decorridos entre o 25 de Abril de 1974 e Julho de 1976. Ao longo do artigo que se segue iremos referir-nos a este documento, que se pode considerar do maior interesse público.

A abrir o relatório, o Conselho de Imprensa explica que não teve ocasião de redigir o referido documento durante o ano de 1975. Por outro lado, pareceu-lhe útil englobar na sua apreciação as várias fases por que passou a Imprensa portuguesa durante o processo revolucionário. Assim, o Conselho de Imprensa salienta

que "o primeiro aspecto a destacar, imediatamente a seguir ao 25 de Abril, é o da abolição da Censura, nesse mesmo dia, quando ainda se não confirmara a virória do movimento militar".

De facto, durante quarenta e oito anos, os jornais tinham sido obrigados a submeter, previamente, aos serviços de Censura/Exame Prévio, as provas tipográficas do que tencionavam publicar. Em certos casos eram até exigidas provas de página. Da mesma forma, a criação de empresas jornalísticas e editoriais, assim como a nomeação dos directores, dependia de prévia autorização dos serviços de Censura.

Salienta o Conselho de Imprensa que "se conhecem os efeitos nocivos da Censura não apenas sobre o exercício das liberdades, garantias e direitos individuais dos cidadãos, mas também sobre a própria informação em geral". Assim, refere, "afigura-se indispensável ter sempre presentes esses efeitos para uma melhor compreensão do pós-25 de Abril no sector da Informação".

O relatório do Conselho de Imprensa debruça-se, depois, sobre as primeiras transformações na Imprensa, decorrentes do programa do MFA, em que se consignava "a liberdade de expressão e pensamento sobre qualquer forma e a abolição de censura prévia e de qualquer forma de censura".

Preceituava-se, no entanto que "seria criada uma comissão ad-hoc, para controlo da Imprensa, Rádio, Televisão e Cinema, de carácter transitório, directamente dependente da Junta de Salvação Nacional, que se devia manter em funções até à publicação de novas leis de Imprensa, Rádio, Televisão, Teatro e Cinema pelo futuro Governo Provisório".

Só que, daí para a frente, o movimento dos trabalhadores da Informação pela conquista de uma efectiva liberdade de Imprensa se transforma numa bola de neve que vai crescendo de dia para dia, somando pontos, na maioria dos casos, mas cometendo, também, muitos erros.

"CASOS" E MAIS "CASOS"...

"Poucos dias depois do 25 de Abril — refere o relatório do Conselho de Imprensa — assiste-se a uma reacção dos trabalhadores da Informação contra as pessoas que até ali ocupavam lugares de direcção nos jornais."

Depois, é um extenso rol de acontecimentos: dá-se a primeira crise em "O Século" e a greve no "Jornal do Comércio". Os diários "Época" e "Novidades" desaparecem. A ANI e a Lusitânia são extintas. É nomeada a Comissão Ad-Hoc para a Imprensa, cujas actuações são desde logo criticadas pelos trabalhadores dos órgãos de Comunicação Social. Em 26 de Fevereiro de 1975 é finalmente publicada



a Lei de Imprensa — considerada por alguns sectores como uma das mais liberais e avançadas do mundo. Dão-se as nacionalizações e as suas consequências na Imprensa. Seguem-se o “caso República”, o impedimento, por parte de trabalhadores de “O Século”, da distribuição do livro “Radiografia Militar”, da autoria do Major Manuel Barão da Cunha, antigo colaborador do “Jornal do Exército”; o “caso dos 24 jornalistas do Diário de Notícias”; surge o Projecto Jesuíno, em que se pretendia instaurar um sistema de sanções administrativas à Imprensa e uma Comissão de Análise dos Meios de Comunicação Social, constituída por militares. O projecto não vai para a frente mas, em compensação, surge a Lei 5/75, conhecida por Lei da Censura Militar, que concedia ao Conselho da Revolução a possibilidade de aplicar sanções, por via administrativa, à Imprensa e limitar o acesso às fontes de informação. A reacção dos jornalistas a esta lei foi tão violenta que alguns dias depois o texto seria revogado sem nunca ter sido aplicado.

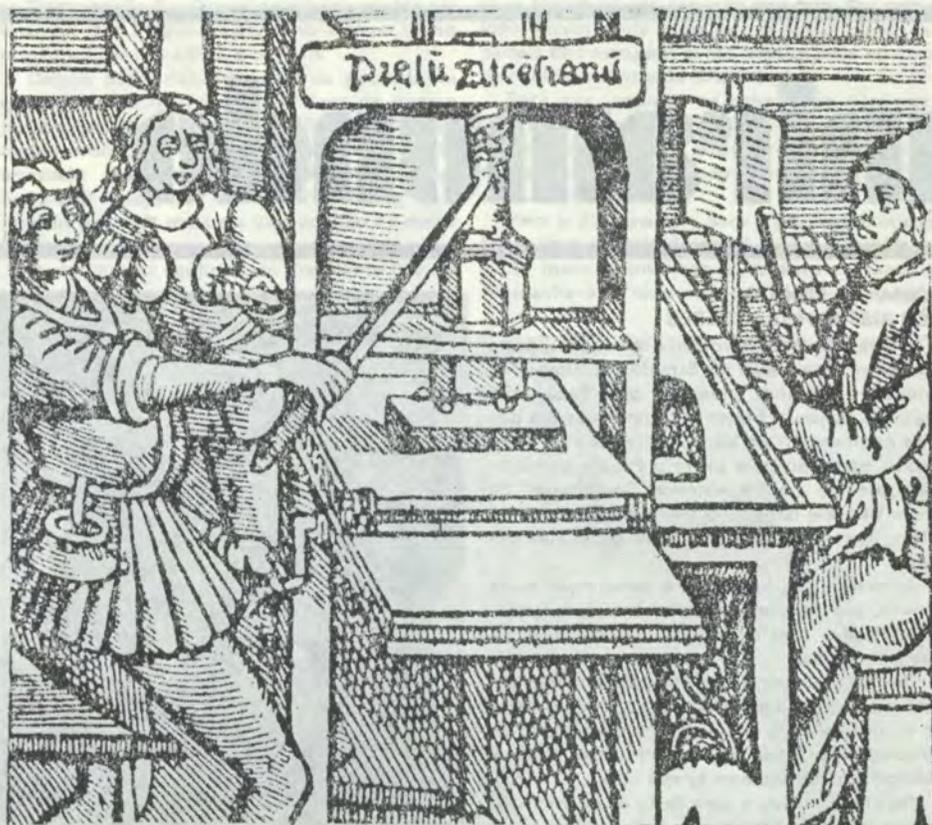
O relatório do Conselho de Imprensa a que nos vimos reportando refere ainda, com pormenor, outros casos de Imprensa surgidos no período que analisa, nomeadamente “o caso Ferreira da Cunha”, os “casos do “Diabo” e do “Sol”, “O Setubalense”, o “Diário do Sul”, Artur Portela Filho e o “Jornal Novo”; o primeiro e o segundo “projecto Almeida Santos”; a suspensão do “Jornal do Comércio”; o “caso do Diário do Alentejo”.

#### ALGUNS MILITARES RELACIONADOS COM ESTE PERÍODO

Trabalho de grande fôlego e de imenso interesse para a história do jornalismo contemporâneo este relatório do Conselho de Imprensa aborda ainda, para além da Situação Política da Informação, uma caracterização da Imprensa Diária e Não-Diária, a Situação Financeira das Empresas, o Comportamento Deontológico da Imprensa, a Concentração das Empresas Jornalísticas, os Crimes de Imprensa; a Actividade do Conselho de Imprensa, declarações de voto dos seus membros e dez anexos de legislação.

As Forças Armadas, através do Conselho da Revolução ou pelo empenhamento individual de alguns dos seus membros, estão muito directamente relacionadas com este período da vida da Imprensa portuguesa, em particular, e dos Órgãos de Comunicação Social, na generalidade.

A título de exemplo do que se afirma, note-se que o relatório do Conselho de Informação cita, entre outros, os seguintes nomes de elementos das Forças Armadas: Major Vítor Alves, Coronel Jorge Pereira de Carvalho, Tenente-Coronel Infante, Major Ramalho Eanes, Coronel Amâncio



da Conceição Ferreira, Major António de Almeida Correia, Capitão Santa-Clara Gomes, Major António Namorado Freire, Major Mariz Fernandes, Major Sanches Osório, Capitão Barbeitos, Major Aventino Teixeira, Major Oliveira Rego, Coronel Marcelino Marques, Tenente-Coronel Ferreira da Cunha, Coronel Daniel Sarsfield Rodrigues, Coronel José Rodrigues Mota, Coronel Mário de Carvalho Andrea, Major Francisco Farrusco Júnior, Coronel Ludgero França de Carvalho, Capitão António Oliveira Torres, Capitão de Fragata Correia Jesuíno, Capitão-de-Mar-e-Guerra Manuel Lopes Mendonça, Capitão-Tenente Daniel Rodrigues, Primeiro-Tenente Lobo de Oliveira, Segundo-Tenente Cunha Lauret, Comandante Rui Montês, Capitão-de-Fragata Guilherme Conceição e Silva, Primeiro-Tenente Tito Cerqueira, Primeiro-Tenente Henrique Alexandre da Fonseca; Capitão Santos Silva, Capitão Tomás Rosa e Major Costa Martins.

#### EXTRACTOS DAS DECLARAÇÕES DE VOTO

Das declarações de voto dos membros do Conselho de Imprensa ao relatório agora publicado, pensamos ser de interesse salientar, em fecho deste artigo, os seguintes extractos:

*Francisco Pinto Balsemão* — (...) não se pode dizer que “a maioria dos jornais constituiu, especialmente durante os períodos mais agudos do processo revolucionário, um serviço imprescindível para

uma massa de leitores verdadeiramente inabitual”, mesmo que a seguir se afirme “com destaque para aqueles que se mostravam independentes dos órgãos do poder”. Foram uma *Majoria*, como resulta com clareza de outros passos do relatório, os jornais que prestaram esse “serviço imprescindível”, pois, se contam pelos dedos os periódicos cujos jornalistas conseguiram resistir às tentativas de instrumentalização e vencer o medo que o pseudo-progressismo fez reinar em Portugal, durante largos meses, mostrando-se à altura da sua missão e prestigiando, pela sua oposição aos processos jornalísticos seguidos pela maioria, o papel que a Imprensa deve desempenhar numa sociedade democrática”.

*José Santa-Clara Gomes* — (...) Considero que a publicação do Relatório será um dado importantíssimo para o estudo da nossa história recente e que contribuirá, decerto, para a formação cívica dos cidadãos.

*Maria Antónia Palla* — (...) o presente relatório permite concluir que a liberdade de Imprensa, consignada na Lei e na Constituição, foi violada em inúmeras circunstâncias.

*Luísa Dacosta* — (...) tudo isto prova a necessidade e a importância de um órgão como o Conselho de Imprensa. Pela força moral que lhe advém de ser constituído por membros não remunerados, o Conselho representa um espaço cívico onde tem sido possível defender a liberdade de Imprensa face ao poder político e económico e uma Imprensa digna que é devida ao povo.



## ROMA — O SÍNODO DOS BISPOS HOLANDESES

A Igreja holandesa voltou a ser notícia, desta vez com a realização do Sínodo dos bispos holandeses em Roma, presidido pelo Papa João Paulo II. Sendo o Episcopado holandês um dos mais controversos da Europa, e tendo sido o seu Sínodo, presidido pelo próprio Papa — possibilidade prevista na "Apostólico Sollicitude" de Paulo VI — ele constituiu um acontecimento de relevo, tanto nos meios eclesiais como fora deles.

As razões que justificam a convocação deste Sínodo, sua especial importância e repercussão, estão ligadas com a evolução pós-conciliar da Igreja holandesa.

De facto, fortemente influenciada pelo Vaticano II, a Igreja holandesa iniciou um processo de renovação a vários níveis, num ambiente de características específicas que, de certo modo, a distinguem das restantes Igrejas locais.

Assiste-se, assim, a uma forte consciência do laicado holandês com profundos conhecimentos de teologia, encontrando-se leigos empenhados na Pastoral a todos os níveis; à secularização da vida do padre e a uma crise de identidade do ministério sacerdotal; à quebra da unidade do Episcopado (há três anos que o Episcopado holandês não tomava posições conjuntas); bem como a uma leitura do Vaticano II demasiado presa a aspectos parciais, não se tendo em conta a necessidade de uma identidade católica em que o Concílio insiste.

Nesta Igreja em que o afã de renovação tinha levado a experiências "curiosas" — concelebrações de padres e leigos; padres casados man-



tidos à frente das paróquias — este Sínodo impunha-se no pontificado de um Papa que pretende "arrumar a casa".

O Sínodo foi realizado sob o signo da comunhão: colegialidade entre os bispos, ameaçada desde a ordenação dos bispos Simenis e Gijzen por Paulo VI, bispos estes que contrariamente ao restante episcopado holandês, têm uma posição muito firme no que diz respeito à moral e à hierarquia; unidade entre os bispos e o Papa; e entre estes e os seus fiéis, com a Assunção da sua qualidade de pastores e doutores da Fé, e a

reafirmação da hierarquia tradicional distinguindo os diferentes ministérios existente dentro da Igreja, com as suas especificidades próprias.

A estes problemas pretende o documento final senão responder ou solucionar, pelo menos equacionar e apontar pistas de solução, reafirmando valores fundamentais da Igreja católica.

O que mudará na Igreja holandesa e em que sentido? Pergunta a que só o tempo poderá dar resposta, ficando-nos no entanto a convicção de que este Sínodo constitui um marco histórico na Igreja holandesa e quiçá na Igreja Universal.

## ESPAÑA NA OTAN?

Após regressar de uma visita à República Federal Alemã, o ministro da Defesa espanhol, General Gutierrez Mellado, afirmou que a Espanha devia começar a pensar na necessidade de ingressar na OTAN.

O ingresso da Espanha na OTAN consta do programa do governo de Suarez e foi recentemente apoiado pelo secretário-geral da Aliança, Joseph Luns. Não partilham da mesma opinião os partidos da oposição, que consideraram o gesto como uma "intolerável intromissão nos assuntos internos espanhóis".

Recorde-se, a propósito, que a eventual admissão na organização depara com enormes dificuldades de natureza política — os países do

Pacto de Varsóvia, nomeadamente a URSS, já se pronunciaram contra, fazendo mesmo algumas ameaças de represálias — que incluem o problema do enclave de Gibraltar, ainda hoje governado pela Grã-Bretanha.

## TURQUIA NA CEE

A Turquia anunciou em Bruxelas, algo surpreendentemente, que apresentará no fim deste ano a sua candidatura à adesão ao Mercado Comum Europeu. A posição turca alterou-se com o governo de Demirel, que pediu a anulação do pedido de congelamento das relações económicas e comerciais do seu país com o Mercado Comum, feito pelo seu antecessor Ecevit, pedindo ainda o reatamento da associação nos planos político, económico e financeiro.

A adesão acarretará a consideração de importantes problemas para os países da comunidade: a Turquia tem um nível de vida que se situa muito abaixo da média comunitária; a CEE tem recusado obstinadamente a livre circulação de trabalhadores turcos; a sua agricultura virá a fazer concorrência aos dois países mediterrânicos, a França e a Itália.

A eventual presença da Turquia, juntando-se à do seu rival histórico, a Grécia, pode eventualmente acarretar novos e graves problemas à Comunidade.



## O FIM DAS EMBAIXADAS?

A embaixada espanhola, na Guatemala, foi ocupada em princípios de Fevereiro, por um grupo de camponeses que fizeram vários reféns, como protesto contra a repressão do governo. Enquanto decorriam as negociações entre o embaixador espanhol e os camponeses, forças policiais guatemaltecas invadiram a embaixada, provocando a morte de vinte e nove pessoas.

Na sequência deste acontecimento, que violou manifestamente a imunidade da missão di-





plomática espanhola na Guatemala, a Espanha cortou relações com este país, encarregando-se a Venezuela dos seus negócios junto da Guatemala.

Alguns dias depois deste trágico acontecimento, a embaixada da Espanha em São Salvador foi ocupada por guerrilheiros de extrema esquerda, pertencentes às Ligas 28 de Fevereiro, fazendo seis reféns, entre os quais o embaixador. Os guerrilheiros tinham como objectivo a libertação de quatro dirigentes da organização. Os ocupantes pretendiam, ainda, que a Espanha cortasse relações diplomáticas com o regime salvadoreño.

Uma outra organização revolucionária ocupou o Ministério da Educação, mantendo quinhentas pessoas como reféns, incluindo o próprio ministro. Os ocupantes pretendiam a aceitação em massa dos estudantes nas escolas secundárias.

Tanto uma como outra das ocupações autointitularam-se de pacíficas, embora os estudantes estivessem armados com metralhadoras.

As Ligas 28 de Fevereiro ocuparam ainda a embaixada do Panamá em São Salvador.

Foi também ocupada a embaixada espanhola noutra país da América Latina, o Peru. Dez trabalhadores da companhia dos telefones ocuparam a embaixada pacificamente e sem fazerem sequestros, parecendo terem como objectivo despertar a atenção para as suas reivindicações salariais.

Na cidade do México, foram ocupadas, por membros do "Comité Nacional Independente para a Defesa dos Presos Políticos", as embaixadas da Bélgica e da Dinamarca. Sem terem sequestrado os funcionários, e decorrendo a vida nessas embaixadas quase normalmente, os ocupantes permaneceram no interior dos edifícios, exigindo do governo mexicano a libertação de cento e vinte presos políticos. As autoridades mexicanas afirmam que não podem negociar com os ocupantes, uma vez que no México não há presos políticos.

#### A CIMEIRA FRANCO-ALEMÃ: DESANUVIAMENTO OU GUERRA-FRIA?

A 35a. cimeira franco-alemã não foi de maneira nenhuma uma reunião de rotina, não só pela importância das delegações — a alemã cantava com onze ministros e pela primeira vez estiveram presentes às negociações os ministros da defesa dos dois países —, como também pelo relevo do problema central em foco: a posição conjunta face à invasão soviética do Afeganistão.

Depois da visita de Giscard D'Estaing à Índia e do comunicado conjunto do Presidente da República Francesa, e da primeira ministra indiana Indira Gandhi, era aguardada com expectativa a posição franco-alemã face ao actual confronto entre os dois Grandes.

Em Nova Deli, Giscard, que pretendia levar a Senhora Gandhi a condenar a intervenção soviética no Afeganistão, acabou por falar a linguagem da primeira ministra indiana, condenando

as "intervenções" e "ingerências" nos problemas internos dos Estados, pondo no mesmo plano respectivamente a URSS e os EUA.

Depois desta dúvida tomada de posição em que o Presidente francês, em lugar de levar a Índia a um afastamento da União Soviética, foi considerado pelos seus aliados ocidentais como arrastado para um não-alinhamento, o comunicado conjunto de Giscard D'Estaing e Helmut Schmidt mostrou uma posição de maior firmeza.

A declaração conjunta do Presidente francês e do Chanceler alemão é interpretada como a

ou o Presidente do segundo mandato. Por outro lado, fazem ainda notar as responsabilidades especiais dos europeus como medianeiros no caso de confronto entre os dois Grandes.

Será que, segundo as palavras de Kissinger, face a um avanço da União Soviética no Médio Oriente, os europeus podem reservar para si o desanuviamento, deixando os encargos da defesa aos EUA?

Para a diplomacia e para a primeira ministra britânica a via está desde há muito escolhida: o apoio incondicional aos EUA. Para a França e Alemanha a virtude está por enquanto a meio



primeira advertência solene feita a Moscovo pela RFA e pela França. Consideraram estes países que a "intervenção inaceitável" da URSS no Afeganistão, põe em perigo a paz e o desanuviamento e, ainda, que um novo choque levaria à tomada conjunta de medidas militares no âmbito da Aliança Atlântica, a que reafirmam a sua fidelidade.

Tanto Giscard como Schmidt, embora regozijando-se com o "despertar" americano face à URSS, têm em conta os perigos da passagem de um extremo ao outro, e interrogam-se se Carter é o candidato presidencial em ano de eleições,

caminho: uma independência discreta da política agressiva de Carter e Brzezinski, e uma condenação firme mas discreta da actuação soviética.

Os franceses e os alemães, assim como os seus aliados europeus, terão no entanto que tomar, brevemente, decisões quanto a problemas muito concretos como seja o boicote dos Jogos Olímpicos; os direitos do homem e o caso Sakharov; a segurança da Jugoslávia no pós-Tito; e as exportações e créditos para o Leste europeu.

Perante problemas tão objectivos a definição terá que ser com certeza maior.

Pierre Trudeau voltou ao poder no Canadá, após uma interrupção de seis meses, em que foi chamado ao governo o conservador Joe Clark.

Apesar de Trudeau ter declarado, em Novembro de 1979, que se retirava da cena política, a derrota do governo conservador levou-o novamente para a direcção da campanha eleitoral do seu partido.

Os resultados das últimas eleições canadianas deram uma vitória espectacular aos liberais, vitória que se ficou a dever principalmente à decepção causada pelo governo de Joe Clark ao eleitorado canadiano.

\* \* \*

O primeiro ministro polaco Jaroszwicz demitiu-se, manifestando o desejo de abandonar a vida pública. Esta demissão vem na sequência do oitavo congresso do partido comunista polaco.

O governo presidido por Jaroszwicz — que vinha perdendo a sua popularidade desde 1976,

quando, para debelar a crise económica, optou pela via do aumento generalizado dos produtos essenciais — viu a sua acção fortemente contestada durante o congresso do partido, não sendo reeleitos para o Politburo cinco dos seus membros, entre os quais o próprio Jaroszwicz. Tanto o secretário-geral, Gierek, como o chefe do Estado, Jablonski, foram reeleitos.

\* \* \*

Em Cabul foi decretada a lei marcial, em consequência de manifestações de rua contra a ocupação russa do país. A agência noticiosa soviética deu a notícia, aludindo a "saques" e "fogos postos", atribuindo as manifestações à acção de agitadores americanos, britânicos e paquistaneses. Esta foi a primeira vez que a população de Cabul se manifestou contra os ocupantes russos, na própria capital, onde a presença dos soviéticos é mais significativa.



# JORNAL DO 20 ANOS - (



No passado dia 24 de Janeiro e a convite do Director do Jornal do Exército reuniram-se, na nossa sede, num "Porto de Honra", diversas personalidades, civis e militares que, de um modo ou doutro, contribuíram para a vivência do jornal e lhe possibilitaram enfrentar, com êxito, as inevitáveis dificuldades que se põem a uma publicação deste tipo.

Assim, os Generais Pedro Cardoso, Chefe do Estado-Maior do Exército, e Duarte Silva, vice-CEME e, com eles, alguns dos antigos directores do JE por inerência de função, como os Generais António Amaro Romão, Orlando Ferreira Barbosa, Carlos Mariano Algêos Aires, Mendonça Frazão e, ainda, o Brigadeiro José Ferreira de Lemos estiveram presentes a recordar tempos e trabalhos passados. Recordamos, ainda, a presença dos Brigadeiros Verga Rocha e Gomes Marques, dos representantes das revistas militares "Baluarte", "Revista da Armada" e "Mais Alto", dos elementos que fizeram parte da primeira equipa do JE, Brigadeiro Tavares Figueiredo, Coronéis Eduardo Fernandes e Salvador de Assunção, Capitão Paulo Dias e dr. Pinto Coelho e, ainda, do Coronel Pereira de Carvalho, antigo Chefe da Redacção do Jornal.

A receber os nossos convidados todo o pessoal em serviço no JE que, como verdadeira equipa de trabalho que é, esteve presente, participando por direito próprio na comemoração da efeméride.

Após a chegada de todos os convidados, que percorreram, demoradamente as instalações e com todo o pessoal da casa trocaram impressões, o nosso Director pro-

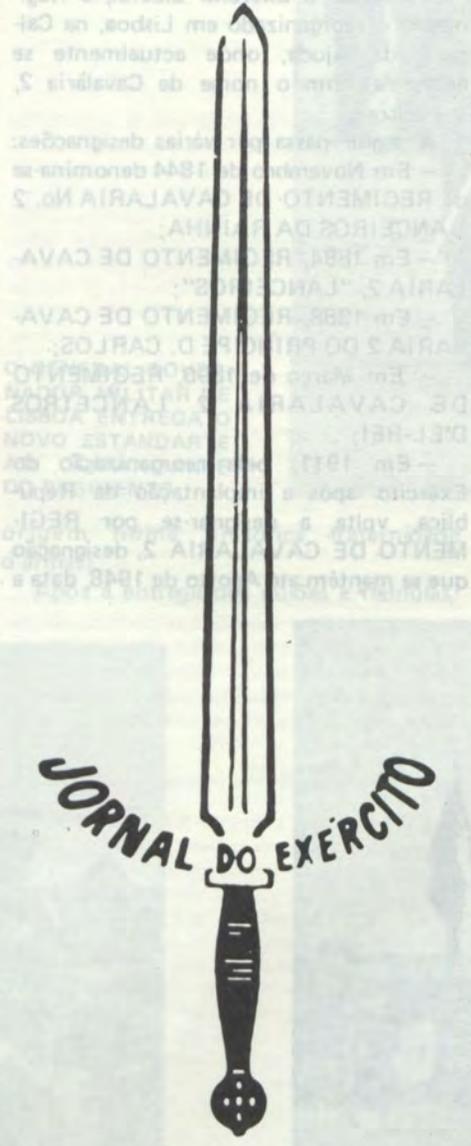
# EXÉRCITO (1960-1980)

feriu uma breve alocução de saudação aos presentes e de evocação de todos os ex-colaboradores que já não puderam estar, como os Generais David dos Santos, Oliveira Vitoriano, o Brigadeiro Fernando de Chaby Júnior e o Ten-Cor Balula Cid entre outros, e de agradecimento à eficiente colaboração do pessoal sob a sua direcção.

Na circunstância mandou que fossem lidos os louvores que, por sua proposta, o General vice-CEME conferira à funcionária Maria Alice Seguro Vasconcelos Falcão, do C.Ad, "muito correcta, dedicada e eficiente, merecedora da consideração e estima dos seus superiores e camaradas...", ao Capitão José Machado Dinis, "muito ponderado, sensato e dotado de espírito de iniciativa..." e ao 1o. Sargento Carlos Joaquim Isidro Couto, "merecedor da maior estima e consideração de todos os que servem o "Jornal do Exército", devendo ser considerado um esplêndido auxiliar do seu Director".

Em seguida, quis o Chefe do Estado-Maior do Exército proferir algumas palavras sobre o "Jornal do Exército", a sua vida, o seu trabalho e os seus trabalhadores em termos de crítica construtiva e de apoio para que prossiga na sua tarefa. A finalizar brindou ao Jornal e a todos quantos para ele contribuem.

Naquele fim de tarde de 24 de Janeiro encerrava-se um ciclo da vida do Jornal do Exército. E, naquele mesmo dia, iniciava-se nova fase de trabalho que desejamos seja longo, honesto e profícuo. Oxalá o consigamos...



# REGIMENTO DE LANCEIROS DE LISBOA

## FORÇA DUMA TRADIÇÃO

Pela tradição se perpetua no tempo, através de quantos se votam pelas armas a servir a Pátria, a missão das Unidades, determinadas no propósito de manter no presente o ânimo e a exemplar conduta herdadas do seu passado.

O Regimento de Lanceiros de Lisboa, não obstante novel designação, é um Regimento rico de história, situando as suas origens entre as mais antigas do nosso Exército.

O actual Regimento de Lanceiros de Lisboa tem a sua origem em 1707 no reinado de D. João V, quando se reorganizou o Exército Permanente criando-se os Regimentos de Cavalaria.

Um deles vai aquartelar-se em Moura com a designação de REGIMENTO DE CAVALARIA DA PRAÇA DE MOURA.

Em Maio de 1806 os Regimentos de Cavalaria são numerados de 1 a 12 cabendo o no. 2 ao da Praça de Moura, que toma então a designação de REGIMENTO DE CAVALARIA 2.

Em 1816 este Regimento é transferido para Évora e em 1823 para Vila Viçosa, passando a designar-se por REGIMENTO DE CAVALARIA DE VILA VIÇOSA, até

que em Janeiro de 1833 toma a designação de REGIMENTO DE LANCEIROS DA RAINHA, recebendo a lança como arma. Com as lutas entre liberais e absolutistas, o Regimento divide-se e surgem dois Regimentos de Cavalaria com o no. 2, cada um lutando pela sua ideologia.

Vencendo o Exército Liberal, o Regimento é reorganizado em Lisboa, na Calçada da Ajuda, onde actualmente se encontra, com o nome de Cavalaria 2, Lanceiros.

A seguir passa por várias designações: — Em Novembro de 1844 denomina-se de REGIMENTO DE CAVALARIA No. 2 LANCEIROS DA RAINHA;

— Em 1884, REGIMENTO DE CAVALARIA 2, "LANCEIROS";

— Em 1888, REGIMENTO DE CAVALARIA 2 DO PRÍNCIPE D. CARLOS;

— Em Março de 1890, REGIMENTO DE CAVALARIA 2 LANCEIROS D'EL-REI;

— Em 1911, pela reorganização do Exército após a implantação da República, volta a designar-se por REGIMENTO DE CAVALARIA 2, designação que se mantém até Agosto de 1948, data a

### CÓDIGO DE HONRA DO LANCEIRO

#### DECÁLOGO

**PRIMEIRO:** O LANCEIRO É DIGNO DE PERTENCER À CAVALARIA, EXALTANDO-A NAS SUAS TRADIÇÕES, PELO ESPLendor IMPERECÍVEL DO SEU FUTURO.

**SEGUNDO:** O LANCEIRO CULTIVA A ENERGIA PATRIÓTICA PARA A CONTÍNUA REDENÇÃO DO PORTUGAL ETERNO.

**TERCEIRO:** O LANCEIRO SABE QUE SÓ ATINGE A MÁXIMA PERFEIÇÃO, QUANDO CUMPRE A SUA MISSÃO.

**QUARTO:** O LANCEIRO ASSUME-SE COMANDANTE OU SUBORDINADO, COM A MESMA INTEIREZA, FORÇA E GENEROSIDADE.

**QUINTO:** O LANCEIRO PRÁTICA ILIMITADAMENTE A VIRTUDE DA CAMARADAGEM.

**SEXTO:** O LANCEIRO QUER SER SEMPRE O MELHOR, QUER NA GUERRA QUER NA PAZ.

**SÉTIMO:** O LANCEIRO CRÊ QUE O ESPÍRITO É A SUPREMA FONTE DE TODA A MORAL.

**OITAVO:** O LANCEIRO AMA E PROSEGUE OS CAMINHOS DA HONRA E DA GLÓRIA.

**NONO:** O LANCEIRO JAMAIS TEM MEDO DA MORTE.

**DÉCIMO:** O LANCEIRO BATER-SE-Á SEM TRÉGUAS ATÉ À VITÓRIA.



LANCEIRO A CAVALO. CAMPOS DO REGIMENTO, 1934.

partir da qual toma a designação de REGIMENTO DE LANCEIROS No. 2;

— A especialidade de Polícia Militar apareceu pela primeira vez em 6 de Abril de 1953, constituindo-se no Regimento um Esquadrão de PM, início de um processo que leva o RL2 à gradual transformação em Unidade de Polícia Militar;

— Em 1 de Abril de 1975, em cumprimento do Despacho do Chefe do Estado Maior do Exército no. 19/REO, de 21MAR75, passa a designar-se por REGIMENTO DE POLÍCIA MILITAR;

— Finalmente em 9 de Fevereiro de 1976, em conformidade com o Despacho no. 49/REO do Chefe do Estado-Maior do Exército, volta à designação tradicional de Lanceiros, denominando-se REGIMENTO DE LANCEIROS DE LISBOA, tomando o nome da cidade em que está aquartelado.

O REGIMENTO DE LANCEIROS DE LISBOA, herdeiro das tradições dos Regimentos de Lanceiros 2 e Cavalaria 7, é um

Regimento de gloriosas tradições, com quase três séculos de existência, que soube sempre, aonde foi chamado a servir e a lutar, cobrindo-se de glória no assalto a Badajoz, nos combates e batalhas de Fuentes de Oñoro, de Salamanca, de Valladolid, de Burgos, de Victória, de S. Sebastian, de Nice e de Nivelles nas passagens de Bidassoa e dos Pirinéus e, finalmente, no sítio de Baiona, durante a Guerra Peninsular e depois em Espanha durante a Guerra Civil do século passado e nos campos da Flandres durante a I Guerra Mundial.

O 9 de Fevereiro, data que marca a actual designação do Regimento, foi este ano escolhido como dia festivo da Unidade, tendo dado lugar a uma significativa cerimónia, presidida pelo Exmo. Governador Militar de Lisboa, durante a qual foi entregue por este Oficial General o novo estandarte da Unidade ao seu Comandante que procedeu à sua integração no corpo de tropas em formatura geral bem como ainda dos Guiões dos Grupos e Flâmulas dos Esquadrões.

O novo estandarte mantém, não obstante, um novo reordenamento mais consentâneo com a regulamentação da heráldica militar, basicamente os tradicionais símbolos do Regimento: as lanças cruzadas, a caveira com tábias cruzadas e a divisa "MORTE OU GLÓRIA" (elementos comuns aos Regimentos de Lanceiros britânicos, o que terá

**O GENERAL GOVERNADOR MILITAR DE LISBOA ENTREGA O NOVO ESTANDARTE AO COMANDANTE DO REGIMENTO.**



origem numa histórica fraternidade d'armas).

Após a entrega dos guiões e flâmulas,

foi lido o Código de Honra do Lanceiro, decálogo preceitual em que os militares do Regimento se assumem na plenitude da sua condição de militares.

Seguiu-se a homenagem aos camaradas mortos no cumprimento do dever e a imposição de condecorações a elementos do Regimento, tendo a cerimónia encerrado com o desfile das forças em parada.

O Regimento de Lanceiros continua hoje, como neste último quarto de século, comissionado às difíceis tarefas de Polícia do Exército, que, por nem sempre bem compreendidas, exigem de quantos as cumprem um maior sacrifício, mas que sempre é remido pela alta consciência de servir que é o apanágio dos "Lanceiros", e que o Coronel Lobo da Costa, usando da palavra durante a cerimónia, tão bem soube exprimir:

*"À honra que nos foi concedida, e à prova de confiança nos nossos méritos e capacidades que nos foi demonstrada, queremos nós responder com o nosso tributo de fidelidade e de lealdade à Pátria que nos foi berço, às instituições que os portugueses livremente escolheram para enquadrar e dirigir a Nação no respeito pelos seus altos interesses, e com a nossa inteira subordinação aos Chefes Militares responsáveis, homens de saber e de carácter a quem cabe a espinhosa missão de nos conduzir e de orientar na marcha pelo caminho da honra, da dignidade e do dever."*



**OS ESQUADRÕES RECEBEM AS NOVAS FLÂMULAS**

# O EXÉRCITO NAS GRANDES CATÁSTROFES

## II

Comandante de Infantaria D.E.M., LUIS GRAVALOS GONZALEZ

(in EJÉRCITO, JAN 79)

Trad. de B. P.

(Cont. do número anterior)

### 3. MEIOS E UNIDADES NECESSÁRIOS

Em cada momento, as circunstâncias próprias do caso serão as que determinam o tipo e a quantidade dos meios necessários, competindo ao Comando Militar seleccionar as unidades que, deles, disponham, bem como dar as ordens necessárias para as alertar, movimentar, desenvolver e utilizar. Independentemente da situação esboçada, a força articular-se-á em três fracções perfeitamente definidas: o Comando, as unidades operacionais (tácticas e lógicas), e os serviços necessários para as apoiar.

O Comando, necessário a toda a empresa humana, para coordenar a totalidade do esforço e orientá-lo para o fim comum: as unidades, em função da natureza da catástrofe; e os serviços, directamente relacionados com o nível dos efectivos militares.

#### 3.01. COMANDO, ESTADO-MAIOR E QUARTEL-GENERAL

A pessoa que seja designada para exercer o Comando numa destas missões específicas deverá ter, como qualidades mais importantes, confiança em si mesmo, clareza de juízo e resistência à fadiga, bem como imaginação, iniciativa e capacidade de organização. Exercerá a autoridade militar na zona de operação com a devida dependência territorial do Governador Militar e do Capitão-General da Região, e ainda um certo tipo de dependência directa do Chefe do Estado-Maior do Exército (meios dependentes dessa autoridade), transportes inter-regionais, vôos de helicópteros, informações urgentes). Os seus contactos com as autoridades civis estarão em relação com a evidente necessidade da mais íntima colaboração com todos os organismos que possam prestar qualquer tipo de auxílio, independentemente de serem oficiais ou privados, estatais, provinciais ou municipais, uma vez que há situações em que será preciso mobilizar, militarizar, requisitar ou adquirir medicamentos, veículos, ferramentas, víveres ou roupas ou, ainda, utilizar determinados locais, edifícios ou solares para o melhor desenvolvimento das operações.

Será apoiado por um Estado-Maior, conforme o nível das forças e também, se for caso disso, pelos Chefes das Armas, Serviço ou Comando Logístico. As típicas secções do seu Estado-Maior compreenderão:

*Primeira Secção:* Além das suas missões normais, tratará de estabelecer uma estimativa numérica da população civil afectada que sirva de base a previsões e cálculos logísticos, o controlo nominal de hospitalizados e mortos, ficheiro de evacuados e de pessoas deslocadas, especial-

mente crianças.

*Segunda Secção:* Relações com as autoridades e departamentos civis, concretamente com os meios de Comunicação Social, Meteorologia.

*Terceira Secção:* Emprego das Unidades, dado que embora estas levem a efeito actividades que, normalmente, se considerariam como serviços, não há dúvida que estas situações têm o autêntico rango de operações contra o inimigo da vida e da ordem pública nacional em que se converteram as causas provocadoras da catástrofe.

*Quarta Secção:* Actividades com relação às tropas e, ainda, os abastecimentos, transportes e evacuações relativos à população civil. O Quartel-General, quando seja constituído, contará com especialistas em matérias determinadas (Defesa Química, Justiça, Religião, Correios, etc.), e também proporcionará, ao Comando e aos seus auxiliares, os meios de vida, alojamento e transporte terrestre necessários. Além do Posto de Comando Avançado é absolutamente necessário que, fora da zona, naquilo que poderíamos chamar de retaguarda, se constitua o Posto de Comando Recuado com o segundo Comandante, cujas missões serão fundamentalmente o apoio logístico às operações e a coordenação dos transportes.

#### 3.02. TRANSMISSÕES

Citamo-las em primeiro lugar por serem de importância vital para o exercício da função do Comando. A partir do momento em que o Chefe inicia o seu deslocamento para a zona afectada, deverá ser acompanhado por uma equipa que lhe garanta a ligação com as autoridades superiores, a fim de poder emitir informações e receber instruções, e com o seu Posto de Comando Recuado para o envio das suas primeiras ordens.

Uma vez que as operações comecem, será necessário continuar a ligação com os órgãos superiores e com o resto do território nacional, o que — se possível — se fará através da Rede Territorial do Comando.

O teletipo e o telefone são os meios mais adequados para o Posto de Comando Recuado para dar fluidez ao tráfego que, previsivelmente, circulará entre ambos os correspondentes.

Outra rede ligará às unidades subordinadas através de rádio e/ou telefone; também se terá de dispor de comunicações com os aviões ou helicópteros em vôo.

Se a rede telefónica nacional for afectada o tráfego militar normal não deixará de veicular mensagens oficiais e até oficiosas, que sigam para ou tenham de ser recebidas por organismos civis. As emissoras de rádio-amadores devem ser aproveitadas, tanto quanto possível. É indispensável a constituição de um Centro de Transmissões de Zona e a manutenção da adequada

disciplina de emprego dos meios.

#### 3.03. SAÚDE E FARMÁCIA

Que salvar vidas requer atenção primordial e que prestar assistência sanitária, quanto antes, a um ferido, tornando maiores as suas possibilidades de recuperação, são finalidades que não oferecem dúvida; por isso, o deslocamento de órgãos de saúde para a zona afectada têm ou devem ter absoluta prioridade.

Dependendo do tipo da catástrofe, podem apresentar-se várias situações relacionadas com o número de feridos, a capacidade de funcionamento dos centros de saúde e as possibilidades de evacuação do lugar afectado.

O Comando, face ao exposto e com o conhecimento que tenha das possibilidades dos seus próprios meios, determinará que, quanto antes, se desloquem para a zona meios de evacuação (aéreos e automóveis). A partir da primeira viagem de ida, iriam a bordo médicos, (...) e pessoal auxiliar, bem como botiquines de campanha, plasma e medicamentos em geral; nas viagens que se seguirem, irão tendas de campanha e material auxiliar para montar incipientes Postos de Socorros e de Classificação que se completarão conforme as possibilidades. É mister insistir na classificação, dado que ao produzir-se uma procura de evacuações, muito superior às possibilidades reais, só a selecção acertada das pessoas que tenham de ocupar os lugares disponíveis permitirá recuperar o maior número de vidas possível.

O passo seguinte será a deslocação de Equipas Cirúrgicas Avançadas que irão completar as tarefas de socorro já iniciadas e, se a situação assim o obrigar, levar-se-ão um ou vários Hospitais de Campanha.

O trabalho que se acumulará sobre os primeiros que cheguem para prestar auxílio será de tal ordem que os esgotará após 8 a 10 horas de trabalho, pelo que terá de se prever a sua substituição e o estabelecimento de turnos para que o funcionamento dos órgãos seja ininterrupto. O abastecimento e distribuição de produtos farmacêuticos estão intimamente ligados à constituição de órgãos definidos da Saúde Militar, pelo que não é necessário mencioná-los mas que, como o tipo da catástrofe terá reflexos na natureza das feridas, algumas especialidades consumir-se-ão mais depressa, pelo que terá de se ter prevista a sua imediata reposição.

#### 3.04. SAPADORES

Na Arma de Engenharia recairá a maior parte do esforço destinado a remediar uma situação de desastre. O trabalho técnico reveste múltiplas formas que farão intervir unidades especializadas: Companhias de Máquinas para abrir caminhos entre os escombros ou limpar arrua-

mentos, equipas de soldadura para cortar os ferros do betão armado que possam ter aprisionado pessoas e, até, explosivos para pequenas destruições que abram brechas em paredes ou muros e para cortar árvores em incêndios florestais. Neste último caso e, também, no caso de inundações, pode fazer-se sentir a necessidade de teleféricos. Os Pontoneiros, com barcos e comportas, pontes e passarelas são imprescindíveis quando a catástrofe for causada pela subida das águas. Os Sapadores de Caminhos de Ferro terão de agir se a rede de caminhos de ferro tiver sido afectada. Também a Engenharia terá de dispor de unidades destinadas à construção ou limpeza de pistas para helicópteros ou para aviões de pequenas necessidades de pista para descolar, ao fornecimento de energia eléctrica, fundamental para o funcionamento de inúmeros elementos, e iluminação para continuação de trabalhos durante o período nocturno, recomposição, no essencial, da rede de fornecimento de água, reparação de brechas nos diques ou apertura de aliviaderos. Ponto de interesse especial nas estações invernosas são as tarefas de montagem de acampamentos para dar abrigo aos desalojados. Muitas e diferenciadas são as missões que, em cada situação, terão de avaliar e seleccionar para conseguir a máxima eficiência dos meios disponíveis.

### 3.05. TRABALHO

A mão-de-obra não especializada será fornecida pelas unidades que não estejam empenhadas numa missão específica. Uma vez que a Engenharia e os Serviços estarão realizando funções concretas serão, por isso, as outras Armas (Infantaria, Cavalaria, Artilharia) as que fornecerão o pessoal necessário. O desentulhar total, os transportes em carros, as cargas e descargas de transportes, o apagar imediato das chamas e a limpeza do mato para contrafogos são apenas uma amostra das mil e uma facetas do serviço de trabalho.

### 3.06. TRANSPORTE

A prestação de auxílio em caso de catástrofe tem, como aspecto preliminar concreto, o problema do transporte das unidades para a zona de acção e, também, a concentração e reposição de meios e abastecimentos. Também há evacuações, como já nos referimos no capítulo correspondente à Saúde, que serão feitas normalmente em helicópteros ou em ambulâncias. Um volume excessivo de baixas aconselharia aproveitar os retornos dos transportes para os feridos leves, meios que também seriam utilizados por aquelas pessoas que quisessem ou que fosse aconselhável evacuar em a zona.

De automóvel e aproveitando a maior flexibilidade deste meio, deslocar-se-iam as unidades de emprego urgente, bem como os abastecimentos mais necessários nos primeiros momentos. O restante em caminho-de-ferro até à estação próxima, mais utilizável. Como é óbvio, os movimentos para e dos territórios extrapeninsulares far-se-ão por via marítima ou aérea de acordo com a urgência que exista; no interior da península, determinadas pessoas, equipas ou materiais poderão, também, deslocar-se pelo ar.

Uma vez iniciadas as operações, uma Unidade de Transporte terá de estar disposta a prestar o apoio necessário da sua especialidade, tanto no deslocamento de pessoal em quantidade como no do material. Deverá dispor de veículos ligeiros para missões de reconhecimento e de ligação de Comandos e de Auxiliares.

### 3.07. INTENDÊNCIA

O abastecimento de víveres torna-se necessário vinte e quatro horas após a última refeição

normal. No que respeita às tropas o problema da sua alimentação não constitui problema, uma vez que cada unidade dispõe das suas próprias rações de reserva e está preparada para cozinhar os víveres que lhe entreguem. A dificuldade começará quando tiverem de repartir a comida com a população civil, especialmente se a quiser ter em condições de consumo imediato. Neste caso, as cozinhas de campanha e o pessoal que normalmente as serve, naquelas unidades que não estejam a intervir na acção, terão de ser retirados e concentrados sob o Comando da Intendência. Então, procurar-se-á que as minutas sejam de aceitação geral, com grande poder alimentar e que, por sua vez, sejam de confecção rápida e fácil, com o que será aumentada a capacidade de produção diária. A população infantil necessita de alimentação especial, que não está disponível dos depósitos do Exército. Do mesmo modo, os feridos e doentes podem exigir dietas próprias.

A panificação não deve ser grande problema, dado que os fornos de campanha podem deslocar-se para a zona e produzir, ali, este alimento básico.

A água potável será necessária em quantidades proporcionais à população a atender, à tropa que intervenha e à estação climatológica. Além disso, há que contar com o consumo dos Hospitais de Campanha e, ainda, para os chuveiros e lavadores, se se instalarem.

Os depósitos de água, tal como com as cozinhas, terão de ser retirados de todas as unidades que os possam dispensar. Embora a tropa não venha a necessitar de vestuário diferente do que é dotado, pode vir a ser necessário repartir mantas e abafos, aqueles mesmos que a Intendência tem e são os regulamentares do Exército, se se der o caso da população civil ter perdido os seus móveis.

### 3.08. CARBURANTES

São o sangue da nossa civilização. Sem eles, os veículos não andam, nem as máquinas nem os motores funcionam. O normal é que os carburantes existentes na zona não sejam facilmente utilizáveis e, por isso, terão de ser transportados da retaguarda. Os depósitos, cujo

número será determinado face ao consumo previsto, concentrar-se-ão numa unidade de carburantes com diferenciação de gasolina normal, super e gasóleo.

### 3.09. AUTOMOBILISMO E DEMAIS MATERIAL

O serviço de manutenção e de reparação de automóveis máquinas, ferramentas e transmissões não têm características diferentes das que existem em exercícios táticos normais, embora o material de engenharia esteja submetido ao desgaste máximo. Deverão ser suficientes os 20. escalões; o que não puder ser reparado por eles será preferível evacuar.

### 3.10. POLÍCIA MILITAR

As funções normais da ordem pública e as excepcionais que possam surgir ficarão a cargo da Guarda Civil e da Polícia da Armada. A Polícia Militar protegerá as instalações militares de interesse, como depósitos de víveres e de carburantes, heliportos, parques de viaturas, etc., e terá a seu cargo o controlo e regulação do tráfico.

Também pode ser utilizada para proibir o acesso a uma zona determinada. Se, para facilitar os trabalhos, for determinado que as unidades sejam desembaraçadas do armamento individual ou de parte do seu equipamento, estes serão concentrados e custodiados devidamente.

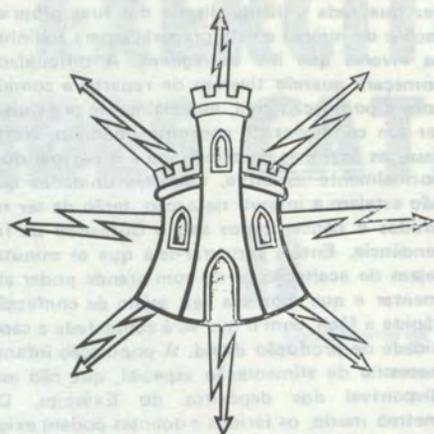
### 3.11. DEFESA QUÍMICA

No caso de haver emissão ou fuga de substâncias tóxicas, deverá recorrer-se a unidades e meios especializados. Quando haja dificuldade em os obter em tempo útil, uma solução de emergência poderá ser a da utilização de fatos de borracha e equipamentos de escafandrimo autónomos que proporcionam protecção da pele e oxigénio para respirar.

São indispensáveis chuveiros ou mangueiras de água à pressão para descontaminação.

(CONTINUA)





## **DIA DAS TRANSMISSÕES 1980**

# **171º ANO DAS TRANSMISSÕES MILITARES**

O dia festivo da ARMA DE TRANSMISSÕES é celebrado a 24 de Março, dia consagrado ao seu patrono, o Arcanjo S. Gabriel.

Encontramo-nos no 171o. ano das Transmissões Militares em Portugal, pois foi em 1810 que por ordem do Príncipe Regente foi regulamentado o CORPO TELEGRÁFICO então criado, com organização militar mas não inteiramente dependente do Exército.

No ano de 1873 é inaugurada em Lisboa uma rede telegráfica estritamente militar que constituiu o arranque para o Serviço Telegráfico Militar.

A primeira Unidade de campanha (Companhia de Telegrafistas) surge no último quartel do século passado. Em 1901 a Engenharia Militar toma o seu cargo o Serviço Telegráfico e as transmissões passam a ser um ramo da Arma de Engenharia.

A complexidade de atribuições e a especialização cada vez maior fazem com que se crie a ARMA DE TRANSMISSÕES (1971). Compete a esta Arma garantir a essencial e importante função de LIGAÇÃO tanto em tempo de paz como em tempo de guerra. Competem-lhe também as acções especializadas de campanha respeitantes à Guerra Electrónica. E utilizando ao longo dos tempos: Semáforos, Bandeiras, Heliógrafos, Lanternas, Telégrafos, Pombos, Mensageiros, Telas, Painéis, Artíficos Pirotécnicos, Equipamentos de TSF, Telefones, Centrais Telefónicas, Linhas Físicas, Teleimpressores, Rádio-Teleimpressores, Feixes Hertzianos, Facsimile, Telefotografia, Televisão — o pessoal de TRANSMISSÕES tem a consciência de ter sempre cumprido e a certeza de continuar a cumprir a sua missão em **TODOS OS LUGARES** e em **TODOS OS MOMENTOS**.



# ESCOLA PRÁTICA DE TRANSMISSÕES

## RESENHA HISTÓRICA

Completo em 1 de Fevereiro de 1979 dois anos de instalação no Aquartelamento do Bom Pastor, na cidade do Porto, a Escola Prática de Transmissões, a única unidade deste tipo existente a norte do Mondego.

A sua implantação no Porto e no actual Aquartelamento é o último elo duma cadeia histórica que se inicia em Outubro de 1926, com a instalação do Regimento de Sapadores Mineiros No. 2, que na I Guerra Mundial se tinha batido com Bravura-Cruz de Guerra de 1ª Classe e legenda - Givenchy - 1918 - prossegue com a substituição e criação de várias Unidades, quer de Engenharia quer de Transmissões, até que, em 1965, foi criado o Regimento de Transmissões, o qual, em 1966, recebe o espólio e, mais do que isso, a história breve mas brilhante duma Unidade divisionária que foi extinta mas que, durante a sua curta vivência, conseguiu atingir um apuro operacional e criar um espírito de corpo que ficaram na história das transmissões do Exército Português: O Batalhão de Transmissões No. 3.

Com a criação autónoma da Arma de Transmissões, suas Unidades e órgãos e respectivos quadros orgânicos, em 4 de Agosto de 1970, passa a existir, em Lisboa, herdeira do Batalhão de Telegrafistas, a Escola Prática de Transmissões.

### II REESTRUTURAÇÃO DA ARMA DE TRANSMISSÕES

O funcionamento da Escola Prática de Transmissões no Quartel de Sapadores em Lisboa, revelou-se, logo no início, afectado na execução das missões que cabem a uma Escola Prática, pelo facto de ter de coexistir, no mesmo aquartelamento, com o Serviço de Telecomunicações Militares - STM - extremamente absorvente e que praticamente manietava a Escola no seu funcionamento, pelo recurso constante aos seus meios em pessoal, pois, tratando-se dum serviço que tinha prioridade absoluta no campo das telecomunicações permanentes, era preciso mantê-lo a todo o custo.

Esta "subalternização" da parte escolar da Unidade, pelo STM, trouxe reflexos altamente negativos ao cumprimento da missão específica de formação de quadros, o que provocou a procura de soluções tendentes a separar fisicamente os dois órgãos. Foram encaradas várias opções para a instalação da Escola Prática, postas de lado por motivos vários, chegando-se finalmente, em 1976, por despacho de S. Exa. o Chefe do Estado-Maior do Exército, à decisão de instalar a Escola no Aquartelamento do Bom Pastor no Porto, deixando de ali existir o Regimento de Transmissões, Unidade que foi efectivamente extinta, transitando os seus encargos de formação de Praças para a Nova Unidade que, assim, assumiu dois encargos de Instrução: o de Praças das várias especialidades de Exploração, de Transmissões, além de outras necessárias à vida da Unidade e de outros órgãos do Exército e o da formação de quadros, missão própria duma Escola Prática.

Disse-se atrás que o Regimento de Transmissões foi, de facto, extinto, o que pode parecer confuso, dado que no Aquartelamento de Sapadores, em Lisboa, existe uma Unidade com essa designação.

Convém esclarecer este ponto que tem dado azo a ambiguidades no que respeita à missão da Unidade deduzida da sua designação.

Com efeito, um Regimento de Transmissões parece ser, como cristalinamente se pode inferir do seu nome, uma Unidade Operacional de Transmissões.

Ora tal não acontece. O Regimento de Transmissões, de Lisboa, é exclusivamente uma Unidade de Telecomunicações Permanentes, não tendo quaisquer encargos operacionais no campo das Transmissões de Campanha. Tem, sim, responsabilidades muito grandes no domínio da ligação interna do dispositivo Militar Territorial do Exército, e deste com os restantes das Forças Armadas.

### III ACTIVIDADES DA ESCOLA

Esta Escola tem três missões bem definidas, a saber:

a.- A formação de quadros, tanto da Arma de Transmissões como de outras Armas e Serviços, missão tipicamente escolar. As Praças e Quadros do Ramo de Manutenção são formados na Escola Militar de Electro-mecânica.

b.- Formação das Praças de Transmissões - exploração - bem como doutras Especialidades necessárias à vida interna da Unidade, além da formação de Praças de várias especialidades, a de Escriturário, por exemplo, a âmbito nacional. Esta missão herdou-a do Regimento de Transmissões, seu antecessor.

c.- A Missão de apoiar, em Transmissões de

Campanha, a RMN e, eventualmente, a RMC, para o que dispõe duma Companhia Operacional e de Apoio à Instrução.

No aspecto de Instrução, a Unidade, apesar das carências de toda a ordem com que luta, orgulha-se de ter conseguido apresentar uma imagem mais positiva, mormente na instrução de quadros, que aquela que existia no passado. Tem-se a humildade de se conhecerem as insuficiências, mas também o sentido das realidades práticas. Há imenso que fazer, há inúmeras coisas a melhorar, há toda uma mentalização a sedimentar, mas vai-se conseguindo ultrapassar, o melhor possível, tudo isso e cumprir, da melhor maneira, a missão que cabe à Escola neste domínio.

Quanto ao apoio de Transmissões de Campanha, não obstante as carências serem maiores e de maior peso na operacionalidade da Companhia, ao longo duma já razoável actuação em Exercícios de Campanha, tanto a nível Regional como Nacional, mercê do inextinguível brio do seu pessoal, têm-se superado os obstáculos e conseguido "levar a carta a Garcia". É evidente que alguma coisa tem de ser feita rapidamente neste campo, pois a improvisação e insuficiências de meios terão de ter correcção, já que não é possível actuar indefinidamente, com um mínimo de eficiência, só à custa de meios reduzidos e antiquados e da dedicação do pessoal.

Feito um balanço final dos dois anos de actuação escolar, conclui-se que é positivo, mas que deve ser visto com a sobriedade e a frieza suficientes que evitem a euforia fácil e epidérmica.

A Escola auto-analisa-se neste contexto, procurando não desmerecer da sua divisa, levada pelas Unidades suas antecessoras:

"Honra e valor".



# APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DO CARRO DE COMBATE - XLII

## OS CARROS DO JAPÃO

Coord. de B. P.

Em 1977, referimos aspectos generalizados do carro de combate no Japão desde a década de 20 até, mais ou menos, o início da II Guerra Mundial. Hoje, propomo-nos retomar, um pouco, o mesmo tema levando, no entanto, o trabalho até à actualidade para podermos verificar quanto, em pouco mais de cinquenta anos, a indústria de fabricação de carros de combate do Japão evoluiu.

Como já dissemos, e agora recordamos, o Japão construiu o seu próprio carro, pela primeira vez em 1927 para, em 1929, fabricar o seu modelo 89 que teve a sua versão modelo 91 que diferia daquela, na melhor blindagem de que resultou um aumento de peso na ordem das 6 toneladas.

De então até 1939 dedicaram-se à construção de grande número de veículos dos tipos "chenilletes" com pesos de até cinco toneladas e tripulações de 2 homens, e armados apenas com metralhadoras (tipos 92, 94 e 97). Simultaneamente com aqueles, construíram três modelos de carros ligeiros, estes com pesos à volta das sete toneladas e já com tripulações de 3 homens. Quanto a armamento, o tipo 93 dispunha só de metralhadoras, enquanto o tipo 95 (feito a partir de 1935) e o tipo 98 (mais veloz e de maior raio de acção) dispunham de um canhão de 37 mm e duas metralhadoras 7,7 mm.

Paralelamente, desenvolveram, também, três tipos de carros médios, os tipos 89, 95 e 97, com pesos entre 13 e 15 toneladas e armados com um canhão de 57 mm os dois primeiros e um de 47 mm, o último.

Nos anos 42 e 43, em plena evolução da II Guerra Mundial, prevalecia a ideia da construção de veículos blindados dos tipos carros "destroyers" e obuses de assalto. O Japão aderiu à tendência e construiu, nesta época, o carro "destroyer" artilhado com canhão de 75 mm, que designou por "T2 HO-NI" e, também, os "T1 HO-NI" com canhão AP de 75 mm e "T 38 HO-RO", um obus AP de 150 mm. Além destes, também construíram, com finalidades diversas, transportes de tropas, reconhecimento, defesa

Carro de Combate ligeiro "Tipo 95"



Segundo protótipo do carro de combate ligeiro "Tipo 95"



C. Combate ligeiro "Tipo 98" modelo A (1942)

aérea, lançadores de pontes, destruidores de minas, etc.

Entre outros projectos desenvolvidos, se chegou à década de 50, época em que o Japão



Chenillette "Tipo 97" (1937)

dispor de um canhão de 105 mm, um moderno sistema de direcção de tiro que incluía um telemetro laser, um computador balístico e estabilizador do canhão. Foi designado por "STB-1", e alguém lhe chamou o MBT japonês. Pesando 38 toneladas (42 t em ordem de



"STA-1" (1958)

combate) era propulsado por um motor diesel V-10 de pequeno peso, arrefecido a ar e com 750 HP de potência, o que lhe proporcionava uma velocidade máxima de 50 km/h, segundo umas fontes e 65 km/h, segundo outras. A sua autonomia era da ordem dos 500 km. A sua suspensão era do tipo hidro-pneumático e possuía uma silhueta baixa. Graças à sua suspensão pode desenvolver uma velocidade em TT da ordem dos 20/30 km/h.



"STA-4"

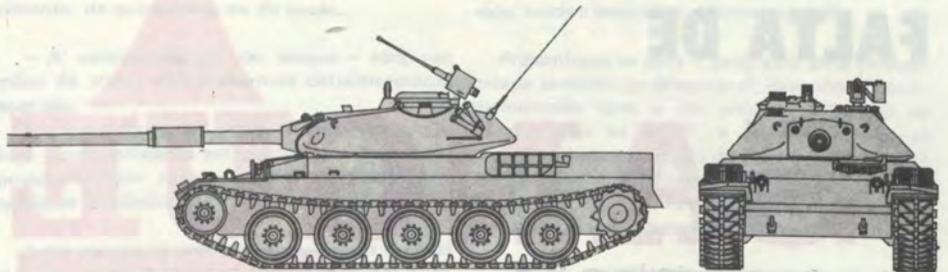
Com um comprimento de 9 metros, uma largura de 3,20 metros e uma altura de 2,24 metros dispõe como armamento principal, de um canhão inglês de 105 mm, de 6 tiros por minuto e com um alcance eficaz de 1500/2000 metros; como armamento secundário, uma metralhadora coaxial 7,62 mm e outra AA de 12,7 mm. O canhão pode disparar munições dos tipos AP, HEAT e APDS e para o efeito conta com 50 munições.

Como já referimos tem um sistema de direcção de tiro que inclui um telémetro lazer, um computador balístico e estabilizador de canhão. Tem uma potência relativa (HP/t) de 17,8 e a pressão sobre o solo é de 0,79 kg/cm<sup>2</sup>.

Pode transpor rampas de 60% e obstáculos verticais até 1,00 metro e fossos de 2,50 metros.

Foi fabricado pela firma MITSUBISHI Lda, dispõe de 4 homens de tripulação e com um Schnorckel pode transpor linhas de água em submersão. Está equipado também contra os perigos ABQ. O desenvolvimento deste tipo de carro foi iniciado em 1964 e o STB-1, o primeiro protótipo, surgiu em 1969. Actualmente, o Japão dispõe do produto da evolução dos STB, que é o "STB-6", também designado por "T-74". É fabricado pela TOKYO MACHINERY WORKS, filial da MITSUBISHI Lda. e dispõe do famoso canhão inglês, fabricado sob patente, "VICKERS L7A3 105/51" que dispara a conhecida gama de projecteis perfurantes, subcalibrados (APDS), de carga oca (HEAT) e de explosivo plástico (HEP ou HESH).

Como armamento secundário, uma metralhadora, 7,62 mm, coaxial com o canhão, e outra de 12,7 mm — a americana "BROWNING M-2" — sobre a torre do chefe do carro. A sua tripulação é de 4 homens (chefe de viatura,



O "STB-1" em esquema



O "STB-1" em acção

artilheiro, muniçador e condutor) e acciona as 38 toneladas (40t em ordem de combate) do veículo, cujas dimensões são: comprimento — 6,60 metros e 9,33 metros com o canhão em posição horizontal; largura — 3,18 metros; altura (com a suspensão em posição normal) — 2,25 metros. Propulsado por um motor diesel MITSUBISHI de 10 cilindros em V, arrefecido a ar, de 760 HP DIN de potência a 2200 r.p.m., com uma caixa MITSUBISHI de seis velocidades para a frente e uma para a retaguarda, atinge uma velocidade em estrada de 53 km/h e dispõe de uma autonomia da ordem dos 600 km.

O seu sistema de direcção de tiro inclui o telémetro lazer e um dispositivo para ver na obscuridade (projector de luz visível e infravermelha e, possivelmente, intensificador de luz).

A sua suspensão é hidro-pneumática, semelhante à do carro de combate sueco "S" a que já nos referimos, e permite fazer variar a altura do carro de 2,25 metros a 2,00 metros (quando a altura da suspensão é mínima) pelo que é o único carro do mundo com torre a poder ter uma altura de dois metros.

Pode transpor obstáculos com 2,70 metros de largura e de 1,00 metros de altura, além de rampas até 60%. A pressão no solo é de 0,86 kg/cm<sup>2</sup> e a sua potência específica é de 19,7 HP/t. Para transposição de linhas de água pro-



O "STB-1", alto e baixo, conforme a acção da sua suspensão (2,25 m-2,00 m).



O "STB-6" ou "T-74"



O "STB-3"

fundas pode acoplar uma "schuorckel". O seu sistema de condicionamento de ar permite manter a sua estanqueidade contra poeiras radioactivas.



# FALTA DE

# SANGUE

## EM PORTUGAL UM PROBLEMA QUE NOS CUMPRE E URGE RESOLVER



Por GABRIEL FERRÃO

### BREVE ESCLARECIMENTO

Pensamos que o motivo que nos levou a desenvolver esta temática nas colunas do Jornal do Exército (órgão de informação, cultura e recreio do Exército Português) ficou sobejamente esclarecido na introdução do nosso primeiro artigo. Só quem o não leu ou não o compreendeu, só quem não sentiu o alcance social que a divulgação de problemas que nos habituámos a considerar "dos outros", quando a toda a colectividade dizem respeito, poderá dar à nossa modesta achega outra intenção que não seja muito simplesmente a de esclarecer.

Sabemos perfeitamente que a nossa linguagem não será 100% acessível. Que umas quantas pequenas gralhas, de resto naturais em qualquer publicação, transformam por vezes o sentido daquilo que procurámos transmitir.

Mas sabemos também que na grande família militar há como que uma hierarquia de culturas que determina nos mais cultos e esclarecidos uma quase que necessidade de ajudarem os de menores conhecimentos a compreenderem e assimilarem quanto lhes possa interessar como cidadãos responsáveis, membros de uma colectividade responsável. O acesso à cultura e ao pleno de direitos e deveres daí derivados está sempre implícita e explicitamente consignado na Constituição de qualquer Estado Democrático.

A nossa não foge à regra: — consigna esse direito.

— Promover o acesso à cultura tornando novos e velhos sensíveis a todos os problemas nacionais é imperativo gostosamente aceite por quantos sentem Portugal.

Confessamos imodestamente ser nossa ambição contribuir pela informação ajudando dentro do possível quantos se mostrem permeáveis a ela no sentido de se consciencializarem para esta necessidade imperiosa que se traduz na garantia de saúde, vida e segurança para si, para os seus e para os outros, acabando de vez com a falta de sangue disponível nesta nossa terra que desejamos feliz.

— Nesta terra que acima de tudo sentimos e se chama Portugal.

Posto este breve esclarecimento que julgamos necessário para quem eventualmente, tendo perdido o fio à meada, se possa ter esquecido daquilo que nos propusemos, vamos, tal como sugerimos no número anterior, dar uma ideia esquemática das bases informativas, sobre as quais fariamos assentar um programa informativo para ser transmitido pela televisão. Um programa deste tipo foi por nós sugerido quando trabalhávamos ainda em colaboração permanente com o Instituto Nacional do Sangue. O acesso à televisão não era na altura coisa fácil.

Atravessávamos então um período polémico e controverso em que os órgãos de comunicação social, de certo modo ainda pouco preparados para colaborarem eficazmente, com todo o impacto da sua grande difusão, na resolução, em liberdade, dos grandes problemas nacionais, se perdiam na divulgação mais ou menos sensacionalista de casos pontuais e particulares, dando-lhes um empolamento que em nada justificavam.

Nesse período de eufórico desnorreamento, aliás compreensível, quantos problemas prioritários foram tratados *ad hoc* e relegados para segundo plano. Preteridos por qualquer história da Carochinha ou de qualquer simpático senhor desconhecido que fazia caldo verde sem couves nem água? Por isso este programa e tudo quanto de positivo dele poderia ter resultado, desde que montado e realizado por profissionais competentes (que felizmente os há na R.T.P.), não teve qualquer sequência e quedou-se inútil e sem vida num longo sono de "Bela Adormecida" no arquivo dos projectos "aguardando melhor oportunidade".

Com o devido enquadramento cénico,

locução, som e luz apropriados às suas necessidades de interesse e motivação de massas, sugeria-se como esqueleto, sobre o qual assentar uma cuidadosa transmissão áudio-visual, a seguinte base:

1. Leitura de um boletim do Instituto Nacional de Sangue.

(O Instituto divulgava então em boletim semanal a recolha de dados que os hospitais e serviços de Sangue do País por ele contactados telefonicamente lhe transmitiam. Esses dados (salvo erro ou omissão) resumiam a situação dos serviços de sangue, informando sobre suficiências ou insuficiências de sangue, sobre intervenções realizadas e sangue consumido, operações adiadas por falta de sangue disponível etc., etc. Esta panorâmica era por vezes desoladora).

— A leitura do Boletim deveria ser, em nosso entender, o ponto de partida para toda a sequência televisiva, que no seu desenrolar deveria ser documentada com imagens específicas (uma para cada caso, tipo projecção de slides) ou por filme de fundo.

Em sobreposição à imagem far-se-ia o comentário de sensibilização, baseado no seguinte esquema:

2 — Análise das consequências da carência de sangue.

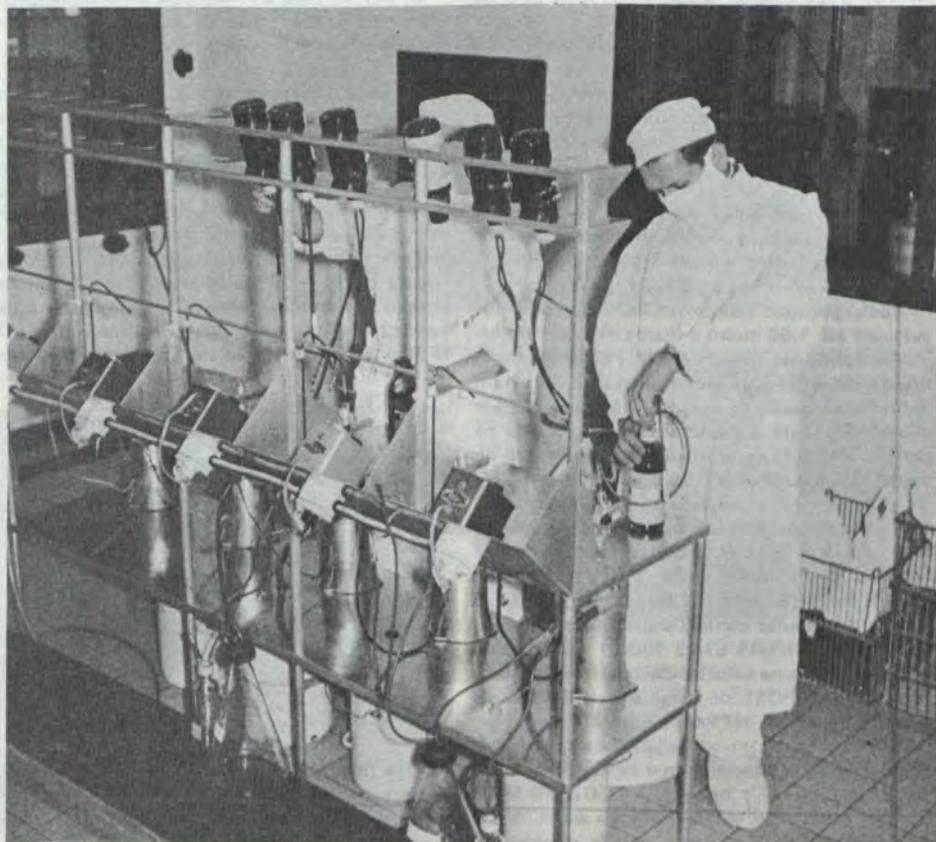
a) — Risco efectivo de vida para os doentes, como resultante de reservas extremamente limitadas, ou até pela ausência de reservas.

b) — Atrasos de recuperação dos doentes com prolongamento de sofrimentos inúteis.

c) — Sofrimento moral (além do físico) resultante do adiamento de tratamentos e intervenções cirúrgicas.

d) — Redução da capacidade de resposta hospitalar consequente da ocupação de camas que deviam estar já ocupadas por outros doentes.

e) — Redução de actividade dos doentes (retorno à vida normal) afectada por estas circunstâncias.



3 — Problema mundial de sangue e sua amplitude.

— Focar que não é um problema exclusivo de Portugal.

— Com maior ou menor amplitude é uma preocupação constante de todos os países do mundo.

4 — Por tudo isto há que garantir disponibilidade de sangue suficiente para que todos quantos dele necessitam, e desses todos a maioria são trabalhadores válidos e indispensáveis, não corram o risco de ficar sujeitos a quaisquer das graves contingências que citámos.

Para isso, há que considerar a dívida de sangue como um dever cívico de todos para com todos.

Um dever colectivo que se traduz em dar para ter.

5 — A este dever cívico não tem sido dada a importância necessária. A prová-lo estão as constantes situações de carência.

Tudo quanto se alega para o seu não cumprimento tem por base o egoísmo, a falta de meditação sobre um problema que por tendência natural consideramos dos outros, quando pode instantaneamente tornar-se nosso ou dos nossos, e um incompreensível medo de nos sujeitarmos a esse acto simples, inócuo e indolor da extracção de uns escassos mililitros de sangue.

Os inquéritos feitos a nível nacional justificam a escusa ao cumprimento do dever cívico da dívida de sangue por:

- 1o. — Falta de informação
- 2o. — Medo ao acto da extracção de sangue.
- 3o. — Falta de tempo disponível.
- 4o. — Relutância face aos problemas de comercialização de sangue.

Pois bem, quanto à informação cá estamos mais uma vez na brecha com o nosso Boletim informativo e com a preciosa ajuda da Rádio Televisão Portuguesa.

Do Boletim, a Rádio e a Imprensa diária têm feito e continuarão a fazer a necessária divulgação e respectivos comentários.

Mais uma vez vamos lançar uma vasta campanha de informação directa e indirecta subordinada ao tema:

“Dar sangue a tempo é dá-lo já”.

Com ela procuraremos cobrir todos os núcleos de possíveis dadores que potencialmente somos todos nós.

— Quanto ao medo do acto da extracção do sangue é absolutamente injustificável.

Ela traduz-se numa simples picadura tão simples e indolor como qualquer injeção.

E quantos de nós dos 18 aos 65 anos não recebemos ainda uma injeção?

Só obscurantismo ou um mínimo de coragem física podem procurar emprestar validade a este argumento.

— Falta de tempo — Mais uma capa para o medo. Quem por muito atarefado que seja não dispõe de meia hora?

— Falta de tempo é argumento de desconhecimento, de comodismo ou de medo.

— A comercialização de sangue — está nas mãos de todos nós acabarmos definitivamente com ela.

E a única forma de acabar é dando para que haja disponibilidades suficientes para que todos possam receber sangue quando necessário, sem qualquer dispêndio.

5 das principais unidades hospitalares do País já estão neste momento dando sangue sem qualquer encargo para quem necessita de o receber.

Nem as despesas com a preparação (bastante onerosas) são debitadas.

— A estas 5 unidades, outras e outras se seguirão até ser possível tornar o sangue gratuito em todos os serviços do País.

Mas isto é, mais uma vez o repetimos, um problema de todos nós, pois sem disponibilidade não é possível garantir-se, como é óbvio, a gratuidade.

— Se não ultrapassarmos estes mitos, cujas bases são essencialmente o medo e o egoísmo, cada um de nós está sujeito a enfrentar uma situação irremediável.

— Se não houver suficiente colaboração, os serviços com o pessoal técnico que neles trabalha não tem qualquer capacidade de resposta, pois sendo o sangue um produto que se não fabrica não lhes resta outra fonte a que recorrer

verdadeiramente empenhados na garantia de vida, saúde e segurança da colectividade.

Preconizava-se para o programa uma periodicidade semanal ou bissemanal, devendo ser complementado com o seu anúncio integrado na programação da R.T.P. e com projecções, se possível diárias, de spots de 1 ou 2 minutos para manter vivo o interesse de milhões de espectadores para um problema em que cada qual se enquadraria logicamente.

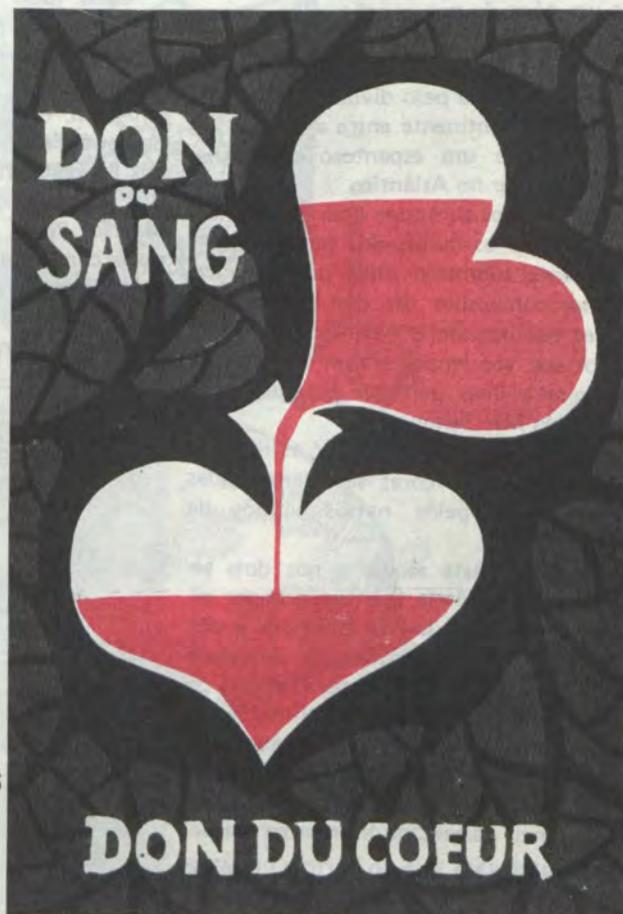
— Esses spots focariam pontos do programa base e seriam documentados com imagens desse mesmo programa.

Estamos convencidos de que este programa, bem trabalhado televisivamente, boa sequência de sugestivos de imagens, uma locução límpida e séria som de fundo apropriado e montagem cuidada seria susceptível de ter conseguido resultados palpáveis.

Vimos há dias, com agrado, que a R.T.P. se está tornando cada vez mais receptiva à problemática do sangue e à difusão da dívida voluntária.

Ainda esperamos ver um dia nesse meio de massas (o mais eficaz e de maior penetração) ser dado sem restrições todo o apoio aos grandes problemas nacionais, informando e formando toda a população, tornando-a apta a poder contribuir no próprio interesse para a sua resolução.

No próximo número trataremos do Posto Móvel do Instituto Nacional de Sangue e de como ele poderia ser utilizado, não só como centro ambulatório de colheita de Sangue mas ainda como Centro difusor de informação.



UM BOM EXEMPLO DE CARTAZ, SIMPLES E SUGESTIVO, EMBORA DE UMA LINHA TEMÁTICA ULTRAPASSADA

senão ao dador, dador que deverá ser cada um de nós.

— Este, como os mais prementes problemas nacionais, só poderá ser resolvido por uma união em esforço de todos os homens válidos

. Deixaremos assim para outra oportunidade a informação a nível de juventude em vários países do mundo e a esquematização de como pensamos que ela se deveria processar em Portugal.

# MONUMENTOS DE EVOCAÇÃO MILITAR

Coronel Bastos Moreira

## FORTALEZA DE SANTA MARIA (AÇORES)

Das nove ilhas que constituem o arquipélago dos Açores, situado a 750 milhas da costa do Continente português, a Ilha de Santa Maria é a sétima em área e a primeira que se encontra quando se navega de Lisboa para aquele arquipélago.

Descoberta em 1432 por Gonçalo Velho Cabral, a sua ocupação só se concretizou em 1439 quando D. Afonso V a mandou povoar.

Tem uma forma alongada, com 18 quilómetros no maior comprimento por 10 quilómetros na largura máxima; é escarpada e rochosa, e no seu meio ergue-se o Pico Alto com 590 metros de altura.

Escreve Jaime de Figueiredo na sua obra "Ilha de Gonçalo Velho":

"A Ilha entre as ondas do mar revolto, era um oásis de paz cristã e velha imagem da pátria".

"A Atlântida, lenda dos tempos egípcios contada pelo divino Platão, seria um grande continente entre a Europa e a América que um espantoso cataclismo fizera sepultar no Atlântico.

Para muitos as nossas ilhas podem tomar-se como os cumes dos picos daquele continente submerso onde passaram tremendas convulsões das que atormentam de vez em quando o Atlântico açoreano.

Por sua vez lendas árabes e cristãs referiam-se a ilhas perdidas ou encantadas no seio do Mar Tenebroso".

Até meados do século XV, as ilhas do arquipélago dos Açores são demandadas pacificamente pelos navios vindos da Guiné.

No final deste século e nos dois seguintes, Santa Maria foi flagelada por piratas bárbaros vindos de Marrocos e por corsários franceses, ingleses e genoveses que navegavam naqueles mares a fim de atacarem as naus vindas da Índia e do Brasil transportando grandes riquezas e que lá faziam escala.

Em 1480, 40 homens desembarcados de uma nau castelhana e armados de arcabuzes atacaram Vila do Porto. O Capitão João Soares com um grupo de habitantes fez frente aos atacantes e conseguiu expulsá-los após violento tiroteio.

No ano de 1553 a população de Santa Maria ficou alarmada com a presença de uma esquadra francesa, composta de nove

navios de guerra, que evoluciona nas vizinhanças da ilha.

Em 1576, navios corsários franceses em número de três desembarcaram muitas dezenas de marinheiros que incendiaram Vila do Porto e travaram duros combates com os habitantes. Após a chegada de reforços e de novos combates os assaltantes foram repelidos.

Treze anos mais tarde foi a vez de se assistir a um ataque de corsários britânicos. Os habitantes, sob o comando do capitão Brás Soares, derrotaram os invasores. Nesta luta, o moral dos naturais nunca abrandou; conta-se que este facto se deveu à acção do padre Manuel Corvelo e à presença de uma imagem de Nossa Senhora.

Em 1616 uma frota genovesa com mouros e turcos veio atacar a ilha.

O pessoal desembarcado saqueou, incendiou e arrasou várias localidades costeiras.

Depois da libertação destes bárbaros, o capitão Brás Soares tomou a iniciativa de mandar construir uma capela de invocação à Senhora do Livramento.

Num ataque, em 1675, por parte dos piratas de Mogrebe, os árabes flagelaram fortemente Vila do Porto e maltrataram os moradores.

Estas lutas e o constante sobressalto em que vivia a população levaram a pensar seriamente na necessidade de fortificar as costas da ilha.

Assim, com começo no reinado de D. Sebastião e com continuação no templo dos Filipes, foram construídos muitos fortins e redutos como, por exemplo: S. Brás, Marvão, Praia, Anjos e S. Lourenço, dos quais, com excepção do de S. Brás, apenas existem ruínas e restos precários.

A guarnição destes fortes era constituída por corpos de milícias ou de or-

denanças e por companhias de piqueiros e de arcabuzeiros; o seu comando estava a cargo de Sargentos, de Alferes e do Capitão-mor.

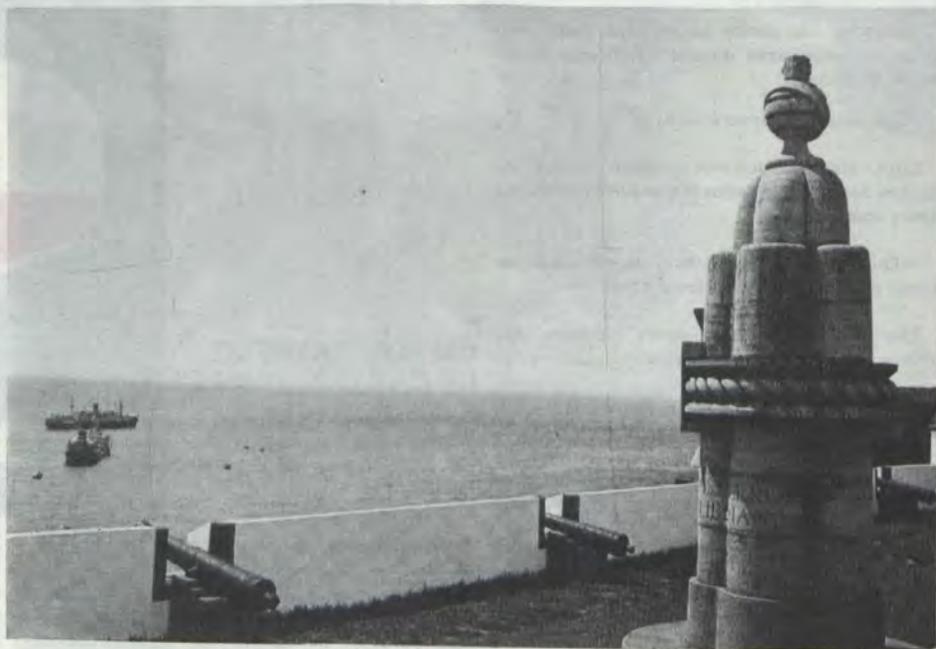
Em 1581, o Prior do Crato navegou perto de Santa Maria e recebeu auxílio do Capitão-mor.

Muitos mancebos de todas as classes sociais da ilha fizeram parte das forças expedicionárias comandadas por D. Pedro, que vieram, durante as lutas liberais, desembarcar na praia da Memória.

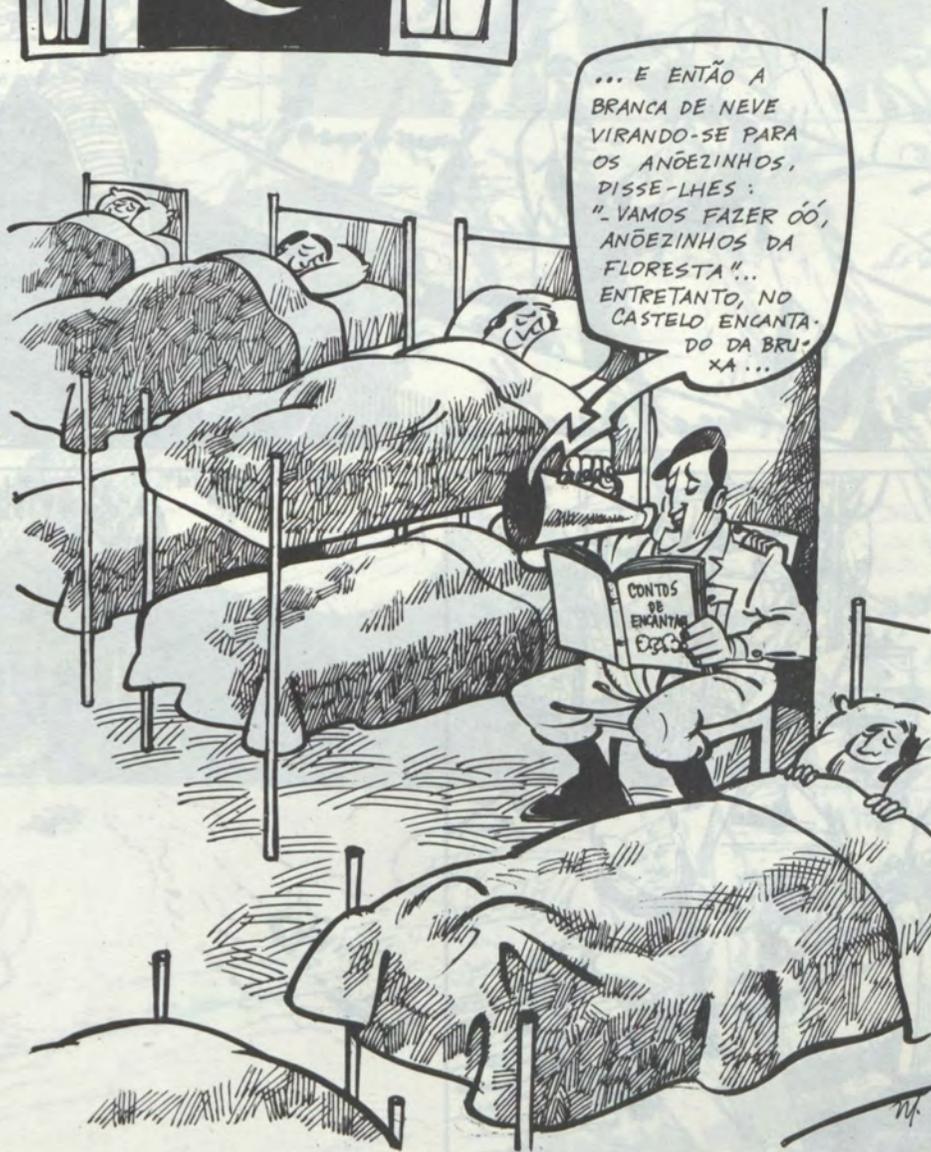
Durante a guerra de 1914-18, o primeiro Tenente Carvalho Araújo escreveu uma página de glória durante um combate travado entre o caça-minas que comandava ("Augusto Castilho") e um submarino alemão. Perante uma flagrante desigualdade de forças, o "Augusto Castilho" sucumbiu combatendo sem temor, e o seu Comandante morreu como um herói. Os sobreviventes vieram aportar à ilha de Santa Maria. No forte de S. Brás, na sua praça de armas, ergue-se um obelisco em memória a este facto histórico. A iniciativa da sua construção foi do Coronel Pires Monteiro e o projecto é da autoria do arquitecto Raul Lino.

O monumento é em pedra, tem esculpida uma esfera armilar e uma cruz de Cristo, e é abraçado pela legenda: "AOS QUE SE VÃO DA LEI DA MORTE LIBERTANDO".

O grande aeroporto de Santa Maria, inaugurado em 1946, constitui uma eficiente base de escala da rota aérea entre a Europa e a América. A nove quilómetros de Vila do Porto, no pitoresco local dos Anjos encontra-se uma pequena ermida onde se pode ver o tríptico que pertenceu ao altar da nau de Gonçalo Velho Cabral e onde rezou Cristóvão Colombo quando, de regresso da América, aportou no norte da ilha em 1493.



# anedota



# SÉRIE CAMÕES

## «OS LUSÍADAS»

Por BAPTISTA MENDES

### Episódio de FERNÃO VELOSO

3

Fernão Veloso pede então a Vasco da Gama para ir a terra ver os usos e costumes dos naturais...



Pois ide, já que a curiosidade a isso vos leva. E na verdade muito nos calha...

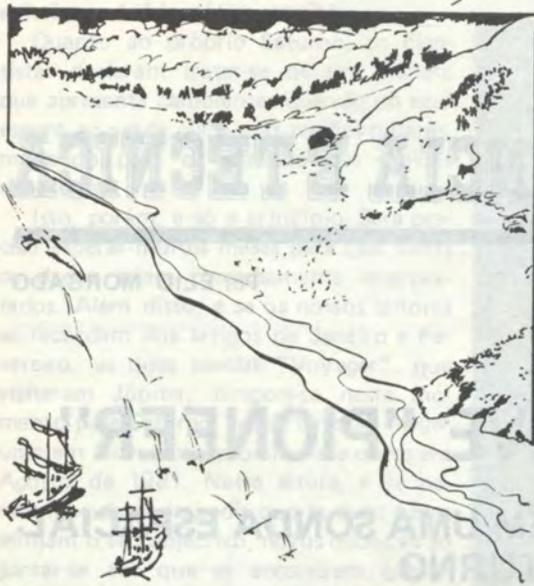
BAPTISTA MENDES 80



.....  
É Veloso no braço confiado.  
E, de arrogante, cre que vai seguro;  
.....



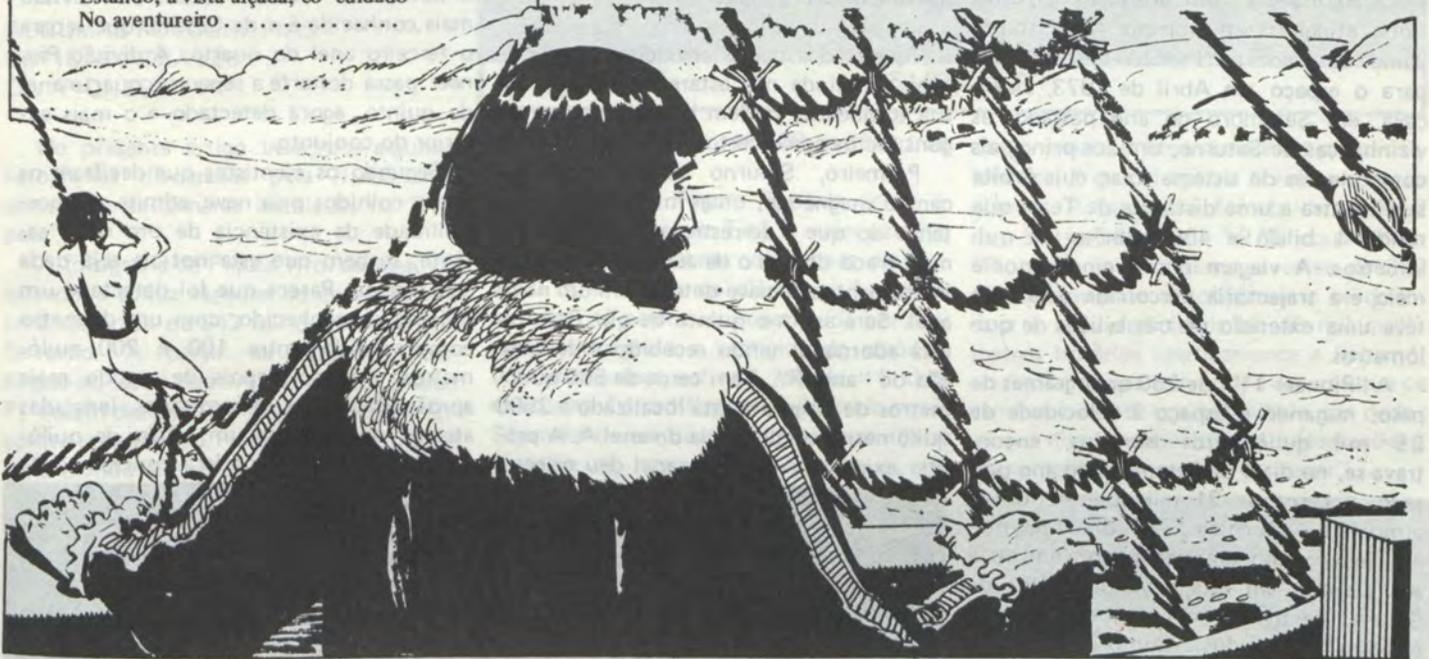
Mas é com certo receio que os companheiros o deixam partir, entregue ao desconhecido...



Não devíamos ter deixado aquele louco ir sozinho...

O Capitão disse que não ia mais ninguém...

..... Mas, sendo um grande espaço já passado, Em que algum bom sinal saber procuro, Estando, a vista alçada, co' cuidado No aventureiro .....



..... eis pelo monte duro Aparece e, segundo ao mar caminha, Mais apressado do que fora, vinha.

(continua)



## SATURNO VISTO PELA NAVE "PIONEER"

### PASSADOS MAIS DE CINCO ANOS DE VIAGEM, UMA SONDA ESPACIAL "ENCONTROU-SE" COM SATURNO

Nunca, na ainda jovem história da exploração espacial, um artefacto terrestre tinha atingido um objecto tão distante como Saturno: a "Pioneer-11", enviada para o espaço em Abril de 1973, alcançava, em Setembro do ano passado, as vizinhanças de Saturno, um dos principais componentes do sistema solar, cuja órbita se encontra a uma distância da Terra que ronda 1 bilião e 400 milhões de quilómetros. A viagem durou cinco anos e meio, e a trajectória percorrida pela nave teve uma extensão de três biliões de quilómetros.

A "Pioneer-11", de 260 quilogramas de peso, rasgando o espaço à velocidade de 85 mil quilómetros horários, encontrava-se, no dia 1 de Setembro do ano passado, a cerca de 21 mil quilómetros da atmosfera saturnina. No dia seguinte, aquele engenho americano concentrou a sua atenção em Titã, o maior satélite de Saturno (e mesmo o maior de todos os satélites conhecidos). Cumpridas as missões para que tinha sido programada, a nave, neste momento, afasta-se para sempre do sistema solar.

Não foi sem algumas dificuldades que a "Pioneer-11" conseguiu chegar até Saturno. Como sucede em todas as missões espaciais, a viagem da sonda através do espaço interplanetário foi caracterizada pelas mais diversas atribulações. Entre alguns dos obstáculos surgidos há a destacar violenta erupção solar, que submergiu o minúsculo artefacto numa vaga de partículas, perturbando as ligações com a Terra. Quando da passagem da nave perto dos anéis de Saturno, temeu-se que a densidade da matéria existente nessa região a danificasse ou mesmo a destruísse completamente. A nave, porém, ultrapassou todos os obstáculos, permitindo assim o envio para a Terra de milhares de dados que vão permitir a revelação de alguns mistérios consubstanciados em Saturno.

UM NOVO ANEL E, TALVEZ, MAIS UM SATÉLITE

Apesar dos dados enviados pela "Pioneer-11" ainda não estarem estudados na sua totalidade, podem já considerar-se alguns factos como certos.

Primeiro, Saturno possui poderoso campo magnético, umas mil vezes mais intenso do que o terrestre, mas vinte vezes mais fraco do que o de Júpiter. Depois, os instrumentos da nave detectaram um novo anel. Será assim o quinto de que Saturno está adornado, tendo recebido a designação de "anel F". Tem cerca de 500 quilómetros de largura e está localizado a 3500 quilómetros de distância do anel A. A própria existência do novo anel deu origem,

como é óbvio, a nova divisão, que recebeu o nome de "divisão Pioneer". A divisão mais conhecida é a de Cassini, que separa o terceiro anel do quarto. A divisão Pioneer passa destarte a separar o quarto anel do quinto, agora detectado e o mais exterior do conjunto.

Segundo os cientistas que decifram os dados colhidos pela nave, admite-se a possibilidade da existência de um novo satélite, se bem que esta notícia seja dada sob reserva. Parece que foi detectado um objecto desconhecido, com um diâmetro compreendido entre 100 e 200 quilómetros, mas só depois de estudo mais aprofundado das informações (enviadas através de mais de um bilião de quilómetros de espaço) poderá concluir-se da

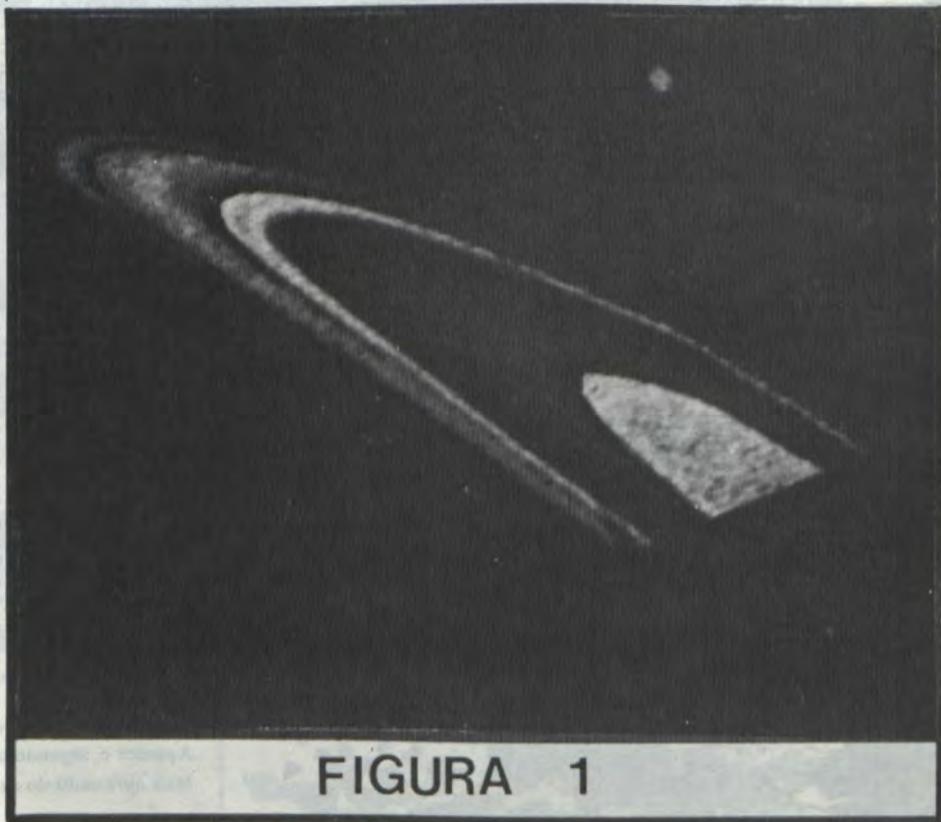


FIGURA 1

existência do hipotético satélite.

Quanto ao próprio Saturno, os cientistas declaram tratar-se de um planeta que apresenta cambiantes que vão do azul escuro ao verde claro, nas regiões polares, mudando para o castanho nas regiões equatoriais.

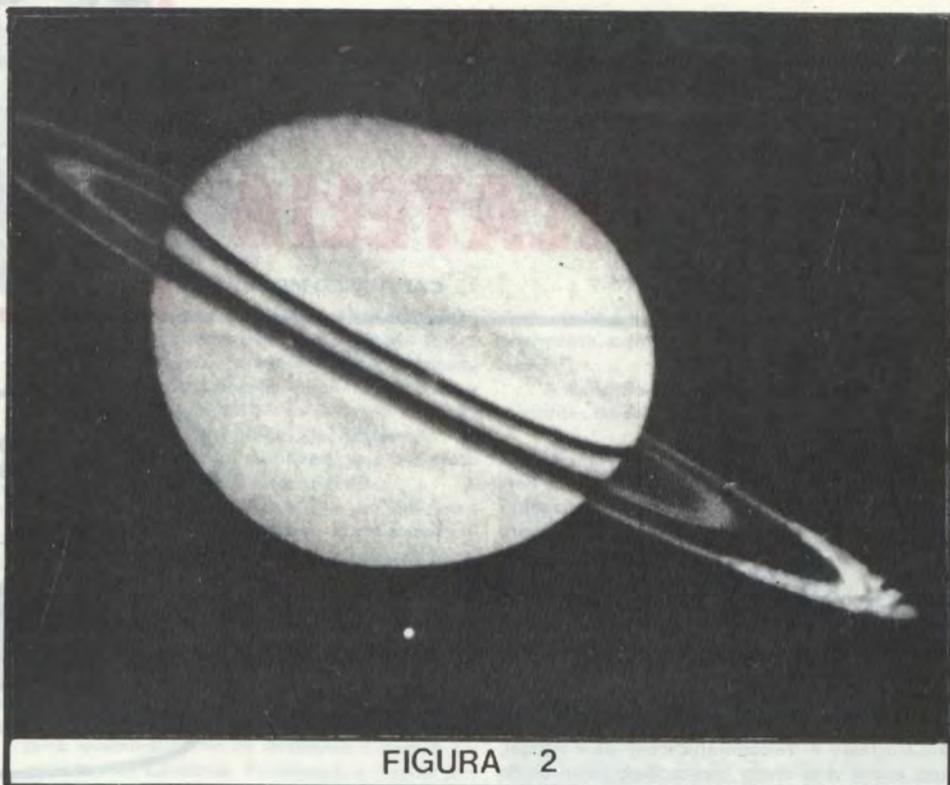
Isto, porém, é só o princípio. Será preciso esperar muitos meses para que todos os dados sejam correctamente interpretados. Além disso, e se os nossos leitores se recordam dos artigos de Janeiro e Fevereiro, as duas sondas "Voyager", que visitaram Júpiter, dirigem-se neste momento para Saturno, aonde deverão chegar, uma em Novembro próximo e a outra em Agosto de 1981. Nessa altura, e se nenhum acidente impedir que as duas nave atinjam o seu objectivo, novos dados virão juntar-se aos que se encontram actualmente na posse dos cientistas, e assim aumentar as possibilidades de se conseguirem mais novidades sobre Saturno.

#### ALGUMAS FOTOGRAFIAS OBTIDAS ATRAVÉS DA "PIONEER-11"

No presente artigo inserimos algumas fotografias divulgadas pela N.A.S.A. e obtidas pelas câmaras instaladas na "Pioneer".

A fotografia da Figura 1 foi conseguida quando a sonda espacial se encontrava a uma distância de 943 mil quilómetros de Saturno. A partir da esquerda, distingue-se, com relativa facilidade, o anel F, recém-descoberto. Seguidamente, encontra-se a divisão Pioneer, depois o anel A, a divisão Cassini e o anel B. O anel C quase não sobressai do fundo negro do espaço, e, por último, a menos de dez mil quilómetros do planeta, bem visível, o anel D. Como é do conhecimento geral, os anéis, se bem que aparentem tratar-se de discos rígidos, são realmente constituídos por inúmeras partículas sólidas. Finalmente, ao alto da fotografia e um pouco para a direita, pode vislumbrar-se um dos satélites de Saturno, no caso presente Tétis, cujo diâmetro é de 1046 quilómetros.

A Figura 2 mostra a totalidade do planeta e parte dos anéis. Também nesta fotografia se pode localizar outro satélite de Saturno, Rea, cujo diâmetro é de cerca de 1600 quilómetros (trata-se do ponto branco, por baixo do planeta). A sombra projectada nas nuvens pelos anéis é bem visível. O estudo desta fotografia permitiu aos cientistas concluir que a atmosfera de Saturno é constituída principalmente por hidrogénio e hélio, com alguns vestígios de amónia, e é muito menos agitada do que a atmosfera de Júpiter, pois não se detectaram os turbilhões gigantesco característicos da atmosfera joviana, se bem que se verifiquem correntes violentas que

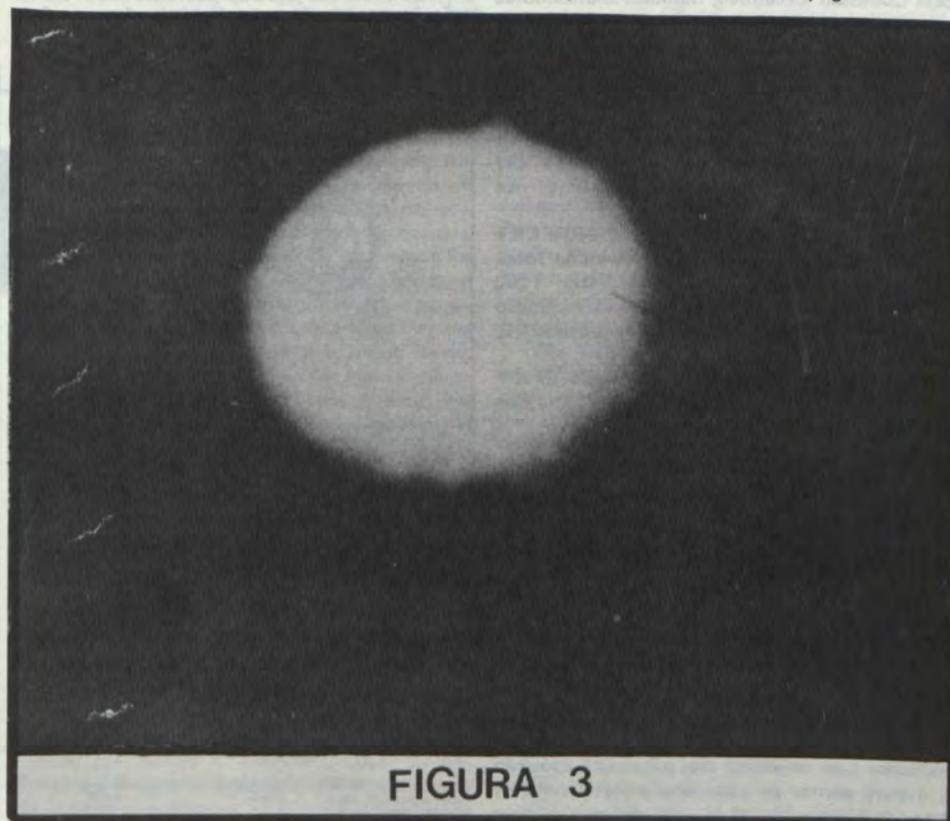


atingem velocidades de 500 quilómetros horários.

Por fim, na Figura 3 pode ver-se o mundo misterioso de Titã, o maior satélite conhecido do sistema solar, com os seus 5800 quilómetros de diâmetro. A atmosfera de Titã parece ser constituída por metano, hidrogénio e vestígios de amónia, uma atmosfera, afinal, idêntica à que existiu na Terra há quatro biliões de anos. Segundo os peritos, não está excluída a hipótese de, nesse mundo longínquo, um

dia se produzir uma síntese de proteínas, idêntica à que originou a vida no nosso planeta. A fotografia foi obtida no dia 2 de Setembro de 1979, quando a "Pioneer" se encontrava a cerca de 300 mil quilómetros do objectivo e se deslocava a uma velocidade de 40 mil quilómetros horários relativamente a Saturno.

Agora, como se frisou, é esperar que os cientistas estudem a totalidade dos dados ao seu dispor e aguardar as informações a enviar pelas duas sondas "Voyager".



# FILATELIA

CAP. VASCO MOURA



## EXPOSIÇÕES FILATÉLICAS LUBRAPEX 80 - VIII EXPOSIÇÃO FILATÉLICA LUSO-BRASILEIRA

Com organização do Clube Filatélico de Portugal e com uma Comissão organizadora presidida pelo Prof. Dr. A.H. de Oliveira Marques, há alguns meses que se está trabalhando na efectivação da VIII exposição Filatélica Luso-Brasileira, que vem sendo designada LUBRAPEX e que de dois em dois anos tem lugar, alternadamente, no Brasil e em Portugal.

Os trabalhos da organização vão em bom ritmo, já com o indispensável alto patrocínio dos Correios e Telecomunicações de Portugal, cujo apoio vem sendo inextinguível, assim como da Federação Portuguesa de Filatelia.

A LUBRAPEX 80 terá lugar de 18 a 26 de Outubro próximo nas instalações da moderna Biblioteca Nacional de Lisboa e, para que seja efectivamente uma jornada filatélica de amizade Luso-Brasileira de alto nível, está já constituída uma Comissão de Honra, cuja presidência foi aceite por Sua Excelência o Presidente da República Portuguesa.

Para a comemoração do grande acontecimento cultural filatélico, prevê-se: a emissão de quatro selos com reproduções de embarcações do século XVI a XIX, do Porto de Lisboa; criação de um carimbo com data móvel para uso exclusivo na correspondência a expedir pela Comissão Executiva; flâmulas anunciadoras a utilizar em várias estações postais; um carimbo comemorativo para cada dia em que decorre a exposição, e, finalmente, um carimbo especial para correspondência a ser transportada por via fluvial através do Tejo.

O espaço disponível para a montagem do certame comporta cerca de mil quadros. Em preparação o Boletim nº 1 que sairá durante o mês de Fevereiro.

O Comissário Geral desta VIII LUBRAPEX é o sr. Fernando Gomes Carrão, Avenida Mouzinho de Albuquerque, no. 24-4o. Dto. 1100 Lisboa. O Comissário para o Brasil é Angelo Zionni, Avenida Rouxinol, 463, Apartado 13, 04516 - São Paulo - S.P.

A correspondência para a Comissão Executiva deverá ser remetida para: Avenida Almirante Reis, no. 70-5o. Dto. - 1100 Lisboa.

### EXÉRCITO 80

Continua-se a trabalhar a fim de congregar os possíveis colaboradores e expositores na Exposição Filatélica do Exército. Como se pode ver pela descrição anterior, as LUBRAPEX já vão na sua oitava edição e só com a vontade e carolice de muitos entusiastas filatelistas se tem conseguido realizar bianualmente estes certames. Do mesmo modo, desejaríamos que as Exposições do Exército viessem a criar raízes suficientemente fortes para que venham a realizar-se com periodicidade. Assim, vamos todos trabalhar para organizar esta primeira Exposição e, depois, pensar em coordenar a filatelia militar para manifestações cada vez maiores e com



18 - 26 OUTUBRO 1980

maior interesse. Poder-se-á mesmo intervir junto dos Serviços de Filatelia dos CTT na sugestão de selos e carimbos de temática militar.

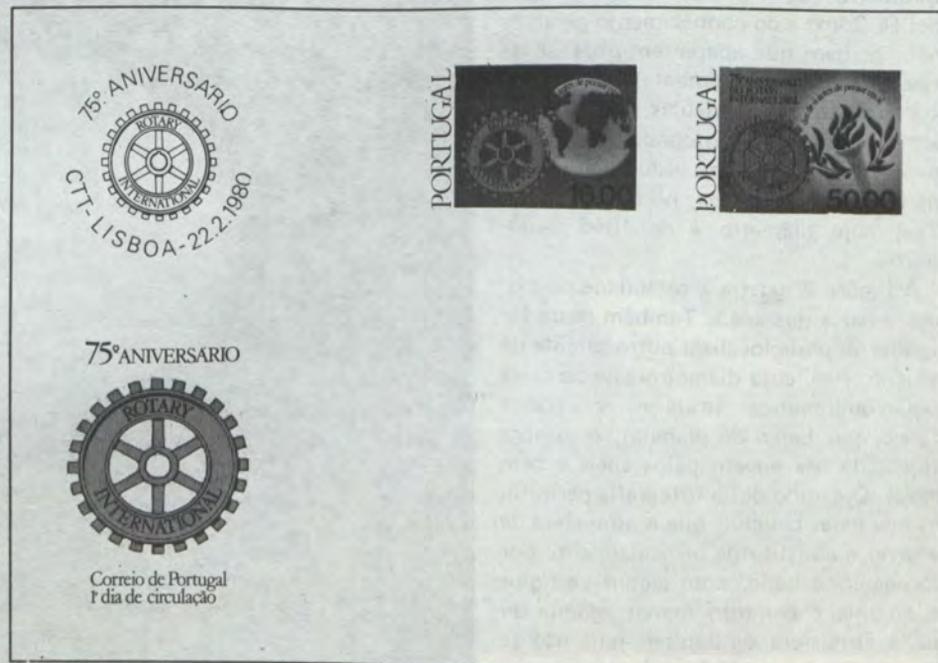
### NOVAS EMISSÕES

O 75o. Aniversário do Rotary Internacional foi motivo para a emissão duma nova série, de dois selos com as taxas de 16\$00 e 50\$00, cujo primeiro dia de circulação se verificou em 22 de Fevereiro.

ROTARY é um movimento que, pela orientação humanista da sua actividade, depressa foi aceite pelo Homem independentemente do seu

credo religioso ou político. Ao organizar e instalar, a 23 de Fevereiro de 1905, o primeiro clube rotário, em Chicago, talvez Paul P. Harris não esperasse uma tão generalizada e rápida aceitação, apesar da fé que mantinha na possibilidade de aproximação dos homens pelo desenvolvimento das suas características espirituais.

Na actividade de um clube há sempre uma ideia básica - o ideal de serviço - que se manifesta no interior do clube, através da profissão e na vida em comunidade, orientando-se em última análise para o desenvolvimento de uma compreensão internacional, bem-estar e paz.



Obliterações do 1º dia em:  
Obliterations du 1er jour à:  
First Day obliterations in:

LISBOA

PORTO

COIMBRA

FUNCHAL

PDELGADA



# UNIFORMES MILITARES

## PORTUGAL HISTÓRIA DA LEGIÃO PORTUGUESA AO SERVIÇO DE NAPOLEÃO 1808-1813 PARTE II

Após a entrada de Junot em Portugal, Napoleão escrevia-lhe: "Podeis mesmo reunir um corpo de cinco a seis mil homens do Exército Português, Oficiais e Soldados, fazendo-os marchar por colunas de 1000 homens para França, declarando-lhes que os tomo ao meu serviço; fazei-os ajurar". Em 20 de Novembro escrevia-lhe novamente, "Não vos demoreis um instante em desfazer-vos do Exército Português; o que será fácil no primeiro mês, tornar-se-á difícil depois, que parta imediatamente logo que tenha prestado juramento. Fazei-o dirigir em Batalhões para Bayona".

Foi em virtude destas ordens terminantes de Napoleão que Junot desarmou e licenciou as nossas tropas, apurando os melhores que reuniu numa Divisão, comandada pelo Marquês de Alorna, e que, sob o nome de Legião Portuguesa, passou a fazer parte do Exército francês.

Os vinte e quatro regimentos de Infantaria Portuguesa tinham cerca de 12 a 15 mil homens, em condições precárias para suportarem uma campanha séria. Faltavam Oficiais de fileira e Generais habilitados para a guerra, apesar de numerosos, porque se encontravam todos com excessiva idade e sem hábito de vida activa. Outro tanto sucedia aos doze Regimentos de Cavalaria do Reino e aos quatro de Artilharia, todos organizados, como é sabido, pelo decreto de 19 de Maio de 1806. Para estas armas não houve mais



providências do que organizá-las em Regimentos e estes em Divisões e Brigadas, de modo que o Exército Português encontrava-se incapacitado de cumprir integralmente a sua missão. Por outro lado, o alvará de 21 de Outubro de 1807 (1) elevava a 48 o número de Regimentos de Milícias, antigos Terços auxiliares, que o decreto de 7 de Agosto de 1796 fixara em 43.

Como se poderia verificar era um simulacro de exército, que, mesmo assim, Junot achou excessivo. E, com o pretexto de reorganizá-lo, apressou-se a enfraquecê-lo mais ainda, limitando-o a três únicas Legiões, que ficaram distribuídas do seguinte modo: Legião do Tejo, com um Regimento de Infantaria e mais dois Batalhões, constando cada um destes de nove Companhias a trinta Praças. A Legião do Douro com um Batalhão de Linha, outro de Infantaria Leve, quatro Baterias de Artilharia e quatro Esquadrões de Cavalaria. Finalmente a Legião dos Algarves, com as mesmas unidades que a Legião do Douro. Os Oficiais e Soldados tiveram uma distribuição igual à do Exército Francês.

Estas providências foram postas em vigor pelo decreto de 22 de Dezembro, assinado por Junot, como Comandante em Chefe das tropas de Trás-os-Montes, Beira e Estremadura, e, por Decreto de 31 do mesmo mês, assinado pelos Generais Tranco e Solano, respectivamente Chefe das Armas do Norte e das províncias do Alentejo e Algarve. Também para as Milícias o licenciamento foi total. Com o decreto de desarmamento completava-se, assim, a reorganização militar, que reduziu o País à impotência. Mas não foi tudo. Mesmo estas medidas ficariam ainda mais reduzidas, quando, em breve, delas se arrancassem os regimentos que marchariam para França, a fim de ficarem às ordens e ao serviço de Napoleão, e aos quais se chamaria "Legião Portuguesa".

Segundo Manuel de Castro Pereira de Mesquita (2), que pertenceu à Legião, "O decreto ordenava que os Soldados dos Corpos Reduzidos, que tinham mais de vinte anos de serviço, e menos de um, pudessem ter baixa, querendo-a, assim como todos os Soldados casados; os outros deviam ficar servindo nos novos Regimentos. Os Oficiais impossibilitados de fazer serviço activo podiam obter a sua demissão ou reforma, conforme o direito que a isso tivessem, em consequência e na forma das Leis do Reino. Os indivíduos que foram encarregados da redução dos diferentes Regimentos tiveram instruções, particulares e secretas, relativamente às demissões dos Oficiais".

"O General Marquês de Alorna foi especialmente encarregado desta operação; mas como a brevidade, que nela se requeria, não lhe permitia dirigi-la, delegou a sua autoridade a várias pessoas, cuja escolha foi aprovada por Junot".

"O Brigadeiro Pampelona, foi encarregado da redução dos Regimentos de Cavalaria das províncias do Norte, dos da Corte e província da Estremadura; o Marechal de Campo D. Rodrigo de Lencastre foi o da redução da Infantaria da Corte; o Brigadeiro D. José Carcome e o Coronel Francisco António Freire Pego, o das três províncias do Norte; o Tenente-General Gomes Freire e o Brigadeiro João de Brito Mouzinho, da do Alentejo e Algarve. O General Marquês de Alorna, que foi por esse tempo ao Alentejo,

Por MANUEL R. RODRIGUES

onde tinha a sua família, propôs-se a dirigir pessoalmente a redução da Cavalaria daquela província".

"A redução da Infantaria fez-se da maneira seguinte: deram-se resalvas ou baixas por escrito,



Marquês de Alorna  
General de Divisão

e assinadas pelo Oficial, que dirigia a operação, aos Oficiais e Soldados que tiveram demissão, baixa ou reforma; formaram-se listas separadas de uns e outros, assim como dos que ficavam continuando a servir; e de cada uma destas se mandaram duas cópias ao General-Comandante em Chefe. Tomava-se conta do armamento e correame, e remetia-se um e outro com as bandeiras e livros-mestres do Regimento ao arsenal mais próximo do lugar, em que se fazia a redução. Os Oficiais e Soldados, que ficavam designados para continuar a servir, marchavam em massa para o lugar em que se devia formar o novo Regimento a que ficava pertencendo".

"Na Cavalaria a redução fez-se do mesmo modo que na Infantaria pelo que dizia respeito ao pessoal. Os estandartes, livros-mestres, armas e correames foram igualmente remetidos aos arsenais mais vizinhos. As semas e arreios foram postos em depósito nos lugares em que se fizeram as reduções e entregues aos Almojarifes dos ditos lugares, e onde os não havia, a homens abonados e que pudessem responder pelo dito depósito; mas a arrecadação deste ramo de fazenda fez-se geralmente mal, e cada indivíduo dos antigos Regimentos, Oficial ou Soldado, pôde impunemente tomar para si o que lhe agradou".

(Continua)

(1) - Ver Jornal do Exército No. 232 e 233 de Abril e Maio 1979.

(2) - In História da Legião Portuguesa em França, Londres 1814.

**PARA  
QUEM  
GOSTA  
DE  
SABER**

# VELHAS GRAVURAS DE MACAU

Coordenação de Pedro de Oualal

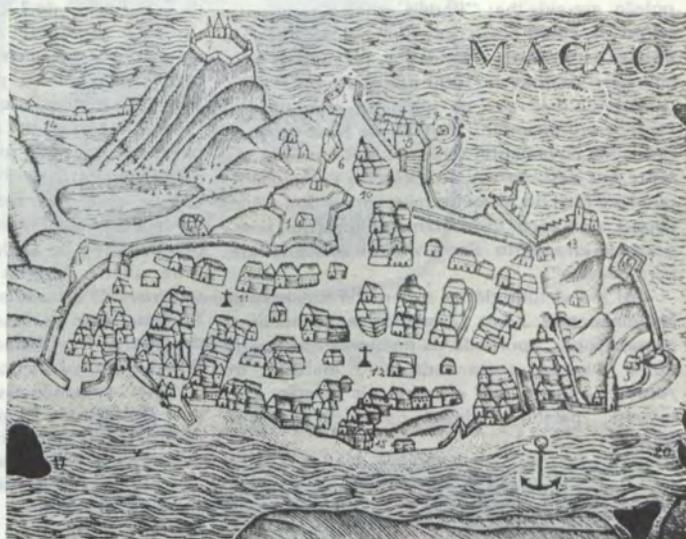
A acção dos portugueses na perseguição e extermínio dos piratas que infestavam os mares da China foi de tal forma notável e eficaz que este grande Estado do Extremo-Oriente, por gratidão e espírito de amizade, cedeu uma pequena parcela do seu território, Macau, à nossa administração com permissão para nele estabelecermos uma feitoria.

Fundada em 1577, a feitoria de Macau foi-se urbanizando e povoando e assim em 1578 já contava com uma população de 900 portugueses.

Depressa Macau se tornou no maior entreposto de comércio com a China e o Japão e ainda na sede das missões católicas do Extremo-Oriente. Levantaram-se colégios e conventos e deles partiram generosos missionários a difundir a sua fé. O progresso económico foi desde o século XVI acelerando o ritmo. Aumentava a frota mercante, e a riqueza ia bafejando aqueles que a procuravam, adensava-se a população local formada por portugueses e numerosos chineses que tinham accorrido a fixar-se na florescente feitoria. Sob administração portuguesa há mais de quatrocentos anos, Macau é hoje uma linda cidade de extraordinária beleza e de encantador pitoresco. Em perfeita comunhão de interesses, compreensão e respeito mútuo, nela vivem e trabalham lado a lado europeus e orientais, cada comunidade com os seus usos, as suas crenças e os seus costumes.

Portugueses e chineses vivem e convivem como se não houvera entre eles qualquer diferenciação. E a verdade é que não existe, porquanto, para além de tudo, há a uni-los uma constante de entreatada para o bem comum: o progresso dessa terra ímpar que o mundo conhece como "A Pérola do Oriente".

Esta breve introdução serve principalmente para enquadrar uma série de gravuras que desejaríamos divulgar e que, indo de



Planta de Macau 1622.

1622 a 1847, representam por assim dizer quase dois séculos e meio de evolução da antiga feitoria de Macau, hoje cidade do mesmo nome. São gravuras curiosas e sugestivas que decerto interessarão à maioria de quem gosta de saber... ou melhor: de ver para saber.

Macau 1638



Macau 1655





Vista de Macau (1836)



Planta de Macau 1840

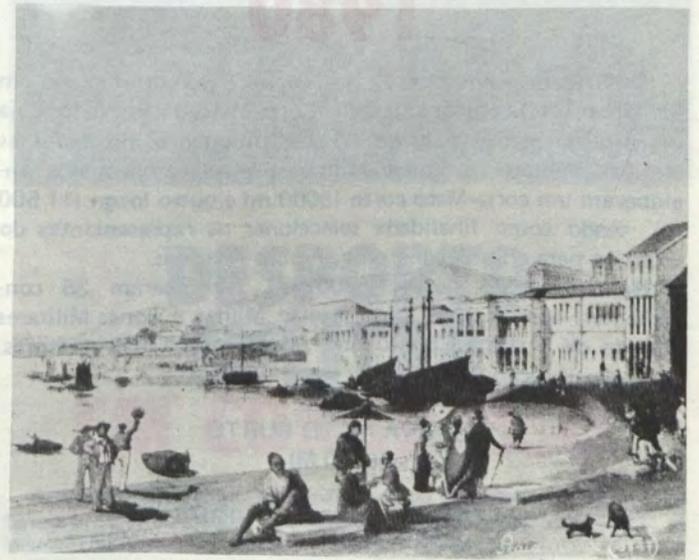
Macau 1826



Vista de Macau (1845)

Praia Grande 1847.

Macau 1726



Vista de Macau 1845

A Praia Grande em 1824 vista do Norte.



Macau (1726)





Pelo Maj. Art. CARLOS DA FONSECA ALFERES

## ATLETISMO

### CAMPEONATO DE CORTA-MATO DO EXERCITO 1980

Realizaram-se em 21 e 22 de Fevereiro do corrente ano em Santarém, os Campeonatos de Corta-Mato do Exército, cuja organização esteve a cargo do EPC. Concorrendo todas as Regiões Militares e Zonas Militares, estes campeonatos englobavam um corta-mato curto (5000 m) e outro longo (11 500 m), tendo como finalidade seleccionar os representantes do Exército para o Campeonato das Forças Armadas.

No corta-mato curto (5000 m) participaram 35 concorrentes, apresentando cada Região Militar e Zonas Militares equipas de 5 atletas, pontuando para a equipa os 3 melhores. Eis a classificação final:

#### CORTA MATO CURTO (5000 M)

##### CLASSIFICAÇÃO INDIVIDUAL

- 1o. - Furriel Aguiar - RM1 - 14' 10".4
- 2o. - 1o. Cabo Piedade - RML - 14' 17".8
- 3o. - Soldado Duarte - RML - 14' 20".5
- 4o. - Soldado Silva - RMC - 14' 24"
- 5o. - 1o. Cabo Sousa - RML - 14' 27"
- 6o. - 1o. Cabo Miranda - RMC - 14' 32"
- 7o. - Soldado Pinheiro - RML - 14' 38"
- 8o. - Soldado Sívio - ZMM - 14' 49"
- 9o. - Soldado Canhoto - RMS - 14' 53"
- 10o. - 1o. Sargento S. António - RMS - 14'54"

Nesta prova foram seleccionados os 8 primeiros, para representar o Exército no Campeonato das Forças Armadas.

##### CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS

- 1o. - RML, 6 pontos. 2o. - RMC, 27 pontos. 3o. - RMS, 31 pontos. 4o. - ZMM, 35 pontos. 5o. - 1a. BMI, 62 pontos. 6o. - ZMA, 63 pontos. 7o. - RMN, 65 pontos.

No Corta-Mato longo (11 500 m) participaram 51 concorrentes, sendo as equipas constituídas por 8 elementos, dos quais pontuavam os 6 melhores.

##### CLASSIFICAÇÃO INDIVIDUAL

1o. - Soldado Fernandes	RML	36' 20" 2
2o. - 2o. Furriel Soares	RML	37' 15" 2
3o. - Soldado Fonseca	RMC	37' 34" 8
4o. - Soldado Eduardo	RML	37' 57"
5o. - Soldado Cruz	RMN	38' 08"
6o. - Soldado Santos	1a. BMI	38' 11"
7o. - 1o. Cabo Pereira	RMC	38' 20"
8o. - 1o. Cabo Henriques	RMC	38' 39"
9o. - Soldado Silva	RMC	38' 40"
10o. - Soldado Passeira	RMC	38' 50"
11o. - Soldado Gomes	RML	39' 04"
12o. - Tenente Saldanha	RMC	39' 05"
13o. - 1o. Cabo Santos	1a. BMI	39' 06"
14o. - 1o. Cabo Pereira	RMN	39' 07"
15o. - Soldado Filipe	RMC	39' 14"
16o. - Soldado Damas	RMS	39' 27"



Nesta prova foram seleccionados 16 atletas classificados nos primeiros lugares. Tanto estes, como os atletas seleccionados no corta-mato curto, entraram em estágio no Centro Militar de Educação Física e Desportos, com vista à constituição das equipas representativas do Exército, no Campeonato das Forças Armadas.

##### CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS

- 1o. - RMC, 49 pontos. 2o. - RML, 67 pontos. 3o. - 1a. BMI, 115 pontos. 4o. RMN, 125 pontos. 5o. RMS, 150 pontos. 6o. - ZMA, 237 pontos

Nesta prova, a equipa da ZMM não se classificou, em virtude de apenas ter concorrido com 3 atletas.

A entrega dos prémios aos atletas e equipas classificados os melhores lugares foi feita na E.P.C., sendo a cerimónia presidida pelo General Duarte Silva.

Durante o estágio que se realizou no CMFED, a equipa do Exército já seleccionada sofreu uma baixa de vulto, visto o Soldado Fernandes, que havia vencido o corta-mato longo, ter sofrido uma lesão que o iria impedir de dar o seu contributo no Corta-mato das Forças Armadas.

## NACIONAIS DE CORTA-MATO DAS FORÇAS ARMADAS

A cargo do Centro de Educação Física da Armada, disputaram-se na Fonte da Telha (Costa de Caparica) os Campeonatos Nacionais de Corta-Mato, das Forças Armadas, que reuniu representantes da Armada, Exército, Força Aérea, Polícia de Segurança Pública, Guarda Nacional Republicana e Guarda Fiscal. Destes "NACIONAIS" constaram duas provas, apelidadas de "corta-mato curto" com cerca de 5000 metros e "corta-mato longo" com 11 500 metros, que tinham como finalidade seleccionar os melhores atletas militares, com vista aos Campeonatos Internacionais Desportivos Militares, que se vão disputar em Fontainebleau (França) entre 26 de Fevereiro e 1 de Março.

Em qualquer das provas, os representantes da Armada dominaram em absoluto, o que não foi de estranhar, pois ali militam atletas de excelente nível nacional, federados no Sporting, Benfica, Belenenses, Santa Clara e CEFA, e muito particularmente Rafael Marques que, como atleta do Sporting, participou no Cross dos Clubes Campeões Europeus de Corta-Mato, onde brilhantemente se classificou e pontuou para a equipa.

A classificação do corta-mato curto (5000 m) ficou assim estabelecida:

- 1o. — Gru mete Álvaro Correia — Armada — 15 m. 58 s.
- 2o. — Marinheiro António Oliveira — Armada — 16 m. 07 s.
- 3o. — Marinheiro João Leal — Armada — 16 m. 13 s.
- 4o. — Marinheiro António Pimenta — Armada — 16m. 21 s.
- 5o. — Soldado António Duarte — Exército — 16 m. 30 s.
- 6o. — Gru mete Carlos Barbosa — Armada — 16 m. 46 s.

### POR EQUIPAS

- 1o. — Armada — 6 pontos. 2o. — Exército — 23 pontos. 3o. Força Aérea — 32 pontos. 4o. G.N.R. — 49 pontos. 5o. P.S.P. — 60 pontos. 6o. G. Fiscal — 62 pontos.

Foram seleccionados seis atletas para esta prova, dos quais, 4 se deslocarão a França.

No Corta-Mato longo (11 500 m) a classificação ficou assim estabelecida:

- 1o. — Gru mete Rafael Marques — Armada — 37 m. 32 s.
- 2o. — Gru mete Mário Lemos — Armada — 38 m. 02 s.
- 3o. — Marinheiro Rui Lopes — Armada — 38 m. 33 s.
- 4o. — Guarda Abílio Neiva — P.S.P. — 39 m. 08 s.
- 5o. — Marinheiro José Pedras — Armada — 39 m. 25 s.
- 6o. — Furriel David Soares — Exército — 40 m. 28 s.
- 7o. — Cabo António Lima — Armada — 41 m. 01 s.
- 8o. — Soldado Fausto Santos — Exército — 41 m. 01 s.
- 9o. — Soldado Manuel Silva — Exército — 41 m. 15 s.
- 10o. — Soldado Fernando Eduardo — Exército — 41 m. 27 s.



### POR EQUIPAS

- 1o. — Armada — 32 pontos. 2o. — Exército — 57 pontos. 3o. — Força Aérea — 115 pontos. 4o. — P.S.P. — 127 pontos. 5o. — G.N.R. — 193 pontos.

Foram seleccionados 10 atletas para esta prova, dos quais 8 se deslocarão a França. Todos os atletas seleccionados nas duas provas entraram em regime de estágio no Centro de Educação Física da Armada, sendo coordenador dos trabalhos o Capitão-Tenente Glória Patrício. Desse estágio, para além dos treinos diários, constam vários passeios e visitas de estudo, bem como lições de francês.

Daqui endereçamos os parabéns aos nossos camaradas da Armada, não só pela exímia organização apresentada na feitura destas provas, mas principalmente pela importância em que é tida a Educação Física, onde o Centro de Educação Física e as suas estruturas são o máximo expoente.



## DESPORTO MILITAR EM CONGRESSO

Realizou-se em Pequim a reunião anual do Conselho Internacional do Desporto Militar, sendo eleito para presidente da organização o Major-General tunisiano Mohammed Salah Mokaddem.

Mokaddem, vice-presidente do Comité Olímpico da Tunísia, sucedeu ao Vice-Almirante italiano Aldo Massrini, que se retirou após 9 anos ao Serviço do Conselho.

Portugal esteve presente e foi representado pelo Coronel Moreira de Campos, Comandante das Forças de Segurança de Macau, e pelo Major Guilherme Santa Rita, segundo Comandante da P.S.P. de Macau. A última vez que Portugal participara numa reunião deste Conselho fora em 1975 em Madrid.

O Conselho Internacional do Desporto Militar é constituído por 77 países, dos quais 65 estiveram representados em Pequim, para eleger novos dirigentes e estabelecer datas e sede das próximas eleições. O General francês Rene Bellamy foi eleito vice-presidente e o Brigadeiro sírio Chakbazof, o chinês Han Fudong e o Tenente-Coronel austríaco Zechner foram escolhidos para o Comité Executivo. O Conselho, que foi fundado em 1948 por iniciativa de França, Bélgica, Holanda, Luxemburgo e Dinamarca, voltará a reunir-se em 1981, provavelmente em Caracas, na Venezuela.

Que a acção do Desporto Militar a nível Internacional se torne mais assídua, e que Portugal através das suas Forças Armadas, com um programa de Educação Física mais cuidado, nos possa fazer lembrar as magníficas selecções militares de futebol que apresentou na década de 50, e que bastante prestígio deram ao País e às Forças Armadas.



# ARMAS ANTIGAS

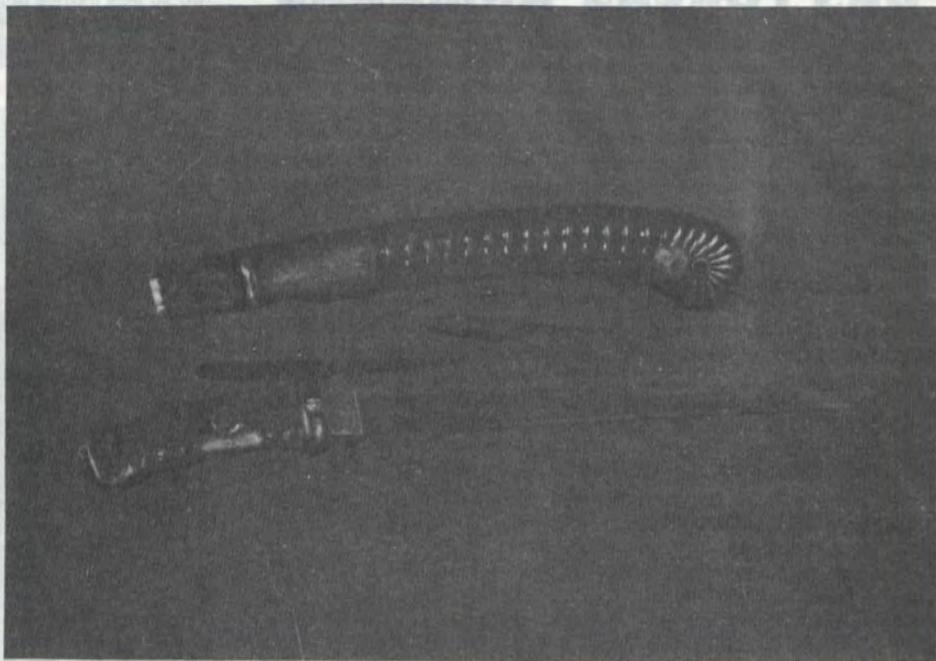
## ARMAS BRANCAS DO JAPÃO(II)

Coord. de B. P.

Proseguindo na apresentação das belas armas brancas do antigo Japão, pomos à admiração dos nossos leitores alguns exemplares de punhais que, em qualidade e nobreza de linhas, nada ficam a dever às extraordinárias armas que temos vindo a apresentar.

### PUNHAL "TANTO"

Este bellissimo exemplar de lâmina japonesa fazia parte, juntamente com a "katana" do armamento dos "samurais" quando usavam a ar-



madura. Era usado à cintura. Em traje normal, o "samurai" armava-se com outros tipos de arma. É o tipo de arma curta que, segundo as formas e as dimensões, serve de ponto de referência e de comparação na subdivisão dos punhais que, como as espadas, têm a sua função específica.

Podem-se enumerar outros tipos, ora com lâmina de comprimento entre os 25 e os 35 centímetros ora com a lâmina estreita e afiada de 18 centímetros de comprimento, ora com a lâmina de dimensões ainda mais reduzidas, este o tipo de arma preferida das mulheres com

propósitos suicidas.

Quanto à decoração, os espadeiros japoneses eram mestres insuperáveis na arte da incisão a frio e os motivos estavam associados à tradição iconográfica budista, com grandes variedades de interpretação e realização.

### PUNHAIS DO PERÍODO "EDO"

O período "TOGUGAWA", que é também conhecido como período "EDO", desenvolve-se a partir do século XVII até meados do século XIX e é caracterizado por uma produção de armas que se alia a uma necessidade imposta, exclusivamente, por atitudes nostálgicas, pois as guerras não molestaram o Japão, naquele período.

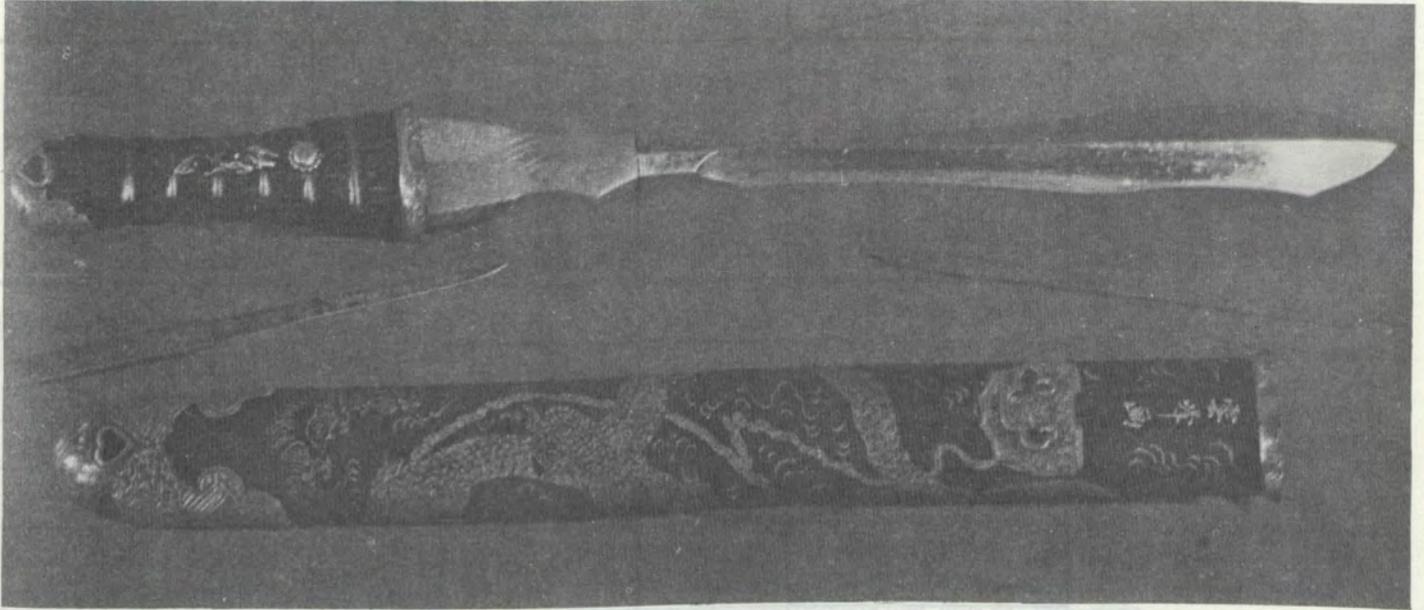
Estes dois punhais, com bainhas e punhos em marfim, finamente esculpidos, apresentam decorações em relevo que tornam a linha um pouco pesada. A lâmina, ligeiramente curva, de um só gume, é de tamanho inferior a 30 centímetros, donde estes punhais serem do tipo de arma branca curta designada "tanto". O que é interessante é a presença do chamado "KOZUKA", pequena faca invariavelmente colocada numa cavidade da bainha feita com tanta perfeição que a superfície não revelava nenhuma alteração.



## FERRO DE "YARI"

Esta arma tem características bastante interessantes. A lâmina em espadela, com pouco mais de 30 centímetros, era, originalmente, um ferro de lança de um tipo chamado em japonês "SANSAKU YARI".

Este ferro foi utilizado para construir um tipo de punhal sem guarda-mão. O punho é de madeira com o capacete e ornatos em metal cinzelado. A bainha é revestida com pele negra e tem a figura de um dragão de ouro.



## "AIKUKI"

Punhal sem guarda-mão e que, geralmente, não excedia o comprimento de 30 centímetros, era caracterizado por uma lâmina levemente encurvada e com um só gume. Por vezes, tinha uma bainha em que se podia inserir uma pequena faca.

O período a que pertence este punhal chama-se "TOKUGAVA" e desenvolve-se a partir dos primeiros anos do século XVII até meados do século XIX. É uma época caracterizada pela necessidade de se voltar saudosamente às antigas formas das armas.

Bastantes exemplares deste tipo de arma foram construídos com bainhas e punhos de marfim esculpido em relevo, e são peças muito ambicionadas pelo seu trabalho muito delicado.



## SUBIDA DE OURO E PRATA ORIGINA - VALORIZAÇÃO DAS MOEDAS — IV

— Conclusão —

Com a publicação do presente artigo damos por findo o ligeiro estudo que aqui foi feito, onde relacionamos a numismática com a subida da prata.  
S. Tomé, Cabo Verde, Índia, Timor e Macau ocupam a página deste número.

### 5. S. TOMÉ E PRINCIPE

Moedas	Descrição	Peso Legal (gr.)	Toque (‰)	Total Prata fina (gr.)	Valor intrínseco	Cotação (B. C.) Maio/79
50\$00	— 1970	18	650	11,70	345\$20	150\$00
10\$00	— 1939	12,5	835	10,44	308\$00	900\$00
	— 1951	12,5	720	9,00	265\$50	150\$00
5\$00	— 1939	7	650	4,55	134\$20	600\$00
	— 1948	7	650	4,55	134\$20	700\$00
	— 1951	7	650	4,55	134\$20	80\$00
	— 1962	4	600	2,40	70\$80	50\$00
2\$50	— 1939	3,5	650	2,28	67\$30	300\$00
	— 1948	3,5	650	2,28	67\$30	320\$00
	— 1951	3,5	650	2,28	67\$30	70\$00

### 6. CABO VERDE

Moedas	Descrição	Peso Legal (gr.)	Toque (‰)	Total Prata fina (gr.)	Valor intrínseco	Cotação (B. C.) Maio/79
10\$00	— 1953	5	720	3,60	106\$20	100\$00

### 7. INDIA

Moedas	Descrição	Peso Legal (gr.)	Toque (‰)	Total Prata fina (gr.)	Valor intrínseco	Cotação (B. C.) Maio/79
Rupia	— 1912	12	916,6	11	324\$50	1 000\$00
	— 1935	12	916,6	11	324\$50	400\$00
	— 1947	12	500	6	177\$00	400\$00
½ Rupia	— 1936	6	835	5	147\$50	600\$00

### 8. TIMOR

Moedas	Descrição	Peso Legal (gr.)	Toque (‰)	Total Prata fina (gr.)	Valor intrínseco	Cotação (B. C.) Maio/79
50 AVOS	— 1945	3,5	650	2,28	67\$30	900\$00
	— 1948	3,5	650	2,28	67\$30	100\$00
	— 1951	3,5	650	2,29	67\$30	100\$00
10\$00	— 1964	7	650	4,55	134\$20	80\$00
6\$00	— 1958	7	650	4,55	134\$20	80\$00
3\$00	— 1958	3,5	650	2,28	67\$30	60\$00

### 9. MACAU

Moedas	Descrição	Peso Legal (gr.)	Toque (‰)	Total Prata fina (gr.)	Valor intrínseco	Cotação (B. C.) Maio/79
20 Patacas	— 1974	15	650	9,75	287\$60	200\$00
5 Patacas	— 1952	15	720	10,80	318\$60	150\$00
	— 1971	10	650	6,5	191\$80	150\$00
1 Pataca	— 1952	3	720	2,16	63\$70	100\$00

Perante os quadros inseridos, facilmente se conclui que estamos num período de inversão de valores. Os Catálogos - Preçários forçosamente estão desactualizados perante tal fenómeno. As moedas BELAS aumentaram de cotação mas numa proporção muito mais baixa.

★

NOTA: Nas comparações feitas considerámos o grama a 29\$50. No entanto, devido à recente crise entre a América e o Irão e depois a permanência de tropas da U.R.S.S. no Afeganistão, o ouro ultrapassou os mil escudos/grama! A prata, em 15 dias, passou de 29\$50 para 50\$00/grama. Os valores intrínsecos, em 15 dias, quase duplicaram. Logo o nosso estudo já está desactualizado!!!

Perante semelhantes observações, transcrevemos de seguida uma pequena conversa na Expo-Feira do Hotel ROMA em 5 de Janeiro último:

— «Olha que a prata está a 80\$00 o grama!  
— Estás a sonhar ou quê?  
— Estou a brincar...»

Realmente o caso não é para brincadeiras, pois neste certame o grama transaccionou-se a 60\$00 e alguém disse que no estrangeiro já estava a 70\$00.

A todos os coleccionadores deixamos este alerta.



# MODELISMO

## SONHO E REALISMO

"Todos os amadores de maquetas conhecem esta angústia. Uma vez terminado o blindado ou o caça nocturno, uma vez colada a última antena, feito o último toque de côr, a peça, em vez de tomar vida, torna-se, bruscamente, um objecto inerte, uma pequena coisa inanimada, condenada à poeira da estante ou no ataúde da vitrina.

A parte de sonho que o criador, pelo próprio facto da criação, tinha transmitido à sua obra, esfumou-se misteriosamente, dando lugar a um ressaibo amargo de inutilidade e de frustração. Cada um conhece a solução, que não é senão uma reacção de defesa, isto é, atirar-se furiosamente à construção de uma outra maqueta que, uma vez terminada...

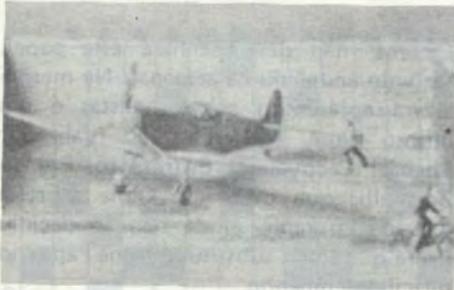
O "processus" não tem mais fim. O prazer torna-se rotina, a paixão torna-se mania. Mesmo os mais entusiastas esclerosam-se, encarniçam-se em vencer, puerilmente, as dificuldades da pequenez... E a poesia se afasta de maquetas muito eruditas e como que definhadas. (...)

Esta poesia desaparecida, esta vida entorpecida, é preciso reinsuflá-la, artificialmente, à corveta abandonada no seu soco ou aos aviões tristes, como aves mortas. Qual a ideia? Restituí-los ao seu elemento, instalá-los no seu cenário, reencontrar suas realidades específicas de objectos criados pelo homem. Para seu uso ou sua destruição. Qual o processo? A representação cénica ou o diorama. É efectivamente de uma encenação que se trata. A representação de um momento preciso de uma acção determinada. Um segundo da existência do mundo, fixado pela varinha de um mágico. E isto diz respeito tanto ao blindado, atolado nas estepes da Ucrânia como ao bombardeiro "estampado" nos bordos de um "atoll", a chegada do primeiro comboio à gare de La Ciotat, (...) ou o combate desesperado do homem de Cro-Magnon contra o urso das cavernas. Em resumo, todas as actividades humanas, todos os acontecimentos quotidianos ou históricos podem ser vivificados cenicamente. Ao preço de um pouco de paciência e de imaginação que são (ou deverão ser) as nossas qualidades de modelistas. (...)"

\*\*\*

As palavras que constituem o texto precedente são da autoria de Michel Carnal e foram publicadas num artigo da revista da especialidade "L'Univers du Modelisme" de 1976, que focava a questão dos dioramas e a sua montagem pelos amadores. Trouxemo-las ao conhecimento dos nossos leitores para preceder uma mostra de um trabalho deste género, realizado por Fernando Miguel S. Pereira Vicente de treze anos de idade, filho do senhor Major Fernando Pereira Vicente e que pensamos poder publicar no nosso número de Abril, acompanhado por opiniões expressas por Michel Lespart, outro colaborador qualificado da revista, acima citada, sobre a questão em causa.

Creemos que o excerto publicado transmite-nos, quase com paixão, a razão de ser na realização de dioramas que, sem dúvida, valorizam, sobretudo, os modelos que construímos.



## PANORAMA DA EXIBIÇÃO POUCO ANIMADOR

Não foi muito famoso (ao contrário do que se estava à espera) o panorama da exibição cinematográfica nos primeiros meses deste ano. Em Janeiro os cinemas da capital foram invadidos por uma nova espécie de filmes — nova na sua qualidade sofrível — cujo tema de antecipação científica parece suscitar a curiosidade de algumas (... mas nem por aí assim tantas) camadas de público. "Alien — o 8o. Passageiro" terá sido destes filmes o mais publicitado mas, francamente, consistiu numa desilusão face a outras obras de maior qualidade, como "2.002 Odisseia no Espaço".

No capítulo de filmes de terror, vimos "Zombie — a maldição dos mortos vivos" película imaginosa, sem dúvida. O espectador que gosta deste tipo de cinema terá saído arrepiado das sessões o que, sem dúvida, é positivo, por um lado; mas negativo, por outro. Ou seja: trata-se de uma película que mete nojo, que mete medo, mas em que o *suspense* está ausente em demasia. Assim, o filme sai frouxo para aqueles que gostam de grandes tensões mas que se arrepiam de ver muito sangue.

Nota alta, nesta película, para o trabalho de caracterização, à base do qual é construído muito do horror de "Zombie — a maldição dos mortos vivos".

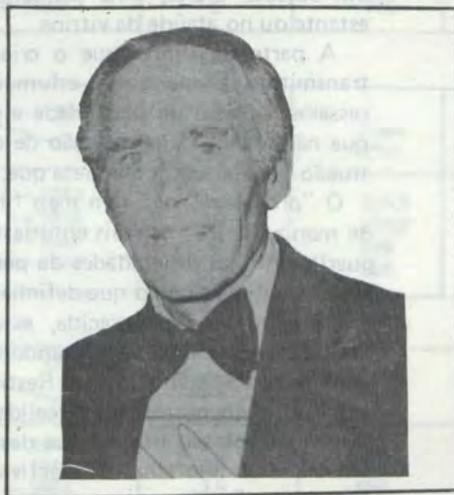
### "TARZAN" TRAVA O ÚLTIMO COMBATE

Johnny Weismuller, actualmente com 76 anos, o mais célebre Tarzan do Cinema trava o seu último combate. Weismuller sofre de uma encefalite incurável. Campeão de natação, antes de se estrear no Cinema, com 43 anos, conquistou sessenta e sete recordes do mundo e cinco medalhas de ouro, ganhas no decurso dos Jogos Olímpicos de 1924/1928.



### HENRY FONDA COM SESENTA E NOVE PRIMAVERAS

Henry Fonda, o veterano actor glória de Hollywood, apareceu recentemente a público, na estreia do filme "Meteoro" (já exibido entre nós). O facto em si mesmo não teria nada de extraordinário não fora Henry Fonda ter já completado sessenta e nove primaveras. Alegres primaveras, pode dizer-se, pois, apesar da avançada idade, continua activo e promissor de novos e fulgurantes desempenhos.



### O MAIS EXTRAORDINÁRIO DOS LELOUCH

O realizador francês Claude Lelouch anunciou, recentemente, que irá iniciar as rodagens do seu filme "mais extraordinário". Será sem dúvida fantástico, — disse o conhecido realizador — já pelo custo, já pelos intérpretes e até pelo tempo de que necessita para ser rodado. A nova película Lelouch, intitulada "Uns e Outros" tem à partida um orçamento de dez milhões de dólares, sendo protagonizado por, entre outros, Nureyev, Shirley MacLine e Annie Girardot. Algumas das sequências serão filmadas nos Estados Unidos e União Soviética e outras na República Federal Alemã.

### IRENE PAPAS NÃO SERÁ MARIA CALLAS

Irene Papas, indicada para ser a intérprete da personagem de Maria Callas, no

Cinema, não desempenhará este papel, segundo anunciou há semanas. Na mesma altura apresentou aos jornalistas o seu último filme, "Ifigénia", do realizador Michael Cacoyannis. Entretanto, Franco Zeffirelli, que dirigirá o filme sobre a falecida soprano, ainda não se decidiu sobre que actriz substituirá Irene Papas no difícil desempenho.

### SENTIMENTALISMO INVADE CINEMA AMERICANO

Uma onda de sentimentalismo invade actualmente o cinema americano, que parece disposto a aproveitar o filão em que os indianos se especializaram, batendo na "corrida" os mexicanos dos tempos de Arturo de Cordova, Marga Lopez e Libertad Lamarque e seus "Direitos de Nascer".

A última "coqueluche" deste tipo de cinema é da autoria de Robert Day — um veterano profissional de Hollywood — que acaba de concluir o filme "Quero o meu filho". O tema é o das mulheres que não podem ter filhos, mas não abdicam do direito de serem "mães". O argumento é explorado com requintes de romantismo e pieguice... o que o realizador espera que dê certo... economicamente.

### "GLOBOS DE OURO" DE HOLLYWOOD

O filme "Kramer versus Kramer" — cuja exibição no nosso país não está ainda anunciada — foi o filme mais votado para os Globos de Ouro a atribuir pela Associação da Imprensa Estrangeira de Hollywood. Na categoria indicada para os melhores filmes dramáticos foram indicados três filmes já exibidos entre nós: "Norma Rae", "Manhattan" e "O Síndrome da China".

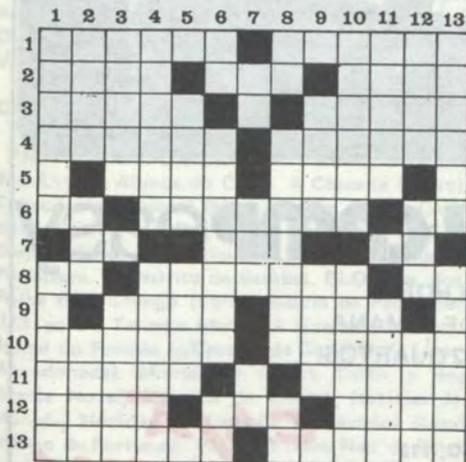


# RECREIO

Por JOPRA

## PALAVRAS CRUZADAS

PASSATEMPOS  
ADIVINHAS POPULARES



PROBLEMA No. 3/80

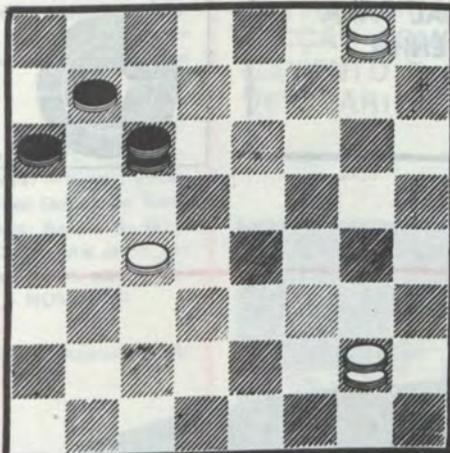
1 - Que é, que é,  
Tem um palmo de pescoço,  
Tem barriga e não tem osso?

2 - Dois manos são:  
Um vai à missa  
E o outro não.

(ver as soluções numa das páginas do  
Jornal)

## DAMAS

DAMAS  
PROBLEMA No. 90  
de Teles Junior



Br. - 2 damas e 1 pedra - Pr. - 1 dama e  
2 pedras

### COLOCAÇÃO DAS PEÇAS

Br. - (5)-15-(29) Pr. - (23)-24-28  
As brancas jogam e ganham.

### HORIZONTAIS

1 - Trabalhais; aguçam. 2 - Patife; além; pescoço. 3 - Anteriormente; penetrar. 4 - Incorreram; favoreceram. 5 - Cantiga; mirar. 6 - Aquelas; casar; ruim. 7 - Artigo (ant.); renque; até. 8 - Uno; defenda; ali. 9 - Aparência; cume. 10 - Levedas; imoral. 11 - Enfiada; invado. 12 - Adir; mas; actuar. 13 - Morabito; prisão.

### VERTICAIS

1 - Robinia; gritaram. 2 - Creme; descendência; agouro. 3 - Recitaria; dissipar. 4 - Amparo; penhasco. 5 - Derivar; verbal. 6 - Sua; chocalhos; sêja. 7 - Aca-nhamento; grito; parecença. 8 - Instante; delimita; prata (simb. quim.). 9 - Depressão; pilha. 10 - Cumprir; afiai. 11 - Aca-lentar; invocação. 12 - Içar; dor; ligeiro. 13 - Domicílio; nivela.

AOS CRUZADISTAS DO JORNAL DO EXÉRCITO:

GRANDE CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS EM 1980!  
TEMA MILITAR.  
(PRODUÇÃO E DECIFRAÇÃO).  
TERÁ OPORTUNIDADE  
DE GANHAR ALICIANTE PRÉMIOS!!!

(Ver Regulamento publicado neste jornal em Janeiro de 1980)

## SE É COLECCIONADOR

O JORNAL DO EXÉRCITO  
TEM PARA SI  
A PREÇOS ESPECIAIS

### POSTAIS

UNIFORMES MILITARES  
PORTUGUESES  
(Edição de JE)

JÁ EDITADAS  
8 séries de 9 postais cada

Preço de cada série	35.00
Postais avulsos	4.50
Preço especial para Assinantes Militares:	
Cada série	30.00
Postais avulsos	4.00

### MEDALHAS

(Bronze)  
VICTÓRIA DE:  
Vasco Nuno Gravador

XV ANIVERSÁRIO DO JORNAL  
DO EXÉRCITO  
(Módulo aprox. 60mm)

Preço	180.00
Assinantes Militares	150.00

NOTA - 25 ABRIL 74  
(Módulo aprox. 70mm)

Preço	180.00
Assinantes Militares	150.00

LUIS DE CAMÕES  
(Módulo: 70 mm.)

Preço	350\$00
Assinantes Militares	300\$00

### ENCADERNAÇÕES

Caro Assinante,  
Confie-nos a sua colecção do JE para en-cadernar.

Preço de cada encadernação completa,  
ano, c/ capa em percalina azul e gravação a  
dourado 120.00.

Caso deseje apenas as capas, deve indicar  
os anos a que se destinam.

Preço de cada capa 60.00.

NOTA - Os preços especiais para mili-tares são extensivos aos elementos das F. Militarizadas.

Nos pedidos de envio pelo correio os portes e encargos de cobrança são por conta dos interessados.

# PAPELARIA FERNANDES

LARGO DO RATO, 13 — RUA DO OURO, 145 — LISBOA

Oficinas de:

TIPOGRAFIA

LITOGRAFIA

ENCADERNAÇÃO

CARTONAGEM

SOBRESCRITOS

SACOS DE PAPEL

LIVROS NACIONAIS

E ESTRANGEIROS

Secções Especializadas de:

MATERIAL PARA

DESENHO

TOPOGRAFIA

E IMPRESSOS PARA O EXÉRCITO



COM

## COMBI-CAMPeasy

TUDO RODA MELHOR  
FÉRIAS E FINS DE SEMANA  
3 MODELOS (1 e 2 QUARTOS)

EXPOSIÇÃO  
RUA DO CRUCIFIXO, 112  
LISBOA — TEL. 37 19 97

**CASA  
Senna**



### CASA BASTÃO-ALFAIATARIA, LDA.

RUA DOS REMÉDIOS, 168  
(a Santa Apolónia)  
Telef. 86 77 29 - LISBOA-2



★  
MILITAR E CIVIL

#### ALFAIATARIA MILITAR

Confecciona toda a espécie de fardamentos, condecorações, galões, divisas, emblemas, distintivos e fornece artigos Militares às Unidades, Cantinas, etc.

#### ALFAIATARIA CIVIL E PRONTO A VESTIR PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

#### ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

Os melhores tecidos nacionais e estrangeiros, Malhas, Camisaria, Calçado, Gabardinas, Sobretudos, etc.

Trabalhos executados por pessoal altamente especializado e com a maior perfeição

# PUBLICAÇÕES

Temos recebido regularmente

## MILITARES

**NACIONAIS:** Boletim da Academia Militar — Mais Alto (M.F.A.) — Revista da Armada — Saber Para Vencer (I.S. Militar).

**ESTRANGEIRAS** — Alemanha : Soldat und Technick. Bélgica: VOX. Espanha: Armas y Cuerpos (A.G.M.); Ejército; Guión. Estados Unidos da América: Eurarmy; Military Review (Ed. brasil.). França: TAM. Holanda: De Vliegende Hollander. Pretória: Paratus. Rodésia: Assegai. Roménia: Viata Militara.

## DIVERSAS

**NACIONAIS:** Badaladas (T. Vedras). O Benfica (S.L.B.) CM (Assoc. dos Antigos Alunos do C.M.). A Charada (Porto). O Comércio de Gaia. Consciência Nacional (Mov. Monárq. Port.). Correio do Ribatejo (Santarém). Correio do Sul (Faro). Desportos (D.G.D.). Diário do Alentejo (Beja). Diário de Notícias (Lx.). Diário Popular (Lx.). O Distrito de Portalegre. O Distrito de Setúbal. ELO (Ass. dos Deficientes das F.A.). Folha do Domingo (Faro). Gazeta de Paços de Ferreira. Gerontologia (U.I. para a Terceira Idade). A Guarda (Guarda). Humanidade (C.V.P.). Jornal do Fundão (c/Correio da Covilhã). O Libertador (Obra da Criança Abandonada). Monsenhor (Bolet. Catól. e Regionalista da Freg. de Granja Nova). Notícias de Chaves. Notícias da Covilhã. Notícias de Monção. Notícias de Viana (V. do Castelo). Numismática (Clube Numismático de Portugal). Portugal (Inst. Nac. de Estatística). Portugal Divulgação (M. C. Social). Povo Livre (P.S.D.). Região de Leiria. O Retornado (Lx.). Revista do Ar (A.C.P.). Revista de Marinha (Lx.). Ribamar (Algés). O Sorraia (Coruche). Vento Novo (Sacavém). 25 Comunidades Portuguesas (Secret. de Estado da Emigração). O Viso (V. N. de Foz Côa). A Voz do Alentejo (Estremoz). A Voz do Domingo (Leiria). Voz da Graça (Pedrógão Grande).

**AÇORES:** A Ilha (P. Delgada).

**ESTRANGEIRAS** — África do Sul: Panorama (edit. em portug.) — Alemanha: Scala (R.F.A. — Edic. luso-brasileira) — Brasil: Letras em Marcha. Espanha: Guardia Civil (Madrid) — Estados Unidos da América: Horizontes U.S.A. (edit. em portug.). — Roménia: Actualités Roumaines. Lumea. Rumania (edit. em espanhol). La Roumanie (edit. em francês). URSS: Ecos (A.P.N.). Informação Cultural (Bolet. para a Imprensa. — Novosti). Vida Soviética (Edit. em portug. — NOVOSTI)

**NATO:** Nato Review. Notícias da OTAN.

**PORTUGUESAS EDITADAS NO ESTRANGEIRO:** Boletim Associativo (Lusitânia F.C. — Suécia-Estocolmo).

## O SORRAIA

É com prazer que registamos a citação do nosso Jornal no apreciável "Sorraia", de Coruche. Os nossos agradecimentos.

## O VISO

Com muito agrado recebemos o primeiro número do mensário "O Viso", de Vila Nova de Foz Côa, propriedade da Associação de Cultura e Recreio de Custóias e dirigido por Jorge M. Fonseca Reis. Os nossos agradecimentos e votos de feliz continuidade.

# SOLUÇÕES DO RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS — PROBLEMA No. 3/80

Andais, aparam. Caim, ali, colo. Atrás, ã, calar. Caíram, dotara. I, ária, evar, d. As, arrumar, ma. El, ala, já. Um, socorra, la. L, cara, cimo, f. Afofas, amoral. Ramal, a, alago. Ader, ora, agir. Marabu, gaiola.

DAMAS — PROBLEMA No. 90

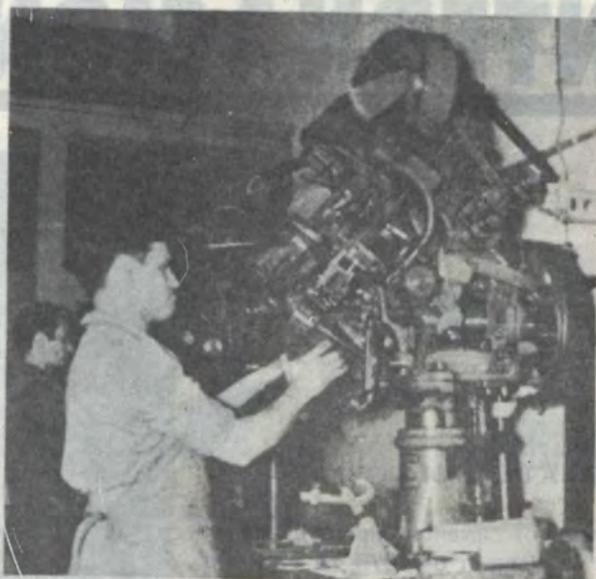
15-20, 23-1; 29-8, 24-15; 8-19-32. Ganham brancas

PASSATEMPOS

— ADIVINHAS POPULARES

1 — A GARRAFA

2 — O VINHO TINTO E O VINHO BRANCO



FÁBRICAS DE: CONFEÇÕES; CALÇADO; EQUIPAMENTO E METALO-MECÂNICA. OFICINAS DE ALFAIATARIA.

SECÇÃO COMERCIAL: VENDAS A PRONTO PAGAMENTO E A PRESTAÇÕES DE ARTIGOS DE VESTUÁRIO E DE UTILIDADE DOMÉSTICA.



OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO E EQUIPAMENTO

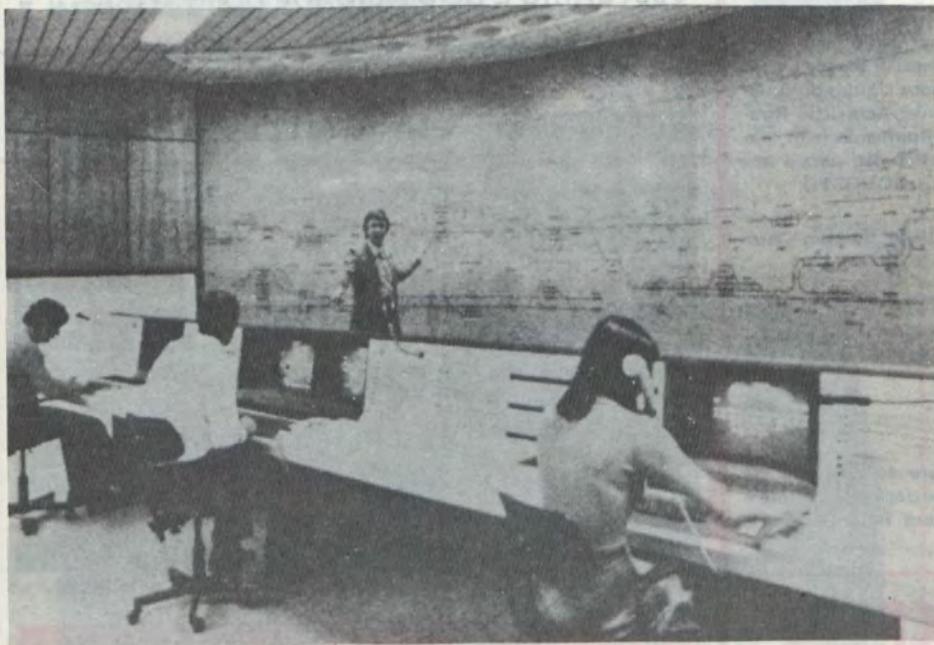
ABASTECEDORA DAS FORÇAS ARMADAS

SEDE: LISBOA — Campo de Santa Clara  
SUCURSAL: PORTO — Rua da Boa Vista  
DELEGAÇÃO: ENTRONCAMENTO

## BATERIA DE ÁCIDO CÍTRICO

Entre os inventos apresentados na Feira de Hanover de 1976, na Rep. Fed. Alem., estava uma bateria de ácido cítrico de duas metades de limão, que movimentava três relógios, durante dias. Com esta fonte inconventional de energia, o expositor — de uma escola especial de relógios, em Pforzheim — quis demonstrar a quantidade mínima de consumo de energia eléctrica necessária aos relógios de pulso eléctricos.

(in Boletim da R.F.A., 12.5.76)



## CONTROLO FERROVIÁRIO

A estação de telecontrolo ferroviário mais moderna do mundo foi posta em serviço em 1976, em Sarrebrücken, embora com carácter experimental.

As instalações automáticas do controlo constam de dois cérebros electrónicos. No âmbito do controlo da estação circulam, diariamente, 600 comboios e compreende 13 estações ferroviárias e 340 mudanças de via. Do posto de comando de Sarrebrücken são, também, controlados os movimentos das locomotivas em manobras.

(in Boletim da R.F.A., 28.5.76)

## LIGAÇÃO TELEFÓNICA COM MERGULHADORES

A instalação telefónica "UT 302" de Lubeck (Rep. Fed. Alem.) possibilita uma ligação simultânea entre dois mergulhadores e, ao mesmo tempo, com a sua base, na superfície, que, por sua vez, fica em constante ligação com aqueles.

O operador pode, do navio ou de uma ilha artificial, fazer, a qualquer momento, uma ligação, participar das conversações

entre os mergulhadores e transmitir eventuais instruções. Um fio que, de acordo com as prescrições de segurança para os mergulhadores, serve como linha de segurança, liga os mergulhadores entre si e com o operador, podendo ser regulado, à vontade, o volume do som para cada um dos interlocutores. No caso de outras pessoas quererem participar das conversações subaquáticas, pode ser ligado um alto-falante ao "UT 302"

(Boletim da R.F.A., 31.3.78)





## PRIMEIRA CASA DAS BANDEIRAS

ANTÓNIO CARDOSO  
Sucessora  
MARGARIDA CARDOSO  
DA COSTA, LDA.

R. dos Correios, 149/151 — Tel. 32 74 82  
LISBOA - 2 PORTUGAL

Execução rápida e perfeita de:

BANDEIRAS — ESTANDARTES — FLÂMULAS  
E GUIÕES

Emblemas esmaltados - Medalhas - Emblemas impressos  
em plástico e alumínio fotoanodizado - Varas de madeira  
e metal - Tças - Gravuras - Carimbos e gravações em  
plástico e em metal, e outros

Útil para:  
Defesa Pessoal:  
MILITARES  
G. N. R.  
P. S. P.  
G. Fiscal  
Bancos  
Guardas  
Fábricas  
Viajantes  
Cobradores  
Motoristas  
Escritórios  
Industriais  
Comerciantes  
Proprietários  
Etc...



RIGARMI, Tipo Parabellum: 7 Tiros  
Mod. Especial totalmente em aço  
Cal. 6,35 mm — Peso: 380 grs.  
Com 2 carregadores: 14 Tiros.

(Vendem-se com licença do Comando da P. S. P.)

O Representante A. A. FERREIRA  
35, Rua Angelina Vidal N.º 35-C  
1100 LISBOA

VENDEMOS:

ARMAS DE CAÇA CAL. 12 CANOS S/ POSTOS E CANOS PARALELOS  
PISTOLAS DE DEFESA CAL. 6,35 mm e CAL. 7,65 mm — MUNIÇÕES  
REVÓLVORES DE DEFESA: CAL. 32 — CAL. 22 LR — CHARTER ARMS  
MARCAS: HARRINGTON & RICHARDSON - SMITH & WESSON, U. S. A.

## HÁ MAIS DE 45 ANOS...



### A CAMISA

### DO HOMEM

### ELEGANTE

MARCA  
REGISTADA

## CONFECCOES J. R. RODRIGUEZ

### S. A. R. L.

RUA DE S. LÁZARO, 1 a 9 — LISBOA

Tel. 862165/7

End. Teleg. «REGOJO»

# O SENHOR SABE MAS AINDA NÃO VERIFICOU QUE:



## NA INVERNIA, CARRO TAPADO COM CAPAS «RR» IGUAL A...

- Bateria protegida, pega à primeira!
- Radiador seguro contra a congelação!
- Pintura livre de corrosão!

As únicas capas cardadas interiormente  
o que as distingue

um exclusivo de  
Estabelecimentos:

RODRIGUES & RODRIGUES, SARL  
R. Nova do Carvalho, 79 — Tel. 37 22 21  
Apartado 2199 — Lisboa-2

Agentes em todo o país

# Aprenda hoje a profissão do futuro!



Você pode agora converter-se num verdadeiro técnico de electrónica graças aos cursos que o Centro de Instrução Técnica elaborou para si: **Electrónica, Rádio e TV e Transístores**. Conheça os nossos cursos e decida-se por um deles.

Estudando nos momentos livres, muito economicamente e beneficiando da excelente assistência pedagógica que lhe oferecemos, em pouco tempo você verá melhorado o seu nível social e económico, além da satisfação que sente em desempenhar aquela actividade aliciante e lucrativa que sempre ambicionou.

Outros cursos CIT: **Desenho de Máquinas • Desenho de Construção • Programação Cobol • Contabilidade • Organização Administrativa de Empresas • Inglês • Francês • Cultura Geral • Corte e Confeção**.

**Informe-se. Preencha, destaque e envie-nos o cupão por carta ou colado num simples postal. Mas faça-o ainda hoje!**

**CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA**  
ENSINO TÉCNICO A DISTÂNCIA

R. D. ESTEFÂNIA, 32  
1066 LISBOA CODEX

Grátis e sem compromisso enviem-me informação completa sobre o curso que indico

CURSO \_\_\_\_\_

NOME \_\_\_\_\_

END. EMPREGO \_\_\_\_\_

MORADA \_\_\_\_\_

LOCALIDADE \_\_\_\_\_

A preencher pelos nossos serviços. ▶

			1							1	3	5	4	3
--	--	--	---	--	--	--	--	--	--	---	---	---	---	---



Por ROBERTO FERREIRA

# LIVROS

**PALOVERDE**  
Por JACQUELINE BRISKIN

Obra de uma apreciada escritora dos Estados Unidos, que nos dá o conhecimento da acção da iniciativa pessoal lutando pelo prestígio e pelo alívio económico numa América disposta a vencer. É a História de Los Angeles.

Mas, além do citado, a mesma obra é a história de dois irmãos procurando adquirir prestígio e poder económico, e aos quais o amor pela mesma mulher leva a uma separação sem remédio.

Colecção *Século XX* (No. 164) — 1979. Título original: *Paloverde*. Trad. de Sara Seruya. Capa de *Estúdios P.E.A.*

**TUDO OU QUASE SOBRE ECONOMIA**  
Por John Kenneth GALBRAITH  
e NICOLE SALINGER

Obra deveras interessante e útil que é, sem dúvida, um tratado de Economia; porém, não aborda os temas no método usado pela maioria dos economistas mundiais, ou seja: linguagem obscura e hermética. Ora, precisamente, o Autor — economista de grande categoria — dá ao leitor, em linguagem clara e bem perceptível, as noções básicas da Economia: sistemas, mecanismo mercantil, política fiscal, etc. Em resumo: trabalho que serve perfeitamente o leitor comum interessado no assunto.

**John Kenneth / Nicole Galbraith / Salinger**



tamente o leitor comum interessado no assunto.

Colecção *Estudos e Documentos* (No. 158) — 1979. Título original: *Tout savoir ou presque sur l'économie*. Trad. de Cascais Franco. Capa de *Estúdios P.E.A.*

**OS ARRANJOS FLORAIS EM 10 LIÇÕES**  
Por SILVIE EXPERT-BEZANÇON

Ensino de todo o género de arranjos florais, informações sobre o material utilizável, e conselhos — para apreciação, cuidados, e conhecimento das plantas.

Colecção *Em dez Lições* (no. 5) — 1979. Título original: *Les Bouquets en 10 Leçons*. Trad. Teresa Cardoso. Capa de *Estúdios P.E.A.*

**COLEÇÃO EM DEZ LIÇÕES** — É de registar o interesse das obras desta Colecção, nas quais, em dez lições simples e claras, os leitores recebem as primeiras noções e os elementos do assunto versado.

**TEO NO ZOO E TEO NA QUINTA**  
Por JUAN CAPDEVILLA

O pequenito, acompanhado por sua tia Rosa, visita o Jardim Zoológico; ali descobriu coisas que o encantaram. E a explicação dessas coisas pode ser feita ao menino com o apoio do guia didáctico que se encontra no fim do livro. Depois, numa posterior visita à quinta, toma conhecimento da vida do camponês.

A verdade é que a colecção a que este livro pertence, dedicada a crianças dos sete aos dez anos, é de uma louvável pretensão: orientar a curiosidade infantil. E a verdade é que isto é, sem dúvida, conseguido.

Colecção *Teo descobre o Mundo* — Título original: *Teo en el Zoo* — Texto de Capdevilla Font — Trad. de Carolina Fernandes O. e Sá — Ilustrações de Violeta Denou — Capa de *Estúdios P.E.A.*

**OS LUSÍADAS DE LUÍS DE CAMÕES**  
**CONTADOS AOS JOVENS**  
Por ADOLFO SIMÕES MULLER

No ano do 40. centenário de Camões, a editora resolveu incluir na sua colecção *Os Grandes Clássicos Juvenis* a maior figura da nossa Literatura clássica: Luís de Camões. Para isso, Adolfo Simões Muller adaptou *Os Lusíadas* a uma prosa clara e simples, para leitura de jovens, os quais, depois, por certo se sentiriam apelados para uma posterior leitura do texto camoneano.

Este é, na verdade, um trabalho digno de todo o interesse e que, sem dúvida, consegue que se realize a pretensão editorial.

Colecção *Os Grandes Clássicos Juvenis* — Ilustr. de Fernando Bento — Capa de *Estúdios P.E.A.*





Pelo Cap. Eng. EDUARDO GONÇALVES

# AS UNIDADES DE ENGENHARIA MILITAR

## I- REGIMENTO DE ENGENHARIA DE ESPINHO

Existem actualmente três Unidades de Eng. Militar: a Escola Prática de Engenharia, o Regimento de Engenharia de Lisboa e o Regimento de Engenharia de Espinho. As duas primeiras, de criação bastante antiga — a Escola Prática fará 100 anos de vida ainda em 1980 — e a última, “herdeira” do antigo Batalhão de Engenharia no. 3 que, atendendo às necessidades da antiga divisão Nun’Álvares, estava aquartelada em Sta. Margarida, sendo, no entanto, um destacamento da EPE. Esta divisão, lembramos, era parte integrante dos encargos assumidos por Portugal no quadro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) e realizou várias manobras no Campo de Instrução Militar de Sta. Margarida, onde, como já foi referido, se encontrava instalada.

Militar. A Escola do Aquartelamento de Paramos, perto de Espinho, relaciona-se directamente com a vacatura do mesmo, por extinção da sua última Unidade ocupante, o G.A.C.A.3. O uso efectivo das instalações fazia-se, desde então, a título precário, por um destacamento do Regimento de Cavalaria do Porto, com missões de instrução.

Em 31 de Julho de 1976, o BE3 saía então de Sta. Margarida, por via férrea tendo, no dia 1 de Agosto do mesmo ano, ocupado as devolutas instalações. Em 31 de Agosto é extinto o BE3 e, em 1 de Setembro de 1976, nasce o Regimento de Engenharia de Espinho.

“Nos termos do despacho 333/vc/76, de 07 de Junho de 1976, do Vice-Chefe do Estado Maior do Exército é extinto o Batalhão de Engenharia no. 3 e criado o

Regimento de Engenharia de Espinho, com sede neste aquartelamento em Paramos”, é o que se pode ler na O.S. no. 1, de 1 de Setembro de 1976, a primeira Ordem de Serviço do novo Regimento.

Sendo considerado o herdeiro das tradições militares do antigo Regimento de Engenharia no.2, que estava aquartelado no Porto e foi extinto para dar lugar ao Regimento de Transmissões em 1965, considera-se ainda como tendo as suas raízes históricas no Regimento de Sapadores Mineiros e no Regimento de Sapadores Mineiros no. 2.

Constitui “Divisa de Honra” do REE, a frase retirada do Canto III dos Lusíadas “Não menos nos engenhos que na espada”, que já pertencia ao Batalhão de Engenharia no. 3 e a sua “Legenda de Honra” é “GIVENCHY, 1918”. Possui a

O início da guerra de África e posteriormente o 25 de Abril de 1974, determinaram a perda de importância do BE3, dentro do quadro para que tinha sido criado. Manteve-se, porém, como sub-Unidade da EPE, com diversas funções operacionais e de instrução.

Com a alteração dos nossos compromissos com a NATO — lembremos que a nossa contribuição militar efectiva foi reduzida do nível Divisão para o nível Brigada com a criação da 1a. Brigada Mista Independente, — foram também alterados os efectivos de engenharia presentes; e assim, em vez do Batalhão, na 1a. BMI, existe uma Companhia de Engenharia.

Ao mesmo tempo, começava a esboçar-se uma reorganização do Exército que, implicando extinção de umas Unidades e a criação de outras, apontava para a instalação no norte de efectivos da Engenharia



Cruz de Guerra de 1a. Classe e tem o dia 9 de Abril como dia festivo.

As missões em que a Unidade se tem empenhado têm sido fundamentalmente de instrução, operacionais, dentro do âmbito da Região Militar Norte e de apoio ao desenvolvimento nacional, sendo esta última, quiçá, aquela em que mais se tem feito notar. Este tipo de missões inclui, geralmente, trabalhos de terraplanagem e afins, a executar nas zonas abrangidas pelas R.M. Norte e Centro e tanto em auxílio de Unidades Militares, como de populações civis ou ainda de Serviços Florestais.

De salientar que, muitos dos pedidos chegados à Unidade, provêm de Juntas de Freguesia, Grupos Recreativos e Desportivos, Associações de Beneficência e até pessoas individuais, o que é sintoma evidente da confiança que estas entidades depositam na Engenharia Militar para resolução dos seus problemas.

Não ficaria, aliás, completo, este ligeiro apontamento se não fosse focada mais em pormenor aquela que, como já se disse, tem sido a principal actividade do REE, desde a sua fundação. Assim, e ainda no ano de 1976, seu primeiro ano de vida e no seguimento de uma actividade "herdada" do BE3, foram executados trabalhos de viação rural em Castelo Branco, Bragança e Pinhel.

Já em 1977, os trabalhos de apoio ao desenvolvimento nacional prosseguem nos distritos da Guarda, Bragança e Castelo Branco e sendo, por outro lado, iniciada a colaboração com a Direcção-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal. Dentre as principais tarefas executadas neste ano, será de destacar as seguintes:

- Valongo - Trabalhos de desmatção
- Esmoriz - Abertura da Barrinha
- Ovar - Diversos trabalhos de movimentação de terras
- Aveiro - Defesa das dunas.
- Vizela - Abertura de itinerários
- Espinho - Diversos trabalhos de

movimentação de terras

- Oliveira de Azemeis - Construção da pista de aterragem e outros trabalhos de terraplanagem

- Matosinhos - Trabalhos de movimentação de terras

- Murça - Abertura de estradões

- Bragança - idem, construção de barragens de terra e diversos

- Valpaços - idem

- Mirandela - Apropriação de itinerários

- Castelo Branco - Trabalhos diversos de terraplanagem e movimentação de terras

- Sabugal - idem

- Almeida - idem

Em 1978, a apresentação pelo Ministério da Administração Interna de um



"Plano de Necessidades para o Triénio 1978-80" permite sistematizar de forma mais produtiva a execução das diferentes tarefas. Neste ano, são de salientar as seguintes actividades:

Viana do Castelo - Abertura de cerca de 53 Km de estradões

Sabugal - Abertura e apropriação de itinerários e seu empedramento, num total de 32 Km.

Paramos, Espinho, Alijó, Esmoriz, Bustelo, Gulpilhares, Valadares, entre outros - trabalhos diversos de terraplanagem.

Em 1979, continuou a dar-se cumprimento ao plano trienal apresentado, tendo as actividades incidido nas zonas já referidas e ainda nos concelhos de Vila Real, Boticas, Gaia, Paredes e Resende, além de outros trabalhos menores.

Deste pequeno esboço do que tem sido no seu curto período de vida o REE, ficamos a certeza de que uma válida contribuição tem sido prestada para o bem-estar da nação portuguesa por todos aqueles que, dum forma ou doutra contribuíram para fazer e manter esta Unidade.

Máquinas de engenharia em serviço algures numa frente de trabalho. O RE Espinho tem sido uma das Unidades que mais tem contribuído, com os meios ao seu dispor, para um efectivo apoio às populações civis.



# LEGISLAÇÃO

## ORDEM DO EXÉRCITO No. 4 — 1a. Série — de 30ABR79

- Decreto-Lei no. 85/79 de 18ABR79, do Conselho da Revolução: Regulamenta o serviço da Auditoria Jurídica do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas.
- Decreto no. 33/79 de 21ABR79, do Conselho da Revolução: Adita um no. 3 ao artigo 1o. do Decreto no. 202/70, de 9 de Maio, e altera a redacção do artigo 2o. do mesmo Decreto.
- Portaria de 2ABR79 do Conselho da Revolução: Aprova o modelo do Brasão de Armas do Batalhão do Serviço de Material.
- Portaria no. 159/79 de 11ABR79, do Estado-Maior do Exército: Altera a redacção dos no.s 18 (título IV), 27 e 29 (título V) da Portaria no. 571-A/77, de 13 de Setembro.
- Despacho Normativo no. 63/79 de 14MAR79, dos Ministérios da Defesa Nacional, das Finanças e do Plano e dos Assuntos Sociais: Regulamenta a aplicação, aos deficientes, dos benefícios fiscais previstos na Lei no. 11/78, de 20 de Março.
- Despacho no. 46/79 de 23MAR79, do Estado-Maior do Exército: Define a competência disciplinar dos Comandantes das RM e ZM sobre o pessoal dos órgãos de execução dos serviços do Exército e de outros órgãos do Exército que, por determinação expressa, estejam na dependência directa do CEME ou de comandos operacionais constituídos.

## ORDEM DO EXÉRCITO No. 5 — 1a. Série — de 31MAI79

- Decreto-Lei no. 111/79 de 4MAI79, do Conselho da Revolução: Corrige a redacção da subalínea 6) da alínea g) do no. 1 do artigo 6o. e a alínea b) do no. 1 do Artigo 10o. do Dec.-Lei no. 412/78, de 20 de Dezembro, que trata do Regulamento de Amparos.
- Decreto-Lei no. 112/79 de 4MAI79, do Conselho da Revolução: Aplica aos oficiais do complemento do Exército que se encontram ao serviço nos termos do Dec.-Lei no. 92/78, de 11 de Maio, as disposições constantes dos artigos 3o., 4o., 5o., 7o., 8o., 10o., 11o. e 12o. do Dec.-Lei no. 90/78, de 9 de Maio, quando completarem seis anos de serviço efectivo.
- Decreto-Lei no. 113/79, de 4MAI79, do C.R.: Faz transitar os Serviços Prisionais Militares para a dependência do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas até definição do seu futuro estatuto.
- Decreto-Lei no. 120/79, de 7MAI79, do C.R.: Estende o direito de assistência nos termos gerais previstos no Estatuto de Assistência aos Tuberculosos das F.A., certas categorias de familiares beneficiários dos Serviços Sociais das F.A.
- Decreto-Lei no. 123/79 de 10MAI79, do C.R.: Define os elementos a ter em conta para o cálculo das pensões de reserva e de reforma dos sargentos abrangidos pelo artigo 19o. do Dec.-Lei no. 941/76, de 31 de Dezembro.
- Decreto-Lei no. 133/79, de 17MAI79, do C.R.: Dá nova organização às bandas de música e fanfarras do Exército, cria a Orquestra Ligeira do Exército e estabelece novos quantitativos para os quadros do respectivo pessoal.
- Decreto-Lei no. 142/79, de 23MAI79, dos Ministérios da Defesa Nacional, da Administração Interna, da Indústria e Tecnologia e da Habitação e Obras Públicas: Aprova o Regulamento sobre a Segurança nas Instalações de Fabrico e de Armazenagem de Produtos Explosivos.
- Decreto Regulamentar no. 27/79, de 24MAI79, da Presidência do Conselho de Ministros: Aprova os modelos das insígnias das medalhas e dos diferentes graus da Ordem da Liberdade, criada pelo Dec.-Lei no. 709-A/76, de 4 de Outubro.
- Decreto no. 43/79, de 22MAI79, do C.R.: Revoga os anexos A e B ao artigo 8o. do Decreto no. 202/70, de 9 de Maio, que se refere à descrição heráldica e modelo do Estandarte Nacional para o Exército, estabelecendo, em substituição, novas disposições legais.
- Portaria no. 217/79, de 7MAI79, do C.R./EMGFA: Altera a redacção do no. 1 do artigo 4o. e do no. 1 do artigo 5o. e adita um no.4 ao artigo 4o. da Portaria no. 105/70, de 16 de Fevereiro (Regulamento para a Concessão de Empréstimos Hipotecários pelos SSFA, através da Caixa Económica e do Cofre de Previdência das F.A.).
- Despacho Normativo no. 108/79, de 4ABR79, do EME: Estabelece as Normas Comuns Provisórias de admissão, promoção e

reclassificação do pessoal dos Estabelecimentos Fabris do Exército.

- Despacho Conjunto de 30ABR79, do EMGFA, e dos Ministérios das Finanças e do Plano e dos Assuntos Sociais: Fixa as percentagens do subsídio de deslocação a que se refere o artigo 5o. do Dec.-Lei no. 524-C/77, de 28 de Dezembro.
- Despacho de 20ABR79 do EMGFA: Aprova o Regulamento para utilização das secções comerciais dos estabelecimentos fabris dos três ramos das Forças Armadas.
- Despacho no. 68-A/78, de 16ABR79, do EME: Uniformiza a aplicação, no âmbito dos comandantes de RM, ZM e 1a. BMI, das punições às infracções disciplinares constituídas por ausência ilegítima, substituindo o consignado na Determinação no. 3, da O.E. no. 3 — 1a. Série — de 1959.
- Despacho no. 8/AG/79 de 19ABR79, do EME/Aj.º General: Fixa o novo modelo de cartão de identificação do pessoal do Exército e define as regras a que deve obedecer a emissão, distribuição e utilização dos mesmos cartões.
- Despacho de 2MAI79, do EMGFA: Estabelece as Normas para o endereçamento e redacção de correspondência entre os três ramos das Forças Armadas, o EMGFA e os organismos deles dependentes.
- Despacho de 20ABR79, do EMGFA: Fixa os quantitativos das remunerações/hora a pagar, em 1979, a individualidades civis e militares convidadas a proferirem conferências ou palestras em escolas superiores militares.
- Despacho Conjunto de 4MAI79, do EMGFA e dos Ministérios da Educação e Investigação Científica e dos Assuntos Sociais: Define a colaboração e cooperação recíproca a prestar pelos Hospitais Militares de Lisboa e pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, na formação de médicos.

## ORDEM DO EXÉRCITO No. 6 — 1a. Série — de 30JUN79

- Decreto-Lei no. 168/79, de 5 de Junho, do Conselho da Revolução: Estabelece os mecanismos a desencadear quando nas promoções de sargentos, por antiguidade ou por escolha, a vacatura não possa ser preenchida.
- Decreto-Lei no. 191-A/79, de 25 de Junho, da Presidência do Conselho de Ministros e do Ministério das Finanças e do Plano: Altera a redacção de diversos artigos do Decreto-Lei no. 498/72, de 9 de Dezembro, (Estatuto da Aposentação).
- Portaria no. 265/79, de 6 de Junho, do Conselho da Revolução: Aprova o quadro orgânico do Instituto Superior Militar (ISM).
- Portaria no. 266/79, de 6 de Junho, do C.R.: Aprova e põe em execução o Regulamento Interno do Instituto Superior Militar.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA — 1a. Série — No. 151 (SUPLEMENTO), de 3JUN79

- Decreto-Lei no. 204-A/79 da Presidência do Conselho de Ministros e Ministérios das Finanças e do Plano e da Administração Interna: Aprova a tabela de vencimentos para a função pública e demais melhorias e remunerações.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 152 — 1a. Série — de 4JUL79

- Portaria no. 316/79, do Conselho da Revolução: Distribui pelas armas e serviços o quantitativo de sargentos-mores do Exército a que se refere o no. 1 do artigo 11o. do Dec.-Lei no. 919/76, de 31 de Dezembro.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 154 — 1a. Série — de 6JUL79

- Portaria no. 324/79, do Conselho da Revolução: Estabelece a criação de um quadro legal que possibilite o correcto e regular desenvolvimento das acções administrativas do Exército.



# RAFAEL BORDALO PINHEIRO

## E A CERÂMICA MAIS PORTUGUESA DE PORTUGAL

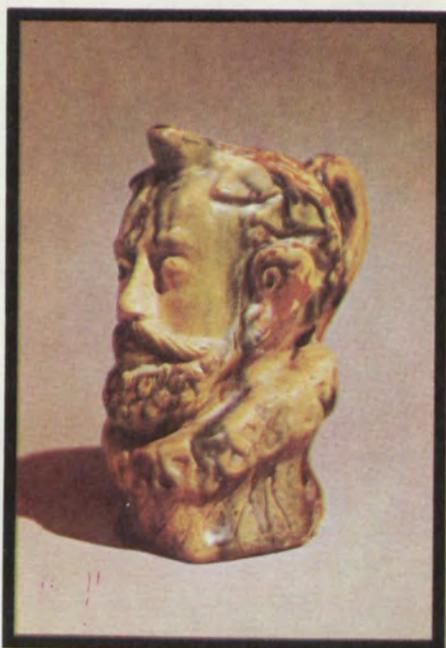
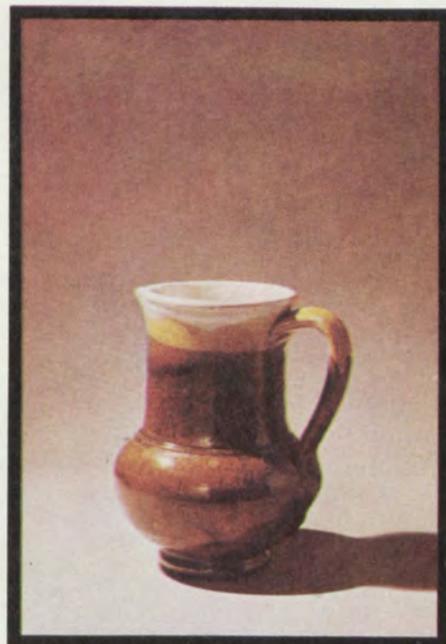
procura o defeito dos tipos, o crítico que detecta o ridículo das situações, passa para a cerâmica o seu traço — com a mesma escoreiteza com que desenhava para os jornais humorísticos — dando vida nova àquilo que não seriam até então mais que simples desenhos.

Agora, porém, à linha segura do seu traço juntam-se os recursos da química, arrancados ao fogo do forno, pequenas obras de arte que são ao mesmo tempo pequenos objectos de uso prático: quase uma autêntica indústria artística!

Podemos dizer que para estes dois artistas, pai e filho, as obras de arte devem ter um carácter familiar para as pessoas. A obra de arte deve ser aplicada precisamente onde possa ser utilizada, harmonizando-se sem grandes alaridos no meio em que é chamada a servir; pondo uma nota crítica sadia ou de brejeiro humor no meio quotidiano onde é utilizada. Só assim ela se conformará com o seu destino prático e com o fim acessoriável a que é indicada.

Estes considerandos sobre a arte e obra de Rafael Bordalo Pinheiro tiveram cabimento num trabalho publicado na revista Comunidades Portuguesas — 25 de Abril de 1978, por ocasião de uma exposição realizada no Museu José

*Bule vidrado e policromado da fábrica de Rafael Bordalo Pinheiro (1897).*



Malhoa, nas Caldas da Rainha, sob o título "Retrospectiva de Cerâmica Caldense" e que, mais tarde, foi levada a efeito no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, constituindo uma brilhante página dos nossos mais celebrados artistas. Pelo seu interesse e portuguesismo fizemos a publicação de alguns excertos, porque nunca será demais falar da actividade cultural portuguesa.

*Peça executada por Manuel Mafra.*

*Canjirão bojudo (sem marcas).*

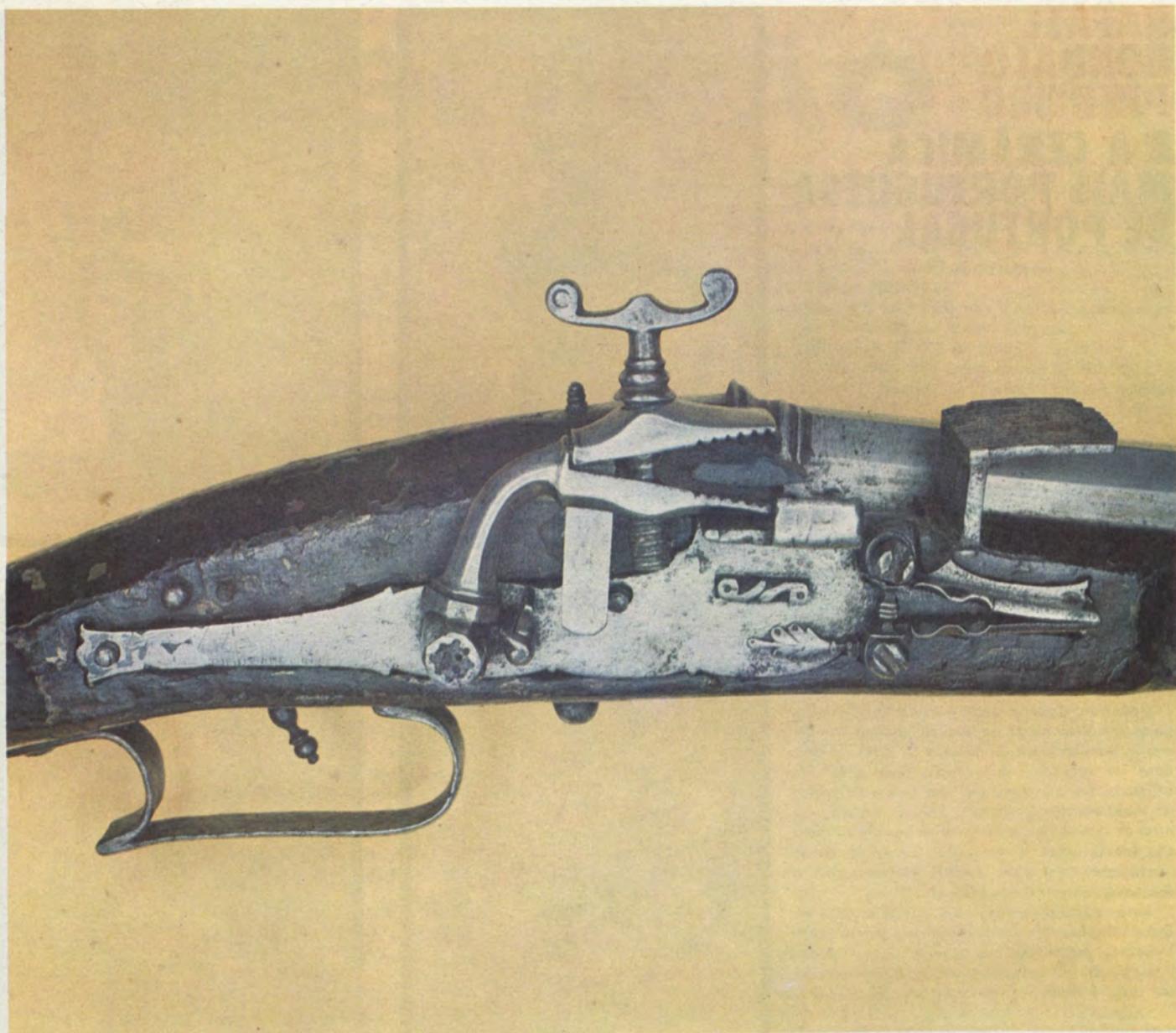
*Par de Jarras (sem marca).*

*Caneca figurativa (último quartel do séc. XIX) representando Camões.*



*Marca gravada da Fábrica de faianças das Caldas da Rainha e uma das assinaturas de Rafael Bordalo Pinheiro também utilizada para marca da mesma fábrica.*

*Fotos in Comunidades Portuguesas, Abril 78.*



## ARMAS QUE ESCREVERAM A HISTÓRIA DE PORTUGAL

(3) PISTOLA PORTUGUESA DE PESCOÇO DE CAVALO (Ca. 1610)

---

A espingardaria portuguesa introduziu o sistema de ignição de pederneira, cerca de 70 anos antes de qualquer outra nação. Os fechos de pederneira portugueses não surgiram como evolução dos fechos de roda alemães ou italianos mas como contemporâneos destes e como evolução do fecho snap-mecha (snap-Matchlock).

D. Manuel I (1495-1521) chamou muitos grandes artistas estrangeiros para trabalharem em Lisboa; por isso, temos dezenas de grandes mestres estrangeiros a trabalhar no arsenal da cidade. Esta pistola de arção é já um modelo evoluído dos fechos de pederneira portugueses e data de cerca de 1610. Trata-se de um fecho de "pescoço de cavalo", nome dado na época por causa da estranha inclinação da cabeça do cão; este fecho é da família dos fechos de molinhas. Portugal foi a primeira nação a equipar os seus exércitos com armas de pederneira e, muitas destas foram perdidas, em 1578, em Alcácer-Quibir.

---

Jornal do **EXÉRCITO**



MENSÁRIO  
**ABRIL DE 1980**  
**15s00**

# DIORAMAS

## TOMADA DE COBLENÇA

(17.3.45 - III EX.º E. U. A.)



Por F. V.

No âmbito da actividade desenvolvida pelos modelistas, além da montagem ou execução e pintura dos modelos (Kits), representando em miniatura determinado figurino, viatura, avião, barco, etc., os mesmos podem ser utilizados na realização de "DIORAMAS".

Assim, pode dizer-se que o Diorama consiste na construção de um cenário onde a ou as "maquettes" dos modelos deverão ser inseridas procurando tornar o mais real possível o conjunto apresentado, e em que o cenário poderá ser a cópia mais ou menos fiel de uma situação real, ou a concepção do autor quanto a essa situação ou qualquer outra situação de ficção.

O Diorama hoje apresentado, à escala 1/35, foi designado pelo autor:

"TOMADA DE COBLENÇA PELO III EX.U.S. EM 17 DE MARÇO DE 1945"

Representa a concepção do autor quanto a um episódio baseado num facto histórico ocorrido na II G.M. durante a "Batalha do Palatinado":

"... Em Março de 1945 as numerosas forças germânicas que ainda restavam na região do Palatinado, dentro do triângulo formado pelo Reno, Mosela e Sarre, seriam esmagadas entre o III e VII Exércitos Americanos.

Às duas da madrugada de 14 de Março a Infantaria da 5a. e 50a. Divisões forçaram a passagem do Mosela, a sudoeste de Coblênça. Em 15, os seus tanques atravessavam o rio e, no dia 16, quatro Divisões Blindadas americanas, com dez Batalhões independentes, de tanques, avançavam sobre o flanco do 1o. Exército Alemão e o que restava do 7o. Exército do Palatinado. Outros elementos do III Exército, atacando a Leste e a Sudeste de Trier, faziam recuar as posições inimigas no Sarre, ao mesmo tempo que as forças do General Patton atacavam o inimigo pelo Sul. Coblênça foi tomada no dia 17 de Março. No dia seguinte, o Exército americano estava do outro lado do rio Nahe e tomava Bingen e Bad Kreuznach. Durante o fim de semana de 17 a 18 de Março, as tropas de Patton limpavam mais de 53 cidades e vilas, desde Merzig, próximo do local onde se estabeleceu a junção com as forças do VII Exército, até Birkefeld..."

Vejamos agora como se processou a construção deste Diorama, quanto à metodologia bem como ao material utilizado:

Para a BASE foi utilizada uma placa de "Tabopam" com 52cmx36cm e 1cm de espessura.

Na base foi desenhado o traçado da estrada e dos passeios, bem como a localização da casa, do muro e do abrigo. Em seguida fez-se a apli-



# Jornal do EXÉRCITO

ANO XXI - No.244 - MENSÁRIO - ABRIL DE 1980

## SUMÁRIO

DIORAMAS .....	2,51
EDITORIAL .....	4,5
FIGURAS E FACTOS .....	6,7
DO MUSEU MILITAR PARA O MUSÉE INTERNACIONAL DES HUSSARDS .....	8,9,10
PASSARAM SEIS ANOS .....	11
MIRAMUNDO .....	12,13
UMA CIVILIZAÇÃO ENTRE CIVILIZAÇÕES .....	14,15
O EXÉRCITO NAS GRANDES CATÁSTROFES (III) .....	16,17
O DIFÍCIL, ÀS VEZES ACONTECE .....	18,19
APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DO C. COMBATE - (XLIII) .....	20,21
FALTA DE SANGUE EM PORTUGAL UM PROBLEMA QUE NOS CUMPRE E URGE RESOLVER .....	22,23
MONUMENTOS DE EVOCAÇÃO MILITAR .....	24
ANEDOTA .....	25
CAMÕES (série) - Banda Desenhada .....	26,27
CIÊNCIA E TÉCNICA .....	28,29
FILATELIA .....	30
UNIFORMES MILITARES .....	31
PARA QUEM GOSTA DE SABER .....	32,33
DESPORTO .....	34,35
ARMAS ANTIGAS .....	36,37
NUMISMÁTICA .....	38
MODELISMO .....	39
CINEMA .....	40
RECREIO .....	41
INTERNACIONAL, - NOVAS TÉCNICAS .....	43
AS UNIDADES DE ENGENHARIA MILITAR .....	44,45
PUBLICAÇÕES .....	47
LEGISLAÇÃO .....	48
LIVROS .....	50

Os artigos e secções assinados exprimem a opinião dos seus autores e não reflectem, necessariamente, um ponto de vista oficial. Os artigos e secções não assinados são da responsabilidade da Direcção.



A NOSSA CAPA

ELMO, DITO DE D. JOÃO I  
MUSEU MILITAR  
LISBOA



ORGÃO DE INFORMAÇÃO  
CULTURA E RECREIO  
DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

Director:  
CORONEL FERNANDO  
GODOFREDO DA  
COSTA NOGUEIRA DE FREITAS

Chefe de Redacção:  
COR. CARLOS M. BARÃO PINTO

Orientação Gráfica:  
Dr. GABRIEL FERRÃO

Propriedade do  
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Largo da Graça, 94  
1100 Lisboa  
Telefone 87 03 55

DISTRIBUIÇÃO:  
PORTUGAL CONTINENTAL, INSULAR  
E NÚCLEOS PORTUGUESES NO ES-  
TRANGEIRO

NÚMERO AVULSO ..... 15\$00

ASSINATURAS ANUAIS  
(12 números)

VIA SUPERFÍCIE  
- Continente e Ilhas ..... 150\$00  
- Espanha, Macau e África  
de expressão Portuguesa ..... 190\$00  
- Restantes Países ..... 350\$00

VIA AÉREA  
- Ao preço da assinatura por via superfície  
será acrescida a respectiva taxa de porte por  
avião.

NÚMEROS ATRASADOS ..... 15\$00



PORTE  
PAGO

NOTA: As despesas de cobrança no domicílio  
são por conta do Assinante.

Tiragem: 10.000 exemplares.

Execução Gráfica: União Gráfica, S.A.R.L.  
Rua de Santa Marta, 48  
1100 Lisboa



As relações que, ao longo dos tempos, se estabeleceram entre os responsáveis pelas Forças Armadas de Portugal e os actuais responsáveis militares da Guiné e de Cabo Verde, foram marcadas por influências múltiplas, elas próprias exemplificativas do que têm sido as relações entre os nossos povos.

Essas relações são, antes de tudo o mais, profundas, porque a nossa História comum não poderia deixar de nos aproximar, possibilitando um conhecimento recíproco que nos ensinou a compreender as nossas diferenças e a aceitar as legítimas ambições de expressão nacional de todos os povos.

Profundas, também, porque, sendo embora de tipo colonial o quadro político e jurídico em que essas relações se desenvolveram até à nossa independência, a forma natural de relacionamento dos portugueses com os outros povos impediu a prática de atitudes de separação e opressão que outras partes da África sofreram.

E se a guerra colonial agravou as dificuldades de relacionamento natural entre as gentes da Guiné, de Cabo Verde e de Portugal, não extinguiu a esperança de que se viesse a encontrar a solução adequada à plena expressão da soberania dos povos, reencontrados num novo quadro de dignidade.

Relações profundas, e tanto mais esclarecedoras quanto amplas, porque o conhecimento pessoal que fomos reforçando em diversas actividades, nas Forças Armadas, na administração, no trabalho quotidiano nos mostrava ser possível superar os conflitos acidentais, que eram mais produto do passado do que consequência da vontade dos homens.

Mas o que entre os nossos povos existia de extensamente comum veio a ser ameaçado pela falta de visão política de alguns e em resultado de uma guerra que, prolongada por muitos anos, pôs em causa o que a nossa convivência permitia construir.

Embora fosse uma guerra motivada e justificada por uma concepção política já ultrapassada, contrária ao modo natural de Portugal se afirmar no mundo, os militares portugueses não deixaram de assumir inteiramente, aceitando a sua missão essencial de salvaguarda dos objectivos nacionais, orientada no sentido de que as

autoridades políticas pudessem encontrar a forma mais adequada de solução.

Contudo, nenhuma guerra pode ser conduzida sem destruição. Destruindo vidas e convicções, a guerra destruiu também muitos dos meios e do tempo que seriam utilizados nas tarefas pacíficas do desenvolvimento, se outra visão política tivesse assumido o sentido real da vontade e do modo de ser dos portugueses.

Nessa destruição estiveram as principais ameaças a tudo aquilo que o passado nos ensinara e que nos unira, de modo profundo, no desejo de uma convivência fraterna entre povos soberanos.

Quis recordar, agora, estes factos de um passado que vivemos em comum para que possamos perspectivar o que, apesar de todos os obstáculos, foi possível defender e desenvolver nas novas relações que se estabelecem entre Portugal, a Guiné e Cabo Verde.

Se, do nosso passado, nem tudo é positivo, se, no nosso presente, nem tudo o que é possível tem sido realizado, podemos já afirmar que o essencial está reservado e que nenhuma razão existe para que o futuro não venha a ser, finalmente, caracterizado pela realização plena da convivência aberta entre os nossos povos.

De facto, conseguimos manter, do passado, quase tudo o que de melhor existiu nas nossas amplas e profundas relações.

Olhamos para o futuro com a consciência plena de que é do interesse conjunto dos nossos povos a continuação de uma cooperação estreita, sem qualquer intenção neocolonialista ou de ingerência nos assuntos internos de cada um dos países, mas sempre com a procura das modalidades de entajuda que assegurem a independência dos nossos povos e a soberania dos nossos estados.

Esta convicção está solidamente assente nas declarações e posições dos responsáveis políticos pelos dois Estados — elas próprias condição essencial do realismo de uma política de cooperação que os nossos povos desejam e de que os nossos países precisam para consolidarem a sua independência, designadamente no domínio económico.

Com Amílcar Cabral, iniciou-se a fundamentação política do que é hoje o nosso projecto de cooperação e de relação aberta. Com a descolonização, criaram-se as condições concretas de realização desse projecto. Com a compreensão mútua dos responsáveis, formou-se a vontade política necessária ao desenvolvimento de um projecto de fraternidade.

Falta-nos ainda a sua concretização material plena, mais por dificuldades económicas, administrativas e organizativas do que por qualquer obstáculo político.

Mas o que ficou já demonstrado é que não tinham razão aqueles que, certamente inspirando-se na experiência histórica de outros impérios coloniais, consideravam que seria necessário deixar passar o tempo sobre as seqüelas da descolonização para que se pudesse estabelecer entre os nossos povos uma relação efectiva de cooperação.

A sua presença aqui, senhor Comandante Silvino da Luz, é a prova mais clara de que essas seqüelas não existem, ou são o desafio que nos faz mover no sentido de tentar realizar as relações fraternas de colaboração mutuamente vantajosa que a Guerra Colonial nos impediu de concretizar.

Onde quer que as seqüelas da descolonização subsistam — nos portugueses, que se sentiram traídos ou nos africanos, que se sentiram explorados — tem de existir a vontade de cooperação, a certeza de que só por essa via se conseguirá realizar plenamente a concepção humanista de relação entre os povos e se conseguirá contribuir para que os povos africanos que se exprimem na língua comum possam realizar a plenitude das suas potencialidades.

Não é, de facto, necessário deixar passar o tempo.

É indispensável, isso sim, não desperdiçar nenhuma oportunidade, na expressão de uma atitude de cooperação que, da nossa parte, sendo portuguesa, é também um modo de contribuição da Europa para o desenvolvimento livre da África.

A posição de Portugal, assumida depois da descolonização e, com bases sólidas, depois da institucionalização da democracia em 1976, não está dependente de quaisquer conjunturas ou acidentes históricos. É a consequência necessária de uma apreciação realista das coordenadas internacionais em que Portugal se insere e, de um modo muito preciso, corresponde à linha natural de afirmação da Europa no mundo, que se não pode jamais desligar da sua relação aberta e fraterna com a África.

Por isso, uma linha constante de política externa portuguesa não poderá deixar de ser a procura permanente das formas de cooperação adequadas às situações específicas dos povos africanos a quem a história nos liga.

Não surpreende, portanto, que os diversos responsáveis pela expressão da política externa portuguesa tenham mantido uma preocupação constante neste domínio, sem prejuízo da sua ligação a posições políticas ou ideológicas distintas.

Não existirá, porque não é possível em função dos interesses nacionais, qualquer desvio duradouro a esta linha essencial da política externa portuguesa.

# EM S. JULIÃO DA BARRA O C.E.M.G.F.A. AO COMANDANTE DAS F.A. DA REPÚBLICA POPULAR DE CABO VERDE

Também por isso, senhor Comandante, lhe posso dizer com alegria que nos reencontramos depois de muitos anos de separação.

Reencontro que, sendo um abraço de amizade, tem, como sempre teve, a marca inequívoca da honestidade.

A cooperação do povo português com os povos africanos é um valor demasiado importante para ser usado em negociações políticas de qualquer tipo.

Assim, pela nossa parte defendemos que estas relações devem ser estabelecidas na base de uma rigorosa transferência, nunca escondendo as diferenças de regimes políticos, de compromissos e alianças internacionais que nos separam ou nos distinguem das concepções e modelos que os povos africanos escolheram para a sua organização e orientação políticas.

É essa plena aceitação das diferenças, coexistindo com a vontade de cooperação, que constitui a linha realista de desenvolvimento das relações entre a Europa e África.

Assim se consolidam as condições de compreensão mútua e de entreeajuda, ao mesmo tempo que se afastam todas as modalidades, mais ou menos directas, de ingerência ou de desejo de ingerência em estados que são soberanos e souberam lutar com determinação pela sua independência.

## SENHOR COMANDANTE SILVINO DA LUZ

A determinação da política de abertura e cooperação com a África é a consequência natural da vocação de Portugal como País integrado na Europa e no projecto da Unidade Europeia, mas que reconhece a importância que a África terá na vida Europeia das próximas décadas.

Mas é, também, consequência natural de tudo o que Portugal conhece da África, e da convicção, que os últimos anos têm reforçado, de que o desenvolvimento dos povos africanos poderá ser mais rápido e mais livre se puder contar com a solidariedade Europeia.

Desta cooperação sem ingerências nem só os nossos povos beneficiarão, pois ela é condição essencial da paz mundial.

É a esta luz que me congratulo com a fraternidade dos laços que hoje ligam Portugal, a Guiné-Bissau e Cabo Verde, e convido todos os presentes a acompanharem-me no voto que formulo pelo progresso do vosso povo, pelas relações cada vez mais estreitas entre as Forças Armadas dos nossos países, e ainda pelas prosperidades pessoais do Comandante Silvino da Luz e pela felicidade do Presidente Aristides Pereira.



# FIGURAS E FACTOS



## RECORDANDO

O 9 DE ABRIL DE 1918

Ocorreu mais um aniversário, o 62o., da Batalha de La Lys. O "Jornal do Exército" associa-se às homenagens prestadas a todos esses heróis, anónimos na sua maior parte, que tombaram neste dia, honrando a Nação. E fazemo-lo transcrevendo um pequeno trecho da obra de Jaime Cortesão, "Memórias da Grande Guerra", testemunho por ele recolhido, naquele dia e local, de um dos sobreviventes desse inferno de lama e metralha: "Depois ao vir da manhã atacaram. Atacaram em massa, às ondas, sempre em ondas, numa catadupa de homens. Só muito perto os vimos surgir do nevoeiro espesso da manhã. De nós os que ficámos, raros intactos, resistimos até à última. Houve cargas de baioneta. Uma fúria! Tu sabes: a coisa que mais detesto são os falsos heróis. Mas ninguém, ninguém faria mais. E tu conheces como estávamos cansados..."



mês, alguns serviços de assistência sanitária aos beneficiários. A integrar no Bloco Sanitário a construir, ficam estes serviços instalados provisoriamente no LAM e dispõem para já dos seguintes gabinetes; Estomatologia, Serviço de Fisioterapia, Tratamentos e primeiros socorros, Consulta de Clínica Geral e Sala de recuperação.

Num dos próximos números referir-nos-emos mais detalhadamente ao projecto global deste complexo.

## OS "AMIGOS DE LISBOA" VISITARAM O MUSEU DAS TRANSMISSÕES

A seu pedido, o Grupo dos "AMIGOS DE LISBOA" visitou o Museu das Transmissões, instalado em dependências cedidas pelo Regimento de Transmissões de Lisboa, a Sapadores.

A visita foi orientada pelo Coronel Bastos Moreira que, na sala de conferências começou por apresentar aos visitantes os cumprimentos de boas-vindas em nome do Regimento e do seu Comandante, Coronel Gerales.

Depois, numa breve palestra, o mesmo Oficial referiu-se às Transmissões Militares, focando a sua importância e a sua evolução.

No respeitante ao Museu, foi exposta a sua organização actual e perspectivas futuras.

Seguiu-se uma visita pormenorizada, tendo todos os visitantes demonstrado o mais vivo interesse pelos exemplares expostos.

Um dos componentes do grupo, Sr. Ramos Baptista, fez, em nome da SIEMENS, a oferta de um teleimpressor de modelo antigo (T-37), que veio enriquecer de forma notória o património do Museu.



da investigação histórica, deixando vasta e valiosa bibliografia. Pertencia à Academia Internacional de Cultura Portuguesa, era académico de número da Academia Portuguesa de História e da Academia Portuguesa de Ciências de Lisboa, de que era Vice-Presidente. Era também o actual Director da Revista Militar.

## "JUMELAGE" ENTRE REGIMENTO FRANCÊS E O RIT

Proseguindo o intercâmbio encetado há alguns meses com a visita de uma delegação do Regimento de Infantaria de Tomar ao 1o. Regimento de Infantaria do Exército Francês, aquartelado em Sarrebourg em Loraine, cabe agora a honra ao RIT de receber uma delegação daquela Unidade francesa. No programa da visita está prevista uma cerimónia, a realizar no dia 18 do corrente, destinada a ratificar a "jumelage" entre estes dois Regimentos. No próximo número contamos dar uma notícia mais desenvolvida sobre este acontecimento.

## DIA DO R.C. SANTA MARGARIDA

Com a presença do Director da Arma de Cavalaria, em representação do CEME, de todos os anteriores Comandantes e dos Comandos das Unidades vizinhas, esta Unidade de Cavalaria promoveu no dia 13 de Março último várias festividades comemorativas do seu Dia.

Criado em 26JUL1762, o RCSM escolheu aquela data em evocação da sua heroica participação, em 13MAR1814, no combate de Vielle, em França, na fase final da Guerra Peninsular.

## COMPLEXO SOCIAL DE OEIRAS

Como primeiro passo na execução da 1a. fase do Complexo Social de Oeiras, cuja implantação os SSFA têm projectada para Oeiras, foram postos a funcionar, no princípio do corrente



## DIA DA P.S.P.

Como já é tradicional, o "Dia da PSP", 11 de Março, foi assinalado em todas as Unidades desta corporação policial espalhadas pelo País.

## GENERAL CÂMARA PINA

Vítima de ataque cardíaco, faleceu no dia 16 de Março o General Luís da Câmara Pina.

Figura prestigiada de militar e intelectual, desempenhou elevados cargos na hierarquia militar, tendo sido Chefe do Estado-Maior do Exército de 1958 a 1969.

Homem de grande cultura, teve uma actividade científica intensa, sobretudo no domínio

Em Lisboa as cerimónias decorreram sob a presidência do Ministro da Administração Interna, contando com a presença do Comandante Geral, Comandante Distrital, além de muitos convidados e tiveram como momentos mais significativos a formatura geral nas instalações do Comando Distrital, e a homenagem aos mortos em serviço e ao seu patrono, Comandante Ferreira do Amaral.



#### GENERAL VICE-CEME VISITA ACE MOBILE FORCE

A convite do General Weyand, do Exército dos Estados Unidos e Comandante da Força Móvel do ACE (Ramo terrestre), visitou recentemente o Quartel-General daquela Força em Seckenheim na República Federal da Alemanha, o Vice-CEME, General Duarte Silva.

A Força Móvel da ACE, ou AMF (L) como é mais conhecida, representa a primeira força de prontidão da Aliança Atlântica e é constituída por elementos e Unidades de sete países membros (US, CAN, RU, RFA, LUX, BEL e ITAL) aptas a acorrer e reforçar rapidamente em qualquer zona da NATO, onde se tenha originado uma ameaça à segurança comum.

#### SITUAÇÃO DE RESERVA PARA PRAÇAS READMITIDAS DO EXÉRCITO

O Decreto-Lei no. 514/79, de 28 de Dezembro, tornou extensiva a situação de reserva às praças readmitidas do Exército, abrangidas pelo no. 2 do arto. 8o. do Decreto-Lei no. 272/78, de 6 de Setembro, as quais em função de disponibilidade para o Serviço, passam a poder encontrar-se numa das seguintes situações:

- a. Activo;
- b. Reserva;
- c. Reforma.

Estas praças transitarão para a situação de reserva ou reforma nas condições previstas no citado diploma.

O limite de idade para passagem à situação de reserva das praças readmitidas do Exército é de 57 anos.

#### MUSEU MILITAR DO PORTO

Culminando vários anos de denodados esforços, foi oficialmente inaugurado pelo CEMGFA, General Ramalho Eanes, no dia 21 de Março último, o Museu Militar do Porto, insta-

lado em edifício situado na Rua do Heroísmo. Num dos próximos números publicaremos uma desenvolvida reportagem sobre este museu.



#### OVO DE PÁSCOA

A ligação do ovo às festividades da Páscoa é uma tradição muito anterior ao cristianismo. Os povos da antiguidade atribuíam ao ovo um sentido místico, como símbolo da criação. No cristianismo tornou-se simultaneamente o símbolo da criação do Mundo e da ressurreição de Cristo.

A História dá-nos conta de prendas fabulosas

que reis e imperadores ofereciam nesta quadra. Por exemplo, na Páscoa de 1862, Napoleão III ofereceu à imperatriz um ovo de ouro, sobre o qual se encontrava traçado o seu nome em brilhantes. O seu recheio era, nada mais nada menos, que um colar de pérolas finas no valor de um milhão de francos.

Aos nossos assinantes e leitores não nos atrevemos a desejar um Ovo de Páscoa tão valioso, mas fazemos votos para que a quadra festiva que atravessamos seja portadora daquilo que cada um considere para si mais precioso.

#### EFEMÉRIDES MILITARES ABRIL

- 1 - 1933 - Vão Lourenço Marques-Lisboa
- 2 - 1976 - Aprovação da Constituição
- 3 - 1835 - Publicação da primeira "Ordem do Exército".
- 4 - 1949 - Assinatura do Pacto do Atlântico
- 5 - 1931 - Revolta da Madeira
- 6 - 1931 - Dia da 1a. Brigada Mista Independente
- 7 - 1924 - Vão Lisboa - Macau
- 9 - 1918 - Batalha de La Lys  
- DIA DO RALIS
- 10 - 1830 - Criação, na Terceira, de uma Escola Militar provisória
- 12 - 1297 - Tratado de ALCANIZAS, entre D. Dinis e o rei de Castela; as praças de ONGUELA, CAMPO MAIOR e OLIVENÇA passam para o domínio da Coroa portuguesa.
- 13 - - DIA DO SERVIÇO DE MATERIAL  
- DIA DA ESC. PRÁT. DO SERV. MAT.
- 14 - - DIA DA BASE AÉREA No. 2
- 16 - - DIA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO DE SARGENTOS
- 17 - - DIA DA ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA
- 18 - 1921 - 1a. Travessia Aérea do Atlântico Sul
- 20 - - DIA DO REGIMENTO DE ARTILHARIA DE LEIRIA
- 22 - - DIA DO HOSPITAL MILITAR REGIONAL No. 1  
- 1500 - Descoberta do Brasil
- 23 - 1845 - Criação da Escola Naval
- 24 - 1795 - Criação do Conselho do Almirantado
- 25 - 1974 - Revolução Militar
- 30 - 1824 - ABRILADA. Revolta de D. Miguel contra D. João VI

A TODAS AS UNIDADES EM FESTA AS CORDIAIS SAUDAÇÕES DO "JORNAL DO EXÉRCITO".

# DO MUSEU MILITAR PARA O MUSÉE INTERNATIONAL DES HUSSARDS

Em cerimónia que decorreu no dia 13 de Março último, no E.M.E., o General CEME procedeu à entrega ao Embaixador de França no nosso país de um artístico estojo contendo exemplares de diversas medalhas militares e ordens honoríficas nacionais, oferta do Museu Militar de Lisboa ao Musée International des Hussards de TARBES, França. Além daquelas duas entidades estiveram presentes o General Vice-Chefe do EME, o General Quartel-Mestre-General, o General-Ajudante-General, os Directores do Departamento de Instrução, do Arquivo Histórico-Militar, do Departamento de Finanças, bem como o Director do Museu Militar, entidade ofertante. Presente, ainda, o Adido Militar francês.

No final das palavras proferidas pelo General Pedro Cardoso, o Sr. Embaixador agradeceu sensibilizado a magnífica oferta, que disse exceder largamente o desejo formulado por aquele museu do seu país, em conversa informal com as entidades presentes, interessou-se vivamente pelos eventos históricos nacionais que estão na origem de algumas das condecorações que compõem aquele álbum.

O que é o Musée International des Hussards? Da revista "Armées d'Aujourd'hui", respiramos os seguintes dados: Criado em 1955, foi instalado na cidade de Tarbes, situada nos Altos Pirenéus, guarnição de hussardos desde o Primeiro Império até aos nossos dias, centro de criação do "petit tarbais", cavalo anglo-árabe, montada de eleição dos hussardos. Desta região também ficaram célebres as cavalgadas fantásticas de Gaston Phébus e de Príncipe Negro. Localizado no centro da cidade, este museu evoca quase cinco séculos da história destes cavaleiros "há-



beis na sela e sempre alerta". Após dez anos de estudos e pesquisas, foi oficialmente inaugurado em 1965 com um milhar de objectos expostos, estando hoje esse número aumentado para 16.000 objectos, distribuídos pelos três andares das suas instalações. Destes objectos contam-se os uniformes, equipamento e armamento que ao longo da sua história usaram as unidades desta admirável Cavalaria que, originária das margens do lago Balaton, se estendeu, após o séc. XV, a 34 países europeus, americanos e asiáticos.

Mas o Musée International des Hussards não se limita apenas a apresentar peças raras. Ele contribui em grande parte, e este não é o seu menor mérito, para que se perpetue o espírito hussardo.

Qual a causa primeira da entrega daquele conjunto de condecorações ao Embaixador da França em Lisboa?

Há algum tempo, o Musée International des Hussards de TARBES solicitou ao Museu Militar de Lisboa o fornecimento das condecorações militares portuguesas em vigor, durante a I Grande Guerra, a fim destas serem incorporadas no conjunto das dos Países Aliados daquela época, com vista à sua exposição no citado Museu.

Face a este pedido, a direcção do Museu Militar decidiu oferecer uma completa colecção não só de medalhas militares mas também das ordens honoríficas estritamente militares existentes. O conjunto foi colocado num luxuoso e artístico estojo em forma de livro, quase inteiramente executado pelos hábeis artesãos do quadro de pessoal do nosso Museu.

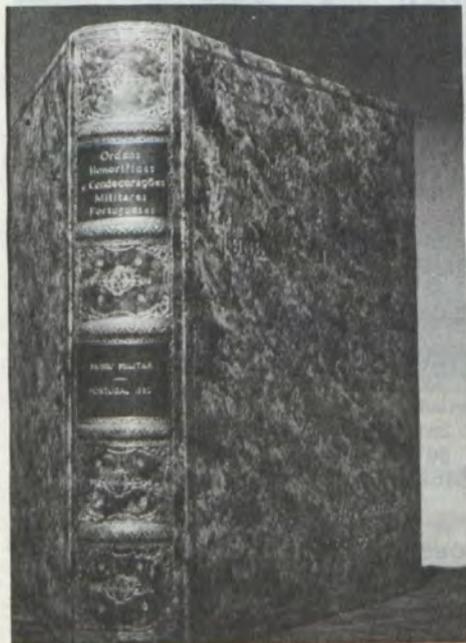
Foi este estojo, contendo a medalha e ordens honoríficas citadas, que foi presente ao Embaixador da França em Lisboa para ulterior entrega ao Musée International des Hussards de Tarbes. Aproveitamos esta ocasião para dar a conhecer ao público interessado uma breve história daquelas condecorações, acompanhada de algumas fotos destas, com base num folheto do Museu Militar que acompanha aquela oferta.

"A Idade Média que decorreu entre as quedas do Império Romano do Ocidente (476) e do Oriente (1453), assistiu, na Europa Ocidental, ao estabelecimento do feudalismo, isto é, o aparecimento de grandes senhores de terras e gentes, cujo poder chegava a fazer sombra aos próprios reis. E porque a situação era de instabilidade, cada grande senhor ou cada rei procurava assegurar a sua posição pela criação de exércitos privativos e de cortes faustosas. A base destes exércitos e cortes era constituída por fidalgos e cavaleiros que, mantendo-se aptos para a guerra, juravam fidelidade ao seu rei ou ao seu senhor, jurando, igualmente, servi-lo até à morte. Ser cavaleiro, ter cavalos, armas, *insignias próprias ganhas em feitos gloriosos*, tornou-se um ideal que foi evoluindo e ganhando profundidade e nobreza.

Os feitos reais ou imaginários, cometidos pelos cavaleiros, isolados ou integrados em grupos, eram narrados em livros, contados e cantados publicamente em prosa e em verso.

A Igreja constituía uma verdadeira força, espiritual e temporal, e nenhum Rei o era sem que fosse reconhecido pelo Papa.

A expansão do Islamismo e as ameaças turcas



que pesavam sobre Jerusalém deram origem a um movimento visando a defesa ou a libertação dos Lugares Santos.

E assim se organizaram, nos séculos XI e XII, as Cruzadas do Oriente, expedições militares de carácter religioso, num total de oito. Reconquistada Jerusalém, achou-se conveniente assegurar, pela constituição de núcleos de defesa permanente, não só a liberdade dos Lugares Santos como também a protecção dos peregrinos que, de todas as partes da Europa, demandavam tais paragens. Assim, nasceram as Ordens Militares, isto é, conventos militarizados, guarnições formadas por monges-cavaleiros que, dos primeiros, tinham a obrigação de servir a Deus, do celibato e da castidade, e, dos cavaleiros, tinham a coragem, o espírito guerreiro, a preparação física e militar.

Pouco a pouco, porém, o espírito das Ordens foi sofrendo profundas alterações, foi-se desvirtuando, tendendo-se para a separação dos aspectos religioso e militar.

As Ordens Militares acabaram por perder totalmente o carácter religioso, e até militar, prevalecendo apenas o velho espírito de cavaleiro, a HONRA DE PERTENCER a tais organizações, honra que passou a ser concedida aos cidadãos que se notabilizaram por méritos pessoais, por feitos cívicos ou MILITARES, ou por serviços prestados à colectividade.

#### ORDENS HONORÍFICAS PORTUGUESAS (Antigas Ordens Militares)

As Ordens Honoríficas destinam-se a distinguir os cidadãos portugueses que se notabilizaram por méritos pessoais, por feitos cívicos ou MILITARES ou pelos serviços prestados à colectividade. Poderão também as Ordens Honoríficas ser atribuídas a estrangeiros, de harmonia com os usos internacionais.

Das Ordens Honoríficas descreveremos apenas duas:

— a de **TORRE E ESPADA, VALOR, LEALDADE E MÉRITO**, por ser a mais alta condecoração nacional;

— a **MILITAR DE AVIZ**, por ser exclusivamente reservada a Oficiais das Forças Armadas Portuguesas.

#### ORDEM MILITAR DA TORRE E ESPADA, DO VALOR, LEALDADE E MÉRITO

Foi instituída por D. Afonso V, em 1459, e



restaurada por Decreto de 13 de Maio de 1808, na regência do Príncipe D. João, dando-se formas e regulamento pela Lei de 29 de Novembro de 1808, sendo ampliada por alvará de 5 de Agosto de 1809. Mais tarde, D. Pedro, Regente em nome da rainha D. Maria II, remodelou-a, por alvará de 28 de Julho de 1832, designando-a por "ANTIGA E MUI NOBRE ORDEM DA TORRE E ESPADA, DO VALOR, LEALDADE E MÉRITO".

O primeiro governo da República (1910) manteve a Ordem da Torre e Espada, a qual, no entanto, passava a ser reservada apenas a galardoar actos de valor militar em defesa da Pátria. Em 1917, a Ordem foi, de novo, remodelada com vista a abranger não só feitos no campo de batalha como também actos de abnegação e coragem cívica e, bem assim, altos e assinalados serviços prestados à Humanidade, à Pátria ou à República.

Em 1919, a Ordem foi tornada extensiva a serviços prestados em campanha. Tal como em 1832, a TORRE E ESPADA é a maior condecoração portuguesa e destina-se a galardoar: méritos excepcionalmente relevantes demonstrados na Chefia do Governo da Nação ou no Comando de Tropas em Campanha; feitos de HEROÍSMO MILITAR e cívico; actos excepcionais de abnegação e sacrifício pela Pátria e pela Humanidade.

Existem as seguintes graduações: Cavaleiro, Oficial, Comendador (a das fotos), Grande Oficial e Grã-Cruz e Grande Colar.

#### ORDEM MILITAR DE AVIZ

É a mais antiga Ordem portuguesa, tendo quase tanto tempo de existência como a própria nacionalidade, pois foi instituída em 1162, por D. Afonso Henriques para galardoar a bravura de um punhado de cavaleiros portugueses e da Ordem de Calatrava, na guerra contra os mouros. Tinha a sua sede em Coimbra, mudando-se, depois, para Évora, ficando sujeita à Ordem de Calatrava. Em 1211, D. Afonso II doou à Ordem o castelo de Aviz para onde ela se transferiu, passando a designar-se "Milícia de Aviz da Ordem de Calatrava" ou "Ordem de Aviz e de Calatrava".

Em 1835, D. João I obteve, por bula de Eugénio IV, estatuto próprio para a Ordem que, deste modo, se separou definitivamente, da de Calatrava. Passou a chamar-se "Ordem de S. Bento de Aviz". Já então a Ordem tinha em vista "constituir um honroso distintivo para os oficiais militares que souberam distinguir-se por brilhantes feitos de armas ou, pelo menos, pela constante e nunca desmentida dedicação pelo serviço e pela disciplina. Isto é, "A ORDEM DESTINAVA-SE APENAS A OFICIAIS, FEIÇÃO QUE AINDA MANTÉM". Em 1894, no reinado de D. Carlos, passou a designar-se "Real Ordem de S. Bento de Aviz". Extinta com o

advento da República, foi de novo instituída em 1918 com a sua actual designação.

Destinava-se a galardoar: Oficiais dos Três Ramos das Forças Armadas Portuguesas que possuam EXEMPLAR COMPOTAMENTO; que tenham SEMPRE merecido BOAS INFORMAÇÕES dos respectivos chefes sobre as suas qualidades MORAIS, CÍVICAS E PROFISIONAIS; por fim, tenham recebido louvores individuais conferidos por General do Exército ou da Força Aérea ou vice-Almirante na Marinha.

Os militares estrangeiros deverão passar a ser considerados como membros honorários da Ordem.

Existem as seguintes graduações: Cavaleiro, Oficial, Comendador (a que se alude nas fotos), Grande Oficial e Grã-Cruz.

#### MEDALHA MILITAR

Por decreto real de 1863, foi instituída em Portugal a Medalha Militar com a finalidade de complementar as Ordens Militares Portuguesas então existentes. Sofreu várias alterações, nomeadamente em 1911, 1946 e 1971.

Nas suas diferentes modalidades destina-se genericamente a galardoar serviços militares prestados às Instituições Militares e à Nação, e, bem assim, distinguir Altas Virtudes reveladas no Serviço por militares do Exército, da Armada e da Força Aérea.

A Medalha Militar — COMEMORATIVA — destina-se a assinalar épocas ou factos de realce na vida dos militares do Exército, da Marinha e da Força Aérea ou de elementos militarizados, ocorridos em serviço de campanha ou durante o desempenho de comissões de serviços especiais.

#### MEDALHA DE VALOR MILITAR

Foi instituída, como se disse, por decreto de 2 de Outubro de 1863.

Destina-se a galardoar actos heróicos de abnegação e valentia extraordinários ou de grande coragem moral e excepcional capacidade de decisão, quer em campanha, quer em tempo de paz, **MAS SEMPRE EM CIRCUNSTÂNCIAS EM QUE HAJA COMPROVADO OU PRESUMÍVEL PERIGO DE VIDA DO AGRACIADO.**

Para a concessão da Medalha de Valor Militar é condição indispensável figurar o militar a galardoar, a título nominal, no relatório do combate ou da acção em que se verificou o feito ou, em caso de condução de operações, ser a mesma confirmada por entidade hierarquicamente superior, devendo o militar ser, em qualquer dos casos, louvado individualmente no Diário da República, na Ordem do Exército, na da Armada ou Força Aérea, com a **CITAÇÃO PRECISA DOS FACTOS EXTRAORDINÁRIOS JUSTIFICATIVOS DA CONCESSÃO.**

Existem as seguintes graduações: Ouro, Prata (a que se alude nas fotos) e Cobre.



# DO MUSEU MILITAR PARA O MUSÉE INTERNATIONAL DES HUSSARDS

## MEDALHA DA CRUZ DE GUERRA

Foi criada por decreto de 30 de Novembro de 1916. Estava-se em plena Grande Guerra e, daí, a oportunidade de condecoração. Destinava-se a galardoar actos ou feitos praticados EM COMBATE demonstrativos de CORAGEM, DECISÃO, SERENA ENERGIA DEBAIXO DE FOGO, SANGUE-FRIO e outras qualidades que honrem o militar em frente do inimigo ou o civil colocado em idênticas condições.

A Cruz de Guerra de 1a. classe pode ser conferida a Unidade de Terra, Mar e Ar e ainda a Praças de Guerra ou quaisquer localidades sitiadas que hajam colectivamente praticado feitos de armas de excepcional valor.

Existem as seguintes graduações: Cruz de Guerra de 1a. classe, de 2a. classe (a que se alude nas fotos), de 3a. e 4a. classes.

A concessão de qualquer das classes é independente do posto ou categoria do condecorado, mas de acordo com o valor do feito praticado.

## MEDALHA DE SERVIÇOS DISTINTOS (BONS SERVIÇOS)

O decreto real de 1863 que criou a Medalha Militar incluía a MEDALHA DE BONS SERVIÇOS.

Em 20 de Novembro de 1946 foi criada a MEDALHA DE SERVIÇOS DISTINTOS, que, em tudo, substituiu aquela.

Destina-se a galardoar serviços de carácter militar, relevantes e extraordinários, ligados à vida do Exército, de que resulte, sempre, HONRA E LUSTRE PARA A PÁTRIA OU PARA AS INS-



## TITUIÇÕES MILITARES DO PAÍS.

Quando a Medalha de Serviços Distintos é concedida por feitos em campanha contra inimigo externo terá, na fivela, uma palma de prata dourada.

Existem as seguintes graduações: Ouro, Prata (a que se alude nas fotos) e Cobre.

## MEDALHA DE COMPORTAMENTO EXEMPLAR

Foi instituída pelo mesmo decreto que criou a Medalha Militar (1863).

Destina-se a galardoar os militares que ao longo da sua carreira servem com exemplar conduta moral e disciplinar e comprovado espírito de lealdade, sem que nos seus registos se verifiquem notas de haver recebido censuras ou castigos.

Existem as seguintes graduações: Ouro (36 anos de serviço), Prata (15 anos de serviço) — a que se alude nas fotos — e Cobre (só para Sargentos e Praças com mais de 5 anos de serviço efectivo).

## MEDALHAS COMEMORATIVAS

### 1. MEDALHA DOS PROMOVIDOS POR FEITOS DISTINTOS EM CAMPANHA

Os militares que, por feitos ou serviços em campanha, forem promovidos por distinção, têm direito ao uso da medalha e insígnia correspondente à referida distinção.

### 2. MEDALHA DOS MUTILADOS DE GUERRA (1918)

Os militares ou civis militarizados que, por feitos ou serviços em campanha ficarem mutilados ou estropeados têm direito a usar medalha ou insígnia alusiva ao facto.

### 3. MEDALHA COMEMORATIVA DE CAMPANHA (1916)

Destina-se a distinguir todos os militares ou civis militarizados que tomarem parte em campanhas ou expedições das Forças Armadas Nacionais, em terra portuguesa ou no estrangeiro, em tempo de guerra ou de perigo iminente dela, contra inimigos externos ou em operações ou expedições de soberania.

A medalha é de prata, suspensa por fita verde orlada de vermelho.

Sobre a fita usar-se-á uma passadeira metálica

com a indicação da campanha e do ano ou anos.

## MEDALHA DE VITÓRIA

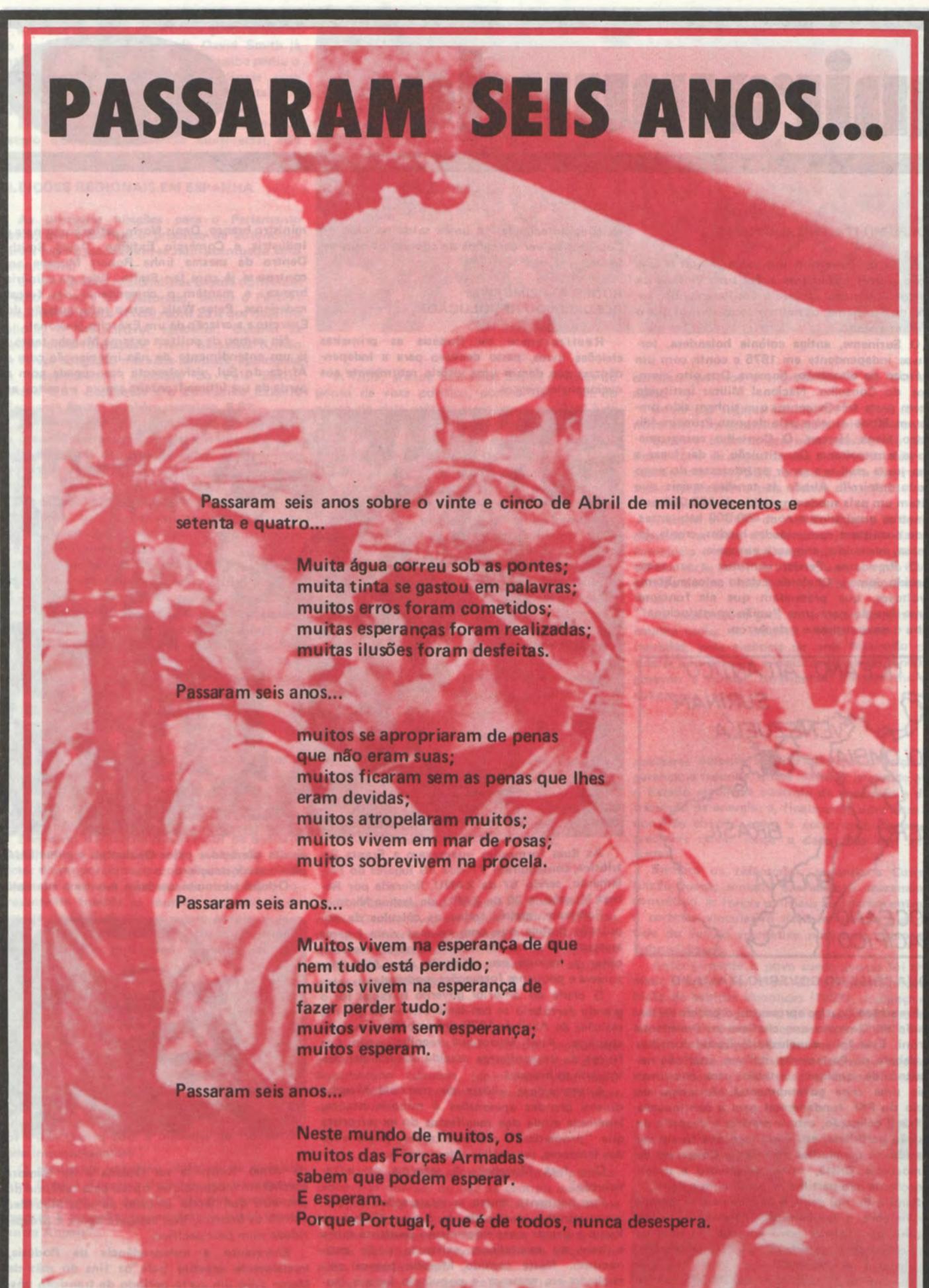
Proposta pelo Marechal Foch e aprovada em 24 de Janeiro de 1919, pela Conferência da Paz, assim nasce a Medalha de Vitória, insígnia gloriosa que, usada por todos os Combatentes da



Grande Guerra (1914-18) em todas as partes do mundo, manterá e conservará os sentimentos de eterna camaradagem que fizeram, sobre o campo de batalha, a força dos Exércitos Aliados e assegurará pela unidade na recordação durante a paz, a grandeza das Nações que lutaram por uma causa comum.



# PASSARAM SEIS ANOS...



Passaram seis anos sobre o vinte e cinco de Abril de mil novecentos e setenta e quatro...

Muita água correu sob as pontes;  
muita tinta se gastou em palavras;  
muitos erros foram cometidos;  
muitas esperanças foram realizadas;  
muitas ilusões foram desfeitas.

Passaram seis anos...

muitos se apropriaram de penas  
que não eram suas;  
muitos ficaram sem as penas que lhes  
eram devidas;  
muitos atropelaram muitos;  
muitos vivem em mar de rosas;  
muitos sobrevivem na procela.

Passaram seis anos...

Muitos vivem na esperança de que  
nem tudo está perdido;  
muitos vivem na esperança de  
fazer perder tudo;  
muitos vivem sem esperança;  
muitos esperam.

Passaram seis anos...

Neste mundo de muitos, os  
muitos das Forças Armadas  
sabem que podem esperar.  
E esperam.  
Porque Portugal, que é de todos, nunca desespera.



## GOLPE MILITAR NO SURINAME

A 25 de Fevereiro um golpe militar — cuja acção durou oito horas e fez uma vintena de mortos — colocou no poder em Paramaribo, capital do Suriname, os militares subalternos que o levaram a efeito.

O Suriname, antiga colónia holandesa, tornou-se independente em 1975 e conta com um Exército de oitocentos homens. Dos oito membros do Conselho Nacional Militar instituído fazem parte três Sargentos que tinham sido presos em 30 de Janeiro pelo deposto Primeiro-Ministro Henk Harron. O Conselho comprometeu-se a respeitar a Constituição, a dar lugar a uma junta civil e a servir os interesses do povo "todo inteiro". Alusão às tensões raciais que agitam um país subdesenvolvido de 163.000 quilómetros quadrados e com 450.000 habitantes, onde coexistem comunidades hindus, creola, javanesa, ameríndia, chinesa e europeia.

O Presidente Ferrier continua a ser reconhecido como Chefe do Estado pelos militares revoltosos, que pretendem que ele funcione como ligação para uma "união constitucional" entre o novo regime e o de Arron.



## NOVA CRISE NO GOVERNO ITALIANO

Francesco Cossiga apresentou o pedido de demissão do Governo que chefiava ao Presidente Pertini. Esta foi a conclusão lógica de dois dias de debate no Parlamento italiano, que não necessitou de qualquer votação para consumir mais uma crise governamental. A recusa de apoio do PSI, fundamental para a continuação da frágil coligação, estava prevista e decorria da posição partidária, assumida logo que foram conhecidas as conclusões do recente Congresso da Democracia Cristã, onde prevaleceu a determinação de não partilhar o poder com o PCI.

Sandro Pertini pediu a Cossiga para se manter em funções, e também lhe haveria de dirigir convite para formar novo governo, na base de uma coligação tripartida de democratas-cristãos, socialistas e republicanos. Tudo leva a crer que tal governo será viabilizado no Parlamento, já que nenhum partido está interessado nem deseja

eleições antecipadas, a única saída no caso de Cossiga não ver coroado de sucesso os seus esforços.

## RODÉSIA — ZIMBAWE: REFORMA OU REVOLUÇÃO?

Realizaram-se na Rodésia as primeiras eleições livres, passo decisivo para a independência, que deram uma vitória retumbante aos nacionalistas negros.



As duas formações integravam a Frente Patriótica, conseguiram 77 dos 80 lugares do Parlamento, sendo 57 da ZANU, liderada por Robert Mugabe, e 20 da ZAPU, de Jeshua Nkomo.

Falharam, assim, todos os cálculos da população branca que, com os seus vinte lugares assegurados pelos acordos de Londres, esperava obter a maioria em coligação com Abel Muzorewa e pequenas formações moderadas.

O chefe do anterior governo bi-racial foi o grande derrotado se nos lembrarmos de que nas eleições de Abril de 1979 tinha obtido a maioria absoluta. Abel Muzorewa recolhe, assim, os frutos da desconfiança nascida dos compromissos com os brancos.

A estrondosa vitória do marxista Mugabe causou grandes apreensões à minoria branca, lembrada ainda dos manifestos do ex-terrorista que "prometiam" nacionalizações, julgamento dos traidores, represálias e depurações.

Que fará Mugabe? A reforma ou a revolução?

Por enquanto todas as declarações do primeiro-ministro designado do futuro Zimbabue levam a pensar num reformismo prudente sobre a base do capitalismo existente e do anti-racismo. Neste sentido, Mugabe tem-se empenhado em sossegar a população branca, nomeando até para o sensível sector agrícola um

ministro branco, Denis Norm, assim como para a Indústria e Comércio Externo, David Smith. Dentro da mesma linha Robert Mugabe encontrou-se já com Ian Smith, líder da minoria branca, e mantém o comandante das forças rodesianas, Peter Walls, para a reformulação do Exército e a criação de um Exército Nacional.

No campo da política externa, Mugabe tentou já um entendimento de não intervenção com a África do Sul, visivelmente preocupada com a perda da sua última fronteira segura, e aceitou as

ajudas oferecidas pelos Ocidentais e pelos EUA para a reconstrução do país.

O lobo tornou-se cordeiro e entre o exemplo



de Jomo Kenyatta no Quênia e de Samora Machel em Moçambique, optou pelo realismo do primeiro que tendo lançado os seus Mau-Mau contra os brancos, lhes assegura agora a prosperidade num país pacífico.

Entretanto a independência da Rodésia, inicialmente prevista para os fins do mês de Março após um curto período de transição pós-eleitoral, só terá lugar a 18 de Abril, a pedido

do primeiro-ministro designado, Robert Mugabe.

Em face da pouca experiência governamental do seu gabinete, exceptuando David Smith já, anteriormente ministro, Robert Mugabe pediu o adiamento da data da independência para permitir uma certa rodagem governamental sem a preocupação quotidiana da governação.

Em 18 de Abril, Mugabe assume o poder num Estado que pretende manter multi-racial, não alinhado e dentro da Comunidade Britânica.

## ELEIÇÕES REGIONAIS EM ESPANHA

As primeiras eleições para o Parlamento Basco, que encerram o processo de autonomia para a região, traduziram-se num acentuado voto nacionalista.

Os três grupos nacionalistas bascos obtiveram o voto de 40% do eleitorado, sendo o Partido Nacionalista Basco (PNB), com 23% dos boletins válidos, o indiscutível vencedor. Quanto às outras duas formações, Herri Batasuna (União do Povo) coligação marxista-leninista, apologista da independência imediata do País Basco, obteve 9,8% dos votos e o Euskadiko Ezkerra (Esquerda Basca) também marxista, 5,8%.

As formações centrais UCD e PSOE foram os grandes derrotados, tendo a primeira 5% do eleitorado e 6 deputados eleitos e o segundo 8,4% e 9 lugares no Parlamento. O PCE obteve um lugar bastante modesto.

É de sublinhar a elevada percentagem de abstenções, que atingiram os 42%, o maior índice de abstenções registado no país basco em todas as consultas eleitorais.

Quanto ao governo a formar com base nestas eleições ele será constituído pelo PNB que tendo 25 deputados eleitos detém quase a maioria, faltando-lhe apenas 6 lugares. No entanto, até esta maioria absoluta se poderá tornar possível se a Herri Batasuna, ligada à ETA político-militar, retirar os seus 11 deputados alegando que "este não é o nosso Estatuto, é apenas um cozinhado de Madrid".

Grande polémica se tem levantado entre a França e a Grã-Bretanha, quanto ao problema da suspensão parcial da contribuição britânica para o Orçamento da Comunidade Económica Europeia (CEE).

Enquanto o Governo conservador da Senhora Thatcher tem sustentado com veemência o carácter desproporcionado da contribuição da Grã-Bretanha e a sua consequente redução, o representante francês na reunião preparatória da cimeira da CEE declara que este problema tem que ser analisado num contexto amplo englobando os problemas agrícolas da Comunidade.

Apenas a Grã-Bretanha e a França se debruçaram sobre este assunto, na reunião preparatória, cuja solução cabe aos representantes dos "Nove" na cimeira de Bruxelas.

José Eduardo dos Santos fez a sua primeira visita a Cuba como Presidente da República Popular de Angola, sendo durante ela condecorado por Fidel Castro com a medalha de "solidariedade internacionalista".

O presidente angolano reafirmou a amizade entre Cuba e Angola e declarou que os cubanos se manteriam em Angola "até que cessem as ameaças e agressões imperialistas e sul-africanas contra Angola".

O governo israelita de Begin ultrapassou com



A UCD, grande derrotada destas eleições do ponto de vista político, poderá não o ser do ponto de vista prático, uma vez que o PNB é de ideologia democrata-cristã. Assim este Partido, mesmo não conseguindo a maioria absoluta, poderá governar sozinho, apoiando-se na UCD quando se trate de questões susceptíveis de afectar a estrutura social, e nos grupos nacionalistas quanto a questões ligadas à autonomia.

Os principais problemas que Garaitcoexa terá que enfrentar serão o desenvolvimento económico e a crise económica, passando a solução destes problemas por uma urgente contenção da violência. Para isto o líder do PNB pretende convencer os seus nacionais de que é pela utilização de meios políticos pacíficos que os bascos alcançarão a autonomia. Em consequência, Garaitcoexa apelou para o Governo central no sentido de uma rápida transferência das competências concedidas pelo Estado ao Estatuto, como forma de demonstrar a viabilidade do

combate político e a gratuidade da luta armada.

Outra das regiões espanholas na qual se verificaram recentemente eleições foi a Catalunha.

Embora todas as previsões apontassem para uma vitória da esquerda nas eleições catalãs, especialmente do PSOE, o apuramento dos resultados surpreendeu pela vitória dos partidos da Convergência e União.

Embora a UCD de Adolfo Suarez se tenha mantido na linha das derrotas já verificadas na Andaluzia e no País Basco, esta derrota poderá ter um certo sabor de vitória, uma vez que é um partido da sua linha política a formação maioritária.

As negociações para a formação do governo catalão serão, no entanto, mais delicadas e demoradas, pela ausência de uma formação partidária que detenha a maioria absoluta, sendo o governo a formar, certamente, um governo de coligação.

éxito uma crise criada pelo Partido Dash (Mudança) exigindo o abandono da coligação no poder, o que poderia originar a realização de eleições antecipadas em Israel, eleições das quais, segundo os observadores, sairia vencedor o Partido Trabalhista de Shimon Perez.

\*\*\*

O embaixador do Uruguai na Colômbia, Fernando Gomes Fyn, conseguiu iludir a vigilância dos guerrilheiros colombianos, que continuam a manter ocupada a embaixada da República Dominicana em Bogotá, saltando do segundo andar do edifício para a rua.

\*\*\*

A primeira volta das eleições legislativas iranianas indicou claro ascendente do Partido Republicano Islâmico (dominado pelo clero chita) sobre as restantes formações políticas concorrentes.

\*\*\*

Os suecos foram chamados às urnas para decidirem se querem ou não as centrais nucleares.

Apesar do carácter científico do problema em causa, para cuja resolução poucos eleitores estarão minimamente habilitados, ele tem sido muito debatido e emocionalmente explorado pelas forças políticas.

Os suecos deverão escolher entre três alternativas: a primeira preconiza o uso dos recursos

nucleares durante um período que ofereça segurança; a segunda, quase idêntica, pretende que o Estado assuma o controlo da produção e distribuição de energia; e, finalmente, uma terceira que não só não apoia a construção de novos reactores como exige a destruição dos existentes.

Embora os referendos, segundo a Constituição sueca, tenham um carácter meramente consultivo, as forças políticas acordaram entre si o carácter vinculativo deste referendo que decide do futuro energético num país altamente industrializado.

Anteriormente o povo sueco apenas foi chamado a decidir por referendo três questões: proibição de bebidas alcoólicas (1922), mudança do sentido do tráfego para a direita (1955) e o sistema complementar de aposentação (1957).

Este referendo teve como resultado:

— a vitória dos defensores da energia nuclear, abrindo assim a via para o desenvolvimento energético da Suécia.



# UMA CIVILIZAÇÃO ENTRE CIVILIZAÇÕES

Liviu Marghitan  
(in RUMANIA DE HOY, DEZ. 79)

## UMA CIVILIZAÇÃO ENTRE AS CIVILIZAÇÕES

Em 1980 os romenos festejarão o 2050.º aniversário da constituição do primeiro Estado unitário e independente, criado no território carpatodanubiano-pontico pela grande família dos geto-dácios, cujo rei se chamava Burebista. O aparecimento do Estado geto-dácio, pelo ano 70 antes da nossa era, não foi — como consideraram vários historiadores do passado — uma formação política meteórica, levada a cabo pela proeminente personalidade do enérgico Burebista, que se manteve enquanto o seu forjador viveu, mas consequência natural, inclusivamente inevitável, do avançado grau de evolução económica, social, política e cultural da população geto-dácia do Norte do Danúbio carpático.

## O FERRO, PRESENTE HÁ MAIS DE 3000 ANOS

Os geto-dácios, antepassados remotos do povo romeno, cedo chamaram a atenção dos historiadores da antiguidade, tanto pela valentia com que tinham defendido as suas terras contra conquistadores poderosos, como por uma série de qualidades que os situavam entre os povos de alto nível de civilização. O próprio Heródoto

*Elmo de ouro no estilo escita, dos secs. V e VI, antes da nossa era, descoberto em POIANA COTOFENESTI (Museu de História da Rep. Soc. Romena)*



*Vaso de culto (Rhyton) de carácter dácio-escita descoberto em POROINA, sécs. II-I, antes da n/era. Prata dourada.*

fala com admiração dos getas das cercanias das bocas do Danúbio, relatando que, além de terem resistido à invasão do rei persa Dario, gozavam, também, da fama de serem "os trácios mais justos".

Também outros historiadores da antiguidade incluíram, em suas obras, passagens interessantes relativas à cultura e às crenças dos geto-dácios, textos de cujo conteúdo se destaca, com clareza, a ideia de que este povo criou uma civilização original, avançada para aqueles tempos, que desempenhou um papel importante no Sudeste da Europa.

Mas por mais ricas e importantes que sejam as fontes de informação escritas da antiguidade e por maior que seja o crédito que se lhes conceda, estas não podem mostrar de modo tão completo o quadro da civilização de um povo, como o fazem os vestígios arqueológicos.

Neste sentido, podemos afirmar, com justiça, que a actual geração de historiadores tem o privilégio de contar com uma impressionante quantidade e uma grande diversidade de vestígios da cultura material geto-dácia, de modo que a tarefa de reconstituir com a maior fidelidade possível a realidade histórica de há dois milénios é consideravelmente facilitada.

As investigações empreendidas, especialmente na última década, provaram, com vários testemunhos concretos, que, historicamente, pode-se falar da presença dos geto-dácios, como um povo definitivamente delimitado da massa da população trácia, pelo menos três ou quatro séculos antes dos escritos de Heródoto.

O fenómeno cultural, conhecido por *cultura Basarabi*, não é, na verdade, outra coisa que um dos primeiros testemunhos materiais, concretos e incontestáveis, da massa geto-dácia do Norte do Danúbio inferior. Por conseguinte, nos séculos XII a XIII antes da nossa era, a sociedade do território situado ao Norte do Danúbio carpático que tinha passado à primeira era do ferro foi a geto-dácia, que baseava toda a sua existência e evolução nas formas específicas das ferramentas, da cerâmica, das construções, das peças decorativas, das armas, etc., tudo isto atestando uma civilização unitária.

A contribuição dos *lugareños* geto-dácios no complexo processo da introdução do ferro no circuito económico prova ser tão imprevisível para os investigadores quanto consistente na realidade. A descoberta, em 1967, na necrópole de incineração de LAPUS, departamento de MARAMURES, de uma acha de ferro que remonta ao período *Hallstatt A 1* (século XII, antes da nossa era), época em que, nos *asentamientos* similares da Europa, os objectos de ferro são extremamente raros e, em zonas inteiras, faltam completamente, colocou um grande ponto de interrogação: terá a metalurgia do ferro sido importada pelo mundo geto-dácio ou, pelo contrário, também este povo contribuiu na criação e na generalização da civilização do ferro?

## REVELAÇÕES DAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS

A citada descoberta não ficou, por muito tempo, única. Em 1972, outra peça de ferro — o *mango* de um *cuchillo* — foi encontrada durante a investigação de um *asentamiento* dácio de ROZAVLEA, também no departamento de MARAMURES. Ambas as peças levaram à reconsideração de vários outros objectos de ferro descobertos no século XIX, no Sudoeste da Roménia, como um sabre procedente de uma localidade não identificada, na zona das cidades de LUGOJ e de CARANSEBES e *seudos* punhais procedentes das comunas de TIROL, departamento de CARAS-SEVERIN e de HIDA, departamento de SALAJ.

Com a certeza da possibilidade da presença de uma peça de ferro em níveis arqueológicos geto-dácios precisos, foi possível integrar as três amostras, sem qualquer vacilação, no grupo dos vestígios que datam da primeira época do ferro.

Mas a este primeiro conjunto de peças juntaram-se novos testemunhos em recentes escavações, que completam, com outras provas, a ideia de que os geto-dácios figuram entre as primeiras populações da Europa que conheceram e utilizaram o ferro.

Na necrópole de incineração — convém assinalar o rito específico do enterro dos geto-dácios que se manteve até ao século III da nossa era — do tipo Basarabi da localidade de BOBDA, departamento de TIMIS, foram encontrados bocados de escória procedentes da redução, em

fornos especiais ("altos fornos"), do ferro do mineral de ferro. As análises químicas e metalográficas provaram que, tanto a respectiva escória como o ferro com que foram trabalhadas as peças anteriormente referidas conferem indícios certos de que o mineral donde procedem é de origem local.

Até ao presente, os investigadores identificaram no terreno, nada mais nada menos do que 32 localidades da TRANSILVÂNIA e da OLTENIA subcarpática, onde existem jazidas de ferro que teriam podido ser exploradas a céu aberto, com conhecimentos mínimos de minas. A presença dos objectos de ferro mais antigos nota-se, precisamente, na vizinhança das jazidas metalíferas respectivas, atestando que no chamado período do Halstatt *temprano*, os artífices geto-dácios conheciam tanto os processos de obtenção como os métodos de trabalhar o novo metal que a Europa, apenas, começava a conhecer.

Por conseguinte, as investigações e as descobertas arqueológicas empreendidas, na última década, na Roménia, tiveram o dom de revelar uma fonte mais da irradiação do ofício do trabalho do ferro, juntamente com as do mundo grego e celta, a geto-dácia. Naturalmente, não se excluem os contactos eventuais, principalmente os dos getas da planície do Danúbio inferior e DOBROGEA com os artífices ferreiros do mundo grego da parte meridional da península balcânica, mas no *marco* destas trocas de ideias e produtos pode-se supor que os recém-chegados à orla do PONTO EUXINO terão aproveitado algo das experiências e dos conhecimentos dos artífices geto-dácios, no domínio da obtenção e trabalho do ferro. Os fornos *arreglados* especialmente para a fundição do minério de ferro, há pouco identificados e estudados através de escavações arqueológicas sistemáticas, nas localidades de CIRESU, departamento de MEHEDINTI, no bairro BRAGADIRU de BUCAREST, em TEIU, departamento de ARGES, em CHIRNOGI, departamento de ILFOV, em BUDUREASCA, departamento de PRAHOVA, em BOTOSANI, cidade do Norte da MOLDAVIA, e em POIANA, departamento de GALATI, provam-no sobejamente.

A importância de descobertas deste tipo é tanto maior quanto, em outras regiões da Europa, tais instalações surgiram muito mais tarde. Assim, por exemplo, na PANONIA, os fornos mais antigos de redução do minério datam dos começos da época romana, na POMERANIA datam do século I, antes da nossa era, enquanto que os "altos fornos" mais antigos, encontrados na Alemanha, datam do século II da nossa era.

Figuras femininas de argila com motivos inscritos, descobertas em CIRNA e que datam da época do bronze trácica.



Os celtas que, em vagas sucessivas, tinham penetrado, no início do século IV, antes da nossa era, até à zona central da TRANSILVÂNIA, encontraram os *lugareños* geto-dácios na fase do conhecimento e da utilização do ferro. Só assim se explica como o trabalho do ferro conheceu uma evolução extremamente rápida no mundo geto-dácio, inclusivamente a obtenção do ferro em fornos de carga múltipla — únicos no mundo dos povos chamados "bárbaros" pelos romanos e gregos — do tipo dos descobertos nos últimos anos na obra arqueológica de SARMIZEGETUSA, ex-capital do Estado livre da DÁCIA.

#### AS DUAS FACES DAS MOEDAS

O papel que o ferro desempenhou no desenvolvimento dos ofícios, da agricultura e, de um modo geral, de toda a vida económica da sociedade geto-dácia pode ser comparado — noutro plano — com o do emprego das moedas e as trocas comerciais no mercado interno e, principalmente, no externo. A adopção do sistema monetário, embora introduzido do "exterior", não teria sido possível se os autótones geto-dácios não tivessem alcançado um nível de evolução económica e socio-cultural equivalente ao dos povos que utilizavam a moeda desde há tempo. Além disso, a investigação numismática da Roménia provou, inclusivamente, que pouco tempo após se terem iniciado as trocas à base de moedas, os geto-dácios passaram à produção das moedas imitadas.

A moeda era emitida por uma autoridade tribal local que respeitava, exactamente, tanto o peso como a pureza do metal precioso (prata ou ouro) com que eram confeccionadas as moedas imitadas. Deste modo, a moeda tribal geto-dácia imitada era aceite no mercado externo, garantindo a penetração de mercadorias de procedência estrangeira na sociedade local do Norte do Danúbio inferior e facilitando, ao mesmo tempo, a exportação das mercadorias que os *vernáculos* tinham. Não há dúvida que, com as trocas de produtos se realizavam, também, importantes importações recíprocas de civilização.

Mas, a curto prazo, originou-se uma modificação no sistema monetário dos geto-dácios, que já não se contentaram em copiar os tipos de moedas do século IV, antes da nossa era — em geral, peças macedónias e gregas — criando moedas próprias, autónomas. Na base da área de difusão deste género de peças numismáticas, chegou a ser possível a delimitação territorial de tribos ou uniões tribais locais. Tais formações políticas verificaram-se nas províncias do BANATO, CRISANA, OLTENIA e no Ocidente da planície do Danúbio inferior; TRANSILVÂNIA central e oriental, o Norte de MOLDAVIA, etc. Mais que isto, em cada uma destas microzonas, foi feita uma série de outras descobertas, que sugerem a existência de formações político-militares pré-estatais. Trata-se de vários *yelmas* de desfile, feitos de prata dourada, peças que diversos dignitários locais levavam.

Até hoje, foram descobertos vestígios destas em POIANA, departamento de PRAHOVA (*yelmo* de ouro), em BAICENI, departamento de IASI (de ouro) em PERETU, departamento de TELEORMAN (*yelmo* de prata dourada) e nas vizinhanças da cidade de ORSOVA, à beira do Danúbio (*yelmo* de prata dourada).

Pensamos que não se trata de mera casualidade o *hecho* de os respectivos *cascos de desfile* procederem, precisamente, daquelas terras onde se encontraram certos tipos de moedas autónomas geto-dácias. Tanto as moedas como os *cascos* de metal precioso contêm em si a ideia da cristalização das primeiras formações pré-estatais no mundo geto-dácio.

A concluir, os geto-dácios estiveram, desde o início da sua existência, como entidade étnica diferenciada do grande povo trácio, num permanente contacto com o mundo circundante. No grande concerto dos povos da Europa do Sudeste, tiveram uma contribuição substancial numa das mais essenciais descobertas do homem: o ferro.

Utilizando *temprano* este metal, comunicando também a outros povos os seus conhecimentos, percorreram um longo período histórico, evoluindo, com altos e baixos, para uma civilização cada vez mais complexa.

A aparição da moeda no mundo geto-dácio pode ser considerada como um sinal de que o avanço económico-social seguia um curso bem definido. Tal desenvolvimento económico e cultural não podia ter outra consequência que não a aparição do Estado, que se constituiu, *por lo demás*, na primeira metade do século I, antes da nossa era.

Estela funerária representando o cavaleiro trácio, divindade específica das províncias MOESIA inferior e TRÁCIA



# O EXÉRCITO NAS GRANDES CATÁSTROFES (III)

COMANDANTE DE INFANTARIA, R.E.M.  
LUIS GRAVALOS GONZALEZ  
(in EJÉRCITO, JAN. 79)

TRADUÇÃO DE B. P.

## 4. DISPONIBILIDADE DE MEIOS

Os de transmissões, sapadores, transportes, água, carburantes e defesa química são os normais do Exército e não há problemas maiores na sua utilização do que os que surgem num exercício táctico.

Ao considerar o parágrafo de Saúde, onde existem, também, meios adequados, queremos referir, especialmente, os Hospitais de Campanha na sua mais moderna concepção, de que só temos conhecimento através de revistas especializadas (Revista Internacional de Defesa, no. 2 de 1976). Um hospital, independentemente do material cirúrgico e ainda no campo necessita de energia eléctrica, aquecimento, água corrente quente e fria, aplicação de oxigénio e capacidade de absorção (tubagens de vácuo). A complexidade destes meios e o tempo necessário para o seu desenvolvimento levou determinadas indústrias a conceberem órgãos hospitalares modulares dobráveis e contidos em contentores; fácil armazenagem, transporte e montagem são as características que se põem a um leigo na matéria. Uma Unidade operacional da saúde militar terá a seu cargo a manutenção, transporte e montagem, enquanto que o pessoal médico e auxiliar necessário para o activar poderá sair do dos Hospitais Militares que fossem designados, em cada caso concreto. Prosseguindo com o Serviço de Saúde e referindo-nos, agora, ao plasma e aos produtos farmacêuticos, há que notar que o volume das necessidades pode exceder, em muito, as disponibilidades do Exército, pelo que terá de utilizar reservas nacionais e, inclusivamente, aceitar ajuda internacional.

No que respeita a trabalho, as ferramentas mais comuns (picaretas, pás, machados, serras, etc.) devem proceder do Parque Central de Engenharia. Quanto a certas ferramentas, de algum modo, mais especializadas, tais como as pás de cabo comprido, que se utilizam para apagar as chamas dos incêndios florestais, extintores de costas, etc., que podem ser utilizadas, indiferentemente, por pessoal militar ou civis, não têm qualquer inconveniente em se manterem num órgão do Ministério da Agricultura e que seja este quem o distribua às tropas.

Os alimentos para crianças e a roupa para civis não são produtos a existir no Exército. Para os primeiros, julga-se suficiente que outro organismo estatal conheça as disponibilidades da indústria de alimentação e requisite as quantidades exactas para cada caso e, para o segundo, os grandes armazéns têm roupa de homem, mulher e criança suficiente e, além disso, classificada por tamanhos, para proporcionar vestuário a quem o necessite. O problema será, somente, de ordem administrativa, quanto à forma de compensação económica. Para a instalação de acampamentos, será necessário contar com alguns meios extra-militares, de lona ou, preferivelmente, metálicos, que permitam alojar um número apreciável de pessoas.

## 5. ORGANIZAÇÃO

"A priori" dos acontecimentos e em termos absolutamente teóricos só é possível esboçar alguns tipos de organizações.

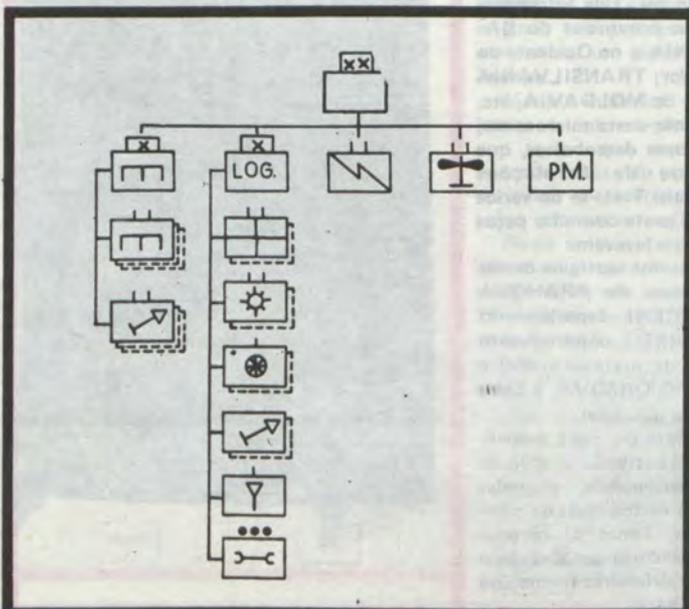
Cada caso concreto e real exigirá soluções diferentes, quanto ao tipo e à quantidade dos meios; a título de metodologia do nosso pensamento mais que por definição concreta, exporemos alguns exemplos caracterizados todos eles pela eventualidade da sua formação, pela heterogeneidade das unidades intervenientes e pelo tempo escasso em que vão actuar reunidas.

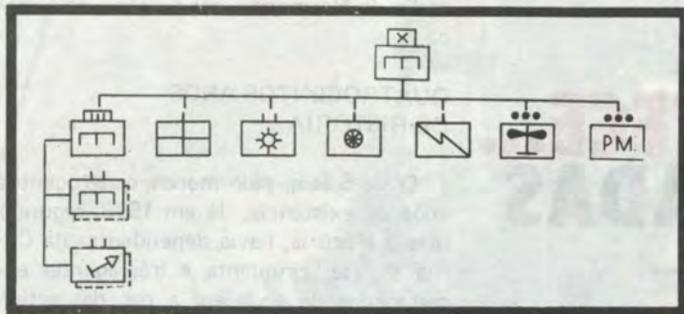
Nos períodos anteriores foram indicadas as características das catástrofes e a actuação concreta dos meios, pelo que, neste capítulo, nos limitaremos simplesmente a relacioná-los citando, quando for o caso, a sua especialidade.

### 5.1. TERRAMOTOS E INCÊNDIOS URBANOS

Um Comando, ao nível de General de Divisão, pelo nível das operações e pelo número de unidades a utilizar, com dois subordinados directos, cada um deles da categoria de General de Brigada; um para o comando das unidades de sapadores e de trabalho, directamente encarregado das operações activas, outro a cargo das unidades logísticas. No serviço de Saúde os meios de evacuação reunir-se-ão em unidades homogêneas do tipo companhias de ambulâncias, existirão postos de socorro e de classificação, hospital de campanha e farmácia.

Na Intendência, formar-se-ão centros de entrega de víveres e de vestuário; as cozinhas que tenham de apoiar a população





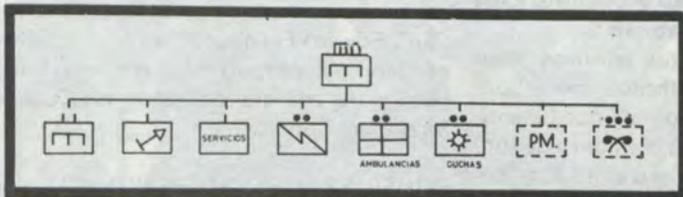
poderão ser reunidas em unidades tipo Companhia; e serão organizadas unidades destinadas à panificação, fornecimento de água, chuveiros e lavadores. (...)

É muito conveniente que exista, pelo menos, uma companhia de trabalhadores, dependente do Comando logístico para atender a cargas e descargas de transportes, armazenagem, movimentos de órgãos dos serviços, etc..

Do Comando da operação dependerão, directamente, as transmissões – internas e externas –, teletipo e radiofónicas, os helicópteros, cujo emprego mais racional aconselharia centralizá-los e a polícia militar (fig. 1).

## 5.2. ENCHENTES E INUNDAÇÕES

Descemos o nível do Comando já que é menor o número das unidades, previsivelmente, utilizadas.



Mantém-se um comando de Engenharia para os Sapadores e Trabalho, mas não se crê necessário constituir um comando logístico específico – não mais que um clube de centro logístico – uma vez que o apoio a prestar à população civil será de bastante menor valor. Na Intendência mantém-se um grupo para as mesmas missões indicadas anteriormente e não se altera a dependência directa das transmissões, helicópteros e polícia militar (fig. 2).

## 5.3. DESASTRES INDUSTRIAIS

Organização muito mais simples que deve recair num Chefe da Arma de Engenharia. Os Serviços serão os necessários para atender às próprias unidades, lembrando que, eventualmente, poderão intervir facções de Defesa Química ou de polícia militar. Os chuveiros são para a descontaminação; as transmissões para ligar com o Governo Militar da Província, uma vez que a acção se concretizará numa área muito reduzida. Um posto de socorros e umas ambulâncias para o caso de algum acidentado nos trabalhos parecem suficientes (fig. 3).

## 5.4. INCÊNDIOS FLORESTAIS

Comando de nível variável em função da totalidade dos efectivos das unidades de trabalhadores, motorizadas, temporariamente, até se acercarem dos locais.

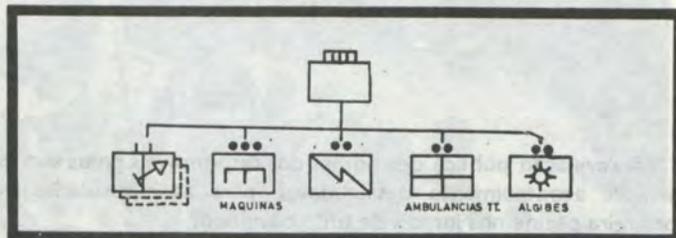
A secção de Sapadores com máquinas. O material da Intendência para reencher os depósitos dos bombeiros civis. As transmissões devem proporcionar a ligação com o Governo Militar respectivo, com as unidades que estejam distantes e com os aviões apaga-fogos. Ambulâncias TT na previsão de algum ferido ou lesionado (fig. 4).

## 5.5. GRANDES NEVÕES E AVALANCHES

Para abrir uma pista é suficiente uma Companhia de esquiadores que pode ser reforçada com um pelotão de Sapadores. Os meios de transporte podem ser transportes, de lagartas blindados normais, que dão bom rendimento sobre a neve graças às lagartas. Desejável um helicóptero (fig. 5)

## 6. CONCLUSÕES

Ante uma grande catástrofe, solidariedade nacional e emprego de todos os meios disponíveis. Não é possível prever



qual será a situação a que haja de fazer frente, pois as variáveis de modo, lugar e tempo são praticamente infinitas; reunir, recopiar e resumir as informações das actuações em Valência, Túnez, onde o nosso Exército lançou pontes por causa de uma enchente e em tantos e tantos incêndios florestais como a Espanha está sofrendo, bem como investigar as experiências alheias na matéria, podem fazer luz e abrir horizontes a aspectos inéditos sobre esta questão.

Prevenir e estudar não é demais, pois ainda que um Exército disciplinado seja capaz de cumprir com eficácia, as mais díspares missões, que possam ser-lhe consignadas, não há a menor dúvida que é mais fácil seguir um caminho já percorrido numa dada ocasião do que ter de abrir uma vereda.

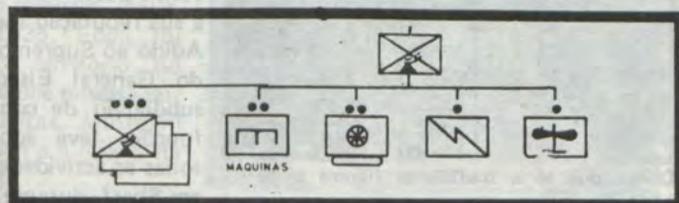
O que se pode fazer é, em íntima colaboração com a Protecção Civil, realizar algum trabalho muito mais concreto e profundo que o presente, ou, inclusivamente, planejar um exercício, ainda que seja só teórico, mas que, concentrando-se no tema, mostre claramente as dificuldades de organização que terão de ser vencidas, que unidades deverão intervir conforme o ponto do território nacional onde se produza o acontecimento, o material que é imprescindível adquirir e a relação das entidades, oficiais ou privadas, a que se terá de recorrer para obter medicamentos, víveres, roupas, etc.

Com isto se dará um passo em frente; a salvação de uma única vida humana justificará o trabalho.

Começamos por citar um artigo dos "Ordenanzas de Carlos III"; terminaremos com duas citações do que, no momento em que escrevo estas linhas, é o projecto das "Reales Ordenanzas para las Fuezas Armadas".

– Artigo 23: "A exemplaridade deve presidir à actuação da Instituição militar, que constituirá, entre as do Estado, modelo de cooperação cívica, especialmente em caso de catástrofe e quando o exijam circunstâncias extraordinárias".

– Artigo 194: "Em caso de catástrofe ou calamidade pública ou militar, salvo quando tenha ordens superiores em contrário, deve prestar a sua ajuda pondo todo o seu empenho em atenuar os prejuízos e em socorrer as vítimas".



# O DIFÍCIL ÀS VEZES A CONTECE... OS NOMES, AS MORADAS E OS TELEFONES DA ESPIONAGEM INGLESA

Por NUNO VASCO

A revelação pública dos nomes dos responsáveis pelos serviços secretos de um país é sempre acontecimento desagradável para as autoridades envolvidas, e assunto de primeira página nos jornais de todo o mundo.

Em Outubro de 1967 foi o que aconteceu com os serviços secretos ingleses. Um golpe que só a tradicional fleuma britânica poderia ultrapassar.

Neste artigo, os pormenores de um caso que durante muitos dias apaixonou a opinião pública e provocou muitas dores de cabeça aos responsáveis pela segurança da Grã-Bretanha.

O "escândalo" deu-se quando a revista "Saturday Evening Post", de Filadélfia, publicou os nomes, moradas e números de telefone dos mais importantes elementos dos serviços secretos ingleses, incluindo os directores dos famosos departamentos MI-5 e MI-6.

Nesse número, que se esgotou, o jornal revelava que o quartel-general do MI-6 (tido como a secção "activa" dos serviços secretos, responsável pelo envio dos agentes para o estrangeiro e considerada como a mais secreta de todas as organizações secretas de espionagem) se localizava num edifício de oito andares, construído junto da porta Queen Anne, e designado na lista

telefónica por repartição do Ministério da Terra e dos Recursos Naturais.

O MI-6 possui muitos edifícios idênticos a este espalhados por Londres — prosseguia o jornal, que identificava, um a um, outros prédios onde funcionavam os serviços secretos. Um deles — notificava — fica perto da estação de Waterloo e tem duas entradas vigiadas por guardas uniformizados.

## O CHEFE DO MI-6 IDENTIFICADO

"Sir" Dick Goldsmith-White, de 61 anos, era identificado como o chefe do MI-6. E o jornal acrescentou: "Sir" Dick é conhecido entre o seu pessoal apenas pela inicial "C". Por volta de 1910, "Sir" Mansfield Cumming foi nomeado chefe do MI-6 e era conhecido em serviço pela inicial "C". Desde então, tornou-se tradição designar todos os seus sucessores pela inicial "C", mesmo que tal letra não inicie qualquer dos nomes do responsável pelos serviços.

E o "Evening Post" prosseguia na identificação de "Sir" Dick: nasceu a 20 de Dezembro de 1906; estudou no Stortford College e na Igreja de Cristo, em Bishop; durante a Segunda Guerra Mundial trabalhou nos Serviços Secretos do Exército, com o posto de Coronel, e foi ali que criou a sua reputação de mestre da espionagem. Adido ao Supremo Quartel-General Aliado do General Eisenhower, foi chefe da subdivisão de contra-espionagem. Nestas funções teve sob sua responsabilidade todas as actividades de contra-espionagem em Shaeff, durante dois meses, desde a in-

vasão da Normandia até à vitória na Europa.

## QUATROCENTOS ANOS DE HISTÓRIA

O MI-6 tem, pelo menos, quatrocentos anos de existência. Já em 1573, segundo reza a História, havia, dependentes da Coroa inglesa, cinquenta e três agentes encarregados de andarem a par das actividades e políticas dos monarcas dos reinos amigos ou inimigos.

As iniciais MI significam Military Intelligence (Serviços Secretos Militares) o que é um anacronismo, pois nenhuma das organizações assim designadas está, actualmente, encarregada de tais serviços.

O "Evening Post" informava, à data da publicação do artigo, que quem tratava dos serviços secretos militares era o Marechal do Ar, "Sir" Alfred Earle...

## O MI-5: INFORMAÇÃO INTERNA

Debruçando-se sobre o serviço conhecido por MI-5, o jornal americano adiantava tratar-se de um sector de "informações" encarregado da ordem interna e da contra-espionagem no país. Informava ser "Sir" Edward Furnival-Jones o seu chefe, e os serviços centrais estarem instalados num vasto edifício localizado em Curzon Street, em Londres.

## CONSIDERÁVEL INDEPENDÊNCIA

Goldsmith White, Furnival-Jones e Alfred Earle — concluía o jornal — são, portanto, os chefes dos serviços secretos ingleses e têm entre si cargos equivalentes. As suas actividades são coordenadas pela comissão conjunta dos serviços secretos, e do Ministério dos Negócios Estrangeiros, presidida por Denis Arthur Greenhill, antigo embaixador em Washington — precisava o "Evening Post". O jornal sublinhava, todavia, que os chefes das três secções dispunham de considerável independência.

## "NINGUÉM RESPONDE"

A prova de que as informações contidas no "Evening Post" eram, pelo menos em parte, verdadeiras, resultou do facto de número de telefone indicado como sendo do MI-6, ter sido imediatamente alterado.

Todos os que ligaram para o número secreto indicado pelo jornal foram atendidos por uma telefonista que, delicada mas firmemente, informava: "ninguém responde".

## SERVIÇOS DISCRETOS E EFICIENTES

Tidos como dos serviços mais discretos e eficientes do mundo, o MI-5 e o MI-6 só



Coisas que só a tradicional fleuma britânica pode ultrapassar...



muito raramente têm conhecido a "desagradável publicidade" da Imprensa. Os casos dos agentes duplos Kim Philby e George Blake, este último tendo fugido, audaciosamente, da prisão de Wormwood Scrubs — foram motivo para levar à primeira página dos jornais de todo o mundo o departamento MI-6. Coisas que, não devendo acontecer, acontecem. Todavia, o saldo de confidencialidade e secretismo — para além de operacionalidade — é sem dúvida positivo nos serviços ingleses de espionagem.

### TRÊS MESES SEM INFORMAÇÕES

E já que abordámos este tema, não resistimos também à tentação de contar alguns episódios relacionados com documentos secretos britânicos que, ao abrigo de uma lei que permite o acesso aos documentos de Estado, ao fim de trinta anos, passaram para o domínio público.

Sabe-se assim, agora, que durante três meses, após a subida de Hitler ao poder, o Governo britânico não recebeu qualquer informação, em primeira mão, das opiniões do dirigente do Terceiro Reich.

Só em Maio de 1933 é que o embaixador britânico em Berlim, "Sir" Horace Rumbold se avistou com Hitler, tendo então enviado para Londres uma comunicação sobre o encontro.

No relatório o embaixador criticava o ponto de vista, que entretanto se generalizava, de que Hitler era o elemento mais moderado do Partido Nazi.

Curiosa é a anotação feita no documento pelo punho do então responsável pelo Foreign Office: "*o presente regime alemão fará irromper outra guerra europeia logo que se sinta suficientemente forte. O seu único receio é ser atacado antes de estar pronto.*"

### OS CASOS DA ABISSÍNIA E DA RENÂNIA

Os documentos agora públicos fazem também luz sobre o verdadeiro motivo da visita do então primeiro-ministro inglês, Eden, a Roma, em 1935. Eden foi oferecer a Mussolini o território do Ogaden, na Etiópia, se o Duce pusesse termo às suas ameaças bélicas. Mussolini rejeitou o projecto de Eden e a guerra da Abissínia foi uma realidade.

Sabe-se também, agora, que ninguém no Governo ou no Foreign Office tentou opor-se à reocupação alemã da Renânia. Pelo contrário, todos os esforços da Grã-Bretanha foram dirigidos para o apaziguamento da Alemanha.

Por altura do Verão de 1936, as notas à margem dos documentos do Foreign Office criticavam o Gabinete por este se recusar a tomar medidas mais enérgicas para com Hitler. Era, porém, demasiado tarde...

Documentos secretos podem agora ser consultados ao cabo de trinta anos.



# APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DO CARRO DE COMBATE XLIII

Coord. de B. P.



A propósito da entrega do primeiro AMX10RC em 20 de Dezembro de 1979 ao 2o. Regimento de "Hussards" de SOURDON, que é uma Unidade de reconhecimento do 3o. C. Exo., apresentamos aos nossos leitores interessados um artigo que trata desta viatura blindada de reconhecimento armada francesa.

O AMX10RC destina-se a equipar os Regimentos de reconhecimento dos corpos de Exército e os Regimentos Blindados das Divisões de Infantaria. Serão encomendados 403 veículos, dos quais 130 serão entregues até fins de 1982, e o programa da entrada em serviço será escalonado até 1985. O Tenente-Coronel Rimaud, Comandante do 2o. Regimento de "Hussards" tem por tarefa, agora, orientar o "envelhecimento acelerado" dos seis primeiros veículos que lhe vão ser entregues, proximamente. Do resultado deste período de provas, o AMX10RC terá, deste modo, revelado os eventuais pontos fracos assim como a frequência necessária da renovação de alguns dos seus elementos vitais.

Por ocasião desta cerimónia oficial estavam presentes todas as Unidades que hão-de receber, num futuro próximo, o novo AMX10RC, representadas pelos Comandantes e Estandartes ou bandeiras. Eram o 21o. R.I.M., os 3o., 4o. e 8o. Regimentos de "Hussards", o 12o. Regimento de Caçadores, o 1o. Regimento de "Spahis" e o 1o. Regimento de Cavalaria.

O primeiro AMX foi baptizado pelo Ministro da Defesa com o nome de "Chamborant", em memória do Coronel Claude de Chamborant, que foi o Primeiro Comandante do 2o. de "Hussards", de 1761 a 1781.

#### POTÊNCIA, MOBILIDADE, RAPIDEZ

O AMX10RC é uma viatura de reconhecimento potentemente armada e dotada de muito boa mobilidade estratégica e tática.

O seu canhão de 105 mm e a sua direcção de tiro automática permitem-lhe atingir, na luta anticarro, "performances" próximas das de um carro de batalha, até uma distância de 2.000 metros. Viatura com rodas, dispõe de uma autonomia muito grande (800 km) e de uma velocidade máxima em estrada de 85 km/h.

Protegido das armas ligeiras de Infantaria e dos estilhaços dos obuses, capaz de combater numa atmosfera contaminada, anfíbio sem qual-

quer preparação prévia, bastante ligeiro (15 t) e potente (17,7 CV/t), ele está à vontade no terreno.

Este engenho, destinado a substituir o célebre E.B.R. (Engenho Blindado de Reconhecimento), consumirá, para um peso superior, sensivelmente menos carburante que o seu predecessor.

#### 30.000 QUILOMETROS, 500 TIROS DE CANHÃO ANTES DE ENTRAR AO SERVIÇO

Foi em 1961 que o Exército de terra começou a sonhar com a substituição dos E.B.R. por um engenho mais rendível.

No fim de 1964 foi apresentado um projecto. A maquete é um veículo de lagartas. Em 1968, após novos estudos, o Estado-Maior adopta a ideia de um veículo blindado de rodas.

Concebido pelo AMX-APX, que depende da Direcção Técnica dos Armamentos Terrestres (D.T.A.T.), este veículo foi montado na fábrica

de construção de ROANNE (D.T.A.T.) com o concurso de diversos outros estabelecimentos industriais da Delegação Geral para o armamento ou de sociedades nacionais.

Assim, a torre da direcção de tiro automático é um produto da fábrica de construção de TARDES (D.T.A.T.), o canhão de 105 mm é fabricado pelo estabelecimento de estudos e de fabricação de armamentos de BOURGES (D.T.A.T.), e a sociedade Hispano Suiza do grupo SNECMA é a responsável pelo fabrico do motor diesel HS115 de 260 HP que é, agora, propriedade industrial da Renault, veículos industriais.

O primeiro protótipo saiu em Outubro de 1973. As experiências e a avaliação oficial desenvolveram-se em 1973 e 1974.

1975 e 1976 assistem à afinação definitiva da viatura e à sua industrialização. A primeira encomenda de série é comunicada em 27 de Setembro de 1976. Inicia-se, então, o lançamento do fabrico enquanto as experiências continuam.

Esta entrada em serviço insere-se no plano de modernização do equipamento do Exército de terra e é o corolário da reorganização das estruturas que atinge o seu terreno. Os ensaios de mobilidade foram realizados pela S.T.A.T. (Secção Técnica do Exército de Terra), em cerca de 30.000 quilómetros, sobre terrenos muito variados. Foi, do mesmo modo, testada a sua capacidade anfíbia. A aptidão no tiro foi verificada por mais de 500 tiros num campo de tiro sobre alvos fixos e móveis. As experiências de envelhecimento (gastamento) vão ser iniciadas no 2o. Regimento de "Hussards" e incidirão em seis engenhos.

Foram encomendados e pagos 130 AMX10RC, entre 1976 e 1979.

As encomendas feitas serão distribuídas do seguinte modo: 1980 - 60 exemplares; 1981 - 70 exemplares; 1982 - 70 exemplares; 1983 - 73 exemplares.

O programa atingindo os 403 AMX10RC deverá estar acabado em 1985 ou 1986.

## ARMAMENTO

A torre está equipada de um canhão de 105 mm, de grande velocidade inicial (1.120 m/s para a grande de carga oca). A dotação é de 38 tiros de 105 mm, dos quais 12 estão, imediatamente, disponíveis na torre. Há três tipos de munição: de carga oca, explosiva e de exercício.

O armamento secundário é constituído por uma metralhadora ligeira 7,62 mm gemiada com o canhão com 4000 cartuchos. Tem, também, 4 tubos lança-fumos.

A direcção de tiro comporta um telémetro a laser e diferentes captores permitindo a introdução, rápida e precisa, das correcções de tiro.

O tiro de noite é comparável ao tiro de dia graças a um equipamento completo, que indique um periscópio de "intensificação de luz".

Equipado com um motor de 280 HP o AMX10RC é muito móvel, tanto mais que a sua suspensão oleopneumática permite fixar, à vontade, a altura ao solo. São possíveis quatro posições, correspondendo à emboscada, em estrada, em terreno difícil e nos deslocamentos anfíbios.

Asp. B. DE FROMONT (TAM, 24.1.80)

## FICHA TÉCNICA DO AMX10RC

O AMX10RC é um engenho de seis rodas motrizes não direccionais. A direcção é operada pelo resvalamento das rodas, por travagem do trem lateral. A tripulação é de 4 homens. O condutor está à esquerda e à frente do casco; o chefe da viatura e o artilheiro no lado direito da torre, o encarregado do rádio do lado esquerdo.

### COTAS NUMÉRICAS

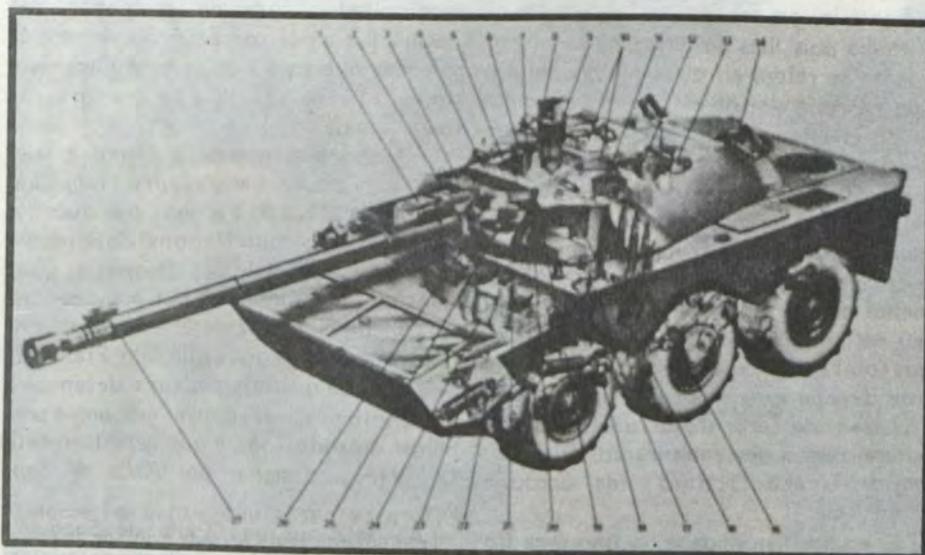
- Peso total em ordem de marcha	14,9 t
- Peso total em ordem de combate	15,8 t
- Comprimento do casco	6,35 m
- Comprimento c/ o canhão em posição horizontal	9,13 m
- Largura	2,86 m
- Altura até ao cimo da torre em posição de estrada	2,23 m
- Altura máxima	2,68 m
- Distância do fundo ao solo (variável entre 0,20 a 0,60 m 4 posições)	

### CARACTERÍSTICAS DE MOBILIDADE POSSIBILIDADES DE DESLOCAMENTO

- Potência específica	17,7 HP/t
- Velocidade máxima em estrada	85 km/h
- Velocidade média em estrada	cerca de 60 km/h
- Velocidade média TT	cerca de 25 km/h
- Autonomia em estrada	800 km

### POSSIBILIDADES DE TRANSPOSIÇÃO

- Rampas	60%
- Fossos	1,15 m
- Obstáculos verticais	0,70 m
- Anfíbio sem preparação, velocidade máxima na água com hidrobjactos	2 m/s



1 Telescópio M504	10 Posto rádio	19 Pontaria prioritária
2 Monitor TV artilheiro	11 Periscópio electrónico M39	20 Captador de sítio
3 Estante artilheiro	12 Ventilação	21 Cadeira do artilheiro
4 Caixa de pontaria lateral	13 Protecção ABQ	22 Balançeiro (ou flutuador?)
5 Monitor TV do chefe do carro	14 Lança potes de fumo	23 Macaco de suspensão
6 Estante do chefe do carro	15 Taquimetria	24 Cadeira do condutor
7 Indicador de posição	16 Cadeira do chefe do carro	25 Câmara TV
8 Captador de inclinação	17 Cadeira do rádio-servente	26 Posto de Comando de Tiro
9 Periscópio M389	18 Transmissão de movimento	27 Espelho de tiro

\* \* \* \*

# FALTA DE

# SANGUE

## EM PORTUGAL UM PROBLEMA QUE NOS CUMPRE E URGE RESOLVER

Por GABRIEL FERRÃO

### A INFORMAÇÃO ATRAVÉS DA IMPRENSA REGIONAL

Este breve artigo que antecipo a outros propostos em números anteriores do nosso Jornal foi-nos sugerido por associação de ideias ao escutarmos uma entrevista em que participaram um jornalista da R.D.N. (empresa pública declarada em situação difícil) e o Secretário de Estado da Comunicação Social como entrevistado.

Dessa entrevista, entre outros assuntos que não interessa aqui focar, foram lançados números que pela sua expressão obrigam quem quer que se interesse por informação a ponderar sobre a força que representa como meio de divulgação a chamada Imprensa Regional.

Em contacto permanente com as populações e com os seus problemas ela é, fora de qualquer dúvida, um poderoso meio de comunicação. Imprensa de periodicidade vária, desde o diário ao mensário e ao bimensário, ela tem leitores certos e interessados pois lhes dá uma panorâmica de quanto se refere ao dia a dia dos muitos que na generalidade se interessam muito relativamente e em número de certo modo restrito pelos matutinos e vespertinos de grande tiragem, que normalmente cobrem as cidades e vilas de maior densidade populacional, e pouca divulgação têm entre os núcleos mais isolados, onde normalmente os que sabem ler não dispensam o seu periódico preferido (onde há mais do que um) com cujas notícias ou artigos mais directamente se identificam.

Isto é, de certo modo, uma tendência natural para a descentralização, ou para a regionalização, como nos aprouver chamar-lhe.

É esta potencialidade da Imprensa Regional que se torna urgente aproveitar para através dela levar a toda a parte, complementarizando o trabalho da Rádio e da Televisão, a informação sobre os grandes problemas nacionais que a população genericamente respeitam.

Já nos anos 70, quando responsáveis por um departamento encarregado da informação e divulgação de quanto às

acções de colheita de sangue se referia, utilizámos com êxito por várias vezes a força da Imprensa Regional como forte apoio.

Dessa utilização, transcrevemos dois textos integralmente publicados no Jornal de Sobral de Monte Agraço e no Jornal de Sintra, respectivamente.

### SANGUE VIDA DE TODOS PARA TODOS.

"No próximo dia 27 do corrente mês de Maio, uma brigada móvel do Instituto Nacional de Sangue estará presente a partir das... horas no Hospital de Sobral de Monte Agraço para, em colaboração com os serviços de Hemoterapia deste Hospital, proceder a mais uma jornada de colheita de sangue.

Para os nossos leitores mais familiarizados com os problemas dos nossos dias e por consequência atentos às soluções que para eles se procuram, esta notícia nunca poderia passar despercebida.

— Quase diariamente, a rádio, a televisão e os jornais transmitem ou publicam notícias, entrevistas e artigos que, quer derivando do Instituto Nacional de Sangue e da Direcção Geral dos Hospitais quer transmitindo o interesse das grandes massas já consciencializadas, têm como fim único mostrar a todos que, sem a real participação de quantos podem e devem, será quase impossível resolver este grave problema de todos nós e que genericamente se costuma designar por "Falta de Sangue".

Ao falarmos de "Falta de Sangue", (sangue que é vida) cumpre-nos perguntar: haverá na realidade falta de sangue? É uma pergunta com duas respostas.

Não. — Não há "Falta de Sangue" porque cada um de nós tem em circulação de 5.000 a 6.000 mililitros que se renovam constantemente.

— Há sim "Falta de Sangue disponível" porque muitos de nós ainda não nos resol-

vemos a dar de tempos a tempos 200 a 400 mililitros desse sangue, o que na verdade não nos faria falta nenhuma.

É de facto lamentável preocuparmos-nos com um problema, de cuja solução tão directamente depende a saúde, a segurança e a vida da comunidade e que tão facilmente poderíamos ajudar a resolver

Bem sabemos que muitos, talvez pelo pouco tempo que lhes sobra do seu intenso e preocupante dia a dia, ignoram ou não se detêm a pensar que, diariamente doentes, acidentados, mães e crianças nas maternidades, feridos e operados *devem a vida ao sangue dos outros.*

Aqueles, porém, que o sabem não poderiam, mesmo que o desejassem, ignorar esta verdade que ressalta gritante e transparente: para que essas pessoas em perigo devam a vida ao sangue dos outros *é forçoso que os outros o tenham dado oportunamente!*

Com efeito houve outros que o deram oportunamente. Outros que conscientes do seu dever cívico de fraternidade humana souberam cumprir a tempo.

E esta verdade, caros leitores, sugere logo ao nosso espírito uma imediata interrogação: — Se algum dia estivermos na mesma situação dessas pessoas que precisaram de sangue para salvar a vida, *haverá sangue disponível para nós?*

E uma pergunta á qual só nós poderemos responder.

E estamos certos de que a resposta será esta: sim, haverá sangue disponível, porque tal como os outros *vamos desde já pensar na necessidade de o darmos previamente para que todos o possam receber quando dele precisarem.*

Respondendo desta maneira estamos automaticamente a resolver o problema, gerando um compromisso de fraternidade social de todos para com todos.

Criamos um hábito que começa no dar, resolve o haver e garante o receber.

*Tornamo-nos, conscientemente, elos duma cadeia em que a vida passa de braço a braço numa continuidade de vida."*

### "ENTRE A VIDA E A MORTE, O SANGUE PODE DECIDIR"

"No dia ... do próximo mês de Julho, uma brigada móvel do Instituto Nacional de Sangue estará presente a partir das ... no Hospital de Sintra, para, em ligação com os serviços deste hospital, proceder a mais uma jornada de colheita de sangue.

Quis o Jornal de Sintra colaborar nesta iniciativa pondo gentilmente as suas colunas ao dispor do Instituto para nelas informar quantos residam, trabalhem ou acidentalmente veraneiem nesta formosa vila, sobre o alcance e significado de uma jornada de colheita de sangue.

Todos ou quase todos os leitores do Jornal de Sintra, serão normalmente pessoas que se preocupam com os problemas do nosso tempo. Todos lêem jornais, ouvem rádio e vêem televisão. É talvez com os olhos ainda cheios pela singela imagem que acompanhava a frase que deu título a estas linhas, lida há momentos no pequeno *écran* da televisão, que vos iremos falar do sangue.

Este título não é nosso. Como não é nossa também a bem pensada imagem em que se desenham com um só traço dois corações que se ligam como que simbolizando um partilhar de vida.

E para quase nada ser nosso, nem sequer temos a autoria do texto que com a devida vénia transcrevemos.

Ele descreve um caso de todos os dias. Um caso que poderia ser o nosso, o vosso ou de um dos nossos.

"Era uma questão de vida ou de morte!

O doente entrou no Hospital ao fim da tarde, em estado de choque, devido a contínuas hemorragias. Não dava acordo de si; não conhecia ninguém, nada do que o rodeava tinha para ele significado. A morte pairava lugubrememente à sua volta, impondo a sua presença e querendo fazer valer a sua força.

Médicos e enfermeiros rodeavam o doente. O seu estado era melindroso; impunha-se uma operação urgente. Mas ele estava tão fraco que dificilmente suportaria a intervenção cirúrgica. Era necessário devolver-lhe o sangue perdido; tornava-se indispensável a transfusão sanguínea.

E o sangue, que em tempos remotos era símbolo de tragédia e morte, vê-se de repente remetido ao seu verdadeiro papel de fonte de vida e saúde!

Foram, imediatamente, utilizados dois frascos do precioso líquido para dar um pouco de forças ao doente; foi preciso sangue de dois homens conscientes do valor da expressão "solidariedade humana", para tornar possível a intervenção médica.

Deitado na cama operatória, o doente, indiferente à azáfama que se desenrola à sua volta, aguarda o resultado do duelo entre a vida e a morte!

Tudo está preparado: os serviços e os homens. Médicos e ajudantes, com movimentos precisos e calmos, servem-se dos vários instrumentos com que executam as diferentes fases da operação. A intervenção prolonga-se e as perdas de sangue avolumam-se. É indispensável sangue, mais sangue. E os frascos, ainda há pouco repletos de sangue vermelho vivo, jazem agora vazios, incolores, esperando que novas dádivas generosas lhes permitam, uma vez mais, levar a vida a alguém.

Até altas horas da madrugada não houve tréguas naquela luta contra a morte; e o sangue sempre a levar um

reforço de vida a quem dele tanto carecia para sobreviver! Foram necessários sete litros de sangue, o equivalente a cerca de catorze dádivas generosas; as reservas esgotaram-se, os depósitos ficaram vazios! Mas isso que importa se uma vida foi salva, se o sofrimento foi afastado, se a vida ganhou a luta!"

Lutas como esta repetem-se em cada instante.

Lutas que só podem continuar a ser ganhas quando houver possibilidade de que os frascos vazios sejam imediatamente substituídos por frascos cheios garantindo *sangue disponível* para salvar novas vidas.

É participando nelas que as brigadas móveis do Instituto Nacional de Sangue demovendo barreiras, formando e informando, vão às empresas, colaboram com as Forças Armadas de Terra, Mar, e Ar, colaboram com os serviços dos Centros Urbanos, se deslocam aos meios rurais... e se dirigem aos homens de boa vontade conscientes dos seus deveres cívicos, solicitando-lhes a ajuda e participação necessárias para que o frutificar destas jornadas possa decisivamente con-

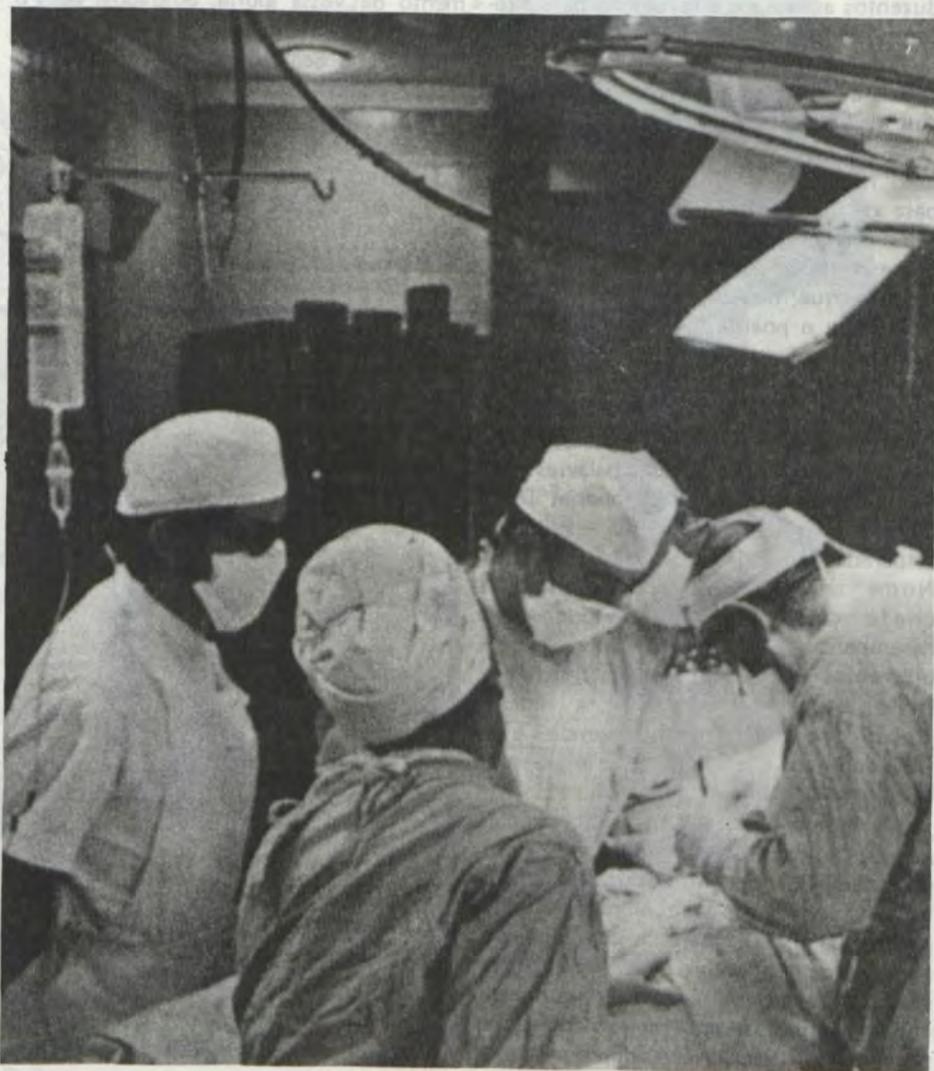


tribuir para o almejado objectivo da segurança colectiva."

Os resultados destes apelos foram mais do que encorajadores.

As populações locais responderam consciente e civicamente, ambas as jornadas de colheita de sangue foram em múltiplos aspectos positivas, e nós acrescentamos à nossa experiência, de técnicos de informação, a certeza de que a Imprensa regional é de facto uma arma útil que a todos os níveis deve ser acarinhada e apoiada nas suas carências, quer técnicas quer financeiras.

Ficamos, para além de tudo, convictos de que ela assume a real função de um serviço público de largo alcance comunitário que, seja qual for a sua dimensão, em caso algum se deve menosprezar.



## OBELISCO DA MEMÓRIA ARNOZA DE PAMPELIDO

Este monumento evoca o desembarque em 8 de Julho de 1832 dos 7500 bravos que durante as lutas liberais vieram dos Açores comandados por D. Pedro. Eles constituíam o Exército cuja missão era a libertação do País do absolutismo miguelista.

O obelisco assenta numa base quadrada com 6,5 metros de lado, tem 16 metros de altura e guarda na sua parte inferior um cofre contendo moedas e medalhas comemorativas do desembarque.

A chave desse cofre encontra-se na Biblioteca Municipal de Matosinhos.

O monumento foi concluído em 1880. A cerimónia da colocação da primeira pedra teve lugar no dia primeiro de Dezembro de 1840 ou seja precisamente duzentos anos após a revolução para a reconquista da independência de Portugal.

Por julgarmos de interesse, transcrevemos a seguir grande parte do texto do Auto lavrado nessa cerimónia.

"Será uma pirâmide no estilo de obelisco na altura de 75 palmos sobre uma base de 30 palmos, tendo no ápice uma estrela radiante, no centro da qual estará o número 1832, para denotar a época do desembarque; no corpo do obelisco e na face sobre o poente haverá uma medalha que representa em alto relevo a effigie de Sua Majestade Imperial, o Senhor Dom Pedro, e nas quatro faces do pedestal as quatro seguintes inscrições, a saber: na do Poente, face da frente, estas palavras: Em honra de Sua Majestade Imperial Dom Pedro — Duque de Bragança — Primeiro Imperador do Brasil e Quarto Rei deste Nome em Portugal — comandante em chefe do Exército libertador aqui desembarcado em oito de Julho de mil oitocentos e trinta e dois para restituir o trono a Sua Augusta Filha, a Rainha Reinante Dona Maria Segunda e a Liberdade aos Portugueses, se erigiu este Padrão para perpétua memória".

Na face do lado sul a seguinte proclamação: "Soldados! Aqueles praias são as do malfadado Portugal; ali vossos pais, mães, filhos, esposas, parentes e amigos, suspiram pela vossa vinda e confiam nos vossos sentimentos, valor e generosidade. Vós vindes trazer a paz a uma Nação inteira e a guerra somente a um governo hipócrita, despótico e usurpador. A empresa é toda

de glória; a causa justa e nobre; a vitória certa. Os vossos companheiros de Armas virão engrossar vossas fileiras e ambicionarão a honra de combater ao vosso lado; e se alguns ainda houver que desacordados pretendam continuar a defender o despotismo, lembrai-vos que tendes diante de vós aqueles mesmos iludidos Portugueses que na Vila da Praia fugiram da presença do vosso sangue frio e da vossa coragem. Vencedores de S. Miguel e de S. Jorge! De quem, nem os combates de Vila das Velas, da Urselina e da Calheta, nem a posição inexpugnável da Ladeira da Velha puderam conter o entusiasmo e a valentia!

"Aí tendes a Pátria, que vos chama; ali achareis a recompensa de vossos serviços, o termo dos vossos sofrimentos, complemento de vossa glória. Soldados! Seja o vosso grito de guerra: Viva a Senhora Dona Maria Segunda, e a Corte Constitucional seja o vosso Timbre.

"Protecção aos inermes, Generosidade aos vencidos."

"D. PEDRO, DUQUE DE BRAGANÇA"

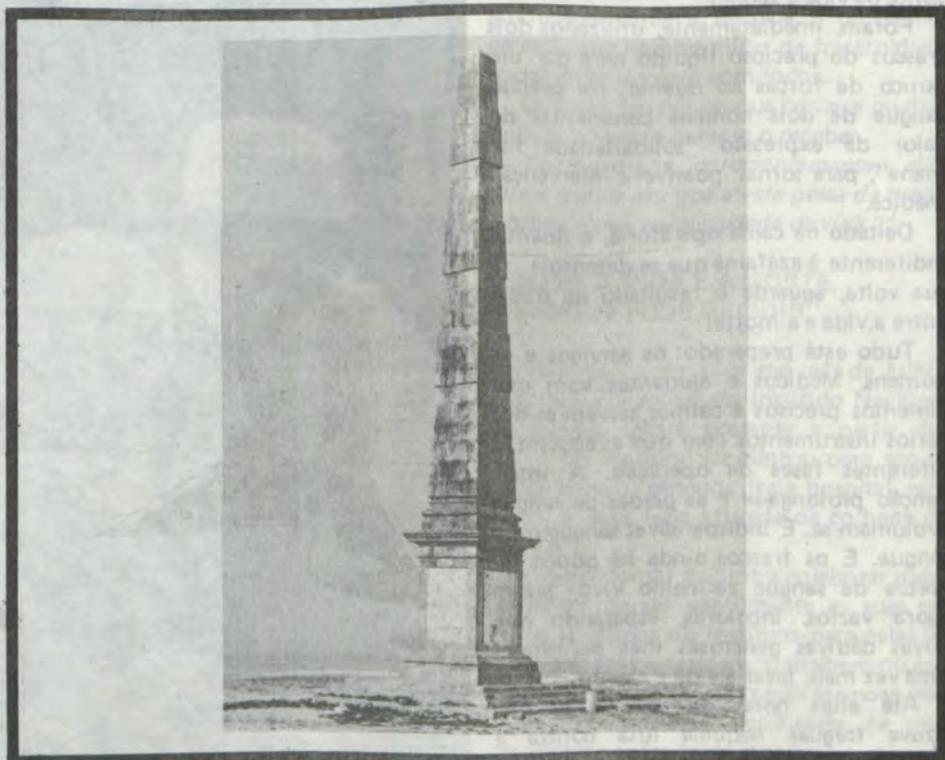
Na face do lado norte, a seguinte le-

genda: "Eram sete mil e quinhentos os bravos do Exército Libertador. Comandava as forças de Terra o Conde de Vila Flor e as do Mar G.R. Sartorius. De três Divisões se compunha o Exército..."

— Indica-se a seguir, resumidamente, a constituição das Divisões e os seus Comandantes. J. Schwalbak comandava a primeira e tinha os Batalhões de Caçadores Nos. 2, 3 e 5. A segunda, capitaneada por Henrique da Silva, com o Regimento de Infantaria 18, Batalhão de Voluntários da Rainha. A terceira, do comando de A.P. de Brito, era composta pelo Batalhão de Caçadores No. 12, Regimento Provisório, Corpo Académico, Corpo de Atiradores Portugueses, Corpo de Marinha.

Na face a nascente, as seguintes palavras: "No primeiro de Dezembro de mil oitocentos e quarenta em que se contam dois séculos da elevação da Dinastia de Bragança ao Trono Português foi levantado por ordem do Administrador Geral do Distrito — António José d'Ávila — e à custa de donativos particulares este monumento de que lançou a primeira pedra o mesmo Administrador Geral".

— O Auto termina da seguinte forma: "Contem este Auto sessenta e oito assinaturas que todas foram feitas na minha presença — António Luís de Abreu, Secretário Geral".



# anedota

É O MEU IRMÃO GÊMEO;  
NESSA ALTURA OS NOSSOS  
PAIS TINHAM ACABADO DE  
LER "A GUERRA E PAZ"...



# CAMÕES

SÉRIE

«OS LUSÍADAS»

Por BAPTISTA MENDES

Episódio de FERNÃO VELOSO

4



Vasco da Gama, apercebendo-se de que algo de anormal se passava, mandou imediatamente gente a terra, indo ele próprio, também, num batel..



A luta generaliza-se com a chegada dos portugueses..

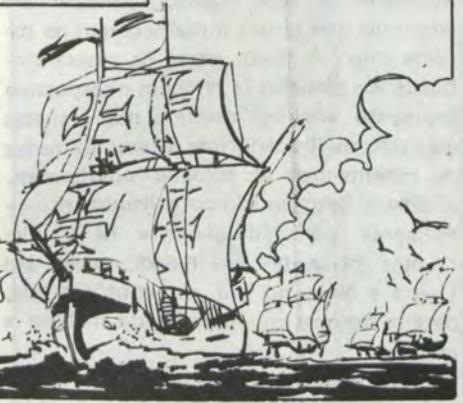


Entretanto, Fernão Veloso via-se cercado por um grupo de indígenas..





E, sendo já Veloso em salvamento,  
Logo nos recolhemos *pera* a armada,  
Vendo a malícia feia e *rudo* intento  
Da gente bestial, bruta e malvada,  
De quem nenhum *milhor* conhecimento  
Pudemos ter da Índia desejada  
Que estarmos *inda* muito longe dela.  
E *assi* tornei a dar ao vento a vela.



Mal passei o monte, logo me cercaram para darem cabo de mim! Ao que me pareceu, esperavam depois, emboscados, que fossem à minha procura para vos caírem em cima...

Ó Veloso, parece que aquele oiteiro é melhor de descer do que subir...

Dizem que vieste mais depressa do que fostes...

A verdade é que quando vi virem para cá tantos pretos, mais me apressei, por me lembrar que estáveis cá sem mim!...

?! ?!



Fim



## A TERRA MORADA CÔSMICA DA HUMANIDADE OCUPA POSIÇÃO INSIGNIFICANTE NO UNIVERSO

Ao falarmos do planeta que alberga a humanidade, parece-nos essencial, antes de tudo, colocá-lo na sua própria perspectiva cósmica, onde, aliás, ocupa posição insignificante. A Terra, berço de um indivíduo que se auto-intitulou de "homo sapiens", não passa de diminuto amontoado de rochas submetido à tutela de uma estrela de dimensões médias. E nem sequer é dos corpos mais importantes do sistema planetário a que pertence. Em face dos outros planetas, a Terra só se torna notória ao lado de Mercúrio, Vénus, Marte e Plutão. Comparada com Júpiter, Saturno, Urano e Neptuno, não passa de triste pigmeu entre gigantes. Na realidade, os quatro planetas mais próximos do Sol, incluindo os seus satélites, formam um conjunto que pouca influência tem no sistema solar. A maior parte da massa atribuída aos planetas (e também o respectivo momento angular) residem nos planetas gigantes, quatro enormes esferas animadas de movimentos de rotação rapidíssimos. Júpiter e Saturno são constituídos principalmente por hidrogénio e hélio, elementos presentes em menor escala em Urano e Neptuno que, em contrapartida, detêm maiores quantidades de metano e amónio.

Mas tentemos localizar a Terra no espaço. Tarefa impossível para observador situado algures na galáxia. A mediocridade, à escala cósmica, não só do nosso planeta mas de todo e qualquer sistema planetário, não o permite. Se não vejamos: a Terra fica distante do Sol cerca de 150 milhões de quilómetros, distância que serviu de base para o estabelecimento da Unidade Astronómica (U.A.). Assim, Plutão, o planeta mais afastado da estrela tutelar, percorre a sua órbita a cerca de 40 U.A. de distância e a sua detecção deveu-se ao acaso. Se para além de Plutão existe outro planeta, é assunto em aberto. Plutão, porém, não marca a fronteira do sistema solar. Muito mais longe, obedecendo ainda à força gravítica do Sol, e a distâncias que podem ir até cem mil U.A., fica a zona privada dos cometas, bolas de gases congelados com cerca de um quilómetro de diâmetro e que, segundo os as-

trónomos, se devem contar por milhões.

Depois é o "vazio" do espaço interestelar, onde o Sol aparecerá a hipotético astronauta apenas como uma estrela brilhante, talvez como o homem terrestre vê Sirius. Esse observador, porém, não conseguirá distinguir a presença de qualquer planeta. Até o próprio Júpiter, com toda a sua grandeza (pelo menos a nível local) passará despercebido, pelo que a existência da Terra (e por consequência a existência da própria humanidade) perde-se na vastidão do espaço. Se nos afastarmos ainda mais, umas poucas dezenas de anos-luz (um ano-luz tem cerca de 60 mil U.A.) é a vez de o próprio Sol não se poder detectar facilmente à vista desarmada. E umas poucas dezenas de anos-luz são apenas a milésima parte da distância que nos separa do centro da Via Láctea.

A Via Láctea, por seu turno, é uma imensa espiral em rotação, onde os "sóis" se contam por biliões (cerca de 250). Finalmente, a Via Láctea é apenas uma no meio de centenas de biliões de outras galáxias, estas também constituídas por biliões de estrelas.

Podemos assim concluir que não só a terra como todo o sistema Solar são um fenómeno certamente repetido milhões e milhões de vezes na vastidão incomensurável do contínuo espaço-temporal.

### COMO SE FORMOU A TERRA ?

A teoria da formação da Terra, mais do agrado dos cientistas que se dedicam ao assunto, baseia-se na gradual condensação e acreção das partículas de que era formada a nebulosa que originou o sistema solar. Conforme o planeta foi crescendo, a sua temperatura começou a aumentar devido à combinação de três efeitos: a compressão da massa adquirida, devido à gravidade; o impacto de meteoritos e o calor produzido pela decomposição dos elementos radioactivos, como o urânio, o tório e, em menor escala, o potássio, que, não sendo considerado elemento radioactivo, devemos ter presente que o seu isótopo 40 é, embora constitua apenas 0,01% da totalidade desse elemento pre-

sente na terra. A certa altura, com o aumento gradual da temperatura, a parte interna do planeta tornou-se massa em fusão. Como consequência desse fenómeno, o ferro e os outros elementos pesados agregaram-se no interior e formaram o núcleo do planeta, que, ainda hoje, deve permanecer no estado líquido.

Enquanto os metais pesados se reuniam no núcleo, os mais leves "subiam" à superfície, formando assim as camadas exteriores denominadas manto e crosta. Acompanhando a "subida" dos elementos leves (alumínio, sílica, sódio e potássio) encontravam-se os elementos radioactivos urânio e tório. A explicação para o comportamento destes dois elementos pesados reside na maneira como os seus átomos formam os compostos cristalinos. A dimensão e afinidade química daqueles átomos não lhes permitem a possibilidade de se acomodarem nas densas estruturas existentes sob as altas temperaturas reinantes no interior de Terra. Assim, os átomos de urânio e de tório foram "espremidos" e forçados a migrar para cima, até às regiões do manto e da crosta, onde conseguiram então acomodar-se com facilidade nas estruturas cristalinas mais abertas dos silicatos e dos óxidos existentes nessas regiões.

Ao mesmo tempo que a Terra se diferenciava em núcleo, manto e crosta, o material das camadas exteriores também se dividia e organizava por elementos, pelo que as regiões do interior da crosta são compostas por basalto e rochas ígneas contendo cálcio, magnésio e compostos ricos em ferro. Nas regiões exteriores da crosta e à superfície formaram-se as rochas ígneas mais leves, como o granito, a sílica, o alumínio e o potássio.

Quanto à época em que estes factos sucederam, as opiniões dos geólogos divergem. Para uns, o processo verificou-se nos primórdios da formação do sistema solar; outros admitem a possibilidade dos fenómenos descritos se terem produzido um bilião de anos após a Terra se ter constituído. Numa ou noutra época, porém, um dos resultados da elevação da temperatura no interior da Terra foi o



FIGURA 1

Um aspecto da Via Láctea na região compreendida entre as constelações da Águia e do Sagitário. Identificar um planeta? Nem pensar nisso!

início da actividade vulcânica e da formação dos sistemas montanhosos. Estes fenómenos contribuíram não só para a aparência da superfície terrestre como também para as enormes mudanças verificadas na composição das camadas interiores. Enquanto se verificavam os dois processos mencionados, muitos dos



FIGURA 2

M-31, na constelação de Andrómeda, uma galáxia idêntica à Via Láctea e situada a pouco mais de dois milhões de anos-luz de distância. Impossível distinguir uma estrela como o Sol em semelhante condensação de matéria.

gases aprisionados no interior do planeta começaram a procurar o caminho para a superfície, destacando-se o dióxido de carbono, o metano e alguns gases sulfurosos, além da própria água, no estado de vapor. Estes gases deveriam ter escapado para a superfície em quantidades enormes, durante os períodos de diferenciação e de reorganização atrás referidos. Chegados à superfície, aí permaneceram, já que a força de gravidade era suficientemente forte para os "prender", excepção feita, como é óbvio, aos gases mais leves, como o hidrogénio e o hélio, que se escaparam para o espaço.

#### O APARECIMENTO DE VIDA NA TERRA

A temperatura da Terra, ao tempo em que os gases se libertaram do seu interior, já deveria ser suficientemente baixa para permitir a condensação da água. Dissolvidos nessa água, encontravam-se outros gases combinados quimicamente com elementos como o cálcio e o magnésio, e que foram "extraídos" da superfície das rochas, assim que as chuvas começaram a cair. Se a temperatura fosse mais elevada, o efeito dessa atmosfera primeva, com a sua larga percentagem de dióxido de carbono, teria ocasionado um "efeito de estufa" muito pronunciado, o que aliás parece ter sucedido em Vénus.

A medida que a superfície da Terra arrefecia e se formavam os oceanos, devido à condensação da água, começou o processo da erosão (tanto pelo vento como pela água) processo que ainda hoje se verifica. A água no estado líquido tornou-se o meio dominante para o transporte e redistribuição dos resíduos arrancados às montanhas pela erosão.

Como começou a vida na Terra? Uma pergunta a que não podemos responder, mas que residirá na história dos mecanismos químicos lógicos e que poderão ser deduzidos de certas suposições acerca do ambiente primitivo existente na superfície do planeta. Poder-se-á supor a existência de uma atmosfera originária nos gases que se libertaram do interior, atmosfera dominada pela água, metano e amónia. O oxigénio livre encontrava-se ausente, pois o oxigénio livre é já um produto da própria vida e a sua existência nunca poderá ser anterior. Essa atmosfera poderia possuir também considerável quantidade de dióxido de carbono.

Nesses tempos recuados, a radiação ultravioleta do Sol bombardeava intensamente a atmosfera que envolvia a Terra e as águas dos oceanos e dos grandes lagos, que se encontravam sem qualquer protecção, pois não existia ainda a camada de ozono. Assim, a elevada energia dos raios ultravioletas promoveu a síntese de variados compostos orgânicos, como os amino-ácidos, por exemplo. É provável,

porém, que alguns desses compostos já se encontrassem na Terra, pois, como é do conhecimento dos nossos leitores, o espaço interestelar é povoado por alguns compostos orgânicos simples.

A síntese de compostos orgânicos, porém, não é o mesmo que fazer aparecer a vida. Os passos seguintes teriam de dirigir-se para a formação de macromoléculas e, antes de tudo, para o crescimento dos ácidos nucleicos que, eventualmente, providenciariam ao mecanismo genético de reprodução, de maneira a permitir que as células se dividissem, dando assim origem a novas células.

Não se pode estar seguro de quantas variedades de ambientes químicos serão capazes de suportar a vida. Tudo o que se sabe é que a Terra possui um desses ambientes e que a vida depende da existência da água no estado líquido. Presentemente, a Terra é o único planeta conhecido que satisfaz essa condição. O registo contínuo da vida na Terra abrange cerca de três biliões e meio de anos. E durante todo esse espaço de tempo sempre registou a presença de água no estado líquido.



FIGURA 3

Aglomerado na constelação Cabeleira de Berenice situado a 420 milhões de anos-luz de distância e formado por alguns milhares de galáxias, de que apenas pequena parte se pode ver nesta fotografia, em negativo, efectuada por intermédio do reflector de quatro metros de diâmetro do Observatório de Kitt Peak. Aqui já se torna difícil identificar qualquer galáxia. O que dizer, então, de uma estrela, para já não falar num planeta?

# FILATELIA

CAP. VASCO MOURA

100



## FILATELIA MILITAR

Integrado numa nova série, a segunda dedicada aos Grandes Vultos do Pensamento Republicano, foi emitido, em 19 de Março do corrente ano, um selo representando Norton de Matos.

O critério que presidiu à escolha das seis figuras desta segunda série de "Vultos Republicanos" foi o da sua projecção, tanto coeva como actual, não só na fase final da 1.ª República (1919 - 1926) mas também no combate à Ditadura Militar. Elegeram-se, assim, um Presidente da República e escritor (Teixeira Gomes), dois Presidentes do Ministério e chefes partidários (Álvaro de Castro e José Domingues dos Santos), um militar e colonialista (Norton de Matos) e dois intelectuais (Jaime Cortesão e António Sérgio).

**JOSÉ MENDES RIBEIRO NORTON DE MATOS**, filho de Tomás Mendes Norton, comerciante, de famílias burguesas do Norte, nasceu em Ponte de Lima em 23 de Março de 1867, onde veio a falecer a 2 de Janeiro de 1955. Seguiu a carreira militar, ascendendo ao posto de General. Foi também professor no Instituto Superior Técnico. Tinha já uma brilhante folha de serviços nas colónias (Índia e Macau) quando se proclamou a República, à qual aderiu, filiando-se no Partido Democrático. Foi então nomeado Governador-Geral de Angola (1912 - 1915), onde exerceu uma obra fecunda. Demitido pela ditadura de Pimenta de Castro, voltou à Metrópole, tomou parte activa na revolta contra ela, sendo posteriormente nomeado ministro das Colónias (1915), e, por fim, da Guerra (1915 - 1917). Foi um dos principais obreiros da intervenção de Portugal na I Grande Guerra, o que lhe valeu o exílio, em 1917 - 1919, durante a situação sidonista. Exerceu depois cargos de membro da delegação portuguesa à Conferência da Paz (1919), Alto Comissário em Angola (1921-1924) - onde retomou a obra que já encetara, sendo o grande fator do engrandecimento da colónia - e embaixador em Londres (1924-26). Ascendeu ainda a Grão-Mestre da Maçonaria (1930-35). Em 1948 aceitou candidatar-se a Presidente da República pela Oposição, desistindo na véspera das eleições (Fevereiro de 1949), após uma campanha movimentada, por se considerar



não existirem garantias de autenticidade de sufrágio.

O selo de 6\$50, que representa este militar, teve uma tiragem de 5 milhões de exemplares, com tarja fosforescente, em papel *couché*, no formato de 40x25,6 mm, sendo José Cândido o autor dos desenhos.

## COMEMORAÇÕES MILITARES NA FILATELIA

O selo postal é um meio poderoso de divulgação de ideias, personalidades e factos significativos. Além do seu objectivo postal, é naturalmente enorme o interesse que lhe é atribuído pelos coleccionadores

filatélicos.

Mas, além do selo postal, outras manifestações filatélicas (carimbos, flâmulas, inteiros e bilhetes postais, etc.) são utilizadas para celebrar diversos eventos significativos, que no âmbito militar não têm sido utilizadas. Com a finalidade de dar o devido relevo a todos os temas militares (como, por exemplo, aniversários importantes de Unidades) devem ser enviadas a esta Secção de Filatelia do J.E. todas as eventuais sugestões que possam ser apresentadas aos CTT.

Reproduzem-se dois carimbos de acontecimentos civis, que sem estarem ligados directamente à Filatelia, foram com a ajuda desta amplamente divulgados quer internamente, quer no Estrangeiro.



# UNIFORMES MILITARES

Por: MANUEL RIBEIRO RODRIGUES

## PORTUGAL

### HISTÓRIA DA LEGIÃO PORTUGUESA AO SERVIÇO DE NAPOLEÃO 1808-1813

#### PARTE III

"A respeito dos cavalos procedeu-se do modo seguinte: primeiramente os capitães entregaram as suas companhias por avaliação na forma costumada, com a diferença somente de fazerem esta entrega a um Oficial da Fazenda, em vez de o fazerem aos seus respectivos sucessores. Depois disto o Oficial português encarregado da redução, acompanhado de um General de Cavalaria francesa ou de um Delegado deste, e assistido de Veterinários das duas nações passavam uma revista aos cavalos do regimento, e de acordo com os seus assistentes dava baixa aos que eram julgados incapazes de serviço; o remanescente era sorteado, de modo que os portugueses tirassem o contingente necessário para formar um Esquadrão, que cada um dos antigos regimentos devia fornecer de novo. Os franceses então apossavam-se de todos os que restavam, para remontar a sua cavalaria ligeira; para o que mandavam ao local, em que se fazia a redução, destacamentos de soldados de Cavalaria apeados para conduzirem os cavalos para o depósito geral dos franceses estabelecido na Calçada da Ajuda perto de Lisboa. O sorteio fazia-se por companhias, e por meio de uma proporção. Os cavalos de baixa vendiam-se em hasta pública e por conta da fazenda, mas o pequeno produto desta venda, em vez de ser remetido ao erário, ficava nas mãos do Oficial francês, que presidia a esta operação."

"O General Marquês de Alorna, desde que os franceses se assenhorearam totalmente do reino, exerceu as funções do posto de General-em-Chefe das tropas portuguesas em todo ele, porém, este título não lhe foi conferido explicitamente senão poucos dias antes das tropas marcharem para Espanha. O mesmo General, à vista das listas que lhe mandavam, e das informações que tinha dos Oficiais, que ficavam servindo, fazia as propostas para os nove regimentos, as quais mandava a Junot para as confirmar, e depois de confirmadas, a Secretaria de Estado dos negócios da guerra expedia aos Oficiais patentes provisórias em nome de Napoleão, e assinadas por Junot."

"A organização das Companhias era feita pelos Oficiais designados para o comando dos novos regimentos, e lançados em cadernos volantes do modelo que os franceses chamam "contrôles". Faziam-se destes três cópias, das quais se remetia uma à Secretaria da Guerra, outra ao General-em-Chefe e a última ficava no Regimento"

Decreto respeitante à redução do Exército português e à sua nova organização, com que partiu para Espanha a caminho de França.

"O Governador de Paris, Primeiro Ajudante de Campo de Sua Majestade o Imperador e Rei, General-em-Chefe, em nome de sua Majestade o Imperador dos franceses e Rei de Itália e em consequência das suas ordens."

#### DECRETO

As tropas de Infantaria Portuguesa serão organizadas da seguinte maneira:

- Os Regimentos No. 1, 13 e 16 serão incorporados e formarão o Regimento de linha No. 1.
- Os Regimentos No. 4, 18 e 19 serão incorporados e formarão o Regimento de linha No. 2.
- Os Regimentos No. 11, 12, 23 e 24, serão incorporados e formarão o Regimento No. 3.

Cada Regimento terá três Batalhões e cada Batalhão oito Companhias sendo: uma Companhia de Granadeiros e outra de Fusileiros à esquerda. Cada Companhia será composta por: 1 Capitão, 1 Tenente, 2 Alferes, 1 Sargento-Mor, 1 Furriel, 1 Sargento, 8 Cabos, 2 Tambores, 80 Soldados, 2 Rapazes de Tropa e 2 Lavadores, serão incorporados à Companhia.

O Estado-Maior de cada Regimento será composto por: 1 Coronel, 1 Major, 2 Tenentes-Coronéis, 2 Majores Ajudantes, 2 Ajudantes de Oficial Inferior, 2 Porta-Bandeiras, 2 Quartéis-Mestre, 2 Cirurgiões-Mores, 4

Ajudantes de Cirurgião, 1 Capelão, 1 Tambor-Mor, 2 Tambores-Mestre, 4 Mestres-Artífices e 20 Músicos.

A Cavalaria Portuguesa será organizada em dois Regimentos:

— Os Regimentos No. 1, 4, 7 e 10 formarão o 1o. Regimento.

— Os Regimentos No. 6, 9, 11 e 12 serão compostos e formarão o 2o. Regimento.

Cada Regimento será composto por quatro Esquadrões a oito Companhias e cada Companhia será composta por: 1 Capitão, 1 Tenente, 2 Alferes, 1 Quartel-Mestre-em-Chefe, 2 Quartéis-Mestre, 4 Sargentos, 1 Furriel, 2 Trombetas e 48 Soldados.

O Estado-Maior de cada Regimento de Cavalaria será composto por: Coronel, 1 Major, 2 Tenentes-Coronéis, 1 Major-Ajudante, 2 Ajudantes de Oficial Inferior, 1 Quartel-Mestre, 1 Cirurgião-Mor, 2 Ajudantes de Cirurgião, 2 Porta Estandartes, 1 Capelão, 1 Trombeta-Mor, 1 Artista Veterinário e 4 Mestres-Artífices.

Assim que os Regimentos forem organizados e o Inspector lhes tenha passado revista, os Oficiais, Oficiais Inferiores e Soldados receberão o mesmo soldo e terão as mesmas regalias que o Exército francês. No interior da França serão igualmente tratados, em marcha ou no campo, do mesmo modo que o Exército francês.

O senhor Tenente-General Marquês Alorna, designará os Oficiais Generais para fazerem rapidamente a amalgamação e a organização destes Regimentos que deverão ficar prontos no dia 1 de Fevereiro.

Todos os Oficiais que para este novo serviço não forem empregados, receberão na sua província o soldo dito "da antiga tarefa" e serão colocados de preferência logo que haja vagas.

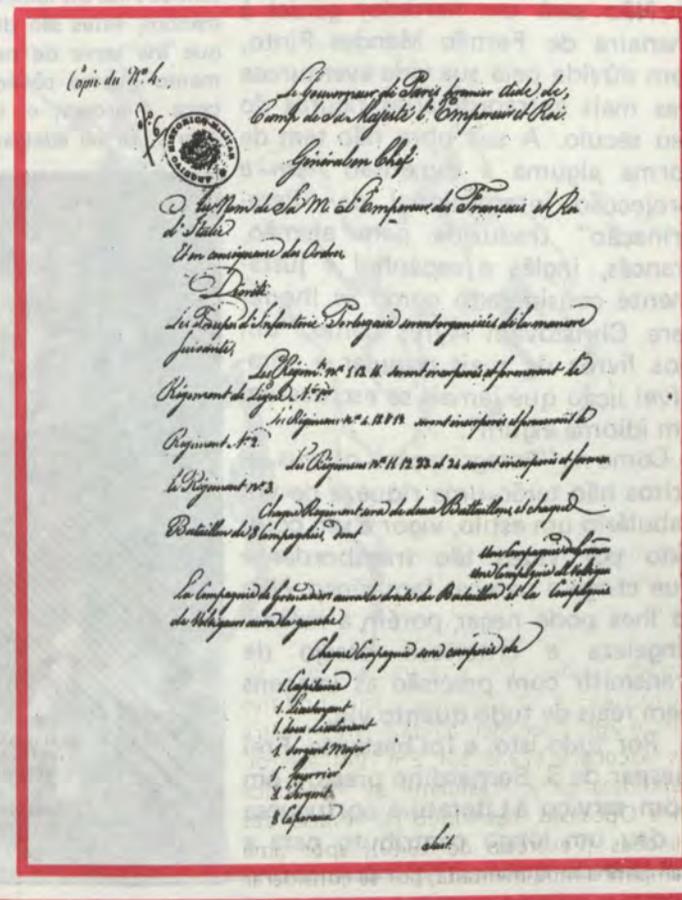
A avaliação das Companhias de Cavalaria serão feitas no mais curto espaço de tempo.

Os Regimentos No. 1, 4, 7, 10 e 6, 9, 11, 12 remeterão cada um ao senhor General de Divisão de Cavalaria Kellermann 150 cavalos todos equipados, cuja estimativa será constatada por um processo verbal, dirigida de acordo com os Capitães respectivos para o Senhor Kellermann e o Senhor Brigadeiro Pampelona.

O uniforme continuará a ser o mesmo usado pelo Exército Português, assim como o armamento. As cores dos canhões das mangas e das golas serão reguladas brevemente a fim de diferenciar os Regimentos.

As patentes dos senhores Oficiais serão entregues por nós em nome de Sua Majestade O Imperador dos Franceses Rei da Itália. O Senhor General Marquês de Alorna apresentar-nos-á uma lista em duplicado com as propostas de cada posto. Ele observará, por esta apresentação, que os senhores Majores ocuparão um posto intermediário entre os Coroneis e os Tenentes-Coroneis.

Palácio do Quartel-General  
em Lisboa, 16 de Janeiro de 1808



**PARA  
QUEM  
GOSTA  
DE  
SABER**

# ANIMAIS ASIÁTICOS

Coord. de PEDRO DE QUENTAL

Frei Gaspar de S. Bernardino, grande viajante e escritor dos séculos XVI e XVII, autor de uma notável obra intitulada "Itinerário da Índia por terra até à Ilha de Chipre", foi, além de historiador, um escritor de estilo claro e sóbrio relatando com assinável propriedade tudo quanto lhe parecia digno de registro.

Das suas viagens trouxe um sem-número de recordações a que a sua pena deu vida e cor local.

Pelas suas narrativas perpassam terras, gentes e animais até então quase desconhecidos na maior parte da Europa. A sua maneira de narrar até aos mais curiosos pormenores consegue transmitir fielmente a quem o lê as imagens de seres ou coisas enquadradas num esquema de usos e costumes das regiões que visitou.

Não será um narrador genial à maneira de Fernão Mendes Pinto, sem dúvida pela sua vida aventureira das mais extraordinárias figuras do seu século. A sua obra não tem de forma alguma a dimensão nem a projecção internacional da "Peregrinação" traduzida para alemão, francês, inglês e espanhol e justamente considerado como se lhe refere Christovam Ayres como "um dos livros de mais popular e aprazível lição que jamais se escreveram em idioma algum".

Como na "Peregrinação" os seus escritos não terão uma riqueza de vocabulário, um estilo, vigor e um colorido por vezes tão transbordante que chega a parecer fantasioso. Não se lhes pode negar, porém, a mesma singeleza e criterioso desejo de transmitir com precisão as imagens bem reais de tudo quanto viu.

Por tudo isto, e foi bastante, Frei Gaspar de S. Bernardino prestou um bom serviço à Literatura portuguesa e deu um longo contributo para a cultura de quantos se interessavam

por melhor conhecer esse mundo legendário que por terra e por mar os valorosos portugueses lhes iam desvendando. São de Frei Gaspar de S. Bernardino os dois curiosos textos que a seguir transcrevemos.

## O ELEFANTE ASIÁTICO

"De comprido tem cinco côvados, de altura nove e de grossura quinze. O couro do corpo é grosso, áspero, cheio de verrugas, e de tão pouco cabelo que parece pelado. A cor de cinza escura, que o faz parecer mui feio. A cabeça é grandíssima e as orelhas são compridas três palmos, largas um palmo e meio, as quais move e abana de contínuo. Na testa, que é notável, tem quase sua força, em tanto que com ela lança ao mar as mais das embarcações. Os olhos são vivos, mas pequenos, o olhar sorrateiro como de porco, a boca feia, e nela, dois dentes, que lhes saem fora seis ou sete palmos, os quais não muda em toda a vida, nem os têm as aliás ou fêmeas, mas só os elefantes machos, estes são de marfim. A tromba, que lhe serve de nariz, tem de comprimento quatro côvados, a qual junto da boca é grossa; e, quanto mais dela se aparta, se vai adelgaçando, como cano de



alambique, em cujo remate tem dois buracos que são as ventas do nariz, e nela leva e traz todo o serviço, atando uma corda, em que o leva, nos dentes, que muitas vezes é uma peça de artilharia ou outro semelhante peso. O pescoço tem muito curto, em tanto que se não sabe bem onde começa ou acaba. O ventre é mui largo, e as costas mais altas que todo o mais corpo e cabeça. Não lhe falta nas mãos e pés conjuntura alguma, os quais são redondos, grossos e disformes, em tanto que no assento deles tem grossura de quatro palmos; em cada um tem cinco dedos, na parte que corresponde à sola do pé, com suas unhas distintas e apartadas umas das outras.

É naturalmente o elefante manso, benigno, clemente, vergonhoso e amoroso. Deita-se em terra e se levanta todas e quantas vezes quer. Entendem a língua que se usa na sua pátria e qualquer outra que lhes ensinarem. Um dos notáveis castigos que lhes podem dar é dizer-lhes palavras injuriosas. Presumem de ter honra, mas desdoura-lhes este primor o prezarem-se de vingativos, por qualquer pequeno desprezo ou afronta que contra eles se faça. Na ribeira de Goa vi atirar um deles uma pedrada a um moço com a tromba, por uma travessura que lhe fez, estando o elefante preso.

São mui sujeitos ao frio e temem mais o fogo que alguns dos outros animais, além de serem sujeitos à melancolia, mal que em extremo os persegue. Os animais de que mais se temem são formigas e ratos, os quais se acaso lhe entram nas orelhas ou trombas os fazem totalmente desatinar; e, por esta causa, quando acordam, é sempre com fúria e ímpeto.

Vão à guerra armados, acobertados e



levam nas costas um castelo de madeira e nele gente de armas com mantimentos para muitos dias.

## O CAMELO ASIÁTICO

Entre os animais que sabemos o maior dos da terra depois do elefante é o camelo; em comprido tem 15 palmos, seis de pescoço, nove de corpo e dez de alto; a cabeça se quer parecer muito com a do cavalo, excepto ter a testa mais estreita e as sobrancelhas tão povoadas, que escassamente lhe deixam ver os olhos, que são melancolizados e tristes; as orelhas são pequenas, redondas e querem parecer cortadas, o nariz, baixo, como de gato, em tanto que apenas se farta de fôlego; a boca larga e grande e o queixo de cima cortado pelo meio, e nele sós quatro dentes, que são as presas, e no baixo todos sem lhe faltar nenhum.

Remói como o boi e a ovelha; e, algumas vezes, faz uma gralheada com as goelas tão grande que parece sair por elas muita água de tropel, a qual se ouve longe, e em particular quando os carregam; outras vezes lançam fora da boca umas bexigas, que parecem os bofes, mas logo as recolhem, e nem por isto valem menos que os outros.

No alto das costas têm uma alcorcova mui povoada de cabelo, e demasiadamente levantada, as mãos são maiores que os pés; entre elas no todo do peito, tem um calo grande sobre que descansa, quando se deita. Os mesmos calos têm nos cotovelos das mãos e pés, sobre os quais dorme com tal arte, que de grande maravilha toca com o corpo na terra, e deitados os carregam, pondo-lhe tanta carga, como eles com ela se podem levantar sem ajuda doutrem, que de ordinário são vinte e quatro arrobas de peso, as quais levam por meses de caminho. São muito sujeitos à chuva, porque tanto que escorregam e caem, indo carregados, nunca mais se levantam; e, por esta causa, em chovendo logo param.

As fêmeas são mais pequenas de corpo que os machos. O camelinho vem metido em um fole (assim como os pintos nos ovos) do qual não pode sair antes de passarem três dias, nem tardar mais que até os nove, nos quais a mãe o sustenta só com lamber, bafo e quentura; e, quantos dias se detém dentro desta bexiga sem sair dela, tantos depois, sendo grande, pode caminhar sem beber. Nisto se tem muito tento, para se saber, quando os vendem, de que tempo a tempo lhes devem dar água.

O dromedário não é doutra espécie diferente do camelo (como alguns cuidam), porque ambos são de uma mesma, mas só diferem na grandeza do corpo, ligeireza no andar e velocidade no correr. Assim como entre o galgo e o lebreu, não



há mais diferença, que um ser muito ligeiro e o outro mais carregado, assim também se há o camelo com o dromedário que este é tão veloz, que pode caminhar em um dia trinta léguas e mais, o que não tem o camelo, quando muito andaré nove ou dez. E também advirto que nem todos

os dromedários são velozes e ligeiros, mas só aqueles que de pequenos ensinam a ser tais. Assim como os cavalos há uns de andadura e outros que a não têm, da mesma maneira acontece aos dromedários, entre os quais são tão poucos os ligeiros, que da Índia até este reino não vi mais que três.





# desporto

Pelo Maj. Art. CARLOS DA FONSECA ALFERES

## CAMPEONATO INTERNACIONAL MILITAR DE CORTA-MATO

Com a participação de quase todos os países que se encontram inseridos nos CISM realizou-se de 26/2/80 a 1/3/80 o Campeonato Internacional Militar de Corta-Mato em Fontainebleau (FRANÇA), nos arredores de Paris.

Portugal, que se fez representar através dos elementos seleccionados nos Campeonatos de Corta-Mato das Forças Armadas, classificou-se em 11o. lugar no corta-mato curto com 96 pontos e em que ANTÓNIO OLIVEIRA, da Marinha, foi o melhor português, fazendo os 5Km em 14m e 36s, tendo chegado à meta em 17o. lugar. Neste corta-mato a Bélgica alcançou uma vitória total, com 6 pontos, tendo a corrida sido ganha pelo belga SCHOTS, em 14m e 07s, seguido dos seus compatriotas DEROGEL (14'.08'') e HAGELSTEENS (14'.09''). A Alemanha Ocidental classificou-se colectivamente em 2o. lugar com 28 pontos tendo ficado a França em 3o. com 31 pontos.

No corta-mato mais extenso a Argélia foi a grande vencedora, já que dois dos seus atletas se classificaram em 1o. e 2o. lugar. A prova foi ganha pelo Argelino ABDENOUZ em 30' e 18'', ficando o seu compatriota HASCHAOIN em 2o. logo seguido do marroquino AONITA.

### ASPECTOS MÉDICO-DESPORTIVOS DO TREINO

O TREINO — A expressão treino significa um curso sistemático e regularmente repetido de uma determinada actividade, isto é, o acostumar-se do organismo a um determinado exercício. O treino ajuda a alcançar uma melhoria do rendimento corporal.

O treino desportivo geral pode definir-se, por conseguinte, como um meio vi-



sando exercitar e coordenar as funções fisiológicas dos diferentes grupos musculares do organismo.

O treino especializado facilita, pelo contrário, o desenvolvimento e fortalecimento de certos grupos musculares especialmente activos durante determinados exercícios.

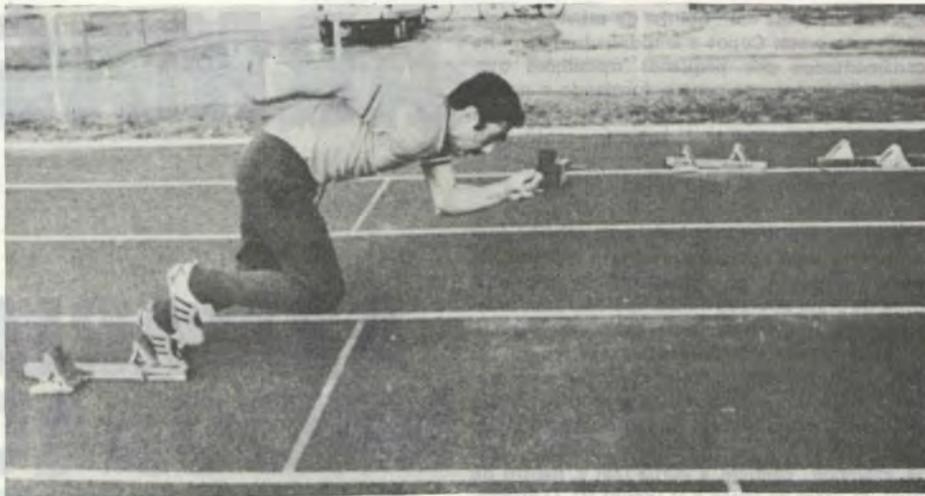
O treino conduz a uma melhor forma física, que na gíria desportiva se denomina rendimento físico óptimo. O progresso do desenvolvimento desta "melhor forma" pode acompanhar-se mediante uma série

de provas funcionais (fundamentalmente do coração e dos órgãos circulatórios e respiratórios) e investigações de laboratórios.

Durante o treino têm lugar no organismo determinadas modificações que afectam os músculos, o coração, a circulação sanguínea, os órgãos respiratórios, os intestinos, o estômago e as funções renais.

**SOBRETREINO** — Um período de treino intensivo pode levar a uma inesperada aparição do desequilíbrio físico-psí-





quico com as suas consequências na bioquímica do metabolismo. E este fenómeno chama-se Sobretreino.

O Sobretreino traz consigo uma redução de rendimento, motivada por realização indevida do treino. Manifesta-se com diferentes sintomas, aparecendo um crescente mal-estar geral como, por exemplo, falta de apetite, transtornos na absorção de albumina (dispepsia), emagrecimento, aumento relativo da frequência do pulso e da tensão sanguínea, necessidade de muito descanso, relativa aceleração da respiração durante o trabalho (taquipneia). O desportista sente-se também cansado psicologicamente. Aparecem excitabilidade, angústia, depressões, debilidade da capacidade de concentração e da vontade. As investigações bioquímicas permitem estabelecer os seguintes sintomas: redução constante da pressão do oxigénio no sangue (hipoxia), transtornos do metabolismo hídrico e electrolito modificações patológicas da albumina sérica, do conteúdo da bilirrubina no plasma e na urina. Em tal situação os músculos estão expostos a um rápido e prematuro cansaço e a distensões.

— Em próxima oportunidade, continuaremos este assunto, que consideramos de extrema importância.

(IN PRAXIS DER LEIBESUBUNGEN. 12.5.71. — Tradução de FERNANDO REIS e JOÃO NASCIMENTO.)

## ESQUECIMENTO OU FALTA DE LIGAÇÃO

Quando há dias comentávamos a necessária interligação no campo desportivo do meio militar ou civil, baseávamos o nosso comentário numa crítica acesa a nós

EXÉRCITO, por falta de interesse em manifestações culturais desportivas, que bastantes vantagens poderiam trazer aos militares, já que a Marinha, expressando-me em linguagem desportiva — “VAI A TODAS”.

Hoje, cumpre-me a inversa, ou seja comentar negativamente uma portaria do

Ministério da Educação e Ciência, publicada no “Diário da República” de 25/2/80 e que regulamenta o livre acesso a recintos desportivos. Está abrangido com a regalia atrás citada o seguinte pessoal: — os membros do governo, os membros dos gabinetes do Ministro da Educação e Ciência e do Secretário de Estado da Juventude e Desportos, o Director-Geral dos Desportos, o Director-Geral do Apoio Médico, o Subdirector-Geral dos Desportos, o Inspector Superior de Educação Física, os membros do Conselho Superior de Educação Física e Desportos não incluídos nas alíneas anteriores”, o Secretário do mesmo Conselho, os Directores de Serviços da Direcção-Geral dos Desportos, o Director dos Serviços Médico-Desportivos da Direcção-Geral de Apoio Médico, o chefe da Divisão de Desportos Federados da Direcção-Geral dos Desportos, os técnicos em Serviço da Divisão de Desportos Federados da Direcção-Geral dos Desportos, os delegados regionais da D.G.D., os médicos e enfermeiros em serviço nos Centros de Medicina Desportiva da Direcção-Geral de Apoio Médico, os motoristas dos membros do Governo quando e por causa do serviço. Especifica o diploma que “com-

pete às federações nacionais a regulamentação e concessão de livre acesso das restantes pessoas, especificamente ligadas às respectivas modalidades, bem como aos representantes dos órgãos de comunicação social”.

Dentro desta panorâmica, apenas um elemento do Exército que faz parte do Conselho Superior de Educação Física se encontra contemplado, por inerência de funções.

Numa altura em que no nosso país se contestam as “altas regalias” tidas pelos militares, nomeadamente os “largos benefícios da gasolina”, assalta-nos a dúvida da represália, ao serem esquecidas as Forças Armadas, e nomeadamente o Exército, a Direcção de Serviço de Educação Física, que tem como director um Oficial-General.

Ficámos satisfeitos por não beneficiar dessa “borla”, que seria capaz de desencadear mais uma onda de protestos desnecessários e despropositados. Todavia, lembramo-nos apenas de que na idade do Serviço Militar vem às fileiras um punhado de atletas federados em clubes desportivos, a quem, neste caso o Exército, se facilitam e conciliam as tarefas militares com a competição desportiva civil. Acharmos que por si só, isso não é suficiente para ser pago como moeda de troca com “borlas”.

Porém, achamos de muito mau entrosamento civil/militar, senão desinteresse, desleixo e falta de consideração, a importância tida pelas estruturas civis desportivas, neste caso o Ministério da Educação e Ciência, pelo órgão máximo do Desporto Militar, a Direcção do Serviço de Educação Física do Exército, que para o efeito não nos deu nenhuma procuração de representação.

Perguntamos apenas aos responsáveis civis:

E as estruturas do Desporto Militar? Não existem ou foram esquecidas.



# ARMAS

## ARMARIA NACIONAL ESPADAS



*Em cima:* espada com bainha de cabedal e aplicações de prata. Copos e empunhadura de prata ornamentados por pequenos medalhões ovaloides limitados por contas, formando o punho uma espécie de coluna rematada por pináculo em tronco de pirâmide de lados trapezoidais. A folha tem uma aplicação de tinta azul forte com diversos ornatos. Século XVIII.

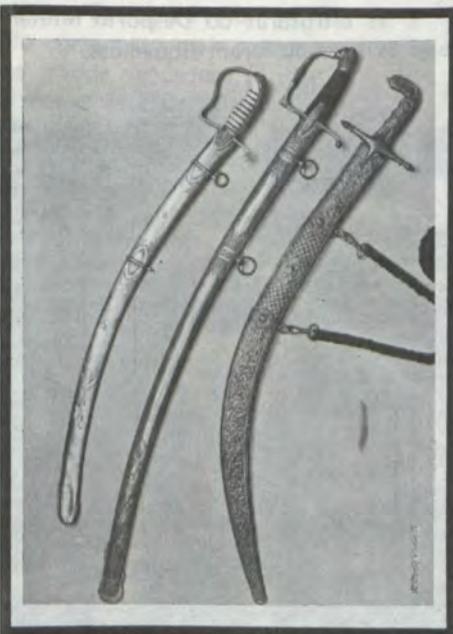
*Em baixo:* espadim com bainha de cabedal com a ponta e uma aplicação, na parte superior, de prata dourada. Copos, guarda-mão e empunhadura de prata dourada e madrepérola. Tem ornamentação fitomórfica; uma placa em semicírculo terminado dos dois lados em cabeças de leão e um medalhão circular em folhas de louro, encerrando um escudo liso e o todo encimado pela coroa real. Sobre o punho de madrepérola está aplicado um escudo de prata dourada a que se sobrepõe, também, a coroa real e, dentro do qual, se veem as letras P.V (Pedro V). O guarda-mão é em aro e trabalhado, interrompido a meio por um medalhão que encerra uma cabeça de leão. Uma cabeça romana com capacete, vista de perfil, forma um outro medalhão ao cimo. Século XIX



*À direita:* espadim com empunhadura de prata dourada, arrendada. Veem-se motivos geométricos em espinha e fitomórficos entrelaçados, motivos em ponta de diamante, laços simples e rosetas inscritas em medalhões ovaloides e circulares. Folha triangular, de motivos vegetais e geométricos cinzelados. Século XVIII.

*Ao centro:* espadim com copos e empunhadura de prata, tendo anexas três pequenas peças; ornamentados por motivos arrendados e listas lisas alternadas com contas. Entre a sua decoração veem-se estrelas dentro de medalhões circulares, motivos geométricos e outros ornatos fitomórficos. Folha com motivos geométricos e fitomórficos, o sol, pequenas figuras e a legenda "je cherche un cour fidele".

*À esquerda:* espadim com bocal e uma peça pertencente à bainha. Tem empunhadura de prata lavrada, arrendada, mostrando ornatos em palmeta. Na folha há motivos fitomórficos e pequenas figuras gravadas. Gravada, também, a marca de fabrico: "De la manufacture de la mangue au Raisin faite à Salingen".



*À direita:* alfange árabe com cinturão de cordão carmezim. Muito arqueado. Bainha de metal lavrado com motivos vegetais e geométricos em diversas secções e pequenos medalhões. Empunhadura em cruz lisa e uma parte também de metal lavrado. Oferecido à Família Real Portuguesa pelo Sultão de Marrocos.

*Ao centro:* espada com bainha um pouco encurvada, de metal dourado, ornamentada por motivos geométricos e vegetais, formando friso de remate a secções rectangulares; inferiormente, é arredondada e apresenta motivos em palma. A empunhadura, com uma parte pintada de preto com motivos vegetais e geométricos gravados, é rematada, superiormente, por uma cabeça de leão metálica. A folha é de ferro pintado com leves ornatos embatidos em metal amarelo.

*À esquerda:* espada de forma pronunciadamente arqueada com bainha acobreada. Empunhadura de marfim e cobre, tendo os copos ornamentados por uma palmeta. Na bainha veem-se ornatos cinzelados formando medalhão oval e diversos ornatos fitomórficos. A folha é pintada a preto com delicados motivos fitomórficos cinzelados e ornatos dourados.

Na introdução à brochura designada "Ensaio n.º 8" de 1977, publicada pelo Museu Nacional dos Coches, a directora, senhora dona Maria Madalena de Cagigal e Silva refere: "A armaria constitui um núcleo inerente a duas colecções do Museu Nacional dos Coches, a dos arreios, ou, digamos antes, das selas para cavalo, e a dos fardamentos do pessoal da Casa Real, salientando-se o pessoal do serviço das viaturas (moços fidalgos, guarda real dos arceiros, trintanários, moços de estribeira, etc.), estas duas colecções, por seu lado, bem específicas do Museu a que pertencem e perfeitamente integradas nos assuntos das viaturas.

Como todas as colecções do Museu, este núcleo foi iniciado à data da sua fundação, tendo sido um grupo de peças entregue pela Família Real Portuguesa, simultaneamente com os coches. (...) Da Armaria fazem parte pistolas de pederneiras, espingardas, trabucos e diversos coldres, por vezes, constituindo conjuntos com os arreios couro, por exemplo, com os arreios à alentejana das montadas do rei D. Carlos I e de seu filho, o Príncipe D. Luís Filipe.

Num sentido diferente, são elementos de armaria, espadas, espadins, estoques, etc., pertencentes a vários fardamentos, registados no

# ANTIGAS

Coordenação de B.P.

## NO MUSEU DOS COCHES E ESPADINS

livro de inventário já no período da direcção do Coronel Alfredo de Albuquerque, primeiro director do Museu. (...) De tudo fazem parte peças de grande valor artístico dos séculos XVIII e XIX, e certas espadas pertenceram aos próprios reis, como uma aqui publicada que traz as iniciais "P - V" (D. Pedro V) encimadas pela coroa real. (...) O aspecto artístico manifesta-se especialmente na ornamentação dos col-dres, por vezes, trabalho nitidamente "rocaille", e nas espadas, barrocas algumas, sendo estas frequentemente ornamentadas, tanto nas bainhas, copos e empunhaduras, como na própria folha. (...)

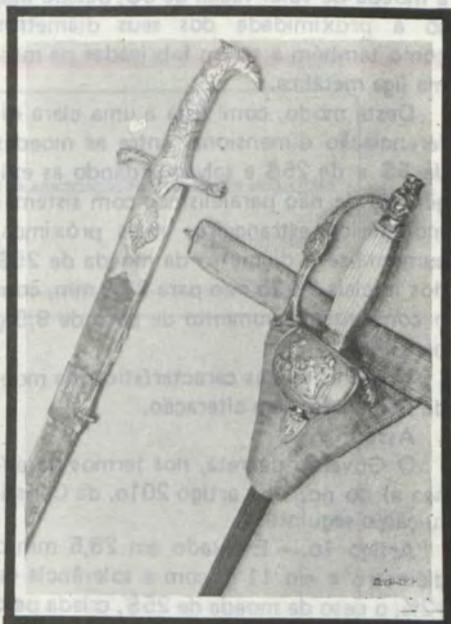
As espadas e peças afins mostram-se em estilos diversificados desde o século XVIII aos finais do século XIX, encontrando-se alguns alfanges orientais, e mostram trabalho gravado, vasado e outro, com ornatos de prata, marfim, madrepérola, cristal, etc. (...)

É desta excelente colecção que apresentamos, aos nossos leitores, alguns belos exemplares de espadas e espadins dos séculos XVIII e XIX. Poderá, eventualmente, ser o ponto de partida para uma visita cuidada e atenta à enorme riqueza exposta no nosso Museu Nacional dos Coches que não nos mostra, somente coches.

*Espada arqueada, com bainha de aço segura por aros em medalhões ovais feitos em bronze trabalhados, mostrando ornatos vegetais e mascarões. Os copos e empunhadura formam cruz em marfim e bronze e são ornamentados por motivos geométricos e fitomórficos; nota-se um encordoado de ouro e o punho é decorado por encanastrados. A folha é de aço com ornamentação de pequenos motivos dourados sobre fundo azulado. Com cordão e borla.*



*A esquerda: espada com a bainha revestida de veludo ligada por galão de fio de ouro. Apresenta aplicações metálicas com ornatos geométricos e fitomórficos cinzelados. A empunhadura, de prata lavrada, também com motivos fitomórficos, é rematada superiormente por uma cabeça de ave, e na cruz que forma na base, vêem-se igualmente remates em pequenas cabeças de ave.*



*À direita: espadim, com cinto e talabarte feitos em galão de fio de ouro aplicado sobre flanela vermelha. Bainha de couro e aplicação de latão amarelo. Empunhadura e copos de madrepérola e bronze dourado. Estilo Império, vendo-se no remate superior uma cabeça de guerreiro romano e, nos copos, uma placa com uma cena pompeiana. Folha de aço, lisa. Século XIX.*



*A esquerda: espada com bainha de couro com ponta e protecção superior de metal. Copos e empunhadura de marfim e prata trabalhados, formando superiormente uma cabeça de dragão. Nos copos lê-se a legenda "Viva a Constituição" e, no guarda-mão, a palavra "Lisboa".*

*À direita: espada de fardamento, à portuguesa, para trintanário. Bainha de cabedal com aplicações de latão amarelo. Copos de latão amarelo formando concha em forma de coração. Empunhadura também de latão, ornamentada, numa parte central ovaloide, por motivos de listas ou frisos transversais, alternadamente, lisos e encordoados. O remate superior é ovaloide liso. Guarda-mão em metal liso. Veio da Casa Real Portuguesa.*

# NUMISMÁTICA

Por AFAC



## MOEDA DE 25\$00 ALTERA DIMENSÕES

As dimensões da nova moeda posta a circular em 1977 com o valor de 25\$00 foram alteradas com base no Decreto-Lei no. 519-R/79 de 28 de Dezembro, que passamos a transcrever:

"A moeda metálica de valor facial de 25\$, criada pelo Decreto no. 847/76 de 15 de Dezembro, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei no. 534/77, de 30 de Dezembro, tem sido rejeitada pelo público, pelo que não circula. Esta rejeição é ocasionada por se confundir com a moeda de valor facial de 5\$, devido não só à proximidade dos seus diâmetros como também a serem fabricadas na mesma liga metálica.

Deste modo, com vista a uma clara diferenciação dimensional entre as moedas de 5\$ e de 25\$ e salvaguardando as exigências de não paralelismos com sistemas monetários estrangeiros mais próximos, aumenta-se o diâmetro da moeda de 25\$ dos iniciais 26,25 mm para 28,5 mm, com o conseqüente aumento de peso de 9,5 g para 11 g.

Todas as outras características da moeda se mantêm sem alteração.

Assim:

O Governo decreta, nos termos da alínea a) do no. 1 do artigo 201o. da Constituição, o seguinte:

"Artigo 1o. — É fixado em 28,5 mm o diâmetro e em 11 g. com a tolerância de +2%, o peso da moeda de 25\$, criada pelo

Decreto no. 847/76, de 15 de Dezembro, e posteriormente alterada pelo Decreto-Lei no. 534/77, de 30 de Dezembro, mantendo-se, porém, sem alterações todas as outras características estabelecidas nos citados diplomas legais.

Artigo 2o. — 1. O limite de emissão para a moeda de 25\$ a que se refere o artigo anterior é de 1 500 000 contos. Este limite é independente do limite no artigo 3o., no. 1, do Decreto no. 847/76, de 15 de Dezembro, para a moeda com as características anteriores.

2. As moedas de 25\$ com as novas características serão postas a circular à medida que forem fabricadas e conforme as necessidades de circulação o aconselharem.

Artigo 3o. — 1. Fica suspensa a fabricação da moeda de 25\$ com as características anteriores.

2. Mantêm curso legal as moedas de 25\$, actualmente em circulação, com as anteriores características, até que a respectiva recolha seja determinada por diploma a publicar oportunamente.

Artigo 4o. — Ninguém pode ser obrigado a receber em qualquer pagamento mais do que 1.000\$00 em moedas de 25\$ com as características definidas no presente diploma.

Artigo 5o. — A Imprensa Nacional-Casa da Moeda fica autorizada a cunhar até ao limite de 20.000 exemplares, incluídos no

limite de emissão estabelecido no artigo 2o., da moeda de 25\$ com as novas características e acabamento *proof-like*, destinadas à comercialização nas condições e pela forma que forem estabelecidas pela Secretaria de Estado do Tesouro."

Este diploma foi visto e aprovado em Conselhos de Ministros de 11 de Dezembro de 1979 e promulgado em 22 do mesmo mês.

O autor desta nova moeda continua a ser Norte de Almeida, mantendo as características iniciais, ou seja:

ANVERSO — REPÚBLICA PORTUGUESA • 25 ESCUDOS, tendo ao centro e do lado esquerdo o Escudo Nacional.

REVERSO — LIBERDADE • DEMOCRACIA • 1980, e ao centro rosto de mulher.

A emissão antiga é constituída pelas datas de 1977 e 1978. A nova emissão iniciou-se em 1980, tendo ficado o ano de 1979 sem moedas de 25\$. Das duas datas anteriores, é sem dúvida a de 1978 a de menor tiragem, com uma emissão de 3 500 443 exemplares, comparada com a da amoedação com era de 1977 de 8 000 000.

Da Emissão Proof-Like, a que se refere o diploma, ainda não foi feito o lançamento, nem tão-pouco o que se refere à moeda datada de 1977.





# MODELISMO

No modelismo, como em qualquer outra actividade, o associativismo é a maneira mais correcta e rendível de se conseguir uma obra digna de si mesma, mercê dos apoios que, entre si, os associados poderão oferecer-se. Acontece, porém, que nem sempre essa associação se materializa, quer por falta de quem se disponha ao trabalho, quer por falta de interesse daqueles que poderiam ser os mais directos beneficiários.

Presentemente, este problema está ultrapassado com a existência da ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE MODELISMO, fruto do empenho de alguns "carolas" e experimentados entusiastas do modelismo.

Resta que os milhares de amadores de "kits", de todas as idades correspondam e acorram àquela associação para que, em conjugação de esforços, se possa fazer algo de importante neste tipo de actividade recreativa, cultural e social que é o modelismo.

Dos estatutos da A.P.M., extraímos:

**ARTIGO 1o.:** A Associação Portuguesa de Modelismo é uma associação cultural, sem carácter lucrativo e com personalidade jurídica.

**ARTIGO 4o.:** 1. Constitui objectivo da Associação o fomento e a incentivação do modelismo como forma de desenvolvimento cultural e de utilização dos tempos livres.

**ARTIGO 11o.** .....

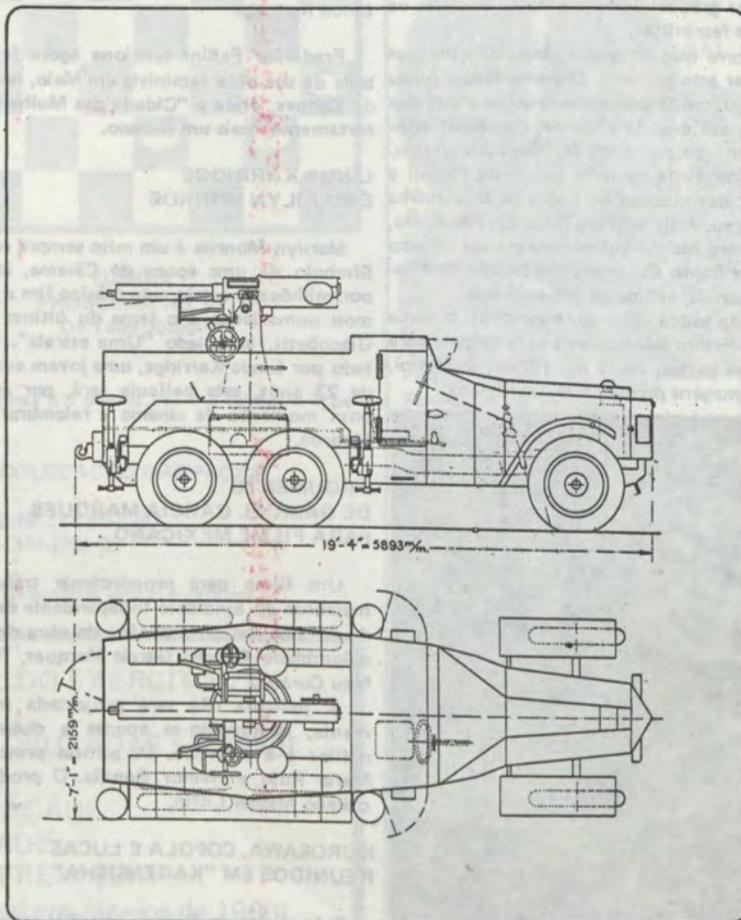
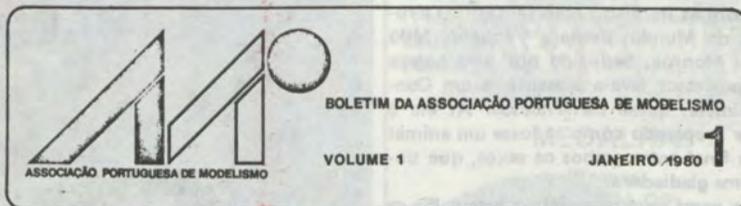
d) frequentar as instalações da Associação e participar nas suas actividades; e) utilizar os serviços da biblioteca e o Serviço de Informação Técnica; f) usufruir das regalias que a Associação possa obter, nomeadamente descontos em material de modelismo obtidos nas casas da especialidade que com esta colaborarem na iniciativa...

A A.P.M. já publicou os seus boletins 0 e 1, ambos contendo matéria que interessa sobretudo aos praticantes desta modalidade, e tem a sua sede na AVENIDA PROFESSOR BENTO DE JESUS CARAÇA, 37 B, ALGUEIRÃO, 2725 MEM MARTINS.

É director da APM o senhor engenheiro JAIME CASEIRO, tendo como colaboradores, entre outros, A. DELICADO, F. DE ALMEIDA, M.P. MORAIS, A. LEÃO, E. BELTRÃO, J. CAMACHO e FIALHO SLACORANGE.

Modelista, hoje, já tem uma ASSOCIAÇÃO; coopere e associe-se.

## ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE MODELISMO



## O REGRESSO DE FELLINI

Durante sete meses, os estúdios italianos da Cinecittà, nos arredores de Roma, estiveram por conta de Federico Fellini, que aí realizou a sua última epopeia surrealista: "A Cidade das Mulheres".

Na parte final das filmagens já os admiradores do "Grande mestre" consideravam este seu décimo quarto celulóide como a sua melhor obra desde "Dolce Vita", uma crítica impiedosa à decadência da Roma dos anos cinquenta.

Na "Cidade das Mulheres", Federico Fellini lança o seu olhar sobre um dos movimentos sociais mais importantes da década de setenta: a revolução feminista.

Tal como em "La Dolce Vita" e em "Oito e meio", Marcello Mastroianni personifica a auto-imagem de Fellini. Na "Cidade das Mulheres" representa o papel de um professor de Mitologia, obcecado com as mulheres mais fantásticas e romantizadas do Mundo, desde a Vénus de Milo até Marilyn Monroe. Seduzido por uma beleza exótica, o professor leva-a a assistir a um Congresso feminista, quase carnavalesco. Aí ele é ameaçado e preparado como se fosse um animal para a luta final entre ambos os sexos, que travará com uma gladiadora.

O que se passa com o professor assemelha-se ao despertar gradual de Federico Fellini para os argumentos feministas.

Fellini teve que enfrentar várias dificuldades para realizar esta película. Durante meses lutou para arranjar um financiamento de seis milhões de dólares, até que, finalmente, conseguiu convencer um grupo francês cinematográfico. Depois, Nino Rota, grande amigo de Fellini e compositor das músicas de todos os seus outros filmes, morreu. Mais tarde, a meio das filmagens, o actor Ettore Manni, que obteve grande sucesso no papel de Santo Cazzone, o *altar ego* de Mastroianni, morreu, vítima de um acidente.

Apesar de todos estes contratemplos, o filme foi avante. Fellini interrompeu as filmagens para escrever as partes, ainda por filmar, de Manni, tendo as filmagens prosseguido em seguida.



Marilyn Monroe



Linda Karridge

Federico Fellini tenciona agora fazer a estreia da sua obra feminista em Maio, no Festival de Cannes, onde a "Cidade das Mulheres" será, certamente, mais um sucesso.

### LINDA KARRIDGE É MARILYN MONROE

Marilyn Monroe é um mito sempre renovado. Símbolo de uma época do Cinema, idolatrada por milhões, a actriz, cujo trágico fim a transformou numa lenda, é o tema do último filme de Giacobetti, intitulado "Uma estrela". Interpretado por Linda Karridge, uma jovem australiana de 23 anos, esta película será, por certo, um bom momento de cinema a relembrar Marilyn Monroe.

### ARGUMENTO DE GABRIEL GARCIA MARQUES PARA FILME MEXICANO

Um filme para proporcionar trabalho aos membros do Sindicato Independente de Actores do México vai ser extraído da obra do escritor colombiano Gabriel Garcia Marques, "Maria do Meu Coração".

A película não será projectada comercialmente, destinando-se apenas a clubes de cinéfilos e à televisão. Os actores principais são Maria Rojo e Hector Bonilla. O produtor é o chileno Miguel Littin.

### KUROSAWA, COPOLA E LUCAS REUNIDOS EM "KAGEMUSHA"

Três génios do Cinema mundial acabam de se reunir. Trata-se do japonês Akira Kurosawa e

dos americanos Francis-Ford Copola ("O Padrinho" e "Apocalypse Now") e George Lucas ("O Guerra das Estrelas"). O motivo do encontro destes três génios da 7a. Arte é o filme mais caro até hoje rodado no Japão, com o título de "Kagemusha", que marca o regresso de Akira Kurosawa aos estúdios japoneses, de onde se ausentara desde 1970, rodando em 1975 um único filme na U.R.S.S.

Para filmar este grande fresco histórico do séc. XIV que "Kagemusha" ficará a ser, o realizador japonês dispõe de oito milhões de dólares, com a distribuição mundial assegurada através da 20th Century Fox. Para produtores executivos da versão de "Kagemusha" em língua inglesa, Kurosawa chamou Copola e Lucas. Este último acaba de terminar a continuação de "A Guerra das Estrelas", que terá por título "O Império Contra-Ataca".

### FILMES DE QUALIDADE

Lisboa assistiu, nas últimas semanas, à projecção de algumas obras que se podem considerar de qualidade, evidentemente no seu género específico. Estamos a referir-nos a obras como "O Homem que matou o passado", de Stuart Cooper; "O mistério da Dama Desaparecida", de Anthony Page; e "Adeus Macho", de Marco Ferreri.

"O Homem que matou o passado" caracteriza-se por uma película de climax explosivo que termina com uma engenhosa revelação: um filme perfeito rodado em exteriores de grande beleza e em interiores de luxo excepcional.

"O Mistério da Dama Desaparecida" teve exteriores filmados na Áustria e, como grande vedeta, uma bela máquina a vapor, de 1934, com seis carruagens. Segundo consta esta "estrela" do filme custou bastante menos do que contratar Elliott Gould e bastante mais do que Cybill Shepherd.

"Adeus Macho" enquadra-se, perfeitamente, nas últimas obras de Marco Ferreri, de que destacamos "A Grande Farra". Filme menos chocante do que este último é, todavia, uma obra de interpretação subjectiva que terá, necessariamente, os seus apreciadores.



Kurosawa, George Lucas e Francis-Ford Copola.

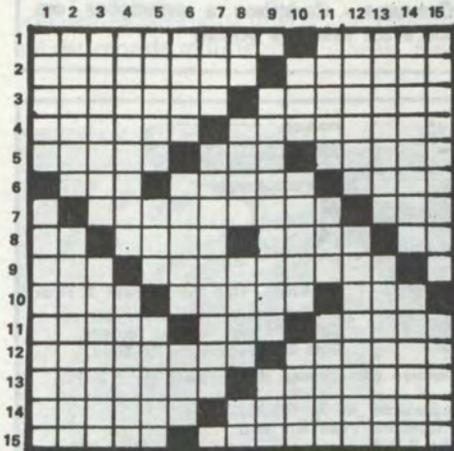
# RECREIO

Por JOPRA

## CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS DE TEMA MILITAR DECIFRAÇÃO

1a. ETAPA - ABRIL/80

PROBLEMA No. 1



### Horizontais

1 - Mocadas; Valas. 2 - Adapta; doma. 3 - Ameigada; hélice. 4 - Gasto; esponja. 5 - Tenta; nível; arream. 6 - Lá; faixas; consolide. 7 - Dividir; acho. 8 - Galhardia; vara; fileira; atacar. 9 - Inteligência; apruma. 10 - Actuam; atmosférico; graceja. 11 - Magala; arrás; polido. 12 - Defendias; conjures. 13 - Galuchos; areais. 14 - Aralhas; profetiza. 15 - Desonras; votos.

### Verticais

1 - Chocalho; fortificar. 2 - Cumprimento; castigara. 3 - Infeliz; jabiracas. 4 - Seduz; recruta. 5 - Pano-cru; picanço-bárbaro; ripas. 6 - Curral; cimalha; montes. 7 - Abreviatura de doutora; Cobras. 8 - Ala; corpo; datas; abreviatura de próprio. 9 - Reunires; anilha. 10 - Czar; ricochete; canhão. 11 - Namoros; senhor; parede. 12 - Montes; enfeites. 13 - Abalás; nivelais. 14 - Explicarei; assente. 15 - Aduador; sepulcros.

De harmonia com as condições do Regulamento deste Concurso, publicado no no. 241 do Jornal do Exército de Janeiro do corrente ano, as soluções deverão ser elaboradas em confor-

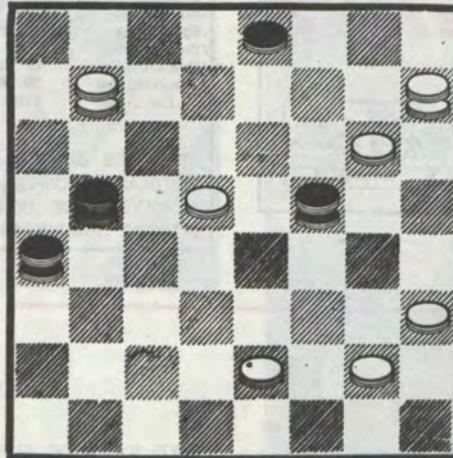
midade com o mesmo, e remetidas a: JORNAL DO EXÉRCITO - "RECREIO" - Largo da Graça, no. 94 - LISBOA, até ao dia 31 de Maio de 1980.

Para envio da solução utilize o contradetacável da página

## CHARADISMO CHARADAS AFERÉTICAS

- 1 - Militar brioso, é no Exército, um precioso elemento. - 3,2
- 2 - O sucesso de hoje, pode amanhã não passar de coisa vã. - 3,2
- 3 - Cumprimento o meu amigo pela sua defesa de tudo o que é justo. - 4,3
- 4 - O meu martírio, no Inverno, é o frio. - 3,2

(Ver as soluções numa das páginas do Jornal)



## DAMAS PROBLEMA No. 91 De Teles Júnior

Br. - 2 damas e 5 pedras. Pr. - 3 damas e 1 pedra

### COLOCAÇÃO DAS PEÇAS

Br. - 5-6-9-19-21-(25)-(28)  
Pr. - (16)-(18)-(20)-30

As brancas jogam e ganham.

AOS CRUZADISTAS DO JORNAL DO EXÉRCITO:

GRANDE CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS EM 1980!  
TEMA MILITAR.  
(PRODUÇÃO E DECIFRAÇÃO).  
TERÁ OPORTUNIDADE  
DE GANHAR ALICIANTE PRÉMIOS!!!  
(Ver Regulamento publicado neste jornal em Janeiro de 1980)

# SE É COLECCIONADOR

O JORNAL DO EXÉRCITO TEM PARA SI A PREÇOS ESPECIAIS

## POSTAIS

**UNIFORMES MILITARES PORTUGUESES**  
(edição de JE)

JÁ EDITADAS:  
8 séries de 3 postais cada

Preço de cada série de 3 postais de 35.00  
Postais avulsos . . . . .4.50

Preço especial para Assinantes Militares:  
Cada série . . . . .30.00  
Postais avulsos . . . . .4.00

## MEDALHAS

(Bronze)  
SÉRIE DE:  
Vasco Núñez de Gama Gravador

**XV ANIVERSÁRIO DO JORNAL DO EXÉRCITO**  
(Módulo aprox. 60mm)

Preço . . . . .110.00  
Assinantes Militares . . . . .160.00

M. L. 25 ABRIL 1980  
(Módulo aprox. 70mm)

Preço . . . . .210.00  
Assinantes Militares . . . . .160.00

**LUIS DE CAMOES**  
(Módulo: 70 mm.)

Preço . . . . .350\$00  
Assinantes Militares . . . . .300\$00

## ENCADERNAÇÕES

Caro Assinante,  
Confie-nos a sua colecção do JE para encadernar.

Preço de cada encadernação completa, ano, c/ capa em percalina azul e gravação a dourado 120.00.

Caso deseje apenas as capas, deve indicar os anos a que se destinam.

Preço de cada capa 60.00.

NOTA - Os preços especiais para militares são extensivos aos elementos das F. Militarizadas.

Nos pedidos de envio pelo correio os portes e encargos de cobrança são por conta dos interessados.



COM

# COMBI-CAMPeasy

TUDO RODA MELHOR  
FÉRIAS E FINS DE SEMANA  
3 MODELOS (1 e 2 QUARTOS)

EXPOSIÇÃO  
RUA DO CRUCIFIXO, 112  
LISBOA - TEL. 37 19 97

**CASA  
Senna**



## PRIMEIRA CASA DAS BANDEIRAS

ANTÓNIO CARDOSO  
Sucessora  
MARGARIDA CARDOSO  
DA COSTA, LDA.

R. dos Correiros, 149/151 — Tel. 32 74 82  
LISBOA - 2 PORTUGAL

Execução rápida e perfeita de:  
**BANDEIRAS — ESTANDARTES — FLÂMULAS  
E GUIÕES**

Emblemas esmaltados - Medalhas - Emblemas impressos  
em plástico e alumínio fotoenodizado - Varas de madeira  
e metal - Taças - Gravuras - Carimbos e gravações em  
plástico e em metal, e outros



Útil para:  
Defesa Pessoal:  
MILITARES  
G. N. R.  
P. S. P.  
G. Fiscal  
Bancos  
Guardas  
Fábricas  
Viajantes  
Cobreadores  
Motoristas  
Escritórios  
Industriais  
Comerciantes  
Proprietários  
Etc...

RIGARMI, Tipo Parabellum: 7 Tiros  
Mod. Especial totalmente em aço  
Cal. 6,35 mm — Peso: 380 grs.  
Com 2 carregadores: 14 Tiros.

(Vendem-se com licença do Comando da P. S. P.)

O Representante A. A. FERREIRA  
35, Rua Angelina Vidal N.º 35-C  
1100 LISBOA

### VENDEMOS:

ARMAS DE CAÇA CAL. 12 CANOS S/ POSTOS E CANOS PARALELOS  
PISTOLAS DE DEFESA CAL. 6,35 mm e CAL. 7,65 mm — MUNIÇÕES  
REVÓLVERES DE DEFESA: CAL. 32 — CAL. 22 LR — CHARTER ARMS  
MARCAS: HARRINGTON & RICHARDSON - SMITH & WESSON, U. S. A.



## CASA BASTÃO-ALFAIATARIA, LDA.

RUA DOS REMEDIOS, 168  
(a Santa Apolónia)  
Telef. 86 77 29 - LISBOA-2



MILITAR E CIVIL

### ALFAIATARIA MILITAR

Confecciona toda a espécie de fardamentos, condecorações, galões, divisas, emblemas, distintivos e fornece artigos Militares às Unidades, Cantinas, etc.

ALFAIATARIA CIVIL E PRONTO  
A VESTIR PARA HOMEM, SENHORA  
E CRIANÇA

### ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

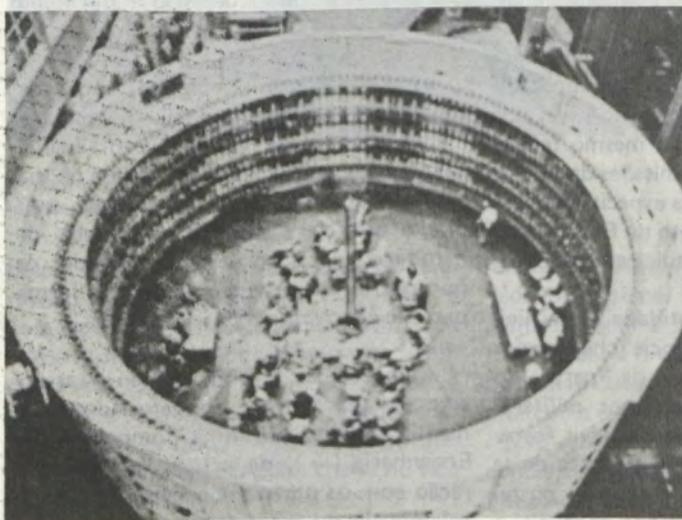
Os melhores tecidos nacionais e estrangeiros, Malhas, Camisaria, Calçado, Gabardinas, Sobretudos, etc.

Trabalhos executados por pessoal altamente especializado e com a maior perfeição

# INTERNACIONAL-NOVAS TÉCNICAS

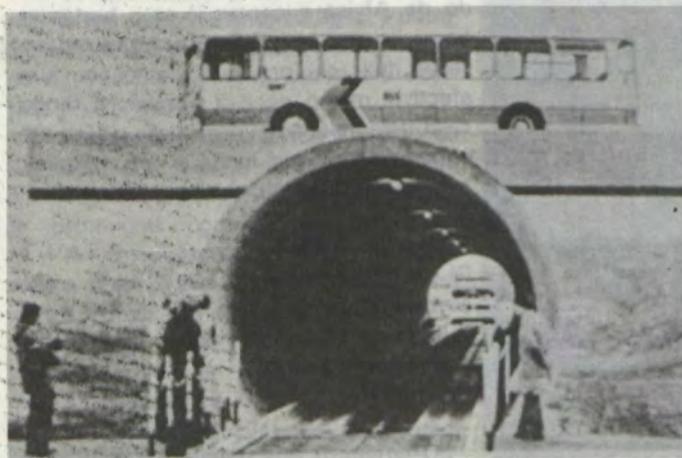
## ENERGIA DE UM COLOSSO EM PRECISÃO

Electricidade para mais de um milhão de venezuelanos deverá ser fornecida por um grande gerador hidráulico no rio CARONI, que será um dos maiores do mundo, a ser produzido por um consórcio internacional de empresas. A firma Siemens, que fornecerá a parte externa, a qual, (na foto) serve como local invulgar para uma reunião, teve de realizar um trabalho de precisão. O diâmetro interior de 13,6 metros tem de ser exacto até décimos de milímetros. (in Scala, Fev. 80)



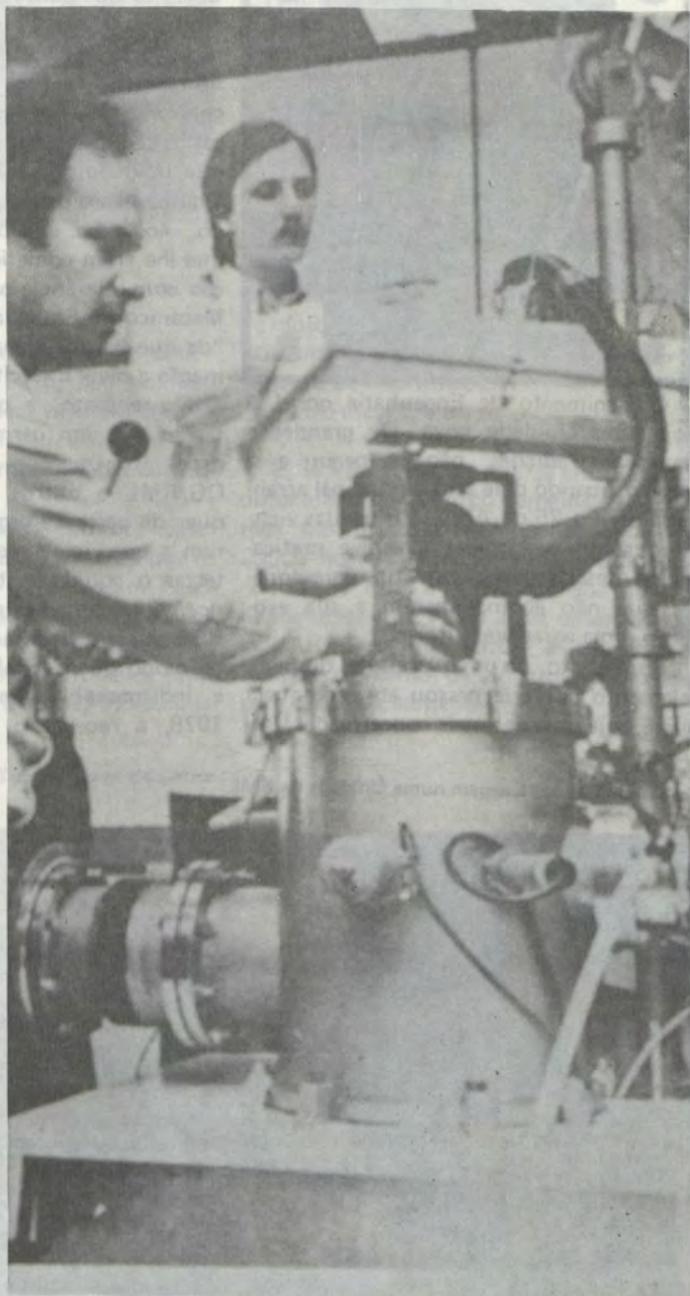
## AUTOMATICAMENTE ATRAVÉS DA CIDADE

Os veículos são dirigidos automaticamente no maior trecho experimental para autocarros vinculados a trilhos da Europa, recentemente inaugurado no parque industrial da firma M.A.N., em Munique. Deverão ser testados, nos 3,6 km de pista de ensaio todos os novos sistemas e técnicas de transportes colectivos urbanos e suburbanos baseados em autocarros. Nesse âmbito testa-se um túnel construído por segmentos sem prejudicar o tráfego. (in Scala, Fev. 80)



## UM NOVO SIMULADOR

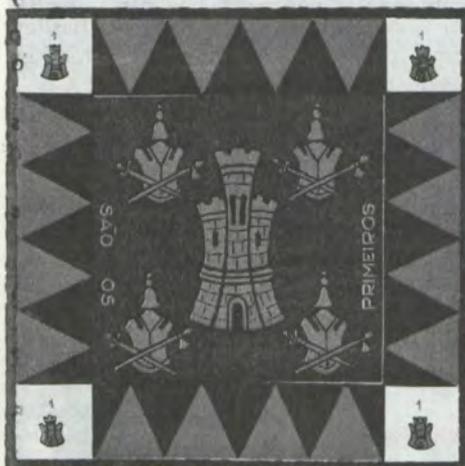
Este recipiente de aço fino é a peça principal de uma instalação única de experiências; no interior do cilindro, a pressão e as condições de temperatura são como no espaço. Durante mais de dois anos o prof. Rainer Hütt (à esquerda) trabalhou com três colaboradores na construção desse "espa-



ço-miniatura", com o qual se pretende pesquisar materiais de construção até agora não conhecidos. Neste novo simulador deverão ser estudados metais que suportem as condições espaciais, desde o berílio ao volfrâmio. (Boletim da R.F.A., 3.6.77).

# AS UNIDADES DE ENGENHARIA O REGIMENTO DE ENGENHARIA DE LISBOA SUA ACTIVIDADE OPERACIONAL

Pelo Cap. Eng. EDUARDO GONÇALVES



O Regimento de Engenharia no. 1 é hoje uma Unidade nova. De grandes e honrosas tradições, não se negou a si mesmo quando dele saíu a principal arrancada para o 25 de Abril. Vítima das vicissitudes que se seguiram, esteve praticamente desactivado e constitui, para aqueles que não acompanharam a sua evolução, uma agradável surpresa.

Com efeito, de um quase total desmantelamento por que passou até ser aquela que é hoje uma das mais conceituadas Uni-

dades da Região Militar de Lisboa, vai um longo caminho, cujo percurso se deve a todos os que com vontade e perseverança, desde então a serviram.

Os estudos feitos em 1975 e 1976 sobre uma eventual reestruturação da engenharia, integrada em mais ampla reorganização do Exército, propunham para esta unidade a missão de manutenção do Equipamento de Engenharia, ao nível dos 3o., 4o. e 5o. escalões, ao mesmo tempo que lhe eram cometidas missões de instrução com relevância para a especialidade de Mecânico de Equipamento de Engenharia, "de que passou a constituir centro de formação a nível Exército".

No entanto, a quantidade de solicitações que em permanência chegavam a este Regimento, quer da parte do QG/RML e outros organismos militares quer da parte de organizações civis, forçaram a que, inicialmente a pretexto de se testar o equipamento reparado e, posteriormente, através de acordos pontuais, o REL iniciasse uma actividade intensa e de tal modo que, reconhecida a sua utilidade e indispensabilidade, veio, a partir de 1978, a receber o "encargo de prestar

apoio em trabalhos de engenharia à RML e RMS", sem prejuízo de outras missões que lhe viessem a ser confiadas, mormente na prestação de apoio de combate.

Estavam, pois, abertas as portas para que um tipo de actuação que de início nem sequer estava prevista e que a pouco e pouco começou por ser tolerado, se tornasse num dos principais campos de actuação do Regimento, e cujo desconhecimento efectivo, se não na sua totalidade, pelo menos na sua complexidade e na sua forma, exige mais ampla divulgação, pois que o esforço e ainda o sentimento de bem-fazer que a consciência de todos os que por ele passaram e de alguma forma para ele contribuíram, assim o exige.

A missão do Regimento viu-se assim acrescentada com a obrigatoriedade de manter operacional uma Companhia de Engenharia (-), de actuar "em colaboração com os organismos civis, no caso de calamidade ou grave desastre nacional" e de apoiar obras militares que integrassem trabalhos da sua especialidade.

Em 1979, e para o desempenho das suas missões de apoio, o REL dispôs essencialmente da citada CENG (-), constituída por um Pelotão de Equipamento e Manutenção e por um Pelotão de Sapadores, e integrada em média por 64 homens, entre Oficiais, Sargentos e Praças, os quais, executando tarefas quase todas elas envolvendo movimentos de terras, não deixaram de lutar com uma enorme carência de equipamento, visto a maior parte dele ser oriundo de África e contar já com bastantes horas no seu activo. Foram assim organizadas duas equipas de trabalho com um efectivo médio de dez homens e tendo cada uma delas à sua disposição o seguinte equipamento, que poderia ou não ser reforçado consoante as circunstâncias:

Tractor de rastos .....	1
Pá carregadora .....	1
Motoniveladora .....	1
Cilindro .....	1
Autotanque .....	1
Basculante .....	4

O conjunto dos trabalhos executados

Trabalho de terraplenagem numa Unidade da RML.





O flagelo das cheias — um aspecto do apoio às populações.

baseou-se no Plano de Actividades Operacionais do REL, aprovado pelo EME e com base nas necessidades da RML e da RMS. Outros trabalhos executados, além do PAO, surgiram inopinadamente e tiveram a sua origem em pedidos das populações, principalmente aquando das catástrofes provocadas pelas cheias no vale do Tejo.

Dentre as operações planeadas, houve intervenções na EPI, EPC, RIS, RIO/DSC, RALIS, RLL, BRT e EMEL, onde se realizaram trabalhos na ordem dos 85% dos previstos. Não deverá deixar de se referir que a execução deste plano acabou por ser prejudicada pelas já citadas cheias, o que obrigou a empenhar de emergência pessoal e meios no apoio de imediato a prestar às zonas e populações atingidas. Assim sendo, não admira que os trabalhos não planeados tivessem tido maior volume que aqueles, valendo a pena referir:

— A coordenação de todo o apoio militar no abastecimento de água à população de Lisboa e áreas limítrofes, aquando da interrupção no fornecimento ocorrida em Fevereiro;

— O apoio de emergência à região de Santarém por ocasião das cheias, o qual envolvendo meios sofisticados e amplos, se prolongou por mais de 11 semanas;

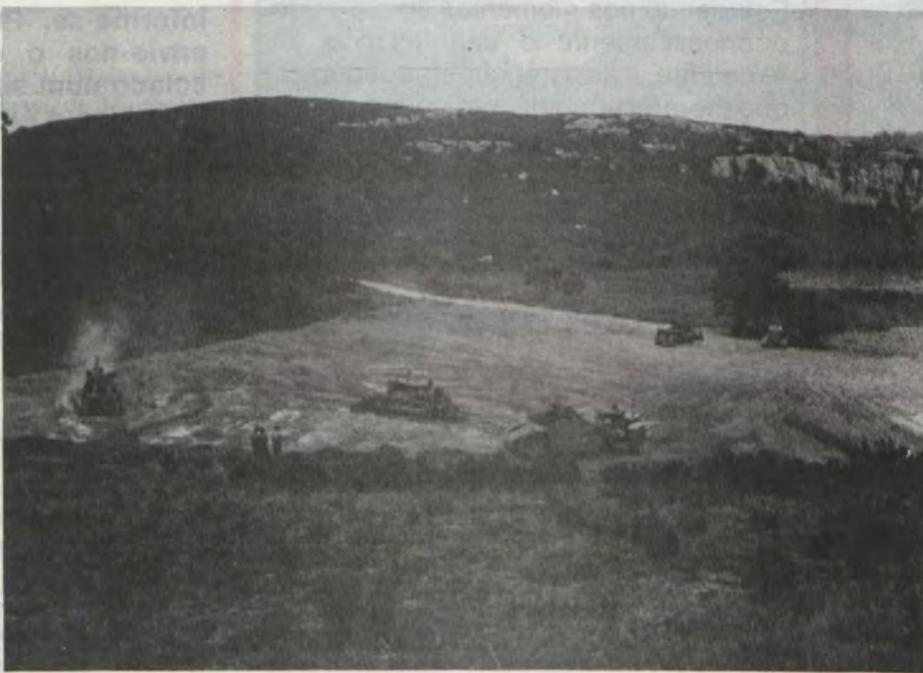
— A colaboração, ainda relacionada com o mesmo evento, com o REE, com vista à cedência de equipamento e de equipas de manutenção nas obras realizadas em Vila Franca de Xira e de protecção contra os caudais do Tejo.

Todas estas descrições que representam apenas uma pequena parte, que infelis-

mente foi a mais significativa, da actividade operacional do REL, não nos dão conta de qual o seu real valor no âmbito restrito das Forças Armadas ou, em sentido mais lato, no âmbito nacional propriamente dito.

No entanto, e abstraindo dos casos concretos, podemos lembrar de que os trabalhos executados representam cerca de 5500 horas de trabalho em apoio de organismos militares e militarizados e 4000 em apoio de outras entidades (que, nastes casos, custearam apenas os combus-

Trabalhos no campo de Tiro da Serra da Carregueira.



tíveis lubrificantes e alojamento e alimentação dos operadores, quando necessário), totalizando 9500 horas de trabalho executado; que, embora a carga fundamentalmente dos 64 homens da já referida Companhia, tiveram o apoio de todo o Regimento, ele também de efectivos reduzidos — cerca de 278 homens.

Num pequeno resumo mais pormenorizado, poderiam ainda apontar-se os seguintes dados estatísticos:

Número de intervenções realizadas . . .	82
Duração média das intervenções 10 dias (apr)	
Intervenções com maior tempo de duração:	
— Construção de carreiras de tiro na Serra da Carregueira . . . . .	4 meses
— Colaboração com o REE nos trabalhos de defesa contra os caudais do Tejo em Vila Franca . . . . .	4 meses
Despesas gerais com combustíveis, lubrificantes e afins . . . . .	8026 c.
Número de intervenções de <i>bulldozer</i> . . . . .	22
Número de intervenções de pá carregadora . . . . .	22
Número de intervenções de moto niveladora . . . . .	15
Número de intervenções de moto <i>scrapper</i> . . . . .	3
Número de intervenções de rectro escavadora . . . . .	3

E, se atendermos a que já em 1978 foi dispendido um esforço semelhante, teremos um total acumulado de cerca de 20000 horas de trabalho útil, o que bem nos revela qual a actividade que permanentemente tem vindo a ser desenvolvida pelo REL e que, dada a quantidade sempre crescente de solicitações, tende com certeza a aumentar.

# Aprenda hoje a profissão do futuro!



Você pode agora converter-se num verdadeiro técnico de electrónica graças aos cursos que o Centro de Instrução Técnica elaborou para si: **Electrónica, Rádio e TV e Transístores**. Conheça os nossos cursos e decida-se por um deles.

Estudando nos momentos livres, muito economicamente e beneficiando da excelente assistência pedagógica que lhe oferecemos, em pouco tempo você verá melhorado o seu nível social e económico, além da satisfação que sente em desempenhar aquela actividade aliciante e lucrativa que sempre ambicionou.

Outros cursos CIT: **Desenho de Máquinas • Desenho de Construção • Programação Cobol • Contabilidade • Organização Administrativa de Empresas • Inglês • Francês • Cultura Geral • Corte e Confeção.**

**Informe-se. Preencha, destaque e envie-nos o cupão por carta ou colado num simples postal. Mas faça-o ainda hoje!**

**CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA**  
ENSINO TÉCNICO A DISTÂNCIA

R. D. ESTEFÂNIA, 32  
1066 LISBOA CODEX

Grátis e sem compromisso envie-me informação completa sobre o curso que indico

CURSO \_\_\_\_\_

NOME \_\_\_\_\_

END. EMPREGO \_\_\_\_\_

MORADA \_\_\_\_\_

LOCALIDADE \_\_\_\_\_

A preencher pelos nossos serviços. ▶

1 3 5 4 3

# PUBLICAÇÕES

Temos recebido regularmente:

## MILITARES

**NACIONAIS:** Baluarte (F.A.P.). Mais alto (F.A.). Revista da Armada. Revista de Artilharia. Revista Militar.

**ESTRANGEIRAS** — Alemanha (R.F.A.): Soldat und Technik. Bélgica: VOX. Brasil: A Defesa Nacional. Espanha: Ejército; Guion. Pretória: Paratus. Rodésia: Assegai. Roménia: Viata Militara. República Democrática Alemã: Puente (edit. em espanhol)

## DIVERSAS

**NACIONAIS:** A.P.M.-Boletim da Associação Portuguesa de Modelismo. Badaladas (Torres Vedras). O Benfica (S.L.B.). O Comércio de Gaia. Conta Comigo (Socied. Antialcoól. Portuguesa). Consciência Nacional (Porto). Correio do Ribatejo (Santarém). Correio do Sul (Faro). Desportos (D.G.D.). Diário do Alentejo (Beja). Diário de Notícias (Lxa.). Diário Popular (Lxa.). O Distrito de Portalegre. O Distrito de Setúbal. Ecos (A.P.N.-Lxa.). Elo (Ass. dos Deficientes das F.A.). Folha do Domingo (Faro). Folha de Tondela. Gazeta de Paços de Ferreira. A Guarda (Guarda). Jornal de Abrantes. Jornal de Barcelos. Jornal de Campo de Ourique (Lxa.). Jornal da Costa do Sol (Cascais). Jornal de Famalicão. O Jornal de Felgueiras. Jornal do Fundão (c/Correio da Covilhã). Jornal de Queluz. Jornal de Turismo (Lxa.). Notícias de Chaves. Notícias da Covilhã. Notícias de Monção. Notícias de Viana (V. do Castelo). Povo Livre (P.S.D.). Região de Leiria. O Retornado (Lxa.). Revista do Clube Naval. Revista de Marinha. O Sorraia (Coruche). A Voz do Domingo (Leiria).

**AÇORES:** A Ilha (P. Delgada).

**MACAU:** O Clarim (Diocese de Macau).

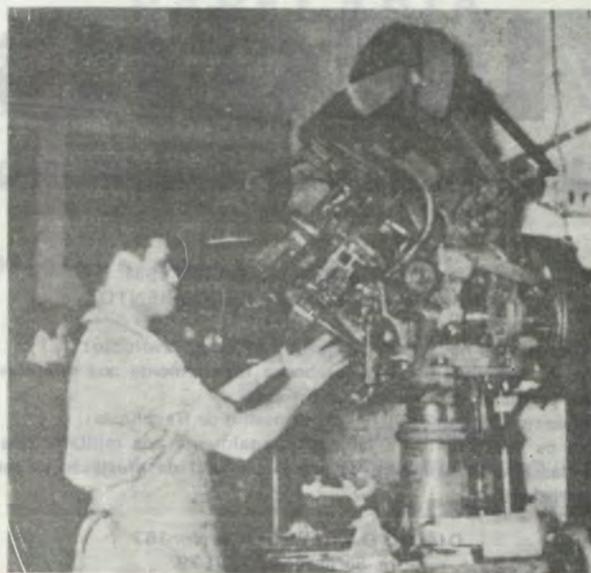
**ESTRANGEIRAS** — África do Sul: Panorama. Espanha: Guardia Civil. Roménia: Actualités Roumaines. (edit. em francês). Lumea (edit. em espanhol). U.R.S.S.: Informação Cultural, Boletim para a Imprensa (Novosti). Vida Soviética (Novosti). U.S.A.: Horizonte (edit. em português).

## A.P.M.-BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE MODELISMO

Com muito prazer, recebemos o volume I, de Janeiro de 1980, do Boletim da Associação Portuguesa de Modelismo A.P.M., dirigido por Jaime Caseiro e elaborado por uma Comissão de Redacção, cujos trabalhos são, sem dúvida, dignos de nota. Neste número são de salientar as secções apresentadas, como, por exemplo, VEÍCULOS MILITARES- Pintura e Camuflagem, PINTURA A ÓLEO e outras de inegável mérito. É verdade que a apresentação deste mensário é modesta e simples mas, sem dúvida, é publicação merecedora do interesse que de certo, os seus textos vão suscitar. Votos de feliz continuidade e os nossos cumprimentos ao ilustre Director.

## 34o. ANIVERSÁRIO DO JORNAL DO FUNDÃO

O JORNAL DO FUNDÃO, que sempre temos recebido e cujos textos têm sempre marcado pelo interesse despertado aos leitores, comemora este ano o seu 34o. aniversário, motivo por que apresentamos ao Director, António Paulouro, e a toda a Redacção, com os nossos melhores cumprimentos, sinceros votos de boa continuidade do seu prestigioso jornal.



**FÁBRICAS DE: CONFECÇÕES; CALÇADO; EQUIPAMENTO E METALO-MECÂNICA. OFICINAS DE ALFAIATARIA.**  
**SECÇÃO COMERCIAL: VENDAS A PRONTO PAGAMENTO E A PRESTAÇÕES DE ARTIGOS DE VESTUÁRIO E DE UTILIDADE DOMÉSTICA.**



**OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO E EQUIPAMENTO**

**ABASTECEDORA DAS FORÇAS ARMADAS**

**SEDE: LISBOA — Campo de Santa Clara**  
**SUCURSAL: PORTO — Rua da Boa Vista**  
**DELEGAÇÃO: ENTRONCAMENTO**

# LEGISLAÇÃO

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 158 - 1a. Série - de 11JUL79 (SUPLEMENTO)

- Decreto-Lei no. 209-A/79 do Conselho da Revolução:  
Fixa os vencimentos base a abonar mensalmente aos militares dos quadros permanentes das Forças Armadas.
- Decreto-Lei no. 209-B/79 do Conselho da Revolução:  
Fixa os vencimentos a abonar mensalmente aos militares dos três ramos das Forças Armadas durante o período de prestação de serviço militar obrigatório.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 167 - 1a. Série - de 21JUL79.

- Decreto-Lei no. 226/79 do Conselho da Revolução:  
Estabelece prazos a observar na execução da justiça e da disciplina militares.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 170 - 1a. Série - de 25JUL79

- Decreto-Lei no. 236/79 do Ministério das Finanças e do Plano:  
Adita um artigo ao Dec.-Lei no. 465/76, de 11 de Junho, (aprova os Estatutos do Cofre de Previdência do Ministério das Finanças).

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 171 - 1a. Série - de 26JUL79

- Despacho Normativo no. 172/79 do Estado-Maior General das Forças Armadas, Ministério da Defesa Nacional, Gabinete dos Ministros da República para as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira e Ministério da Administração Interna:  
Define a competência dos Ministros da República para as Regiões dos Açores e da Madeira relativamente às Forças de Segurança.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 172 - 1a. Série - de 27JUL79 (SUPLEMENTO)

- Decreto-Lei no. 253-A/79 do Conselho da Revolução:  
Insera disposições relativas à revisão da generalidade das remunerações acessórias estabelecidas para o pessoal militar.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 173 - I Série - de 28JUL79

- Decreto-Lei no. 254/79, do Conselho da Revolução:  
Cria a carreira de técnico auxiliar dos serviços complementares de diagnóstico e terapêutica para o pessoal civil dos serviços departamentais das Forças Armadas:
- Decreto-Lei no. 256/79 dos Ministérios das Finanças e do Plano e da Administração Interna:  
Actualiza os vencimentos do pessoal da Guarda Nacional Republicana e da Guarda Fiscal.
- Decreto-Lei no. 257/79 dos Ministérios das Finanças e do Plano e da Administração Interna:  
Actualiza os vencimentos do pessoal da Polícia de Segurança Pública.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 174 - I Série - de 30JUL79

- Resolução no. 224/79 da Presidência do Conselho de Ministros:  
Fixa as ajudas de custo diárias a abonar aos funcionários e agentes do Estado e a entidades a eles equiparadas que se desloquem em missão oficial ao estrangeiro ou no estrangeiro.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 175 - I Série - 31JUL79 (3o. SUPLEMENTO)

- Despacho Normativo no. 181-A/79 dos Ministérios das Finanças e

do Plano e da Administração Interna:

Fixa os quantitativos para os abonos de alimentação por conta do Estado aos oficiais, sargentos e praças e pessoal civil da G.N.R., G.F. e pessoal da P.S.P.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 175 - I Série - de 31JUL79

- Decreto-Lei no. 259/79 do Ministério das Finanças e do Plano:  
Concede isenção de licença de detenção, uso e porte de armas aos sargentos da Guarda Fiscal.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 176 - I Série - de 1AGO79

- Decreto-Lei no. 261/79 do Conselho da Revolução:  
Define a competência do Instituto da Defesa Nacional - Revoga os Decretos-Leis nos. 550-D/76, de 12 de Julho, e 298.78 de 29 de Setembro e demais legislação em contrário.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 177 - I Série - de 2AGO79

- Decreto-Lei no. 266/79 do Conselho da Revolução:  
Cria a Escola do Serviço de Saúde Militar (ESSM)

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 178 - I Série - de 3AGO79

- Decreto-Lei no. 269/79, do Conselho da Revolução:  
Aprova o quadro orgânico do Serviço Cartográfico do Exército.
- Decreto-Lei no. 270/79, do C.R.:  
Cria, na dependência do CEMGFA, centros de selecção (CS) abrangendo, na sua área de competência, uma ou mais Regiões ou Zonas Militares.
- Portaria no. 388/79, do C.R.:  
Fixa, para o ano de 1979, as dotações de artigos de uniforme para os instrumentados do curso de oficiais da Reserva Naval e de oficiais e sargentos milicianos do Exército e da Força Aérea.
- Portaria no. 389/79, do C.R.:  
Introduz alterações ao Regulamento Geral de Admissão de Alunos à Academia Militar.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 180 - I Série - de 6AGO79

- Portaria no. 397/79 do Conselho da Revolução:  
Elimina a alínea a) do no. 14 da Portaria no. 203/70 (assistência médica ao pessoal da Armada e seus familiares e aos funcionários em exercício do quadro do pessoal civil).
- Portaria no. 398/79, do C.R.:  
Cria várias especialidades de praças na Força Aérea.
- Despacho Normativo no. 186/79, do EMGFA:  
Esclarece dúvidas suscitadas na execução do no. 2 do artigo 3o. do Decreto-Lei no. 251-A/78 (vencimentos dos militares dos QP) quanto ao verdadeiro alcance da expressão "Alunos das escolas militares".

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 183 - I Série - de 9AGO79

- Portaria no. 411/79, do Conselho da Revolução:  
Aprova as normas de admissão, promoção e transferência do pessoal civil do EMGFA.
- Portaria no. 412/79, do C.R.:  
Determina que o pessoal civil que em 21 de Novembro de 1978 desempenhava no EMGFA funções especializadas de informações militares, seja abrangido pelo no. 1 da Portaria no. 672-E/78, independentemente do seu quadro de origem.

HÁ MAIS DE 45 ANOS...



A CAMISA

DO HOMEM

ELEGANTE

CONFECCOES J. R. RODRIGUEZ

S. A. R. L.

RUA DE S. LÁZARO, 1 e 9 - LISBOA

Tel. 862165/7

End. Teleg. «REGOJO»

# PAPELARIA FERNANDES

LARGO DO RATO, 13 - RUA DO OURO, 145 - LISBOA

Officinas de:

TIPOGRAFIA

LITOGRAFIA

ENCADERNAÇÃO

CARTONAGEM

SOBRESCRITOS

SACOS DE PAPEL

LIVROS NACIONAIS  
E ESTRANGEIROS

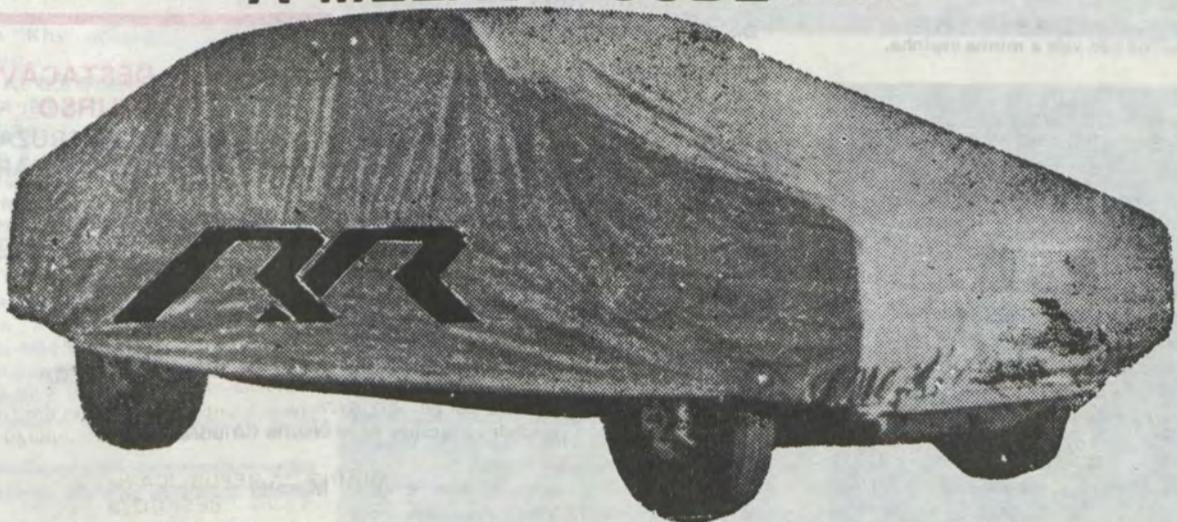
Secções Especializadas de:

MATERIAL PARA  
DESENHO

TOPOGRAFIA

E IMPRESSOS PARA O EXÉRCITO

AGORA QUE O SOL APERTA...  
DÊ AO SEU CARRO  
A MELHOR COBERTA



As Capas «RR» Para o seu automóvel dão-lhe total protecção e são fabricadas em tela plastificada por fora e cardada no interior o que as distingue.

UM EXCLUSIVO DE:

ESTABELECIMENTOS RODRIGUES & RODRIGUES, S. A. R. L. — R. Nova do Carvalho, 79

Telefone 37 22 21

Apartado 2199 — LISBOA 1200



Por ROBERTO FERREIRA

# LIVROS

## NÃO QUERO OS TRINTA DINHEIROS

Poemas de Cândido José de Campos

Primeira obra do Autor, publicada em livro, e que nos parece digna da nossa atenção, dada a clareza das expressões utilizadas e os temas discutidos. Aliás, crónicas e poemas de Cândido José de Campos já têm vindo a público nas Imprensas portuguesa e angolana, e têm merecido o apreço de grande número de leitores.

O título do livro é o do primeiro poema, que nos revela a posição do Autor como poeta, e que a seguir, reproduzimos:

Escrever sempre e mais  
Escrever numa febre repentina  
Onde as palavras são como punhais  
Cobrinha o papel de escarlatina

Escrever na minha letra aguda  
Os graves que me calam na garganta  
Numa nota que não muda mas é muda  
E só dentro de mim ainda canta

Escrever uma só palavra gasta  
Como cinza extinta do brasido  
Morrendo no papel como este basta  
Que ando a repetir a sós comigo

Escrever nem que seja só para mim  
palavras que nem eu já próprio entenda  
Eu que sou princípio, meio e fim  
Quotidiano vivido duma lenda

Escrever de pé como mereço  
No espaço apertado de uma linha  
Não sou maior, pequeno é o vosso preço  
Trinta dinheiros não vale a minha espinha.

## NÃO QUERO OS TRINTA DINHEIROS

POEMAS

CÂNDIDO JOSÉ DE CAMPOS

LISBOA 1980

António Brehm é quem assina o prefácio deste livro, dedicando-lhe um texto onde encontramos uma série de apreciações sobre a obra editada, autêntico estudo dos méritos e das condições da verdadeira poesia.

## HISTÓRIA DA FORÇA AÉREA PORTUGUESA

Por Edgar Pereira da Costa Cardoso  
— Coronel Piloto-Aviador

Narrativa fiel e objectiva com mais de sessenta anos — como se lê no prefácio — esta obra é digna de toda a atenção que possa ser-lhe dedicada. A Parte I — A Conquista do Ar — relata-nos a evolução histórica da aeronáutica mundial, inclusivamente a contribuição lusitana no tempo do reinado de D. Afonso V, e noutras eras. E no capítulo IV refere-se a aplicação militar do avião.

Na II Parte é-nos relatada a Aeronáutica em Portugal; no Capítulo II, a Aeroestação Militar em Portugal. E nos restantes capítulos, é-nos dado (também interessante) relato de todo o movimento da aeronáutica nacional.

Em resumo: este trabalho é, sem dúvida, apreciável, útil, esclarecedor, realizado com firme critério.

EDIÇÃO CROMOCOLOR, Lda — Lisboa.

OS MAIS BELOS CONTOS DE KIPLING  
O MENINO LO O — A CAÇADA DE KA  
RKKI — TIKKI — TAVI

Obra já conhecida, que nos descreve uma acção de aventura e de luta pela sobrevivência,

em acção do menino-lobo. Isto apresentado em álbum magnificamente ilustrado.

Colecção *Os Grandes Clássicos Infantis* — Título original: *Cuatro Cuentos del Libro de la Selva* — Trad. de Maria do Carmo Santos — Ilustrações de Art Studium — Capa de Estúdios P.E.A.

## ÍNDICE DOS ANAIS DO CLUBE MILITAR NAVAL — 1870/1970

Apresentado pela Comissão de Redacção dos Anais do Clube Militar Naval, este Índice é correspondente aos primeiros cem anos de existência daquele clube.

Criterioso trabalho com firme realização e óptima apresentação.

## RECREIO-SOLUÇÕES

DAMAS — PROBLEMA No. 91

28-24, 20-2; 19-23, 16-27; 21-26, 30-21; 9-13, (a) 2-9; 13-22-31, 21-18; 25-14. G. brancas. (a) Se 18-9; 25-18-31. G. brancas.

CHARADISMO  
CHARADAS AFERÉTICAS.

1 — SOLDADO. 2 — EVENTO 3 — FELICITO. 4 — FLAGELO.

## CUPÃO DESTACÁVEL CONCURSO

DE PALAVRAS CRUZADAS DE TEMA MILITAR

PROBLEMA No. 1

1a. ÉTAPA — ABRIL 80

SOLUÇÃO

DIAGRAMA

Nome do concorrente .....  
Morada .....  
No. assinante ..... Posto Militar e  
Unidade onde presta serviço .....

ASSINATURA



# DIORAMAS

ção do alcatrão (derretido), que foi alisado, ainda quente, com uma espátula. Para tornar a superfície uniforme foi necessário dar-lhe um ligeiro aquecimento com um maçarico.

O procedimento seguinte foi a aplicação do passeio. Para tal, utilizou-se pedra calcária (pedra de passeio) partida em pequenos fragmentos. Fez-se uma massa de terra (moída), cola branca e cola UHU. Esta massa foi feita e utilizada à medida que se iam aplicando os fragmentos de pedra do passeio, por forma a fixá-lo à base. Depois do passeio aplicado, foi montada a berma, utilizando-se para o efeito as tiras de plástico, que constituem as grades dos "kits", e a que foi dada forma quadrangular com o pirogravador.

Para construção da CASA foi utilizada madeira de contraplacado, obedecendo às dimensões seguintes:

Altura máxima . . . . . 16,5 cm  
 Altura do 1o. piso . . . . . 8,5 cm  
 Frente . . . . . 23,0 cm

Os ferros das varandas foram obtidos a partir de pregos, o corrimão da escada em caracol foi executado com arame zincado, as armações das janelas com paus de fósforo e os vidros das janelas com mica.

Após a casa estar montada fez-se a sua aplicação na base, utilizando para o efeito cola branca e pregos de sapateiro.

Agora, para cobrir os espaços livres que restavam na base, foi utilizada terra (peneirada). Estes espaços foram barrados com uma camada espessa de cola branca (de madeira) e sobre esta lançou-se a terra.

A volta da casa e do muro foram colados pequenos fragmentos de pedra, tijolo e carvão para imitar as ruínas.

Depois da casa pintada, lançou-se-lhe o fogo, deixando-a arder por algum tempo, por forma a dar maior realidade às ruínas.

A concertina de arame farpado foi construída à escala 1/35 conforme a metodologia utilizada pelos sapadores, e o arame utilizado foi o fio de fusível.

Quanto aos "Kits" utilizados (esc. 1/35) foram os seguintes:

– VIATURA: U.S.81mm Mortar Carrier M 21 (Kit no. MM 183 da Tamiya)

– FIGURINOS:

Americanos: 4 que acompanhavam a viatura  
 4 US Infantry (West European Theater) – (kit no. MM 148 da Tamiya)

2 da viatura Willys "Jeep" with trailer (kit no. 314 da Italaerei)

Alemães: 1 da viatura Half Track M3 A2 (kit no. MM 170 da Tamiya).

4 German Machine Gun Troops (Infantry) – (Kit no. MM 139 da Tamiya)

3 German Assault Troops (Infantry) – kit no. MM 130 da Tamiya)

2 German Camp – Rest Area (kit no. 5005 da ESCI)

Alguns destes figurinos foram transformados para se obterem as posições desejadas para o cenário.

MURO: Brick Wall Set (kit no. MM 128 da Tamiya)

SACOS DE TERRA: Sand Bags Set (kit no. MM 125 da Tamiya)

POSTE TELEGRÁFICO, CANDEIEIRO, PORTÃO e SINAIS: Road Sign Set – (Kit no. MM 167 da Tamiya)

CAIXOTES, CADEIRA, MESA E RÁDIO: German Camp – Rest Area (Kit no. 5005 da ESCI)



Depois do Diorama completamente montado foi feito um caixilho de alumínio que se colou à base de madeira.

\*\*\*

O Diorama apresentado foi concebido e executado por Fernando Miguel Saramago Pereira Vicente, de 13 anos, aluno dos IMPE e sócio da Associação Portuguesa de Modelismo.

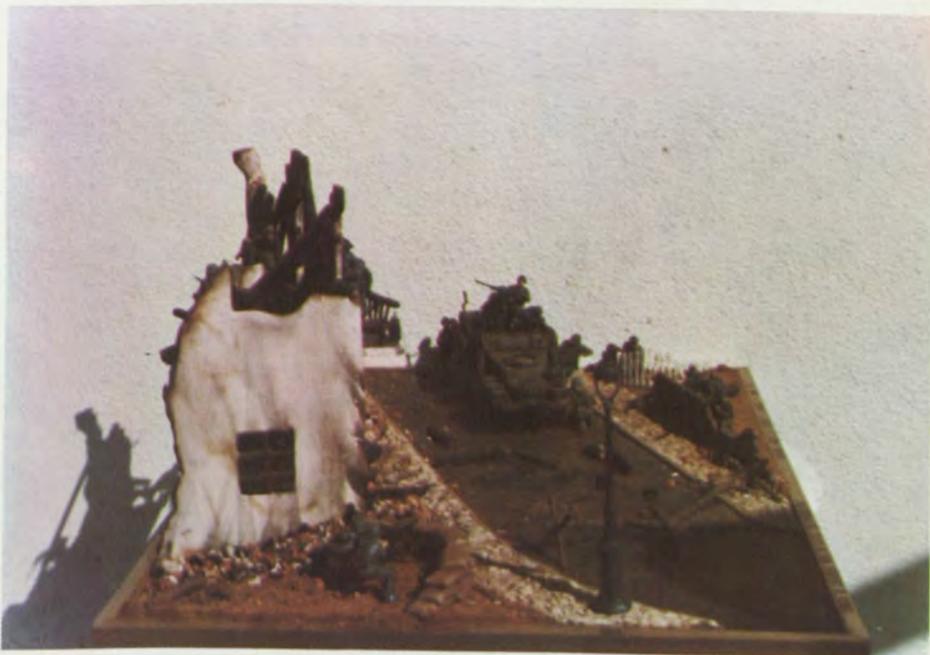
Este modelo foi iniciado em Julho de 1978 e ficou concluído em Maio de 1979 e esteve presente nas exposições de modelismo:

– Exposição Bienal Histórico Militar – No museu Castro Guimarães em Cascais durante o mês de Maio de 1979.

– Comemoração do Dia da Infantaria – Na EPI, de 14 de Agosto a 8 de Setembro de 1979.

– II Exposição de Modelismo das Publicações Europa-América em Lisboa de 5 de Novembro a 25 de Novembro de 1979.

F.V.





# ARMAS QUE ESCREVERAM A HISTÓRIA DE PORTUGAL

(4)

**ESPINGARDA DE CAÇA DE D. JOÃO IV (ca. 1650)**

---

O TRABALHO DE TALHA E O EMBUTIDO NA CORONHA MOSTRAM A INFLUÊNCIA DA ARTE INDO-PORTUGUESA NA ESPINGARDARIA PORTUGUESA DO SÉCULO XVII. OS EMBUTIDOS SÃO EM MARFIM E MADRE-PÉROLA. O TRABALHO DE CINZEL NO CANO MOSTRA CENAS MITOLÓGICAS. A MIRA É UMA PEQUENA ESCULTURA DUMA SERPENTE MARINHA COM DUAS CABEÇAS. AS FERRAGENS SÃO EM COBRE O QUE É INVULGAR NA ESPINGARDARIA ESTRANGEIRA MAS FREQUENTE NA INDO-PORTUGUESA.

---



Jornal do **EXÉRCITO**



MENSÁRIO  
**MAIO DE 1980**  
**15,00**



# 25 DE ABRIL MENSAGEM DO C.E.M.G.F.A. ÀS FORÇAS ARMADAS

realmente e apenas crises de crescimento da democracia, uma vez que tornaram claro o seu propósito de nunca se deixar dividir e de nunca partidarizar as armas, como infelizmente já acontecera em períodos democráticos anteriores e como aparentemente alguns tentaram conseguir nos anos recentes;

— Respondo que o 25 de Abril se está a cumprir porque os cidadãos militares aceitaram, como a maioria do povo português, ver diminuídos os seus proventos reais, calando as suas próprias razões de queixa;

— Respondo que o 25 de Abril se está a cumprir porque os cidadãos militares têm compreendido o adiamento de definições que interessam vitalmente à instituição e aos seus membros, mas cuja formulação pressupõe o máximo de legitimidade conferível pelo povo português aos representantes por si livremente eleitos.

O cumprimento da essencialidade da promessa de Abril só foi possível através do respeito coerente de um conjunto de normas de um relacionamento democraticamente saudável entre a instituição militar e o poder. Normas mais de uma vez lembradas ao longo destes anos e de que hoje se rememoram apenas os aspectos mais importantes:

— A instituição militar serve a Nação de que é a parte armada. Não serve, nem aceita servir, nenhum partido, nenhum grupo, nenhuma entidade em especial;

Militares,

Seis anos separam este 25 de Abril do dia histórico em que foi restituída ao povo Português a soberania plena para que, utilizando-a democraticamente, segundo as regras que ele próprio definisse, pudesse construir o seu presente e projectar o seu futuro.

Volvidos estes seis anos, poder-se-á perguntar aos portugueses — a todos os portugueses que honesta, crítica e responsabilmente fazem da sua vida uma parte da vida do País —, se aquela promessa não foi, na sua essencialidade, respeitada e se não tem sido defendida, com tolerância, é certo, com erros, sem dúvida, mas indiscutivelmente com êxito.

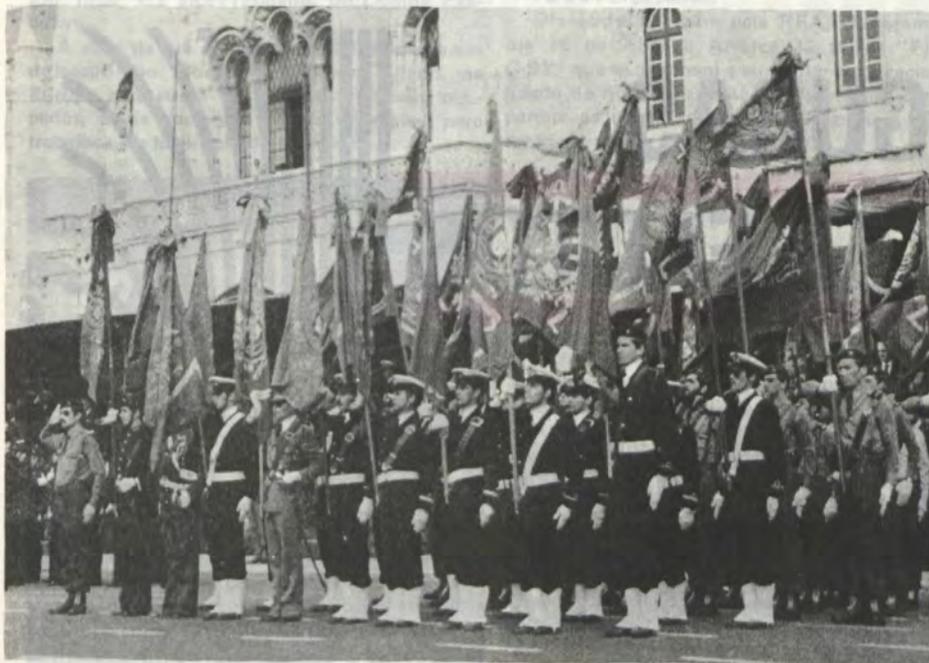
A esta pergunta, que se põe repetidamente aos cidadãos militares, responderei, como seu representante institucional, de maneira convictamente afir-

mativa:

— Respondo que o 25 de Abril se está a cumprir porque as Forças Armadas possibilitaram a instauração de um regime que pratica o pluralismo em que a democracia se autodefine e no qual está garantida a alternância do poder e a liberdade das posições contraditórias;

— Respondo que o 25 de Abril se está a cumprir porque as Forças Armadas têm inequivocamente mostrado a sua vontade e determinação da defesa dos princípios proclamados há seis anos e reafirmados no 25 de Novembro, assumindo claramente que a sua missão provém do povo através das instituições por ele livremente adoptadas;

— Respondo que o 25 de Abril se está a cumprir porque as Forças Armadas permitiram, com a sua estabilidade, que as crises políticas por que temos passado fossem



— As Forças Armadas garantem a independência nacional segundo o princípio da subordinação ao poder civil, legitimado pelo sufrágio universal. Não são nem quem ser a consciência da Nação. O juramento que fizeram foi à Pátria;

— As Forças Armadas têm o direito inalienável de exigir o respeito integral pelo seu rigoroso apartidarismo; têm o dever imperativo de não se servir das armas em benefício de qualquer solução política particular; têm a obrigação institucional de se manter coesas, disciplinadas e hierarquicamente comandadas, para cumprir as missões que a Nação Soberana lhes confie.

Neste sexto aniversário do 25 de Abril é também indispensável repetir, não aos militares, que o não esquecem, mas a todos os portugueses, que as promessas essenciais do 25 de Abril se mantêm em

toda a sua plenitude.

Plenitude que resulta de terem sido inteiramente assumidas pelos portugueses, em actos inequívocos de afirmação de vontade colectiva.

Plenitude que por isso encontra nas Forças Armadas a dedicação e determinação de contribuírem para o seu cumprimento integral, servindo, como no passado próximo, os órgãos legitimados pelo voto popular, para que as regras do jogo democrático sejam sempre respeitadas, independentemente dos desígnios totalitários de forças de diferentes sinais ou ideologias opostas.

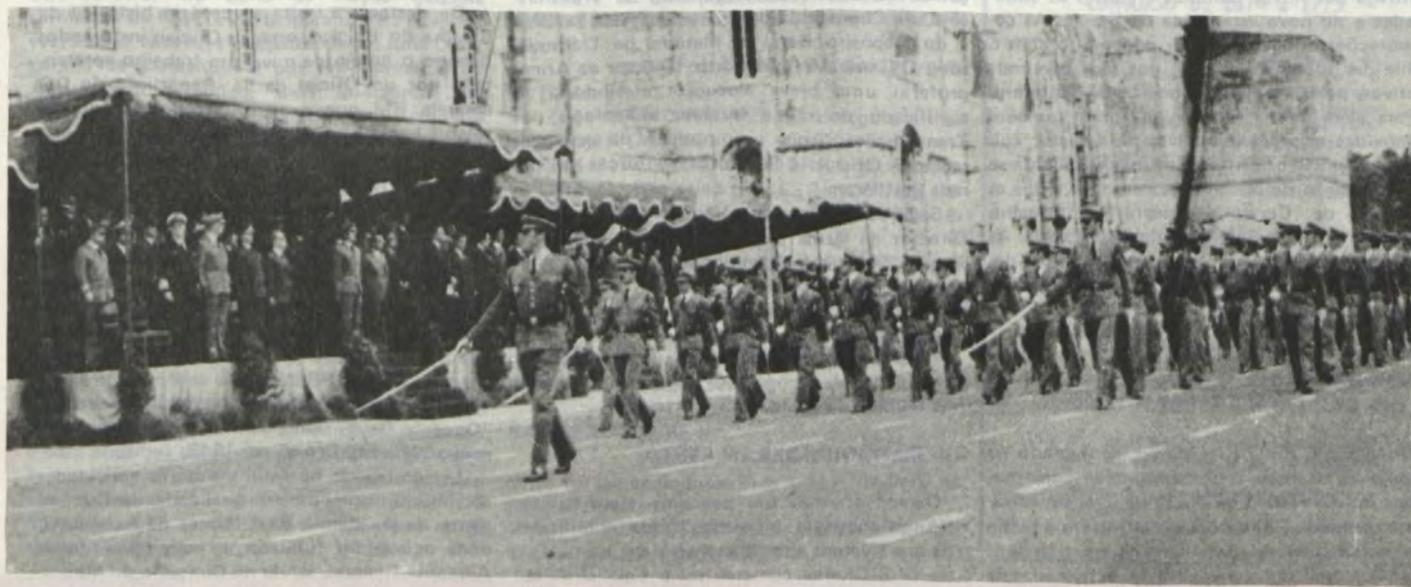
A conclusão mais importante a retirar da experiência difícil entretanto vivida é a de que a tomada de consciência, pelos cidadãos militares, do seu papel na sociedade democrática, só por si justificaria o 25 de Abril.

Tal só tem sido possível devido ao espírito de unidade e coesão existente nas nossas Forças Armadas, resultante de um correcto entendimento dos valores que a disciplina e a hierarquia representam e do sentido da missão que constitucionalmente lhes compete: independência nacional, integridade do território nacional, satisfação de compromissos internacionais que importam à justiça e à paz no Mundo.

Hoje, as Forças Armadas podem considerar feita a prova de que podemos viver em liberdade, num regime em que as estruturas do poder se submetem ao controlo democrático.

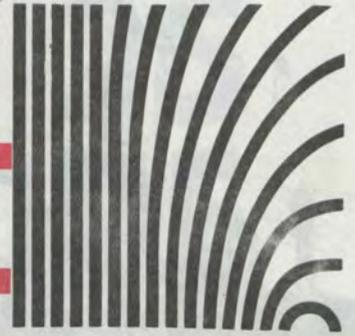
Hoje, o povo português sabe que os cidadãos militares não querem outro poder que não seja o de servir Portugal.

Um Portugal que a Nação afirmou já querer construir com justiça e com segurança, na liberdade e em paz.





# FIGURAS E FACTOS



## DIA DA E.P.C.

Com maior solenidade, realizaram-se na Escola Prática de Cavalaria, no dia 17 de Abril, importantes cerimónias comemorativas do "Dia" desta Unidade.

Presididas pelo Vice-CEME, General Duarte Siiva, os actos mais significativos iniciaram-se pelas 10 horas com a formatura geral na parada "Chaimite". Perante as forças em parada juraram bandeira os recrutas do 1o. turno .80, foram homenageados os mortos da Cavalaria e impostas algumas condecorações e distribuídos diversos prémios e troféus. Procedeuse também à entrega das novas flâmulas e guiões às subunidades e do novo estandarte da Escola. As comemorações atingiram o seu ponto alto com o desfile das forças da E.P.C., nos seus máximos efectivos, pelas avenidas principais de Santarém.

Para além destas cerimónias, foram também promovidas algumas iniciativas de carácter cultural e desportivo. Entre as primeiras salienta-se uma exposição de brasões de armas de todas as unidades de Cavalaria, magnífico trabalho executado por dois Sargentos daquela Escola. As actividades desportivas ocuparam a tarde daquele dia e tiveram como objectivo a confraternização com outras unidades da Arma.

## COMEMORAÇÃO DO DIA DAS TRANSMISSÕES

No passado dia 24 de Março, consagrado ao Arcanjo S. Gabriel, realizaram-se as comemorações do dia festivo da Arma de Transmissões.

As cerimónias desse dia constituíram o fecho e encerramento de uma semana de trabalhos durante a qual se fez a análise das actividades da

Arma, da sua problemática, da sua estrutura e dos seus objectivos.

Durante as cerimónias que se efectuaram no Porto, no quartel da EPTm, foram apresentadas comunicações e trabalhos e discutidos problemas do máximo interesse para as Transmissões. A este assunto faremos referência mais circunstanciada em artigo a publicar.

As cerimónias do dia festivo foram presididas pelo Vice-CEME, General Duarte Siiva, e contaram com a presença de numerosos convidados, civis e militares. As forças em parada, sob o comando do 2o. Comandante daquela Escola, Ten. Coronel Carvalho Gomes, compreendiam contingentes da EPTm, do Regimento de Transmissões, da Companhia de Transmissões da 1a. BMI e do Depósito Geral de Material de Transmissões. O General Pereira Pinto, Director da Arma, proferiu uma breve alocução referindo-se ao significado do dia e fazendo a apologia das Transmissões. Após a imposição de condecorações a Oficiais e Sargentos, as forças em parada desfilarão.

Seguiu-se uma sessão solene durante a qual o Director da Arma fez uma profunda análise da Semana de Trabalhos, expondo resultados e conclusões, finda a qual se procedeu à entrega das Directivas Técnicas relativas aos objectivos futuros.

Após uma competição desportiva entre praças de unidades da Arma, teve lugar um almoço e uma reunião de convívio.

## OUTRAS UNIDADES EM FESTA

Damos a seguir um pequeno relato das cerimónias ocorridas em outras Unidades Militares e de que tivemos conhecimento:

— O BICHaves comemorou o seu "Dia" em

25 de Março, presidindo às cerimónias o Comandante da RMNorte, General Mário Delgado. Na alocução proferida pelo Comandante da Unidade foram realçadas as gloriosas tradições daquele guarnição fronteiriça, famosa pelos seus "Dragões" e "Caçadores". Também nesta unidade e no dia 11 de Abril, teve lugar o Juramento de Bandeira dos Soldados Recrutas que acabaram de completar a sua instrução básica.

— O "Dia" do RALeia foi assinalado com actos comemorativos que tiveram o seu início no dia 18 de Abril com um concerto público dado pela Orquestra Ligeira do Exército, atingindo o seu ponto alto no dia 20 com diversas cerimónias militares, entre as quais o Juramento de Bandeira dos Soldados Recrutas do 1o. turno/80. A presidir às cerimónias esteve presente, além de muitas outras entidades civis e militares, o Comandante da RMCentro, General Pires Tavares.

## CURSO SUPERIOR DE COMANDO E DIRECÇÃO VISITA A RMC

Em viagem de estudo, permaneceram durante alguns dias na Região Militar do Centro os Oficiais que actualmente frequentam, no IAEM, o Curso Superior de Comando e Direcção.

Com um programa vasto e diversificado, o périplo iniciou-se no dia 20 de Março no Entroncamento, deteve-se sucessivamente em Tomar, Abrantes, Almeida, Pinhel, Guarda, Buçaco, Figueira da Foz e Coimbra, localidades onde aqueles Oficiais tiveram oportunidade de contactar com os valores mais significativos de cada uma delas, desde as Unidades Militares até aos locais de interesse histórico, turístico e económico. A visita teve o seu ponto culminante em Coimbra no dia 26 com a apresentação de cumprimentos ao Comandante da Região Militar, General Pires Tavares.

De destacar a visita ao cenário histórico da Batalha do Buçaco, onde os Oficiais instruendos tiveram o ensejo de ouvir um trabalho apresentado por um Oficial da 5a. Repartição do QG daquela RM, que procurou reconstruir aquela célebre batalha em 27 de Setembro de 1810.

## O NOVO PRESIDENTE DO NATIONAL ARMY MUSEUM, Chelsea (Londres)

Por falecimento, ocorrido em Outubro de 1979, do Field Marshal Sir Gerard Templer, foi nomeado Presidente do Comité Executivo deste importante Museu inglês o General Sir Jack Harman, GCB, OBE, MC.

Este Oficial General iniciou a sua carreira nos "Queen's Bays" em 1940 e foi condecorado com a "Military Cross" em 1943.

Ligado, desde há alguns anos, às actividades do Museu, primeiro na qualidade de Comandante da Academia Real Militar de Sandhurst, onde aquele foi fundado, e mais tarde, como Ajudante-General, serviu no Conselho do Museu.

Em 1958, era vice-Presidente do Comité Executivo.

A data da sua nomeação para Presidente era delegado no Comando Supremo-Aliado na Europa, mas, como tantos outros homens ocupados, ainda conseguiu tempo disponível para trabalhos em benefício do Museum.



#### DOS AÇORES — EXÉRCITO "ATUM 80"

Dentro do programa definido a nível nacional pelo EMGFA, decorreram nos Açores, entre 14 e 18 de Abril, exercícios militares com o nome de código "ATUM 80" que envolveram equipamentos e efectivos dos três ramos das Forças Armadas instaladas naquele Arquipélago, num total de 900 homens.

Cuidadosamente preparado desde há algum tempo, este exercício desenrolou-se nas ilhas de S. Miguel e Santa Maria e teve como objectivos o aperfeiçoamento operacional a todos os níveis e o desenvolvimento da coordenação e cooperação inter-ramos.

#### EXERCÍCIO "OPEN GATE 80"

Dentro do mesmo programa de exercícios conjuntos e combinados, e no âmbito do Comando da Área Ibero-Atlântica (COMIBERLANT) que, como se sabe, engloba a ilha da Madeira, decorreram no período de 24 de Abril e 1 do corrente diversos exercícios de treino operacional na Zona de Acção daquele Comando da NATO. Participaram, pela primeira vez, forças terrestres constituídas por uma Companhia de Comandos e por um Comando de Agrupamento Tático, uma Companhia de Atiradores (-), uma Bateria de Artilharia Antiaérea (-) e um Pelotão de PE da Zona Militar da Madeira.

#### NOVOS EQUIPAMENTOS

Para o Exército:

Prosseguindo o plano de reequipamento do nosso Exército, e no quadro do auxílio dos países da NATO a Portugal, estão a ser distribuídas às Unidades da 1.ª BMI algumas dezenas de viaturas Mercedes "L508DGMA/29, oferecidas pela República Federal Alemã. Entretanto, e com encargos de aquisição a suportar por Portugal, está prevista para breve a chegada de mais viaturas deste tipo que, com o Unimog "U1 300L", ficarão a constituir a nova classe de 2 ton.

Para a Força Aérea:

Oferecidos também pela RFA, chegaram no dia 15 de Abril a Alverca 12 aviões "FIAT G-91" que se destinam a aumentar a operacionalidade da nossa Força Aérea e a melhor desempenho nas missões que lhe são atribuídas, nomeadamente no âmbito da NATO.

#### 30. FESTIVAL DE BANDAS MILITARES

A repetir-se o êxito dos anos anteriores, como aliás se espera, este ano caberá a vez à cidade de Coimbra de vibrar com a actuação das Bandas Militares.

O festival terá lugar nos dias 25, 26 e 27 de Junho próximo, com o seguinte programa:

— nos dias 25 e 26, à noite, serão executados concertos sinfónicos pelas Bandas da Armada, Exército, Força Aérea, Guarda Nacional Republicana, Guarda Fiscal e Polícia de Segurança Pública.

— em 27, pelas 21 H30, terá lugar, no Estádio Municipal de Coimbra, um grande "tattoo" militar, presidido pelo General CEMGFA, General Ramalho Eanes, espectáculo que contará com a participação de, além daquelas seis bandas, de representações da Armada, Exército, Força Aérea e G.N.R.

#### "MAIS ALTO" FEZ ANOS

Nascido em Abril de 1959, este Órgão de Informação da Força Aérea acaba de completar 21 anos de existência. Após o seu reaparecimento em 1978, o "MAIS ALTO" tem vindo a melhorar de mês para mês quer no aspecto gráfico quer na temática apresentada.

O "Jornal do Exército" saúda todos quantos têm contribuído para os êxitos alcançados e augura ao "MAIS ALTO" longa e profícua actividade em prol da Força Aérea e das Forças Armadas em geral.

#### EFEVEREIRAS MILITARES

##### MAIO

— 1 DIA MUNDIAL DO TRABALHADOR

1511 — Afonso de Albuquerque conquista MALACA

1811 — 3. COMBATE DE FUENTES DE OÑORO entre o Exército anglo-luso e as tropas francesas (Guerra Peninsular).

1877 — 4. Inauguração, no Buçaco, do monumento comemorativo da BATALHA DO BUÇACO de 27 de Setembro de 1810.

1710 — 7. São publicados "42 ARTIGOS DE GUERRA", espécie de Código de Justiça Militar.

— 8. DIA MUNDIAL DA CRUZ VERMELHA

1444 — GONÇALO VELHO descobre a ilha de S. Miguel (Açores)

1945 — 9. Fim da II GUERRA MUNDIAL

1707 — São criados os SERVIÇOS DE INTENDÊNCIA por um regimento do provedor do Exército.

1897 — COMBATE DE MONAPO entre uma pequena força, na maioria constituída por auxiliares, sob o comando de CAP. EDUARDO COSTA, e os rebeldes de Morave (Moçambique).

1919 — 10. A ESCOLA DE GUERRA passa a denominar-se ESCOLA MILITAR

— 11. DIA DO REGIMENTO DE INFANTARIA DE BEJA

1809 — Trava-se a BATALHA DE GRIJÓ entre forças anglo-lusas e as tropas de Solt, na região do Douro.

— 12. DIA DO REGIMENTO DE ARTILHARIA DA SERRA DO PILAR

1809 — O exército anglo-luso atravessa o Douro e ocupa PORTO, evacuado pelos franceses.

1809 — 14. COMBATE DA PONTE DE ALCANTARA sustentado pela Leal Legião Lusitana.

— 16. DIA DO REGIMENTO DE INFANTARIA DAS CALDAS DA RAINHA

1834 — BATALHA DA ASSEICEIRA, a última batalha da guerra civil que, por longos anos, assolou o País, opondo exércitos de D. Pedro e os de D. Miguel.

1811 — BATALHA DE ALBUERA (Espanha). Uma das mais renhidas e sangrentas da Guerra Peninsular, onde a Brigada Portuguesa actuou por forma brilhante e decisiva.

— 19. DIA DO REGIMENTO DE INFANTARIA DE TOMAR

1498 — A armada de VASCO DA GAMA aporta a CALICUT (Índia).

1806 — As Unidades Militares passam a designar-se por números.

1449 — 20. BATALHA DE ALFARROBEIRA na qual perdem a vida D. Pedro, duque de Coimbra e D. Álvaro Vaz de Almada.

1179 — 23. O Papa Alexandre III reconhece Afonso Henriques como Rei de Portugal.

1529 — 24. Doação a Portugal das Terras de Lourenço Marques pelo imperador de Monomota.

— 25. DIA DO INSTITUTO MILITAR DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

1911 — É organizada a OBRA TUTELAR E SOCIAL DO EXÉRCITO DE TERRA E MAR, hoje, Instituto Militar dos Pupilos do Exército.

1644 — 26. BATALHA DO MONTIJO, primeira Guerra da Restauração. Os portugueses, comandados por MATIAS DE ALBUQUERQUE, desbarataram os espanhóis que eram comandados pelo barão de Mollinguen, General alemão ao serviço de Espanha.

1834 — 27. Assinatura da CONVENÇÃO DE ÉVORA-MONTE pondo termo às lutas entre liberais e absolutistas.

1482 — 28. É erguido o PADRÃO DE S. JORGE por DIOGO CÃO, junto às margens do rio Zaire e à orla marítima do Atlântico.

1814 — 30. É celebrado o TRATADO DE PAZ que põe termo à Guerra Peninsular.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

## CURSO DE FORMAÇÃO DE SARGENTOS

CONCURSO DE 28/4 a 27/5

- Inicia-se em 1Set80 na Escola de Formação de Sargentos (Lamego), o 8.º Curso de Formação de Sargentos do QP do Exército, ao qual podem ser admitidos os sargentos de complemento e as praças que, após o cumprimento do serviço militar obrigatório, estejam no serviço efectivo ou na situação de disponibilidade e tenham:
  - menos de 26 anos de idade em 31Dez80 e altura mínima de 1,60;
  - no mínimo o ciclo preparatório do ensino liceal ou equivalente ou Curso de Auxiliar de Laboratório Químico para os destinados ao ramo farmacêutico.
- O concurso de admissão documental decorre de 28Abr a 27Mai80.
- As informações complementares sobre o curso poderão ser obtidas, pelos interessados, em qualquer unidade ou estabelecimento militar do Exército.

# UM OPÚSCULO CURIOSO DE AFONSO DO PAÇO "AS GÍRIAS MILITARES PORTUGUESAS"

*Há algumas semanas, por razões profissionais, tivemos de receber e acompanhar, em Lisboa, dois categorizados professores catedráticos estrangeiros, especialistas na expansão luso-espanhola. Frédéric Mauro, veio de Paris, e Francisco Morales Padron, de Sevilha, ambos para participarem numa mesa redonda organizada pela RTP, sobre as características da expansão portuguesa e espanhola nos séc. XVI, XVII e XVIII. Tal iniciativa, que se insere na programação que a nossa televisão vai dedicar ao Ano Camões, contou ainda com a colaboração do professor português Victorino Magalhães Godinho.*

Por NUNO VASCO

Recebemos o professor Morales Padron — que não conhecíamos pessoalmente — no aeroporto de Lisboa. Foi um encontro desde logo informal, pois havíamos combinado como ponto de referência o simples balcão de informações que a Direcção Geral de Turismo mantém à saída da aerogare.

Morales Padron pediu-me então que o conduzisse à Baixa lisboeta, pois gostaria de visitar algumas livrarias de livros "vierros".

Eram onze horas da manhã e o Chiado, iluminado e aquecido por um agradável sol de Inverno, regurgitava de pessoas que tanto subiam a Rua do Carmo como desciam a Rua Nova do Almada ou se perdiam em transversais como a Rua Ivens ou a Serpa Pinto.

"O que é curioso é que nos sentimos aqui como em casa. Como em Espanha..." — dizia-me Morales Padron enquanto o conduzia, zigzagueando, por entre a gente que circulava até à porta da Livraria Portugal.

Entrámos. Só que a Livraria Portugal já não possui, no seu terceiro andar, como há uns anos atrás, a secção especializada de livros antigos. E é pena. Todavia, Morales Padron gostou de ver os azulejos, azuis e brancos (pombalinos?) que ainda ornamentam as escadas do velho edifício.

## DO CORAÇÃO DO CHIADO AO BAIRRO ALTO

De novo na rua, subimos bem até ao coração do Chiado: passámos em frente da Brasileira e detivemo-nos, um pouco, face à estátua do Poeta que o escultor quis conceber no equilíbrio permanente do banco em que o sentam. Depois rumámos para o Largo de Camões, deixando à nossa esquerda, na rua do Alecrim, os belos frescos dos textos e das paredes do Palácio

Quintela e o admirável grupo esculptórico de Eça de Queirós com a Verdade. Assim: "sobre a nudez crua da Verdade o manto diáfano da fantasia".

Em pleno Bairro Alto sabia que Morales Padron iria encontrar o que queria: os seus livros "vierros". É que num primeiro andar da Travessa da Queimada, uma das mais largas mas não menos sombrias artérias do característico Bairro localiza-se, desde há anos, a Livraria Histórica e Ultramarina.

Idos do Largo da Misericórdia, Morales Padron e eu próprio pisámos algumas centenas de metros daqueles paralelepípedos

cmzentos que forram as ruas do Bairro Alto, até atingirmos a porta da Histórica e Ultramarina.

Subimos as escadas: o meu convidado primeiro, eu depois. Entrámos na Livraria, e Morales Padron, virando-se para mim, exclamou, deslumbrado: "mas es una maravilla". E é-o, de facto.

A pequena sala da Livraria Histórica e Ultramarina merece uma visita mesmo de parte de quem não queira comprar livros ou gravuras antigas. Basta ter-se um certo sentido estético para se gostar de entrar ali e poder admirar, cobrindo as paredes, de alto a baixo, algumas das mais belas en-

Tenente AFONSO DO PAÇO

## Gírias Militares Portuguesas

- a) Mais gíria de caserna  
b) Linguagem da corneta e do clarim

Separata da «Revista Lusitana», vol. XXIX

PÓRTO  
IMPRESA PORTUGUESA  
Rua Formosa, 116  
1932

cadernações que, ao longo de muitos anos, saíram das mãos de artífices encadernadores, portugueses e estrangeiros.

O certo é que ali, Morales Padron fez algumas compras que lhe interessavam: livros — antigos, como já se disse — sobre a América Latina, as Canárias e a própria Cidade de Sevilha, onde actualmente trabalha, no Arquivo Histórico Ibero-Americano.

Mas também eu fiz algumas compras. Falarei, particularmente, de uma. Trata-se de um velho opúsculo, da autoria do então Tenente Afonso do Paço, com o sugestivo título de "Gírias Militares Portuguesas". São dezasseis páginas, impressas em 1932, nas Oficinas da Imprensa Portuguesa, sitas na Rua Formosa, 116, no Porto. Trata-se, além do mais, da separata do XXIX volume de Revista Lusitana, e tem a assinatura do autor.

### UMA VOZ NO DESERTO...

A abrir o opúsculo, como nota prévia, escreve Afonso do Paço que "se inserem nas páginas seguintes mais umas dezenas de Vocábulos de Gíria" para juntar aos que coligira nas "Gírias Militares Portuguesas" editadas alguns anos antes (em 1926) por Edição Maranus, também do Porto, e que se encontrava esgotada.

"A etnografia militar é um filão ainda pouco explorado — escrevia Afonso do Paço — direi melhor, quase nada explorado, dos etnógrafos portugueses, que, tendo estudado em todos os seus ramos a etnografia civil, deixaram de lado a tropa, certamente por nenhum deles envergar a farda, nos tempo que vão correndo."

Não era sem uma certa tristeza que o autor referia esta situação a ponto de encerrar a nota de abertura do opúsculo dedicado à "mais gíria de caserna" e à "linguagem da corneta e do clarim" da seguinte forma:

"Novo apelo lanço aqui aos meus camaradas, para que me secundem nesta obra encetada, fazendo votos para que desta vez não seja, como em 1926, voz no deserto".

Os anos passaram. Não conhecemos trabalho que complete o que foi realizado por Afonso do Paço. O seu apelo parece não ter sido escutado. Continuou a ser... voz no deserto. Em nossa homenagem ao seu espírito de investigador, aqui fica a transcrição de algumas passagens da "gíria militar" por si recolhida neste opúsculo.

Se Morales Padron não tivesse estado em Lisboa e não tivéssemos ido com ele a uma livraria de "vierros", provavelmente não encontraríamos este curioso livro. Mas, felizmente, ainda há manhãs em que é possível o encontro com a História e com a cultura.

### ALGUMA GÍRIA

**Ajudante (sargento...)** — A raspadeira, por ajudar, raspando, a desfazer qualquer erro de escrita.

**Aranhas** — Soldados de telegrafistas (telegrafia-por-fios), por terem como emblema um castelo com raios, que se semelha em muito ao corpo e pernas daquela aracnídio.

**Arre-macho (companhia do...)** — Companhia de condutores em qualquer unidade apeada, por ser adstrita a ela que estão os animais de tiro e tracção.

**Bacalhau** — Demarcação feita na carta de Estado-Maior, do terreno em que terá de operar o candidato na prova de campo de exame para general e que tem a forma de um bacalhau, em razão do seu estreitamento para a base e alargamento na frente de batalha.

**Bacalhau (tirar o...)** — Tirar o ponto na prova de campo do exame para generalato.

**Balas** — Grão de bico do rancho que, sendo mal cozido, é intragável e duro como balas.

**Cadência (andar com tôda a...)** — Andar bem uniformizado.

**Cadete** — Soldado que goza de certas regalias, quer por ser estudante quer por ter certa protecção, e que ao mesmo tempo anda bem vestido.

**Macacos (aldeia dos...)** — Designação usada no Regimento de Telegrafistas para cognominar a Companhia da Formação do Comando, que tem gente adida de toda a parte e a mais heterogénea. Alusão à *aldeia dos macacos* do Jardim Zoológico.

**Major (ir para o...)** — Morrer.

**Mocas** — Tambores e corneteiros, por os primeiros usarem baquetas (as mocas) para tocar nos tambores.

**Padeiro** — Mau cavaleiro.



**Retrato (ir tirar o...)** — Comparecer à formatura da Parada da Guarda por se estar detido no quartel. As praças detidas formam com a parada, ao lado do pessoal de serviço.

**Vinagreira** — Estado-Maior do Exército, porque os assuntos levam lá tanto tempo a resolver, que até azedam. (De um oficial do E. M. E.).

### LINGUAGEM DA CORNETA E DO CLARIM

A corneta e o clarim, que são as vozes do Regimento, também têm a sua fala, também têm a sua gíria.

Ao seu apelo ninguém, se exime, ao seu chamamento ninguém falta porque lá está o Regulamento para punir os culpados.

Nós rimo-nos da *Tropa de vento*, mas os seus instrumentos são bem a

"...tuba carona e belicosa

"Que o peito acende e a côr do gesto muda".

Ao seu som, à sua passagem nas ruas à frente do Regimento, tudo vai ver os militares.

Cada Unidade tem o seu *signal* que a distingue entre todas a outras. Esse toque traduz-se muitas vezes por uma cantilena:

Infantaria no. 1:

*Quem quer rancho assenta praça!*

Alusão a que nesta Unidade havia muitos voluntários.

Cavalaria no. 1:

*Quem se rala morre cedo!*

Cavalaria no. 2:

*Eu ralei-me e não morri!*

Cavalaria no. 3:

*Ó ladrão que fostes às uvas!*

Cavalaria no. 4:

*Cá está a gaiola de Belem!*

Cavalaria no. 5:

*O 5 sempre foi correccional!*

Cavalaria no. 10:

*Este é o de pau e bola!*

Forte da Graça:

*Se não fosses malandro não estavas aqui!*

Alusão a que, para o Forte da Graça, em Elvas, só vão os condenados por delitos militares.



## INDEPENDÊNCIA DO ZIMBABWE-RODÉSIA

No dia 18 de Abril a Rodésia, antiga colónia britânica, tornou-se no mais jovem país africano com o nome de Zimbabwe. Este Estado, em que a maioria negra se encontra no poder, tem como primeiro Presidente da República um pastor metodista, o reverendo Canaan Banana, antigo preso político.

Banana foi o único candidato apresentado, e foi proposto por um grupo de dez deputados, entre os quais o primeiro-ministro Robert Mugabe.

Embora inicialmente aliado do anterior primeiro-ministro, o futuro Presidente do Zimbabwe cortou com Muzorewa quando este começou a colaborar com a minoria branca. Declarando-se então partidário da ZANU de Robert Mugabe, Canaan Banana esteve duas vezes preso devido às suas actividades políticas.

A transferência da soberania, assegurada pelo príncipe Carlos, efectuou-se num estádio de Salisbury sendo hasteada a bandeira da República do Zimbabwe. Este dia não foi perfeitamente calmo, verificando-se alguns incidentes de que resultaram 2 mortos e trinta feridos.

A República do Zimbabwe terá que enfrentar

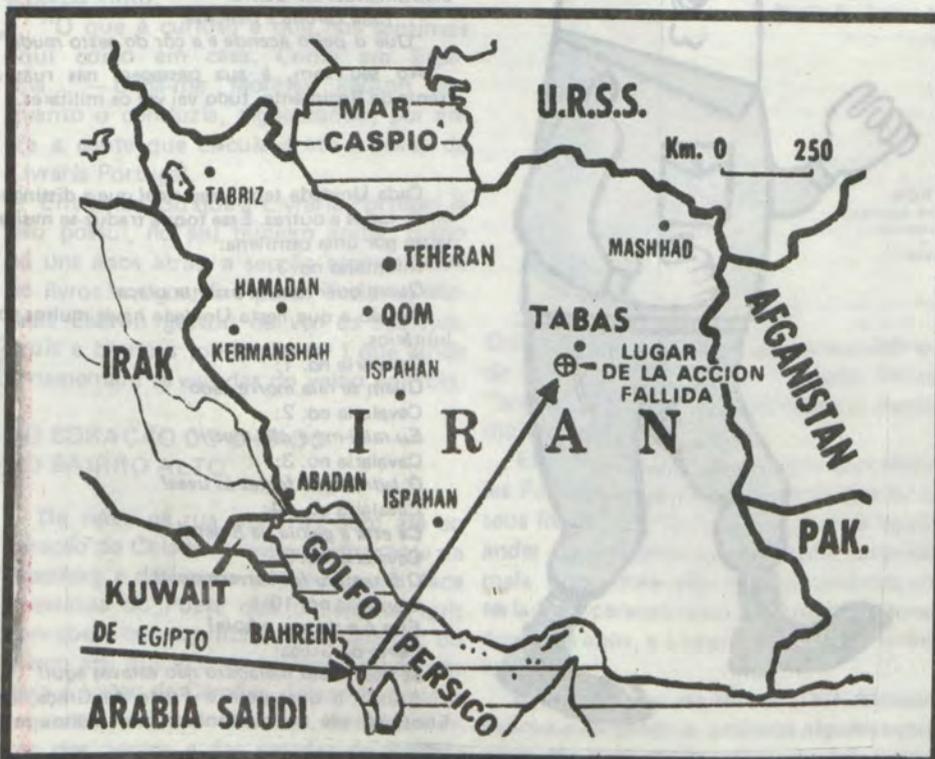


ainda duros problemas, tanto a nível económico, com o país devastado pela guerra, como a nível social e político.

O primeiro-ministro rodesiano e a sua futura actuação política continuam a ser uma incógnita. Qual das suas duas linhas prevalecerá?

A da ortodoxia marxista dos tempos da guerrilha ou a linha pragmática de grande abertura aos brancos, iniciada após a vitória eleitoral?

Por enquanto temos como certa a vitória da Grã-Bretanha, que terminou com êxito, após quinze anos, a descolonização.



## REFÊNS AMERICANOS EM TEERÃO: "BLITZ" QUE REDUNDOU EM FRACASSO

Na manhã de 25 de Abril o mundo foi surpreendido com uma declaração do Presidente Carter, perante as câmaras da televisão norte-americana, assumindo-se como único responsável pelo desencadeamento de uma operação para libertar os reféns detidos em Teerão e que fora interrompida devido a um grave acidente ocorrido durante o seu desencadeamento.

O Grupo Delta — designação de código de um corpo de voluntários especialistas treinados para acções de comandos — que vinha a ser preparado desde há muito para a operação, tivera de recolher ao porta-aviões onde era esperado apenas no final e já com os reféns. A avaria de alguns helicópteros e a colisão de um deles com um avião C-130 — de que resultaram oito mortos e quatro feridos — levou Carter a anular a acção empreendida e a anunciar ao mundo o que sucedera.

Tinha sido completa a surpresa do seu desencadeamento, o que conduziu às reacções mais diversas de todos os governos: desde a aberta condenação até à compreensão e apoio ao governo norte-americano, a tudo se assistiu. Porém, ainda não são claras as razões do insucesso: colisão acidental do helicóptero e do avião; intervenção da força aérea iraniana que detectara a operação desde o seu início; ou interferência das comunicações pelos satélites so-

viéticos? Ao certo resta a continuação do cativoiro dos diplomatas norte-americanos que se encontram em tal situação há mais de meio ano. Como medida de segurança foram dispersos por várias cidades para dificultarem operações do tipo da que ultimamente fora desencadeada.

De certo modo, corresponde ao insucesso norte-americano da "Baía dos Póccos", não conseguindo o "Grupo Delta" o êxito das duas acções anteriores, empreendidas pelos israelitas em Entebe e os alemães em Mogadíscio, que tiveram como objectivo a libertação de reféns.

As consequências do que se passou far-se-ão sentir a curto prazo, mas não de projectar-se certamente nas relações da Europa com os Estados Unidos, na reacção dos países árabes, bem como no próprio Irão e na sorte dos prisioneiros dos estudantes de Khomeiny.

## ITÁLIA: ULTRAPASSADA MAIS UMA CRISE GOVERNAMENTAL

A Itália viveu uma nova crise governamental durante a qual caiu o 38.º governo do pós-guerra e se formou o 39.º, sob a direcção de Francesco Cossiga.

Esta crise foi uma das mais curtas da já longa história governamental italiana, e a este êxito de Francesco Cossiga não é com certeza estranha a actuação do PSI.

De facto, este partido, que há seis anos não participava no governo por defender a tese da impossibilidade de governar sem o PCI, e que tinha feito cair o anterior governo minoritário, deu uma surpreendente reviravolta ao participar num governo de coligação com os democratas-cristãos e os republicanos.

Desta maneira, Francesco Cossiga conseguiu formar um governo que conta com a maioria nas duas Câmaras, tendo 340 dos 630 lugares do Parlamento e 176 dos 315 do Senado, sendo aprovada neste uma noção de confiança ao seu governo quando pela primeira vez se apresentou ao Parlamento.

As dificuldades deste governo serão com certeza o terrorismo urbano (e ainda recentemente foi ferido, por guerrilheiros arménios, o embaixador turco na Santa Sé), e as eleições regionais onde a democracia-cristã se deve sentir do desgaste governamental em favor dos sociais-democratas, e onde também o PSI corre o risco de ver diminuída a sua influência em virtude das cedências feitas dos democratas-cristãos, enquanto o PCI poderá conquistar mais votos.

## CUBANOS TENTAM DEIXAR O PAÍS

Depois de um reduzido número de cubanos haver arrombado o portão da embaixada do Peru, e tentado fazer o mesmo na da Venezuela para obter asilo diplomático, um grande número se dirigiu à embaixada peruana procurando sair do país, nela se chegando a reunir para cima de dez mil pessoas.

Na sequência da retirada dos guardas cubanos da embaixada, como represália pelo acolhimento dos refugiados, o número de pessoas aumentou ainda mais, tendo para isso contribuído também a declaração do governo de Cuba de permitir a partida dos refugiados para países que os acolhessem. O elevado número de refugiados cedo prejudicou a assistência sanitária e alimentar indispensável, em breve se atingindo péssimas condições de vida.

O Peru, que desde logo se mostrou disposto a receber um número limitado, conseguiu obter, numa reunião do Pacto Andino, a colaboração dos seus parceiros sul-americanos. Ao mesmo tempo, Robles Piquer, subsecretário de Estado espanhol dos Negócios Estrangeiros, comunicou



a possibilidade da Espanha acolher também alguns desses refugiados.

O eclodir desta crise na capital cubana mostra que algo corre mal no que diz respeito à homogeneidade e unidade da sociedade revolucionária de Fidel Castro.

Simultaneamente começam em Havana as manifestações pró-governamentais, assumindo por vezes carácter violento contra os "delinquentes" como o governo de Cuba considera os refugiados.

## ASSASSÍNIO DE D. OSCAR ROMERO

D. OSCAR ROMERO, chefe da hierarquia católica de S. Salvador, foi assassinado no momento em que acabava de celebrar missa na igreja da Santa Providência.

O "arcebispo dos pobres" tornou-se notado, não só em S. Salvador, como em toda a América Latina, como um prelado de combate, pelas suas constantes interpelações aos governantes pelas arbitrariedades e corrupção do regime salvadorenho. Na última homilia, D. Oscar Romero tinha pedido ao governo para "em nome de Deus" fazer cessar a repressão, exortando os soldados a não obedecerem a ordens de morte.

Este eclesiástico, cujo nome foi indicado para o prémio Nobel, tomado por muito tempo por um moderado, foi levado pela situação reinante a tornar-se um prelado de combate, "a voz dos sem voz".

No Domingo de Ramos, a violência reinou de novo em S. Salvador. Durante as exéquias do arcebispo Romero, rebentaram sangrentos incidentes entre a polícia e militantes de extrema-esquerda.

Desde manhã que numerosa multidão se



reunia em silêncio na praça fronteiria à catedral onde se encontrava o corpo de Monsenhor Romero. O drama eclodiu quando um grupo de militantes esquerdistas tentou entrar na praça, transportando coroas de flores e um dístico com a inscrição: "a Junta e a oligarquia mataram Monsenhor Romero", sendo alvejados pelas autoridades policiais.

O tiroteio e o pânico gerado entre a multidão foram os responsáveis pelo grande número de vítimas, cujos corpos foram depois depositados na catedral.

## CONFLITO ISRAELO-LIBANÉS

Forças israelitas invadiram o Sul do Líbano em represália por um ataque de guerrilheiros palestinos a uma aldeia fronteiriça israelita.

Segundo o Ministro da Defesa israelita, Ezer Weizman, as tropas israelitas não pretendem manter-se permanentemente no Sul do Líbano, e retirariam mal terminassem a sua missão que tem por objectivo impedir a continuação de ataques dos guerrilheiros aos colonatos israelitas.

Os israelitas consolidaram as suas posições e auxiliaram as milícias cristãs do Major Saad Haddad a patrulhar o seu enclave. Pensa-se que os israelitas construíram instalações de defesa e observação que mais tarde poderão ser controladas pelas milícias cristãs.

As forças da ONU estacionadas no Líbano comunicaram, entretanto, que Israel tinha efectuado incursões aéreas no território por elas controlado. Israel pretende, no entanto, que as suas incursões aéreas na aldeia de Kounine, controlada pelo batalhão irlandês da UNIFIL, tinham sido motivadas pelo facto de considerarem esta zona como fazendo parte do enclave cristão, uma vez que a sua população tinha pedido a entrada das forças de Saad Haddad.

Reuniu-se em Belgrado a Conferência Sindical Mundial, na sequência da convocação decidida na reunião dos chefes de Estado dos países não alinhados, em 1976. Os sindicatos mais importantes do Ocidente negaram-se a tomar parte nas deliberações, destacando-se a ausência dos sindicatos da República Federal Alemã, dos Estados Unidos, dos países escandinavos, belgas, britânicos, etc. Trata-se da conferência sindical mais ampla nos últimos trinta anos. Contrariamente ao que fora proposto pelos seus organizadores, rapidamente se converteu numa forma da política de blocos: os euro-mísseis, a intervenção soviética no Afeganistão e a crise do Médio-Oriente projectaram as suas sombras nos debates deste congresso.

Enrico Berlinguer, secretário-geral do Partido Comunista Italiano (PCI), visitou recentemente a China procurando normalizar as relações entre o PCI e o PC chinês.

Berlinguer tornou-se assim o primeiro dirigente eurocomunista a visitar a China oficialmente desde o corte de relações sino-soviético dos anos sessenta.

O secretário-geral do PCI teve, no entanto, o cuidado de salientar que os contactos com os dirigentes chineses não se dirigiam "contra ninguém, ou contra qualquer partido comunista".

Morreu, após breve doença, o filósofo francês Jean-Paul Sartre, que foi um dos mais reputados filósofos contemporâneos e grande expoente da escola existencialista.

Se bem que tendo uma actuação política polémica, o que o levou a sofrer duras críticas, mesmo dos que o seguiam, Sartre teve, sem dúvida, uma nítida influência na sua geração.



# PRIMEIRA BRIGADA MISTA INDEPENDENTE

Todas as Unidades Militares têm um dia especialmente festivo em que abrem as suas portas para receberem outros militares e seus familiares e amigos numa manifestação que patenteia um pouco do seu espírito de corpo, coesão e vivência diária.

A PRIMEIRA BRIGADA MISTA INDEPENDENTE, herdeira que é das tradições e do património da 3a. DI-Unidade criada em 1953 para satisfazer os compromissos do Exército com a OTAN — conservou o seu Patrono, essa figura histórica que constitui exemplo das virtudes militares, o Condestável D. Nuno Álvares Pereira. E para DIA DA BRIGADA foi escolhido o dia 6 de Abril, que corresponde a uma data do maior significado na vida do seu Patrono e do nosso país — A BATALHA DOS ATOLEIROS, em 6 de Abril de 1385.

Este ano, devido à coincidência do dia 6 de Abril com o Domingo de Páscoa, o DIA DA BRIGADA foi comemorado a 11 de Abril. Pela segunda vez ele foi festejado com dignidade e fervor militar. E na semana que o antecedeu, quem se deslocou a Santa Margarida pôde assistir e participar num conjunto de iniciativas de carácter cultural, recreativo, desportivo e militar, que bem assinalaram tão relevante efeméride.

Assim, ao mesmo tempo que se disputava o 1o. TROFÉU DA 1a. BMI — prova de pentatlo militar aberta a todas as Unidades da Brigada aquarteladas ou não em Santa Margarida — e se proporcionavam 2 espectáculos da Orquestra ligeira do Exército, estava patente ao público uma exposição de fotografia, selos, caixas e carteiras de fósforos com motivos militares, e de miniaturas, na qual colaboraram civis e militares irmanados pelo desejo comum de colaborar e dignificar a comemoração do segundo dia da mais jovem e já bem apetrechada Grande Unidade do nosso Exército.

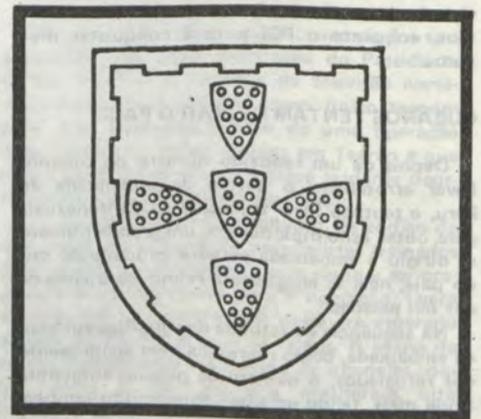
Estas actividades, que mereceram a presença de centenas de militares e civis, foram de tal forma relevantes que a elas teremos de dedicar algumas linhas em próximos números.

Mas o ponto alto das celebrações situou-se na sexta feira 11 de Abril. A elas associado, o Juramento de Bandeira dos Soldados Recrutados do 1o. Turno de 1980 em instrução no Regimento de Cavalaria de Santa Margarida, no Batalhão de Infantaria Mecanizado e no Campo de Instrução Mijitar. Às cerimónias presidiu o Gen. C.E.M.E., estando presentes diversas entidades civis e militares, representantes de Órgãos de Soberania e da Chefia do



Exército, e, ainda, Adidos Militares estrangeiros acreditados em Lisboa, uma delegação da Unidade Britânica em instrução no Campo, numerosos Oficiais e Sargentos e muito público.

Recebido com honras militares, prestadas por uma CAAtMOto do 2o. BIMoto da Brigada, S. Exa. o General C.E.M.E. dirigiu-se para a pista de aviação onde, em



parada imponente, formavam, impecáveis, cerca de 4.000 homens pertencentes à 1a. BMI, sob o Comando do seu 2o. Comandante, Coronel MARQUILHAS. Depois de ter recebido a continência das Forças em parada, S. Exa. passou em revista a formação, após o que o Brigadeiro TOMÉ PINTO, Comandante da Brigada, proferiu uma alocução.

Principiando por agradecer a presença de todos os visitantes, e por caracterizar no tempo a situação vivida na época em que se desenrolou a Batalha dos Atoleiros, na qual foi bem demonstrada a vontade do nosso povo em ser livre e lutar por um Portugal independente, o Brig. TOMÉ PINTO referiu o facto incontroverso de hoje a 1a. BMI ser já uma realidade, com



quase 100% do seu efectivo em pessoal e, embora em menor percentagem, em material orgânico.

“É uma missão de natureza DEFENSIVA, o que não quer dizer que não nos imponha elevados padrões de conhecimento técnico e tático, pois só assim conseguiremos elementos válidos de dis-

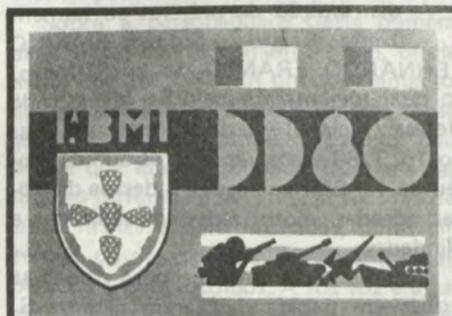


suasão” foi depois afirmado. “E dissuadir não é enganar, ou, pior ainda, enganar-nos, pois por dissuasão entende-se o resultado de um produto de dois factores: capacidade material e credibilidade”.

Depois de salientar os nossos acordos com a Comunidade Internacional e a responsabilidade decorrente da OTAN, à qual Portugal aderiu desde a primeira hora, o Comandante da Brigada lembrou a possibilidade da 1a. BMI, sem deixar de ser uma Unidade das Forças Armadas Portuguesas, cumprir missões não só de interesse nacional como internacional. Daí, a vantagem de contactos com exércitos aliados, que levarão à realização de exercícios táticos no Sul da Europa com o Exército Italiano a levar a cabo já no

corrente ano, nos meses de Setembro e Outubro. Trata-se do exercício DISPLAY DETERMINATION 80 que proporcionará a oportunidade de algumas centenas de militares portugueses porem à prova o seu elevado grau de prontidão, eficiência e disciplina, e estar assim a árdua e intensa mas também compensadora preparação de Santa Margarida.

As palavras finais foram dirigidas aos

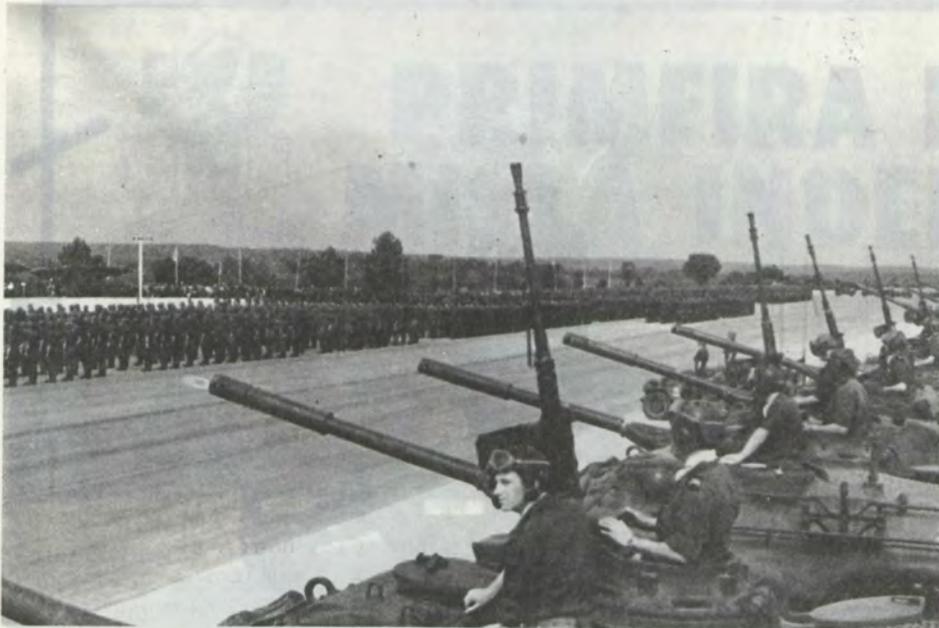


## DISPLAY DETERMINATION 80

“... vamos este ano pela primeira vez, desde há uma vintena, colaborar com outros Exércitos OTAN em exercícios táticos que terão lugar no Sul da Europa com o Exército Italiano.

Durante a fase de planeamento temos recebido o melhor apoio e há uma expectativa saudável quanto à nossa actuação, porquanto o nosso Exército, pela sua actividade anterior, merece de todos eles o maior respeito e admiração...”

(Da alocução do Comandante da Brigada, Brigadeiro TOMÉ PINTO)



que juraram Bandeira, cerca de 600 homens: "Hoje, mais conscientes ainda dos valores perenes da Pátria, que há que defender, podeis afirmar bem alto, com entusiasmo e sentido do dever, que não será por vós que Portugal e os Portugueses deixarão de ter orgulho naqueles que têm por tarefa defendê-lo, inclusive com o sacrifício da própria vida."

Após a leitura dos Deveres Militares pelo Ajudante-Geral da Brigada, seguiu-se o acto mais solene das cerimónias em que os Soldados Recrutados prestaram o seu Juramento segundo a fórmula regulamentar lida pelo 2o. Comandante da Brigada.

A distribuição de prémios ao homem 4.º da Brigada — Soldado MÁRIO FERNANDO FRANCO do 2o. BIMoto, ao qual foi entregue pelo Sr. Ministro da Defesa Nacional — aos melhores recrutas do 1o. T/80 e aos vencedores do 1o. Troféu da 1a. BMI antecedeu o desfile de tropas apeadas, motorizadas, mecanizadas e blindadas.

Durante cerca de uma hora, todas as tropas em parada desfilaram perante S. Exa. o C.E.M.E., na sequência: Comando e Companhia de Comando e Serviços, Companhia de Transmissões, Companhia de Engenharia, Grupo de Artilharia de Campanha, Batalhão de Apoio de Serviços, 1o. e 2o. Batalhões de Infantaria Motorizados, Batalhão de Infantaria Mecanizado, Esquadrão de Reconhecimento e Grupo de Carros de Combate, num total

de cerca de 600 viaturas, das quais 150 de lagartas e especiais, o que proporcionou a toda a assistência uma invulgar demonstração de prontidão e disciplina, base de preparação de um Exército moderno que acredita que uma guerra prolongada será pouco viável e que a vitória poderá decidir-se nos primeiros recontros, os verdadeiramente decisivos.

As pessoas presentes foram convidadas a visitar a já referida exposição e almoçar nas Unidades onde os militares tiveram instrução.



EM PRÓXIMOS NÚMEROS:

- Exposições e actividades desportivas.
- Cerimónias de entrega dos guiões do Batalhão de Infantaria Mecanizado e do Batalhão de Apoio de Serviços.



ROYAL HAMPSHIRE REGIMENT

No âmbito militar, e após contactos bilaterais entre Portugal e a Grã-Bretanha, foi autorizada a realização de treinos de tropas britânicas no nosso país no ano em curso.

A Unidade Britânica que iniciou este intercâmbio militar foi o 1o. Batalhão do ROYAL HAMPSHIRE REGIMENT que para o efeito deslocará a Santa Margarida 3 Companhias entre 2 de ABr e 20 MAI.

O Regimento encontra-se estacionado na República Federal Alemã fazendo parte das forças da OTAN.



# 6 DE ABRIL

# DIA DA BRIGADA



# TITO, O PERCURSO DO "PARTISAN"

Pelo Cap. Inf. JOSÉ M. DINIZ

Traçar o perfil de um homem que, como herança histórica, deixou todo um país que libertou, ergueu e foi consolidando ao longo dos últimos 35 anos, não é tarefa fácil.

Tito morreu e a sua morte tem feito gastar rios de tinta, sobretudo no tecer das conjecturas do que será a Jugoslávia depois dele. Deixemos, no entanto, o estudo destas perspectivas aos analistas da especialidade e vamos limitar-nos a rever o percurso deste velho lutador que, enquanto teve forças, até a morte foi mantendo em respeito.

Josip Broz, seu nome de nascimento, será, porém, pelo de Tito que ficará na História, nome este que adopta quando, em 1933, passa à clandestinidade para poder dedicar-se com maior segurança às suas actividades dentro da Jugoslávia, como dirigente do Partido Comunista Jugoslavo. Nasceu pobre e obscuro, de família de camponeses, na aldeia croata de Kumrovec, em 25 de Maio de 1892. Aprendeu o ofício de serralheiro e desde

muito cedo, como operário, manteve uma enorme actividade na implantação do sindicalismo e do comunismo no seu país. Combateu na I Guerra Mundial, como sargento do Exército Austro-Húngaro, tendo sido ferido e capturado pelos russos na frente dos Cárpatos. Como prisioneiro de guerra foi levado para a Rússia, onde assistiu à revolução de 1917. Até à II Guerra Mundial passou por diversas vicissitudes, conheceu a fome, a miséria, a prisão, a deportação e o exílio, mas nada lhe fez perder o entusiasmo de lutador e incentivador dos movimentos operários da Jugoslávia. No início de 1938, já como Chefe do Partido Comunista Jugoslavo, ainda na clandestinidade, actua em força na estruturação do partido dentro do país, e é a partir desta altura que, com a recusa da ajuda financeira estrangeira, se começa a delinear a independência político-ideológica em relação aos outros partidos comunistas.

Em 1941, Hitler ordena a invasão da Jugoslávia que depressa capitula e passa a

estar ocupada pelos exércitos alemão e italiano. É face a estes acontecimentos que Tito irá pôr à prova toda a sua capacidade organizadora e aglutinadora dos povos jugoslavos para a resistência ao invasor. Organiza a resistência, constituída por grupos de "partisans", assume o comando directo do Grupo Operacional, corpo de "partisans" bem treinado e enquadramento, a elite do então criado Exército de Libertação Nacional, embrião do futuro Exército Jugoslavo. A partir das montanhas do interior do país lança uma autêntica guerra de libertação contra os alemães e, simultaneamente, contra a ordem política anterior à invasão. Era a altura aprasada para lançar a revolução social e, para o conseguir, não hesita em combater um outro grupo de resistentes formado pelo que restava do desbaratado Exército Real Jugoslavo, comandado pelo Coronel Mihailovic. Apesar de algumas tentativas de congregação de esforços destes dois grupos na resistência aos ocupantes, o entendimento destes dois chefes não foi possível neste campo — no campo ideológico já estavam de lados opostos — e lançaram-se numa guerra civil, cujo desenrolar, aliado ao isolamento interno e externo de Mihailovic, acabou por ditar a sua derrota.

A determinação que pôs nesta dupla luta e o poder apreendedor de que era dotado, permitiram a Tito, a breve trecho, controlar vastas áreas do território, onde foi substituindo a velha estrutura governamental por novos *comités* nacionais.

Sobre a personalidade deste homem, demos a palavra a William Deakin, oficial inglês que em 1943 foi um dos elementos da primeira missão dos aliados que conseguiu estabelecer contacto directo com Tito e que lutou a seu lado durante a parte mais difícil da guerra: "...as suas feições eram firmes e bem marcadas, olhos cinzentos claros, directos, movimentos deliberados e bem medidos. A sua voz era calma, sempre no mesmo tom. (...) Ocasionalmente, quando a luta abrandava, Tito trocava algumas palavras comigo e explicava-me o que se estava a passar, o que os alemães estavam a tentar fazer e como é que ele lhes ia responder — tudo isto de uma forma muito clara e calma. Nunca se queixava ou recriminava nada. Tinha um sentido de humor muito seco, sempre presente".

Acabada a guerra e libertado o país, iniciou a sua reconstrução com base nas doutrinas socialistas, lançando um programa de industrialização com o fim de ultrapassar o caos económico. A sua grande autoridade e a confiança que o povo já nele depositava foram os factores fundamentais que contribuíram para a unidade da Jugoslávia na diversidade das várias nações que a constituem.

(Continua na pág. 50)

# A AMEAÇA É REAL

Discurso do Presidente do Comité Militar da OTAN, General Gundersen, por ocasião do Congresso da CIOR, realizado no Quartel-General da OTAN, em 1.º Fev. 80.

(In Vox n.º 6, de 14 Fev. - 80  
Trad. do Cap. Inf. JOSÉ M. DINIZ)

Minhas senhoras e meus senhores

As comunicações e comentários distribuídos por este Quartel-General não são destinados apenas aos políticos e aos especialistas militares.

Os cidadãos dos nossos países, que talvez estejam habituados, desde há muito, a considerar os seus direitos à liberdade e à paz como factos consumados, deverão também despertar a sua atenção. Seja como for, é animador constatar que a opinião pública, nestes últimos anos tem vindo a dedicar uma atenção enorme aos problemas da defesa, sendo disso testemunha, os numerosos artigos aparecidos nos meios de comunicação, mas devemos acautelar-nos para que os nossos problemas não se tornem tão absorvetes, evitando assim que nos façam perder todo o sentido da perspectiva...

Lembre-mo-nos que a OTAN, decorridos trinta anos, tem sido uma das tentativas melhor sucedidas, ao longo da História, para garantir a paz. Os nossos países têm destinado à Aliança nestes últimos anos grandes quantidades de homens, de material, de dinheiro e de talento, e este esforço não deve ser abrandado em período de crise económica, sob pena de perder a utilidade. Devemos dar sempre uma perspectiva real e diferenciada dos acontecimentos. Considero pois que é nossa obrigação informar a opinião pública dos factos mais marcantes. Factores como a duração da prestação de serviço militar, a proporção dos reservistas em relação às forças no activo, a qualidade de equipamento, os critérios de instrução, o suporte logístico, as capacidades de reforço, assim como outros aspectos menos concretos, nomeadamente a capacidade de comando, o moral e a motivação são, tanto uns como outros, elementos essenciais do problema.

Diria que, genericamente, devemos enfrentar uma nova situação nos primeiros anos da década de 80.

Os soviéticos alcançaram-nos em matéria de estratégia nuclear e, na minha opinião, ultrapassaram-nos mesmo no campo das armas nucleares tácticas. Despendem somas consideráveis para reforçar ainda mais a sua superioridade no que concerne ao armamento convencional... Possuem igualmente uma alarmante superioridade em matéria de armamentos químicos. Gostaria que todos ficassem bem cientes acerca do alto grau de qualidade do armamento soviético, que resulta directamente dos seus gastos em programas de pesquisa e de desenvolvimento. Doravante não podemos contrabalançar a grande quantidade de equipamentos de que dispõe o Pacto de Varsóvia. As "performances" da URSS no domínio do nuclear estratégico provam a que ponto os soviéticos estão determinados a atingir a superioridade neste domínio, propício ao emprego de enormes meios. Basta lançar uma vista de olhos pelas estatísticas para não restarem dúvidas a esse respeito.

Os russos já não procuram chegar à superioridade numérica, mas sim à superioridade quali-



tativa... Dos dois lados, trabalha-se nos aperfeiçoamentos tecnológicos, nos engenhos de ogivas múltiplas, na maior precisão dos armamentos, maior rendimento, aumento da mobilidade.

A nova geração dos mísseis continentais balísticos soviéticos são, de longe, mais perigosos que os seus predecessores.

O programa soviético poderá levá-los a uma capacidade excessiva, muito superior à necessária para a dissuasão.

Diria que o Ocidente dispõe ainda da possibilidade de evitar a ameaça suprema, a de aguentar um primeiro ataque; mas a nossa margem de segurança é sem dúvida mais diminuta do que há alguns anos e restringir-se-à ainda mais, enquanto a nova geração de armas americanas, como os mísseis estratégicos MX e os submarinos Trident, não se tornar operacional, no decorrer deste decénio. Apenas nos resta a esperança de que este estado de semi-igualdade possa ser mantido.

Esta situação torna-se, de facto, ainda mais clara se examinarmos o capítulo das forças nucleares de teatro de operações (TNF — Theatre Nuclear Field).

Nada nos leva a crer que os soviéticos estejam dispostos a diminuir os seus encargos com a defesa. Poder-se-à, aliás, afirmar que as economias realizadas no esforço estratégico estão a ser aplicadas nas armas convencionais e tácticas. É pela comparação das TNF que ressalta uma ameaça que raramente constitui questão nas negociações sobre a limitação dos armamentos. Esperamos que as decisões tomadas pelos ministros da OTAN, em Dezembro último, tenham a eficácia suficiente para fazer face a estes problemas.

Estas medidas afirmam-se necessárias, mas não podem, a curto prazo, alterar coisa alguma

na nossa política fundamental de defesa, dissuasão e "detente"... Lembro-vos também que as propostas de negociações por parte da OTAN sobre o controlo dos armamentos permanecem letra morta. A capacidade de equipamento convencional da OTAN em relação ao do Pacto de Varsóvia tornou-se desde há alguns anos o motivo principal de preocupação dos comandantes da OTAN. A causa é simples: os nossos países não têm consagrado meios suficientes para a defesa, e isto desde há muito tempo.

Do balanço dos armamentos convencionais, transparece claramente que a capacidade de reforço é, de um lado e de outro, um ponto crítico.

Os soviéticos têm, à partida, várias vantagens. O grosso das suas tropas encontra-se já a oeste do Volga. Eles podem portanto preparar as suas forças para o cenário à sua escolha, indo do ataque de surpresa até ao completo desenvolvimento, após uma mobilização geral. Nestes últimos anos, eles têm testado largamente as suas possibilidades de reforço. A sua capacidade, fortemente aumentada, de transporte de grandes unidades por meios aéreos é disso um exemplo.

A invasão do Afeganistão é uma prova evidente dessa capacidade que reduz os tempos de aviso de um ataque eventual. O prazo de reforço é precioso e essencial para a OTAN, seja qual for o cenário de operações. É vital que os nossos governos façam questão de utilizar o tempo de aviso de que dispõem, aqueles que dele dispõem, a fim de socorrer, o mais depressa possível, as nossas tropas em formação de combate ou a chegar, a partir do momento em que são informados do alerta.

Posso assegurar-vos que os comandos militares, a todos os níveis, não perdem nenhuma ocasião de dar aos seus dirigentes políticos os indícios precursors de uma ameaça. Sempre afirmei, muito claramente, que a capacidade de reforço não é apenas uma questão de número; muitos factores variáveis e desconhecidos impedem que se refiram cifras realmente significativas.

Antes de mais, a palavra reforço não quer dizer necessariamente a mesma coisa para toda a gente. Para alguns países da OTAN, ele consiste sobretudo em mobilizar os reservistas para o completamento dos efectivos operacionais das Unidades existentes. Isto pode fazer-se com a maior rapidez, particularmente na Alemanha Ocidental, que é igualmente capaz de mobilizar Unidades de defesa territorial com um efectivo total de cerca de meio milhão de homens. Encontramos, evidentemente, estas unidades de defesa territorial noutros países onde constituem, por vezes, o grosso das forças que são empregadas nas zonas ameaçadas. Neste contexto devo frisar a importância vital das nossas forças de reserva. A sua disponibilidade em tempo útil e em número suficiente, assim como a sua qualidade em todos os aspectos, são as condições essenciais para uma defesa com êxito. Mas muitos países da OTAN ainda não fizeram

este esforço e as suas forças de reserva não satisfazem os índices impostos pela Aliança...

A maior quantidade de tropas de reforço deve vir, em qualquer situação, do exterior, principalmente da América do Norte. Não nos devemos esquecer nunca de que o Atlântico é a nossa artéria vital e que a primeira tarefa do SACLANT é garantir a chegada de reforços ao SACEUR. Há a possibilidade de elevadas perdas durante a travessia. Porém, estas forças de reserva constituem o pano de fundo duma superioridade real, para as duas forças em presença. O que interessa, acima de tudo, são as tropas que dos dois lados podem ser empenhadas e, por parte da OTAN, de poder dispor de forças suficientes para conduzir com êxito a defesa.

Os russos estão perfeitamente conscientes das vastas possibilidades navais que o seu poderio lhes proporciona. Eles têm procurado a simpatia dos Estados da África mediterrânica, das costas atlânticas e indianas. Tudo isto altera os dados da geo-política, e os nossos políticos, bem como os nossos peritos, devem velar para que não soframos grandes recuos neste domínio.

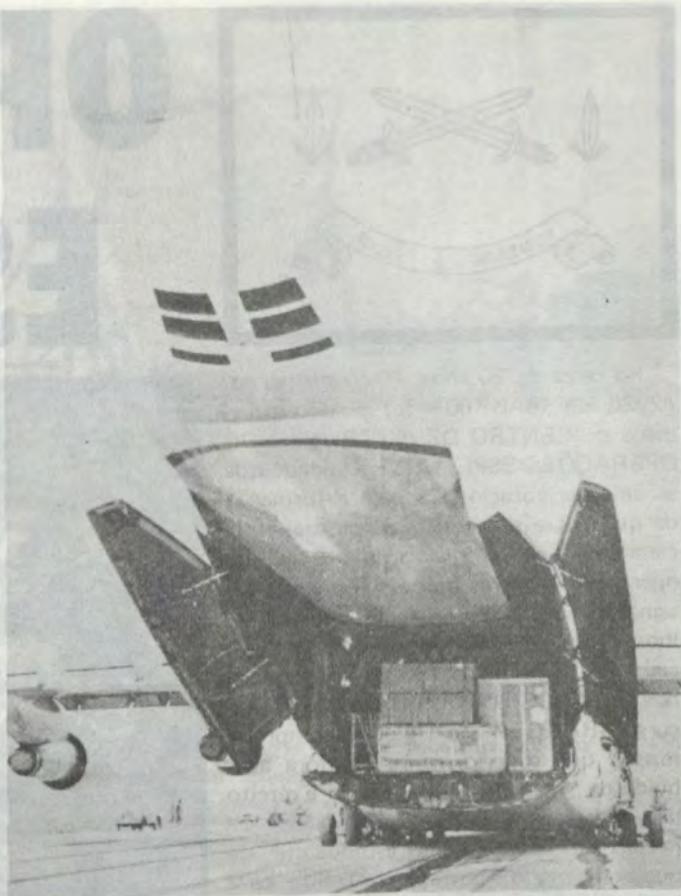
No que respeita aos meios aéreos, diremos simplesmente que ao começar a presente década assistimos a uma orientação ofensiva das forças aéreas soviéticas, dotadas de uma flexibilidade capaz de realizar operações de defesa aérea onde haja necessidade. Por outro lado, as suas rectaguardas estão também bem defendidas por mísseis terra-ar e por artilharia antiaérea.

Que faz a OTAN perante esta ameaça? Independentemente duma reacção rápida ao alerta e a atribuição de novas missões, as forças de intervenção e de reserva deverão ser conhecedoras do teatro de operações em caso de mobilização.

Um grande número de aviões de terceira geração estão a entrar agora ao serviço, ou estão já operacionais, oferecendo "performances" aéreas superiores, largamente comprovadas.

Senhoras e senhores: a correlação de forças, incluídos os reforços, apresenta-se como um caleidoscópio, um desenho complicado, composto por miríades de partículas, em permanente mutação... Falei em especial destas partículas sólidas da imagem, que são de importância fundamental mas certamente não exclusiva.

Não me referi a assuntos vitais como a logística, as conversações sobre a limitação dos armamentos e a todos os domínios que têm sido



*Os reforços, a logística exigem meios consideráveis.*

objecto do nosso esforço para reforçar a OTAN, tentando, sobretudo, garantir o melhor aproveitamento dos nossos recursos.

Não tenho a pretensão de abarcar todo o problema numa curta alocução; desejaria, no entanto, insistir sobre o seguinte: sim, a ameaça é real... Existe nos países do Pacto de Varsóvia um poderio que ultrapassa largamente o quadro de uma simples defesa. Interrogo-me sobre este enorme fardo com que sobcarregam as suas débeis economias. Quem compra um instrumento, tem intenção, logicamente, de se servir dele um dia.

Estamos nós à altura de nos protegermos? Sim, porque, mesmo tendo em conta as nossas diferentes prioridades, as economias e a tecnologia que suportam as forças militares ocidentais são largamente superiores em volume e capacidade de inovação às dos soviéticos. Mas dependemos em boa parte da disponibilidade das matérias-primas mundiais, e as nossas possibilidades de as assegurar tornam-se cada vez mais problemáticas.

Eis porque a manutenção da capacidade de defesa é uma questão de "leadership" (1), de vontade de garantir que os imensos recursos disponíveis no Ocidente sejam utilizados na manutenção da força adequada necessária.

Espero que esta exposição vos tenha convencido de que os nossos problemas não são insolúveis, antes pelo contrário. Temos de compreender com toda a clareza que o preço a pagar pela sua não resolução representa uma redução da capacidade nuclear e um prejuízo na credibilidade de toda a nossa política. É dever de todos nós velar pela nossa capacidade de defesa e de não falharmos perante este projecto; uma larga camada da opinião pública é disso uma prova de garantia.

(1) Em inglês na versão francesa; poderá traduzir-se por liderança (N.do T.)



# OPERAÇÕES ESPECIAIS

Há cerca de 20 anos — Decreto-Lei no. 42926, de 16ABR60 — foi criado em Lamego o “CENTRO DE INSTRUÇÃO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS”, Unidade que se desejava vocacionada para a formação de quadros e preparação de pessoal especialmente apto à realização do tipo de operações militares que a sua própria designação sugere; enriquecido com os velhos conhecimentos adquiridos por Oficiais que, a partir de 1963, frequentaram nos ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA o curso “RANGER”, a Unidade cumpria a missão que superiormente lhe fora atribuída de “instruir os quadros do Exército nas várias modalidades de operações especiais” e “levar a efeito estudos que, de qualquer modo, possam contribuir para melhorar a eficiência das Forças Armadas, no que diz respeito à sua actuação em operações especiais, designadamente nas de maior interesse para a defesa do Território Nacional”.

Ao longo dos anos, quer no velho quartel de Santa Cruz, em Lamego, quer nas improvisadas, rudes e inconfortáveis instalações da vizinha freguesia de Penude, decorreu a instrução ministrada a quadros do Exército devidamente seleccionados, a qual sempre manteve as já tradicionais características de intransigente e rívida disciplina, forte dureza e permanente realismo, cuja prática constante desenvolvida no CIOE criou um sentido inovador pouco vulgar, fruto da alta competência e total abnegação daqueles que, persistente e pacientemente, vieram construindo o espírito e a prática corrente dos militares “marcados” com o “sinal” imperecível das “OPER ESP”. Inequívoca prova do real valor desse trabalho foi o valoroso comportamento de elevada percentagem dos Oficiais e Sargentos de “Operações Especiais” nos vários teatros de operações em África, onde o nosso Exército combateu; muito embora actuando disseminados (apenas 1 Subalterno e 1 Sargento por Companhia) muitos deles se evidenciaram e alguns mereceram a graduação em Postos Superiores, face às capacidades operacionais e de Comando patenteadas.

Mais tarde, após o 25ABR74 e a descolonização, a especialidade foi progressivamente esquecida, mantendo-se no entanto a sua mística que alguns Quadros da Uni-



dade a todo o custo evitaram que morresse, na firme convicção de que preservavam algo de valioso para a Instituição Militar, que a seu tempo não deixaria de ser aproveitada; por isso, mesmo após a extinção do CIOE, que deu lugar à ESCOLA DE FORMAÇÃO DE SARGENTOS, manteve-se na Unidade a instrução de “Operações Especiais”, encontrando-nos agora em vias de restituir à especialidade, embora em novo contexto, a sua projecção,

para o que foi actualizado e revisto todo o esquema da instrução, permitindo o reinício dos cursos em novos e adequados moldes. — Realismo, Surpresa, elevado grau de prontidão, rigorosa disciplina continuam a ser as linhas mestras que orientam a instrução no quartel de Penude.

Quanto às matérias do curso, elas foram profundamente reestruturadas, mantendo-se no entanto a fundamental, para a qual todas as outras convergem: técnica de



patrulhas.

Acrescente-se ainda que o curso de Operações Especiais se destina a preparar, fundamentalmente, quadros aptos para o Comando de forças capazes de desencadear actividades irregulares em guerra de guerrilhas ou convencional, seja em ambiente nuclear ou não.

Para este reinício da instrução em novos moldes, efectuou-se no Verão de 1979, em LAMEGO, uma reciclagem para Oficiais e Sargentos da especialidade, colocados nas várias unidades do País; os resultados obtidos nas 4 semanas que essa actividade durou ultrapassaram as expectativas mais optimistas e permitiram continuar o trabalho de preparação dos cursos, tendo o primeiro desta fase decorrido de Out a Dez de 79, com a frequência de dois Oficiais Subalternos (um deles Ten. de Infa.), um 2o. Sarg. de Infa., dez Soldados-Cadetes (COM) e 20 Sol-



País, onde os limitados meios materiais por um lado, e por outro a experiência adquirida por boa parte do Povo Português em contacto com a guerrilha, são certamente factores a considerar para uma definição da política de Defesa Nacional. A missão cometida há 20 anos ao CIOE continua assim actual e pode considerar-se, nos tempos que correm, extremamente importante.



dados-Instruendos (CSM), dos quais cerca de 60% obtiveram aproveitamento.

Posteriormente, deslocaram-se à Alemanha Federal os dois militares do QP atrás referidos, a fim de ali frequentarem um Curso de Patrulhas de Reconhecimento de Longo Raio de Acção, possibilitando assim a sua maior valorização, que certamente contribuirá para o aperfeiçoamento de cursos futuros.

Com Abril foi programada a realização de novo curso de Operação Especiais para Oficiais e Sargentos, estando também previstas novas deslocações a Unidades estrangeiras afins.

Parece assim no bom caminho uma actividade em que a Unidade de Lamego justamente se considera depositária duma grande experiência, já longamente comprovada num passado recente, e que hoje continua a ser tida em conta nos exércitos modernos; situação pertinente no nosso



# APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA O BRASIL E OS BLINDADOS

Coord de B. P.

O Brasil é, na actualidade, um dos grandes fabricantes de veículos blindados. Segundo referem notícias recentes, esta nação já é auto-suficiente no que se refere à produção de armas convencionais, o que o autonomiza da dependência dos EUA. Mercê da sua produção neste sector ocupa o sexto lugar mundial e, ao que parece, toda a sua produção dos próximos dois anos está completamente vendida, e desta, noventa por cento será exportada. Toda esta importante laboração se deve a uma empresa privada, fundada em 1958 e que possui um conjunto de nove fábricas situadas na área de S. Paulo e, também, na zona Norte desta Nação. Esta organização dá pelo nome de ENGESA e dela saem, além de viaturas blindadas, camiões de carga e equipamento diverso. Assim, e segundo notícias divulgadas pela Imprensa, o ENGESA já teria fabricado um blindado anfíbio de rodas, que designou por URUTU. Esta viatura dispõe de uma metralhadora pesada para acções na água e de um canhão para acções terrestres. Atinge, na água, uma velocidade de cerca de 10 km/h, e de 100 km/h em estrada, podendo transportar 16 homens. Esta viatura pode ser adaptada para veículo de comunicações, de PC, ambulância e carga, além de transporte de pessoal, como referimos.

Um outro veículo é o CASCABEL; trata-se de um blindado sobre rodas para reconhecimento e combate em duas variantes: uma delas é armada com um canhão de 90 mm e a outra dispõe de um canhão de pequeno calibre e de uma metralhadora pesada. Um terceiro veículo blindado, também sobre rodas, é o "SUCURI EE-17". Pesa 20 toneladas e tem um motor diesel "Darinler-Benz de 6 cilindros" que desenvolve 150 HP de potência em seis rodas motoras e lhe permite uma velocidade máxima, por estrada, de 100 Km/h, característica que o torna na viatura sobre rodas de combate rápida mais pesada do mundo.

Como armamento principal dispõe de um canhão semiautomático de 105 mm com uma cadência de oito tiros por minuto. A torre pode girar 360º e nela está instalada uma metralhadora co-axial 7,62 mm. A tripulação é de dois homens e goza uma autonomia de 700 quilómetros. Este tipo de viatura, em certa medida, segue a tendência actual de alguns países que reside na mudança das viaturas propulsadas a lagartas para estas mais leves e com maior mobilidade sobre rodas.

O SUCUR emprega no seu fabrico e em quantidades de conjuntos que podem ser encontrados em camiões comerciais, tornando fácil, desta maneira, a aquisição de sobressalentes; além disso e comparativamente aos veículos de lagartas mais pesados tem baixo consumo de combustível. Por outro lado, nos grandes deslocamentos, não são necessárias as viaturas plataformas que os blindados de lagartas exigem porque se deslocam, por si mesmos, com rapidez.

Em face de testes, dado que foi planeado e estudado em 1978, há o "TARACARA" que se diz ser extremamente móvel e com grande autonomia. Pesa 4 toneladas e é armado com



O "SUCURI" EE-17



Outro aspecto do SUCURI

# A DO CARRO DE COMBATE-XLIV

metralhadoras e morteiro. Trata-se de uma viatura ligeira de reconhecimento.

\*\*\*

Além destes sucessos recentes da indústria de material de guerra brasileira, já, em Janeiro de 1977, a publicação especializada "Armies and Weapons" referia que o Brasil iria a breve prazo fabricar algumas centenas de carros de combate em colaboração com uma organização da República Federal Alemã.

Tratava-se da produção de carros de combate dos tipos TAM (que já referimos com material em uso na Argentina) e MARDER.

Aquele seria o aproveitamento do "chassis" "Marder" alemão federal com a instalação de uma torre com o canhão de 105 mm, de origem inglesa. Quanto aos "Marder" a fabricar no Brasil seriam menos sofisticados que o modelo original edisporiã de um canhão de 35 mm.

A produção brasileira seria, sob licença em cooperação com a organização Madreses Thyssen-Nenschel de Kassel, na República Federal Alemã.

Desconhecemos se este plano teria sido levado a cabo.

\*\*\*

Mas em meados de 1979 a Imprensa brasileira referia que havia sido atribuído ao Exército Brasileiro o primeiro carro de combate ligeiro de projecto nacional. Trata-se do denominado "X1A2", um carro de combate com cerca de 20 toneladas de peso, em ordem de combate e propulsado por um motor "Scania", da série DS-11, a turbina e seis cilindros, que desenvolve uma potência de 300 HP. Dispõe de duas velocidades para a frente e uma para a retaguarda.

Pode desenvolver uma velocidade por estrada de 65 quilómetros por hora ou de 55 quilómetros por hora sobre todo o terreno.

Tem 6,50 metros de comprimento, 2,60 metros de largura e 2,45 metros de altura.

Com um tanque de combustível de 750 litros dispõe de uma autonomia de cerca de 750 quilómetros em estrada e 450 quilómetros em qualquer terreno. A sua blindagem, segundo o fabricante, "resiste a qualquer impacto, de arma automática até 50".

Como armamento principal, dispõe de um canhão de 90 mm; por armamento secundário, uma metralhadora 50", na torre, do chefe do carro e uma metralhadora coaxial de 30".

Tem, ainda, seis disparadores de granadas fumígenas na torre. Nos paíões de bordo, dispõe de 66 tiros de 90 mm. 750 cartuchos de 50", 2.500 de 30" e 18 engenhos fumígenos.

O "X1A2" sobe declives da ordem dos setenta por cento e transpõe vaus, sem preparação, de 1,30 metros.

E porque referimos o fabrico de "Marder" no Brasil, embora menos sofisticados que os originais alemães, vamos fazer uma breve referência a este tipo de veículo de combate de Infantaria (VCI). O MARDER é, em conformidade com a doutrina de emprego alemã, um "veículo de combate" chamado a garantir um combate mecanizado, em cooperação estreita com os LEOPARD e que os "granadeiros blindados" (panzergraderie) combateram a bordo das suas viaturas e só desembarcaram em última instância.

O Exército federal alemão equipou-se com estes veículos de combate de Infantaria, substituindo, progressivamente, os HS30, de que ainda estava dotada a maior parte dos batalhões de



O "X1A2", primeiro C.C. brasileiro.

infantaria mecanizada.

Este veículo tem, um comprimento de 6,80 metros, uma largura de 3,24 metros e uma altura máxima de 2,95 metros, com uma distância ao solo de 0,44 metros e pesa 11,6 toneladas.

O seu motor tem 600 HP de potência às 2200 r.p.m. e desenvolve uma velocidade máxima, para a frente e retaguarda, de 75 km/h. Dotado de extraordinária mobilidade, demora dez segundos a executar uma volta completa sobre si mesmo. Transpõe obstáculos verticais de um metro e declives com 65% e vaus de dois metros, com preparação, e de 1,5 metros, sem ela.

A autonomia por estrada é de 520 km, com o consumo de 115 e/100 km gasoil.

Por armamento principal, um canhão automático RH 202 de 20mm e, como armamento secundário, uma metralhadora MG3 de 7,62mm (esta, como canhão, instalada numa torreta de dois lugares, à proa) e uma outra instalada noutra torreta à popa.

Um sistema de protecção ABQ, com tampões

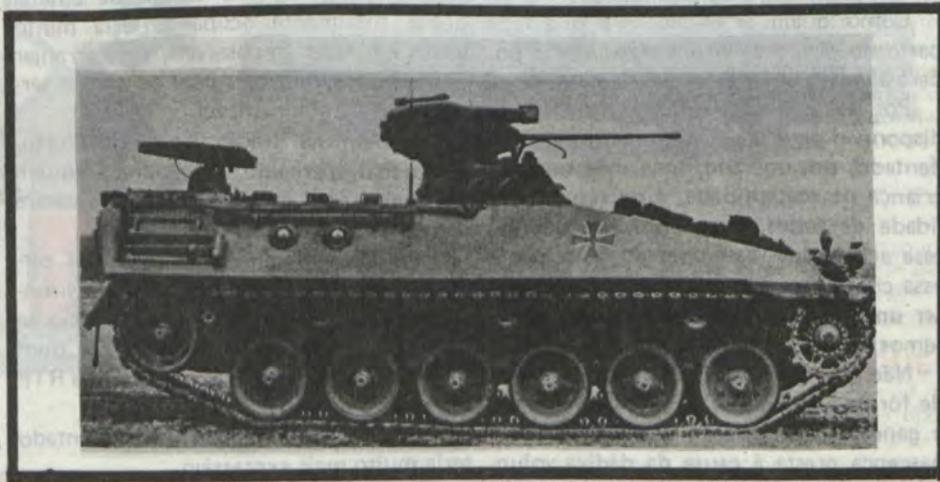
de tiro estanques, permite aos doze homens da tripulação uma permanência de oito horas em zona contaminada.

A utilização de arcos especiais e de uma inclinação judiciosa das placas de blindagem garantem também uma muito boa protecção contra projecteis normais de 20mm e contra os estilhaços das granadas 155mm.

A fim de oferecer às tripulações uma habitabilidade de vinte e quatro horas e reduzir a fadiga imposta pelas vibrações, pelo calor, pelo ruído e pelas oscilações, o conforto foi levado ao máximo e de tal modo que o pessoal pode comunicar, entre si, sem interfone; por outro lado, as cadeiras transformam-se em camas e existem ganchos apropriados para as redes de dormir.

Eis, muito sucintamente, o que é um "Marder", cuja foto pode ser vista neste artigo.

O "MARDER", veículo de combate de infantaria da Rep. Fed. Alemã.



FALTA DE

# SANGUE

**EM PORTUGAL  
UM PROBLEMA QUE  
NOS CUMPRE E  
URGE RESOLVER**

Por GABRIEL FERRÃO

## MEIOS DE MASSA EM ACÇÃO

É com prazer que temos ouvido através da Rádio Renascença, aproveitando os programas dedicados à Liga dos seus Amigos e à promoção da iniciativa dos novos emissores alguma divulgação da dádiva de sangue integrada em iniciativas de cariz festivo com destacado apoio do Instituto Nacional de Sangue.

Não será quanto a nós a maneira mais adequada de se consciencializar a população, para a necessidade e urgência de encarar a dádiva de sangue como um problema que a todos diz respeito: o apelo à generosidade e ao altruísmo. Dar sangue não é generosidade nem altruísmo, salvo se praticado em condições excepcionais. É sim e acima de tudo um dever cívico. Um dever de todos para com todos.

Um dever cujo cumprimento garante segurança, saúde e vida para nós, para os nossos e para os outros.

É necessário que todos, definitivamente, se convençam de que é preciso dar, para haver e que só havendo poderemos ter.

O sangue não se fabrica. Só um laboratório o produz — o corpo humano.

Como qualquer tecido vivo que faça parte do corpo, só o seu possuidor o poderá alienar dando-o voluntariamente.

Por isso a falta de suficiência de sangue disponível para salvar um doente, um acidentado, um operado, uma mãe ou uma criança na maternidade, é da responsabilidade de todos, porquanto esse doente, esse acidentado, esse operado, essa mãe e essa criança na maternidade, tanto poderá ser um outro ou dos outros, como poderemos ser nós ou um dos nossos.

Não queremos com estes considerandos de forma alguma minimisar a boa vontade e generosa colaboração que a Rádio Renascença presta à causa da dádiva volun-

tária de sangue. Além de tudo o mais, o apelo ao dever cívico nem sequer é esquecido, sendo até repetidamente lembrado. Sentimos apenas que a imaturidade ou falta de preparação básica da maioria dos radiouvintes justificaria uma explicação simples mas concreta sobre esse dever cívico.

Quantos desses radiouvintes sabem exactamente o que é um dever cívico? Nenhuma voz melhor do que a da Rádio Católica Portuguesa, capaz de mobilizar para a dádiva muitos e muitos ouvintes, estaria indicada para lhes transmitir um conhecimento exacto do quanto a prática regular da dádiva voluntária de sangue, por quantos a idade ou a saúde a não proibam representaria para a total solução de um dos mais graves problemas nacionais.

— O problema da insuficiência de sangue disponível. E o Instituto muito poderia colaborar prestando, à Rádio Renascença, através dos seus serviços, toda a necessária colaboração técnica.

Estamos certos de que a Rádio Renascença, apesar do seu tempo de antena quase totalmente ocupado, teria muito gosto em fazer impossíveis, para arranjar uns minutos semanais para os pôr ao serviço desta causa inadiável.

Também na Rádio Televisão Portuguesa têm aparecido com maior frequência, apelos com imagem e locução para a dádiva de sangue.

Para imagem têm sido escolhidos cartazes nossos; embora isso nos seja lisonjeiro, pensamos que ainda e aqui não se consegue tirar todo o partido que dum meio de Comunicação Social como a RTP seria lícito esperar.

Um pequeno filme bem movimentado seria muito mais expressivo.

Uma entrevista ou uma mesa redonda, documentada com imagens, como fundo, referindo as várias situações em que a falta de sangue nos pode colocar a todos seria bastante mais operacional.

Será por falta de verbas ou por falta de criatividade que se não aproveitam dos meios de massa todo o seu enorme impacto?

Ou será por haver muita gente que pense que o problema da falta de sangue é menos importante que o do preço do tabaco, da cerveja ou da bica? Que o sangue vale apenas um minuto de longe em longe? Que a divulgação da sua problemática, quanto mais não fora como "cultura para o povo" tem menos interesse que quaisquer amenas "leituras televisivas" de textos literários embora de muita qualidade?

Será que quem luta há tantos anos pela saúde, segurança e vida dos portugueses, não regateando esforços nem canseiras nessa difícil cruzada que tem sido a cons-



**CAMPANHA NACIONAL  
DO  
SANGUE**

Símbolo de uma campanha executada em colaboração com o I.N.S.

ciencialização para a dádiva voluntária de sangue, não lhes merece maior consideração que essas "miseras projecções por descargo de consciência"?

Quantos lutam cumprindo o seu dever pouco se deverão importar que o seu trabalho seja considerado ou não. Importam-se sim e isso é que se deveria considerar, que se trate com tanta ligeireza um problema basililar para a saúde pública, pela qual têm obrigação de zelar.

Já em anteriores artigos escrevemos que decerto os grandes meios de Comunicação Social, principalmente a Rádio e Televisão, estariam decerto receptivos a



Conjunto de Cartazes da U.R.S.S. expostos durante um congresso em que o I.N.S. participou.

Incluir na sua programação curtas intervenções bem estruturadas formando e informando eficazmente a população, consciencializando-a para a dádiva de sangue regular.

Só a dádiva de sangue regular interessa verdadeiramente à comunidade.

Para consegui-la, é preciso falar à inteligência, ao bom senso, ao instinto de conservação e à responsabilidade social. É preciso fazer ver ao indivíduo que só o cumprimento de deveres garante direitos.

Que ninguém pode viver isolado e que cada qual é responsável pelo colectivo, na medida em que o colectivo é responsável por cada qual.

Os portugueses como todos os latinos (mais que quaisquer outros) vibram profundamente, emocionando-se com problemas ocasionais quer individuais quer colectivos.

Uma criança precisa de sangue para se salvar.

Lança-se um apelo e surge logo sangue suficiente para salvar dez crianças. Um descarrilamento em que ficaram feridas umas quantas pessoas que precisam urgentemente de sangue. E o sangue aparece de todos os tipos e em quantidade suficiente. Passado o momento emocional, logo nos esquecemos do valor incalculável do sangue. E não nos detemos um momento sequer a pensar, que diariamente muitos acidentados, feridos e operados, devem a vida ao sangue dos outros.

Que há diariamente operações que deixam de se fazer, ou se adiam por falta de sangue, que há pessoas que não são tratadas a tempo, por falta de sangue. Que há muitos sofrimentos que se não podem evitar, por falta de sangue.

Que todos nos podemos encontrar em

situação difícil, por falta de sangue.

Nestes casos sem notícia, sem apelos de urgência, sem a chamada à emotividade, ninguém pensa, ou se pensa encara-os como se ocorressem noutra mundo, que não aquele em que nós vivemos atarefados e indiferentes.

É por tudo isto que quando ouvimos a rádio ou vemos e ouvimos a televisão, por minimamente que sejamos interessados em lembrar o problema da falta de sangue apelando para a dádiva, nos sentimos de certo modo menos frustrados por verificarmos que pouco a pouco se vai gerando um movimento de interesse e de responsabilidade social.

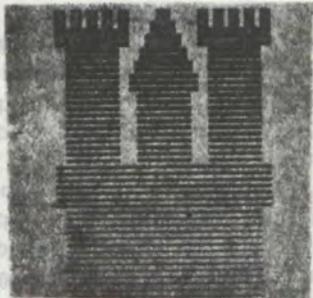
Mais ainda do que nós, que só escrevemos e desenhamos, se devem sentir animados os generosos grupos de doadores de todo o País, cada dia mais numerosos e com mais adeptos, que de há muito vêm desenvolvendo uma notável actividade. Porque não propõe o Instituto Nacional de Sangue à Rádiatelevisão uma reportagem, tendo por tema uma Jornada de Colheita de Sangue, num dos muitos grupos de doadores? Poderia enquadrá-la com o historial do grupo, com entrevistas e com sugestivas imagens televisivas.

Decerto não teria menos impacto social que as reportagens que têm por tema insipientes grupos de teatro, filarmónicas, grupos folclóricos, bandas ou quaisquer outros agrupamentos que promovem cultura.

A ideia fica de pé; se a puderem aproveitar talvez ajude um bocadinho. E o conhecimento da acção desses grupos de doadores, desinteressada e patriótica apresentada ao grande auditório nacional que na sua maioria a ignora, quer-nos parecer que poderá ser extremamente útil para todos.

Página do desdobrável executado pelo Instituto Nacional do Sangue.

O MEU PAI JÁ DEU SANGUE  
NO POSTO MÓVEL  
DO INSTITUTO NACIONAL DE SANGUE  
E O TEU?



# MONUMENTOS DE EVOCAÇÃO MILITAR

Pelo Cor. BASTOS MOREIRA

A fundação da muito antiga povoação de Borba é atribuída aos Galo-Celtas em tempos que devem remontar a grande número de dezenas de anos antes da era cristã.

A povoação encontra-se junto à estrada que liga Elvas a Vila Viçosa e está assente numa pequena elevação onde, possivelmente, teria outrora existido um castro lusitano.

Pinho Leal no seu "Dicionário" refere que o nome de Borba provém do facto de ter aparecido, numa fonte próxima da Igreja da Misericórdia, um barbo de enormes dimensões ou mesmo dois desses peixes, segundo outra versão.

O brasão de Armas apresenta-nos um ondulado de cor verde de onde emergem duas cabeças que se crê serem de barbo.

A região esteve sob o domínio romano e godo e, mais tarde, foram os mouros que ali vieram estabelecer-se durante o período em que dominaram na península.

Por iniciativa de D. Afonso II, em 1217 Borba foi conquistada e mandada povoar logo de seguida.

O castelo que já lá existia foi então reconstruído, e a povoação recebeu numerosos privilégios a fim de atrair moradores.

D. Afonso III deve ter feito doação de Borba aos Templários, os quais mandaram proceder a novas reparações e beneficiações no castelo, mas tiveram dificuldades na execução do povoamento. Também se atribui a fundação do castelo aos templários, em virtude de nas vizinhanças, no sítio dos Mosteiros, ter existido um convento pertencente àquela Ordem Militar.

Além disso, diz-se também ter sido encontrada no castelo uma pedra esculpida com o distintivo da mesma Ordem.

D. Dinis concedeu foral a Borba, em Santarém, por Carta Régia de 1302, do qual constava mais um lote de privilégios tentadores para futuros habitantes.

Este soberano mandou proceder a muitos trabalhos de remodelação e de restauração no castelo e determinou a ampliação e reforço da cintura de muralhas que envolviam a povoação, onde se elevava uma torre de grande altura; lá também existiam quatro redutos e três portas.

Em 1662, Borba e o seu castelo foram

saqueados pelas tropas espanholas de D. João de Áustria. É a pouca distância daquela vila que se encontram os campos de Montes-Claros, onde se travou memorável batalha.

A concentração das tropas espanholas (cerca de 23.000 homens) fez-se em Badajoz.

Em Junho de 1665 o Exército do Marquês de Caracena veio tomar Borba e Vila Viçosa. De Estremoz saíram as forças portuguesas que fizeram alto em Montes-Claros, a meio caminho de Vila Viçosa.

Caracena decidiu atacar abandonando as boas posições em que se encontrava com o seu Exército

A batalha, que começou às 8 da manhã foi dura e prolongada, envolvendo forças de Cavalaria, Infantaria e Artilharia.

O brilhantismo do comando do Marquês de Marialva com a colaboração dos outros Chefes Militares: Conde de Eriçeira, General de Artilharia, Dinis de Melo e Castro, General de Infantaria e Conde de Schomberg, de origem alemã, aliado à valentia, patriotismo e noção do dever de todos os soldados, tornaram possível a notável vitória de Montes-Claros.

O Governo espanhol, que empenhou os seus melhores esforços nos preparativos desta campanha, mandando vir tropas es-

peciais do estrangeiro e confiando o comando a um dos seus Generais de maior prestígio, viu desabar todo o esforço num enorme e completo desastre.

Foram feitos 6 mil prisioneiros espanhóis, tomados 1500 cavalos e muita artilharia.

Cada soldado português tinha a perfeita consciência de que defendia o solo pátrio, e a vitória alcançada foi decisiva para que Portugal afirmasse convictamente os seus direitos de nação livre.

Em Fevereiro de 1668 viria a ser assinado o tratado entre Portugal e Espanha, que veio pôr termo à Guerra da Restauração.

Foi primeiro Conde de Borba, D. Vasco de Menezes Coutinho, governador e defensor da praça de Arzila (1508). A vila foi cabeça de condado e marquezado e propriedade da Casa de Bragança.

D. João IV em 1646 mandou proceder a novas construções e remodelações no castelo, entre as quais se contam três baluartes destacados. A torre sineira e do relógio teria sido um elemento da antiga obra fortificada.

De grande interesse em Borba é a Fonte das Sete Bicas, construída em 1781 em belo mármore branco da região e considerada Monumento Nacional.



## CASTELO DE BORBA

# anedota



**LUÍS VAZ DE CAMÕES** nasceu, talvez, em Lisboa (Alenquer, Santarém, Coimbra, são outras hipóteses) em 1524 ou 1525, filho do cavaleiro-fidalgo Simão Vaz de Camões e de Ana de Macedo ou Ana de Sá.

Jovem loiro arruivado, vivaço, era muito alegre e de fácil conversação, o que facilitou muito a tarefa de seu pai, quando chegou a altura de lhe abrir carreira — ou seja, de o empregar em casa de gente nobre. Era costume, nessa época, os jovens que não eram fidalgos (e o jovem Camões não o era) irem trabalhar para casa de gente da alta nobreza para serem alguém e abrirem carreira. Alguns conseguiram distinguir-se pelos seus méritos e, es-cudeiros, tornaram-se criados em casa de el-Rei. Essa era a ambição de todos.

Assim, aos dez anos...

Lúis, chegou a altura de ires servir uma boa família, em cujo ambiente te possas instruir. O senhor D. António de Noronha aceita-te ao seu serviço. Acompanharás o segundo filho, D. Francisco, que em breve irá casar e viver para Coimbra. É gente muito ilustrada...



— Sim, meu pai, muito me agrada a vossa escolha...

É assim que o jovem Luís Vaz vai trabalhar para casa dos Noronhas, condes de Linhares, num solar ali para Alfama, no Campo das Cebolas, junto ao Tejo...

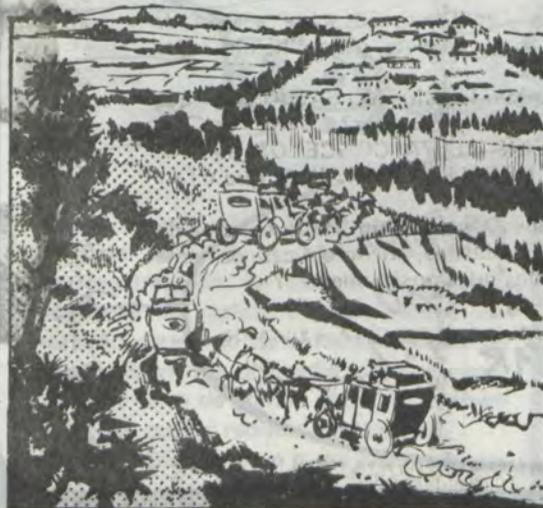


D. Francisco de Noronha, segundo conde de Linhares, casa em 1535 com Violante de Andrade, filha do riquíssimo cristão-novo Fernão Álvares de Andrade, tesoureiro-mor e valido de el-rei D. João III. Ele tinha 30 anos, ela 13. Muito jovem, como era costume nessa época.



Após esse casamento, Camões acompanha o casal, como a restante comitiva, para S. Martinho do Bispo, no Mondego, na margem oposta a Coimbra.

O conde possuía a Comenda de S. Martinho do Bispo e isso dava-lhe o direito de aí habitar e de viver das suas rendas...



Camões passa então a viver num ambiente doméstico de cultura. Tornam-se famosos os serões dos Noronhas, tal como já eram em casa do pai de Violante. Os judeus eram a camada mais culta da época. Camões, ávido de saber, inteligente e de memória prodigiosa, irá beneficiar a pleno desse ambiente de cultura, assimilando com rara facilidade tudo quanto via, ouvia e lia...



# A vida de LUIS VAZ DE CAMÕES

*"... a mais desgraçada que jamais se viu."*

Adaptação e desenhos de BAPTISTA MENDES

A vida de CAMÕES (principalmente a parte que se refere aos seus primeiros vinte e cinco anos) está envolta em mistério — mistério inaceitável se tomarmos em conta que "OS LUSIADAS,, o tornaram conhecido em vida ("... as pessoas paravam para o ver passar") e famoso poucos anos após a sua morte, portanto numa altura em que ainda era possível colher dados concretos e escrever a biografia completa daquele que foi o maior poeta do seu tempo!

Segundo o distinto historiador Prof. Dr. HERMANO SARAIVA, em "A vida ignorada de Camões", tal facto é propositado e relaciona-se com a vida do poeta — "... a mais desgraçada que jamais se viu", como ele próprio escreveu.

Que se teria passado então que tornou "tabus" alguns factos da sua vida para os seus biógrafos?

PEDRO DE MARIZ, a quem se deve a primeira biografia do poeta (escrita, talvez, em 1613, trinta e três anos depois da sua morte) nada diz dos primeiros vinte e cinco anos de CAMÕES, apesar de ter sido seu contemporâneo!

O mesmo sucede com MANUEL SEVERIM DE FARIA, o segundo biógrafo conhecido, e também seu contemporâneo.

Mas o curioso é que ambos denotam saber o que se terá passado — mas "evitam" falar desse tempo...

Tal já não sucedeu ao terceiro biógrafo, MANUEL DE FARIA E SOUSA — mas, como resultado, foi preso e perseguido, sendo-lhe lançada uma campanha de descrédito da qual não conseguiu sobreviver! FARIA E SOUSA atribuía a "vida desgraçada de CAMÕES,, a uma poderosa família a quem a verdade abalava o prestígio. Essa família, que identificava — os Noronhas, Condes de Linhares. — teria perseguido o poeta até à morte. Mais, até depois da sua morte!



Vários autores de Banda Desenhada (guionistas e ilustradores) debruçaram-se já sobre a vida de CAMÕES — todos eles baseados naquilo que se "sabia" até então sobre a vida do poeta, dando-lhe um maior ou menor toque de fantasia, imprescindível neste género de trabalho.

Ao ser-me feito o mesmo pedido e tendo já lido o livro do Prof. Dr. JOSÉ HERMANO SARAIVA — que me impressionou profundamente — um problema se me pôs: qual das duas versões iria seguir?

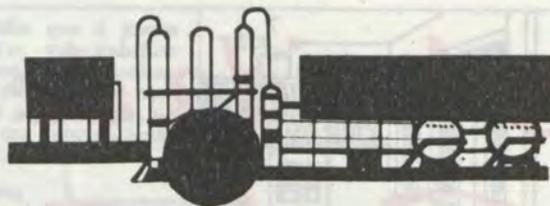
As tradicionais — de GUILHERME STORCK ou CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS, além de outros que seguiram a mesma linha — ou a apresentada pelo PROF. DR. HERMANO SARAIVA, que difere profundamente das primeiras?

LUIS VAZ DE CAMÕES, fidalgo, estudante de Coimbra, brigão, volúvel, espadachim, frequentador do Paço, herói militar em África e no Oriente — ou LUIS VAZ DE CAMÕES, escudeiro, criado em casa de gente nobre, infeliz no amor... enfim, "um Camões bem diferente daquele que todos julgamos conhecer"?

Foi esta segunda versão de que me servi como base.

Segundo o distinto historiador, o poeta teria escrito de maneira velada, em toda a sua obra, a sua vida, "... a mais desgraçada que jamais se viu".

BAPTISTA MENDES



Por ÉLIO MORGADO

## A TERRA, MORADA CÓSMICA DA HUMANIDADE TEM COMO CARACTERÍSTICA PRINCIPAL O DINAMISMO DA CROSTA E DA ATMOSFERA

Como afirmamos no artigo do mês passado, a Terra é um dos corpos constituintes de um sistema complexo que se formou em redor do Sol, por um processo que variadas hipóteses tentam explicar. Não é difícil aceitar que os sistemas planetários se encontrem milhões e milhões de vezes repetidos pelo Universo, como também não podemos afastar a possibilidade de outros seres racionais (com civilizações idênticas à nossa ou mesmo mais evoluídas) residirem algures na vastidão do espaço, talvez até não muito longe da humanidade terrestre. Infelizmente não é possível, no momento presente, confirmar ou desmentir tal possibilidade, pois os meios de investigação actuais são insuficientes para que, a partir da superfície da Terra, se possa chegar a uma conclusão.

Os astronautas das missões "Apolo", ao contemplarem o nosso planeta, quando dos seus "passeios" lunares, afirmaram que a Terra era, de longe, o objecto mais convidativo que podiam lobrigar. Sem dúvida que este sentimento é compreensível. Sabiam, pelo contacto directo ao longo dos anos, como se comportava o seu planeta e, graças à sua experiência diária, podiam traduzir em impressões o que representavam as nuvens, os oceanos e os continentes que vislumbravam da superfície da Lua.

### OS PRIMEIROS QUATRO ESTÁDIOS DA EVOLUÇÃO DA TERRA

Provavelmente, o que o homem mais aprecia na Terra, se bem que nunca tenha pensado nisso, é o constante movimento a que diariamente assiste. Na Terra, a quietude é, na realidade, excepção. A mudança estende-se desde o imperceptível movimento dos grãos de areia que fazem deslocar as dunas, até à demonstração de

força prodigiosa de um terramoto, em que a Terra inteira vibra com intensidade.

O nosso planeta está vivo, e a sua actividade perdura há mais de quatro biliões de anos e não mostra qualquer tendência para repousar. A atmosfera, os oceanos, a crosta e até as camadas interiores encontram-se em perpétuo movimento. A própria vida faz parte integrante deste movimento.

Em consequência dessa actividade intensa, registada ao longo dos biliões de anos por que se mede a sua história, a Terra modificou-se, atravessando diferentes estádios de evolução, mas mantendo sempre o equilíbrio dinâmico. Este equilíbrio envolve, como já vimos no artigo do mês passado, uma permuta de matéria e de energia entre o interior, a superfície, a atmosfera e os oceanos.

"Grosso modo", podemos distinguir quatro estádios na evolução primitiva do nosso planeta. Apresentamos, assim, quatro diagramas que tentam mostrar outras tantas fases por que passou o Globo Terrestre a partir do seu nascimento. Na Figura 1, visualiza-se a esfera primeva, formada a partir de acreção de matéria,

isto durante os primeiros milhões de anos, fase que se seguiu imediatamente à condensação da nebulosa que deu origem a todo o sistema solar. Aquilo que poderemos definir como protoplaneta, distingue-se pela sua aparência "bexigosa", devido ao impacto de milhões de planetesimais. Neste estádio da evolução da Terra, a respectiva atmosfera seria rica em hidrogénio e gases nobres.

Mais tarde, decorridas algumas dezenas de milhões de anos, a combinação de diversos fenómenos (compressão gravítica, decomposição radiactiva e elevação da temperatura, resultante da queda de meteoritos) produziram a fusão da matéria e a sua diferenciação (Figura 2): formou-se um núcleo com os materiais mais pesados, enquanto os materiais mais leves se agruparam na superfície. Entretanto, a pressão da radiação solar fez desaparecer no espaço a primitiva atmosfera de hidrogénio a que atrás nos referimos; esta atmosfera seria, então, substituída por outra, rica em metano, amónio e água.

A época arqueozóica teve início há cerca de 3,7 biliões de anos e prolongou-se

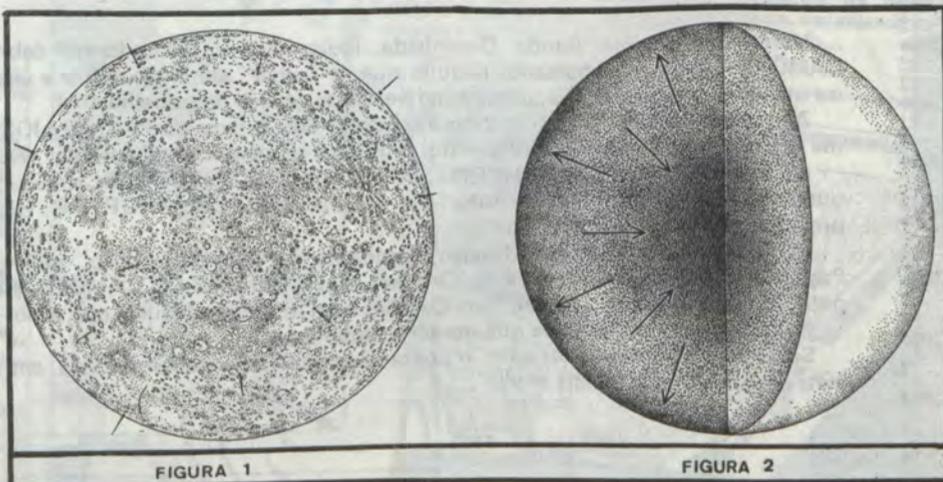


FIGURA 1

FIGURA 2

por bilião e meio de anos. Foi marcada sobretudo pelo arrefecimento do Globo Terrestre. A água e os gases atmosféricos condensaram-se e os oceanos fizeram a sua aparição; formaram-se os continentes mais antigos e a actividade vulcânica foi intensa (Figura 3). As reacções químicas entre a água, gases e outras matérias constitutivas da crosta deram lugar ao aparecimento de sedimentos.

No quarto estágio dos primeiros tempos da história da Terra, a Era Proterozóica sucedeu à Arqueozóica, tendo-se registado os primeiros vestígios de vida. A Era Proterozóica terminou há cerca de 600 milhões de anos, data em que se iniciou a Era Paleozóica, em que a vida já se podia considerar intensa, havendo a atestá-lo a descoberta de inúmeros fósseis.

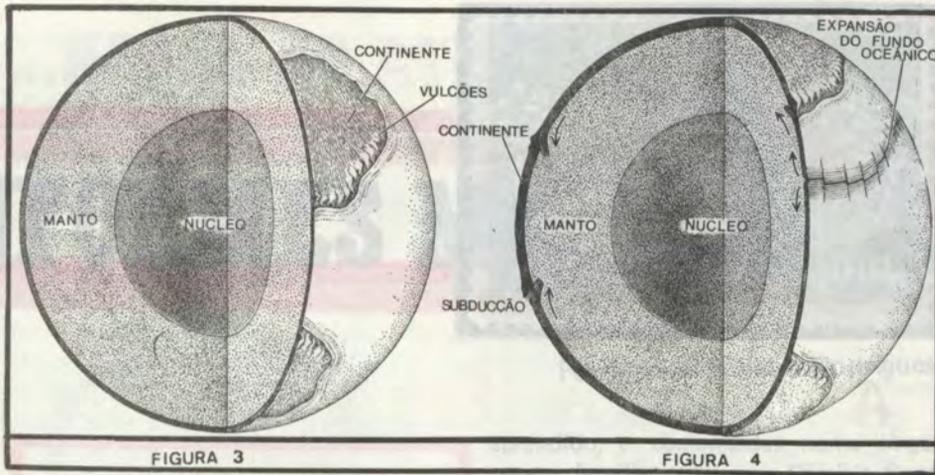
Durante a Era Proterozóica, que durou cerca de bilião e meio de anos, continuou a registar-se o arrefecimento do Planeta. As placas que formavam a crosta (Figura 4) iniciaram, então, as suas migrações. Ainda antes do final desta Era, tanto o interior como a superfície da Terra adquiriram as características que ainda hoje mantêm.

#### A INFLUÊNCIA DA VIDA NA EVOLUÇÃO DO PLANETA

Como é do conhecimento dos nossos leitores, a erosão e a decomposição química das rochas são profundamente afectadas pela presença das plantas. Contudo, plantas em adiantado grau de evolução só apareceram cerca de dois biliões de anos após a Era Arqueozóica, quer dizer, no meio da Era Paleozóica. É provável que antes de se dar a evolução das plantas já existissem em terra firme formas de vida primitiva, da mesma maneira como tinha sucedido nos oceanos.

Logo que surgiu a vida, esta começou a exercer profunda influência, tanto na superfície da Terra como no invólucro gasoso. Na Austrália Central, os paleobotânicos descobriram vestígios de algas primitivas, já reveladoras das características geométricas das algas que actualmente libertam oxigénio como desperdício. Pelo final da Era Proterozóica já deveria haver oxigénio suficiente na atmosfera, capaz de suportar a evolução de organismos complexos. Todos esses organismos, entre os quais os metazoários, teriam tido necessidade de pequenas quantidades de oxigénio livre para a consumação dos seus processos biológicos.

Muito mais tarde, durante a Era Mesozóica, novas formas de vida deram ao Mundo a aparência de que hoje desfruta. As terras coloriram-se devido às flores e folhagem das árvores decíduas. Apareceram novas espécies de algas, que se torna-



ram responsáveis pela produção da matéria orgânica existente nos mares. Pela mesma ocasião apareceram os foraminíferos calcáreos. Eram animais unicelulares, que se alimentavam da vida vegetal existente na superfície das águas.

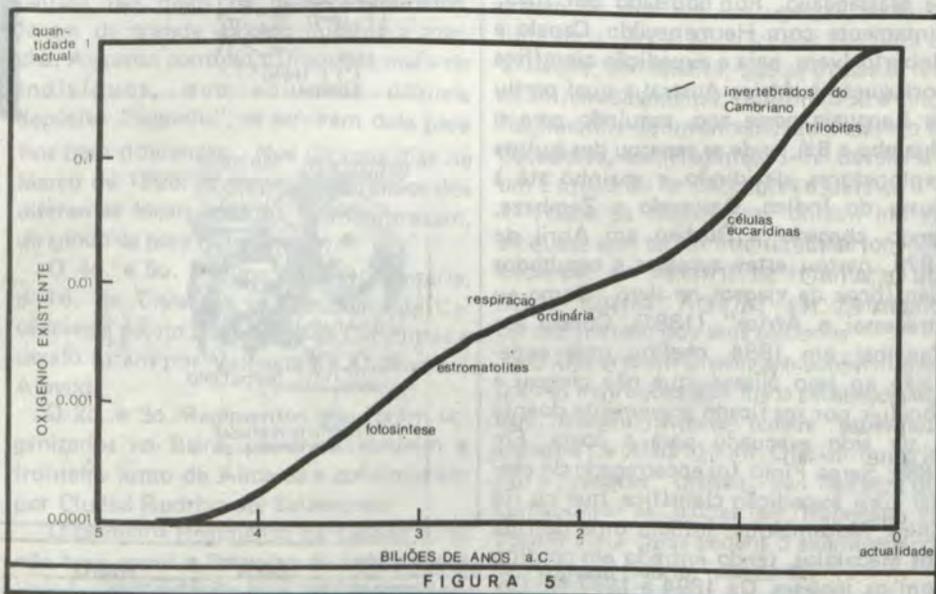
Na figura 5 mostra-se um gráfico onde se pode verificar a percentagem de oxigénio da atmosfera ao longo da vida da Terra.

Durante a maior parte dos últimos 50 milhões de anos da sua história, o nosso planeta continuou a arrefecer, o que se demonstra com repetidas glaciações. As mais recentes já foram testemunhadas por uma nova espécie de vida: o "homo sapiens". Bastante adiantado na sua evolução, o homem, durante as culturas primitivas, deslocou-se em unísono com o avanço e retrocesso dos glaciares, que chegaram a cobrir grande parte da Europa Setentrional, da Ásia e da América do Norte. Durante os últimos dez mil anos, quando os glaciares se retiraram para as suas posições actuais (certamente uma retirada temporária) o homem tornou-se na espécie mais difundida, ocupando quase toda a superfície do planeta. Devido

a esta ocupação, o homem formou a expressão biológica que mais profundamente alterou o curso da história



terrestre. E só agora se dá conta de que algumas das suas actividades poderão alterar de tal forma o meio ambiente, que a sua própria existência poderá perigar.







# UNIFORMES MILITARES

Por Manuel Ribeiro Rodrigues

## PORTUGAL HISTÓRIA DA LEGIÃO PORTUGUESA AO SERVIÇO DE NAPOLEÃO 1808-1813 PARTE IV

As mudanças ocorridas no Governo de Espanha, em consequência da revolução de 19 de Março de 1808, contribuíram sem dúvida para que Junot apressasse, quanto possível, a partida das tropas portuguesas para Burgos, com o pretexto de que Napoleão iria a essa cidade, de onde marcharia depois com a Legião até Lisboa, onde seriam espalhados pelo País. Foi, efectivamente, esse o grande engano onde a maioria dos soldados caíram, pois o objectivo era totalmente diferente. A principal ideia da expedição era enfraquecer militarmente Portugal e robustecer as forças francesas numa Espanha indigna por lhe quererem impor como rei José Bonaparte, irmão do Imperador.

Mais tarde a retirada de Napoleão da Espanha e a guerra com a Rússia, levou a Legião até essas longínquas paragens.

Todavia, será melhor tentarmos seguir a Legião Portuguesa desde o dia da sua partida...

As reduções que se tinham começado no Exército Português pelos meados do mês de Fevereiro de 1808 (1), não estavam ainda concluídas, quando Junot mandou nos princípios de Abril do mesmo ano que as tropas marchassem para a cidade de Salamanca, em Espanha, a fim de ali se reunirem e de lá prosseguirem para Valladolid, onde deveriam fixar o Quartel General e depois estabelecer-se com as mesmas tropas, uma linha de comunicação entre Almeida e Burgos, na qual deveriam ficar até à chegada de Napoleão, com quem haviam de voltar para Lisboa, como acima foi dito. Foram estes os boatos que Junot fez espalhar para conseguir dispor as tropas à obediência. Cada um dos novos regimentos ajustou antes de partir, com a tesouraria competente, as suas contas de pré e soldo, recebendo uma guia na qual se declarava até que dia iam pagos. O Ministro da Guerra mandou a cada um, além disso, um itinerário e ordens para serem fornecidos com rações de etapa, nas estações, por onde deveriam passar; mas



Manuel Inácio Martins Pamplona

não se deu providência alguma a respeito do modo como se deveria continuar a pagar o pré à tropa e o soldo aos Oficiais.

Além disso poucos ou nenhuns Oficiais receberam ajudas de custo; a muitos estavam-lhes a dever soldos atrasados que nunca lhes pagaram. Os soldados que partiram foram exactamente pagos do seu módico pré, conforme foi dito; porém, alguns deles, não tendo ainda recebido as fardas do novo modelo (1806), achavam-se quase nus; muitos além disso não tinham capotes e era raro o que tinha mais de um par de sapatos.

As caixas dos antigos Regimentos, geralmente chamadas "irmandade", que caíram nas mãos de homens honrados, foram de grande socorro durante a marcha. Algumas, contudo, caíram nas mãos de indivíduos, que abusando daquele depósito "sagrado", se serviram dele para fins bem diferentes... Nos últimos dias de Março de 1808, as tropas moveram-se dos diferentes locais em que se encontravam, dirigindo-se para Salamanca.

O 4o. e 5o. Regimentos de Infantaria, o 1o. de Cavalaria, o Batalhão de Caçadores a pé e o Esquadrão de Caçadores a cavalo foram por Valência de Alcântara e Almeida.

O 2o. e 3o. Regimentos que foram organizados na Beira, passaram também a fronteira junto de Almeida e continuaram por Ciudad Rodrigo até Salamanca.

O primeiro Regimento de Cavalaria, se não teve como o Primeiro de Infantaria a singular distinção de ir às paradas no Rosio executar manobras, que não tinham

aprendido, e comandadas numa língua pouco familiar aos seus Oficiais Superiores, teve ao menos a precedência na marcha. O primeiro Regimento partiu de Salvaterra durante o mês de Março e as outras tropas não se reuniram com eles senão em França na cidade de Auch, aonde chegaram quase dois meses primeiro que os outros todos.

Estas desgraçadas tropas marchavam como bandos de peregrinos, viam-se nelas fardas de todos os feitios e de todas as cores do antigo e novo uniforme (mod.1806) e grande número de outras de "capricho". Barretinas de diferentes modelos, chapéus armados e redondos com galão e sem ele, finalmente pareciam mais um corpo de ordenanças armadas que um exército de tropa de linha.

Assim foram elas num estado miserável para Salamanca, aonde chegaram nos primeiros dias do mês de Maio.

No espaço de cinco dias reuniram-se ali todas as tropas, os Oficiais do Estado-Maior, Oficiais sem tropa e os Generais, à excepção de Gomes Freire, que ficou alguns dias atrasado para tratar de diversos assuntos de sua casa.

O primeiro Regimento de Cavalaria, como foi dito, adiantou-se de todos os outros. O segundo, devido à falta de Cavalaria que os franceses tinham, recebeu ordem de ficar em Portugal. O sexto de Infantaria não se pôde formar por falta de soldados; de maneira, que as tropas se reuniram em Salamanca, reduziram-se a cinco Regimentos de Infantaria, um Batalhão de Caçadores, um Regimento de Cavalaria e um Esquadrão de Caçadores a Cavalo.

Todos os Regimentos tinham ido até ali quase sem terem tido um desertor, com excepção do terceiro de Infantaria, que desde Ciudad Rodrigo até Salamanca perdeu metade dos seus soldados.

O General-em-Chefe, em conformidade com as instruções que tinha recebido, logo que chegou àquela cidade espanhola, mandou a Madrid um Oficial Superior para receber ordens de Murat, que comandava as tropas de Napoleão em Espanha e a cujas ordens o exército vindo de Portugal ficaria. (continua)

(1) Ver J. Exército No. 243 e 244 de Março e Abril do ano corrente, respectivamente.

# PARA QUEM GOSTA DE CAÇAR... MESMO EM TEMPO DE DEFESO...

TEXTO E ILUSTRAÇÕES DE GABRIEL FERRÃO

Este artiguelho em grito de reportagem de caça foi rabiscado há quase vinte anos.

Quis ser na altura um apelo à justiça à coerência e ao bom senso.

Há muitos caminhos para se chegar a Roma, mesmo escolhendo-se os caminhos da caça.

Esse caminho era-nos de certo modo grato e fácil, por isso o seguimos fazendo a nossa proposta.

De então para cá muita coisa mudou, de facto. Já não há "senhores da terra" nem suas clientelas. Acabaram-se os contos e os sofismáticos "aramados".

A Terra tornou-se livre e dentro de certos condicionalismos, visando protecção das culturas e continuidade das espécies, todos a podem trilhar desde que respeitem os direitos dos outros, como o mais elementar civismo propõe, e tudo o resto que a Lei, agora tornada mais justa, ordena.

— Criaram-se reservas naturais de repovoamento sob responsabilidade Estatal.

— Diminuiu-se consideravelmente o número de dias destinados à prática venatória.

— Determinou-se o quantitativo de abates por espécie e por dia.

— Procurou-se ajustar o defeso das espécies aos períodos mais adequados à sua preservação.

E tomaram-se as medidas possíveis visando garantir uma mais eficaz fiscalização.

Mas o panorama mesmo assim em múltiplos aspectos não se modificou para melhor.

Mais do que o aumento do número de caçadores que crescem em progressão aritmética enquanto a caça vai diminuindo em progressão geométrica, o não cumprimento da Lei, que se procurou justa e liberal, e a falta de civismo de muitos, incapazes de compreenderem os seus deveres para com a colectividade em que se inserem, são as causas principais desta estagnação.

Enquanto alguns, que felizmente ainda são bastantes, caçam de espera de salto, ou em batidas conforme a Lei prescreve. Enquanto esses só caçam as espécies nos períodos não destinados ao seu defeso e nas quantidades que a Lei determina... Outros há, e não são menos do que os primeiros, para quem a Lei pouco mais é que letra morta.

Eles constituem a legião dos "furtivos", dos fora da lei, dos marginais cons-



cientes ou inconscientes que as futuras gerações apontarão como os grandes responsáveis pelo extermínio da caça em Portugal.

Esses "furtivos" dividem-se em dois grupos distintos. — os que vivendo em determinadas regiões onde as espécies são relativamente abundantes, não lhes dão tréguas durante todo o ano abatendo-as a tiro, a pau, armadilhando-as, ou largando-lhes os cães pela calada da noite para caçarem para si.

— Os segundos são aqueles que se deslocam com facilidade. Vindos de toda a parte caçam em toda a parte sem medo nem vergonha.

Não respeitam os defesos das espécies e chacinam a tudo quanto lhes apareça a jeito de tiro, quer permitido quer proibido, quer já criado quer ainda em crescimento. Não ligam qualquer importância a defesos nem à lei das quantidades por espécie.

Têm sempre um saco de fundo falso ou um largo blusão onde esconder uma lebre morta no período das codornizes ou dois ou três perdigotos apanhados quase que à mão, no dia da abertura da "espera às rolas".

Esperamos sinceramente que o civismo acabe por se tornar uma constante do nosso quotidiano de homens maduros. Só teremos sincera pena se a caça se tiver extinguido completamente antes que tal suceda.

A caça... ou muitas outras coisas que nos podem vir um dia a fazer realmente bastante falta.

E posto isto vamos pois à nossa história.

A abertura da caça — 1 de Outubro de 1960 —

Do "Diário de um coelho"

Eles aí estão!

— Primeiro em esparsos grupos de vultos indecisos, que os débeis alvares da madrugada que se avizinha, a custo avolumam.

Depois em massas compactas, rudes e ferozes como "hunescas hordas" em jeito de razia. Tremem aflitas as tímidas perdizes, acolhendo-se desesperançadas ao abrigo de moitas e tojeiras, arrebitam as orelhas as velozes lebres prontas para a arrancada que talvez lhes salve a vida. E em todo o campo, como que tocada pela vara da fatalidade, perpassa uma onda de inquietação, que, pouco a pouco, vai crescendo até tocar as raias do pânico.

Na minha toca de velho solitário já oiço cada vez mais distintos os resfolegares de homens e rafeiros. Felizmente que estou protegido por largos palmos de terra e rígidos parágrafos de legislação proibindo o uso de furões.

E pronto, termina aqui abrupta e tristemente o "Diário de um Coelho", vítima do "civismo" dum furtivo que "voluntariamente" desconhecia a Lei, usando furão. E como este, quanto e quantos furtivos, mais destruidores que todas as pestes, mais ferozes que todos os animais daninhos, não andarão misturados com os milhentos caçadores mais ou menos desportivos que a "golpes de espingarda", "de cão" ou de "cajado" irão escrever neste fatídico, (para os bicharocos) 1 de Outubro, mais uma trágica página para a história da extinção da caça em Portugal.

A título de curiosidade ocorre-nos perguntar:

— Será justo que se continuem concedendo licenças de caça sem tom nem som, permitindo que o número de caçadores ultrapasse em muito o número das peças de caça (de certas espécies indígenas, nomeadamente perdizes), que deveriam ser abatidas num ano venatório?

Será lógico que não se intensifiquem as fiscalizações, nem se contingem os abates por caçador?

Será razoável que se não providencie para que se criem reservas de caça, mas reservas que se vejam, capazes de defenderem as espécies para os necessários repovoamentos?

Talvez seja. Talvez seja justo, lógico e razoável, mas quanto a nós parece-nos bem que se está cada vez mais longe de seguir pelos caminhos que conduzem a quaisquer soluções.

Do "Diário de um caçador desportivo"...

Estou satisfeito! Loucamente satisfeito.

A minha espingarda está impecável. Ainda ontem lhe inspecionei os mecanismos de disparar e de segurança. Tudo perfeito, bem lubrificado e funcionando maravilhosamente.

O meu cão fiel e obediente rastreia a caça quase colado a meus pés.

Começo a andar. Como são ligeiros e largos os meus passos! Uma a uma as perdizes vão-me carregando o cinto.

— Mas que vem a ser isto? Um... dois... três, vinte tiros quase na minha direcção?

— E tudo chovendo em cima daquela, minúscula codorniz que esvoaceja alvoroçada!

— Então as batidas não estão proibidas neste mês?

Pelo sim e pelo não deixa-me abaixar não vá eu ser vítima deste bando de energúmenos.

Ai! Ai minhamãe, que me chegaram!

Tinha ou não tinha razão, em ser cuidadoso?

Um deles já levou chumbo do companheiro da "ponta esquerda".

Agora travam-se de razões.

Estou mesmo a ver que ainda acaba por meter Guarda Republicana.

Vou mas é voltar para casa, pois assim nem dá gosto caçar!

Pum! Pum! Catapum!!! Mas que vem a ser isto Santo Deus!

Nova salva de tiros, mas desta vez em cima dum mísero coelhito que vem fugindo na minha direcção.

Desvia-te bandido! Desvia-te senão ainda me fazem num passador por tua causa.

— Pum!!!...

la sendo desta. Ainda não sei bem o que se passou, pois a fumarada da pólvora não me deixa ver bem quantos mortos houve.

— Felizmente só houve um. — O triste coelho que ficou trespassado pelo cano da espingarda.

Quanto ao caçador que atirou... quanto a esse vamos lá andando que teve muita sorte. — Ficou só com a coronha enfiada na testa.

Mas onde vão os seus companheiros! Ena pai, como fogem! — Parece que estão a treinar para a Maratona...

Parem rapazes! Venham cá ajudar este

pobrezito. Parem por favor!... Isso pararam eles. — Aí valente civismo...

E pronto meus amigos.

Cá fiquei eu com a caçada estragadinha de todo, por causa deste "javardo" que vou carregar para o hospital!

A título de curiosidade ocorre-nos mais uma vez perguntar:

Porque se darão licenças de caça a irresponsáveis que nunca viram uma arma, não sabem usá-la nem aprenderam a atirar?

Porque razão não se lhe faz um prévio exame como aos automobilistas?

Porque razão se não obrigam a levar as suas armas a uma inspecção para se verificar se estão realmente em condições de fazer fogo?

Quantos e quantos desastres se não evitariam com tão elementares medidas de segurança.

Do "Diário de um caçador novato".

Hoje vim á caça pela primeira vez. Já ando há duas horas pelo campo e ainda não vi nem uma pena.

— Espera! Lá está um bando de perdizes.

— Agora é que vão ser elas. . . . .

Mas não foram nada. O terreno em que as perdizes se passeavam mesmo nas minhas barbas, ESTAVA COUTADO!

Mais duas horas sem ver nada.

Olá, parece-me que vou finalmente "quebrar a grade" com uma lebrezinha...

Mas não "quebrei nada". O terreno em que a lebre brincava descuidadamente, ESTAVA COUTADO!

Mais três horas sem ver nada

— Agora sim, este coelhito não escapa com certeza. . . . .

Mas escapou mesmo! O terreno em que o coelho corria estouvadamente, ESTAVA COUTADO! . . . . .

Tudo. Tudo coutado! — E fora desses

"Paraísos venatórios" nem uma peçazita que me desse uma "chance" de desenferujar o gatilho . . . . .

Mas diga-me Senhor Guarda. Essas coutadas protegem a caça para nos futuros anos termos abundância por toda a parte?

— Proteger a caça?

— Não, meu amigo, estas coutadas servem para proteger as caçadas dos seus donos e convidados que ainda por cima beneficiam das entradas de caça fugidas das poucas zonas ainda livres.

Ah... assim, sim!

— Pronto, Senhor Guarda. Pegue esta "coronhasinha" para fazer lenha e este canito para atizar o fogo. Até á vista, Senhor Guarda.

Desta vez não fazemos perguntas sobre o que se devia ou não propor para moralizar a caça em Portugal. Apenas nos limitamos a contar aquela velha história que nos parece vir a propósito do Senhor Eusébio que tendo andado todo o santo dia a "caçar" por montes e vales sem ver peça a que dar um "fogacho" acabou por, ao passar por um restaurante encomendar:

— Oiça senhor José, mande-me lá a casa seis perdizes estufadas. Mas que sejam gordas hem!

— Esteja descansado amigo Eusébio — garantiu o José — vai ficar bem servido com certeza.

Oito horas da noite em casa do Sr. Eusébio está tudo à mesa aguardando as perdizes que o nosso caçador desejando poupar trabalho à cara-metade, dissera ter mandado cozinhar no restaurante da esquina.

Bateram à porta. E poucos segundos decorridos surge a sobrinha do Eusébio que corraera a abrir com uma grande travessa na qual boiava um descomunal pargo assado.

— Olhe tio, o Senhor José manda dizer que como se acabaram as perdizes teve que as substituir por este peixinho que é gordo fresco e está mesmo um apetite!





# desporto

## ESGOTAMENTO FÍSICO NO DESPORTO FADIGA

O açúcar é o combustível da vida. E os músculos, que para trabalhar precisam de ser convenientemente alimentados, carecem dele em grande quantidade, em especial durante as suas fases de trabalho mais activo. Não na forma em que habitualmente o ingerimos, ou seja na de açúcar propriamente dito, pão, batatas, massas, farinhas, etc., tal como se apresentam os hidratos de carbono na nossa alimentação — mas sob a forma de um açúcar especial, denominado GLICOGÉNIO.

Pelos finos processos da nossa complexa alquimia celular, ao nível dos músculos, este glicogénio transforma-se em ÁCIDO LÁCTICO, em quantidade tanto maior quanto mais intenso e violento for o trabalho muscular. O Ácido Láctico tem sobre o centro respiratório uma acção inteiramente semelhante à do anidrido carbónico. É um excitante desse centro.

Se o trabalho for moderado, o Ácido Láctico elimina-se à medida que vai sendo produzido. Não se retém, nem se acumula.

Se pelo contrário, o trabalho for esforçado e violento, a sua acumulação é retensão no sangue serão inevitáveis, porque nestas condições o Ácido Láctico é produzido em quantidade que ultrapassa a faculdade que o organismo tem de o eliminar.

A fadiga muscular instala-se definitivamente. A respiração e a circulação tornam-se mais aceleradas.

O cansaço ou o esgotamento causado pela sobrecarga muscular é um síndrome que só pode caracterizar-se pela situação de auto-intoxicação. Esta circunstância mantém-se à custa do metabolismo muscular e dos seus produtos.

O cansaço, biologicamente considerado, é fruto da auto-regulação do organismo e sugere quando se ultrapassa um limite físico (limiar de esgotamento). Manifesta-se subjectivamente sob a forma de uma necessidade imperiosa de descanso, encaminhado para a recuperação das forças corporais.



Os sintomas do cansaço manifestam-se gradualmente começando com um simples esgotamento (sintoma passageiro), passando por uma astenia (perda mais ou menos manifesta da força e do tónus muscular) e pelo esgotamento propriamente dito (com extenuação da energia muscular e cessação da função correspondente) até a um cansaço total e agudo. O cansaço não abarca apenas o metabolismo muscular e os órgãos fundamentais do dito metabolismo (especialmente o fígado) mas frequentes vezes vem acompanhado de transtornos funcionais dos sistemas neurovegetativo, neuropsíquico e endócrino.

A aceleração do pulso e da respiração e o aumento da tensão arterial constituem os primeiros sintomas da afecção do sis-

tema neurovegetativo. A estes haveria a juntar todavia sintomas de atonia muscular.

Durante o treino, o tónus neurovegetativo modifica-se até chegar a um ponto que coincide com o estado óptimo da forma desportiva.

A componente psíquica do cansaço desportivo, causadora do esgotamento emocional, pode ter a mesma importância que a sobrecarga muscular.

Dado que as hormonas corticosteróides tomam parte activa no metabolismo muscular dos hidratos de carbono, deve recordar-se os danos que o esgotamento físico e a sobrecarga podem causar no funcionamento normal do sistema endócrino.

# CAMPEONATO DE FUTEBOL DE 11 DA REGIÃO MILITAR DE LISBOA

## E.P.I. BRILHANTE VENCEDORA

Realizou-se entre 18 e 27 de Março do corrente ano a fase final do Campeonato de Futebol de 11 da Região Militar de Lisboa, tendo sido o Regimento de Infantaria de Queluz a Unidade encarregada da organização da fase final.

A este Campeonato concorreram 16 equipas representativas das Unidades da Região, que foram agrupadas numa fase preliminar em 4 séries, tendo sido apuradas para a fase final as equipas vencedoras das respectivas séries.

As Unidades vencedoras e apuradas para a fase final foram:

EPI — EPC — EPAM — RALIS

Organizada uma poule final entre estas equipas, todos os encontros foram disputados no campo do RIQ, tendo-se verificado os seguintes resultados:

EPI — 0	EPAM, — 0
RALIS — 2	EPC — 2
EPAM — 4	EPC — 1
EPI — 5	RALIS — 3
EPAM — 3	RALIS — 6
EPC — 1	EPI — 4



A classificação final ficou assim ordenada:

	J	V	E	D	G.A.	PONTOS
1o. — EPI	3	2	1	0	9-4	5
2o. — RALIS	3	1	1	1	11-10	3
3o. — EPAM	3	1	1	1	7-7	3
4o. — EPC	3	0	1	2	4-10	1

A EPI sagrou-se assim vencedora do Campeonato de Futebol de 11 da Região Militar de Lisboa com todo o merecimento, porquanto foi a equipa que se mostrou mais coesa e homogénea ao longo do torneio.

3 primeiros lugares recebido taças e medalhas. Presidiu a esta cerimónia o Exmo. Coronel de Arta, António M. Calixto e Silva, Chefe do Estado-Maior do QG/RMLL.

Após o último jogo disputado no RIQ, procedeu-se à cerimónia de encerramento, tendo as equipas que se classificaram nos

3 primeiros lugares recebido taças e medalhas. Presidiu a esta cerimónia o Exmo. Coronel de Arta, António M. Calixto e Silva, Chefe do Estado-Maior do QG/RMLL. É de lamentar a não realização este ano do Campeonato do Exército, não previsto pela D.S.E.F.E., já que, sem dúvida alguma, o futebol de 11 é o desporto mais popular no Exército.

Atrevemo-nos mesmo a sugerir a organização de um Campeonato Nacional do Exército, subdividido em fases preliminares nas Regiões e Zonas Militares, apurando duas Unidades representativas de cada Região, e uma de cada Zona.

Por fim, uma fase final que englobasse 10 equipas, jogando todas entre si a duas voltas nos respectivos campos, traria uma movimentação ao desporto, que o Exército pode e deve incrementar.

Permitimo-nos mais idealizar que essas equipas seriam constituídas por militares amadores, já que os desportistas que vêm às fileiras filiados em clubes têm os mesmos a requisitá-los para os jogos que disputam nos fins de semana.

Mais vantagens poderíamos acrescentar para uma iniciativa deste género, aliás alicerçada no conhecimento da organização desportiva de Exércitos estrangeiros.

Ficamo-nos na esperança de um futuro mais risonho.



# AS UNIDADES DE ENGENHARIA

## O REGIMENTO

### DE ENGENHARIA DE LISBOA

#### BREVE RESUMO HISTÓRICO

Pelo Cap. Eng. EDUARDO GONÇALVES

O actual Regimento de Engenharia de Lisboa, como é vulgarmente conhecido, ou REI, como ainda consta da sua designação oficial, é, actualmente, a mais antiga unidade da Engenharia Militar Portuguesa.

A sua origem, liga-se directamente ao Batalhão de Artífices Engenheiros, criado em 1812 e que, no seu tempo, representou a concretização prática do Real Corpo de Engenheiros, cujo "Regulamento Provisional", foi publicado a 12 de Janeiro desse ano e que fixava as normas segundo as quais se devia reger o Corpo. Mas só em 24 de Outubro de 1812, por ordem do Marechal Beresford, foi de facto organizado o Batalhão, por Ordem do Dia expedida do Q.G. do Calhariz e cujo intróito é o seguinte:

"Devendo organizar-se um Batalhão de Artífices Engenheiros, composto de três Companhias, nas quais entrão Carpinteiros de machado e obra branca, Calafates, Barqueiros, Ferreiros-Serralheiros, Tanoeiros, Serradores, Cesteiros, Mineiros e Pedreiros; determina Sua Excelência o Marechal Beresford, Conde de Trancoso, que os Senhores Comandantes... remetão com toda a brevidade ao Ajudante-General huma relação dos Officiaes Inferiores, Cabos d'Esquadra, Anspeçadas e Soldados, que houverem no respectivo Corpo com os mencionados Officios, e que tiverem de 35 anos para baixo de idade, e quizerem voluntariamente servir no dito Batalhão.

... As Praças das três Companhias, além de vencerem fardamento, pão e etape, como os mais Corpos de Tropas de Linha, serem aquarteladas e curadas nos Hospitales Militares, está estabelecido, que terão o soldo seguinte:

Primeiro Sargento .....	290 réis
Segundo Sargento .....	260 réis
Furiel .....	240 réis
Cabo de Esquadra .....	210 réis
Anspeçada .....	180 réis
Soldado .....	160 réis
Tambor .....	100 réis

O seu primeiro Comandante foi o Sargento-Mor José Jerónimo Granate e o aquartelamento indicado para a Unidade, nesses primeiros tempos, foi o Convento dos Marianos, na rua dos Fanqueiros.

O Batalhão era então constituído por 3 Companhias formadas por Artífices, Mineiros, Pontoneiros e Sapadores, cada uma delas "a constar de 74 praças" e o seu efectivo total rondava os 226 homens entre os quais 11 Officiaes.

As suas primeiras intervenções relacionaram-se com a construção de pontes militares em Abrantes, Vila Velha e Punhete (Constância), tanto no Zêzere como no Tejo, ao mesmo tempo que desenvolveu assinalável actividade durante a Guerra Peninsular, em Espanha, no sítio de diversas praças.



O Regimento de Engenharia de Lisboa — Hoje.

Em 18 de Julho de 1834 a Unidade, que entretanto evoluíra, passa a designar-se Batalhão de Sapadores, constituída agora por 6 Companhias de Artífices de diversas profissões e 17 Officiaes.

Em 1849, ocorrem novas alterações e o Batalhão de Engenheiros, designação por que ficam a ser conhecidas as tropas do Corpo de Engenheiros, apresenta na sua constituição uma Companhia de Pontoneiros, uma de Mineiros e duas de Sapadores, com um efectivo total de 396 Praças e 14 Officiaes. No entanto, um decreto de 1864, prevê que a sua orgânica possa vir a ser alterada em caso de guerra com mais duas Companhias de Sapadores, perfazendo um total de 628 homens.

Em 1869, a Unidade recebe o nome de Batalhão de Engenharia, ao mesmo tempo que vê a sua estrutura profundamente alterada. A Unidade em pé de paz continua constituída por 4 Companhias, agora classificadas de acordo com a seguinte ordem: 1a. Companhia, de mineiros; 2a., de Sapadores; 3a. de Pontoneiros e 4a., de Operários Militares (os Antigos Artífices). Continua a prever-se o aumento, em caso de guerra, de mais duas Companhias, a 5a. e a 6a., de Sapadores. Cada uma delas com 124 praças de profissões afins das suas especialidades como, por exemplo, a Companhia de Sapadores que dispunha de 63 Cavadores, 8 Carpinteiros, 8 Cesteiros e 10 Pedreiros, entre outros.

Estas Companhias são, em 1873, dotadas com o primeiro material de parque e portátil ficando, a cada uma delas, a competir uma viatura a duas parelhas para transporte de ferramentas e utensílios, duas muars carregando a dorso ferramentas miúdas e explosivos e ainda 124 peças de ferramentas e respectivos estojos.

Em 1874, as duas Companhias, a aumentar ao Batalhão apenas em caso de guerra, tornam-se efectivas, sendo a 6a. reforçada em cavalos muars e seus condutores, além do acima referido material de parque.

Em 1884, e por acção de Fontes Pereira de Melo é criado, pela primeira vez, o Regimento de Engenharia, incluído na profunda reforma por que passou o Corpo de Engenheiros, nesse ano. Era composto por 3 Batalhões, 2 Activos e um de Reserva, dispondo os Activos de 4 Companhias cada, um deles exclusivamente de Sapadores e o outro, de uma Companhia de Caminhos de Ferro, uma de Telegrafistas e duas de Pontoneiros.

O Batalhão de Reserva, compreendia duas Companhias de Sapadores Mineiros, uma Companhia de Pontoneiros e outra de Telegrafistas.

Em 1899, o número de Companhias activas do Regimento é aumentada para dez, com a criação de uma Companhia de Condutores e outra de Depósito.

É deste Regimento o destacamento de Engenharia que, em Moçambique, se distingue nas

lutas de pacificação, principalmente nas campanhas contra os Vátuas.

Em 1901, sendo Ministro da Guerra Luiz Augusto Pimentel Pinto, é criada uma Companhia Independente, a Companhia de Torpedeiros, e uma das Companhias de Sapadores Mineiros é transformada em Companhia Independente de Sapadores de Praça. Ainda durante o ano de 1901, é reformulada a organização existente, passando o Regimento a ser constituído por 6 Companhias de Sapadores Mineiros, 2 de Pontoneiros, 1 de Telegrafistas e 1 de Caminhos de Ferro. Valerá a pena lembrar que foi por esta época, em 1909, que se deu o abalo sísmico que destruiu grande parte do Ribatejo, muito em especial Samora Correia, Benavente e Salvaterra e que, na prestação de auxílio aos sinistrados, teve papel preponderante um destacamento de Engenharia dirigido, entre outros, pelos Capitães Frederico Oom e João Maira de Aguiar.

Com a proclamação da República e o desmembramento da Engenharia como Corpo de Tropas submetido a um Comando unificado, dá-se a criação de várias Unidades submetidas a Comandos Independentes. São assim formadas uma Companhia de Sapadores de Praça, uma de Torpedeiros, um grupo de Caminhos de Ferro, um grupo de Telegrafistas de Campanha, uma Companhia de Projectores, um Batalhão de Pontoneiros e dois Batalhões de Sapadores Mineiros. Estes últimos passam a constituir o corpo de tropas mais importantes de Engenharia, mantendo-se na linha e no campo de actuação do antigo Batalhão de Artífices.

É, no entanto, curta a vida independente destes dois Batalhões pois que, ainda nesse mesmo ano de 1911, se fundem num único Batalhão de Sapadores Mineiros, a 4 Companhias e uma secção de Condutores.

Este, em 1913, transforma-se no Regimento de Sapadores Mineiros, a 2 Batalhões, num total de 8 Companhias de Sapadores Mineiros e 1 de Condutores e é dele que são então mobilizados o grosso das tropas de Engenharia que toma parte na 1a. G.G., tanto em França — 4 Cias de Sapadores Mineiros, 2 de Mineiros e 1 de Parque —, como em África — diversos destacamentos incorporados em Companhias Mistas.

Em 1926, com o advento do Estado Novo, são criados dois Regimentos de Sapadores Mineiros, um em Lisboa e outro no Porto, ficando o no.1, aquartelado em Queluz. A sua constituição assentava em 3 Cias de S.M., 1 de Sapadores de Praça, 1 de Projectores, 1 de Mineiros, 1 de Pontes Divisionárias, 1 de Sapadores Especialistas e 1 de Condutores e Parque. Foi neste ano de 1926, em 31 de Agosto, que teve lugar o sismo que arrasou a cidade da Horta e mais algumas povoações da ilha do Faial. Um destacamento do RSP seguia em 2 de Setembro e, apenas 3 dias após, para a ilha, nela permanecendo cerca de 10 meses e executando os mais diversos trabalhos de recuperação, donde, o "Bairro de Sapadores Mineiros", inaugurado em Fevereiro de 1927, é o exemplo mais frisante.

Acontecimentos relacionados com o movimento revolucionário de Fevereiro de 1927, provocaram a dissolução do RSM no. 1 que, em 8 de Março do mesmo ano é substituído por um "Depósito". No entanto, e em 19 do mesmo mês, a situação é regularizada, sendo o RSM, bem como o seu homólogo do Porto transformados em Batalhão e mantendo o agora BSM no. 1 a sua sede em Queluz. A sua constituição passou então a ser a seguinte: 2 Cias de Sapadores Mineiros, 1 Cia de Mineiros, 1 de Sapadores de Praça e 1 de Condutores e Parque.

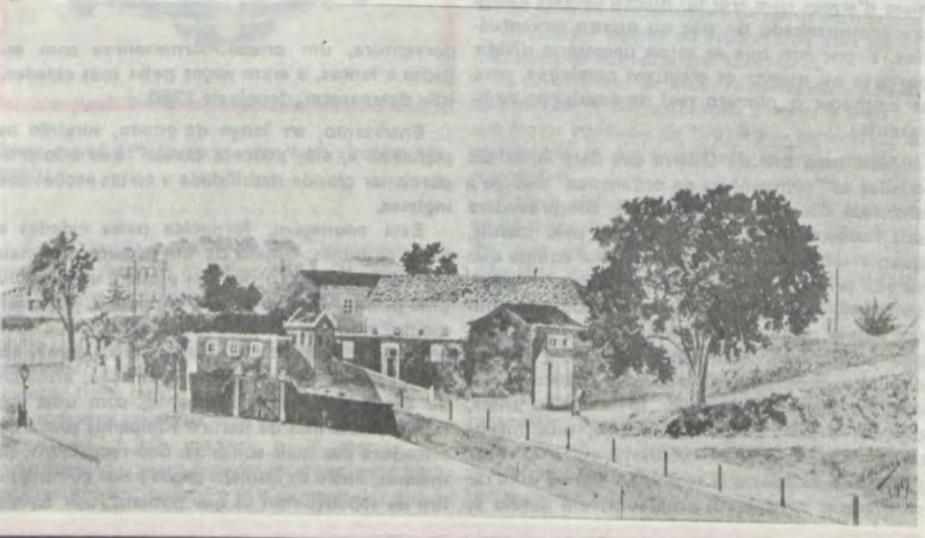
Ainda no ano de 1927, volta-se à designação de Batalhão, dos quais e no entanto apenas o de Lisboa fica com existência própria e formado por três Grupos em outros tantos Aquartelamen-

tos: o 1o., em Queluz que é ao mesmo tempo a sede do Regimento, o 2o., no Porto e o 3o., na Pontinha. A sede do Regimento foi ainda mudada, embora com a mesma estrutura, para o Forte de Caxias, em fins de 1931.

Em 1934, a sede do Regimento é transferida para o Campo Grande e, em 29 de Fevereiro de 1940, é suprimido o RSM e criado em seu lugar o Regimento de Engenharia no. 2, ficando o grupo aquartelado no Porto, depois de transformado, com a designação de Regimento de Engenharia no. 1. Finalmente, em 1 de Janeiro de 1948, a Unidade recebe nome de Regimento de Engenharia no. 1, a qual ainda hoje se mantém.

As actuais instalações da Pontinha só se tornaram aquartelamento único da Unidade em Novembro de 1971.

De salientar, na sua "história" recente, o papel desempenhado pela Unidade na noite de 24 para 25 de Abril de 1974, em que serviu de Posto de Comando das tropas então vitoriosas. Vicissitudes várias fizeram com que o Regimento tivesse ficado nos fins de 1975, e um pouco à semelhança do que já lhe havia sucedido em 1927, desactivado. Hoje, a sua importância, como Unidade Operacional estende-se, porém, a todo o Sul do País ultrapassando em muito o âmbito restrito das Forças Armadas.





# ARMAS ANTIGAS

Coord. de B. P.

## A GUERRA DOS CEM ANOS A BESTA E O "LONG BOW"

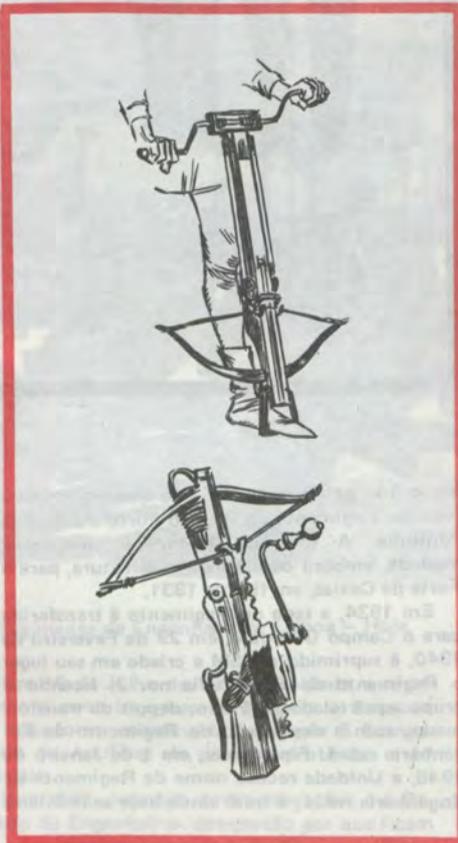
O ano de 1337 marca o início da Guerra dos Cem Anos. A sua causa reside na decisão de Eduardo III, Rei de Inglaterra, de tomar o título de Rei de França. Esta longa e cruenta luta só irá terminar em 1453, quando os ingleses são expulsos definitivamente, após a batalha de Bastillon, exactamente no mesmo ano da tomada de Constantinopla.

Porque fazemos referência a esta guerra ao pretendermos coligir alguns elementos sobre a besta e o arco grande?

É que a Guerra dos Cem Anos foi iniciada com métodos de combate que já vinham da antiguidade e terminou com outros absolutamente modernos. E foram de tal monta as alterações que se deram que historiadores há que escolheram o fim da guerra como a separação entre tempos medievais e modernos. E, nesta transformação tão profunda, tiveram papel relevante a besta e o arco, nomeadamente o arco grande ou "long bow". Por isso, vamos tentar fazer um pouco de história sobre a evolução do armamento e equipamento e, até, da mentalidade dos combatentes nesta época importante da História.

Na época do início das hostilidades, o uso da cota de malha é já antigo. O homem de armas não é nem pode ser um indivíduo isolado. O peso da armadura, a necessidade de uma terceira pessoa para a pôr e a manutenção dos cavalos e das armas honrosas (lança, espada, machado, maça e punhal) exigem uma equipa de, pelo menos, três homens: o escudeiro que leva o escudo e ajuda o cavaleiro a montar; o moço d'armas que se ocupa das armas e doutras tarefas menores; e o terceiro elemento que tratará, entre outras tarefas, dos cavalos. Assim e na prática, um homem d'armas com três ou quatro cavalos é sempre acompanhado de três ou quatro serventúrios. É por isso que se torna necessário dividir por três ou quatro os efectivos cavaleiros, para se conhecer o número real de cavaleiros combatentes.

Mais para fins da Guerra dos Cem Anos são criadas as "companhias de ordenança" e surge a chamada "lança", conjunto que compreenderá seis homens a cavalo, dos quais, pelo menos, quatro serão combatentes. É nesta equipa que surge, primeiro, na Inglaterra e, muito mais tarde, na França, o *cutleiro*, armado não com um cutelo mas com um pique e que não é mais que um infante. Assim, por volta de 1337, os cavaleiros propriamente ditos são, praticamente, os únicos a estar a cavalo. Meio século antes, todavia, tinham-se constituído, já, uma infantaria montada que se recrutava entre os burgueses das cidades que se podiam dar ao luxo de se oferecer uma certa armadura, um cavalo e,



Bestas do Séc. XV: (em cima, do tipo torno; em baixo, do tipo macaco)

porventura, um criado. Armavam-se com espadas e lanças, e eram pagos pelas suas cidades. Irão desaparecer, depois de 1350.

Entretanto, ao longo da guerra, surgirão os arqueiros e, até, "peões a cavalo" que irão proporcionar grande mobilidade a certas acções dos ingleses.

Esta peonagem, fornecida pelas cidades e pelas comunas, dispõe de um armamento mais modesto, composto por um pique e um arco ou uma besta. A sua acção no combate é, essencialmente, estática, ao invés do cavaleiro, que deve ser todo movimento. Os mais rústicos dentre eles são os quase sem nenhuma instrução, armados de pique ou, mais geralmente, com uma das numerosas armas de haste e equipados com uma armadura das mais sumárias. São recrutados, na maioria, entre os homens pagos pelas comunas a fim de substituírem os que podiam fugir àquela

função. Mas nas cidades, os arqueiros e os besteiros constituem velhas e honradas corporações que eram encorajadas pelos poderes públicos.

Só que estas corporações ou milícias populares tiveram desenvolvimentos diferentes na França e na Inglaterra, face ao tipo de armamento utilizado.

Na França, a besta está em uso desde há muito tempo unicamente como arma de combate. Esta arma de arremesso era considerada como uma arma infame pelo código de honra dos cavaleiros medievais, visto que ignoravam qual seria a sua vítima; daí que só podiam servir àqueles que não possuíam títulos de nobreza.

O 20.º Concílio de Latráo, em 1139, proibira, considerando-a uma arma desleal e traidora, e anatematizou-a, qualificando-a "artem mortífera et des odibilem" mas, ainda assim, com a surpreendente restrição de permitir empregá-la... contra os infiéis! Apesar disso, por volta de

Bestas do Sec. XIII, dos tipos de armar à mão e de gancho.





Besteiros a armar e a disparar.

1350, há numerosas confrarias de besteiros em todos os países europeus. Quanto à aparição dos arqueiros, esta é bastante mais tardia. Só em 1411 é criada a primeira companhia de 120 arqueiros, em Paris, e, em 1448, as famosas companhias de franco arqueiros (francs-archers).

Na Inglaterra, a arma era muito diferente. De facto, os ingleses já não tinham besteiros desde o princípio do século, porque a "Magna Carta" havia proibido as bestas, mas os ingleses, que sempre foram previdentes, dispunham, nessa época, de uma arma mais eficiente: o "long bow" ou arco grande.

Começou a falar-se, na Inglaterra, do arco grande, em meados do século XIII, e teve tal repercussão que, no século seguinte, era a arma nacional deste país.

Na verdade, em fins do século XII, o arco já era usado pelos galeses que já se haviam afirmado no cerco de Abergavenny, na fronteira da Inglaterra com o País de Gales.

Este robusto e barato arco estava ao alcance de todos, mas foram necessários anos de treino para formar bons arqueiros e conseguir que atingissem a mesma precisão de tiro dos besteiros. Estes arcos foram armas terríveis na mãos dos galeses, ingleses e flamengos que tornaram o tiro ao arco uma arte nacional, praticando-a desde a infância.

E só assim pôde acontecer que nas batalhas de Crécy (1346) e de Azincourt (1415) da guerra que vimos referindo, a fina flor da nobreza francesa, com as suas brilhantes mas pesadas armaduras, fosse dizimada, no campo de batalha, pelos arqueiros ingleses. E a propósito, lembramos que, então, os franceses tinham, ao seu serviço, besteiros genoveses mercenários endurecidos que debandaram perante a tremenda chuva de flechas inglesas. E a vincar as possibilidades do "long bow" podemos citar que, durante o cerco de Abergavenny, as flechas galesas atravessaram uma porta de carvalho de oito centímetros de espessura e, ali, ficaram como recordação dessa luta. E, ainda, segundo a referência do Geraldo Cambrensis, naquele mesmo local, "uma flecha desse tipo atravessava a armadura de um combatente, a cota de malha, a coxa, as calças, a cota de malha do outro lado da perna e a madeira do arcão, ficando, por fim, profundamente cravada no flanco do cavalo".

Podemos, pois, concluir que, na verdade, quando a Guerra dos Cem Anos terminou, com ela toda uma metodologia de combate se alterou profundamente.

"A besta e o "long bow" marcaram a decadência da cavalaria feudal e, juntamente com a pólvora e a infantaria organizada (os quadrados suíços), iriam dar-lhe o golpe de misericórdia".

A besta tinha o defeito de ser pesada (uma dezena de quilos), a sua cadência de tiro era, de certo modo, lenta (dois virotões por minuto) e os próprios virotões pesavam 200 a 300 gramas; em contrapartida, a sua precisão era excelente e o alcance muito considerável. Nos combates a certa distância ou quando se disparava ao abrigo de uma muralha, a besta era notável. Ao longo de toda a Guerra dos Cem Anos e, apesar dos revezes que lhe foram atribuídos, a besta conheceu, sempre, pelo menos em França, uma grande voga.

E, apesar da superioridade do arco inglês sobre ela, subsistirá, ainda, durante perto de dois séculos, na França, e não irá ser destronada senão pela arma de fogo com a qual, aliás, coexistiu durante muito tempo (evidentemente, com as primitivas), superando-as em precisão, segurança e cadência de tiro.

Os tipos primitivos de besta armavam-se à mão e esta era pouco potente. No século XIII, foi substituída pela "besta de gancho", utilizada até cerca de 1500. Deveu o seu nome ao gancho que o besteiro tinha à cintura e ao qual prendia a corda que levava ao entalhe, endireitando os rins, ao mesmo tempo que mantinha o pé fixado à coronha, com o auxílio de um estribo. No século XV, à medida que se pretendia conseguir uma maior tensão de corda, surgiram a besta de torno e a de macaco (com uma actuação mecânica do tipo dos macacos usados, actualmente, nos automóveis).

As bestas mais potentes lançavam virotões de 150 gramas a quase 400 metros de distância, com grande precisão e forte poder de penetração, sobretudo se o impacto era perpendicular ao alvo.



Besta alemã de tipo de macaco com virotões (ca. 1570)

Para constituir um "long bow" bastavam dois metros de madeira de olmo. Muito tenso, tinha um alcance semelhante ao da besta mas a vantagem de um tiro mais rápido; por outro lado, como a flecha (com os seus noventa centímetros), era mais pesada que o virotão, o impacto tinha maior potência.

Os arqueiros ingleses com os seus "long-bow" com cerca de 1,80 metros a 2 metros de comprimento, eram capazes de atirar, com uma cadência de tiro quatro a seis vezes maior que a



O "long bow"

da besta, flechas de freixo, muito mais leves, embora menos precisas, mas cujo alcance era duplo do virotão. Este pormenor poderia explicar, em parte, os primeiros revezes franceses da Guerra dos Cem Anos.

Além do reputado "long bow" inglês, podemos considerar a existência do arco normal que não tinha mais de um metro de comprimento e, consequentemente, menor alcance e poder de penetração; o arco italiano de aço com cerca de 1,50 metros de comprimento, tal como o arco alemão. A madeira de teixo era o material mais utilizado na confecção tanto de arcos como de bestas; no entanto, os ingleses usavam o olmo para os arcos e o freixo para alguns tipos de flechas.

O transporte do arco fazia-se, no século XIII, num estojo apropriado, enquanto as flechas eram contidas na chamada aljava.

As pontas das flechas tinham formas muito variadas, algumas, em forma de crescente ("luna"), destinavam-se, especificamente, a cortar os jarretes dos cavalos e os cabos de marinha.

O alcance médio do arco era de 200 metros mas havia-os com alcances superiores.

O favoritismo do arco, relativamente à besta, será devido à sua utilização simples e segura, à sua maior cadência de tiro, à sua capacidade de penetração, à sua leveza e à sua mais fácil manutenção.

Para a defesa do corpo, tanto os arqueiros como os besteiros, usavam uma cota não de malha mas de aneletes fixados numa como que almofada de pele a que chamavam "broigne" e que era, dois séculos antes, a armadura dos cavaleiros.

Quanto aos peões com os seus piques e armas de haste, usam a "brigandina", espécie de couraça de busto, feita de placas unidas e só, muito raramente, uma armadura de pratos. Na cabeça, em lugar do bacinete, apenas uma espécie de casco, uma gorjeira de malha ou de placas ou um capacete inteiriço.

Por MARIA LEONOR PIRES

## A GUERRA É BELA... EM "APOCALYPSE NOW"

É sem dúvida estranho poder escrever-se que "a guerra é bela". Como é possível que a destruição de homens e de máquinas possa ser bela? De facto não o é, salvo no último filme de um dos mais destacados génios cinematográficos do presente: Francis-Ford Copola.

Escrevemos sobre Apocalypse Now, bem entendido, uma película que recria um episódio imaginário da guerra no Vietname. Utilizando, com acerto, os efeitos especiais, os filtros e as lentes, o actual menino-prodígio de Hollywood concebeu uma superprodução que, durante duas horas e meia, prende os espectadores às cadeiras de qualquer plateia, sem um suspiro, sem um sorriso, também sem uma lágrima.

Apocalypse Now é um filme magistralmente bem concebido, em que os episódios de uma guerra singular nos conduzem a um Coronel louco (?) refugiado no meio de uma mata e vivendo o seu sonho (?) de lucidez. O desembarque de "marines" numa praia, à mistura com pranchas de "surf"; o helicóptero que explode, numa acção suicida de uma guerrilheira; o assassinio da tripulação do junco; e, por fim, a chegada ao Quartel-General do Coronel, são imagens que durante muito tempo, vão perdurar na retina dos espectadores.



James Cagney

Concebidas e filmadas com muito cuidado, as cenas de Apocalypse Now, apoiadas aqui e ali no diálogo necessário, marcam mais uma etapa do discurso cinematográfico da nova geração de cineastas norte-americanos. Recorde-se como é importante o diálogo, no atravessar do último posto avançado, junto a uma ponte. O protagonista bem pergunta quem comanda ali; e recebe como resposta, nalguns casos, "pensava que era você". Repare-se, também, no espectáculo das "coelhinhos" que vão às frentes de guerra, (isto bem no estilo americano) em contraste com o que faz o inimigo.

Apocalypse Now não é um filme passivo. E ainda bem.

### JAMES CAGNEY REGRESSA COM OITENTA ANOS

O actor James Cagney, actualmente com 80 anos, afastado há muito tempo dos estúdios cinematográficos, voltará às telas, sob a direcção do realizador húngaro Milos Forman.

Cagney desempenhará o papel de chefe de polícia, no filme "Ragtime", baseado na novela de E.L. Doctorow. A primeira parte da película — uma superprodução de Dino de Laurentis — será rodada em

Julho, em Nova Iorque, e, dois meses mais tarde, em Londres.

### MEDALHA PARA BUÑUEL

A Universidade de Madrid concedeu uma medalha de ouro ao realizador cinematográfico Luis Buñuel, pela sua contribuição para a cultura espanhola e para o cinema mundial. Foram ainda agraciados o crítico Emílio Garcia Riera, Julio Alejandro (colaborador de Buñuel nos filmes "Viridiana" e "Tristana") e ao autor de guiões Luis Alcoiza, em representação dos cineastas espanhóis que estiveram exilados no México durante o regime franquista.

### FILMES A NÃO PERDER

"O Casamento de Maria Braun", de Rainer Werner Fassbinder, é um dos filmes que o leitor não deve perder sob qualquer pretexto. Trata-se de uma obra do Cinema Alemão em que se retrata o regresso de um marido que se julgava morto na guerra e um conseqüente assassinio. Outras películas que aconselhamos: 1941 — Ano Louco em Hollywood; O Campeão; A Morte em Directo e O Amigo Americano.

### WALT DISNEY MAIS PERTO DE NÓS

As produções Walt Disney vão ter, no nosso país, uma delegação autónoma que substituirá a Walt Disney Ibérica, com sede em Madrid, nas operações com o mercado português.

A criação deste departamento é justificada pelo ritmo de crescimento do mercado local, relativamente à divulgação do material gráfico e de cinema e à utilização comercial das figuras criadas por Walt Disney.

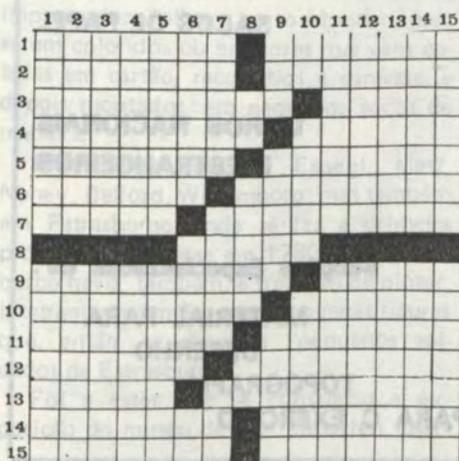


# recreio

JOPRA

CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS  
DE TEMA MILITAR  
DECIFRAÇÃO  
2a. ETAPA - MAIO/80

PROBLEMA No. 2



HORIZONTAIS

1 - Moléstias; vexaras. 2 - Encontrara; camuçu. 3 - Polidoras; mutilar. 4 - Ensinas; libra. 5 - Finas; escavar. 6 - Olores; tratamento entre soldados. 7 - Curas; bordaram. 8 - Lilaseiro. 9 - Ferir; rolfar. 10 - Lesaras; salema. 11 - Magalas; galuchos. 12 - Partes; estoraque. 13 - Dentar; recapitular. 14 - Arara; emarara. 15 - Calabres; aleijaram.

VERTICAIS

1 - Moléstias; olharam. 2 - Achara; apagara. 3 - Aperfeicoador; mentir. 4 - Sossega; amancebado. 5 - Ardilosas; fatigaram. 6 - Odores; covas; simb. quim. do rádio. 7 - Sanas; ditosas; senhoras. 8 - Coriféu; alcovas; pois. 9 - Arrás; quebrar; povo da antiga Ásia Menor. 10 - Simb. quim. do amerício; lodos; salama. 11 - Ruiam; soldados. 12 - Alambrrara; vigiando. 13 - Tocar; esquiar. 14 - Amancebada; matara. 15 - Corrigiram; ajustaram.

CHARADISMO  
CHARADAS METAMORFOSEADAS

1 - Geralmente *termina* na prisão, a carreira de quem *rouba*. - 6(5)  
2 - A *mulher* formosa dá preferência ao homem *rico*. - 5(3)

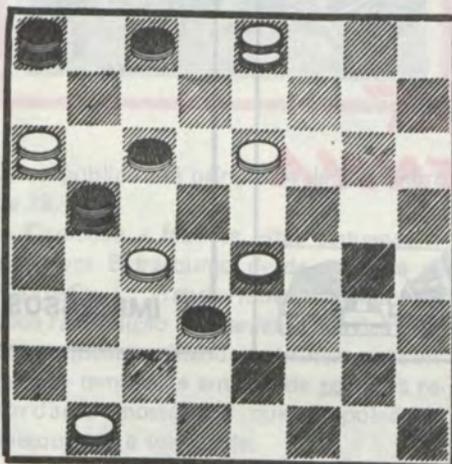
3 - Os *olhos* reflectem a *tristeza* do coração. - 8(6)

4 - *Igual* a ti, só *tu*. - 2(1)

\*\*\*

(Ver as soluções numa das páginas do Jornal)

DAMAS  
PROBLEMA No. 92  
de Teles Júnior



Br. - 2 damas e 4 pedras

Pr. - 2 damas e 3 pedras

COLOCAÇÃO DAS PEÇAS

BR. - 4-14-15-22-(24)-(30)

PR. - 11-(20)-23-31-(32)

As brancas jogam e ganham.

\*\*\*

De harmonia com as condições do Regulamento deste Concurso, publicado no no. 241 do JORNAL DO EXÉRCITO de Janeiro do corrente ano, as soluções deverão ser elaboradas em conformidade com o mesmo, e remetidas a JORNAL DO EXÉRCITO - "RECREIO" - Largo da Graça, no. 94 - 1100 LISBOA, até ao dia 30 de Junho de 1980.

Para o efeito, deverá utilizar o cupão destacável que se insere na página 49, deste número.

## SE É COLECCIONADOR

O JORNAL DO EXÉRCITO  
TEM PARA SI  
A PREÇOS ESPECIAIS

POSTAIS

UNIFORMES MILITARES  
PORTUGUESES  
(edição de JE)

JÁ EDITADAS:

8 séries de 9 postais cada

Preço de cada série ..... 35.00

Postais avulsos ..... 4.50

Preço especial para Assinantes Militares:

Cada série ..... 30.00

Postais avulsos ..... 4.00

MEDALHAS

(Bronze)

VITÓRIA DE:

Vasco Núñez - Gravador

XV ANIVERSÁRIO DO JORNAL  
DO EXÉRCITO

(Módulo: aprox. 80mm)

Preço ..... 210.00

Assinantes e Militares ..... 160.00

M. F. - 25 ABRIL

(Módulo: aprox. 70mm)

Preço ..... 210.00

Assinantes e Militares ..... 160.00

LUÍS DE CAMÕES

(Módulo: 70 mm.)

Preço ..... 350\$00

Assinantes e Militares ..... 300\$00

ENCADERNAÇÕES

Caro Assinante,  
Confie-nos a sua colecção do JE para encadernar.

Preço de cada encadernação completa, ano, c/ capa em percalina azul e gravação a dourado 120.00.

Caso deseje apenas as capas, deve indicar os anos a que se destinam.

Preço de cada capa 60.00.

NOTA - Os preços especiais para militares são extensivos aos elementos das F. Militarizadas.

Nos pedidos de envio pelo correio os portes e encargos de cobrança são por conta dos interessados.



COM

# COMBI-CAMPEasy

TUDO RODA MELHOR  
FÉRIAS E FINS DE SEMANA  
3 MODELOS (1 e 2 QUARTOS)

EXPOSIÇÃO  
RUA DO CRUCIFIXO, 112  
LISBOA - TEL. 37 19 97

**CASA  
Senna**



# PAPELARIA FERNANDES

LARGO DO RATO, 13 — RUA DO OURO, 145 — LISBOA

Oficinas de:

TIPOGRAFIA

LITOGRAFIA

ENCADERNAÇÃO

CARTONAGEM

SOBRESCRITOS

SACOS DE PAPEL

LIVROS NACIONAIS  
E ESTRANGEIROS

Secções Especializadas de:

MATERIAL PARA  
DESENHO

TOPOGRAFIA

E IMPRESSOS PARA O EXÉRCITO

## CASA BASTÃO-ALFAIATARIA, LDA.



RUA DOS REMEDIOS, 168  
(a Santa Apolónia)  
Telef. 86 77 29 - LISBOA-2



MILITAR E CIVIL

### ALFAIATARIA MILITAR

Confecciona toda a espécie de fardamentos, condecorações, galões, divisas, emblemas, distintivos e fornece artigos Militares às Unidades, Cantinas, etc.

### ALFAIATARIA CIVIL E PRONTO A VESTIR PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

### ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

Os melhores tecidos nacionais e estrangeiros, Malhas, Camisaria, Calçado, Gabardinas, Sobretudos, etc.

Trabalhos executados por pessoal altamente especializado e com a maior perfeição



com  
PEÚGAS **C.D.**

quem ganha  
... é você!



# MODELISMO



## PEQUENOS SOLDADOS DE PAPEL UMA INICIATIVA ORIGINAL DO MUSEU DE PFAFFENHOFFEN (BAIXO-RENO)

Numerosas são sem dúvida, os que conhecem estes pequenos soldados de papel, impressos em folhas a preto e branco, para serem coloridos ou em cores que vêm coladas em cartão, recortados a canivete, e depois montados, em pequenos socos de madeira.

Eram impressos em Espiral, Metz, Naney, Belford, Wissemborg; mas também em Estrasburgo onde se fez a primeira produção em massa em 1780. Em Estrasburgo havia, também, a tradição de pintar, inteiramente à mão, estas pequenas figuras que, então, se chamam "pequenos soldados de Estrasburgo".

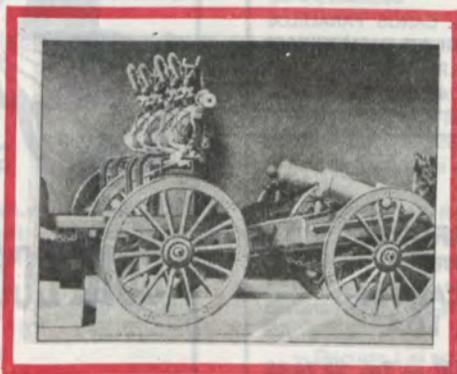
Foi a estes que se consagrou a exposição do museu de Pfaffenhoffen, abert

saúde porque não conhecia o local exacto dos eixos das ambulâncias!

## UMA EXCELENTE IDEIA PARA UM PASSEIO DOMINICAL

Desta obra gigantesca, o Museu de Pfaffenhoffen, com a colaboração da Associação alsaciana de coleccionadores de pequenos soldados de papel, fez uma selecção de dois a três mil peças, escalonadas de 1810 até à época actual, que são apresentadas no quadro da exposição do Outono. Não há dúvida que encantarão os numerosos visitantes. Ao mesmo tempo, a Associação alsaciana de coleccionadores de postais apresenta, em inteira reserva, postais cujo tema é "ilustrações militares".

O museu está aberto às 4as. feiras, sábados e domingos, das 14 às 17 horas. (...)



to ao público até princípios de Dezembro de 79.

Começou a fazer-se estas pequenas figuras em Estrasburgo desde a época de Napoleão I. Transformou-se numa verdadeira tradição proveniente, obviamente dos pequenos soldados de brincar, mas enraizada também e em grande parte na recordação nostálgica que Napoleão I deixou após a sua queda.

## O TRABALHO DOS AFICIONADOS

Efectivamente, uma grande parte destes figurinos que têm alturas de 12 a 15 centímetros, representam soldados do "GRANDE EXÉRCITO". Mas nos conjuntos figuram, também, tropas da Restauração, do Segundo Império e, até das Unidades da última Guerra e dos Corpos de Sapadores Bombeiros/

São, principalmente, unidades completas as que foram reproduzidas, como o 1o. Regimento de Couraceiros de 1810, ou, então, o 158o. Regimento de Infantaria de 1939, para só citar dois exemplos...

Toda a Estrasburgo faz pequenos soldados: advogados, notários, arquitectos, empregados municipais, dentistas, comerciantes, oficiais e sargentos reformados, estalajadeiros, padeiros, etc..

Um notário, Presidente da Câmara de Estrasburgo, pintou mais de 24.000 pequenos soldados durante a sua vida, entre 1830 e 1860. Um advogado fez mais de 40.000! E todos mostram uma precisão excepcional! Do mesmo modo, um pintor, Georges Klaenschi passou durante algum tempo, na reprodução de uma unidade de



Útil para:  
Defesa Pessoal:  
MILITARES  
G. N. R.  
P. S. P.  
G. Fiscal  
Bancos  
Guardas  
Fábricas  
Viajantes  
Cobradores  
Motoristas  
Escritórios  
Industriais  
Comerciantes  
Proprietários  
Etc...



RIGARMI, Tipo Parabellum: 7 Tiros  
Mod. Especial totalmente em aço  
Cal. 6,35 mm — Peso: 380 grs.  
Com 2 carregadores: 14 Tiros.

(Vendem-se com licença do Comando da P. S. P.)

O Representante A. A. FERREIRA  
35, Rua Angelina Vidal N.º 35-C  
1100 LISBOA

VENDEMOS:

ARMAS DE CAÇA CAL. 12 CANOS S/ POSTOS E CANOS PARALELOS  
PISTOLAS DE DEFESA CAL. 6,35 mm e CAL. 7,65 mm — MUNIÇÕES  
REVÓLVERES DE DEFESA: CAL. 32 — CAL. 22 LR — CHARTER ARMS  
MARCAS: HARRINGTON & RICHARDSON - SMITH & WESSON, U. S. A.



ANTÓNIO CARDOSO  
Sucessora  
MARGARIDA CARDOSO  
DA COSTA, LDA.

R. dos Correiros, 149/151 — Tel. 32 74 82  
LISBOA - 2 PORTUGAL

Execução rápida e perfeita de:

Emblemas esmaltados - Medalhas - Emblemas impressos  
em plástico e alumínio fotoanodizado - Vases de madeira  
e metal - Taças - Gravuras - Carimbos e gravações em  
plástico e em metal, e outros

HÁ MAIS DE 45 ANOS...



MARCA  
REGISTADA

CONFECCOES J. R. RODRIGUEZ

S. A. R. L.

RUA DE S. LÁZARO, 1 a 9 — LISBOA

Tel. 862165/7

End. Teleg. «REGOJO»

AGORA QUE O SOL APERTA...  
DÊ AO SEU CARRO  
A MELHOR COBERTA



As Capas «RR» Para o seu automóvel dão-lhe total protecção e são  
fabricadas em tela plastificada por fora e cardada no in-  
terior o que as distingue.

UM EXCLUSIVO DE:

ESTABELECIMENTOS RODRIGUES & RODRIGUES, S. A. R. L. — R. Nova do Carvalho, 79

Telefone 37 22 21

Apartado 2199 — LISBOA 1200

# LEGISLAÇÃO

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 184 - I Série - de 10 AGO 79

- Decreto-Lei no. 280/79 da Presidência do Conselho de Ministros, e dos Ministérios das Finanças e do Plano e da Administração Interna:

Reestrutura as carreiras do pessoal afecto às áreas específicas dos serviços de biblioteca, de arquivo e de documentação da Administração Central.

- Portaria no. 414/79, do Ministério da Educação e Investigação Científica:

Cria o 12o. ano de escolaridade em substituição do Ano Prope-dêutico.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 185 - I Série - de 11 AGO 79

- Declaração do Conselho da Revolução:

Rectifica a redacção do artigo 6o. do Decreto-Lei no. 254/79, de 28 de Julho (carreira de técnico auxiliar dos serviços complementares de diagnóstico e terapêutica para o pessoal civil dos serviços departamentais das F.A.).

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 187 - I Série - de 14 AGO 79

- Decreto-Lei no. 289/79, do Conselho da Revolução:

Cria o modelo de cartão de identificação dos alunos militares estrangeiros frequentando estabelecimentos militares de ensino em Portugal.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 189 - I Série - de 17 AGO 79

- Declaração do Conselho da Revolução:

De ter sido rectificadas a Portaria no. 388/79, de 3 de Agosto (do-tações de artigos de uniforme para instruendos dos cursos de oficiais da Reserva Naval e de oficiais e sargentos milicianos do Exército e da Força Aérea).

- Despacho Normativo no. 203/79, do EMGFA:

Altera os quantitativos fixados no despacho conjunto de 1MAI76, publicado no D.R. no. 121-I Série - de 24MAI76.

- Despacho Normativo no. 204/79, do EMGFA:

Aprova o quadro orgânico para a Secretaria do Supremo Tribunal Militar.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 190 - I Série - de 18 AGO 79

- Declaração do Conselho da Revolução:

Rectifica o anexo ao Decreto no. 43/79, de 22 de Maio.

- Decreto-Lei no. 303/79, do Ministério da Administração Interna:

Altera algumas disposições do Dec.-Lei no. 145/78, de 17 de Junho, que cria a Escola de Formação de Guardas da PSP.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 193 - I Série - de 22 AGO 79

- Portaria no. 447/79, do Ministério das Finanças e do Plano:

Aprova o novo impresso modelo D-2/INSC, destinado à inscrição de ascendentes na Assistência na Doença aos Servidores Cíveis do Estado (ADSE).

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 194 - I Série - de 23 AGO 79

- Decreto-Lei no. 317/79, do Ministério da Defesa Nacional:

Cria o Conselho Nacional de Telecomunicações (CNT).

- Decreto-Lei no. 325/79, do Ministério da Administração Interna:

Aumenta o quadro geral da Polícia de Segurança Pública.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 195 - I Série - de 24 Ago 79

- Decreto-Lei no. 329/79, do Ministério da Administração Interna:

Aumenta os efectivos da Guarda Nacional Republicana.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 198 - I Série - de 28 AGO 79

- Portaria no. 465/79, do Conselho da Revolução:

Dá nova redacção à relação anexa à Portaria no. 453/78 que esta-belece quais as entidades que, situando-se nos escalões intermédios de comando, direcção ou chefia poderão exercer a competência disciplinar correspondente ao seu posto.

- Decreto-Lei no. 343/79, do Ministério dos Assuntos Sociais:

Torna obrigatória a inscrição nas caixas sindicais de previdência de todos os trabalhadores que não reúnem condições de inscrição na Caixa Nacional de Aposentações.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 199 - I Série - de 29 AGO 79

- Decreto-Lei no. 345/79 do Conselho da Revolução:

Define as condições especiais de promoção a Major do serviço geral para-quedaistas.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 200 - I Série - de 30 AGO 79

- Decreto-Lei no. 349/79, do Conselho de Revolução:

Determina que sejam aplicáveis no território de Macau as disposições do Dec.-Lei no. 226/79 de 21 de Julho (estabelece prazos a observar na execução da justiça e disciplina militares).

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 201 - I Série - de 31 AGO 79

- Despacho Normativo no. 214/79, do EMGFA:

Aprova e põe em execução o modelo de cartão de identificação destinado aos beneficiários de pensão de invalidez dos três ramos das FA.

- Decreto Lei no. 357/79 do Ministério das Finanças e do Plano:

Dá nova redacção ao artigo 2o., do Dec.-Lei no. 468/75, de 28 de Agosto, e ao artigo 3o. do Dec.-Lei no. 313/78, de 27 de Outubro (carreira de graduados na G.F.).

- Decreto-Lei no. 358/79, do Ministério da Administração Interna:

Determina que as funções de presidente do Conselho Administrativo passem a competir aos 2os. comandantes da P.S.P..

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 202 - I Série - de 1 SET 79

- Decreto-Lei no. 360/79 do Ministério da Administração Interna:

Dá nova redacção ao artigo 22o. do D.L. no. 42794, de 31 DEZ 59 (Serviços Sociais da P.S.P.).

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 204 - I Série - de 4 SET 79

- Decreto-Lei no. 191-A/79, da Pres. do Conselho de Ministros e Ministério das Finanças e do Plano:

Revê Estatuto da Aposentação.

- Decreto-Lei no. 191-B/79, da Pres. do Conselho de Ministros e Ministério das Finanças e do Plano:

Revê o Estatuto das Pensões de Sobrevivência.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 206 - I Série - de 6 SET 79

- Portaria no. 478/79, do Conselho da Revolução:

Autoriza os Serviços Prisionais Militares a admitir vários pessoal em regime de prestação de serviços.

Portaria no. 479/79, do C.R.:

Autoriza os Serviços Prisionais Militares a admitir serventes em regime de prestação de serviços.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 207 - I Série - de 7 SET 79

- Despacho Normativo no. 226/79, do Ministério da Administração Interna:

Estabelece normas relativas à promoção de Sargentos-Ajudantes ao abrigo do D.L. no. 116/78 de 30 de Maio.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 208 - I Série - de 8 SET 79

Declaração do Conselho da Revolução:

Rectifica a Portaria no. 265/79, que aprova o quadro orgânico do Instituto Superior Militar.

## DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 211 - I Série - de 12 SET 79

- Decreto-Lei no. 375/79, da Pres. do Conselho de Ministros e Ministérios das Finanças e Plano e da Agricultura e Pescas:

Aprova a Lei Orgânica do Centro Nacional de Produção Caval.



# PUBLICAÇÕES

Temos recebido regularmente:

## MILITARES

**NACIONAIS:** Academia militar. Azimute (E.P.I. - Mafra). Boletim Informativo do Estado-Maior do Exército. O Colégio Militar. Elo (Assoc. Defic. das F.A.).

Mais Alto (EMFA). Nação e Defesa (Instit. de Defesa Nacional). Revista da Armada. Revista Militar. Saber Para Vencer (Instit. Super. Militar).

**ESTRANGEIRAS,** - África do Sul: Paratus (Rodésia). Alemanha (R.F.A.): Soldat und Technik (Frankfurt). Bélgica: VOX. Espanha: Armas Y Cuerpos (AGM); Ejército. Guión. França: TAM. Holanda: De Vliegende Hollander. Roménia: Lumea; Viata Militara.

## DIVERSAS

**NACIONAIS:** Amanhã! (P.P. Monárq - Lx) - Badaladas (T. Vedras) - O Benfica (S.L.B. - Lx) - O Charadista (Tertúlia Edípica - Lx.) - O Comércio de Gaia - Consciência Nacional (Mov. Monárq. - Porto) - Conta Comigo (Socied. Antialcoól.

Portug.) - Correio do Ribatejo (Santarém) - Correio do Sul (Faro) - O Distrito de Portalegre - O Distrito de Setúbal - Ecos de Belém - Folha do Domingo (Faro) - Folha de Tondela - Gazeta de Paços de Ferreira - A Guarda (Guarda) - Humanidade (C.V.P. - Lx.) - Inventiva (Assoc. Portug. de Criatividade) - Jornal de Abrantes - Jornal de Barcelos - Jornal de Campo de Ourique - Jornal de Carnaxide e seus lugares - Jornal da Costa do Sol (Cascais-Oeiras) - Jornal de Famalicão - O Jornal de Felgueiras - Jornal do Fundão (c/Correio da Covilhã) - Jornal de Queluz - Jornal de Turismo (Lx.) - O Libertador (Obra da Criança Abandonada - Braga) - Monsenhor (Boletim Católico Regionalista - Granja Nova) - Notícias de Chaves - Notícias da Covilhã - Notícias de Monção - Notícias de Viana (V. do Castelo) - Nova Esperança (Lavrado - Penacova) - Povo Livre (PSD) - A Razão (Órgão espiritualista independ. - Coimbra, Lisboa, Porto) - Região de Leiria - Revista do Ar (A.C.P. - Lx.) - Revista de Marinha (Lx.) - Ribamar (Algés) - O Sorraia (Coruche) - 25 de Abril, Comunidades Portuguesas (S.E. Neg. Estrang. e Emigr.) - O Viso (Custóias) - A Voz do Alentejo (Estremoz).

**AÇORES:** A Ilha (P. Delgada)

**MACAU:** O Clarim (Dioc. de Macau)

**ESTRANGEIRAS** - Alemanha (RDA): La RDA y el Deporte; Poente. (RFA); Scala (Ed. luso-brasileira). Brasil: O Enigma (Círc. Enigmát. Paulistano). França: Nouvelles de France (Paris). Inglaterra: Milthorp International. Roménia: Actualités Roumaines; Rumania de Hoy. URSS: Informação Cultural (Novosti); Vida Soviética (APN).

## LA RDA Y EL DEPORTE

Interessante publicação da República Democrática Alemã, dedicada integralmente ao Desporto e apresentando curiosas ilustrações acompanhando textos em língua espanhola.

Os nossos votos de boa continuidade.

## RECREIO-SOLUÇÕES

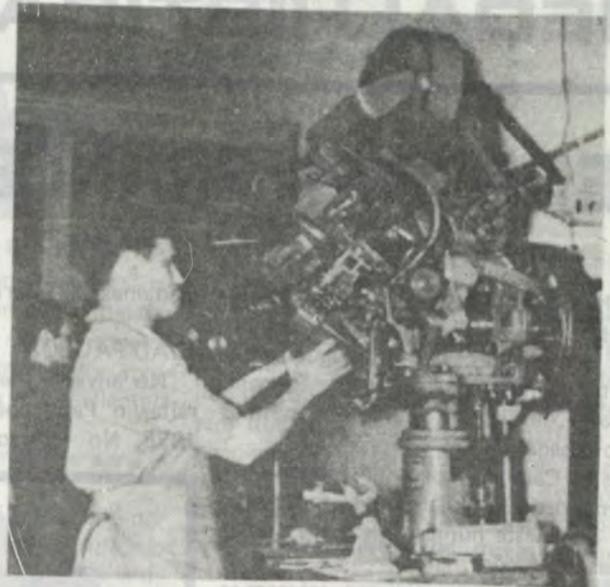
DAMAS - PROBLEMA No. 92

4-7, 11-4; 15-19, 4-18-27; 24-2,23-14; 30-23-1. Ganham brancas.

CHARADISMO

CHARADAS METAMORFOSEADAS

1 - EXPIRA/L 2 - RUNIM/P 3 - LÁGRIFAS/M 4 - LE/T



**FÁBRICAS DE: CONFEÇÕES; CALÇADO; EQUIPAMENTO E METALO-MECÂNICA. OFICINAS DE ALFAIATARIA.**

**SECÇÃO COMERCIAL: VENDAS A PRONTO PAGAMENTO E A PRESTAÇÕES DE ARTIGOS DE VESTUÁRIO E DE UTILIDADE DOMÉSTICA.**



**OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO E EQUIPAMENTO**

**ABASTECEDORA DAS FORÇAS ARMADAS**

**SEDE: LISBOA - Campo de Santa Clara  
SUCURSAL: PORTO - Rua da Boa Vista  
DELEGAÇÃO: ENTRONCAMENTO**

# MEDALHÍSTICA

por AFAC

## MEDALHAS FRANCESAS

Já há bastante tempo que não trazíamos às nossas colunas novidades de medalhas estrangeiras. Das portuguesas raramente falamos, quanto mais não seja pela falta de elementos que das mesmas não nos chegam.

Mas, a Casa da Moeda de França tem-nos mandado, regularmente, tanto material, que neste número resolvemos falar das suas produções.

As medalhas que inserimos, referem-se ao último trimestre de 1979. Durante o ano, a produção do Gabinete da Medalha (Secção adjunta à Casa da Moeda) é contínua. No entanto, a informação que nos é fornecida é trimestral, sendo sempre emitido um catálogo em cada período.

Neste trimestre, foram cunhadas medalhas diversas, num total de 26 assuntos, sendo tratados, entre outros, os seguintes: ESCRITORES, HISTORIADORES, ARTE, MUSEUS, MONUMENTOS, INSTITUIÇÕES, ACONTECIMENTOS, RELIGIÃO, ETC.

Na secção dos Escritores e Historiadores, foram inseridos PLINE L'ANCIEN, PAUL PELLIOT, GEORGES HUISMAN, GEORGES DUMEZIL, EMMANUEL ROBLES, CHARLES SAMARAN, MAURICE SCHUMANN. Na arte foram lembrados alguns nomes tais como CARL DREYER, PAUL KLEE, MARIA CALLAS, MAURICE ESTEVE, ANDRE HAMBOURG, etc.

Nos restantes assuntos, de salientar o MUSEU INTERNACIONAL DE HUSARDS E TARBES, a ESCOLA CENTRAL DAS ARTES E MANUFACTURAS (150. Aniversário), o BICENTENÁRIO DO COMBATE d'OUSSANT, o Papa João Paulo II, BODAS DE PRATA E BODAS DE OURO, a MEDALHA CALENDÁRIO 1980, etc...

As medalhas têm módulos diversos, sendo a grande maioria de 68 mm e 77mm. atingindo algumas 100 mm.

Entre outros, os principais escultores são: Jean COSTANZO, Helene GAUSTALLA, Nicolas CARREGA, Paul BELMONDO, Isabel de SELVA, Raphael PEPIN, Raymond GID, Raymond JOLY, Charles DUBIN, Claude EMMEL, Andras BECK, Marcel JEAN.

De todas as medalhas emitidas são feitas cunhagens em Bronze e em Prata.

Vamos seguidamente descrever algumas

medalhas das inseridas.

### JOÃO PAULO II

No anverso é esculpido, de perfil à direita, o Papa João Paulo II, eleito em 1978. No reverso, além do símbolo do

Sumo Pontífice encontra-se a legenda "DIEU POUR TOUS LES HOMMES".

### MEDALHA CALENDÁRIO 1980

No anverso entre os seis primeiros meses do ano sobre um fundo de sol e estrelas, a medida e a determinação do tempo no espaço são evocados por um aparelho solar do século XV conservado no Museu da Baviera em Munique.

No reverso, entre os outros 6 meses do ano, dos símbolos astrológicos do Sol, da Lua e dos Planetas há uma frase de Miguel de Unamuno que diz "Le fleuve des heures coule depuis sa source qui est le lendemain éternel".

Informações: 11, Quai de Conti - Paris.



# LIVROS

EDIÇÕES EUROPA-AMÉRICA

KRAMER CONTRA KRAMER

Por AVERY CORMAN

Livro onde é posta a questão — evidentemente polémica — de cuidar dos filhos dum casal separado. Toda a gente indica a mãe como garantia de custódia; mas nesta história, a mãe abandonou o lar, deixando ao pai a obrigação de cuidar do filho. Esta situação é-nos descrita até ao reaparecimento da mãe para reclamar a acção para com filho que pensa ser sua, e por isso, levar o caso a tribunal.

Em resumo: obra de interesse e que suscitou a extracção de um filme, actualmente em exibição num dos cinemas de Lisboa, e cujo tema mereceu para o filme, o galardão de 4 globos de ouro (1979) e 9 nomeações para os *Oscars* da Academia.

O MARKETING

Por ARMAND DAYAN

O título deste livro, palavra já conhecida por usada na sociedade de consumo, significa a arte e a técnica de *bem vender*. No texto apresentado ao leitor, é exa-

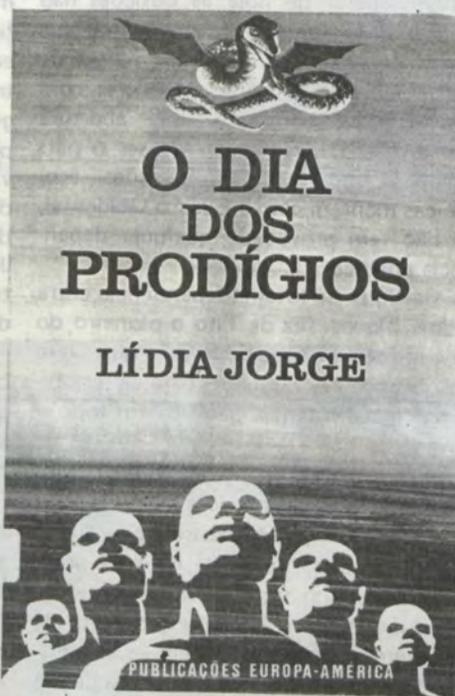


Por R. FERREIRA

minada a acção de uma empresa para conhecimento das motivações da clientela, o que a leva a comprar ou a rejeitar um produto; e isto para, seguidamente, lhe apresentar a face das *coisas* que a clientela pretende ver.

Trabalho incontestavelmente criterioso e de clara apresentação.

Colecção *SABER* (no. 137). Título original: *Le Marketing*. Tradução de António de Almeida da Câmara Oliveira. Capa de *Estúdios P.E.A.*



O DIA DOS PRODÍGIOS

Por LÍDIA JORGE

Neste livro é revelado o estado de alma com que a maior parte dos portugueses suportou o *antes* o *durante* e o *depois* do 25 de Abril. Obra elaborada numa linguagem esplêndida, ficará como a real expressão da alma portuguesa na sua tão característica faceta de alma na espera de uma solução que fará acontecer os anseios que lhe preenchem os sonhos.

A Autora, algarvia ainda bastante jovem, licenciada em Filologia Românica, no MEC exerce funções no grupo de trabalho para o ensino de Português no estrangeiro. Autora de Poesia e Contos publicados no "Notícias da Beira" (de Moçambique), desde há tempo que re-

velou o seu mérito, nesta obra mais uma vez demonstrado.

Colecção *SECULO XX* (no. 166). Capa *Estúdios P.E.A.*

TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO

Publicidade, Propaganda, Relações Públicas

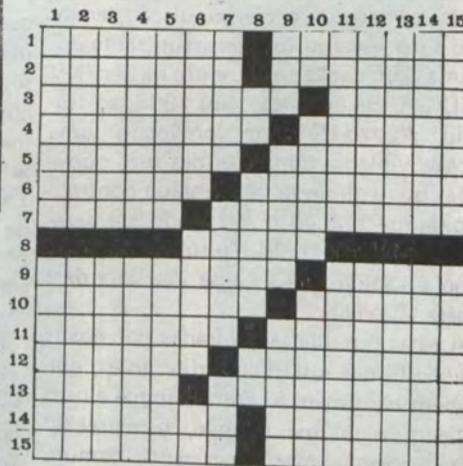
Por J. MARTINS LAMPREIA

Criteriosa análise de três técnicas de comunicação que muitas vezes se confundem. E dado que actualmente tanto se fala da comunicação e *dos seus problemas* sem que isso conduza a um perfeito conhecimento das referidas técnicas, é de reconhecer com satisfação que esta obra procura analisá-las, o que justifica o interesse que merece de quem pretenda conhecer bem as *realidades dos nossos dias*.

Colecção *SABER* (no. 140). Prefácio de Philippe Dupont, professor da Universidade de Metz. Capa de *Estúdios P.E.A.*

## CUPÃO DESTACÁVEL

CONCURSO DE PALAVRAS  
CRUZADAS DE TEMA MILITAR  
PROBLEMA No. 2  
2a. ETAPA — MAIO 80  
Solução



Nome do concorrente .....

Morada .....

N.º Assinante .. Posto Militar e Unidade

onde presta serviço .....

Assinatura

.....

(Cont. da pág. 15)

## A JUGOSLÁVIA DE HOJE

Para nos situarmos, vejamos alguns dados históricos deste país e dos seus povos.

A República Socialista Federativa da Jugoslávia, criada em 1945, é formada por sete Repúblicas: a Sérvia, a mais extensa, habitada pelos sérvios desde o Séc.VI, foi reino independente no Séc.XIII, uma simples província turca entre os Séculos XIV e XIX, e volta, nos fins deste século a ser monarquia independente, passando, após a I Grande Guerra, a ser a cabeça do futuro Estado da Jugoslávia, com a junção dos restantes territórios que ainda hoje a constituem; Montenegro, a menos extensa, montanhosa, rude e selvagem, pertenceu ao Império Turco e foi reino independente de 1832 a 1918; a Macedónia, parte da antiga Macedónia que em 1912 foi repartida entre a Bulgária, a Sérvia e a Grécia e de quem a História fala desde Filipe II (Séc.IV a.C.), pai de Alexandre Magno, passou sucessivamente do Império Romano ao Bizantino e deste ao Turco; a Eslovénia, situada na região alpestre, foi dominada pelos Habsburgos desde o Séc.XIX até 1918; a Croácia, que ocupa a maior parte da costa jugoslava do Adriático, foi, ao longo da sua História, objecto de cobiça das várias potências que foram sendo substituídas no domínio da região, chega a ser reino independente no Séc. X, é logo de seguida dividida entre o Império Austro-Húngaro e Turco, só voltando a alcançar a autonomia no Séc.XIX; a Bósnia e Herzegovina, região montanhosa interior, conheceram uma evolução histórica e política semelhante às anteriores, com a particularidade de a sua população ter sofrido uma forte influência islamizante durante a dominação turca, entre os Séc. XV e XIX. A sua anexação, em 1908, ao Império Austro-Húngaro, provocou uma reacção violenta por parte das suas populações que culminou no atentado contra o arquiduque Francisco Fernando em Sarajevo, no ano de 1914, episódio este que, como é sabido, foi a causa imediata da I Guerra Mundial.

A estas repúblicas habitadas por povos com costumes e tradições diferentes, que também não falam a mesma língua e nem praticam a mesma religião, o marechal Tito conseguiu imprimir o sentir comum da nação jugoslava, respeitando a autonomia de cada uma.

A Jugoslávia é hoje um país que procura desenvolver todas as suas potencialidades económicas dentro do sistema autogestionário estabelecido em 1953 e que actualmente ainda não atingiu a sua maturidade. Tem sabido aproveitar as excelentes aptidões para o incremento da indústria do turismo. Desde a primeira hora foi dada prioridade ao desenvol-

vimento das capacidades energéticas, à produção de matérias-primas e à indústria pesada, dentro de programas cujo nível de cumprimento tem colocado a Jugoslávia entre os países com maior taxa de crescimento económico.

## NÃO ALINHAMENTO, DEFESA POPULAR GENERALIZADA

No plano político e institucional, Tito consegue, interna e externamente, conquistar, a despeito das fortes oposições iniciais, a simpatia dos amigos e o respeito dos inimigos. No plano interno desvia-se acentuadamente do modelo soviético, instituindo um sistema mais humano de sociedade socialista, adaptado às características jugoslavas. Este desvio do comunismo ortodoxo valeu-lhe o "anátema" de Estaline e o corte de todas as relações diplomáticas e comerciais com os países do Kominform. Passou-se isto por volta de 1948 e, apesar de hoje as posições não serem tão extremadas, a independência política e ideológica face aos países de leste mantém-se. Porém, este corte com Moscovo não significou uma abertura total ao Ocidente. Apesar de ser o país socialista que melhores relações económicas mantém com a Europa Ocidental, isso não tem provocado qualquer dependência política.

Esta linha de total independência entre os dois blocos fez de Tito o pioneiro do movimento não-alinhado que tem contribuído eficazmente para a estabilização e coexistência pacífica em todo o mundo.

Por outro lado, consciente das fragilidades internas, das ameaças externas e da importante posição geo-estratégica que o seu país ocupa, uma das grandes preocupações de Tito foi criar umas forças armadas modernas e eficientes, capazes de se oporem, sozinhas, a qualquer ameaça. Tendo como missão fundamental a defesa da integridade territorial e das instituições políticas e sociais, elas são hoje a melhor garantia da manutenção da unidade jugos-

lava e a base de uma autêntica consciência nacional.

## TITO E PORTUGAL

Após a revolução de 25 de Abril de 1974, as relações de Portugal com os países de Leste foram rapidamente restabelecidas e têm conhecido grande incremento em todos os campos. As relações com a Jugoslávia não têm sido das menos profícuas. A atestá-lo estão as visitas presidenciais e a nível de Governo, feitas nos dois sentidos.

Em Março de 1975, Tito, de regresso de uma viagem a alguns países da América Latina, permaneceu algumas horas no Algarve, tendo tido oportunidade de travar conversações com o então Presidente de República, General Costa Gomes. Em Outubro de 1977, Tito volta a Portugal, agora em visita oficial. Foram nesta ocasião assinados vários acordos de interesse bilateral nos mais variados domínios, salientando-se do comunicado final a afirmação de que "a cooperação entre os dois países representa uma contribuição positiva e construtiva para a segurança e cooperação no continente europeu, no Mediterrâneo e num plano mais vasto". Em Junho de 1979, o Presidente da República, General Ramalho Eanes, deslocou-se por sua vez em visita oficial à Jugoslávia, onde teve oportunidade de estreitar ainda mais os laços que unem os dois países.

E depois de Tito? Esta é a pergunta que, desde as primeiras notícias dos graves problemas de saúde que o vitimaram, tem sido objecto das mais variadas especulações.

Como dizíamos no início, não está no âmbito deste trabalho tecer considerações sobre o assunto. O velho Marechal procurou criar condições que garantam a continuidade da independência e da unidade jugoslavas. E para isso contribuirá, sem dúvida, o carisma deixado pela sua figura de herói e campeão da unidade nacional que dificilmente se desvanecerá da recordação dos povos que governou.



# LUCAS CRANACH

PINTOR (1472 - 1553)

sido pintor. Já o seu filho, Lucas Granach, o Jovem, herdou as qualidades do "verdadeiro", o Velho.

Com Lucas Cranach, o Velho, o talento pictórico da família encontrou o seu ponto culminante e, até hoje, os seus trabalhos são muito apreciados.

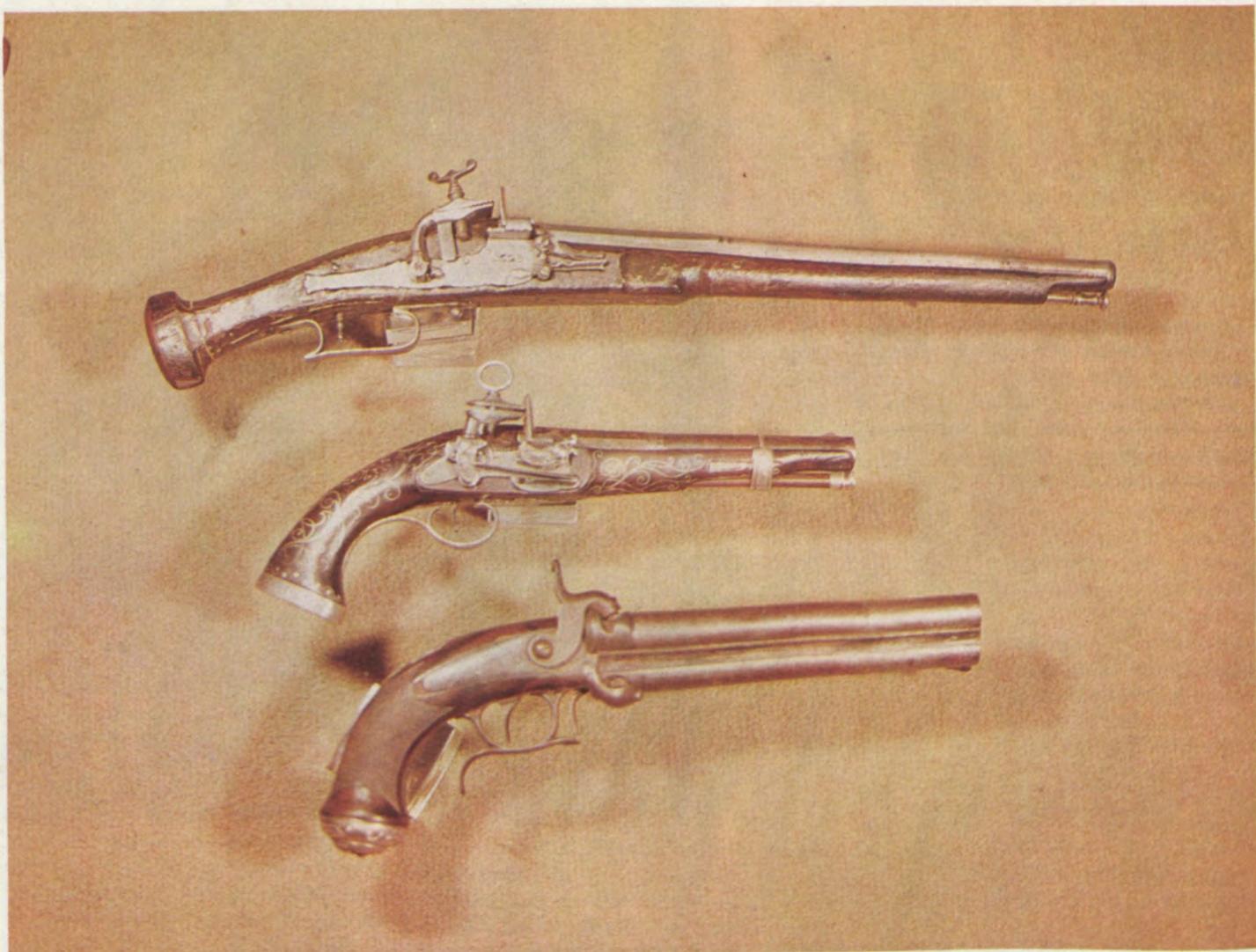
(in Scala, Nov. 79)



"Hércules na encruzilhada" (Museu Herzog Anton Ulrich, Braunschweig)

"Altar de viagem do "landgrave" Wilhelm I, de Hessen" (Coleção Estatal de Artes Kassel)





# ARMAS QUE ESCREVERAM A HISTÓRIA DE PORTUGAL

(5)

## PISTOLAS PORTUGUESAS

(DE CIMA PARA BAIXO: ca. 1610, ca. 1780, ca. 1850)

---

ca. 1610 – PISTOLA DE CAVALARIA MILITAR COM FECHO DE PESCOÇO DE CAVALO (DA FAMÍLIA DO FECHO DE MOLINHAS).

ca. 1780 – PISTOLA DE DEFESA COM AS SUAS GUARNIÇÕES EM PRATA FABRICADA POR UM DOS ESPINGARDEIROS LISBOETAS DA ALTA ESCOLA DA ESPINGARDARIA PORTUGUESA. EQUIPADA COM FECHO DE “PATILHA DE INVENÇÃO”.

ca. 1850 – PISTOLA FABRICADA POR “VIANNA NO PORTO” COM TRÊS CANOS ROTATIVOS E FECHO DE PERCUSSÃO. UMA DE UM PAR. AS SUAS GUARNIÇÕES SÃO DE PRATA E OS MOLDES FORAM TIRADOS DE GUARNIÇÕES INGLESAS DA ÉPOCA DE 1770.

---

# LUCAS CRANACH

PINTOR (1472 - 1553)

Na sua pedra sepulcral, em Weimar, está gravado: "pictor celerrimus" que significa, literalmente, o mais célere dos pintores. Não se trata de uma alusão irônica a Lucas Cranach, o Velho, (1472-1553), pois, na verdade ele tinha, no seu "atelier", vinte discípulos que o ajudavam a dar conta de todas as encomendas que tinha, de altares, quadros de caçadas, retratos e também cenas piçantes.

Desta forma o artista tornou-se rico; construiu um palacete em Wittenberg; foi conselheiro e perfeito municipal e investiu o seu dinheiro numa taberna e numa farmácia.

As armas da sua família eram uma serpente alada. Dedicava o maior cuidado à qualidade dos quadros que saíam do "atelier". Cranach tinha, todavia, um selo marcante que tornava os seus quadros "artigos de mercado": os modelos femininos, (que conservava do gótico tardio), graciosas e pálidas ninfas eslavas.

Numa grande exposição de Cranach, apresentada há cinco anos, em Basileia, onde os seus quadros foram ordenados em função dos motivos, contaram-se 32 Evos, 32 Vênus e 35 Lucrécias.

Nascido em Kronach (Francónia), o artista tornou-se muito apreciado, sobretudo pelas suas obras da juventude. Com



"Retrato de um homem" (Galeria de Arte de Bremen)



elas, passou a ser um dos fundadores da chamada "Escola do Danúbio" — uma bizarra concepção paisagística da natureza passiva, na qual se reflectem as inquietações do período imediatamente anterior à Reforma. Cranach também foi pintor de câmara do príncipe saxónico Friedrich der Weise e amigo de Martin Lutero, tendo apoiado, decididamente, o movimento reformista, como retratista de Lutero, gravador em cobre e desenhista para

estampas em madeira.

Isto tão-pouco o impediu que trabalhasse para o adversário de Lutero, o cardeal Albrecht de Brandenburgo.

As suas obras também compreendem o mundo profano. Pintou cenas da mitologia antiga com a mesma singeleza como se fossem da Bíblia.

Lucas Granach nasceu de uma família da qual já tinham saído artistas nas três gerações anteriores. Não existe, porém, qualquer indício de que o seu pai tenha

"Busto feminino, com chapéu de penas" (Museu Municipal de Aschaffenburg)

# Jornal do EXÉRCITO

ANO XXI - No. 245 - MENSÁRIO - MAIO DE 1980

## SUMÁRIO

LUCAS CRANAC, Pintor .....	2,51
EDITORIAL .....	4,5
FIGURAS E FACTOS .....	6,7
UM OPÚSCULO CURIOSO DE AFONSO DO PAÇO: "As Gírias Militares Portuguesas" .....	8,9
MIRAMUNDO .....	10,11
PRIMEIRA BRIGADA MISTA INDEPENDENTE .....	12,13,14
TITO, O PERCURSO DO "PARTISAN" .....	15,50
A AMEAÇA É REAL .....	16,17
OPERAÇÕES ESPECIAIS .....	18,19
APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DO C. COMBATE - (XLIV) .....	20,21
FALTA DE SANGUE EM PORTUGAL: UM PROBLEMA QUE NOS CUMPRE E URGE RESOLVER .....	22,23
MONUMENTOS DE EVOCAÇÃO MILITAR .....	24
ANEDOTA .....	25
CAMÕES (Série) - Banda Desenhada .....	26,27
CIÊNCIA E TÉCNICA .....	28,29
FILATELIA .....	30
UNIFORMES MILITARES .....	31
PARA QUEM GOSTA DE SABER .....	32,33
DESPORTO .....	34,35
AS UNIDADES DE ENGENHARIA MILITAR .....	36,37
ARMAS ANTIGAS .....	38,39
CINEMA .....	40
RECREIO .....	41
MODELISMO .....	43
LEGISLAÇÃO .....	45
PUBLICAÇÕES .....	47
NUMISMÁTICA .....	48
LIVROS .....	49
ARMAS QUE ESCREVERAM A HISTÓRIA DE PORTUGAL .....	52

Os artigos e secções assinados exprimem a opinião dos seus autores e não reflectem, necessariamente, um ponto de vista oficial. Os artigos e secções não assinados são da responsabilidade da Direcção.



### A NOSSA CAPA

ESPINGARDA DE INFANTARIA  
LIGEIRA, ÁUSTRIA, 1807



ORGÃO DE INFORMAÇÃO  
CULTURA E RECREIO  
DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

Director:  
CORONEL FERNANDO  
GODOFREDO DA  
COSTA NOGUEIRA DE FREITAS

Chefe de Redacção:  
COR. CARLOS M. BARÃO PINTO

Orientação Gráfica:  
Dr. GABRIEL FERRÃO

Propriedade do  
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Largo da Graça, 94  
1100 Lisboa  
Telefone 87 03 55

DISTRIBUIÇÃO:  
PORTUGAL CONTINENTAL, INSULAR  
E NÚCLEOS PORTUGUESES N.º ES-  
TRANGEIRO

NÚMERO AVULSO ..... 15\$00

ASSINATURAS ANUAIS  
(12 números)

VIA SUPERFÍCIE  
- Continente e Ilhas ..... 150\$00  
- Espanha, Macau e África  
de expressão Portuguesa ..... 190\$00  
- Restantes Países ..... 350\$00

VIA AÉREA  
- Ao preço da assinatura por via superfície  
será acrescida a respectiva taxa de porte por  
avião.

NÚMEROS ATRASADOS ..... 15\$00

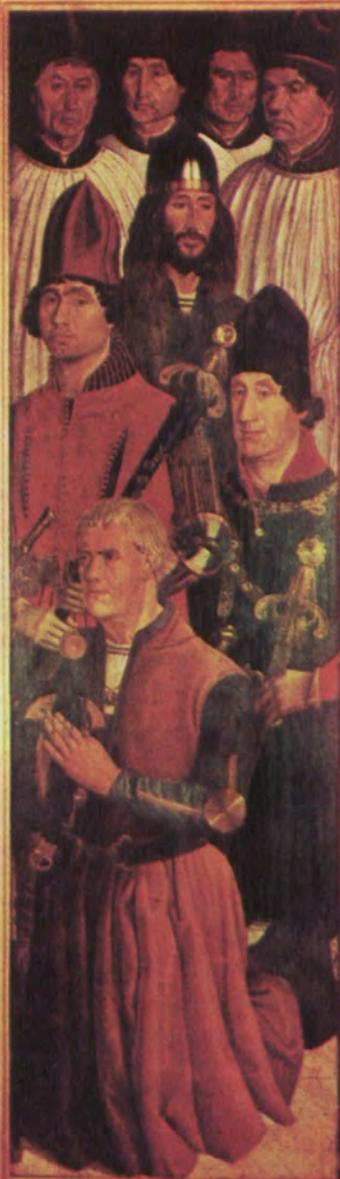


PORTE  
PAGO

NOTA: As despesas de cobrança no domicílio  
são por conta do Assinante.  
Tiragem: 10.000 exemplares.

Execução Gráfica: União Gráfica, S.A.R.L.  
Rua de Santa Marta, 48  
1100 Lisboa

# Jornal do **EXÉRCITO**



MENSÁRIO  
**JUNHO DE 1980**  
**15,00**

# UNIFORMES MILITARES DA MADEIRA

## AGUARELAS DO CAPITÃO RUI CARITA

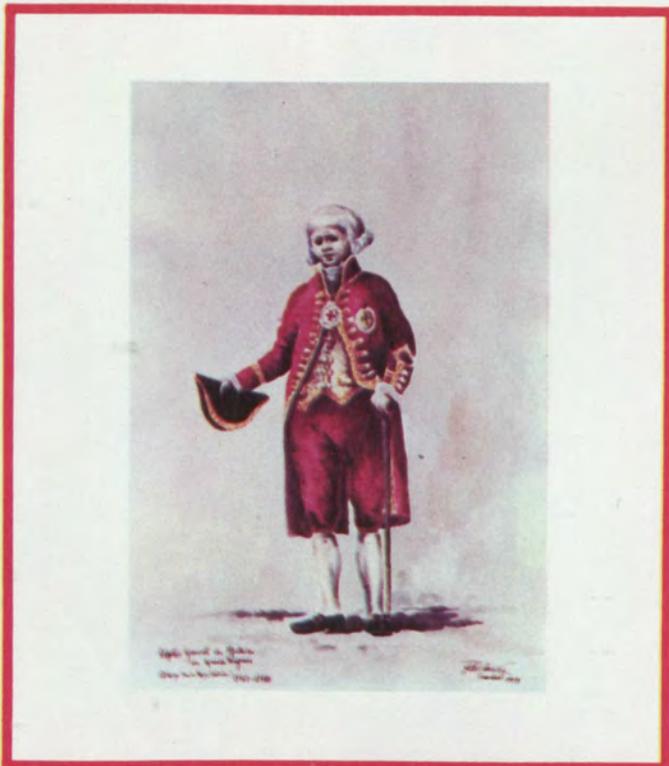
Rui Carita, Capitão de Artilharia por profissão e pintor por devoção é já um conhecido artista pictórico das páginas do "Jornal de Exército" e, naturalmente, dos seus leitores.

Todavia, a sua arte de pintor ultrapassou, há muito os muros dos quartéis através dos seus esplêndidos trabalhos expostos de Norte a Sul de Portugal e, também,

em Espanha.

Mas a sua actividade não se queda por aqui; estudioso e investigador foi o homem da iniciativa levada a cabo recentemente da 1a. Exposição do Museu Militar da Zona Militar da Madeira a que já fizemos referência nas nossas páginas.

Hoje, temos o prazer de oferecer aos nossos leitores



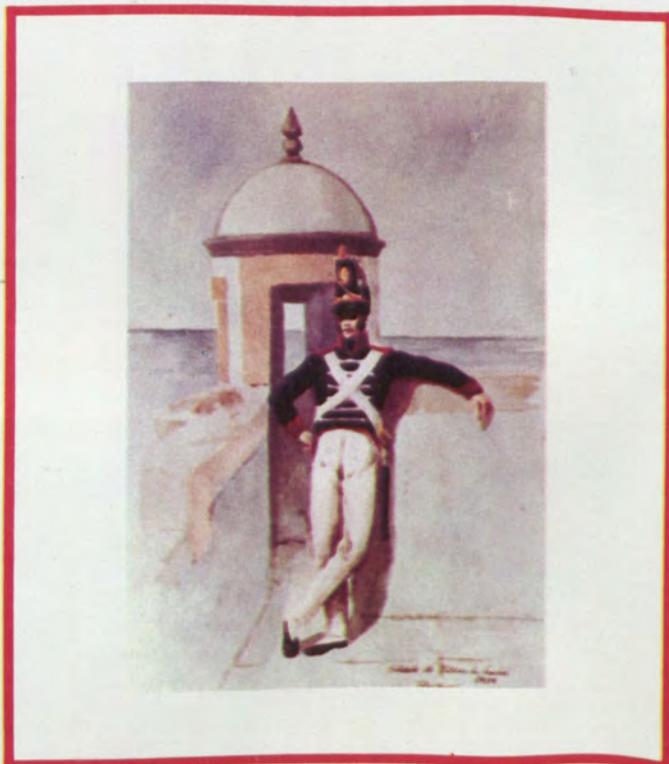
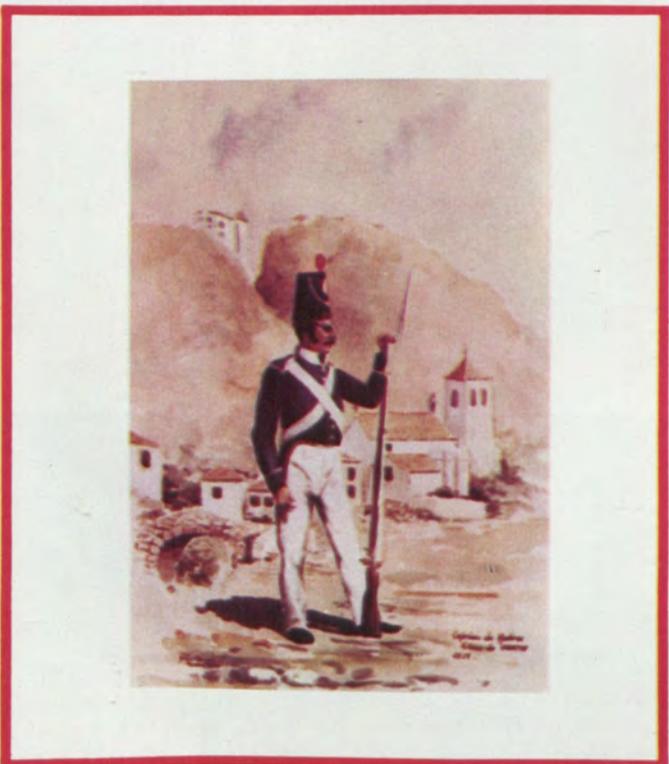
Capitão-General em grande uniforme (1781-1798)

Soldado da Milícia da CALHETA (1817).



Tenente-General em pequeno uniforme (1815)

Soldado da Milícia do FUNCHAL (1817).



# Jornal do EXÉRCITO

ANO XXI — no. 246 — MENSÁRIO — JUNHO DE 1980

## SUMÁRIO

AGUARELAS DE RUI CARITA .....	2,51
EDITORIAL .....	4
FIGURAS E FACTOS .....	5,6,7
"OPERAÇÃO TEERÃO": O QUE TRAIU AS FORÇAS DOS ESTADOS UNIDOS .....	8,9
MIRAMUNDO .....	10,11
AS UNIDADES DE ENGENHARIA — A E.P.E. ....	12,13,14
ALGUNS ASPECTOS DAS BATALHAS DE OURIQUE, SALADO E ALJUBARROTA .....	15,16,17
JUGOSLÁVIA: UM ENIGMA ANTE O FUTURO .....	18,19
PRIMEIRA BRIGADA MISTA INDEPENDENTE (II) .....	20,21
ARMAS ANTIGAS .....	22,23
MONUMENTOS DE EVOCAÇÃO MILITAR .....	24
ANEDOTA .....	25
LUÍS DE CAMÕES — Banda Desenhada .....	26,27
CIÊNCIA E TÉCNICA .....	28,29
FILATELIA .....	30
UNIFORMES MILITARES .....	31
UM GREGO CHAMADO HIPÓCRATES .....	32,33
DESPORTO .....	34,35
PEDRAS ESCANDINAVAS DA IDADE DO FERRO .....	36,37
NORTHAG: FRENTE DE DEFESA DO MUNDO LIVRE .....	38,39
CINEMA .....	40
RECREIO .....	41
MEDALHÍSTICA .....	43
MODELISMO .....	47
PUBLICAÇÕES .....	48
LIVROS .....	49
LEGISLAÇÃO .....	50

Os artigos e secções assinados exprimem a opinião dos seus autores e não reflectem, necessariamente, um ponto de vista oficial. Os artigos e secções não assinados são da responsabilidade da Direcção.



### A NOSSA CAPA

Painéis de S. Vicente  
Autoria atribuída a Nuno Gonçalves, do século XV.

Foram descobertos em 1882 no Mosteiro de S. Vicente de Fora, em Lisboa, encontrando-se, hoje, no Museu Nacional de Arte Antiga.



ORGÃO DE INFORMAÇÃO  
CULTURA E RECREIO  
DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

Director:  
CORONEL FERNANDO  
GODOFREDO DA  
COSTA NOGUEIRA DE FREITAS

Chefe de Redacção:  
COR. CARLOS M. BARÃO PINTO

Orientação Gráfica:  
Dr. GABRIEL FERRÃO

Propriedade do  
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Largo da Graça, 94  
1100 Lisboa  
Telefone 87 03 55

DISTRIBUIÇÃO:  
PORTUGAL CONTINENTAL, INSULAR  
E NÚCLEOS PORTUGUESES NO ES-  
TRANGEIRO

NÚMERO AVULSO ..... 15\$00

ASSINATURAS ANUAIS  
(12 números)

VIA SUPERFÍCIE  
— Continente e Ilhas ..... 150\$00  
— Espanha, Macau e África  
de expressão Portuguesa ..... 190\$00  
— Restantes Países ..... 350\$00

VIA AÉREA  
— Ao preço da assinatura por via superfície  
será acrescida a respectiva taxa de porte por  
avião.

NÚMEROS ATRASADOS ..... 15\$00



PORTE  
PAGO

NOTA: As despesas de cobrança no domicílio  
são por conta do Assinante.  
Tiragem: 10.000 exemplares.

Execução Gráfica: União Gráfica, S.A.R.L.  
Rua de Santa Marta, 48  
1100 Lisboa

# 10 DE JUNHO



10 DE JUNHO,  
DIA DE PORTUGAL.

10 DE JUNHO,  
DIA DE CAMÕES.

10 DE JUNHO,  
DIA DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS.

10 DE JUNHO,  
DIA DA NAÇÃO, DA PÁTRIA, DO TORRÃO.

10 DE JUNHO,  
FESTA DOS CORAÇÕES E DAS ALMAS.

10 DE JUNHO,  
DIA DOS PORTUGUESES E DOS SEUS MILITARES,  
QUE SOMOS NÓS,  
GUARDIÕES E SERVIDORES DA GREI.

AOS MILITARES  
A QUEM ESTA DATA TOCA, PARTICULARMENTE,  
CABE:

GARANTIR A PÁTRIA, DEFENDÊ-LA E PROTEGÊ-LA,  
GARANTINDO-LHE O DIREITO DE SER LIVRE;  
GARANTINDO-LHE O DIREITO DE SER PRÓSPERA;  
GARANTINDO-LHE O DIREITO DE SER FELIZ;  
GARANTINDO-LHE O DIREITO DE SER ELA PRÓPRIA,  
PELO SEU DIREITO DE LIVRE ESCOLHA.

NESTE ESPÍRITO,  
CONTRA VENTOS E MARÉS,  
NÓS, OS MILITARES,  
FIÉIS A ESTA SAGRADA MISSÃO,  
SEREMOS,  
COMO SOMOS,  
GUARDIÕES E SERVIDORES  
DA PÁTRIA  
QUE É A NOSSA,  
DA HISTÓRIA  
QUE NOS HONRA,  
DA TRADIÇÃO  
QUE NOS AFIRMA,  
DE PORTUGAL  
QUE AMAMOS,  
DO POVO  
QUE SOMOS.



# FIGURAS E FACTOS



## CONFERÊNCIA DO C.E.M.E. NO INSTITUTO DE ALTOS ESTUDOS MILITARES

No dia 30 de Maio deslocou-se ao Instituto de Altos Estudos Militares o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Pedro Cardoso, a fim de proferir uma importante conferência perante um auditório constituído pelos Oficiais que actualmente frequentam naquele Instituto os Cursos Superior de Comando e Direcção-Geral de Comando e Estado-Maior e de Actualização de Comando e Direcção.

Integrada num ciclo de conferências que ao longo dos últimos meses ali têm sido proferidas, por várias personalidades civis e militares ligadas aos mais diversos campos da vida nacional e internacional, ciclo esse que faz parte dos planos daqueles cursos, a exposição feita pelo CEME versou sobre dois pontos fundamentais e de maior interesse para todos os militares:

- Situação actual do Exército, onde focou alguns aspectos ligados à organização territorial, à administração de pessoal, à instrução, aos recursos materiais e ao orçamento;
- Perspectivas futuras, abordando essencialmente os aspectos de organização de forças e reequipamento.

Pela sua importância e oportunidade daremos no próximo número a devida divulgação a esta conferência, transcrevendo os pontos de maior interesse.

## JURAMENTO DE BANDEIRA NO B.S.G.E.

No dia 11 de Abril último, teve lugar no Destacamento da Ajuda do Batalhão de Serviço Geral do Exército o Juramento de Bandeira do 1o. Turno da Escola de Recrutas de 1980, com a presença de centenas de elementos da população civil.

Este Juramento teve a particularidade de ser o primeiro realizado na Unidade, já que do antecedente as suas praças juravam Bandeira noutras Unidades da RMLisboa. Com esta realização viu, assim, o Batalhão satisfeito uma das suas aspirações, dentro do programa e do espírito de desenvolvimento do BSGE.

A cerimónia, presidida pelo recém-nomeado Chefe do SGE, Ten.-Coronel Ricardo Saraiva Lopes e com a presença do Delegado do QG/RML, foi iniciada com uma alocução, especialmente dirigida aos soldados recrutas, proferida pelo Comandante da Unidade, Ten.-Coronel Américo Alves Martins, à qual se seguiu a leitura da mensagem do General Governador Militar de Lisboa e a leitura dos deveres militares.

Findo o acto de juramento, teve lugar a entrega de prémios aos recrutas que mais distinguiram na instrução, bem como a imposição de condecorações a dois militares da Unidade: medalha de ouro de comportamento exemplar



ao Cap. Carvalho Melo, e a medalha de mérito militar de 4a. classe ao 1o. Sarg. Couto de Almeida. Na ocasião foi também lido o louvor concedido ao Comandante da Companhia de Instrução, Cap. Carlos Duarte, a quem foi entregue o respectivo diploma.

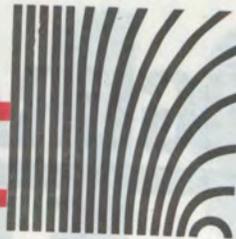
Terminou a cerimónia com o desfile das forças em parada, sob o comando do Major João Pires.

Por fim, foi servido um almoço em que tomaram parte familiares dos recrutas, o qual decorreu num ambiente de alto espírito de confraternização.





# FIGURAS E FACTOS



Michael J.H. Waish, Director de Instrução do Exército Britânico.

Durante a sua permanência no campo, visitou o Aquartelamento do Batalhão de Infantaria Mecanizado, onde assistiu a actividades de Instrução, tendo seguidamente visitado também o Estacionamento onde se encontrava aquartelada a Companhia do 1o. Batalhão do Royal Hampshire Regiment e onde tomou contacto com os militares britânicos e apreciou as suas actividades.

## DA 1ª BRIGADA MISTA INDEPENDENTE



Em 15 de Abril passado visitou a 1a. BMI e o Campo Militar de Santa Margarida o Major General James H. Ahmann, dos E.U.A., Adjunto para as Operações do Estado-Maior do Shape.

No QG1a. BMI, assistiu a uma exposição sobre a organização desta GU, visitando de seguida as infra-estruturas do Campo, tendo finalmente observado algumas actividades de instrução do Batalhão de Infantaria Mecanizado.



um reconhecimento em helicóptero, que foi precedido por uma visita às infra-estruturas do campo militar.



Em 29 de Abril, visitou a 1a. BMI e o Campo Militar de Santa Margarida, onde à data se encontrava estacionada uma Companhia do 1o. Batalhão do Royal Hampshire Regiment, o Tenente-General Sir Peter Leng, Comandante do 1o. Corpo de Tropas Britânicas na Alemanha. Durante a sua estada no Campo Militar, e após uma exposição na sala de conferências do QG 1a. BMI, o Ten-Gen, Sir Peter Leng efectuou um reconhecimento em helicóptero à área de instrução, visitou o Regimento de Cavalaria de Santa Margarida e o aquartelamento das tropas britânicas, inteirando-se com particular interesse das respectivas actividades de instrução.



Em 16 de Abril, visitou o Comando da 1a. BMI e o Campo Militar de Santa Margarida, onde à data se encontrava estacionada uma Companhia do 1o. Batalhão do Royal Hampshire Regiment, o Brigadêiro Christopher Airy, da 5a. Força Campal das Tropas Britânicas Estacionadas na Alemanha.

Depois de assistir no QG1a. BMI a uma exposição sobre a organização e características desta GU do Exército Português e sobre o Campo Militar, o Brig. Airy visitou o aquartelamento das tropas inglesas, inteirando-se largamente sobre as suas Actividades de Instrução.

Em 17 de Abril, visitou a 1a. BMI e o Campo Militar de Santa Margarida uma delegação da AMF(L) - Força Móvel da OTAN, chefiada pelo Coronel Michael Lee, do Exército Britânico.

Após uma exposição na sala de conferências do QG/1a. BMI, os visitantes inteiraram-se das potencialidades da área de instrução através de



Em 5 de Maio, visitou a 1a. BMI e o Campo Militar de Santa Margarida o Major-General

### NOVOS ALISTADOS DA CVP

A partir de 18 de Maio último, a Cruz Vermelha Portuguesa passou a contar com mais 35 novos colaboradores para as suas formações sanitárias. Após período de formação adequada, estes novos alistados fizeram o seu Juramento de Bandeira a que presidiu o Brigadeiro Fernandes Tender, Presidente daquela instituição.

### "DIA DE PORTUGAL" NO QG DA NATO

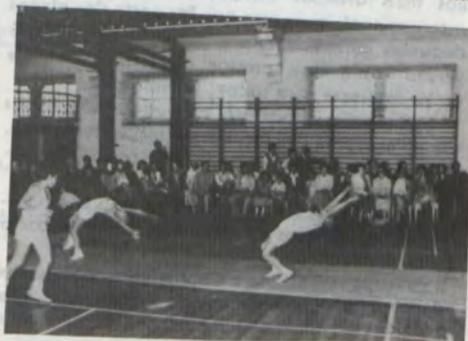
Tomando uma tradição seguida já pelos outros países da Aliança Atlântica, foi organizado um "Dia de Portugal" no SHAPE (Quartel General Aliado da Europa), em Mons, na Bélgica. A festa deste ano teve lugar no dia 6 do corrente e constou de uma recepção dada pelos nossos representantes naquele organismo da NATO, não faltando ali vinhos e especialidades portuguesas. Para participar naquela festa, deslocaram-se à Bélgica a esquadilha da FAP "Asas de Portugal" e a banda da GNR.

### CONVÍVIO GIMNO-DESPORTIVO ACADEMIA MILITAR - SPORTING

Realizou-se em 16 de Maio último, um convívio Gimno-Desportivo entre a Academia Militar e o Sporting, iniciativa que de há alguns anos a esta parte a Academia Militar promove com a finalidade de estreitar as relações desportivas entre militares e civis.



Este ano foi o Sporting o convidado, que de imediato acedeu, dando-nos a oportunidade de ver as suas magníficas classes femininas "Canarinhas" e "Dominó", bem assim como uma



classe pré-desportiva masculina e uma classe de ginástica desportiva (saltos em mini-trampolim e cama elástica). O convívio terminou com a apresentação da classe especial de saltos em mesa alemã, da Academia Militar, que impressionou a assistência com as suas arrojadas "torrentes". Presidiu a esta pequena festa o Comandante da A.M., General Alves Morgado, tendo a lade-lo o Sr. Coronel Garcia Alvarez, em representação da direcção do Sporting. Foram trocadas placas entre a A.M. e o Sporting, tendo a A.M. apresentado as classes femininas com "Mascotes" e as professoras com ramos de flores.

Estão de parabéns as professoras Ofélia Cardoso, Isabel Reis Pinto, Jecida Melo e Luís Marques, todos do Sporting, e o Dr. Mário Begonha, da A.M. pelo comportamento dos seus pupilos, que num festival desta natureza prestigiaram bastante a Educação Física.

#### DIA DA GNR

Criada menos de um ano após a implantação da República — 3 de Maio de 1911 — e sucessora da Guarda Real de Polícia, este corpo de tropas comemorou esta data com diversas cerimónias que se estenderam aos mais recônditos Postos da corporação. Em Lisboa as cerimónias principais tiveram lugar no Quartel do Carmo, a que presidiu o seu Comandante-Geral, General Passos Esmeriz. Constataram as mesmas de formatura geral, durante a qual foram impostas condecorações aos elementos que mais se distinguiram nos últimos doze meses.



#### 69o. ANIVERSÁRIO DO IMPE

Com o brilho que já vem sendo tradicional, o Instituto Militar dos Pupilos do Exército assinalou mais um aniversário da sua fundação. Os actos festivos comemorativos preencheram os dias 24 e 25 de Maio e constaram de várias realizações de carácter cultural e desportivo.

No dia 24, pela manhã, teve lugar, na Praça do Império, a formatura e desfile do Batalhão Escolar, a que se seguiu uma Missa de sufrágio, na Igreja dos Jerónimos, solenizada pelos grupos coral e instrumental do Instituto.

Na manhã do dia 25 as cerimónias iniciaram-se pelas 9 horas, na sede do IMPE, com a homenagem ao fundador do Instituto, a que se seguiu a inauguração de uma exposição de trabalhos escolares. Pelas 10 horas as comemorações atingiram o seu ponto alto com a realização de um Festival Gimnodesportivo e Militar em que ficou mais uma vez demonstrado o excelente nível técnico das classes de ginástica e de outras modalidades desportivas daquela Escola.

Na 1a. parte deste festival exibiram-se a Classe de Ginástica Formativa e Educativa, constituída pelos alunos do 7o. e 8o. anos de escolaridade; a Classe de Destreza, com saltos de tapete, mini-trampolim e duplo mini-trampolim, e de cama elástica, constituída pela Classe Espe-

cial de Ginástica; uma Classe Mista de ginástica formativa e educativa, formada por alunos do 10o. e 11o. Anos de Escolaridade, do Ano Prope-  
dêutico e dos Cursos Superiores. Exibiram-se ainda os alunos do Ciclo Preparatório com alguns números de iniciação desportiva. A terminar a 1a. parte, foi apresentada uma demonstração de assaltos de esgrima às 3 armas (florete, espada e sabre).

A 2a. parte contou com a exibição da Classe Especial de Ginástica, que executou com perfeição alguns números de ginástica desportiva e acrobática, além de uma demonstração militar



de ordem unida, executada por instruendos da I. G. M., e de algumas demonstrações de Taekwon-Do. O festival encerrou com a formatura e desfile do Batalhão Escolar.

As principais cerimónias foram presididas pelo Vice-CEME, General Duarte Silva, às quais também assistiram alguns adidos militares estrangeiros, professores e Oficiais do IMPE, muitos familiares dos alunos, além de muitas outras entidades convidadas, Oficiais que serviram naquela casa e numerosos ex-alunos.

#### ADMISSÕES À ACADEMIA MILITAR

Informamos todos os interessados que este Jornal está habilitado a fornecer todos os elementos e a prestar os esclarecimentos necessários sobre o Concurso de Admissão à A.M. (Ver anúncio na página 45).

#### CENTENÁRIO DA EPE

Com a data de 28 de Junho, está a ser comemorado o primeiro centenário da Escola Prática de Engenharia, unidade a que, neste número, fazemos referência com mais detalhe local.

Para festejar o acontecimento, e além das cerimónias militares propriamente ditas, foi confeccionada uma medalha comemorativa e publicada uma monografia da Unidade. Igualmente se espera que seja lançada oportunamente, a primeira pedra dum monumento a erigir em Tancos, à Engenharia Militar.

#### EFEMÉRIDES MILITARES JUNHO

1763 — 1 • Iniciaram-se, em Portugal, no campo da Ajuda, as primeiras manobras militares, como parte do plano da grande reorganização do Exército levada a

efeito pelo Conde de Lippe.

- 1932 — 3 • Fundação da Associação dos Pupilos do Exército
- 4 • DIA DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA
- 1917 — • O Batalhão de Infantaria no. 35 repele com o maior vigor um "raid" alemão
- 1443 — 5 • Morre no cativoiro, em Fez, o Infante D. FERNANDO, filho de D. João I
- 1808 — 6 • Inicia-se no Porto a revolta para a expulsão dos invasores franceses
- 1494 — 7 • Assinado o TRATADO DE TORDESILHAS
- 1663 — 8 • BATALHA DO AMEIXIAL, na Guerra da Restauração. O Conde de Vale Flor esmaga as tropas de D. João de Áustria, em retirada para Espanha.
- 9 • DIA DO DEPÓSITO GERAL DE MATERIAL DE TRANSMISSÕES
- 10 • DIA DE PORTUGAL, DE CAMÕES E DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS
- 11 • DIA DA MANUTENÇÃO MILITAR
- 1901 — 12 • Integrado no plano de múltiplas reformas do Exército, de 1901, levada a efeito pelo Ministro da Guerra, General Pimentel Pinto, foi decretada uma CARTA DE LEI estipulando as condições para promoção e instituindo o Quadro de Reserva para onde passaram a transitar os Oficiais atingidos pelo limite de idade, fixando em 56 anos até Major, 60 para Coronéis, 67 para Generais de Brigada e 70 para Generais de Divisão.
- 1373 — 16 • É assinado em Londres um tratado de paz, amizade e aliança entre Portugal e a Inglaterra.
- 1665 — 17 • Batalha dos MONTES CLAROS
- 1922 — • Chegada ao Brasil de GAGO COUTINHO E SACADURA CABRAL
- 21 • DIA DO REGIMENTO DE INFANTARIA DE ÉVORA; DIA DO INSTITUTO SUPERIOR MILITAR; DIA DO REGIMENTO DE INFANTARIA DE SETÚBAL; DIA DO REGIMENTO DE INFANTARIA DE ELVAS; DIA DO REGIMENTO DE INFANTARIA DE PONTA DELGADA.
- 1813 — • BATALHA DE VITÓRIA. Vitória anglo-lusa em que os R.I. de Setúbal e de Elvas tiveram conduta distinta.
- 1158 — 24 • CONQUISTA DE ALCÁCER DO SAL por D. Afonso Henriques
- 1760, — 26 • Criação da INTENDÊNCIA GERAL DA POLÍCIA
- 28 • DIA DA ESCOLA PRÁTICA DE ENGENHARIA
- 29 • DIA DO HOSPITAL MILITAR DE DOENÇAS INFECTO-CONTAGIOSAS; DIA DO BATALHÃO DO SERVIÇO DE TRANSPORTES; DIA DO REGIMENTO DE COMANDOS.
- 1918 — • Foram criadas as COMPANHIAS DE AUTOMOBILISTAS E ESCOLAS DE CONDUTORES DE AUTOMÓVEIS de que o B.S.T. é herdeiro.
- 1128 — 30 • BATALHA DE S. MAMEDE, onde D. Afonso Henriques e o seu Exército desbarataram os galegos, leoneses, e mais partidários de D. Tereza, nos campos de Guimaraes.

# "OPERAÇÃO TEERÃO" O QUE TRAIU AS FORÇAS DOS ESTADOS UNIDOS

Por NUNO VASCO

"Desde a nossa derrota no Vietname — escreve Richard Nixon nas suas memórias — os americanos têm-se sentido indevidamente intimidados quanto ao uso da força, inibição esta que os soviéticos e seus aliados não sentem".

O desastre da "Operação Teerão" para libertar os reféns detidos na embaixada americana, naquela cidade, tem, decerto, muito a ver com a "intimidação" ou "inibição" americana de que fala o ex-Presidente Nixon. Houve ainda, como se sabe, outros factores negativos, quer técnicos quer de planeamento, e só talvez porque a operação era levada a cabo por voluntários é que o "desastre" não redundou em "tragédia".

Um Oficial israelita, citado pela "Newsweek" é de opinião que tanto o planeamento como a execução da "Operação Teerão" foram inacreditavelmente incompetentes. Se a missão foi anulada pela razão indicada — precisou aquele Oficial — então os americanos tiveram sorte em ela ter falhado na primeira fase. Se aquele era o nível da sua preparação, o verdadeiro "raid" em Teerão teria sido uma catástrofe.

A versão oficial, constante de uma comunicação do Presidente Carter, indicava que tinha sido posto termo à missão "devido a uma falha material nos helicópteros" e acrescentava que "quando a nossa equipa se retirava, dois dos nossos aviões colidiram em terra, a seguir a uma operação de reabastecimento".

## O PLANO DA OPERAÇÃO

Segundo o diário americano "Washington Post", o plano da "Operação Teerão" foi previsto com uma combinação de aviões de transporte e helicópteros, a utilizar por um grupo de noventa "comandos", oriundos de Fort Bragg, na Carolina do Norte, mais noventa homens da tripulação do conjunto dos aparelhos.

Seriam usadas três "bases": uma perto da cidade de Tabas para reabastecimento dos helicópteros RH-53 "Sea Stallion", que fizeram o longo percurso desde o porta-aviões nuclear "Nimitz" a navegar no golfo Pérsico; a Base no. 2, suficientemente longe de Teerão, para que não fosse detectada a aproximação dos "comandos", e de onde estes partiriam para a cidade, possivelmente em camiões disfarçados; e a Base no. 3 para os Hércules C-130 que deveriam transportar os reféns e os "comandos" para fora do Irão.

Ainda segundo a Imprensa americana, o plano previa um assalto terrestre à embaixada dos Estados Unidos e ao Ministério Iraniano dos Negócios Estrangeiros (a menos de quilómetro e meio da embaixada) onde três diplomatas americanos têm estado detidos.

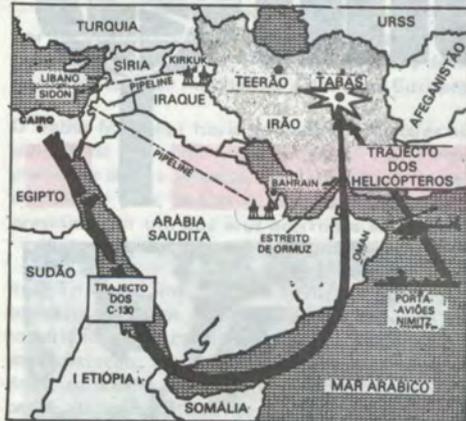
Aparentemente, os "Comandos" esperavam atacar quando os estudantes islâmicos de guarda à embaixada abrandassem a vigilância, utilizando, ao que se supõe, qualquer gás paralisante.

Uma vez alcançados os reféns, o plano indicaria que os helicópteros aterrassem no complexo da embaixada e levassem todos os americanos para uma pista próxima, onde então embarcariam nos C-130.



Tabas; o cadáver carbonizado de um dos americanos mortos, tendo como fundo as destroças do C-130.

Ainda segundo a imprensa norte-americana parece poder presumir-se que "caças" a jacto, do porta-aviões "Nimitz", voariam para Teerão, a fim de darem cobertura aérea aos aviões de transporte em fuga. Meios americanos admitem que "iranianos amigos" teriam um forte papel de apoio em toda a operação.



## O DESENVOLVIMENTO DA ACÇÃO

Na Unidade de "Comandos" da Carolina do Norte, os seis C-130 participantes na acção embarcaram material tão diverso como combustível de helicóptero, armas e munições. Seguiram depois para a costa oriental dos Estados Unidos onde se lhes juntaram os noventa "Comandos" que tinham sido treinados nos desertos do Sudoeste, na fronteira Arizona - Califórnia, de paisagens semelhantes às do Irão. Charles Beckwith era o Comandante da Força de "Comandos".

Os C-130 voaram então para um aeródromo do Cairo e, depois, durante a noite, para o Bahrein, onde se reabasteceram, continuando para Nordeste. Uma outra versão diz que os aviões se reabasteceram no ar, sobre o Mar Vermelho, e tocaram na Costa Oeste do Golfo Pérsico, provavelmente em Omã. De qualquer forma tiveram de voar em torno da Arábia Saudita.

A entrada no espaço aéreo do Irão fez-se com o auxílio de um avião AWACS a interferir no radar iraniano.

Vejamos agora o que se passou com os helicópteros. Tendo partido oito unidades do porta-aviões "Nimitz", os aparelhos encontravam-se apenas alguns quilómetros adentro do território iraniano, voando baixo, quando o primeiro RH-53 foi forçado a aterrar. Outro dos helicópteros recolheu a tripulação e prosseguiu, mas um novo helicóptero sofreu uma "complicação técnica" e fez meia volta para o "Nimitz". Em voo ficaram apenas seis helicópteros.

## "RENDEZ-VOUS" NA NOITE IRANIANA

Era ainda noite quando os voos dos aviões e dos helicópteros convergiram na Base no. 1. Os aviões aterraram primeiro e alguns dos barris de combustível ainda chegaram a ser descarregados. Porém, quando os "helis" desceram, verificou-se que um deles tinha uma avaria mecânica, "graves problemas hidráulicos" como foi anunciado pelo Pentágono.

Comunicado a Washington o que se passava com os helicópteros — nada menos do que "três fora de combate", — o Presidente mandou suspender a operação. É então que no decurso da descolagem dos aparelhos se dá o choque entre um dos C-130 e um dos helicópteros.

Os dois aparelhos incendeiam-se (o C-130 está carregado de combustível) e tudo se transforma, rapidamente, num mar de chamas, iluminando a noite iraniana. Oito homens morrem e quatro outros ficam gravemente queimados. Para cúmulo dos azares surge um autocarro iraniano e os seus cinquenta e três ocupantes têm de ser dominados pela tropa.

Os restantes cinco C-130 embarcam posteriormente os "Comandos", as tripulações dos helicópteros e os feridos e levantam voo para Sul e Oeste, dirigindo-se ao Egito e à RFA.

Em solo iraniano ficam um Hércules C-130 (queimado), seis helicópteros RH-53 (quatro intactos, um seriamente avariado e outro queimado) bem como oito corpos de americanos.

## AS REACÇÕES NÃO SE FIZERAM ESPERAR

A consequência imediata de maior vulto do "raid" fracassado foi, sem dúvida, a demissão do Secretário de Estado, Cyrus Vance. A decisão de Vance deveu-se ao facto de Carter ter ignorado o seu conselho de não ordenar a "Operação Teerão". Vance empenhara-se, profundamente, em obter o apoio diplomático dos Aliados dos Estados Unidos para um boicote ao Irão, o que estava sem dúvida a conseguir.

Só que o Presidente e outros Conselheiros viam como bloqueadas todas as vias diplomáticas e não acreditavam que o boicote económico desse resultados a curto prazo.

Realmente, se a missão de salvamento dos reféns em Teerão tivesse resultado, Carter seria um herói e a sua reeleição estaria desde logo assegurada. Mas, apesar do fracasso, setenta e sete por cento dos americanos — segundo uma sondagem realizada imediatamente — concordaram com a decisão de Carter de intervir no Irão.

Jim Wright "leader" democrático da Câmara dos Representantes, caracterizou o fiasco da operação como "uma queda inacreditável (...) cadeia de azares". Já para o Senador do Oregon, Mark Hatfield "os riscos eram muito maiores que qualquer possibilidade de êxito".

## ESTÃO OS AMERICANOS PREPARADOS PARA INTERVIR MILITARMENTE?

Para muitos observadores americanos e es-



O Secretário da Defesa, Harold Brown, e o General David Jones: terá passado por eles a estratégia da "Operação Teerão".

trangeiros, a grande incógnita que se coloca, neste momento, é se as Forças Armadas americanas estão ou não preparadas para intervir militarmente, com êxito, onde quer que sejam necessárias.

E surgem assim no ar, entre outras, as seguintes perguntas: qual o grau de determinação das tropas?; como está a sua moral?; ou então, porque há "problemas técnicos" em três de oito helicópteros de um porta-aviões como o "Nimitz"? porque se deixam em solo iraniano, sem serem destruídos, quatro helicópteros intactos e um avariado?

A falhada "Operação Teerão" por certo que fará ainda correr muita tinta. Um inquérito à forma como decorreu a missão, ainda que não tenha sido oficialmente anunciado, foi certamente, aberto pelas autoridades militares.

Nesse relatório, que não é crível seja divulgado, estarão, talvez, algumas das respostas de porque redundou em desastre a operação americana.

Operação que, tendo um fim humanitário, só se pode lamentar que tenha falhado.

O porta-aviões "Nimitz", navegando ao largo da costa iraniana.





# miramundo



## JOÃO PAULO II EM ÁFRICA

Uma viagem, que os meios católicos classificam de evangelizadora, levou João Paulo II a cinco países africanos — Zaire, República do Congo, Quênia, Costa do Marfim e Gana.

O caloroso acolhimento das multidões — constante nas deslocações pontifícias — aconteceu uma vez mais, sendo o Papa entusiasticamente aclamado nos locais que visitou, a atestar também a larga audiência da Igreja em África.

De especial significado as afirmações do Papa quanto à visão da Igreja no respeitante aos diferentes regimes políticos dos países visitados.

No Zaire, onde pela primeira vez pisou terra africana, o Papa afirmaria: "a África tem necessidade de independência e de ajuda desinteressada, tem necessidade de paz". A jornada no Zaire poderá marcar a reconciliação do presidente Mobutu — que celebrara o casamento religioso poucos dias antes, com a sua segunda mulher — com a Igreja Católica.

Em Brazzaville o Papa passou apenas algumas horas. Ali afirmaria que os objectivos da Igreja e do Estado são coincidentes, ressaltando a dignidade da pessoa humana e dos seus direitos, na linha da encíclica "Redemptor Hominis", como resposta ao regime marxista do Congo.

As viagens africanas do Papa tiveram especialmente grande importância ao nível eclesial, com a afirmação da necessidade de uma aculturação da Igreja, nomeadamente nos campos da teologia, da catequese, da liturgia e da disciplina eclesial, João Paulo II deu especial relevo à indigenização da Igreja e à necessidade da unidade



interna das Igrejas locais e da sua união com a Igreja Universal.

De grande importância ainda o encontro que reuniu, na Nunciatura Apostólica de Accra, João

Paulo II e o Primaz da Igreja Anglicana, durante quase uma hora. Foi o primeiro encontro do género, desde que Monsenhor Robert Runcie tomou posse do Arcebispado de Cantuária.



**TITO  
ESTÁ VIVO!  
NÃO PODE  
MORRER**

O Marechal Tito morreu no dia 4 de Maio, após prolongada agonia, pelo que o desfecho fatal era de há muito esperado.

Herói da resistência e condutor da Jugoslávia na sua forma actual interna — de reunião de nacionalidades possuídas de grandes forças centripetas — e externa — do país que cultivava em alto grau a sua independência, a equidistância entre os dois grandes blocos e que defendia o não alinhamento e a convivência pacífica entre os povos.

Tito era mesmo o símbolo desse não-alinhamento e o seu líder incontestado, depois da morte de Nehru, N'Krumah e Nasser, que com ele foram os elementos activos da sua fundação em Bandung em 1956.

Os funerais nacionais transformaram Belgrado no fórum político internacional, onde se encontrava reunido o maior e mais importante número de governantes de todo o mundo, independentemente da respectiva ideologia ou forma de governo: De Brejnev a Huo-Koi-Feng, de Zia-Ul-Hag a Indira Ghandi, Kurt Waldheim, etc.

As mais notadas ausências foram as do Presidente Carter representado por Walter Mondale, e de Valery Giscard d'Estaing que se fez representar pelo seu primeiro-ministro, Raymond Barre.

A Jugoslávia foi um dos primeiros países socialistas a restabelecer relações diplomáticas com Portugal, após o 25 de Abril de 1974. O presidente Tito esteve por duas vezes no nosso país, em 1976 e 1977. O Chefe de Estado e o primeiro-ministro português estiveram também em Belgrado.

Mas a morte do grande estadista levanta, a par da emoção, uma onda de preocupação e de interesse em conhecer o que será o futuro deste país que se situa na charneira das duas Europas.

O velho Marechal havia tomado disposições no sentido de assegurar a continuidade: assim uma chefia colectiva garante, por rotação, a presidência do país, sendo a Liga dos Comunistas presidida por um dos seus acérrimos seguidores.

Todavia é lógico que algo mudará no país em

que Tito era um mito, o herói nacional que todas veneravam e seguiam. Especialmente no tocante às forças centrífugas, para a manutenção da Federação, manter-se-ão elas com a intensidade suficiente para contrabalançar as centrípetas, até aqui fortemente atenuadas?

### ASSALTO À EMBAIXADA IRANIANA EM LONDRES

Assaltantes identificados como membros da minoria árabe do Kuzestão assaltaram a embaixada iraniana em Londres e exigiram a libertação de 91 dos seus companheiros, detidos por sabotagem, e dum avião que os transportasse para fora do país.

A surpresa e grande rapidez do assalto fez com que tivessem ficado como reféns todo o pessoal diplomático iraniano, alguns visitantes, como dois homens da BBC, que procuravam obter vistos para se deslocarem a Teerão, e o próprio polícia armado que guardava o edifício.

Nas suas mensagens os assaltantes faziam várias ameaças — incluindo o fazer explodir o edifício — com prazo marcado, findo o qual elas não se concretizariam. Ao mesmo tempo pediam desculpas ao povo e governo britânicos pelos "inconvenientes que lhes estavam a causar."

Ao sexto dia da ocupação aumentou a agressividade do Comando, que ameaçou matar um refém de meia em meia hora, se não tivessem sinais de que alguma coisa estava a ser feita para

### CIMEIRA FRANCO-ÁFRICANA

Em Nice e no dia 9 de Maio, o Presidente francês Valéry Giscard d'Estaing inaugurou a sétima cimeira franco-africana, na qual participaram as antigas colónias francesas da África Central e Ocidental que se tornaram independentes na últimas duas décadas.

Na agenda as questões económicas, o problema dos refugiados e as relações entre a África e a Europa ocupavam lugar de relevo. Porém, não se excluiu a possibilidade de discutir a questão do Chade. Entre os países intervenientes encontram-se alguns dos mais pobres do globo.

A cimeira realiza-se todos os anos, alternadamente em França ou em África. Leopold Senghor, um dos aliados mais ferrenhos da França, declarava a propósito que "os países africanos atravessam uma situação ainda pior do que quando ascenderam à independência", e adiantava "estamos a pagar mais e mais pelas mercadorias que temos que importar, enquanto os nossos produtos, principalmente matérias-primas e produtos agrícolas, se tornam cada vez mais baratos."

a satisfação das suas exigências. Após duas sequências de tiros, separadas por várias horas, o corpo de um diplomata iraniano viria a ser atirado para o exterior da embaixada.

Pouco depois começaria a operação, desencadeada pelo SAS — "Special Air Service", uma unidade de "Comandos" considerada das melhores do mundo e que já participara activamente em 1976 na ocupação de Mogadíscio — que demoraria 45 minutos até o assalto estar concluído, com 5 dos 6 assaltantes e dois dos cerca de vinte reféns mortos.

Foi oficialmente considerado um êxito que motivou muitas mensagens de felicitações ao governo britânico. Porém, e como é natural, ainda há lugar para muitas especulações e a explicação de algumas das ocorrências só bastante mais tarde surgirá.

O governo iraniano mostrou-se particularmente grato pela forma como foi resolvido o problema.

Porém, que dizer do paralelismo com o sequestro dos reféns americanos no Irão? Gotbza-degh, ao ser interpelado a esse propósito, explicou que não tinha havido qualquer paralelo. Verdadeira ironia difícil de compreender!

Os efeitos da crise energética e a alta do petróleo sobre as economias africanas, a descoberta de mercados garantidos e estáveis para as matérias-primas e como ajudar os países de África foram outros tantos temas a ocuparem os dirigentes reunidos em Nice.

Este ano assistiram à reunião delegações das antigas colónias portuguesas de S. Tomé, Guiné e Cabo Verde.

### CONFERÊNCIA ISLÂMICA

Em Islamabad, capital do Paquistão, reuniu-se uma Conferência Islâmica, como delegados de 39 países muçulmanos e da OLP, para discutirem questões de segurança colectiva por considerarem existir "uma ameaça ao mundo muçulmano das duas superpotências e da entidade israelita implantada no meio delas". Tudo isto à luz das crises do Afeganistão, Irão e Médio Oriente.

Os países reunidos na conferência manifestaram a sua condenação pela intervenção da União Soviética no Afeganistão e também expressaram considerar a ameaça americana à segurança do Irão. Relativamente a Israel, a sua apreensão vai no sentido de constatar a falta de progresso na questão palestiniana, o reforço do domínio sobre Jerusalém e os ataques ao sul do Líbano.

O sistema de segurança colectiva para o mundo muçulmano foi estudado com base na orientação proposta pelo Paquistão, que também sugeriu a observação de uma perspectiva comum no tocante à distribuição mundial dos recursos humanos e petrolíferos.

Edmund Muskie, senador democrático e que já foi candidato à Presidência norte-americana, tomou posse como Secretário de Estado em substituição de Cyrus Vance, que se demitiu na sequência do falhado "raid" ao Irão para libertação dos reféns.

Muskie declarou, no acto de posse, não ser especialista em política externa mas acrescentou: "se acreditamos em alguma coisa, lutamos por ela e é isso que tenciono fazer."

\*\*\*

A 14 de Maio o Pacto de Varsóvia festejou o seu vigésimo quinto aniversário. Tal facto levou os principais dirigentes dos países comunistas da Europa de Leste à cerimónia comemorativa na capital polaca.

\*\*\*

A China confirmou ir fazer o primeiro teste completo de voo de um míssil intercontinental, com um raio de acção capaz de atingir a União Soviética ou a parte ocidental dos Estados Unidos.

\*\*\*

A pedido do Presidente Sadate foram adiadadas, por tempo ilimitado, as negociações israelo-egípcias, face à insistência israelita em manter uma forte presença militar nos territórios árabes ocupados.

\*\*\*

Giscard d'Estaing e Leonid Brejnev mantiveram em Varsóvia um encontro de dois dias "para descobrir os motivos das tensões existentes" no mundo. A cimeira, cuja preparação decorreu no maior segredo, concluiu pela necessidade de organizar uma reunião mundial de alto nível, cuja data limite é o ano de 1981, aquela que fora igualmente proposta quando da reunião dos dirigentes dos países do Pacto de Varsóvia, uma semana antes.



# AS UNIDADES DE ENGENHARIA A E.P.E.

Pelo Cap. Eng. EDUARDO GONÇALVES

Foi em 28 de Junho de 1880 que, por portaria assinada pelo então Ministro da Guerra, João Crisóstomo de Abreu e Sousa, ele próprio Oficial de Engenharia, foi fundada a Escola Regimental Prática de Engenharia, no já existente e então regularmente utilizado Campo de Instrução e Manobras de Tancos.

Nessa altura, e desde há alguns anos, que nele se vinham realizando estudos com vista à implantação da Escola, principalmente sob as influências de Fontes Pereira de Melo, outro Oficial de Engenharia que, tendo abraçado a carreira política, se veio a distinguir nas diversas pastas que ocupou.

Já em 1869, o então Ministro da Guerra, Maldonado d'Eça, tinha apresentado ao Rei D. Luís um estudo em que chamava a atenção para a necessidade de manter o pessoal da Arma apto a desempenhar qualquer missão que lhe fosse cometida em caso de guerra. E, nesse sentido, chama a atenção para o Batalhão de Engenharia "especialmente destinado, durante a paz, a trabalhos de construção, conservação e reparação das fortificações e edifícios militares, e a instruir-se no polígono ou sua Escola Regimental Prática".

O espírito deste documento não é abandonado e, em 1879, é decisivamente nomeada uma comissão, composta pelo General de Brigada Mello Breyner, pelo Coronel de Engenharia Sanches de Castro e pelo Tenente-Coronel do Corpo de Estado-Maior Macedo da Cunha para apreciar "com brevidade" dois projectos existentes e dar a sua opinião sobre qual deles ofereça maior número de vantagens, indicando desde logo as modificações que porventura julgue necessário introduzir naquele que for preferido".

Acabou assim por ser aprovado o estudo elaborado em 1875 pelo Capitão António Joaquim Pereira, tendo sido, para o início das obras, imediatamente atribuídos cinco contos de réis.

A EPE foi assim a segunda Escola Prática a ser criada no País, logo depois da de Artilharia, alguns anos mais antiga e ambas anteriores às das restantes armas (1). Tal prática integrava-se, aliás, nas tendências da Europa de então que vinha, a pouco e pouco, a transformar os campos de manobras semipermanentes em campos de instrução fixos.

O primeiro regulamento da Escola, publicado na O. E. no. 12 de 30 de Junho de 1880 estabelecia que o polígono tinha por fim "ministrar aos Oficiais e mais Praças da dita Arma a instrução prática, dando aos primeiros os meios de aplicar e completar a instrução teórica recebida nas escolas superiores".

Abrangiam os trabalhos, nesses primeiros tempos, o tiro com armas portáteis e os exercícios a nível de batalhão e companhia, com especial relevância para a fortificação temporária, trabalhos topográficos, reconhecimentos, castrametação, estradas, caminhos de ferro, telégrafos, minas militares e pontes.

A instrução era ministrada em dois períodos com dois meses de duração cada um — na Primavera e no Outono — e a Escola mantinha-se sob as ordens directas do Director-Geral da Engenharia.

Não havendo instrução permanente, escasso era também o pessoal efectivo. Ele resumia-se,



com efeito, ao Comandante, Oficial Superior, a um Capitão que exercia as funções de Adjunto, a um Almojarife, um Amanuense, um Cirurgião Militar, dois Fiéis, três Abegões, um Enfermeiro e um Guarda Rural. Um destacamento, fornecido pelo Batalhão, garantia a necessária vigilância.

Na altura em que havia exercícios, este pessoal era reforçado com mais um Oficial Superior que desempenhava as funções de Segundo-Comandante, 4 Capitães Instrutores, 9 Tenentes e os Alferes habilitados com o curso de Engenharia Militar na quantidade julgada necessária.

Curiosa a existência de prémios, pecuniários, para as Praças e consistindo em menções honrosas para os Oficiais. Destinavam-se eles aos exercícios de tiro e, ainda, para as Praças de pré, para aquelas que "sendo encarregadas da construção de qualquer obra, feita seguidamente e como se fosse em presença do inimigo, a ultimassem satisfazendo todas as condições de construção num período de tempo não excedente a nove décimos do que estiver determinado regulamentarmente". O seu valor cifrava-se em 15 réis por hora de trabalho.

O Primeiro-Comandante da Escola Regimental Prática de Engenharia foi o Tenente-Coronel Ladislau Miceno Álvares da Silva e o Primeiro Adjunto, o então Capitão de Engenharia Duval Telles.

Atribulada foi a vida da recém-formada Unidade nos seus primeiros tempos e, a melhor prova desta afirmação, consiste no facto de, em 1906, ou seja, vinte e seis anos após a sua criação já tinha passado por cinco remodelações acompanhadas por outros tantos regulamentos. Encontrar explicação para tantas alterações não é tarefa fácil e não poderá ligar-se apenas à instabilidade sócio-política em que o país então vivia. Duval Telles, uma das figuras de maior prestígio na Engenharia Militar dos princípios do século,

atribuia, em artigos publicados na revista "Portugal Militar", estas modificações à ansia constante de melhorar aquilo que existia. Esta opinião, tal como é propalada, pode no entanto e não sem motivos considerar-se suspeita, pelo que preferimos a explicação dada por Oliveira Garção, na época um dos Comandantes da Escola e que num projecto-memória que temos entre mãos e relativo a 1899, se refere às constantes reorganizações do Exército como um dos principais motivos que obrigavam à constante alteração das estruturas da Escola do polígono de Tancos.

Seja como for, o que é certo é que só com Pimentel Pinto, a EPE viu criadas as estruturas que, pelo menos aparentemente, lhe garantiam uma certa continuidade.

Assim, e após em 1884 ter sido fixado o actual nome de Escola Prática de Engenharia (embora não definitivamente pois, como adiante se verá, ainda sofreu alterações), a reorganização de 1886 determina que "à Escola, concorrerão também Tropas de Infantaria e de Cavalaria, afim de assistirem aos exercícios de Engenharia e de se instruírem praticamente na execução de trabalhos de campanha". O pessoal permanente é aumentado com mais um Almojarife, um Servente, um Enfermeiro e um Guarda do Polígono, sendo suprimidos os Abegões.

As alterações de 1893 dizem, essencialmente, respeito aos efectivos, em pessoal permanente, que é consideravelmente aumentado, às diversas funções de que são incumbidos, devidamente especificadas e ainda e especialmente à instrução. Este aspecto, com efeito, é agora convenientemente definido de modo a não deixar quaisquer dúvidas quanto à sua aplicação.

Ao mesmo tempo, o destacamento para



O CORONEL DE ENGENHARIA  
ANTÓNIO AUGUSTO DUVAL TELLES  
Adjunto de campo de Sua Magestade II-Rei  
Inventor da actividade de engenharia nos cursos de instrução de Lisboa

guardas e vigilância passa a ser cedido pelo Regimento de Engenharia.

Em 1901, o Comandante do Regimento de Engenharia passa a acumular com o cargo de Comandante da Escola, vindo este novo regulamento, tal como o anterior, publicado por Pimentel Pinto, a concretizar e especificar o que naquele se contém, em matéria de ensino. Este é dividido em seis períodos e em três grupos, que dizem respeito a instrução geral das Tropas, a instrução especial de Sargentos e a instrução especial de Oficiais, havendo ainda uma instrução especial para as Companhias; esta última apresenta-se dividida em instrução de Sapadores Mineiros, de Pontoneiros, de Telegrafistas e de Caminhos-de-Ferro.

A última regulamentação daquilo a que poderemos chamar uma primeira fase aparece em 6 de Setembro de 1906, sendo Ministro da Guerra Vasconcelos Porto e a principal alteração que introduz diz respeito ao Comando da Escola, que deixa de ser acumulado pelo Comandante do Regimento de Engenharia.

O advento da República trouxe consigo novas ideias que alteraram profundamente a organização do Exército, com a introdução do Serviço Militar pessoal e obrigatório e a instituição do Exército Miliciano que se pretendia à imagem do sistema suíço.

A Arma de Engenharia ficou dividida em serviço de Pioneiros, Serviço Telegráfico Militar, Serviço Militar de Caminhos-de-Ferro, Serviço de Torpedos Fixos e Serviço de Fortificações e Obras Militares.

A EPE é incluída no Serviço de Pioneiros e o seu nome é mudado para Escola de Aplicação de Engenharia, competindo-lhe a execução de "Trabalhos Técnicos de Engenharia de Campanha" e a realização de cursos técnicos — de Pioneiros, de Telegrafistas e de Caminhos-de-Ferro.

Inúmeras reticências foram postas a esta organização que veio, afinal, a ser vítima da instabilidade política da época. Aliás, a possibilidade de existirem e serem livremente expressas essas críticas e a sua chegada até nós mais não são que um sintoma de liberdade de expressão então existente.

Entretanto, em 1916, o Polígono é escolhido como local de concentração e exercício das Tropas do CEP, em vésperas da sua partida para França e, em 1926, a mudança de Governo, com o advento do período Salazarista, marca nova mudança. Esta, muito para além da Escola, atinge a Engenharia Militar e o próprio Exército, criando uma estrutura que é, em linhas gerais, a que hoje ainda existe.

A Unidade volta a chamar-se EPE, integrada de novo na recém reorganizada Arma de Engenharia e, o Decreto 13851 de 13 de Junho de 1927, estabelece que a Escola se destina fundamentalmente "a servir como principal centro de estudo da Arma e para estação de ensaios e de experiências sobre tudo o que interesse à organização e instrução prática das tropas da Arma; à organização e funcionamento dos Serviços a cargo da Engenharia, especialmente do ramo de Pioneiros; ao Material de Engenharia do Exército; à instrução da fortificação e da camuflagem, gases, fumos e lança-chamas. À Escola Prática de Engenharia concorrerão os Quadros e Tropas da Arma, devendo a Escola dispôr, além do pessoal necessário, de uma Companhia de Instrução, a qual será dividida em secções correspondentes aos diferentes ramos da Arma".

O mesmo Decreto, refere ainda, que a EPE, "servirá inicialmente como centro, único de estudo e instrução do serviço de gases, fumos e lança-chamas do exército e de depósito de material anti-gás, nele se organizando para o efeito uma secção especial, onde serão instruídos os



Formatura do século passado (com manejo de picareta)



Uma sala de aula a funcionar



# AS UNIDADES DE ENGENHARIA A E.P.E.



quadros de todas as armas e serviços”.

Actualmente, a EPE constitui-se como a principal unidade da Engenharia Militar, desenvolvendo, além de alguma actividade operacional, tão reduzida quanto é certo que para ela não está vocacionada, uma intensa movimentação, a vários níveis, no campo do Ensino Militar.

Assim, e para além da instrução militar geral na parte relativa ao CGM, CEOM e ER e nas especialidades básicas de Engenharia registou-se, a partir de 1976/77, a criação de um Centro de Instrução de Quadros que, ainda em fase de crescimento, engloba já uma série de gabinetes onde são ministrados diversos cursos a Oficiais e Sargentos do Exército e da Força Aérea, bem como a Forças Militarizadas e Para-Militares como a GNR, a PSP e ainda em certos casos a Polícia Judiciária.

Os sectores actualmente cobertos por estes gabinetes são os de explosivos e demolições — através do GASAP, gabinete de Sapadores, o Pioneiro e Modelo, neste particular, dado a capacidade organizativa e bom gosto que presidiram à sua montagem pontes militares — através do GAPON, gabinete de pontes; vias de comunicação — através do GAVICOM, gabinete de vias de comunicação; construções e camuflagem.

Sendo reduzido o Quadro Orgânico da Escola, o funcionamento efectivo, que o é destes gabinetes, exige, de facto, um desdobramento constante do pessoal que, normalmente, funciona em regime de acumulação de tarefas, à custa de sacrifícios pessoais quando não das próprias funções.

Junto à EPE, e dependendo dela administrativamente, funciona a Companhia de Engenharia integrada na 1.ª BMI. Ocupando as instalações do Casal do Pote, tem por missão manter-se operacional no quadro das funções atribuídas à Brigada e tem tido participação regular nos diversos exercícios e manobras em que esta tem tomado parte.

Falar de EPE e não falar do Castelo de Almourol era mais do que deixar a descrição incompleta negar o “élan” que a sua imagem e as suas tradições comunicam àqueles que servem e têm servido a Arma de Engenharia.

Prenhe de história e de lendas, palco de inúmeros feitos heróicos e de fundação muito anterior à da Unidade, ela apossou-se, por assim dizer, da sua imagem como um símbolo indestrutível.

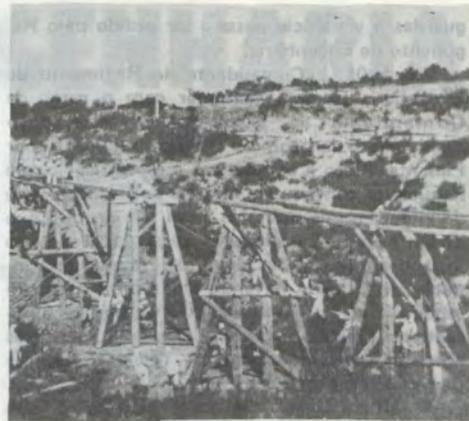
Não se conhece ao certo qual a data da sua fundação. Alguns supõem que teria sido um antigo Castro Lusitano, no lugar do qual os romanos edificaram a primitiva Fortaleza. De vicissitudes em vicissitudes, a traça que se lhe conhece é indubitavelmente Templária, tendo pertencido o mérito da sua construção ou, com mais propriedade, reconstrução, a Gualdim Paes, Mestre da Ordem em 1171, ano em que pela última vez foi erguido. Determinados sinais ainda existentes provam a veracidade desta asserção como uma cruz da Ordem existente sobre uma das janelas da torre de menagem.

Diversos autores se têm debruçado sobre o significado e origens do nome de Almourol. E, segundo a maioria das opiniões, ele parece derivar de Muriella, antiga povoação que delimitava o Bispado de Egitânea — actual Idanha-

-a-Velha — e cuja corrupção, com a junção do prefixo árabe Al, teria dado Almourol.

Não é, porém, o castelo, o único elemento que permite enquadrar a EPE num ambiente histórico “sui generis”, conferindo-lhe aquele halo de mistério que a sua recente fundação não lhe permitiria só por si.

Tancos, vila que o era no século passado, tinha nessa época maior movimento e maior número de habitantes que hoje. Constância, a Punhete de 1800 é de raízes tão antigas que o seu nome primitivo se supõe derivar de uma feroz batalha, travada naquele local entre



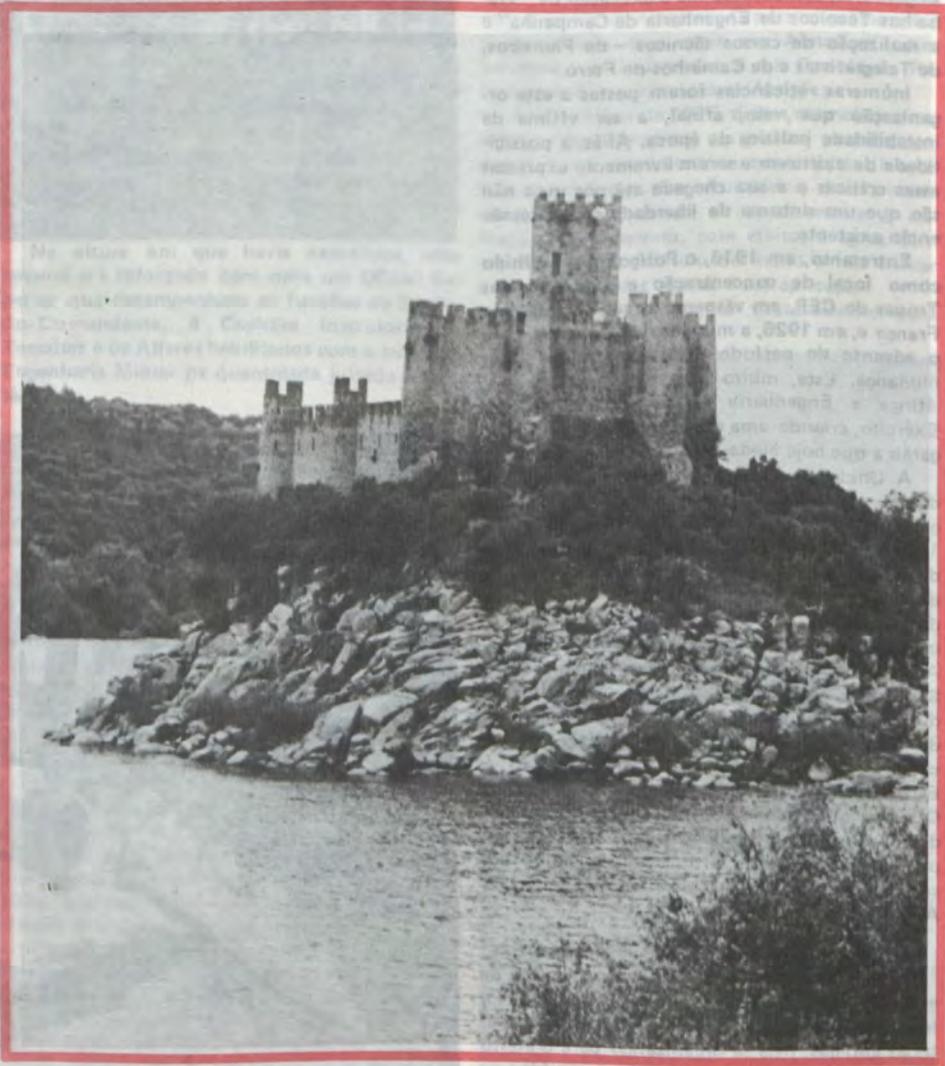
A E.P.E. dos princípios do século. Trabalhos envolvendo Sapadores.

Romanos e Lusitanos, Pugnae Tage, em latim, significa, combate no Tejo e é evidente a semelhança deste nome com Punhete. Nela esteve desterrado Camões, em consequência de um dos seus frequentes arrufos amorosos, numa casa cujas ruínas ainda se vêem e que a edilidade pretende conservar.

Este pequeno resumo é necessariamente incompleto. Julgo, no entanto, que com ele consegui dar uma ideia do que foi a EPE; alguma coisa daquilo que actualmente é, deixando a esperança e a intenção do quanto poderá vir a ser se todos quiserem.

1 — A EPI foi criada em 1887 e a EPC, que anteriormente estivera ligada à EPI, só se tornou independente em 1890.

O castelo de Almourol



# ALGUNS ASPECTOS DAS BATALHAS DE OURIQUE SALADO E ALJUBARROTA NOS LUSÍADAS

PELOS ALFERES ALUNOS ENGA. MÁRIO ALVES VELOSO E JOSÉ ANTÓNIO RODRIGUES DA COSTA

Assinalando o 4o. Centenário da morte de Camões, a Academia Militar promoveu no dia 23 de Abril passado um colóquio sobre a vida e obra do poeta em que foram apresentados trabalhos por vários conferencistas, civis e militares. O Prof. Dr. Fernando Castelo Branco falou sobre a "Conquista de Lisboa em 1147", o tema "Os antepassados de Camões" foi tratado pelo Prof. Dr. Montalvão Machado, e o Prof. Dr. Silva Rego falou sobre "Macau no tempo de Camões", todos eles eminentes historiadores e membros da Academia Portuguesa da História. Os conferencistas militares foram o Capitão Esmeraldo de Azevedo, Professor Catedrático da A.M., que dissertou sobre "Os Lusíadas, documento histórico", o Alferes Correia de Almeida, aluno do 6o. ano de Engenharia Militar, que tratou o tema "A Vida de Camões" e o Alferes Rodrigues da Costa, também aluno do 6o. ano de Engenharia Militar, autor do trabalho que ora apresentamos aos nossos leitores. Aproveitamos para referir que, dada a importância dos temas e a profundidade com que estão tratados, a Academia Militar irá reunir todos estes trabalhos num livro a editar brevemente.

## 1 - OURIQUE, SALADO E ALJUBARROTA IMPORTÂNCIA HISTÓRICA

A Unidade Lusa, que levou dois séculos e meio a cimentar, assentou a sua realização em três momentos capitais: a formação do Estado na primeira metade do século XII; a consolidação da fronteira estável que já define a Pátria no tempo de D. Dinis; e o alcance dos foros da Nação, no termo do século XIV, quando a crise de 1383-85 robusteceu a consciência da comunidade.

Intimamente relacionado com o segundo momento considerado, a consolidação da fronteira estável, está o problema da Reconquista Cristã, acontecimento que, entre outros, serve de baliza no quadro multissecular do curso da História de Portugal.

É neste ambiente de expulsão dos Mouros da Península que se situam as duas batalhas, Ourique e Salado, embora esta última e por tal motivo se reveste de menor importância para Portugal, tenha sido travada no âmbito peninsular, indo D. Afonso IV em auxílio do monarca castelhano. A lenda cobriu este episódio de um halo poético, pondo a rainha D. Maria, casada com Afonso de Castela, a caminho de Portugal, onde veio implorar ajuda ao pai contra o inimigo comum. As razões militares seriam ponderosas em demasia para uma recusa por parte do Rei português, pois punha em causa a sobrevivência do cristianismo hispânico (2).

O problema de Ourique enquadra-se num ambiente militar diferente. Após a batalha de S. Mamede (1128) o governo do Condado Portucalense passou a ser exercido pelo Infante D. Afonso. Este preocupou-se com a parte norte do condado, onde os galegos e os leoneses punham em sobressalto uma fronteira indefesa e, sempre que lhe era possível, baixava ao limite dos sarracenos, não apenas para conter a sua ameaça, mas também para fazer incursões no seu próprio território. Após um período de guerras na fronteira norte, que se arrastou até 1138, e estando aí a paz segura através do tratado firmado em Tui, o Infante voltou-se de novo contra os mouros, que por esta altura andavam mais agitados do que era normal, e alcançou a 25 de Julho de 1139 a estrondosa vitória de Ourique. Constituiu ainda um grande problema histórico o valor desta batalha no que respeita à localização, ao quadro militar e à projecção que alcançou na história de Portugal do tempo. O que não oferece dúvida é a projecção política que a batalha alcançou e que se traduziu na efectiva realza do príncipe. Não tem confirmação o haver-se nomeado rei antes de Ourique. Documentos do período de 1137-1139 apresentam-no como "príncips" ou "infans" (3). A expressão "rex" só aparece em



documentos posteriores, o primeiro dos quais data de 10 de Abril de 1140.

Como tal é que ele declarou a enfeudação da Terra Portucalense à Igreja de Roma, comprometendo-se, por si e pelos seus sucessores, a pagar o censo anual de quatro onças de ouro, uma vez que beneficiasse da protecção pontifícia e não de reconhecer outro soberano além do Papa (4).

A batalha de Aljubarrota, enquadrando-se no contexto da consolidação da independência nacional, constituiu por si um marco no processo histórico português, de acordo com o que Oliveira Martins defendia, que a nossa Idade Média acabara na tarde de Aljubarrota (5). De facto, além da consolidação do assunto dinástico, originou que Portugal viesse a lançar-se na expansão ultramarina.

Para fazer desta batalha no tempo, começemos pela crise de 1383-1385. Assim, nesta importa distinguir as razões que a justificam e as consequências a que deu lugar. O seu movimento durou apenas 16 meses e teve forçosamente causas políticas, económicas e sociais. Segundo António Sérgio, as origens desta crise mergulham no abalo económico provocado pela grande peste de 1348, na fuga das populações

rurais para as cidades e o conseqüente desemprego que então ocorreu no mundo agrícola, criando-se assim uma situação de conflito que veio a eclodir com a morte de D. Fernando em 1383, quando os burgueses de Lisboa e Porto aproveitaram o descontentamento para financiar a revolta e para modificar o quadro estrutural do País. O mal-estar das populações vinha das guerras com Castela que causavam um profundo desgaste nas energias de Portugal. As razões da crise nacional mergulhavam pois na política de D. Fernando, tanto interna como externa (6). A crise, e associado também o problema da sucessão, originaram a tomada de posições ideológicas diferentes. Tais posições estão bem definidas nas Cortes de Coimbra de 1385, associadas a três partidos com posições diferentes sobre os futuros desígnios de Portugal. Nestas cortes, conforme constava na ordem de trabalhos, e sobretudo devido à intervenção do Dr. João das Regras, hábil e culto jurista, o Mestre de Avis é aclamado rei de Portugal (8). O objectivo das cortes não era no entanto o assunto dinástico, mas apenas a obtenção de meios de guerra.

Terminada a assembleia de Coimbra, já se anunciava a chegada de uma frota castelhana. Separadamente, o Rei e o Condestável Nuno Álvares acorrem a vários pontos do País a fim de reduzir à obediência certas praças rebeldes. Entretanto, o Rei de Castela, após uma tentativa feita sobre Elvas, que não foi coroada de êxito, invadiu Portugal pelas Beiras, tendo penetrado em Ribacôa a 8 de Junho de 1385.

A 10 de Agosto o inimigo chegou a Pombal e no dia seguinte atingiu Leiria. Para melhor defender a linha do Tejo, o Exército português fixou-se na região de Abrantes e Tomar, ainda que os dois chefes não estivessem de acordo quanto ao plano a seguir. Este desentendimento por breve tempo os separou. Voltaram a unir-se, sob o mesmo ideal, logo que souberam que o Rei de Castela continuava a marchar sobre Lisboa. Para impedir a passagem dos Castelhanos, o nosso Exército seguiu para Ourém, no dia 12 estava em Porto de Mós, e no dia 14 foi colocar-se numa colina entre dois ribeiros afluentes do rio Lena, tendo Nuno Álvares estabelecido uma disposição que lhe permitisse tomar vantagens no papel defensivo da Infantaria. Chegou entretanto a guarda avançada de Castela, que pretendia evitar o combate, para o que contornou Calvaria, vindo a situar-se na retaguarda da posição portuguesa.

## 2 - OURIQUE, SALADO E ALJUBARROTA SEUS ASPECTOS NOS LUSÍADAS

Seguindo a tradição épica, Camões utiliza nos Lusíadas mais do que um narrador. Um narrador global introduz os narradores secundários, narradores personagens, os quais assumem tempo-

# DE OURIQUE SALADO E ALJUBARROTA

rariamente a narração. Dos secundários, o mais importante é Vasco da Gama, a quem é dado narrar três cantos quase inteiros: da segunda metade da terceira estrofe do canto terceiro à estrofe 90 do Canto V, sem nenhuma interrupção.

O Poeta, após invocação a Calíope, musa da poesia épica, faz de Vasco da Gama o narrador de toda a História de Portugal. A batalha de Aljubarrota, incluindo a sua preparação e o discurso de Nuno Álvares Pereira, constitui um dos mais alongados episódios.

Analisando no poema os passos referentes a cada uma destas batalhas e relacionando-os entre si a fim de levantar constantes e variantes presentes na sua caracterização, tentaremos chegar a algumas conclusões sobre a visão que o poeta tinha do feito épico representado pelo conjunto das três batalhas.

No aspecto religioso podemos definir dois subconjuntos: o das batalhas contra os Mouros (Ourique e Salado) e o das batalhas entre Cristãos. Se o critério for a legitimidade das lutas teremos, por um lado a de Ourique e por outro Salado e Aljubarrota. Esta última divisão merece justificação, pois em nenhum momento o poeta escreve que a batalha de Ourique, em que se fundamenta a primeira dinastia, foi menos lícita que as outras. É nos silêncios do discurso que se estabelece a distinção: no encontro do Salado, os Cristãos reagem a um ataque.

"Mas porém, quando as gentes Mauritanas,  
A possuir o Hespérico terreno,  
Entraram pelas terras de Castela,  
Foi o soberbo Afonso a socorrê-la."

(III, 99, 5-8)

e ainda

"À nobre terra alheia chamam sua".

(III, 110, 8)

Em Aljubarrota, os Portugueses defenderam o direito de sê-lo, contra o estrangeiro invasor. Recordemos este passo no texto do poema:

"Por isso Lianor, que o sentimento  
Do morto Conde ao mundo descobriu,  
Faz contra Lusitânia vir Castela,  
Dizendo sua filha herdeira dela."

(IV, 6, 5-8)

e ainda

"Uns leva a defesa da própria terra,  
Outros as esperanças de ganhá-la

Dos que tanto a desejam, sendo alheia."  
(IV, 30, 3, 4, 8)

Na narração de Ourique, o poeta, contrariamente ao que se passa nas outras batalhas, não fornece razões que a justifiquem. Refere apenas:

"Contra o Mouro que as terras habitava  
De além do claro Tejo deleitoso;"  
(III, 42, 3,4)

A expressão terra alheia que agora só poderia aplicar-se aos Portugueses, não aparece no texto e é a sua ausência que se deve ler (10). Pode dizer-se que o conceito de "guerra justa" impregna todas as referências bélicas do poema

(11). Para a determinação de uma guerra como justa importava que se verificassem certas condições prévias. Foi o seu reconhecimento que ditou ao poeta o verso:

"Resolvidas as causas no conceito"  
(III, 30, 7)

seguinte-se depois a guerra de D. Afonso Henriques contra sua mãe. De acordo com a doutrina das "Ordenações Afonsinas", aliás muito próxima da que ensinava Santo Agostinho e S. Tomás (12).

"São três maneiras de guerra. A primeira é chamada, em latim, justa quer dizer direita e esta é quando homem faz o seu dos seus inimigos, ou para empregar a si mesmo deles, e suas cousas."

Existem entre todas as batalhas pontos comuns, como sejam: a desproporção entre o número de combatentes, a valorização do inimigo e a violência das batalhas. Assim, na batalha de Ourique o poeta refere:

"Que, pera um só, cem Mouros haveria."  
(III, 43, 4)

repetindo a seguir

"Que pera um cavaleiro houvesse cento."  
(III, 43, 8)

e valoriza o adversário do seguinte modo:

"Cinco Reis Mouros são os inimigos,

.....  
Todos experimentados nos perigos  
Da guerra, onde se alcança a ilustre fama."  
(III, 44, 1,3, 4)

Também no Salado os dois Afonsos, chefiando o Exército cristão.

"Estão defronte  
Da grande multidão da cega gente,  
Para quem são pequenos campo e monte."  
(III, 109, 1-3)

e em tal inferioridade, que os Sarracenos estavam

"quase rindo  
Do poder dos Cristãos fraco e pequeno,"  
(III, 110, 1,2)

No referente à batalha de Aljubarrota vemos que Castela

"Suas forças ajunta, pera as guerras,  
De várias regiões e várias terras."  
(IV, 7, 7,8)

Este ajuntamento dos Castelhanos é minuciosamente descrito no poema em cinco estrofes (IV, 8, 9, 10, 11 e 12) e, comparando-o com o dos Portugueses, o Poeta conta-nos que D. João

"Coç poucos de seu Reino se aparelha;"  
(IV, 12, 4)

Já na descrição da batalha, a desproporção numérica é novamente realçada:

"Recrescem os inimigos sobre a pouca  
Gente do fero Nuno, que os apouca."

(IV, 31, 7-8)

É em Ourique, e também, embora menos, no Salado, que a violência do combate atinge o máximo. Assim, em Ourique podemos ver que:

"Golpes se dão medonhos e forçosos;  
Por toda a parte andava acesa a guerra.  
Mas o de Luso arnês, couraça e malha,  
Rompe, corta, desfaz, abola e talha."  
(III, 51, 5-8)

"Cabeças pelo campo vão saltando,  
Braços, pernas, sem dono e sem sentido,  
E de outros as entranhas palpitando,  
Pálida a cor, o gesto amortecido."  
(III, 52, 1-4)

Ainda como ponto comum pode apresentar-se o reconhecimento do valor Português, explicitamente, ou implicitamente nos pontos anteriores, pois valorizando o inimigo, engrandecido fica o vencedor.

Passando à análise dos elementos não comuns iremos considerar os seguintes aspectos: problemática religiosa, características descritivas das batalhas, grau de severidade do julgamento dos inimigos dos Portugueses e, finalmente, o tipo de comparações feitas pelo Poeta.

Em Ourique e Salado é afirmada a confiança que em Deus depositam os Cristãos. Assim, Afonso Henriques

"Em nenhuã outra cousa confiado,  
Senão no sumo Deus que o Céu regia,"  
(III, 43, 1-2)

e, no Salado, os dois Afonsos estão certos de

"Que, co braço dos Seus, Cristo peleja."  
(III, 109, 8)

e ainda,

"Destarte o Mouro pérfido despreza  
O poder dos Cristãos, e não entende  
Que está ajudado da alta Fortaleza  
A quem o Inferno horrífico se rende."  
(III, 112, 1-4)

Também os Mouros confiam no Céu. Chamam por Mafamede ou invocam a ajuda do Alcorão (III, 113, v4 e 50, v8). Em Aljubarrota não há razão para ser apresentada a "confiança em Deus" pois ambos os combatentes tinham as mesmas crenças religiosas. No entanto, a omissão não implica que essa confiança não existisse, já que de Reis Cristãos se tratava.

Um outro aspecto da problemática religiosa, o agradecimento a Deus, encontramos-o expresso em Ourique e em Aljubarrota. A sua omissão no Salado poderá ter sido motivada pela pequena extensão e menor pormenorização desta batalha.

Esquemáticamente, encontramos as seguintes fases em todas as batalhas: preparação, combate e vitória dos Portugueses. É na de Aljubarrota que o Poeta mais se alonga, aproximando-nos do campo de batalha a fim de melhor ouvirmos e vermos o que se passa. Ouvimos uma longa fala de D. Nuno aos que hesitam em lutar pelo novo Rei, fala essa

"Com palavras mais duras que elegantes  
A mão na espada, irado e não facundo,  
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:"  
(IV, 14, 7-8)

em cuja eloquência Camões pôs todos os recursos de persuasão: primeiro o pasmo "Como? /" repetidos três vezes à entrada de frases que se vão alargando e que terminam em interrogações a exprimir a dúvida,

"Àquelas gentes duvidosas disse,"

(IV, 14, 5)

"Como? ! Da gente ilustre Portuguesa  
Há-de haver quem refusa o pátrio Marte?  
Como? ! Desta província, que princesa  
Foi das gentes na guerra em toda a parte,  
Há-de sair quem negue ter defesa?  
Quem negue a Fé, o amor, o esforço e a arte  
De Português, e por nenhum respeito,  
O próprio Reino queira ver sujeito?"

Como? ! Não sois vós inda os descendentes  
Daqueles que, debaixo da bandeira  
Do grande Henrique, feros e valentes,  
Vencestes essa gente tão guerreira,  
Quando tantas bandeiras, tantas gentes  
Puseram em fugida, de maneira  
Que sete ilustres Condes lhe trouxeram  
Presos, afóra a presa que tiveram?"

(IV, 15 e 16)

depois, o louvor ao Rei:

"Rei tendes tal, que se o valor tiverdes  
Igual ao Rei que agora alevantastes,  
Desbaratareis tudo o que quiserdes,  
Quanto mais a quem já desbaratastes."

(IV, 18, 1-4)

e, por fim, a convicção de Nuno, afirmando:

"Eu só, com meus vassalos e com esta  
(E, dizendo isto arranca meia espada)  
Defenderei da força dura e infesta  
A terra nunca de outrem sojugada."

(IV, 19, 1-4)

No combate propriamente dito, também o Poeta nos aproxima novamente ao ponto de vermos não só o (s) Rei (s) e a massa dos combatentes, mas alguns que bravamente lutam e até os traidores mais notáveis: lançam-se os Pereiras, D. Diogo e D. Pedro, contra seu irmão D. Nuno, "Caso feio e cruel" (IV, 32, 2), e o Poeta confronta-os com valorosos militares romanos que pegaram em armas contra a Pátria, Sertório, Catilina e Coriolano, dizendo

"... ..que também dos Portugueses  
Alguns tredores houve algumas vezes."

(IV, 33, 7-8)

Vemos a resistência heróica de Nuno, o perigo que corre, a intervenção de D. João, proferindo um breve discurso, a contrapesar o de Nuno:

"Ó fortes companheiros, ô subidos  
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,  
Defendei vossas terras, que a esperança  
Da liberdade está na vossa lança!"

(IV, 37, 5-8)

"Vedes-me aqui, Rei vosso companheiro  
Que entre as lanças e setas e os arneses  
Dos inimigos corro, e vou primeiro;  
Pelejai, verdadeiros Portugueses!"

(IV, 38, 1-4)

e, no mais cru da batalha, morrem diante dos nossos olhos o mestre de Santiago e o de Calatrava, os próprios Pereiras, "arrenegando o Céu e os fados" (IV, 40, 8).

Referindo-se à última fase da descrição, a vitória, em Ourique só nos é dito que fica "Desbaratado e roto o Mauro Hispano" (III, 53, v3); no Salado, que:

"O poder do Mauro, grande e horrendo,

Foi pelos fortes Reis desbaratado,  
Com tanta mortindade, que a memória  
Nunca no mundo viu tão grande vitória."

(III, 115, 5-8)

Também esta fase está mais desenvolvida em Aljubarrota pelo que ficamos a saber que "as costas dão" (IV, 42, v5) os Castelhanos, que o seu Rei "Desbaratado se vê, e de seu propósito mudado" (IV, 42, 7-8) e que:

"O campo vai deixando ao vencedor,  
Contente de lhe não deixar a vida.  
Seguem-no os que ficaram, e o temor  
Lhe dá não pés, mas asas à fugida."

(IV, 43, 1-4)

Chegamos aqui a uma conclusão inesperada, uma vez que o inimigo nos é apresentado em atitude menos digna, embora justificada, a fugir, impellido pelo temor que lhe dá asas. Esta referência que lança o ridículo sobre os Castelhanos, é sugerida pelo texto de Fernão Lopes que visivelmente segue (Crônica de D. João I) e onde se sente que o velho cronista, tão próximo dos acontecimentos e a eles ligado como protegido do Mestre de Avis, maldosamente se diverte em acentuar o desaire da fuga. Senão vejamos o que nos diz o cronista (14).

"Os moços Portugueses que guardavam as bestas e muitos dos outros que estavam com eles começaram a bradar a altas vozes e a dizer:

— Já fogem, já fogem!

E os Castelhanos, para não fazer deles mentirosos, começaram cada vez a fugir mais."

Em Camões, essa depreciação dos Castelhanos seria talvez a contrapartida ao seu louvor enquanto guerreiros, estabelecendo assim o equilíbrio entre os inimigos Mouros ou Castelhanos, apresentados nos seus aspectos positivo e negativo.

Debruçando-nos sobre as comparações, verificamos que o Poeta, em Aljubarrota, apenas recorre a comparações descritivas, isto é, que não implicam a valorização de um dos adversários em relação ao outro, em oposição às comparações qualificativas que utiliza nas outras duas batalhas para nos mostrar que os Portugueses venceram pela ligeireza, pela sagacidade e pelo esforço, o inimigo superior em força e número. Assim, Nuno Álvares é comparado a Cornélio, valorizando as suas virtudes como estimulador dos comandos (IV, 20-21 e 24 v1-4), a Átila e ao leão de Ceuta como açoutador do inimigo e destemido defensor da Pátria. (IV, 34) Por sua vez D. João é qualificado como defensor dos seus, acorrendo em sua ajuda "Qual parida leoa, fera e brava,  
Que os filhos, que no ninho sós estão,

Sentiu que, enquanto pasto lhe buscara,  
O pastor de Massília lhos furtara,

Corre raivosa e freme e com bramidos  
Os montes Sete Irmãos atroa e abala:  
Tal Joanne, com outros escolhidos,  
Dos seus, correndo açode à primeira ala!"

(IV, 36, 5-8 e 37, 1-4)

Do que ficou exposto, ressalta o tratamento especial que o Poeta deu ao episódio de Aljubarrota. Tendo os Lusíadas uma relação evidente com a nacionalidade, é natural que esta batalha, em que se consolidou a independência nacional, se apresente com extensão e minúcia, destacando-se das restantes que o Poema contém.

De facto, Camões tratou este episódio, facto histórico, de tal modo que o transformou num episódio grandioso. Esta grandiosidade é evidente em várias passagens, quando exalta aqueles que bravamente lutam pela Pátria, quando apresenta de forma sublime a figura de D. Nuno Álvares Pereira, que no dizer de Oliveira Martins "é a figura mais nobre, a mais bela que a Idade Média Portuguesa nos deixou", e ainda, quando o Poeta, alma nobre, não amesquinha os Castelhanos. Exalta a sua bravura e qualifica de sublime a sua bandeira. É tão grandioso quanto o é o poema em que se situa, Os Lusíadas, epopeia da nacionalidade, e de tal forma que ninguém o lê sem comover-se.

#### BIBLIOGRAFIA:

1. Joaquim Veríssimo Serrão, "História de Portugal" Vol. I, p. 14.
2. Idem, p. 268.
3. Idem, p. 86.
4. António Cruz, "80. Centenário do Reconhecimento de Portugal pela Santa Sé" da Academia Portuguesa de História, p. 29.
5. Oliveira Martins, "História de Portugal".
6. Joaquim Veríssimo Serrão, ob. cit. p. 300.
7. Idem, p. 300.
8. Dicionário de História de Portugal, I vol. pp. 609 e seguintes.
9. Joaquim Veríssimo Serrão, ob. cit.
10. Cleonice Benardinelli, "Estudos Camonianos", p. 33.
11. Godim da Fonseca, "História e Doutrina do Poder n'Os Lusíadas", Edição Comemorativa do IV Cent. da publicação d'Os Lusíadas, p. 263.
12. Idem, p. 262.
13. José Maria Rodrigues, "Fontes do Lusíadas".
14. António José Saraiva, "As Crônicas de Fernão Lopes em português moderno".
15. Cleonice Benardinelli, ob. cit.



# JUGOSLÁVIA

## UM ENIGMA ANTE O FUTURO

COMANDANTE DE ARTILHARIA  
ARTURO GARCIA VAQUERO Y SALAZAR

(in EJERCITO, ABRIL/1977)

Trad. de B. P.

Nada, ou quase nada, acontece por casualidade no âmbito geopolítico internacional..., o que sucede aos povos é consequência de se verem inevitavelmente envolvidos no jogo da política internacional que, a nível supranacional, dirige os grandes blocos em luta, pese embora a aparente distinção que parece evidenciar-se na actualidade.

Os planos que as grandes Potências desenvolvem para atingir ou melhorar os seus interesses económicos, políticos, diplomáticos ou militares podem arrastar, ainda que contra a sua vontade, as nações para a possível utilização de determinadas circunstâncias que, nelas, se originem, tais como:

— as vantagens derivadas da sua situação estratégica;

— as possibilidades que as suas tensões políticas internas ou a instabilidade dos seus sistemas governativos oferecem;

— as suas reivindicações ou anseios e as ambições das suas classes políticas dirigentes.

Nestes aspectos, a posição geo-estratégica da Península Balcânica, bem como as posições que possam ser estabelecidas, face ao seu futuro, têm interesse especial, sendo dignas de consideração, entre outras, pelas seguintes razões:

— sua influência no equilíbrio da área estratégica mediterrânica e a sua projecção nos países ribeirinhos.

— sua influência decisiva nas linhas de acção da erosão soviética sobre o eixo Grécia-Turquia, e as consequências que, daí, derivariam para as Forças Aliadas da OTAN na Europa meridional (AFSOUTH).

— a sua projecção sobre a manobra de envolvimento que a URSS realiza, da Europa sobre a cornija Norte-Africana e a consequente potenciação da penetração comunista no Magreb.

— porque, na luta histórica entre o continental e o marítimo, se evidenciou, ultimamente, a importância das Penínsulas.

— pela semelhança geográfica, a este respeito, das Penínsulas Apenina e Ibérica.

A Roménia, a Bulgária, a Grécia, a Turquia europeia, a Albânia e a Jugoslávia integram o espaço balcânico. As duas primeiras pertencem ao Pacto de Varsóvia desde 14 de Maio de 1955, a Albânia abandonou-o em Setembro de 1968 e a Grécia e a Turquia fazem parte da OTAN, desde 1952.

Em Junho de 1948 o regime jugoslavo foi expulso do Pacto de Varsóvia sob a acusação de professar um "nacionalismo contra-revolucionário" ao sujeitarem-se, os jugoslavos, segundo se afirmava no comunicado oficial da reunião de Sinaia, a constituir, "dentro do seu país, sem o apoio dos demais Partidos Comunistas, sem o apoio das democracias populares e sem o apoio da União Soviética", um sistema de governo comunista autónomo e independente de Moscovo. Foi, em resumo, a primeira manifestação de divisionismo da disciplina real e doutrinal do Kremlin.

O conflito tinha um delineamento mais amplo do que o acto de sucessão referido anteriormente; era o desejo jugoslavo de opôr ao imperialismo russo uma espécie de imperialismo pan-eslavo que, possivelmente, teria os seus antecedentes históricos no "Pacto da Entente Balcânica" subscrito em Atenas, em 9 de Fevereiro de 1934, entre a Jugoslávia, a Grécia, a Roménia e a Turquia.

A sua materialização teve lugar no Acordo de Bled, entre o Presidente jugoslavo Tito e o dirigente búlgaro Dimitroff; nele se assentavam as bases de uma Federação Comunista Balcânica que, tornada independente de Moscovo, integraria a Jugoslávia, a Bulgária e a Albânia numa primeira fase, para a posterior incorporação dos eslavos do Sul.

No dito plano incluía-se a constituição de uma grande Macedónia Federal Unificada, com territórios da Jugoslávia, da Albânia, da Bulgária e da Grécia. Mas o Pacto de Bled ficou abortado rapidamente pelas decisões da URSS em Sinaia e teve como consequência a eliminação física de Dimitroff, o reforço da posição búlgara no Pacto de Varsóvia e, quanto à Jugoslávia, o perigo, ainda não superado, das mais radicais represálias, por parte da URSS.

Enquanto, actualmente, a Roménia, a Bulgária e a Hungria envolvem o resto da região balcânica, proporcionando uma excelente base de partida ao potencial do Pacto de Varsóvia, pesando como constante ameaça sobre mais de metade da totalidade das fronteiras jugoslavias, a posição da Jugoslávia é bastante incómoda.

Externamente, está submetida a uma dupla pressão, material e ideológica, por parte da URSS, agudizada pelas características da instabilidade da sua nacionalidade; as suas fronteiras, com sete países de ideologias diferenciadas, fazem com que se complique, ainda mais, a sua posição complexa e difícil.

Posição enigmática, face ao futuro, principalmente se se considerar a sua importância como factor de equilíbrio na península balcânica e, portanto, na área marítima mediterrânica.

Hoje em dia, a Jugoslávia, com 21.400.000 de habitantes, é, fundamentalmente, integrada por três povos essencialmente diferenciados: os "sérvios", cujo lugar histórico foi o principado de Belgrado; os "croatas", ligados, pela sua história, aos latinos e aos germânicos, centrados no Alto Save e na costa da Ilíria, e os "eslovenos", de afirmada origem carpática. Em 1918 foi proclamada a união destes três povos dentro da denominação comum de Jugoslávia, e que inclui, no seu conjunto, os núcleos políticos ligados àqueles povos, tais como a Dalmácia e o Montenegro, a Sérvia, a Croácia e a Eslovénia, que se mantêm zonas de ficção permanente com os países vizinhos, como o Banato, com a Roménia, o Carso e Carniola, etc..

O Marechal Josip Broz Tito, ex-combatente das Brigadas Internacionais durante a nossa guerra, instaurou, em 29 de Novembro de 1945,

o que, desde 1963, se denomina "República Federal Socialista da Jugoslávia", destronando a velha dinastia dos Karageorgevich encarnada pelo Rei Pedro II.

Politicamente a Jugoslávia está organizada em seis repúblicas federadas: ESLOVÉNIA (Lai-bach), CROÁCIA (Agran), BÓSNIA-HERZEGOVINA (Sarajevo), MONTENEGRO (Podgorica), SÉRVIA (Belgrado) e MACEDÓNIA (Usknb), além de integrar outras duas províncias autónomas, com população húngara e albanesa, respectivamente, a VOLVODINA e o KOSOVO. Destas seis repúblicas, três (a Croácia, o Montenegro e a Eslovénia) têm gozado de uma independência que não se resignam a perder.

Do ponto de vista religioso, a maioria dos habitantes da Sérvia e da Macedónia são greco-ortodoxos; a Croácia é católica e a Eslovénia é muçulmana. No aspecto linguístico o fenómeno não é menos surpreendente; o sérvio e o macedónio utilizam caracteres cirílicos, enquanto que os dos croatas e dos eslovenos são latinos.

Recentemente (1977) passou o 35o. aniversário da proclamação, em 1941, da independência da Croácia. Durante quatro anos, os croatas resistiram, heroicamente, às forças de Tito que, em 1945, acabou com o Estado Croata por meio de uma repressão sangrenta. Hoje, cerca de 70% da emigração jugoslava para a Europa Ocidental é de croatas...

Do ponto de vista físico a Jugoslávia é, também, complexa. Com uma extensão de 247.542 Km<sup>2</sup> distinguem-se, nela o Maciço da Macedónia, zona de dispersão de águas do centro da península balcânica, as bacias do Morava e do Varmar, ligação natural entre as bacias danubianas e o Mar Egeu, e as cadeias litorais da Dalmácia.

O relevo, a vegetação, a escassez de recursos, as suas más comunicações e o alcantilado das suas costas fazem deste país uma zona ideal, com personalidade própria, para a guerra não convencional, como ficou na II G. M., sempre e quando exista apoio externo para a sua manutenção e o factor ideológico que possa servir de aglutinante para a sua realização.

Dois factos configuram a importância que, para a futuro do país, peça fundamentalmente na estratégia militar e política do Mediterrâneo, pode ter a continuidade na hierarquia suprema do Marechal Tito que, recentemente fez 84 anos. Embora, pela Lei Constitucional não poder ser reeleito, foi-o por sete vezes, desde 1953; a última "sem limitação do seu mandato", isto é, com carácter vitalício desde 16 de Maio de 1974.

Actualmente é insubstituível na Presidência da República e a sua pessoa constitui a fórmula do actual regime jugoslavo, pois nos 30 anos da sua existência a Jugoslávia conheceu três reformas profundas e quatro constituições, clara prova de instabilidade política, substituído graças à personalidade histórica, indiscutível, do



Marechal cuja energia e inflexibilidade garantem a permanência do actual Estado jugoslavo.

A ameaça soviética é evidente. A dúvida estará na maneira como se materializará. Acções de carácter militar, não totalmente justificáveis, ou penetração política?

Aquelas não são, actualmente, lógicas, são arriscadas, de rendimento duvidoso e desnecessárias... o racional é um "impasse"; é mais eficaz intensificar a acção política, erodir o regime jugoslavo, preparar-se, esperar e aliar-se com o tempo..., que trabalha em benefício da URSS e à espera, sempre, do desaparecimento do ancião Marechal.

Uma acção armada uniria o povo jugoslavo. Por outro lado, a República Socialista da Jugoslávia dispõe de Forças Armadas eficazes, numerosas e bem dotadas, talvez acima das suas possibilidades económicas — destina-lhes um pressuposto anual de 1.705 milhões de dólares — que podem sintetizar-se em:

— **EXÉRCITO DE TERRA:** 190.000 homens, dos quais 140.000 de recrutamento obrigatório, organizados em 9 Divisões de Infantaria, 10 Brigadas Couraçadas, 15 Brigadas Independentes de Infantaria, 2 Brigadas de Montanha, 1 Batalhão Aerotransportado.

— **MARINHA:** 20.000 homens, dos quais 8.000 de recrutamento obrigatório.

— **AR:** 20.000 homens, dos quais 7.000 de recrutamento obrigatório.

Entre os seus meios blindados dispõe de cerca de 2.100 carros de combate (T54-55-34, M-47 e PT 76), bem como abundantes TOA, artilharia ATP, etc., embora com o inconveniente da sua heterogénea procedência.

As Forças Navais são integradas por pequenas unidades, de moderna fabricação, nas quais se destacam lanchas rápidas dos tipos "OSSA" e "KOMA" armadas com SSM, draga-minas, corvetas, fragatas e lanchas de desembarque, etc., dispondo também de uma Brigada de Infantaria de Marinha.

O Exército do Ar enferma como o de Terra, da heterogeneidade da procedência do seu armamento, da URSS como dos EUA. Possui 12 Esquadrões de ataque a terra com 120 aparelhos (10 F-84, 15 Kranguj e 96 Jatreb/Galeb), 8 Esquadrões de caça com 110 Mig-21, 2 Esquadrões de reconhecimento com 40 aparelhos (15 RT-33 A e 25 Jatreb/Galeb); dispõe, também, de Unidades fogo SAM-2, equivalentes a 8 Baterias e um certo número de helicópteros (uns 210, dos quais 130 SA-341 Gazelle, de aquisição recente).

As suas Forças de Defesa Operacional do Território podem ser calculadas em 1.000.000 de homens, dispondo de um sistema de mobilização permanente, denominado por "defesa popular generalizada", em que todos os cidadãos, sem distinção de sexo, são enquadrados em Unidades Territoriais e estas perfeitamente adequadas para uma luta de guerrilhas, adaptada à abrupta topografia do solo jugoslavo.

As suas fronteiras são protegidas por 20.000 guardas que dispõem de um total de 500.000 reservistas.

Relativamente ao outro tipo de penetração, a do tipo ideológico, foi previsto, e a actividade das F.A. foi completada com outra, completamente, denominada "Sistema de autoprotecção social" que, para a defesa do regime organizou uma vasta rede de vigilância, a cargo de milícias, nos meios locais de trabalho, núcleos fabris, aglomerados urbanos, etc..

Esta penetração ideológica é tenaz e continua por parte da URSS e dos países satélites fronteiriços.

Na Jugoslávia existe um único partido: a LIGA COMUNISTA, presidida por Tito, que conta com um milhão de filiados (menos de 5% da população total) e que representa um factor inicial de debilidade, pela diversificação do país, ao existirem seis Partidos Comunistas integrados daquela, mas de facto independentes, correspondentes às repúblicas federadas do país.

Entre 1969 e 1973 foram expulsos da Liga uns 92.000 membros por não se mostrarem de acordo com a ruptura com a URSS; isso significa, na prática, a divisão do comunismo jugoslavo em dois ramos: os "nacionalistas" ou seguidores de Tito e os "homniformistas", obedientes à União Soviética e fiéis ao estalinismo.

Estes têm intentado, clandestinamente e em diversas ocasiões, a organização real ou um segundo Partido Comunista, leal a Moscovo e foram eliminados; em 1974, Tito reconheceu, publicamente, que os seus promotores contavam com apoios morais e materiais do estrangeiro, procedentes, em maioria, da União Soviética, Hungria, Bulgária e Checoslováquia. Parece, em princípio, que estes apoios externos se canalizam para o interior através de duas organizações "antititoístas": uma, a que é dirigida pelo Coronel Mileta Pterovich, em Kico, amparada e sustentada pela URSS no bloco soviético e, outra, no Ocidente, a cargo do Coronel Vladimiro Dapeenich, que tem a sua actividade em Bruxelas, Bucareste e Praga.

O actual sistema de governo jugoslavo está apoiado em três pilares: emancipação relativamente a qualquer dependência comunista exterior, igualdade de direitos entre os diferentes e antagonísticos povos jugoslavos e uma política de não alienação em nenhum dos dois grandes blocos, EUA e URSS, para sofismar a possível intromissão de sinal imperialista nos assuntos internos jugoslavos: é a denominação fórmula "do socialismo de autogestão".

Neste sentido o Marechal Tito tem sido, através das eficazes reuniões de Brion e da Conferência de Naudung, o promotor do "Terceiro Mundo" unido aos desaparecidos Paudita Nehru e Gamal-Abd-El-Nasser.

A realidade é que, pese embora a existência de um virtual centralismo, a Sérvia pretende impôr, às outras repúblicas, uma hegemonia que suscita, inevitavelmente, reacções negativas nas demais repúblicas, especialmente num povo tão nacional e nacionalista como é o croata, até ao ponto de dar lugar, em 1972, a uma ordem de Tito às seis repúblicas em que preconizou a velha fórmula do "centralismo democrático".

Só a sua autoridade, indiscutível prestígio e energia evitaram o reconhecimento das seis soberanias, das seis classes operárias e dos seis

Partidos, cada um dos quais pretende seguir a sua própria via socialista.

Aos 84 anos é evidente que Josip Broz Tito, o velho lutador da Brigadas Internacionais na nossa contenda e da resistência jugoslava ante a invasão alemã na II G.M., continua a ser, discutido e indiscutível, o único e firme esteio em que se apoia um edifício, o Estado Jugoslavo, que já está a mostrar graves fendas, fraquesas, por outro lado, ao apoiar os seus alicerces sobre o complexo, instável e difícil "baixo ventre da nossa Europa Central": o território dos Balcans.

Oitenta e quatro anos são uma realidade que não pode, pela lei da vida, oferecer muita segurança num futuro que se adivinha incerto, especialmente, se se considerar, ainda que se abstraia do panorama mundial, que não se vislumbra em parte nenhuma quem possa encarregar-se de tão pesada e, ao mesmo tempo, delicada herança: a unidade da nação jugoslava e a sua presença como catalizadora, na manutenção do equilíbrio instável existente, actualmente, na Península Balcânica.

— Prosseguirá a Jugoslávia a integração do bloco neutralista?

— Cairá na órbita de Moscovo, alienando-se no Pacto de Varsóvia? Romper-se-á o equilíbrio balcânico?

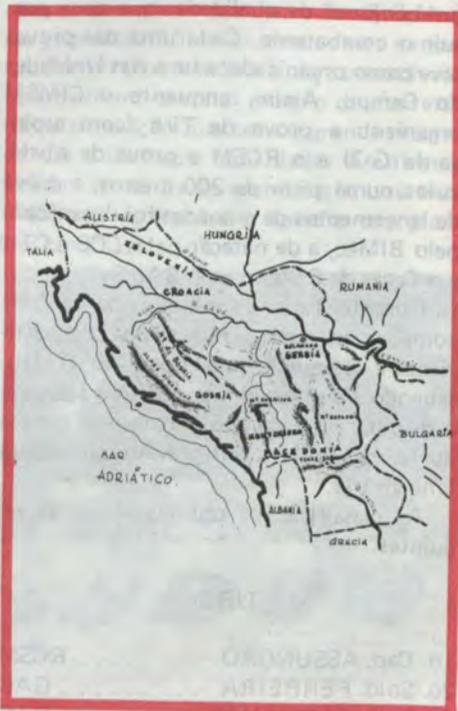
— Que consequências inesperadas poderão acarretar a desaparecimento do Marechal Tito?

— Que repercussão poderá ter para o futuro da velha Europa?

Em qualquer caso é interessante meditar, ante o exposto sobre estas interrogações. A História, mestra da vida, poderia, mais uma vez, oferecer-nos surpresas inesperadas no instável cenário geopolítico dos Balcans.

#### BIBLIOGRAFIA

- Geografia Militar de Europa (General Hajar)
- Military Balance I.E.E. — Londres
- Imprensa Internacional.

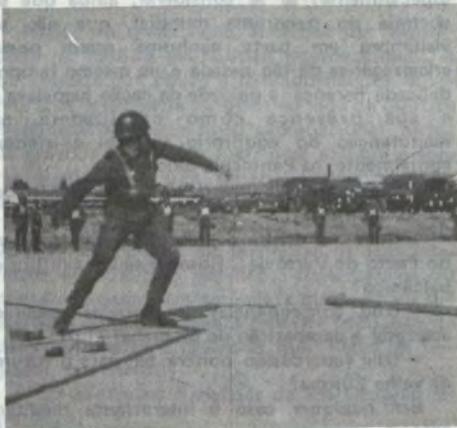


NOTA:

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a data da publicação do presente artigo (Abril de 1977) na revista EJERCITO.



# PRIMEIRA BRIGADA MISTA INDEPENDENTE



Conforme noticiámos no nosso último número, comemorou-se no passado dia 11 de Abril o DIA DA PRIMEIRA BRIGADA MISTA INDEPENDENTE. Mas, e conforme assinalámos, a celebração do DIA DA BRIGADA não se limitou à cerimónia que naquele dia, e na presença do Gen. C.E.M.E., permitiu um imponente desfile de cerca de 4.000 homens e 600 viaturas, das quais 150 de lagarta e especiais.

Na semana em que ocorreu o DIA DA BRIGADA foram levadas a cabo, em Santa Margarida, diversas iniciativas de carácter cultural, recreativo e desportivo, para melhor assinalar o "Dia" da mais moderna Grande Unidade do nosso Exército.

A Orquestra Ligeira do Exército apresentou dois espectáculos no Cine-Teatro do Campo Militar, agora completamente remodelado e com uma capacidade para 840 espectadores. Nas actuações da O.L.E. ficou bem patente a sua real categoria, que a torna uma das nossas melhores orquestras ligeiras.

As actividades desportivas e culturais estenderam-se ao longo de 3 dias e foram concretizadas pela disputa do 1o. Troféu 1a. BMI e pela realização duma exposição de fotografia, selos, caixas e carteiras de fósforos, com motivos militares e de miniaturas.

O "Troféu 1a. BMI" foi disputado por todas as Unidades da 1a. BMI, num total de 10, incluindo as que não se encontram aquarteladas em permanência no Campo Militar de Santa Margarida.

Ao escolherem-se as provas do Pentatlo Militar Internacional para a sua disputa, teve-se em mente um conjunto de provas tipicamente militares que reflectissem todo um conjunto de qualidades que deve possuir o combatente. Cada uma das provas teve como organizadora uma das Unidades do Campo. Assim, enquanto o CIMSM organizou a prova de Tiro (com espingarda G-3) e o RCSM a prova de obstáculos numa pista de 200 metros, a prova de lançamentos de granadas foi organizada pelo BIMec, a de natação pelas CCS e CTm e o Cross de 8.000m pelo BAp Svç.

Durante 3 dias os militares da 1a. BMI competiram com entusiasmo, desportivismo e lealmente pela posse do Troféu, sabendo do antecedente que só o facto de o disputarem e de completarem as provas duríssimas que o integravam constituía uma vitória.

As classificações obtidas foram as seguintes:

## TIRO

1o. Cap. ASSUNÇÃO ..... RCSM  
2o. Sold. FERREIRA ..... GAC  
3o. Sold. CARVALHO ..... GAC

## LANÇAMENTO DE GRANADAS

1o. 1o. Cb. GOMES ..... 1o. BIMoto  
2o. 1o. Cb. FERRO ..... GCC

## CROSS

1o. Sold. NEVES ..... BIMec  
2o. Sold. SANTOS ..... RCSM  
3o. 1o. Cb. PIRES ..... BIMec

## PISTA

1o. Sold. SILVA ..... ERec  
2o. 1o. Cb. MARTINS ..... 2o. BIMoto  
3o. 1o. Cb. HORTA ..... GCC

## NATAÇÃO

1o. Sold. MARTINS ..... 2o. BIMoto  
2o. Sold. LEAL ..... 2o. BIMoto  
3o. Asp. QUINTÃO ..... RCSM

## GERAL INDIVIDUAL

1o. 1o. Cb. FERNANDO PIRES . BIMec  
2o. Sold. MANUEL FERREIRA . GAC  
3o. 1o. Cb. LUÍS SANTOS ..... BIMec

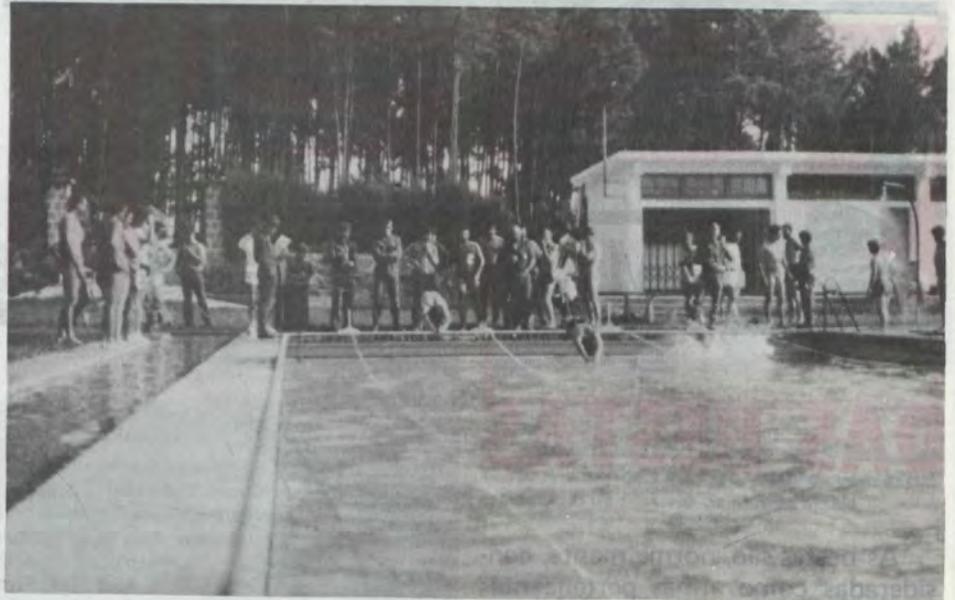


## CLASSIFICAÇÃO COLECTIVA

- 1o. — Batalhão  
de Infantaria Mecanizado 13.751,3 pontos  
2o. — 2o. Batalhão  
de Infantaria Motorizado 12.936,8 pontos  
3o. — Grupo de Artilharia  
de Campanha . . . . .12.040,6 pontos

No decorrer das cerimónias do dia 11, o Gen. C.E.M.E. entregou ao Comandante do BIMec, Ten-Cor. CAETANO, o "Troféu 1a. BMI", que garantirá a sua posse até ao próximo ano. Este Troféu ficará definitivamente na Unidade da Brigada que conseguir a vitória colectiva em 3 anos consecutivos ou 5 alternados.

Todos os anos (como neste já aconteceu) a Unidade vencedora receberá uma miniatura do Troféu.



tando-se entre elas uma colecção de uniformes militares e outra evocativa da luta no Pacífico durante a 2a. G.G.

O Maj. Cav. Conde Falcão, da 1a. BMI, expôs cerca de 40 fotografias, algumas delas premiadas em salões nacionais e estrangeiros. Os seus trabalhos revelam, a par de uma grande sensibilidade, um acentuado apuro técnico que os tornaram muito apreciados pelos visitantes.

Uma estupenda colecção de selos, também eles com motivos militares, foi cedida pelo Cap. GNR Azevedo Moura. Metodicamente organizada, esta colecção possui exemplares de muito valor constituídos por selos com defeitos de impressão, carimbos do primeiro dia de circulação,

anos que revelam um grande interesse pelas coisas militares.

Centenas de modelos alinhados numa



vasta área, alguns constituídos em dioramas, evocativos das 1a. e 2a. G.G.M. e da guerra do Ultramar, todos eles executados com uma minúcia e clareza notáveis, constituíram um alto motivo de interesse desta exposição que teve o grande mérito de dar a conhecer actividades tão diversificadas como as apresentadas e que normalmente só é possível apreciar nos grandes centros.

Aos 3 primeiros classificados individualmente nas 5 provas e na geral foram entregues medalhas.

Patente ao público numa dependência das futuras instalações do BIMec e ocupando uma vasta área de ??? m2 esteve uma curiosíssima e bem organizada exposição de fotografia, selos, caixas e carteiras de fósforos com motivos militares e de miniaturas.

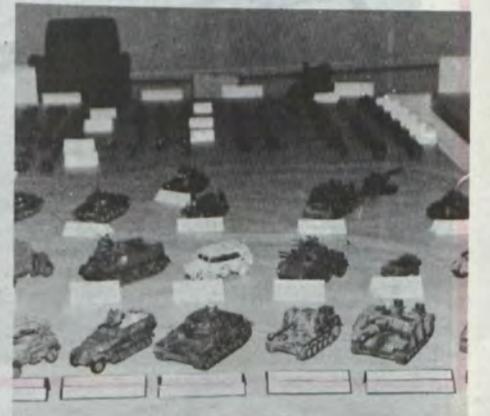
Irmanados pelo desejo comum de colaborarem e dignificarem a comemoração do dia da 1a. BMI, civis e militares conseguiram pôr de pé uma iniciativa de muito interesse, reunindo numa exposição equilibrada e agradável de ver, centenas de exemplares, alguns valiosíssimos.

A exposição de caixas e carteira de fósforos com motivos militares teve a colaboração de um civil — o Sr. Aquiles Mota Lima, conhecido colecionador de Tomar e um dos maiores da Europa, e de um militar — o Maj. Inf. Fernando Pereira Vicente. Dezenas de caixas, carteiras e etiquetas, todas com motivos militares, foram admiradas pelos visitantes, salien-



etc..., que atraíram a atenção dos visitantes.

A exposição de miniaturas foi possível com a colaboração da novel ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE MODELISMO e contou com a participação de cerca de duas dezenas de expositores sendo de referir que grande parte deles são jovens com menos de vinte



**NO PRÓXIMO NÚMERO:  
CERIMÓNIA DA ENTREGA DE GUIÃO DO BIMec E DO BAgr. Gmc.**



# ARMAS ANTIGAS

## DAS BESTAS

As bestas são, normalmente, consideradas como armas pertencentes ao baixo império romano que se difundiram na Europa, durante o século XII. Em verdade, a besta como arma de guerra, com uso na primeira metade do século XII, encontra-se mencionada num dos cânones do Concílio da Latrão, de 1139, um cânone que proíbe o uso desta arma entre os cristãos, mas permite-a contra os infiéis, singularidade a que já fizemos referência



Besta do século XVI toda embutida com motivos góticos em chifre e latão perfurado, com tecido vermelho por baixo. O gatilho é necessariamente comprido, típico deste género de bestas.



Arbaleta da primeira metade do século XVII com alguns embutidos em chifre. Esta arma servia para a caça e mandava pequenas balas de barro ou de chumbo, em vez dos virotões que eram usados para as bestas.

no número anterior do "Jornal do Exército". Esta singularidade pode referir-se ao facto da besta, que fazia parte do armamento dos Cruzados, ter provocado resultados "demasiado" mortíferos. Apesar de tudo, a eficácia desta arma prevaleceu acima das proibições, ao ponto das milícias de Ricardo Coração de Leão e do Filipe de França as usarem com regularidade, dada a precisão e apreciável potência do seu tiro, mau grado a sua menor cadência relativamente ao arco. Consta das crónicas antigas que um arqueiro podia disparar dez/doze flechas contra dois virotões ou virotões de um besteiro. Como característica negativa da besta, além da sua reduzida cadência de tiro, acontecia que, se chovesse, a corda do arco podia ser, facilmente, posta em abrigo, enquanto que a da besta era difícil de resguardar, pelo que a humidade ou a chuva a amoleciam e retiravam-lhe elasticidade.



Besta alemã fabricada em Dresden em 1727. Este exemplar é de uma qualidade invulgar e foi mandado fazer para um fidalgo cujo brasão tem embutido na coronha juntamente com vários painéis contendo miniaturas de castelos e paisagens.



Besta de tiro ao alvo fabricada em Fribourg em 1840. A coronha é bastante parecida com as das espingardas de precisão da mesma época.

A propósito deste facto, há quem evoque a derrota de Greycy, em 1346, afirmando que como tinha chovido nas noites anteriores à batalha, enquanto os arqueiros ingleses puderam defender as cordas

entrado em desvantagem, relativamente ao tiro inimigo.

Só no século XV surgiram as primeiras bestas com arcos de aço, o que lhes dava a uma força muito superior; foi, por isso, que a besta, além da alabarda, contribuiu para o desaparecimento das armaduras. Hoje, poucos imaginam a força e a pontaria de uma besta. A força da besta a curta distância era suficiente para furar a cota malha ou até a própria armadura. Os virotões usados à distância voavam sem dificuldade mais de 300/400 metros e contam-se casos em que Besteiros conseguiram alcançar distâncias ligeiramente superiores a um quilómetro; todavia, estes são casos excepcionais. Em relação à pontaria, bastará dizer que a caça à aves em pleno voo era usual entre a fidalguia

desta época.

De qualquer modo, não há dúvida de que a besta era muito superior às armas de fogo, entre 1400 e 1530. Mesmo depois do aperfeiçoamento das armas depois de fogo, não se abandonou a besta. Muitas se fabricaram ainda, principalmente para caça ou tiro ao alvo.



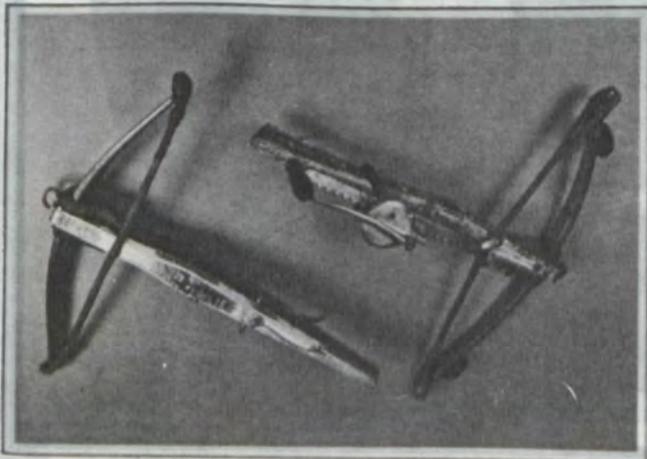
Pormenor da besta alemã fabricado em Dresden em 1727.

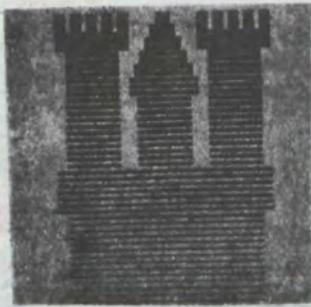
dos seus arcos, os besteiros franceses não o puderam fazer; daí, o terem

Apresentamos hoje, outros modelos de bestas à curiosidade e interesse dos nossos leitores.



As fotos apresentadas fazem parte da colecção particular de R. Daehnhardt.





# MONUMENTOS DE EVOCAÇÃO MILITAR



Nesta rubrica "Monumentos de Evocação Militar", não vamos descrever o que foi a vida agitada de Luiz Vaz de Camões. nem falar do humanista, do poeta lírico, do poeta épico ou do autor dramático, que tanto foi esse homem genial.

Pretendemos falar de Camões como marinheiro, como soldado, como poeta que cantou com elevação e verdade algumas acções militares e também referir a monumentos que pelo mundo se ergueram em sua memória.

Voluntariamente ele pediu para ir servir o rei como soldado alistado, para defender as terras portuguesas de além-mar.

Em Ceuta bateu-se com bravura e lá perdeu um dos olhos; embarcou depois para a Índia e veio a tomar parte em operações militares na Indochina, na Arábia e em Malaca; numa expedição a Meca contra os corsários suportou privações e sacrifícios.

No seu imortal poema, Camões descreve com espantosa realidade e expressão algumas acções de guerra:

— Luta de D. Afonso Henriques com sua mãe:

De Guimarães o campo se tingia  
Co' o sangue próprio da intestina guerra  
Onde a mãe, que tão pouco parecia  
A seu filho negava o amor e a terra

— Batalha de Ourique:

Levantam nisto os perros o alarido  
Dos gritos; tocam à arma, ferve a gente  
As lanças e arcos tomam, tubas soam  
Instrumentos de guerra tudo atroam

— Conquistas aos mouros:

Dest'arte Afonso subito mostrado,  
Na gente dá que passa bem segura;  
Fere, mata, derriba, denodado;  
Foge o Rei Mouro e só da vida cura

— Batalha de Aljubarrota:

Começa a travar-se a incerta guerra  
De ambas as partes se move a primeira ala  
Uns leva a defesa da própria terra  
Outro as esperanças de ganhá-la

Por todo o mundo se ergueram monumentos e fixaram lápides e legendas em homenagem a Camões; citamos Portugal Continental e Insular, Ceuta, Brasil (Rio de Janeiro, S. Paulo e Ribeirão Preto), Cabo Verde, Angola, Moçambique e Macau.

Escolhemos dois monumentos para agora tratarmos em especial: o de Lisboa e o das distantes paragens do extremo-orient — Macau. O primeiro ergue-se na Praça Luiz de Camões construída no local conhecido em tempos recuados por "Casebres do Loreto".

Realizada uma subscrição pública por iniciativa do escultor Victor Bastos, foi lançada a primeira pedra em 1862 e realizada solenemente a inauguração em 1867.

A figura de bronze representa o Poeta e o Soldado; com a mão direita segura fortemente a espada e com a esquerda apertada contra o peito o

seu poema imortal.

Uma coroa de louros cinge-lhe a fronte descoberta; do ombro esquerdo pende uma capa cuja parte inferior vem assentar junto dos pés do poeta sobre livros e sobre uma meia armadura.

Inscrições e legendas: na parte anterior do pedestal — A LUIZ DE CAMÕES; na parte posterior — POR SUBSCRIÇÃO AUXILIADA PELOS PODERES PÚBLICOS, INAUGURADA EM 9 DE OUTUBRO DE 1867.

Por ocasião do terceiro centenário foi lá colocada uma coroa de bronze com fita e a legenda: A CAMÕES, OS ESTUDANTES EM 1880.

O pedestal de calcário branco, é octogonal e assenta numa base de três degraus; na parte frontal está esculpido em pedra o escudo e a coroa real.

Nos ângulos, oito plintos sustentam outras tantas figuras de 2,40 metros de altura da autoria de Victor Bastos, representativas de escritores e homens ilustres da época. São eles:

— JOÃO DE BARROS — Guarda Roupa de D. Manuel I e Capitão da fortaleza de S. Jorge da Mina. Escreveu "Asia" em que narra os feitos gloriosos dos portugueses no Oriente.

— FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA — autor da "História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses".

— PEDRO NUNES — inventor do nónio e autor do livro: "DE CREPUSCULIS".

— FRANCISCO SÁ DE MENEZES — Camareiro-mor e guarda real. Autor de "Malaca Conquistada" cujo herói é Afonso de Albuquerque.

— FERNÃO LOPES — guarda do Real Arqui-

vo (Torre do Tombo) e autor das Crónicas de El-rei D. João I, El-rei D. Pedro I e El-rei D. Fernando.

— GOMES EANNES DE ZURARA — sucessor de Fernão Lopes na guarda da Torre do Tombo e autor das Crónicas dos feitos de D. Duarte de Menezes e do descobrimento e da conquista da Guiné.

— JERÔNIMO CORTE REAL — fidalgo, soldado, poeta e pintor; acompanhou D. Sebastião a África; escreveu os poemas em 21 e 17 cantos intitulados "Segundo cerco de Diu" e "Naufrágio do Sepúlveda".

VASCO MOUZINHO QUEVEDO — poeta épico, autor do poema heróico "Afonso Africano" que nos narra a conquista de Arzila.

O monumento de Macau é simples e modesto: um pequeno busto de bronze assente em coluna de cantaria onde se encontram inscritas as primeiras estâncias dos Lusíadas.

Está erguido na histórica gruta com aparência de dolmen, situada em local ao tempo solitário e propício para o trabalho de um poeta como Camões.

Diz-se ter sido nessa gruta que Camões escreveu parte do seu mais imortal poema.



# anedota

NÃO FIZ NADA DE MAL!...  
SÓ DISSE À MANA QUE PARA A  
PRÓXIMA VEZ QUE ELA QUEIRA  
BRINCAR COM SOLDADOS, FAZ MELHOR  
EM PEDIR OS MEUS  
EMPRESTADOS...



# A vida de LUIS VAZ DE CAMÕES

"... a mais desgraçada que jamais se viu."

Adaptação e desenhos de BAPTISTA MENDES

2



3



Um já está!

Bom toque, Camões!



Agora os dois...

Logo podereis ver-me participar no serão, ignorantes...

Um... dois...

...três... quatro!

Como? ! Eu rendo-me já...

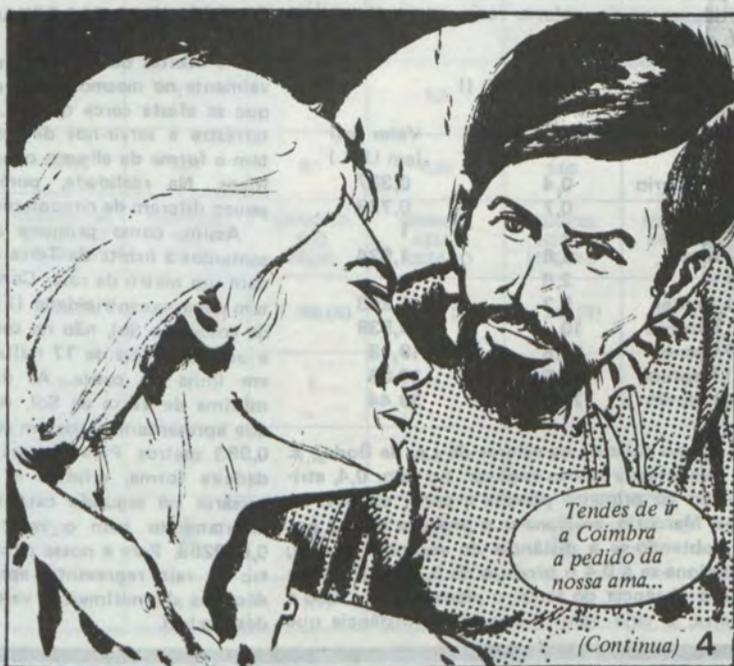
E eu também. Mas contai quem vos convidou a participar no serão...

BAPTISTA MENDES 80



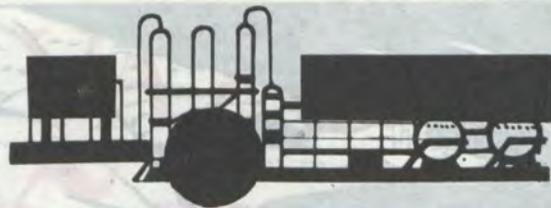
Ei, Luís!

Sim, Francisco de Morais?..



Tendes de ir a Coimbra a pedido da nossa ama...

(Continua) 4



Por ÉLIO MORGADO

## A TERRA, MORADA CÓSMICA DA HUMANIDADE E A SUA POSIÇÃO NO SISTEMA SOLAR

Recordemos, de momento superficialmente, a estrutura geral do sistema solar e a posição do nosso planeta em relação aos seus congêneres. As órbitas planetárias, como é do conhecimento dos nossos leitores, pouco diferem de círculos, e as distâncias médias dos planetas ao Sol são as constantes do quadro seguinte:

QUADRO I

Planeta	Distância (milhões de Kms.)
Mercúrio	57,9
Vénus	108,2
Terra	149,6
Marte	227,9
Júpiter	778,3
Saturno	1427
Úrano	2869,6
Neptuno	4496,6
Plutão	5900

Tomando por base as distâncias mencionadas no quadro anterior, chegou-se a uma representação esquemática conhecida por Lei de Bode, que, afinal, é mais uma hipótese do que lei. Por outro lado, foi apresentada, primeiramente, por Titius. Na realidade, apesar das mais variadas tentativas, nunca se conseguiu alcançar uma justificação teórica para semelhante sucessão dos valores que, seguidamente, apresentamos. Aliás, a partir de Úrano, os valores teóricos afastam-se nitidamente dos valores reais, como se verifica no quadro abaixo:

QUADRO II

Planeta	Lei de Bode	Valor real (em U.A.)
1) Mercúrio	0,4	0,387
2) Vénus	0,7	0,723
3) Terra	1	1
4) Marte	1,6	1,524
5) —	2,8	—
6) Júpiter	5,2	5,203
7) Saturno	10	9,539
8) Úrano	19,6	19,18
9) Neptuno	28,8	30,06
10) Plutão	77,2	39,44

Como calcular os valores da Lei de Bode? É o que a seguir vamos explicar. Ao valor 0,4, atribuído ao primeiro planeta a partir do Sol, ou seja Mercúrio, adiciona-se o produto de 0,3 por 1, obtendo-se a distância do segundo planeta; adiciona-se a 0,4 o produto de 0,3 por 2, e tem-se a distância do terceiro planeta, neste caso a Terra, e cujo valor é a unidade, distância que

ficou conhecida como Unidade Astronómica (U.A.) traduzida em 149.600.000 quilómetros. Seguidamente, em referência a Marte, adiciona-se ainda ao valor primitivo de 0,4 o produto de 0,3 por 4; depois, para a próxima localização, adiciona-se o produto de 0,3 por 8, e assim sucessivamente. Formou-se, destarte, a sucessão dos valores da Lei de Bode. Como se pode verificar, a quinta posição corresponde à lacuna existente entre Marte (o quarto planeta a partir do Sol) e Júpiter (que assim ocupará a sexta posição). A quinta posição, como é do conhecimento geral, está preenchida pelos asteróides cuja distância média ao Sol é de 2,65 pelo que também se ajusta no esquema. Como se disse, até ao presente ainda não se encontrou explicação para a Lei de Bode, que, afinal, poderá ser apenas simples coincidência.

Uma pergunta que, pelo menos durante os tempos mais próximos, deverá ficar sem resposta, pois o próprio Plutão aparece-nos com o brilho de estrela de 15a. grandeza e de localização bastante difícil, pelo que ninguém pensa a sério numa pesquisa sistemática a fim de encontrar hipotéticos corpos trans-plutonianos. Para semelhante planeta, e se recorrermos à Lei de Bode (que, como vimos, falha no respeitante a Neptuno e Plutão) obteríamos um valor de 154, que representaria, se correcto, qualquer coisa como 22.900 milhões de quilómetros para a distância Sol-planeta.

Mas regressemos à Terra.

### O MECANISMO DAS ESTAÇÕES

As órbitas dos planetas estão situadas sensivelmente no mesmo plano, excepto a de Plutão, que se afasta cerca de 17o. do plano da órbita terrestre a servir-nos de referência. As órbitas têm a forma de elipses, ocupando o Sol um dos focos. Na realidade, porém, aquelas elipses pouco diferem de circunferências.

Assim, como primeira aproximação, representemos a órbita da Terra como circunferência com um metro de raio. Como a órbita terrestre tem uma excentricidade (E) de 0,017, teremos de colocar o Sol, não no centro do círculo, mas a uma distância de 17 milímetros, valor a levar em linha de conta. As distâncias máxima e mínima da Terra ao Sol, no esquema reduzido que apresentamos, passam assim a ser de 1,017 e 0,983 metros. Para darmos à órbita a sua verdadeira forma, elíptica e não circular, é necessário no segundo caso existir um pequeno achatamento com o valor de E<sup>2</sup>, o que dá 0,000289. Para a nossa circunferência de 1 metro de raio representa, aproximadamente, três décimos de milímetro, valor que, desta vez, é desprezível.

Em artigos anteriores já vimos que a distância da Terra ao Sol varia, em valores reais, de 147.100.000 a 152.100.000 quilómetros. Contrariamente ao que muitas pessoas crêem, não é nesta variação da distância ao astro-rei que reside a causa das estações. O comportamento do globo terrestre no espaço traduz-se por um fenómeno fundamental, que é a sucessão dos dias e das noites. Ao longo do ano, umas vezes, os dias são mais longos do que as noites, outras vezes, dá-se o contrário. Ao mesmo tempo, o Sol eleva-se mais ou menos acima do horizonte. As estações têm origem numa causa puramente astronómica: a inclinação do eixo de rotação da Terra em relação ao plano da órbita. Se aquele ângulo tivesse o valor de 90o., os dias e as noites seriam de duração igual na totalidade do planetas e ao longo de todo o ano. O eixo de rotação da Terra, porém, faz com o plano da órbita um ângulo de 66o 33'. As consequências desta inclinação, fenómeno aliás comum à maioria dos planetas, se bem que com valores diversos, motivam, afinal, o mecanismo das estações. Quando no hemisfério Norte é o equinócio da Primavera, tanto os dias como as noites têm a duração de 12 horas, em todo o Globo. Durante os três meses seguintes, os dias irão crescer naquele hemisfério e diminuir no hemisfério Sul. É a Primavera para nós e o Outono para o hemisfério austral. Quando o dia atinge o seu valor máximo, é o solstício, o princípio do Verão boreal. Para o hemisfério Sul, o comprimento da noite é então máximo, principiando o Inverno. Depois seguem-se o Outono e o Inverno no Hemisfério Norte, a que correspondem, respectivamente, a Primavera e o Verão no Hemisfério Sul.

No Equador, os dias e as noites são iguais durante todo o ano, notando-se apenas que o Sol se encontra mais ou menos alto, ao meio-dia, e em relação ao horizonte. À medida que nos afastamos do Equador, a desigualdade dos dias e das noites vai aumentando. Quando se ultrapassam os círculos polares (a 66o. 33' de latitude Norte ou Sul) vêem-se aparecer dias e noites que tanto podem durar 24 horas como meses. Estes dias ou noites contínuos encontram-se, naturalmente, a meio do Verão e a meio do Inverno. Mesmo que o Sol esteja sempre presente de maneira contínua, pouco sobe acima do horizonte, pelo que o clima das regiões polares não é beneficiado pela insolação.

Mais uma vez acentuamos que as variações de distância da Terra ao Sol quase não têm influência no mecanismo das estações.

### A TERRA EM FACE DOS OUTROS PLANETAS

A Terra não é uma esfera perfeita. Apresenta um achatamento polar que teve origem na

deformação do globo primevo, ainda não solidificado, graças ao movimento de rotação. Devemos notar, a este respeito, que tanto Júpiter como Saturno, cujas rotações têm um valor de cerca de 10 horas, apresentam um achatamento muito mais pronunciado. Para a Terra o valor desse achatamento cifra-se em 0,003, ao passo que para Júpiter esse valor é de 0,06 e para Saturno de 0,1.

Assim, o diâmetro polar da Terra é mais pequeno do que o diâmetro equatorial cerca de

40 quilómetros.

Analisar pormenorizadamente a forma da Terra, porém, será o escopo de próximo artigo, pois em virtude dos acidentes da sua crusta, ou sejam os relevos dos seus continentes e as depressões existentes nas partes cobertas pelas águas, registam-se variações que atingem os dez quilómetros, nos dois sentidos e irregularmente distribuídas. O que nos importa, de momento, é indicar os dados referentes à Terra, situando-a entre os outros planetas do sistema solar. Assim,

inserimos o Quadro III, onde, para comparação, se apresentam diversos dados, sobre todos os planetas.

Distingue-se, nitidamente, um primeiro grupo de quatro planetas, bastante densos e de dimensões medíocres; outro grupo de quatro planetas (se exceptuarmos Plutão) de densidades pouco pronunciadas mas de dimensões enormes. A Terra, assim, ocupa lugar de destaque entre os planetas modestos, mas quase se pode considerar insignificante em presença do segundo grupo.

QUADRO III

CARACTERÍSTICAS PLANETAS	MERCÚRIO	VENUS	TERRA	MARTE	JÚPITER	SATURNO	URANO	NEPTUNO	PLUTÃO
DISTÂNCIA MÁXIMA AO SOL (MILHÕES DE KMS)	69,7	109	152,1	249,1	815,7	1507	3004	4537	7375
DISTÂNCIA MÍNIMA AO SOL (MILHÕES DE KMS)	45,9	107,4	147,1	206,7	740,9	1347	2735	4456	4425
DISTÂNCIA MÉDIA AO SOL (MILHÕES DE KMS)	57,9	108,2	149,6	227,9	778,3	1427	2869,6	4496,6	5900
DISTÂNCIA MÉDIA AO SOL (UNIDADES ASTRONÓMICAS)	0,387	0,723	1	1,524	5,203	9,539	19,18	30,06	39,44
PERÍODO DE TRANSLAÇÃO	88 DIAS	224,7 DIAS	365,26 DIAS	687 DIAS	11,86 ANOS	29,46 ANOS	84,01 ANOS	164,8 ANOS	247,7 ANOS
PERÍODO DE ROTAÇÃO	59 DIAS	- 243 DIAS RETRÓGRADO	23 HORAS 56 MIN. 4 SEG.	24 HORAS 37 MIN. 23 SEG.	9 HORAS 50 MIN. 30 SEG.	10 HORAS 14 MIN.	- 11 HORAS RETRÓGRADO	16 HORAS	6 DIAS 9 HORAS
VELOCIDADE ORBITAL (Kms/seg.)	47,9	35	29,8	24,1	13,1	9,6	6,8	5,4	4,7
INCLINAÇÃO DO EIXO	< 28°	3°	23° 27'	23° 59'	3° 05'	26° 44'	82° 05'	28° 48'	?
INCLINAÇÃO DA ÓRBITA RELATIVAMENTE A ELÍPTICA	7°	3°,4	0°	1°,9	1°,3	2°,5	0°,8	1°,8	17°,2
EXCENTRICIDADE DA ÓRBITA	0,206	0,007	0,017	0,093	0,048	0,056	0,047	0,009	0,25
DIÂMETRO EQUATORIAL (Kms)	4880	12104	12 756	6787	142 800	120 000	51 800	49 500	6000 (?)
MASSA (TERRA = 1)	0,055	0,815	1	0,108	317,9	95,2	14,6	17,2	0,1 (?)
VOLUME (TERRA = 1)	0,06	0,88	1	0,15	1316	755	67	57	1,0 (?)
DENSIDADE (ÁGUA = 1)	5,4	5,2	5,5	3,9	1,3	0,7	1,2	1,7	?
ACHATAMENTO POLAR	0	0	0,003	0,009	0,06	0,1	0,06	0,02	?
ATMOSFERA (COMPONENTES PRINCIPAIS)	NENHUMA	DIÓXIDO DE CARBONO	AZOTO OXIGENIO	DIÓXIDO DE CARBONO ARGON (?)	HIDROGÉNIO HÉLIO	HIDROGÉNIO HÉLIO	HIDROG. HÉLIO METANO	HIDROG. HÉLIO METANO	NENHUMA DETECTADA
TEMPERATURA MÉDIA (GRAUS CELSIUS) S = SUPERFÍCIE N = NUUVENS	350 (DIA) - 170 (NOITE)	- 33 (N) 480 (S)	22 (S)	- 23 (S)	- 150 (N)	- 180 (N)	- 210 (N)	- 220 (N)	- 230 (?)
PRESSÃO ATMOSFÉRICA À SUPERFÍCIE (MILIBARS)	10 <sup>-3</sup>	90 000	1000	6	?	?	?	?	?
GRAVIDADE À SUPERFÍCIE (TERRA = 1)	0,37	0,88	1	0,38	2,64	1,15	1,17	1,18	?
DIÂMETRO MÉDIO APARENTE DO SOL VISTO DO PLANETA	1' 22' 40"	44' 15"	31' 59"	21'	6' 09"	3' 22"	1' 41"	1' 04"	49"
SATÉLITES	0	0	1	2	14 (?)	11(?)	5	2	1 (?)

# FILATELIA

CAP. VASCO MOURA

## CAMÕES

### NA FILATELIA MILITAR

Luís Vaz de Camões nasceu, provavelmente, em Lisboa, em 1525.

Além duma vida agitada, quer como estudante, quer como fidalgo, Camões notabilizou-se não só como Poeta mas também como militar. Mas, quer os seus antepassados mais longínquos, quer os mais próximos, se distinguiram também em combate. Estevão Vaz de Camões, primo do pai do Poeta, morreu em Itália, nas guerras do Imperador; Simão Vaz de Camões, primo do pai de Camões, morreu gloriosamente durante a batalha de Alcantara de 14 de Agosto de 1580, combatendo por D. António.

Cavaleiro-Fidalgo, Camões teve que trocar as delícias e dissabores do Paço pela vida dura e constantemente ameaçada do serviço militar, em Ceuta, de 1545 a 1548, onde, lutando contra os marroquinos, perdeu um olho. Regressou depois à Pátria, donde o levara, certamente a sua condição de Cavaleiro-Fidalgo, pois "o serviço militar nas praças de Africa constituía praxe e tirocínio obrigatório para a juventude fidalga da aquela época."

Novos problemas o levaram a embarcar para a Ásia de 1553 a 1567. Em Setembro de 1553, desembarcou em Goa. Por imposição da vida militar, em breve dali parte, a caminho de novas experiências, tendo neste mesmo ano embarcado com as forças do vizo-rei de Goa para combater no Malabar. Em 1555, participou num cruzeiro destinado a interceptar os navios turcos inimigos que se entregavam ao comércio nestas paragens.

Camões era um soldado pobre. Tendo regressado do mar Vermelho, não tardou que, após breve repouso em terra, recebesse ordem de novo embarque para, em viagens à Corte da China, colaborar na defesa contra o assalto dos piratas. Tendo naufragado perto da foz do rio Mecão, recolheu a Malaca e de lá seguiu para diversas ilhas da Malásia, tendo voltado à Índia em 1561.

Em 1570, regressa a Lisboa, onde publica "Os Lusíadas" em 1572, vindo a morrer em 10 de Junho de 1580. O túmulo onde se guardam as suas cinzas encontra-se no Mosteiro dos Jerónimos.

Filatelicamente, a vida de Camões anteriormente resumida encontra-se reproduzida em várias emissões de selos, como se passa a enumerar:

1924 (11 NOV) — 4o. Centenário do Nascimento de Luís de Camões.

Trata-se de uma emissão de 31 selos de diversos valores, com sete motivos diferentes, cujos desenhos de Alberto de Sousa representam: o Poeta ao ser ferido num combate em Ceuta; salvamento de "Os Lusíadas" durante o naufrágio; Camões com uniforme militar da época; portada da 1a. edição do Poema Épico; últimos momentos de Camões; o seu túmulo no Mosteiro dos Jerónimos em Belém; e o monumento em Lisboa.

#### 1931 A 1938 — LUSÍADAS

Em Portugal, uma emissão de 23 valores, com o mesmo desenho de Pedro Guedes, representando a República Portuguesa a segurar "os Lusíadas". Estes selos foram emitidos em 1931,

1933, 1934 e 1938.

#### 1933 A 1947 — TIPO LUSÍADAS

Também Moçambique, aproveitando o motivo anteriormente indicado emitiu 21 valores, além de em 1938 utilizar o selo de 45 centavos com uma sobretaxa local a preto de 40 c.

#### 1946 — MOTIVOS HISTÓRICOS

Integrado nesta emissão da Índia, foi emitido um selo de 2 reis representando Camões.

#### 1951 — HOMENS ILUSTRES

Também, em Macau, o Poeta foi homenageado nesta série de oito valores ao lado de outras personagens célebres.

#### 1969 — IV CENTENÁRIO DA ESTADIA DE CAMÕES NA ILHA DE MOÇAMBIQUE

Com desenhos de José de Moura, novamente Moçambique emitiu uma série de 5 selos com motivos todos diferentes, nos quais se destaca aquele onde Camões se encontrava vestido com a armadura.

#### 1972 (27 DEZ) — IV CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DE "OS LUSÍADAS"

Mais uma vez o Poema foi comemorado, desta feita, com três selos em Portugal e sete em:

Angola, Cabo Verde, Guiné, Macau, Moçambique, S. Tomé e Príncipe e Timor, sendo de realçar o selo de \$50 da Guiné, no qual o Príncipe dos Poetas se encontra vestido conforme descrição feita no anterior selo de Moçambique.

#### 1977 e 1979 (8 JUN) — DIA DE CAMÕES

A fim de comemorar o Dia de Camões e das Comunidades Portuguesas, em 1977, foram emitidos dois selos no valor fiscal de 4\$00 e 8\$50. Em 1979, comemorou-se o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, emitindo-se para o efeito um selo de 6\$50.

Infelizmente, estas comemorações não têm visto o seu primeiro dia de emissão no dia devido, ou seja o 10 de Junho, por ser feriado e os CTT se encontrarem encerrados. Não seria filatelicamente lucrativo encontrar-se pelo menos aberta uma estação dos correios (Lisboa?) nos aniversários ou datas comemorativas a fim de os primeiros dias de emissão coincidirem com as datas desses eventos a comemorar?

#### 1980 (9 JUN) — IV CENTENÁRIO DA MORTE DE CAMÕES

Além destes selos anteriormente indicados, verificou-se também a emissão de bilhetes postais com a efígie de Camões e excertos da sua poesia, assim como carimbos exclusivos aos diversos acontecimentos celebrados.



# UNIFORMES MILITARES

Por Manuel Ribeiro Rodrigues

## PORTUGAL

### HISTÓRIA DA LEGIÃO PORTUGUESA AO SERVIÇO DE NAPOLEÃO 1808-1813 PARTE V

Antes de continuar com a história da Legião Portuguesa, decidi ir intercalando essa narrativa com os planos de uniformes, a descrição do equipamento e do armamento.

Quero deixar aqui bem expresso que o plano de uniformes é datado de 12 de Julho de 1809, e que o fardamento, como é óbvio, só passou a ser distribuído a partir dessa data. Até essa altura as tropas portuguesas utilizavam os uniformes com que tinham saído de Portugal. (1).

O uniforme da Cavalaria era o seguinte:

Capacete preto, tendo a cimeira guardada com pele de urso preto. Pala da cor do capacete com um vivo de metal amarelo. Na parte anterior do capacete, logo acima da pala, tinha um círculo de chapa amarelo com as letras "L.P.". Francalete de escamas de metal amarelo.

Farda de pano castanho escuro, tendo as abas curtas e os bolsos no sentido do comprimento. Gola, peitilho e canhões das mangas em bico, tudo de cor vermelha. Vistas da casaca encarnadas presas por um botão de metal branco. Vivos brancos. Platinas de cor da farda avivadas a vermelho.

Botões de metal branco tendo a seguinte legenda à volta: "Legião Portuguesa, Regimento de Cavalaria". No centro tinha o número do Regimento.

Véstia de pano branco com botões pequenos de metal amarelo. Calções de malha castanho escuro ou cinzentos com uma lista de cada lado de cor vermelha. Vivo na parte da frente dos calções brancos.

As graduações eram iguais às do Exército francês, mas de cor branca. Capote de pano cinzento ou da cor da farda, tendo botões de metal branco. Botas altas de couro preto com esporas de ferro e correame da cor das botas.

A transcrição da parte oficial respeitante ao uniforme de Cavalaria é o seguinte: "La Cavalerie (chasseurs à cheval) — Habit brun boutonné droit, collet et paraments rouges liserés, patte

d'épaulette brune liserée rouge; pantalon brun ou gris à bande rouge; capot brun ou gris."

*Observação:* O Coronel Ribeiro Artur, assim como outros artistas e em gravuras antigas, mostram os uniformes de Cavalaria com a casaca acima descrita, mas também com outra diferente, embora a parte oficial seja a que vai planificada neste artigo, contudo não quero duvidar que a Cavalaria não tenha utilizado os dois tipos de casaca, até talvez numa época em que houvesse falta de um dos modelos. A outra casaca tem o peitilho em bico,

deixando ver a véstia e além disso é da cor da farda (castanho), tendo os vivos vermelhos. Brevemente apresentarei também esse modelo de casaca, assim como em futuros artigos mostrarei as aguarelas e desenhos, de que possuo cópias, onde se poderá verificar os dois tipos de casaca.

(1) — Ver J.E. No. 245 de Maio de 1980

1 — Casaca vista de costas, de frente e de lado; 2 — Capacete visto de lado e de frente; 3 — Capote; 4 — Véstia; 5 — Bota com esporas; 6 — Calção visto de frente com a portinhola aberta.

### Legião Portuguesa, Cavalaria 1808-1813





# UM GREGO CHAMADO HIPÓCRATES

Coordenação de PEDRO DE QUENTAL

Justamente considerado, entre os percursores, como um dos maiores, senão o maior médico da antiguidade, nasceu na ilha de Cós, colônia grega situada no Sudoeste da Ásia Menor cerca de 460 antes de Cristo.

A sua meninice decorreu feliz e descuidada, nas luminosas praias da sua formosa ilha.

Desde muito novo que Hipócrates se começou a interessar pelo sofrimento dos outros, perguntando a si mesmo quantos dos muitos suplicantes que acorriam ao templo de Esculápio, a implorar aos seus sacerdotes alívio para os seus padecimentos, saíam dali realmente curados.

Quando chegou aos 15 anos, seu pai Heráclides, sacerdote de Esculápio, levou-o ao Templo e disse-lhe: Hipócrates, como sabes, entre os sacerdotes de Esculápio a medicina é hereditária,



por isso, como meu filho, em breve serás iniciado nessa ciência. E foi assim que Hipócrates começou a frequentar o templo e a descrever abertamente dos incipientes processos do negativo exercício de uma medicina de que a superstição e o dogmatismo eram os tristes suportes.

Em segredo, os estudantes recebiam as antigas receitas da arte de curar, tal como estavam codificadas nas obras de Hermes Trimegisto.

Relutantemente, Hipócrates recebia os ensinamentos com a maior descrença. — Tudo isto é infantil, declarava aos seus atônitos e preocupados amigos. — Consultar os Deuses e orar não faz de facto mal a ninguém. Mas para se exercer medicina e poder curar alguém, é preciso observar e procurar as causas da doença, usando a inteligência que os Deuses nos deram...

Aos Dezasseis anos o jovem médico recebia



com seu pai os doentes que imploravam o oráculo da cura.

E muito embora o respeitasse como filho, não podia deixar de legitimamente se insurgir contra as disparatadas receitas do seu progenitor e dos outros sacerdotes.

Assim, um belo dia, a um pobre doente cheio de febre a quem fora receitado um "tratamento" de doze voltas ao templo, seguido de um valente mergulho na fria água da piscina, com a justificação de que se curaria se essa fosse a vontade dos Deuses... Hipócrates disse peremptório evitando o mergulho que decerto lhe seria fatal: — Não tomes banho. Bebe este extracto de plantas e não te deixes arrefecer.

— Mas o oráculo e o banho? Murmurou a medo o paciente...



Bebe o que te dou. Sou médico e conheço por experiência própria este suco de plantas. É o remédio indicado para acalmar as febres de que padeces.

E o certo é que o doente se curou numa só noite e agradecido quis pagar a Hipócrates o seu precioso remédio, o que este recusou, como verdadeiro sacerdote da medicina.

Desde então, Hipócrates deixou o Templo, e passou a percorrer toda a ilha examinando os doentes e feridos e ouvindo as suas queixas. Em breve verificou que a higiene era meia cura para muitos ferimentos e que os seus unguentos e

pensos limpos atenuavam consideravelmente as dores e aceleravam a cicatrização de muitos ferimentos. E cada vez mais se convencia de que a verdadeira arte de curar tinha que se basear fun-



damentalmente na incessante observação de todos os fenómenos, quer salutareis quer mórbidos.

É preciso imitar os fenómenos da natureza... dizia com frequência. — O ar puro, o Sol e a limpeza são dos mais poderosos remédios, cujos efeitos nos doentes me tem sido dado observar.

Um dia o riquíssimo Pausónias consultou o jovem médico queixando-se: — Ando sempre preocupado. Não durmo ou então tenho terríveis pesadelos... — Não penses mais na tua fortuna. Viaja e procura distrair-te. No teu caso é o doente que deve ajudar o médico!... — E o certo é que Pausónias se curou ficando imensamente grato a Hipócrates, não se cansando de elogiá-lo onde quer que se encontrasse.

Estas e outras curas, bem como as teorias do jovem, consideradas revolucionárias pelos sacerdotes de Esculápio, atraíram-lhe a inveja dos colegas, que o acusaram de desrespeito pelos oráculos, e de troçar dos Deuses.

Aborrecido, Hipócrates respondeu aos seus invejosos detractores:

Ficai com as vossas superstições, meus senhores. Se vos incomoda a cura dos meus doentes continuem a matar os vossos! O Mundo é grande e eu penso ir salvar gente para outras paragens.

E, tal como disse, assim o cumpria. Continuou por toda a Grécia a sua grande jornada, em pról da ciência.



De observação em observação, Hipócrates inventa o processo lógico da indução, que vai do conhecido para o desconhecido, praticando verdadeira medicina experimental.

Um dia, no Pireu, perto do mar de Atenas, vários homens rodeavam um cadáver abandonado no lajedo do cais.

— Levem este corpo daqui. — Diziam: Mete nojo e cheira que fede.

Tem os olhos injectados de sangue e está todo coberto de úlceras.

— Tratava-se de um marítimo etiope, cujo navio se fizera ao largo com estranha moléstia a bordo...

— Foi para Atenas o começo de mais uma terrível calamidade.

Dois dias mais tarde, declaravam-se na cidade os primeiros casos de peste.

Estava-se então, em plena guerra do Peloponeso, em que se degladiavam as duas cidades rivais. A bela Atenas e a frugal e dura Esparta.

E, enquanto o povo de Atenas, tomado de pânico, implorava ao seu chefe Péricles, que mandasse abrir as portas da cidade, pois de contrário a peste negra destruí-los-ia a todos, os homens do Rei de Esparta, pilhavam os campos vizinhos, matando e pilhando sem piedade.

Embora compreendendo a aflição do povo, Péricles, procurou acalmar os aflitos, fazendo-lhes ver que, deixar a cidade seria entregarem-se à morte e à escravidão, sujeitando os seus filhos a serem estrangulados pelos espartanos.

Tende calma meus amigos, disse Péricles. Já mandei chamar o sábio Hipócrates às montanhas de Pinde. — Em breve estará entre nós para combater a peste.

Indiferente aos riscos da guerra e ouvindo apenas a voz do dever, Hipócrates, galopa a toda a brida para Atenas e para o perigo, através de uma região devastada pelo inimigo.

— Atenas apenas tem esperança em ti! Salvá-nos, illustre mestre. Imploram de todos os lados os aflitos atenienses.

O ar que respirais pode ser a causa da propagação do mal. — Disse Hipócrates. Notei que os ferreiros não são contaminados, pois o fogo tudo purifica.

E, para começar, o mestre começa por mandar queimar os corpos dos pestíferos, em enormes piras, de pinho.

Seguidamente ordena, que isolem os doentes dos sãos e distribui a estes um antídoto de sua composição.



É preciso acabar com o pânico, meus amigos. O medo mais que a peste. Aregem as casas. Lavem-se com água fervida e queimem por toda a parte, essência de resina. E pouco a pouco, graças à higiene, e à confiança no médico, cujas ordens se cumpriam sem discussão, a peste foi decrescendo de intensidade, acabando por ser totalmente debelada.

Agradecidos, os atenienses, nomeiam Hipócrates cidadão de honra, e entregam-lhe como suprema homenagem, a coroa de ouro dos Generais vitoriosos.

Alguns meses mais tarde, o Rei dos Persas, Artaxerxes, adoecia com um mal desconhecido.

Alucinado, o tirano, não se resigna com a ineficácia dos seus médicos, que não o conseguem curar, e ouvindo dizer que vive em Atenas o grande Hipócrates que afirmam descender directamente do próprio Deus Esculápio e que é capaz de curar todas as doenças, ordena que partam, sem demora, a procurá-lo.

Tragam-me imediatamente, grita o Rei. — Se for capaz de me curar, juro que lhe darei metade do meu império. E segundo reza a lenda, murmurou entre dentes: mas se falhar... ai se falhar, amaldiçoará mil vezes o dia em que nasceu.

Chegados a Atenas, os emissários persas, são conduzidos junto de Hipócrates, a quem em nome do seu Rei, propõem que os acompanhe, pois Artaxerxes, caso o consiga curar, está disposto a fazer dele o homem mais rico do mundo.



— Dizei ao vosso rei, que além de médico e de homem, sou grego. E como tal, jamais poderei servir um tirano, que tanto mal causou à minha pátria.

Esta recusa de Hipócrates, e o seu desprezo pelas riquezas e honrarias elevaram ao cúmulo a glória do grande médico, que passou a ser citado pelos seus compatriotas como o expoente do desinteresse.



Hipócrates, transmitiu às gerações que o precederam, todo o seu saber e o fruto das suas observações através de uma série de tratados sobre o diagnóstico, os regimes, as feridas, os ossos, a vista, as afecções internas e os instrumentos cirúrgicos, que foram como que um ponto de partida para a medicina científica.

São 53 tratados, um conjunto de 72 livros, as obras atribuídas a Hipócrates.

Destes, os mais notáveis são: "Juramento", "Tratado sobre a Moléstia Sagrada", "Tratado sobre ares, águas e lugares", "Prognóstico", o primeiro e o terceiro livros do "Tratado sobre



Epidemias" e o livro "Medicina Antiga".

Fundamentalmente, nas obras de Hipócrates, transparece um racional desmentido de qualquer carácter sobrenatural das doenças, indicando para elas, causas lógicas, susceptíveis de comprovação científica, tais como: condições climáticas e geográficas em que vive o indivíduo.



Regime dietético e hábitos do paciente, etc, etc.

Ninguém, antes de Hipócrates, atribuiu à profissão de médico, um rígido compromisso ético.

Esse empenho moral, ainda hoje determina as normas básicas de conduta profissional dos médicos de todo o mundo. Toda a dignidade da medicina, transparece neste pequeno trecho do juramento de Hipócrates que transcrevemos:

... "em qualquer casa que entre, será para bem do doente e me manterei longe de qualquer acto voluntariamente danoso, como também de contactos impuros, seja com homem, seja com mulher, sejam estes livres ou escravos. Qualquer coisa que eu veja ou escute durante o tratamento e que não seja tal de poder ser contada a estranhos, ou qualquer coisa que eu escute fora do âmbito específico do tratamento, isto é, nos factos da vida, guardarei o segredo como coisa que não é lícito dizer".





# desporto

## SEMANA EQUESTRE MILITAR EM MAFRA

Iniciou-se em Maio, no Centro Militar de Educação Física Equitação e Desportos, a temporada equestre portuguesa, com a realização da XXIV SEMANA EQUESTRE MILITAR, que a Direcção do Serviço de Educação Física e o C.M.E.F.E.D. anualmente organizam e realizam em Mafra, constando de provas de obstáculos, de ensino e o Concurso Completo de Equitação. Provas organizadas com esmero e cuidado, nelas participaram os melhores cavaleiros do Exército e da G.N.R., bem assim alguns cavaleiros civis, em provas de saltos de obstáculos reservadas a montadas de 1a. categoria, por indicação da Federação Equestre Portuguesa, visando possível representação nacional.

Porque o número de provas realizadas foi muito numeroso, bem assim como o número de conjuntos concorrentes, limitamo-nos a indicar os resultados obtidos.

### PROVA - ESCOLA PRÁTICA DO SERVIÇO DE SAÚDE

Destinada a alunos da Academia Militar, com extensão de 2.000 m em pista rasa e saltos naturais. Concorreram 7 conjuntos.

1. - Cad. Gomes Ribeiro - montando "Líria", com 0 pontos em 2' 57".2
- 2o. - Cad. Silva Couto - montando "Novato", com 0 pontos em 3' 12".1
- 3o. - Cad. Correia Sampaio - montando "Lilaz", com 0 pontos em 3' 14".2

### PROVA - ESCOLA PRÁTICA DE ARTILHARIA

Destinada a cavalos de 4a. categoria Tab. A s/cronómetro c/uma Barrage. Alt. 1. 10m

- 1o. - Maj. Neves Veloso montando "Jarka", com 0 pontos em 35".8
- 2o. - Maj. Fernandes Thomaz montando "Rica da Torre", com 0 pontos em 37".2
- 3o. - Ten. Cor. Marques Pereira montando "Jerry du Poncel", com 0 pontos em 37".9

### PROVA - ESCOLA PRÁTICA DE ADMINISTRAÇÃO MILITAR

Destinada a cavalos de 3a. categoria Tab. A c/cronómetro. Alt. 1.20m Concorreram 43 conj.

- 1o. - Ten. Cor. Ruy Cidrais montando "Jowel" com 0 pontos em 64".7
- 2o. - Cap. Martins Abrantes montando "Quintus" com 0 pontos em 68".1
- 3o. - Maj. Diogo Themudo montando "Primoroso" com 0 pontos em 70".5

### PROVA - DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO

Destinada a cavalos de 1a. categoria. Tab. A c/cronómetro. Alt. 1. 40m. Concorreram 11 conj.

- 1o. - Brig. Henrique Calado montando "Fanó" com 0 Pontos em 80.1 s.
- 2o. - Maj. Neves Veloso montando "Mandarin" com 8 pontos em 75.4 s
- 3o. - Brig. Henrique Calado montando "Emeraud" com 8 pontos em 79.3 s.

Nesta prova concorreram também civis cuja classificação se indica:

- 1o. - Sr. José M.S. Costa montando "Farraron" com 7 pontos em 93 s.
- 2o. - Sr. Jorge Matias montando "My Day" com 7 pontos em 95.9 s.

### PROVA - DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA

Destinada a Praças do Exército e da G.N.R. e desbastadores do C.M.E.F.E.D.

Tab. A c/cronómetro, alt. 1.00m. Concorreram 21 conjuntos.

- 1o. - Esp. Aux. I Chorinha (CMEFED), montando "Gábia" com 0 pontos em 55.7 s.
- 2 - Esp. Aux. F. Batalha (CMEFED), montando "Quina" com 0 pontos em 58.2 s.
- 3o. - Sold. Carreira (C.N.R.), montando "Jacto II" com 3 pontos em 62.9 s.

### PROVA - DIRECÇÃO DA ARMA DE INFANTARIA

Destinada a cavalos de 4a. categoria, Tab. A c/cronómetro, alt. 1.10m. Concorreram 78 conj.

- 1o. - Ten. Costa e Silva montando "Orpheon" com 0 pontos em 51.9 s.
- 2o. - Ten. Cor. F. Atayde montando "Jubileu" com 0 pontos em 53.5 s
- 3o. - Ten. Cor. Arnaut Pombeiro montando "Jasmim" com 0 pontos em 55.3 s.

### PROVA - DIRECÇÃO DA ARMA DE ARTILHARIA

Destinada a cavalos de 3a. categoria, Tab. A c/cronómetro - 1 Barrage. Concorreram 40 conj.

- 1o. - Ten. Cor. Carlos Campos montando "Mon Palais" com 0 pontos em 33.7 s.
- 2o. - Ten. Cor. Fernandes Thomaz montando "Tifany" com 0 pontos em 35.4 s.

- 3o. - Ten. Cor. Paiva Mourão montando "Non Present" com 0 pontos em 38.1 s.

### PROVA - COMANDO GERAL DA G.N.R.

Destinada a cavalos de 2a. categoria, tab. A c/cronómetro, alt. 1. 30m. Concorreram 15 conj.

- 1o. - Cap. Pimenta da Gama montando "Ribamar" com 0 Pontos em 63.5 s.
- 2o. - Ten. Cor. Carlos Campos montando "Pickwick" com 0 pontos em 66.1 s.
- 3o. - Cap. Pimenta da Gama montando "Ódio" com 0 pontos em 66.1 s.

### PROVA - ESCOLA PRÁTICA DE TRANSMISSÕES

Destinada a Praças do Exército, G.N.R. e desbastadores do CMEFED. Tab. A com cronómetro Alt. 1.00m. Concorreram 20 conjuntos.

- 1o. - Soldado Teixeira (G.N.R.), montando "Mapola" com 0 pontos em 51".2
- 2o. - Soldado Carreira (G.N.R.) montando "Jacto II" com 0 pontos em 51".5
- 3o. - Cabo Nicolau (G.N.R.) montando "Dry" com 0 pontos em 51".5

### PROVA - REGIMENTO DE CAVALARIA DE BRAGA

Destinada a cavalos de 4a. categoria, tab. C (Caça), alt. 1.10m. Concorreram 79 conjuntos

- 1o. - Ten. Carlos Aguiar montando "Nocivo" com 55".9
- 2o. - Maj. Fernandes Thomaz montando "Rica da Torre" 61".0
- 3o. - Maj. Neves Veloso montando "Jarka" com 76".3

### PROVA - ESCOLA PRÁTICA DE INFANTARIA

Destinada a Alunos da Academia Militar, tab. A c/cronómetro, alt. 1.10m. Concorreram 7 conj.

- 1o. - Cad. Antunes Calçada montando "Jaspe" com 3 pontos em 89".0
- 2o. - Cad. Faria Meneses montando "Jaque-line" com 4 pontos em 79".4
- 3o. - Cad. Gomes Ribeiro montando "Lírio" com 7 pontos em 101".8

### PROVA - ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA

Destinada a Tirocinantes, tab. A c/cronómetro, alt. 1.10m. Concorreram 6 conjuntos

- 1o. — Alf. Paula Santos montando "Queijada" com 0 Pontos em 84".6  
 2o. — Ten. Maia Henriques montando "Natacha" com 0 pontos em 92".2  
 3o. — Alf. Vila de Brito montando "Record" com 3 pontos em 87".7

**PROVA — REGIMENTO DE CAVALARIA DE SANTA MARGARIDA**

- Destinada a cavalos de 2a. categoria, tab. A c/ cronómetro — 1 Barrage. Concorreram 15 conj.  
 1o. — Cap. Pimenta da Gama montando "Ribamar" com 0-0 pontos em 40".6  
 2o. — Maj. Mendonça Frazão montando "Nipónica" com 0-8 pontos em 36".9  
 3o. — Cap. Ferreira de Lima montando "Lady Mary" com 4 pontos em 69".2

**PROVA — REGIÃO MILITAR DE LISBOA**

- Destinada a cavalos de 1a. categoria, tab. C (caça) alt. 1.30m. Concorreram 8 conjuntos.  
 1o. — Ten. Cor. Marques Pereira montando "Dioliba" em 102".4  
 2o. — Maj. Neves Veloso montando "Mandarim" em 120".5  
 3o. — Ten. Cor. M. Cabedo montando "Napalm" em 123".2

**PROVA — REGIMENTO DE CAVALARIA DE ESTREMOZ**

- Destinada a alunos do Colégio Militar, tab. C (caça), alt. 0,90 m. Concorreram 6 conjuntos.  
 1o. — Luís Marinho Falcão montando "Risque Tout" com 0 pontos em 2' 46".0  
 2o. — Luís Pinto Guedes montando "Lacre I" com 0 pontos em 3' 02".6  
 3o. — Jorge Costa Santos montando "Igur II" com 0 pontos em 3' 03".0

**PROVA — COLÉGIO MILITAR**

- Destinada a alunos do Colégio Militar, tab. C (caça), alt. 1. 10m. Concorreram 7 conjuntos.  
 1o. — Miguel M. Falcão montando "Impala" com 0 pontos em 2' 32".4  
 2o. — Nuno Pinheiro da Silva montando "Obreira" com 0 pontos em 2' 23".4.  
 3o. — Luís Marinho Falcão "Lotus" com 0 pontos em 2' 35".7

**PROVA — ACADEMIA MILITAR**

- Destinada a alunos da Academia Militar, tab. C (caça), alt. Concorreram 6 conjuntos.  
 1o. — Cad. Magalhães montando "Fiel" em 63".7  
 2o. — Cad. Silva Couto montando "Novato" em 66".1  
 3o. — Cad. Gomes Ribeiro montando "Líria" em 69".5

**PROVA — DIRECÇÃO DA ARMA DE ENGENHARIA**

- Destinada a Tirocinantes, tab. C (caça), alt. 1.0 m. Concorreram 6 conjuntos.  
 1o. — Alf. Paula Santos montando "Mister Elvas" em 56".5  
 2o. — Alf. Vila de Brito montando "Índio" em 61".1  
 3o. — Alf. Cruz Azevedo montando "Roaz" em 67".6

**PROVA — ESCOLA PRÁTICA DE ENGENHARIA**

- Destinada a cavalos de 3a. categoria, tab. C (caça), alt. 1.20m. Concorreram 42 conjuntos.  
 1o. — Cap. Pimenta da Gama montando "Ibis" em 76".2  
 2o. — Maj. Diogo Themudo montando "Oda-

- lisa" 77".0  
 3o. — Ten. Cor. Paiva Morão montando "Mon Present" 79".6

**PROVA — CHEFIA DO SERVIÇO DE MATERIAL DE INSTRUÇÃO**

- Destinada a cavalos de 2a. categoria, tab. C (caça), alt. 1.30m. Concorreram 14 conjuntos.  
 1o. — Maj. Mendonça Frazão montando "Nipónica" em 85".9  
 2o. — Cap. Ferreira de Lima montando "Ly Mary" em 90".0  
 3o. — Cap. Leite Rodrigues montando "Moon Light" 93".3

**PROVA — ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO**

- Destinada a cavalos de 1a. categoria, tab. A s/ cronómetro. Barrage. Concorreram 6 conjuntos.  
 1o. — Ten. Cor. M. Cabedo montando "Napalm" com 5 pontos em 60".5  
 2o. — Ten. Cor. Marques Pereira montando "Dioliba" com 12 pontos em 54".2  
 3o. — Maj. Neves Veloso montando "Mandarim" com 16 pontos em 45".4

**PROVA DE ENSINO CORONEL RODES SÉRGIO**

- Aberta a todos os cavaleiros montando cavalos debutantes em Ensino. Esquema da Prova de Ensino no. 3 da FEP. Concorreram 38 conjuntos.  
 1o. — Maj. Lourenço Thomaz montando "Rapsódia" com 155,66 pontos  
 2o. — Asp. Filipe Figueiredo montando "Sino da Torre" 14 pontos  
 3o. — Ten. Cor. A. Pombeiro montando "Jasmim" com 133,66 pontos  
 A esta prova concorreram também cavaleiros civis cuja classificação se indica:  
 1o. — Sra. Sherrill Plat montando "Natacha" com 112 pontos  
 2o. — Sra. Heid Ragocsy montando "Liffe-Prince" com 109,33 pontos  
 3o. — Sra. Diana Pauling montando "Ribot" com 94 pontos

**PROVA DE ENSINO CORONEL FERNANDO PAES**

- Esquema da Prova de Ensino no. 3 da FEP. Concorreram 35 conjuntos.  
 1o. — Ten. Cor. Moura dos Santos montando

- "Mon Prince" com 191,66 pontos  
 2o. — Maj. Lourenço Thomaz montando "Prophecy Of Love" com 189,33 pontos  
 3o. — Cap. Martins Abrantes montando "Quintus" com 183 pontos

**PROVA — TEN. COR. FRANCISCO VALADAS (S. GEORGE)**

- Esquema do Prémio S. George. Concorreram 8 conjuntos.  
 1o. — Cap. Martins Abrantes montando "Oriental" com 264,66 pontos  
 2o. — Asp. Filipe Figueiredo montando "Nirick Prince" com 230,66 pontos  
 3o. — Cap. Miguel Távora montando "Nuel" com 212,33 pontos.

**CONCURSO COMPLETO DE EQUITAÇÃO**

Prova realizada em 3 dias sucessivos, constando de provas de ensino, de campo e de saltos de obstáculos, realizada em duas séries uma para cavalos concursados e outra para cavalos debutantes.

**CLASSIFICAÇÃO DA 1a. SÉRIE (CAVALOS CONCURSADOS)**

- 1o. — Maj. Carvalhais montando "Daphnis"  
 2o. — Ten. Costa e Silva montando "Orpheon"  
 3o. — Ten. Bernardo Mendes montando "Plebe"

**CLASSIFICAÇÃO DA 2a. SÉRIE (CAVALOS DEBUTANTES)**

- 1o. — Ten. Cor. Pombeiro montando "Brandy"  
 2o. — Ten. Banazol montando "Quibanda"  
 3o. — Ten. Maia Henriques montando "Mister Elvas"

Com a realização do Concurso Completo de Equitação encerrou a Semana Equestre Militar de Mafra, a que presidiu o Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército General Duarte Silva, e a que assistiram também entre outras entidades, o Director do Serviço de Educação Física, Brigadeiro Almeida Bruno, o Comandante da Academia Militar, General Alves Morgado, e o Director da Arma de Cavalaria, Brigadeiro Cavalheiro.



# PEDRAS ESCANDINAVAS DA IDADE DO FERRO

Coord. de PEDRO DE QUENTAL



Os povos escandinavos genericamente designados por Vikings (nome que durante largos séculos simbolizou para as populações ribeirinhas Euro-Atlânticas, e Euro e Afro-Mediterrânicas, terror, sangue, pilhagem escravidão ou morte), foram para além de grandes navegadores, ferozes guerreiros, comerciantes e intemeratos aventureiros, esplêndidos artistas de rara sensibilidade.

As belas pedras que nestas páginas vos mostramos, quer simplesmente gravadas quer gravadas e pintadas são fora de qualquer dúvida notáveis exemplares duma arte diferente, em que para além de sugestão dos temas místicos, mítico-narrativos, comemorativos ou apenas narrativos, transparece um sentido de movimento, de cuidada composição, à base de figuras humanas, sacras ou mitológicas, de figuras animais, de ornatos e de caracteres rúnicos que se impõem à nossa admiração.

Cada uma dessas pedras como que nos conta uma história evocando um homem, a sua vida e a sua morte, glorificando um deus, uma superstição ou perpetuando um facto.

Ora se trata da lenda de Ligor, da evocação de Odin o deus da guerra cavalgando a sua mitológica montada de oito patas, rumo ao Walhalla onde Friga de cabelos entrelaçados lhe estende solícita a taça das boas vindas.

Ora nos falam da construção da ponte de GUNVOR louvando TYDRIK filha de Astrid como a mais bela moça de HADELAND, ora nos mostra combates à espada, combates entre animais, homens empunhando armas sacrificais, walquirias,



10 — Pedra com o menino Jesus. (Esta pedra é conhecida por Dynna) Nela estão gravadas a estrela e os magos. Perpendicularmente pode ver-se a gruta de Bethlem onde figura a Virgem e dois dos reis magos. Em sentido inverso um cavalo. No verso da pedra uma inscrição rúnica que evoca a construção da ponte de Gunvor e louva Tydrik, filha de Astrid — a mais bela filha de Hadeland.  
(NORDRE DYNNA/HADELAND. Cerca de 1.100 anos depois de Cristo. Altura 77 cm.)



Reis Magos e a gruta de Belém.

É importante como documento artístico de inspiração a pedra erguida pelo rei Harald em homenagem a seu pai GORM, em que Cristo figura pregado numa cruz estilizada, e está considerada como a mais antiga imagem cristã originária da Dinamarca. Todas as figuras representadas nestas pedras têm um significado específico.

Assim os navios, por exemplo, significam que a morte daquele a quem a pedra é dedicada ocorreu durante uma longa travessia; uma expedição guerreira ou uma aventurosa viagem em busca de novas terras.

Os demónios e outras figuras deste tipo deverão emprestar à pedra poderes sobrenaturais que perdurarão para além dos tempos.

Há os caracteres rúnicos gravados nas pedras claras, indicações que nos permitem avaliar até que ponto eram supersticiosos aqueles que as mandaram gravar. O grupo das grandes pedras entalhadas e pintadas de Gotland é particularmente importante.

Uma delas, a pedra de LILLBJARS (que reproduzimos) tem representado um grande cavaleiro, sem dúvida o morto a quem ela foi dedicada, cavalgando para o Walhala.

É uma pintura primorosa, na qual o movimento do cavalo é particularmente vigoroso.

Muito, mas mesmo muito haveria que dizer sobre a arte Wiking de que à maneira de aperitivo trazemos aqui uma pequena amostra, dela assim como de outras manifestações artísticas de vários povos trataremos em próximos números circunstanciadamente, procurando sobretudo por-vos em contacto com os seus aspectos mais curiosos, já que de todo em todo se torna impossível no limitado espaço de que dispomos para além da superficialidade.



## LEGENDAS

1

— Cristo sobre cruz estilizada em nós de vida. Esta pedra é considerada a primeira imagem cristã originária da Dinamarca. Ela foi erguida pelo rei Harald em homenagem a seu pai Gorm. (JELLING/JULTAND. 1000 anos depois de Cristo).

2

— Navio, pássaros aquáticos (cisnes) e ornatos. Os pássaros aquáticos passeiam perto dos navegadores (simbolizam mensageiros dos deuses) (RIKVIDE — NAR/GOTLAND: Altura 61 cm.).

3

— Navio com velas formando um entrelaçado sem fim. As vagas são figuradas por uma serpente entrelaçada. O Cervideo (Alce) representa sem dúvida um antepassado ou o nome do morto a quem esta pedra tumular foi dedicada. (ENDRE/SKOG/GOTLAND. Altura 52 cm.).

4

— Animais Mitológicos como ornato principal. Enquadramento de caracteres rúnicos e arabescos (RESMO/OLAND. Altura 70 cm. (Fragmento)).

5

— Odin cavalgando, no Walhalla, sobre o seu cavalo de 8 patas. Na parte inferior um drakkar e parte da lenda de Sigor (TUANGVIDE/GOTLAND. Cerca de 700 anos depois de Cristo).

6

— Odin cavalgando para o Walhalla. Friga com os cabelos entrelaçados estende-lhe a taça de boas vindas. Inscrição rúnica e grande navio de combate com equipagem armada. No alto à esquerda o Walhalla. (TANGELGARD/LABRO/GOTLAND. Cerca de 700 anos depois de Cristo).

7

— Cavaleiro com um escudo (no qual se distingue um turbilhão — motivo solar). Diante dele uma mulher, possivelmente uma Walquiria, com uma taça. A espuma das vagas por baixo do navio é estilizada formando nós. As linhas da pedra fazem lembrar estilizações humanas de cerâmicas anteriores.

LILLBJARS/GOTLAND. Altura 86 cm.)

8

— Gravura — Navio e vagas. (TANGELGARD, LABRA/GOTLAND, cerca de 700 anos P.C. Altura 95 cm),

9

— Cavaleiro armado (LILLBJARS/GOTLAND. Altura 77 cm.)

— Combate à espada. Navio de Guerra. Ornamentos nodulares. (SMISS/NAR/GOTLAND. Altura 1,25m.)

# NORTHAG

## FRENTE DE DEFESA DO MUNDO LIVRE

Coord. do Cap. JOSÉ M. DINIZ

O presente trabalho é uma tradução e adaptação de um outro da autoria de K. Van de Kerkhove, publicado na revista "VOX" no. 4 de 31 JAN 80, editada pelo Ministério da defesa de Bélgica. A justificar o que é o NORTHAG (Northern Army Group-Grupo de Exércitos do Norte), de que fazem parte algumas grandes Unidades belgas. Contudo, por nos parecer de maior interesse para os nossos leitores, demos maior relevo à parte em que aquele articulista descreve a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN/NATO).

### DE ACHADO ARQUEOLÓGICO A DISTINTIVO DO NORTHAG

Em 451 (d.C.), travou-se uma encarniçada batalha nos planaltos catalães, em que esteve em jogo o domínio da Europa Ocidental. O Exército ocidental dos Hunos, sob o comando do temível Átila, foi detido na sua marcha em Châlons-sur-Marne pelas forças aliadas do General romano Aécio.

Só por si, este feito histórico parece totalmente alheio à construção do Quartel-General do NORTHAG. Porém, ao efectuarem-se os trabalhos de escavação para a implantação das fundações do edifício, em Mönchengladbach, na Alemanha, foi encontrada uma frâncica, arma célebre em forma de machado usada pelos Francos. Viu-se neste achado arqueológico o símbolo adequado aos princípios e objectivos do

Northag, como força de defesa da Europa Ocidental contra qualquer agressão do bloco de Leste. Sem dúvida que não podia conceber-se melhor emblema que esta arma franca.

### MAS O QUE É O NORTHAG?

Dependendo directamente do Comando Aliado do Centro da Europa, (Figura 3), este Grupo de Exércitos constitui uma força bem armada e equipada, contando com 200.000 homens em tempo de paz e de meio milhão em tempo de guerra. É formado por quatro Corpos de Exército, um de cada das nacionalidades que o integram: Bélgica, Reino Unido, Alemanha e Holanda. Tem como tarefa fundamental preparar-se na paz para combater, em conjugação de esforços, em caso de guerra, na defesa da área da NATO que lhe está atribuída. Essa área

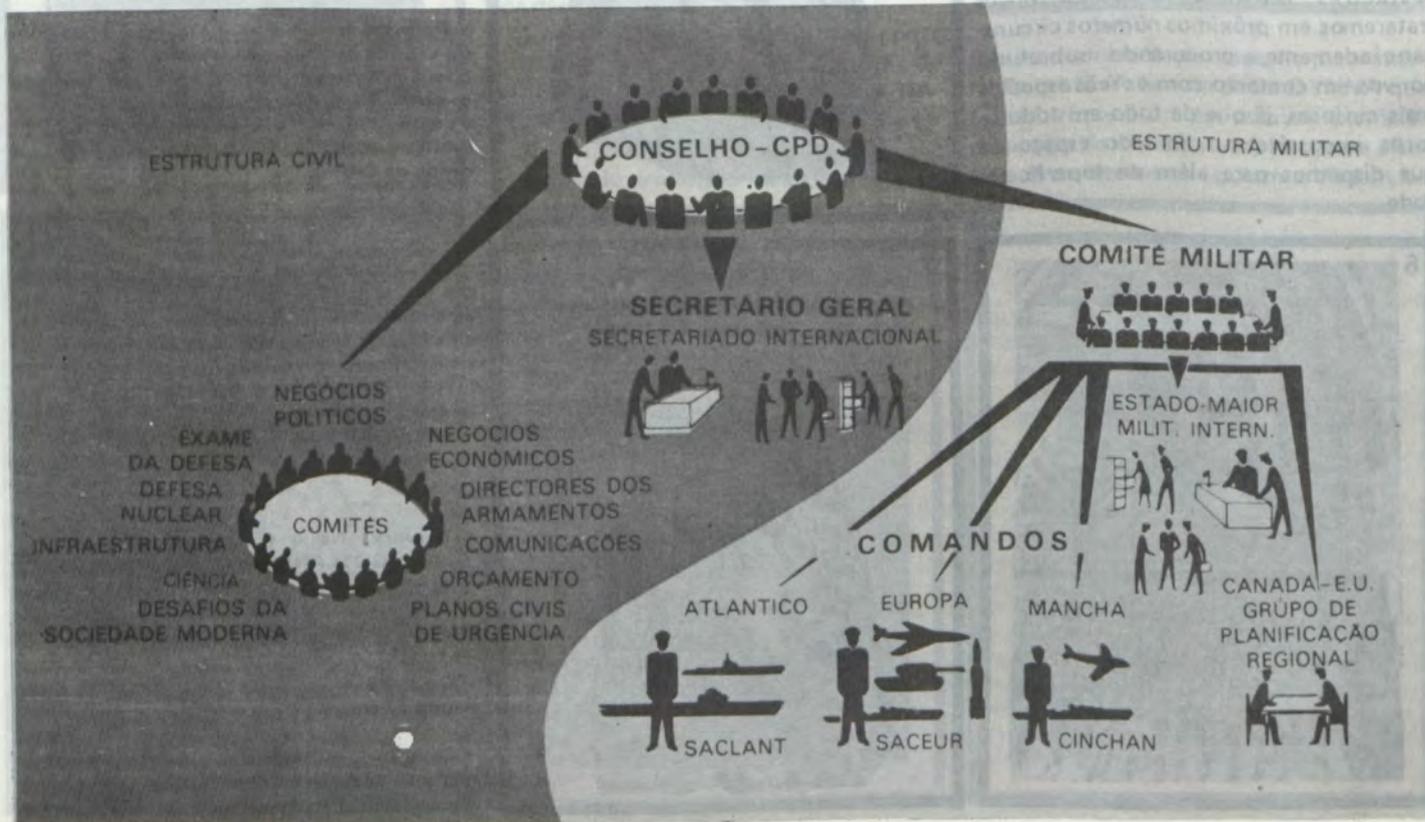
engloba a metade norte da República Federal da Alemanha, à excepção de Schleswig-Holstein.

O 1o. Corpo Belga compreende dois Estados-maiores de Divisão e seis Brigadas. Destas, quatro são efectivas, sendo uma Brigada Blindada e três Brigadas de Infantaria Mecanizada. As duas restantes estão em reserva. Os efectivos em tempo de paz são da ordem dos 30.000 homens, dos quais mais de metade são militares de carreira. Os Oficiais e Sargentos são na sua maioria militares do Quadro Permanente. Os Milicianos do Corpo estão a ser progressivamente substituídos por voluntários de carreira.

O 1o. Corpo Britânico faz parte do Exército britânico do Reno, constituído apenas por militares dos Quadros Permanentes. Em tempo de paz, o efectivo do Corpo é de cerca de 45.000 homens, três ou quatro mil dos quais são recrutados na Irlanda do Norte. Além disso vêm



FIGURA 1



todos os anos do Reino Unido 20.000 militares do activo e da reserva para um período de treino operacional. O Corpo está articulado em quatro Divisões Blindadas e uma Divisão de Artilharia.

O 1o. Corpo Alemão é constituído por três Divisões de Infantaria Mecanizada e uma Divisão Blindada. Com as tropas de apoio do Corpo, os seus efectivos em tempo de paz atingem os 86.000, homens de que 48% são militares do activo. Os restantes são do recrutamento obrigatório e cumprem 15 meses de serviço.

O 1o. Corpo Holandês é composto por três Divisões: a 1a. Divisão "7 de Dezembro", a 4a. Divisão e a 5a. Divisão. Esta última está em reserva. Uma Brigada da 4a. Divisão encontra-se estacionada na Alemanha, em Seedorf; as restantes Unidades das duas Divisões do Corpo, em plena operacionalidade, encontram-se nos Países Baixos. O efectivo do Corpo em tempo de paz é de cerca de 40.000 homens. Os Oficiais e Sargentos mais antigos são do Quadro Permanente. Os Graduados dos postos subalternos

são Milicianos que cumprem 16 meses de serviço. A maioria das praças é do recrutamento obrigatório e cumprem apenas 14 meses de serviço.

Estes quatro Corpos de Exército, em tempo de paz, permanecem sob o Comando Nacional, estando todavia atribuídos à NATO. Em caso de guerra, passam para o controlo operacional do Comando do Grupo de Exércitos do Norte (NORTHAG).

# ORGANIZAÇÃO CIVIL E MILITAR DA NATO

Os princípios e objectivos da Aliança Atlântica estão claramente definidos no Tratado do Atlântico Norte de 1949. Para a sua execução os Aliados criaram um instrumento: a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN/NATO). Esta organização está ao serviço dos governos membros e empreende todas as tarefas — políticas, militares, económicas e científicas — que estes governos acordam atribuir-lhe.

## O CONSELHO DO ATLÂNTICO NORTE

Constituído pelos representantes permanentes dos quinze países membros da Aliança, o Conselho do Atlântico Norte é o órgão supremo da NATO. É o centro onde se desenrola uma vasta gama de consultas políticas entre os aliados. As questões de defesa são tratadas pelo Comité de Planeamento da Defesa (CPD), que agrupa os representantes dos países que participam no sistema de defesa integrada da NATO. Todas as decisões do Conselho/CPD são expressão da vontade colectiva dos governos e são tomadas de comum acordo.

## O SECRETÁRIO GERAL E O SECRETARIADO INTERNACIONAL

O Secretário Geral da NATO preside ao Conselho/CPD, sendo também ele quem superiormente dirige o Secretariado Internacional, cujo pessoal é originário de todos os países membros.

## OS COMITÉS DO CONSELHO

Para o auxiliar nas suas tarefas, o Conselho criou diversos Comitês, sendo os mais importantes indicados no diagrama da Figura 1. Estes Comitês e Grupos de Trabalho são constituídos por representantes dos países membros e têm a seu cargo o estudo dos problemas que lhes são postos pelo Conselho, para cuja solução apresentam as respectivas propostas.

## A ESTRUTURA MILITAR DA NATO O COMITÉ MILITAR E OS DIVERSOS COMANDOS

O Comité Militar (Figura 2) é a mais elevada autoridade militar da Aliança. Recai sobre si a responsabilidade da elaboração de recomendações ao Conselho e ao Comité de Planeamento da Defesa sobre assuntos militares e da transmissão de directivas aos principais Comandos Aliados e às Autoridades Militares subordinadas. É constituído pelos Chefes dos Estados-Maiores-Generais dos países membros, à excepção da França. A Islândia, não possuindo Forças Armadas, pode ser representada por um civil.

## O ESTADO-MAIOR INTERNACIONAL

O Comité Militar é apoiado por um Estado-Maior Internacional Integrado, tendo à sua frente um Director, Oficial-General de uma das nações membros. Este Director é assistido por um Vice-Director, especialmente encarregado

das questões nucleares, por cinco Directores Adjuntos, todos Oficiais-Generais, e pelo Secretário do Estado-Maior Internacional. Os cinco Directores Adjuntos são responsáveis pelos departamentos de Informações, dos Planos, das Operações, da Instrução e Organização, da Logística, Comunicações e Electrónica. Na sua qualidade de órgão executivo do Comité Militar, o Estado-Maior Internacional tem por missão supervisionar a execução das directivas e decisões do Comité Militar. Compete-lhe também a preparação dos planos e estudos necessários e a elaboração de recomendações sobre todos os assuntos de natureza militar.

## OS COMANDOS DA NATO

O espaço estratégico abrangido pelo Tratado do Atlântico Norte, está dividido, tendo em conta factores geográficos e políticos por três grandes Comandos: o Comando Aliado da Europa (SACEUR), o Comando Aliado do Atlântico (SACLANT) e o Comando Aliado da Mancha (CINCHAN). Para a América do Norte foi criado o grupo Estratégico Regional Estados Unidos-Canadá (CUSRPG). A natureza da autoridade exercida por estes diferentes Comandos varia em função de determinados factores e situações encarados em tempo de paz ou em tempo de guerra.

As forças de que dispõem os estados membros delas estão, em tempo de paz, sob o Comando Nacional, mas algumas delas estão atribuídas em permanência aos Comandos da NATO; outras estão reservadas para uma possível atribuição a estes Comandos. Outras ainda não são objecto de qualquer dependência. A nossa 1a. Brigada Mista Independente, en-

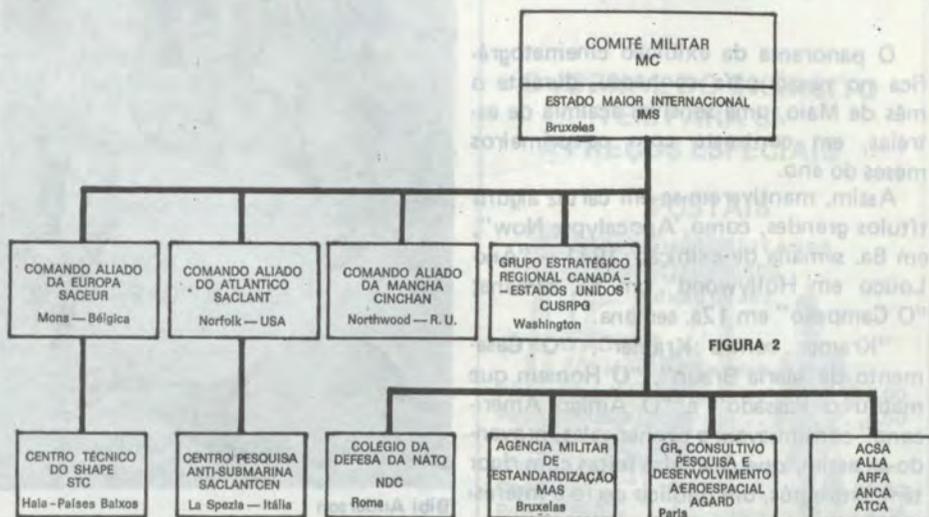
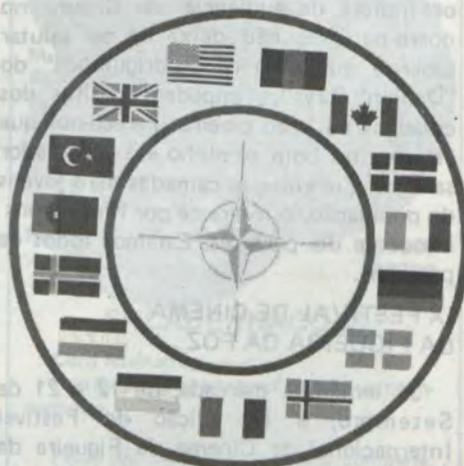


FIGURA 2

ACSA — Departamento para a segurança das Transmissões (Bruxelas)  
 ALLA — Departamento de Transmissões a Grande Distância (Bruxelas)  
 ARFA — Departamento de Frequências Rádio (Bruxelas)  
 ANCA — Departamento de Transmissões Navais (Londres)  
 ATCA — Departamento de Transmissões Táticas (Bruxelas)

contra-se na segunda situação, isto é, força reservada para atribuição à NATO (earmarked).



NO PRÓXIMO NÚMERO:

SACEUR  
 SACLANT  
 E  
 CHINCHAN

# CINEMA

Por MARIA LEONOR PIRES

## O PÚBLICO MANTÉM INTERESSE PELA SÉTIMA ARTE

O panorama da exibição cinematográfica no nosso país conheceu, durante o mês de Maio, uma sensível acalmia de estreias, em contraste com os primeiros meses do ano.

Assim, mantiveram-se em cartaz alguns títulos grandes, como "Apocalypse Now", em 6a. semana de exibição; "1941 — "Ano Louco em Hollywood" em 5a. semana; "O Campeão" em 12a. semana.

"Kramer contra Kramer", "O Casamento de Maria Braun", "O Homem que matou o Passado" e "O Amigo Americano" continuavam a encher salas, provando-se assim, que películas feitas com rigor têm, entre nós, um público certo e interessado.

De facto, talvez seja importante aqui assinalar que, obstante o custo actual dos bilhetes de cinema — uma média de oitenta escudos — nem por isso as pessoas deixaram de se interessar pela 7a. Arte. A qualidade de algumas películas em exibição, em contraste flagrante com a mediocridade da programação televisiva, tem contribuído, sem dúvida, para manter os índices de audiência do Cinema no nosso país. E não deixa de ser salutar saber-se que nem os "rodriguinhos" do "Dancin' Days", impedem muitos dos cidadãos de ir ao cinema. Parece-nos que estamos no bom caminho e é consolador saber-se que entre as camadas mais jovens da população, o interesse por filmes bons cresce de dia para dia. Estamos todos de parabéns.

## IX FESTIVAL DE CINEMA DA FIGUEIRA DA FOZ

Já tem data marcada, de 12 a 21 de Setembro, a IX edição do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz. Para além das secções já habituais, (filme de ficção, imagens e documentos), o certame contará, este ano, com uma retrospectiva do Cinema Espanhol. Serão exibidas cerca de vinte películas de realizadores espanhóis, estando já assegurados os seguintes filmes: "F.E.M.", de António Fernandez; "A verdade sobre o caso Savolta", de António Drove; "Os Criados Fiéis", de Francisco Betriú; e "O Processo de Burgos", de Imanoel Uribe. Está ainda assegurada a retrospectiva da



Bibi Anderson

obra do cineasta alemão F. W. Murnau.

## BIBI ANDERSON ENTRE OS MAIORES

Revelada como actriz internacional por Ingmar Bergman, em "Sorrisos de uma Noite de Verão", em 1955 (já lá vai um quarto de século), Bibi Anderson trabalhou em anos seguidos como a "estrela" favorita do mestre sueco. Vimo-la em "O Sétimo Céu", "Morangos Silvestres", "O Rosto", "O Olho do Diabo" e "Persona".

Actualmente, com 45 anos, Bibi Anderson figura, numa eleição promovida em França, na lista das dez maiores atrizes da nossa época.

Mãe de uma rapariga chamada Jeny, que conta agora dez anos, a actriz encontrou o grande amor da sua vida na figura de Sérgio Golbi, durante as filmagens de "A Rival".

## NEWMAN: ESSE DESCONHECIDO...

Houve quem o comparasse a um Marlon Brando de segunda, devido a uma certa forma de armar em bom, este homem de 55 anos, que causa pasmo nos corações simples das adolescentes de todo o mundo. Chama-se Paul Newman e tem actualmente cinquenta e cinco anos.

Seja pela sua aparência desportiva, pelo seu ar de homem tranquilo, pela limpidez do olhar azul ou pela tez queimada de Sol, numa cabeça já esbranquiçada, Paul Newman continua a ser o "ai Jesus" de

milhões de mulheres.

Casado com Joanne Woodward, desde 1957, e pai de três filhas, isso não impede que as jovens (e também as mais velhas...) chorem quando o vêem na tela.

Mas a vida de Paul Newman nem sempre foi fácil. O seu primeiro casamento saldou-se por um tremendo fracasso.

Para chegar ao Cinema, foram precisos cinco anos de lutas tremendas. Só em 1954 é que a sorte mudou, quando a Warner quis um galã de novo tipo para emparceirar com Pier Angeli em "O Cálice de Prata". Nos anos 60, Paul Newman foi sendo "promovido" até junto das mais belas actrizes da sua geração e puseram-no à cabeça do cartaz de filmes de grande impacto. Entrou em "O Prémio" "Lady X", "Do Alto do Terraço", "Milionários de Filadélfia", etc.

A paixão pelo automobilismo leva-o a ir todos os anos às pista de Le Mans, onde ganha taças e fica em primeiro lugar, em várias modalidades.

No cinema, acaba por encontrar um realizador com quem se sente, finalmente, como peixe na água: George Roy Hill. Foi com Roy Hill, em "The Sting" que Newman bateu mais recordes de bilheteira.

Poucas estreias, mas muitos espectadores.



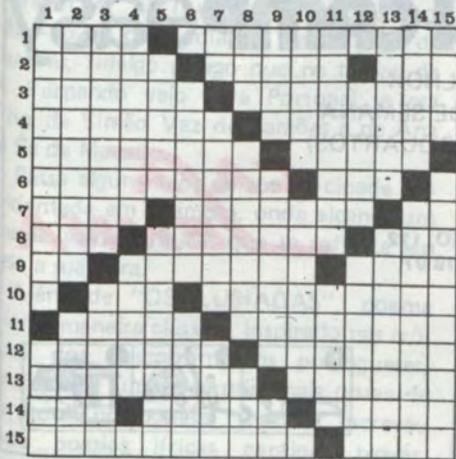
# recreio

JOPRA

CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS  
DE TEMA MILITAR  
DECIFRAÇÃO

3a. ETAPA - JUNHO/80

PROBLEMA No. 3



HORIZONTAIS

- 1 - Tecido forte de linho ou algodão; raspa. 2 - Lutas; Nome de mulher; avaria. 3 - Magnetizem; breve. 4 - Comandante; exacto. 5 - A latinizar; amimar. 6 - Dragoeiros; juízo. 7 - Paraíso; guardas; tenha. 8 - Tinham; barros; ca. 9 - Reis (Abrev.); caros; sujeito. 10 - Forma; abrires. 11 - Conta; purificadoras. 12 - Campeão; filada. 13 - Estofadora; que, ou o gato que mia muito. 14 - Saltico; tecido lustroso para vestido; respeita. 15 - Investigaras; amparo.

VERTICAIS

- 1 - Oficial superior do exército, de patente entre Coronel e General; sanar. 2 - Remelosas; apaixonada. 3 - Imanizarem; odés. 4 - Sacerdote e historiador egípcio; desvio. 5 - Ano; negociante. 6 - Mãozinhas; honre. 7 - De novo (pref.); fome (pl.); faixa. 8 - Forma; ramosos; ontem. 9 - Digam; bolsos; abrev. de *aná*. 10 - Sim; coagulem. 11 - Inclinas; desprezível. 12 - Troves; concha. 13 - Parecer; podres. 14 - Depreciar; agrimensora. 15 - Passos; albinos.

CHARADISMO  
CHARADAS SINCOPADAS

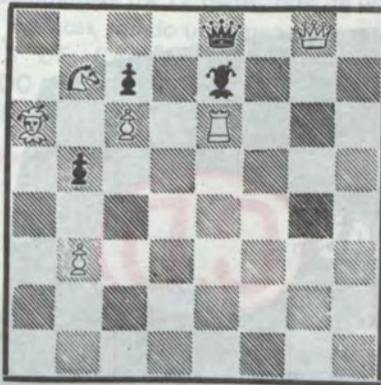
- 1 - A minha *saída* deixou-a com uma cara *cinzenta escura*. 3-2  
2 - Um *engano* fez-me errar a *adição*. 3-2  
3 - Pode fazer-se *capinação* com uma *bengala*? 3-2  
4 - Pus mais uma *soca* no *montão*. 3-2

PASSATEMPOS  
ADIVINHAS POPULARES

- 1 -  
Sou uma senhora,  
Toda assenhoritada,  
Uso anéis toda a vida,  
Estrago tudo em comer,  
Nunca encho a barriga.
- 2 -  
Qual é, qual é,  
O marco de meio mundo,  
Que tanta distância tem  
De si para o alto,  
Como de si para o fundo?

(Ver as soluções numa das páginas do Jornal)

## XADREZ



De harmonia com as condições do Regulamento deste Concurso, publicado no no. 241 do JORNAL DO EXÉRCITO de Janeiro do corrente ano, as soluções deverão ser elaboradas em conformidade com o mesmo, e remetidas a: JORNAL DO EXÉRCITO - "RECREIO" - Largo da Graça no. 94 - 1100 LISBOA, até ao dia 31 de Julho de 1980.

Para o efeito, deverá ser utilizado o cupão destacável que se insere na página 48, deste número.

## SE É COLECCIONADOR

O JORNAL DO EXÉRCITO  
TEM PARA SI  
A PREÇOS ESPECIAIS

POSTAIS

UNIFORMES MILITARES  
PORTUGUESES  
(edição de JE)

JÁ EDITADAS

8 séries de 2 postais cada  
Preço de cada série ..... 35.00  
Postais avulsos ..... 4.50

Preço especial para Assinantes e Militares:  
Cada série ..... 30.00  
Postais avulsos ..... 4.00

MEDALHAS

(Bronze)  
MÉDALHA DE:  
Vasco Núñez Gravador  
XV ANIVERSÁRIO DO JORNAL  
DO EXÉRCITO  
(Módulo: aprox. 60mm)  
Preço ..... 210.00  
Assinantes e Militares ..... 160.00

M. F. A. - 25 ABRIL 74  
(Módulo: aprox. 70mm)  
Preço ..... 210.00  
Assinantes e Militares ..... 160.00

LUÍS DE CAMÕES  
(Módulo: 70 mm.)  
Preço ..... 350\$00  
Assinantes e Militares ..... 300\$00

ENCADERNAÇÕES

Caro Assinante,  
Confie-nos a sua colecção do JE para encadernar.

Preço de cada encadernação completa, ano, c/ capa em perclina azul e gravação a dourado 160\$00.

Caso deseje apenas as capas, deve indicar os anos a que se destinem.

Preço de cada capa 100\$00

NOTA - Os preços especiais para militares são extensivos aos elementos das F. Militarizadas.

Nos pedidos de envio pelo correio os portes e encargos de cobrança são por conta dos interessados.

# PAPELARIA FERNANDES

LARGO DO RATO, 13 — RUA DO OURO, 145 — LISBOA

Oficinas de:

TIPOGRAFIA

LITOGRAFIA

ENCADERNAÇÃO

CARTONAGEM

SOBRESCRITOS

SACOS DE PAPEL

LIVROS NACIONAIS  
E ESTRANGEIROS

Secções Especializadas de:

MATERIAL PARA  
DESENHO

TOPOGRAFIA

E IMPRESSOS PARA O EXÉRCITO



COM

## COMBI-CAMPEASY

TUDO RODA MELHOR  
FÉRIAS E FINS DE SEMANA  
3 MODELOS (1 e 2 QUARTOS)

EXPOSIÇÃO  
RUA DO CRUCIFIXO, 112  
LISBOA — TEL. 37 19 97

**CASA  
JENNA**



com  
PEÚGAS

**C.D.**

quem ganha  
... é você!

**CASA BASTÃO-ALFAIATARIA, LDA.**

RUA DOS REMEDIOS, 168  
(a Santa Apolónia)  
Telef. 86 77 29 - LISBOA-2



★  
MILITAR E CIVIL

**ALFAIATARIA MILITAR**

Confecciona toda a espécie de fardamentos, condecorações, galões, divisas, emblemas, distintivos e fornece artigos Militares às Unidades, Cantinas, etc.

**ALFAIATARIA CIVIL E PRONTO  
A VESTIR PARA HOMEM, SENHORA  
E CRIANÇA**

**ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS**

Os melhores tecidos nacionais e estrangeiros, Malhas, Camisaria, Calçado, Gabardinas, Sobretudos, etc.

Trabalhos executados por pessoal altamente especializado e com a maior perfeição

# MEDALHÍSTICA

Por AFAC

## 4.º CENTENÁRIO DA MORTE DE CAMÕES

Luís Vaz de Camões, nasceu em Lisboa e pouco se sabe ao certo, acerca da sua vida tão atribulada. Nasceu em 1524-1525, descendia de Vasco Pires de Camões, fidalgo galego que no tempo de D. Fernando veio para Portugal, e era filho de Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá de Macedo.

Passa alguns anos da sua mocidade tão acidentada em Coimbra, onde alcança um grande valor cultural que se reflecte em toda a sua obra.

Além de "OS LUSÍADAS", poema épico à maneira clássica, inspirado nas crónicas dos descobrimentos portugueses, considerada uma das principais obras da literatura portuguesa, Camões escreveu ainda poesias líricas, cantigas, trovas, sonetos, etc.

Luís de Camões, essa personagem de espírito universalmente reconhecido, morre a 10 de Junho de 1580. É sem dúvida o expoente máximo da literatura portuguesa.

Por essa razão e porque uma das funções da medalhística é justamente homenagear as grandes figuras da nossa história, foi Camões eleito pelos nossos artistas como uma das inesgotáveis fontes de inspiração, quer o poema em si, quer a sua obra de que se destacam evidentemente os mortais "LUSÍADAS".

No século XIX, lindas peças comemoraram o seu terceiro centenário, e que hoje são disputadas pelos coleccionadores. Mais recentemente, ao comemorar-se o quarto centenário da publicação dos "LUSÍADAS", a medalhística assinalou a sua presença com dezenas de peças, do que veio a resultar muitos coleccionadores e fazerem das medalhas Camoneanas o seu favorito.

Em 1980, vai por certo ficar na história da medalhística nacional, pelo grande número de peças com que se irá comemorar o 4.º centenário da morte de Luís de Camões.

A atestá-lo já algumas medalhas se enham, que passamos a referir:

VIDA E POESIA DE CAMÕES por Abel Antunes. Concebida no estilo que



tornou este escultor um potentado na medalhística, é desde já uma série de assegurados êxito.

Será composta de 12 peças, oito de 90 mm. e 4 placas, saindo uma mensalmente.

LUIZ DE CAMÕES - COMEMORAÇÃO DO 4.º CENTENÁRIO DA SUA MORTE, NUMA INICIATIVA INÉDITA

DA IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA - A INCM, associando-se às comemorações vai levar a efeito uma iniciativa bastante interessante e que consiste na execução de seis medalhas, sendo cada uma de diferente autor, pelo que convidou a apresentar cada um a sua escultura. Os artistas são: António Duarte, Euclides Vaz, Gustavo Correia Bastos, Helder Baptista, José Rodrigues, Lagoa Henriques,

David Oliveira, o popular artista que aos 50 anos se devotou à medalhística, apresenta-nos em homenagem a Camões neste 4.º centenário da sua morte uma medalha de características especiais, quer pela irregularidade do seu formato, quer pelo conteúdo da medalha em si.

Da autoria de Baltazar que fez uma medalha de 90 mm., comemorativa do 4.º centenário de morte de Camões, é a reprodução que inserimos nesta página.

Poderá ser pedida directamente ao Jornal do Exército.

\*\*\*

### CAMÕES 4.º Cent. da Morte



VERSO



REVERSO

HÁ MAIS DE 45 ANOS...



A CAMISA

DO HOMEM

ELEGANTE

CONFECCOES J. R. RODRIGUEZ

S. A. R. L.

RUA DE S. LÁZARO, 1 e 9 - LISBOA

Tel. 862165/7

End. Teleg. «REGOJO»

Útil para:  
Defesa Pessoal:  
MILITARES  
G. N. R.  
P. S. P.  
G. Fiscal  
Bancos  
Guardas  
Fábricas  
Viajantes  
Cobreadores  
Motoristas  
Escritórios  
Industriais  
Comerciantes  
Proprietários  
Etc...



RIGARMI, Tipo Parabellum: 7 Tiros  
Mod. Especial totalmente em aço  
Cal. 6,35 mm — Peso: 380 grs.  
Com 2 carregadores: 14 Tiros.

(Vendem-se com licença do Comando da P. S. P.)

O Representante A. A. FERREIRA  
35, Rua Angelina Vidal N.º 35-C  
1100 LISBOA

VENDEMOS:

ARMAS DE CAÇA CAL. 12 CANOS S/ POSTOS E CANOS PARALELOS  
PISTOLAS DE DEFESA CAL. 6,35 mm e CAL. 7,65 mm — MUNIÇÕES  
REVÓLVORES DE DEFESA: CAL. 32 — CAL. 22 LR — CHARTER ARMS  
MARCAS: HARRINGTON & RICHARDSON - SMITH & WESSON, U. S. A.



PRIMEIRA CASA DAS BANDEIRAS

ANTÓNIO CARDOSO  
Sucessora

MARGARIDA CARDOSO  
DA COSTA, LDA.

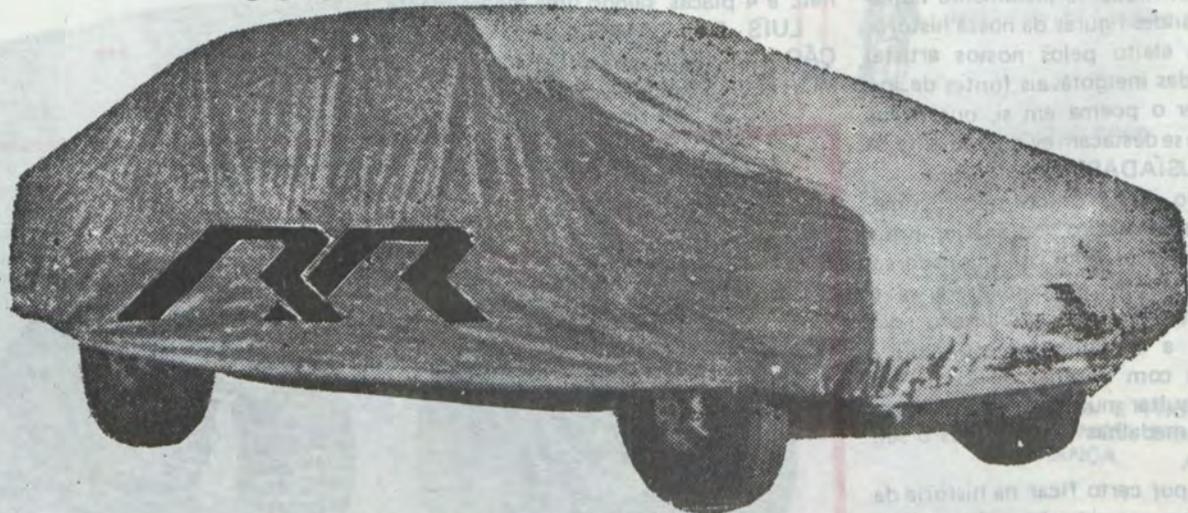
R. dos Correiros, 149/151 — Tel. 32 74 82  
LISBOA - 2 PORTUGAL

Execução rápida e perfeita de:

BANDEIRAS — ESTANDARTES — FLÂMULAS  
E GUIÕES

Emblemas esmaltados - Medalhas - Emblemas impressos  
em plástico e alumínio fotoanodizado - Varas de madeira  
e metal - Taças - Gravuras - Carimbos e gravações em  
plástico e em metal, e outros

AGORA QUE O SOL APERTA...  
DÊ AO SEU CARRO  
A MELHOR COBERTA



As Capas «RR» Para o seu automóvel dão-lhe total protecção e são fabricadas em tela plastificada por fora e cardada no interior o que as distingue.

UM EXCLUSIVO DE:

ESTABELECIMENTOS RODRIGUES & RODRIGUES, S. A. R. L. — R. Nova do Carvalho, 79

Telefone 37 22 21

Apartado 2199 — LISBOA 1200

# ACADEMIA MILITAR



UMA CARREIRA DURA E DIFÍCIL, PARA A QUAL SE EXIGE INTENSA PREPARAÇÃO FÍSICA E INTELECTUAL, ALTO SENTIDO DO DEVER E DEVOTADO PATRIOTISMO

## ACADEMIA MILITAR

A ACADEMIA MILITAR é um estabelecimento de Ensino Superior, que funciona na directa dependência do Estado-Maior do Exército, com a finalidade de formar Oficiais para os Quadros Permanentes do Exército.

A actual Academia Militar encontra as suas origens em 1641, logo a seguir à Restauração, na "Aula de Artilharia e Esquadria" criada por João IV e que funcionou no Paço da Ribeira, o local onde é hoje a Praça do Comércio.

Esta Escola transformou-se, pouco depois, na "Aula de Fortificação e Arquitectura Militar" e passou posteriormente o nome de "Academia Militar da Corte". Em 1790, esta "Academia Militar da Corte" deu lugar à "Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho" que funcionou durante 47 anos, portanto até 1837.

Foi neste ano de 1837 que Sá da Bandeira criou, simultaneamente, a "Escola Politécnica" e a "Escola do Exército", sendo aquela preparatória e esta formativa dos Oficiais do Exército.

## CURSOS MINISTRADOS

Nos termos do Regulamento da Academia Militar, é aberto concurso para admissão de alunos ao 1.º ANO GERAL e 1.º ANO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO MILITAR. O 1.º ANO GERAL dá acesso aos seguintes cursos:

- INFANTARIA
- ARTILHARIA
- CAVALARIA
- ENGENHARIA MILITAR
- TRANSMISSÕES
- SERVIÇO DE MATERIAL

A opção por cada um destes Cursos é feita no final do 1.º ano, tendo em consideração o número de vagas estabelecidas, as preferências dos alunos e o seu aproveitamento escolar.

Os Cursos têm uma duração de cinco anos (incluindo o Ano de Tirocínio), excepto o de Engenharia Militar (sete).



## GRAU ACADÉMICO DOS CURSOS

No final dos Cursos é atribuído aos alunos o Grau Académico de LICENCIADO EM CIÊNCIAS MILITARES.

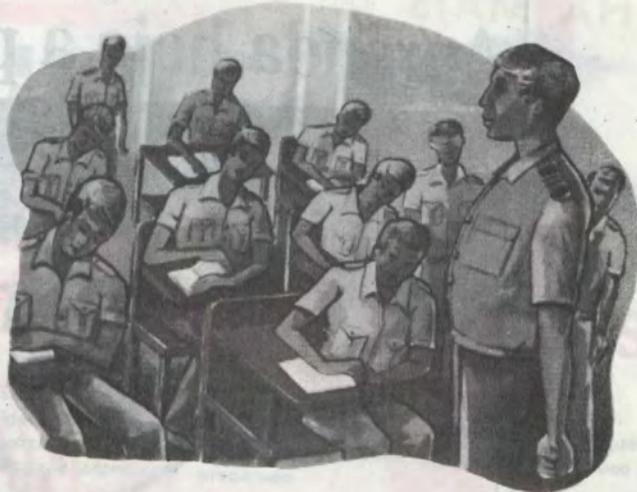
## PRAZOS DE ENTREGA DOS DOCUMENTOS

Candidatos civis:

De 9 de Junho a 4 de Julho, na Academia Militar.

Candidatos militares:

De 9 de Junho a 16 de Junho, nas respectivas Unidades.



## CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

CANDIDATOS CIVIS	CANDIDATOS MILITARES
Ser cidadão português originário com pelo menos um dos progenitores cidadão português originário ou por naturalização.	
Ter bom comportamento moral e civil.	
Ter as seguintes habilitações:	
<b>1.º Ano Geral</b> Aprovação obtida no Curso Complementar do Ensino Secundário ou curso equivalente que inclua no seu elenco necessariamente as disciplinas de MATEMÁTICA e de FÍSICO-QUÍMICA. (a)	
<b>1.º Ano do Curso de Administração Militar</b> Aprovação obtida no Curso Complementar do Ensino Secundário ou curso equivalente que inclua no seu elenco necessariamente as disciplinas de MATEMÁTICA e de GEOGRAFIA.	
Ter pelo menos, 1,62 metros de altura	
Ser solteiro	
Não completar 21 anos no ano civil do concurso (1)	Ter idade não superior a 27 anos no ano civil do concurso
-	Ter revelado destacadas qualidades e haver merecido boas informações dos seus chefes
-	Ter no mínimo um ano de serviço já cumprido à data de abertura do concurso
-	Ser autorizado a concorrer pelo chefe de Estado-Maior do Exército

(1) Para os candidatos que tenham a frequência do Ano Propedéutico é aumentado de um ano o limite de idade indicado.

(a) - No presente ano podem concorrer candidatos habilitados com o 11.º Ano de Escolaridade.



## PARA OUTROS ESCLARECIMENTOS

Os candidatos podem dirigir-se à Academia Militar - Direcção de Instrução - Departamento de Administração Escolar - Paço da Rainha - 1100 Lisboa - Telefones 563991/2/3/4/5/6 - Ext. 31, ou a qualquer Unidade, Estabelecimento ou Departamento Militar do Continente e Ilhas.

# Aprenda hoje a profissão do futuro!



Você pode agora converter-se num verdadeiro técnico de electrónica graças aos cursos que o Centro de Instrução Técnica elaborou para si: **Electrónica, Rádio e TV e Transistores**. Conheça os nossos cursos e decida-se por um deles.

Estudando nos momentos livres, muito economicamente e beneficiando da excelente assistência pedagógica que lhe oferecemos, em pouco tempo você verá melhorado o seu nível social e económico, além da satisfação que sente em desempenhar aquela actividade aliciante e lucrativa que sempre ambicionou.

Outros cursos CIT: **Desenho de Máquinas • Desenho de Construção • Programação Cobol • Contabilidade • Organização Administrativa de Empresas • Inglês • Francês • Cultura Geral • Corte e Confeção**.

**Informe-se. Preencha, destaque e envie-nos o cupão por carta ou colado num simples postal. Mas faça-o ainda hoje!**

**CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA**  
ENSINO TÉCNICO À DISTÂNCIA

R. D. ESTEFÂNIA, 32  
1066 LISBOA CODEX

Grátis e sem compromisso enviem-me informação completa sobre o curso que indico

CURSO \_\_\_\_\_

NOME \_\_\_\_\_

END. EMPREGO \_\_\_\_\_

MORADA \_\_\_\_\_

LOCALIDADE \_\_\_\_\_

A preencher pelos nossos serviços. ▶

			1								1	3	5	4	3
--	--	--	---	--	--	--	--	--	--	--	---	---	---	---	---



# MODELISMO



## MAQUETAS CÉNICAS DE PEQUENAS DIMENSÕES

Poder-se-á chamar-se-lhes "diagramas de mesa", se bem que não se possa falar, propriamente, de dioramas. Tratar-se-á, antes, da representação simples (não direi simplista) de um tipo interessante em si próprio, isto é, de preponderância no cenário a uma escala que não deverá ultrapassar muito o 1/72.

Uma espécie de quadrinho a três dimensões que o olhar abraça de um só golpe, mas onde, todavia, a vista pode errar, se se demorar à procura do pormenor ou da perfeição.

Este género de trabalho não comporta, a meu ver, senão vantagens. É de execução relativamente rápida, pouco dispendiosa e não ocupa grande espaço, mas é, contudo, susceptível de ser muito aprofundado e podendo integrar-se, muito facilmente, como elemento decorativo.

\*\*\*

### A ESCOLHA DO TEMA

Para este primeiro exemplo, partirei de um postulado quase elementar. Uma maqueta única rodeada de alguns personagens dispostos num plano horizontal, sem o menor relevo; na circunstância, um aparelho aeronaval, na ponte de um porta-aviões da Marinha dos E.U.A.

A escolha do modelo, à escala que for escolhida (no caso, 1/72), não oferece nenhuma dificuldade, dado que os fabricantes, quer seja a Airfix, a Frog, a Matchbox ou a Revell, proporcionam-nos tudo o que possamos desejar relativamente a aviões.

Quanto às figuras, os últimos trabalhos (sensacionais) da Airfix, na gama das tripulações e das equipagens de terra, resolvem o problema (se se tratar de apresentar um avião da Luftwaffe, será preciso utilizar os figurinos "Preiser" que são, sem dúvida, verdadeiras maravilhas...)

Para mudar um pouco das eternas cenas bélicas (...) fixo-me num muito belo Douglas "Devastator" da "Airfix", em "libré" ainda pacífica nos anos 1939/41: prata, amarelo e vermelho vivo. De asas recuadas sofre algumas reparações antes de voar. O torpedo (com o seu cone de exercício) está já preso ao seu lenç, o que não é correcto. Mas não pude resistir ao prazer de instalar este longo charuto brilhante...

### A BASE E O SOCO

O tamanho da maqueta é, com a vista, o único guia para o do soco. Nem muito pequeno nem muito vasto. Isto é imperativo e vale para todas as realizações qualquer que seja a sua importância ou a sua escala.

O soco deve ser extremamente cuidado: é o bilhão do futuro quadro. Deverá dar uma impressão de estrita nitidez, o que exclui a improvisação e o trabalho "à pressa". A bem dizer, a espessura do soco, o seu material, a sua montagem não deverão ser procurados senão na realização da maqueta e sua implantação

a fim de que perfeitamente harmonizados com o seu carácter específico e a "ideia" que se quer pôr em relevo. Isto é muito possível se se dispuser a maqueta e os respectivos acessórios

lhor que o verniz plástico.

Em ambos os casos, colar a base da maqueta ligeiramente recolhida na moldura ou no soco já preparado.



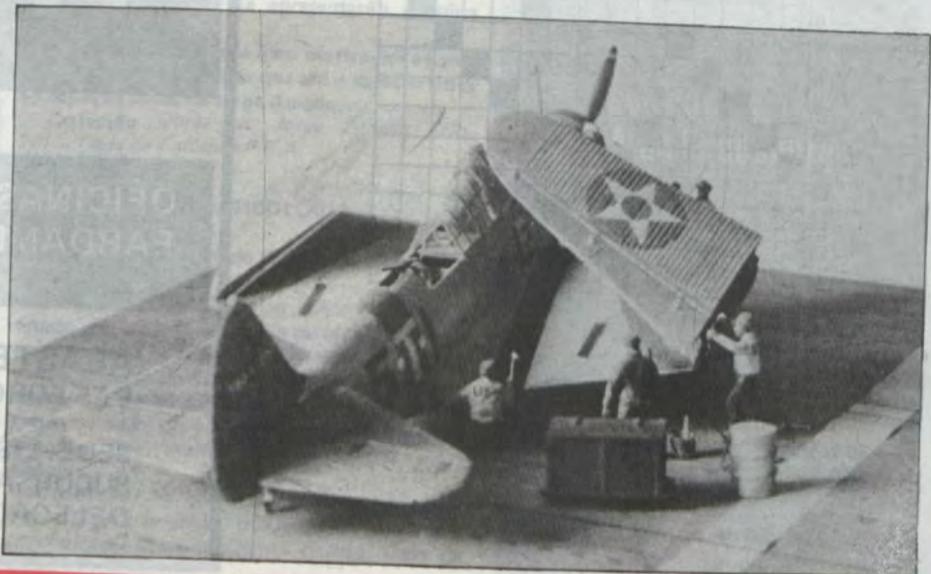
numa pequena placa de base, que será a seguir, fixada ao soco conveniente. Na prática, há duas soluções principais: o soco maciço recortado de um contraplacado ou de ripa com espessura conveniente em que os "bordos" serão cuidadosamente chanfrados à grossa, revestidos de tapaporos, polidos, pintados com a tinta escolhida ou, o que é melhor, recobertos com folheado (há o autocolante) de madeira exótica. A simples moldura, menos dispendiosa, menos pesada, formada por uma vara perfilada (género moldura) em que a possibilidade de escolher é grande.

(...). Polir, envernizar com duas demãos pelo menos com verniz chamado "de quadros" me-

Obter-se-á, assim, um suporte muito útil se se desejar aplicar uma tampa-vitrina em vidro fino ou qualquer outro material transparente. Claro que tudo isto poderá parecer fastidioso, mas é, repito-o, indispensável e determinante para o resultado final.

A base, propriamente dita, sobre a qual se apoiarão, efectivamente, a maqueta, os figurinos e os acessórios, será cortada quer num contraplacado ligeiro (2 ou 3 mm de espessura) quer numa placa de cartão prensado. Os cantos desta base serão pintados com tinta ligeiramente mais clara que a do soco.

\*\*\*



# PUBLICAÇÕES

Temos recebido regularmente:  
**MILITARES**

**NACIONAIS:** Baluarte (F.A.P. - Lxa.) - Boletim do DEF (Acad. Militar - Lxa.) - Mais Alto (E.M.F.A.) - Revista da Armada (Lx.) - Revista Militar (Lx.).

**ESTRANGEIRAS** - Alemanha (R.F.): Soldat und Technick. Bélgica: Vox. Brasil: A Defesa Nacional. Estados Unidos da América: Eurarmy. França: TAM. Holanda: De Vliegende Hollander. Pretória: Paratus. Rodésia: Assegai. Romênia: Viata Militar.

**DIVERSAS**

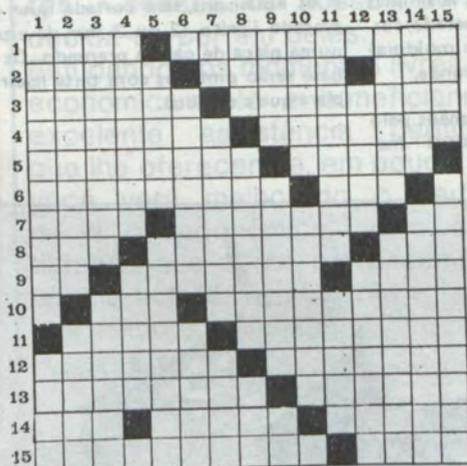
**NACIONAIS:** Badaladas (T. Vedras). O Benfica (S.L.B. - Lxa.). Boletim da Administ. Ger. do Açúcar e do Alcool (Lxa.) O Comércio de Gaia (V.N. de Gaia). Consciência Nacional (Mov. Monárq. - Porto). Correio do Ribatejo (Santarém). Correio do Sul (Faro). O Distrito de Portalegre. O Distrito de Setúbal. Ecos de Belém. Folha do Domingo (Faro). Folha de Tondela. Gazeta de Paços de Ferreira. A Guarda (Guarda). Humanidade (C.V.P. - Lx.). Jornal de Abrantes. Jornal de Barcelos. Jornal de Campo de Ourique. Jornal da Costa do Sol (Oeiras/Cascais). O Jornal de Felgueiras. Jornal do Fundão. Jornal de Queluz. Jornal de Turismo (Lx.). Notícias de Chaves. Notícias da Covilhã. Notícias de Monção. Notícias de Viana (V. do Castelo). Povo livre (P.S.D. - Lx.). A Razão (Porto). Região de Leiria. Revista da Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar (Lx.). Revista da Marinha. O Sorraia (Couché). A Voz do Alentejo (Estremoz). Voz do Povo (Lx.).

**AÇORES:** A Ilha (P. Delgada).

## RECREIO-SOLUÇÕES

XADREZ - 1 - Td1. 2 - Bd2. 3 - Ba5 ++  
CHARADISMO - 1 - Partida 2 - Sofisma 3 - Capina 4 - Rizoma  
PASSATEMPOS - ADIVINHAS POPULARES: 1 - A TESOURA  
2 - O UMBIGO

COUPON DESTACÁVEL  
CONCURSO DE PALAVRAS  
CRUZADAS DE TEMA MILITAR  
PROBLEMA No. 3  
3a. ETAPA - JUNHO/80  
SOLUÇÃO

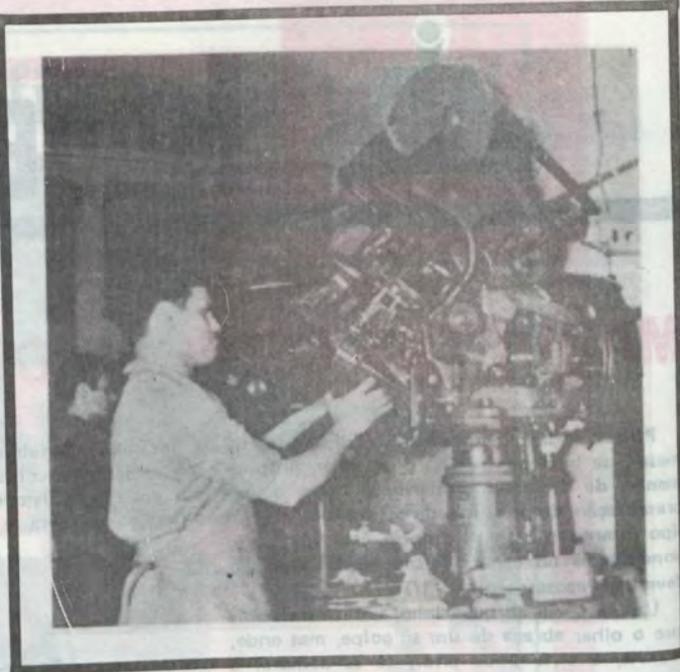


NOME DO CONCORRENTE .....

MORADA .....

ASSINANTE .. POSTO MILITAR E UNIDADES ONDE PRESTA  
SERVIÇO .....

ASSINATURA



FÁBRICAS DE: CONFEÇÕES; CALÇADO; EQUIPAMENTO E METALO-MECÂNICA. OFICINAS DE ALFAIATARIA.  
SECÇÃO COMERCIAL: VENDAS A PRONTO PAGAMENTO E A PRESTAÇÕES DE ARTIGOS DE VESTUÁRIO E DE UTILIDADE DOMÉSTICA.



OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO E EQUIPAMENTO

ABASTECEDORA DAS FORÇAS ARMADAS

SEDE: LISBOA - Campo de Santa Clara  
SUCURSAL: PORTO - Rua da Boa Vista  
DELEGAÇÃO: ENTRONCAMENTO

# LIVROS

## CIVILIZAÇÕES PERDIDAS

Por ALAN LANDS BURG

Mistérios em que a realidade desafia a imaginação. Cidades mortas, ilhas afundadas, Continentes desaparecidos, reinos sepultados...

Obra de interesse, merecedora da atenção dos leitores.

Colecção *Portas do Desconhecido* (no. 14) — Título original: *In Search of Lost Civilizations* — Trad. de Maria Luísa Ferreira da Costa. Fotos de Reichline (Europa e Próx. Oriente), de Tony Halik (Peru) e Deborah Blum (Áf. do Sul). — Capa de Estúdios P.E.A.

MATERIAL DE LECTURA  
— ANTOLOGIA —

Por LUCIAN BLAGA

Neste livro encontra-se uma série de poesias, em apresentação, selecção e versão espanhola, trabalho conscientemente executado. O Autor, segundo o tradutor, é um dos maiores poetas europeus da primeira metade do nosso século.

Série *Poesia Moderna* (no. 6) — Tradutor: Dario Nováceanu. — Capa de Patricia Ivonne Refreger — Edição do Departamento de Humanidades, Direcção General de Difusion Cultural, Ciudad Unversitaria, México.

## OS NOSSOS FILHOS SERÃO MUTANTES

Por BOB STICKGOLD E MARK NOBLE

Os autores, licenciados, um em Bioquímica e o outro em Genética, puseram em acção, nesta obra, todos os seus conhecimentos sobre experiências de manipulação já realizadas. A obra é de ficção, mas baseada em experiências reais, e fornece dados concretos.

Este livro dá-nos a história de um casal de cientistas que espera um filho. Porém, devido a terem tomado um alucinogéneo antes da concepção da criança, viverão um grande pesadelo.

Colecção *Livros de Bolso* — Série de Ficção Científica (no. 3) — Título original: *Gloryhits* — Trad. de Lucília Filipe. Capa de Estúdios P.E.A.

Por R. FERREIRA

## A PONTE DE ANDAU

Por JAMES A. MICHENER

Depoimentos recolhidos pelo Autor sobre a ocupação da Hungria pela União Soviética, e a fuga de centenas de indivíduos desejosos de escapar à repressão que se seguiu à revolta do povo húngaro.

Nesta obra, é desvendado o que foi aquele agitado período em que alguns conseguiram alcançar a ponte de Andau — pequena ponte de madeira que ligava a Hungria à Áustria e que era o objectivo de muitos milhares de refugiados.

Também nesta obra, depoimentos sobre o esmagamento da revolta do povo húngaro e as brutais represálias que se seguiram.

Colecção *Século XX* (no. 165). Título original: *The Bridge at Andau*. Tradução de Luísa Feijó. Capa de Estúdios P.E.A.

## O CASO DOS GENERAIS

Por HANS HELLMUT KIRST

Extraordinário romance, cujo Autor alemão já muito conhecido, é garantia do interesse da obra. Trágica história de um Major-General e um Marechal-de-Campo, do Exército germânico, que, considerados por Hitler um obstáculo às suas ambições, foi decidido eliminá-los, objectivo conseguido através de calúnias.

Enfim, um dos mais altos momentos da carreira literária do Autor.

Colecção *Século XX* (no. 167). Título original: *Generals-Affaren*. Trad. de Maria Helena Rodrigues de Carvalho. Capa de Estúdios P.E.A.

## FARDA, FARDÃO CASINOLA DE DORMIR

Por JORGE AMADO

"Esta fábula conta como dois velhos literatos, académicos e Liberais, partiram em guerra contra o nazismo, a ditadura e a prepotência" — palavras da apresentação da obra pelo Autor.

A verdade é que este livro mostra-nos as qualidades de graça e beleza que são a característica de todas as obras de Jorge Amado.

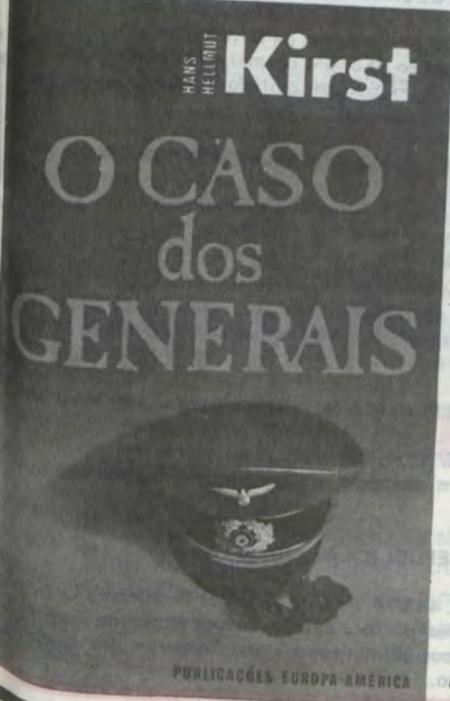
Colecção *Obras de Jorge Amado* (No. 20) — Capa de Estúdios P.E.A.

## A PARAPSIKOLOGIA

Pelo Prof. H. VAN PRAAG

Trabalho que oferece ao leitor facilidade e agrado e é, sem dúvida, uma perfeita obra sobre parapsicologia, ciência sobre fenómenos mais ou menos inexplicáveis. O Autor, nesta obra, esclarece mais os que já possuem alguns conhecimentos sobre o assunto; e desmistifica as charlatanices que muitos pretendem pôr nesta ciência.

Colecção *Portas do Desconhecido* (no. 13) — Título original: *Inleiding tot de Parapsychologie*. Trad. de Cascais Franco. Capa de Estúdios P.E.A.



# LEGISLAÇÃO

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 211  
- I Série - de 12 SET 79 (SUPLEMENTO)

- Decreto-Lei no. 375-A/79, do Conselho da Revolução:  
Determina a entidade que substitui o CEMGFA durante a sua ausência ou impedimento.

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 212 - I Série - de 13 SET 79

- Decreto-Lei no. 376/79, do Conselho da Revolução:  
Estabelece as condições em que é concedido transporte a efectuar por via férrea, fluvial ou marítima por militares dos três ramos das F.A..

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 213 - I Série - de 14 SET 79

- Decreto-Lei no. 381/79, do Conselho da Revolução:  
Determina que o tempo de frequência das Universidades que constituíam ou constituam as condições gerais de admissão à Academia Militar ou escolas suas antecessoras e Escola Naval, conta como tempo de serviço unicamente para o efeito de cálculo de pensões de reserva e reforma dos oficiais delas oriundos.

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 216 - I Série - de 18 SET 79

- Decreto-Lei no. 382/79, da Pres. do Conselho de Ministros e Ministério das Finanças e do Plano:  
Estabelece uma tabela autónoma de vencimentos para o pessoal das Casas Civil e Militar do Presidente da República e dos gabinetes.

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 218 - I Série - de 20 SET 79

- Decreto-Lei no. 388/79, do Conselho da Revolução:  
Estabelece as normas de provimento para os lugares de escriturário-dactilógrafo do quadro orgânico do pessoal civil dos SSFA.

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 219 - I Série - de 21 SET 79

- Decreto-Lei no. 393/79, do Conselho da Revolução:  
Adita ao artigo 5o. do D.L. no. 316-A/76, de 29 de Abril, os nos. 5 e 6.

- Decreto-Lei no. 394/79, do C.R.:  
Estabelece as normas de provimento para os lugares de 3o. oficial do quadro orgânico do pessoal civil dos SSFA.

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 220 - I Série - de 22 SET 79

- Portaria no. 513/79, do Conselho da Revolução:  
Dá nova redacção às alíneas a) e b) do no. 1 do artigo 3o. da Portaria no. 681/70, de 31 de Dezembro, (Regulamento do Fundo de Protecção e Acção Social dos Estabelecimentos Fabris do Exército).

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 221 - I Série - de 24 SET 79

- Decreto-Lei no. 406/79, do Conselho da Revolução:  
Determina que o disposto nos nos. 1 a 4 do D.L. no. 201-A/79 de 30 de Junho, não tenha aplicação nas Forças Armadas.

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 223 - I Série - de 26 SET 79

- Decreto-Lei no. 410/79, do Conselho da Revolução:  
Estabelece as condições de promoção dos oficiais dos serviços aos postos de General e Vice-Almirante.

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 239 - I Série - de 16 OUT 79

- Decreto-Lei no. 417/79, do Conselho da Revolução:  
Regulamenta o Centro de Informática dos Estabelecimentos Fabris do Exército (CIEFE).

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 240 - I Série - de 17 OUT 79

- Despacho Normativo no. 319/79, do Ministério das Finanças:  
Determina que o pessoal da Guarda Fiscal, na situação de supra-numerário, em serviço nos postos fiscais que funcionam junto das fábricas, seja pago de vencimentos e outros abonos, directamente pela G.F..

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 244 - I Série - de 22 OUT 79

- Portaria No. 555/79, do Conselho da Revolução:  
Dá nova redacção aos artigos 6o. e 19o. da Portaria no. 791/77, de 28 de Dezembro (pessoal civil do Exército).

- Portaria no. 556/79, do C.R.:  
- Dá nova redacção ao no. 3 da Portaria no. 13/79, de 9 de Janeiro.  
- Decreto-Lei no. 421/79, do Ministério das Finanças:  
Altera o quadro orgânico de Sargentos da Guarda Fiscal.

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 246 - I Série - de 24 OUT 79

- Decreto-Lei no. 424/79, do Ministério das Finanças:  
Altera a tabela de equivalências a que se refere o artigo 7o. do D.L. no. 386/76 de 22 de Maio, que cria na Guarda Fiscal um quadro paralelo para os agentes dos territórios descolonizados.

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 247 - I Série - de 25 OUT 79

- Decreto-Lei no. 430/79, do Ministério das Finanças:  
Dá nova redacção aos nos. 1 e 2 do artigo 1o. do D.L. no. 497/76, de 29 de Junho (empréstimos a contrair pelo Departamento do Exército à Caixa Geral de Depósitos).

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 249 - I Série - de 27 OUT 79

- Decreto-Lei no. 431/79, do Conselho da Revolução:  
Dá nova redacção ao artigo 8o. do D.L. no. 345/77, de 20 de Agosto (nomeação de militares para Macau).

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 251 - I Série - de 30 OUT 79

- Decreto-Lei no. 432/79, do Conselho da Revolução:  
Atribui o direito a diuturnidades e outros abonos aos guardas dos Serviços Prisionais Militares.

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 251

- I Série - de 30 OUT 79 (SUPLEMENTO)

- Portaria no. 571-A/79, da Pres. do Conselho de Ministros e Ministério das Finanças:  
Substitui, a partir de 1 OUT 79, a tabela de ajudas de custo a que se refere a Portaria no. 378/77, de 23 de Junho.

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 253 - I Série - de 2 NOV 79

- Decreto-Lei no. 434/79, do Conselho da Revolução:  
Dá nova redacção ao artigo 1o. do D.L. no. 18/78, de 19 de Janeiro (inscrição nos SSFA dos oficiais de complemento do Exército).

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 254 - I Série - de 3 NOV 79

- Portaria no. 579/79, do Conselho da Revolução:  
Adita um no. 4 ao artigo 16o. das normas de admissão, promoção e transferência do quadro do pessoal civil do EMGFA, aprovadas pela Portaria no. 411/79, de 9 de Agosto.

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 256 - I Série - de 6 NOV 79

- Portaria no. 581/79, do Conselho da Revolução:  
Aprova o regulamento para a concessão de empréstimos para habitação própria pelos SSFA, através da Caixa Económica das F.A..

- Decreto-Lei no. 437/79, do Ministério das Finanças:  
Dá nova redacção ao artigo 2o. do D.L. 468/75, de 28 de Agosto (carreira de graduados da G.F.), e ao artigo 3o. do D.L. no. 313/78, de 27 de Outubro.

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 257 - I Série - de 7 NOV 79

- Portaria no. 585/79, do Conselho da Revolução:  
Aprova e põe em execução o Regulamento Escolar do Instituto Superior Militar.

DIÁRIO DA REPÚBLICA No. 259 - I Série - de 9 NOV 79

- Decreto-Lei no. 443/79, do Ministério das Finanças:  
Equipara os cursos de formação e de promoção de Sargentos da Guarda Fiscal aos cursos ministrados aos Sargentos dos quadros permanentes do Exército.



Tambor de Milícias da Capitania da MADEIRA (1806).  
Tambor do Batalhão do PORTO SANTO 1806).



Soldado do Batalhão de Artilharia da MADEIRA (1806)).  
Soldado da Milícia da Capitania da MADEIRA (1806).



# UNIFORMES MILITARES DA MADEIRA

## AGUARELAS DO CAPITÃO RUI CARITA

uma coleção de aguarelas deste versátil artista, focando os temas dos Uniformes Militares utilizados no Arquipélago da Madeira no século XIX, tema a que Rui Carita dedica especial carinho com vista a perseverar um valor que importa à história da Uniformologia Militar Portuguesa.

“Jornal do Exército” tem a maior satisfação e honra-se de poder apresentar este excelente trabalho inédito do capitão Rui Carita, o homem cujas virtualidades estão decisivamente viradas para a carreira que abraçou e muito tem honrado.

